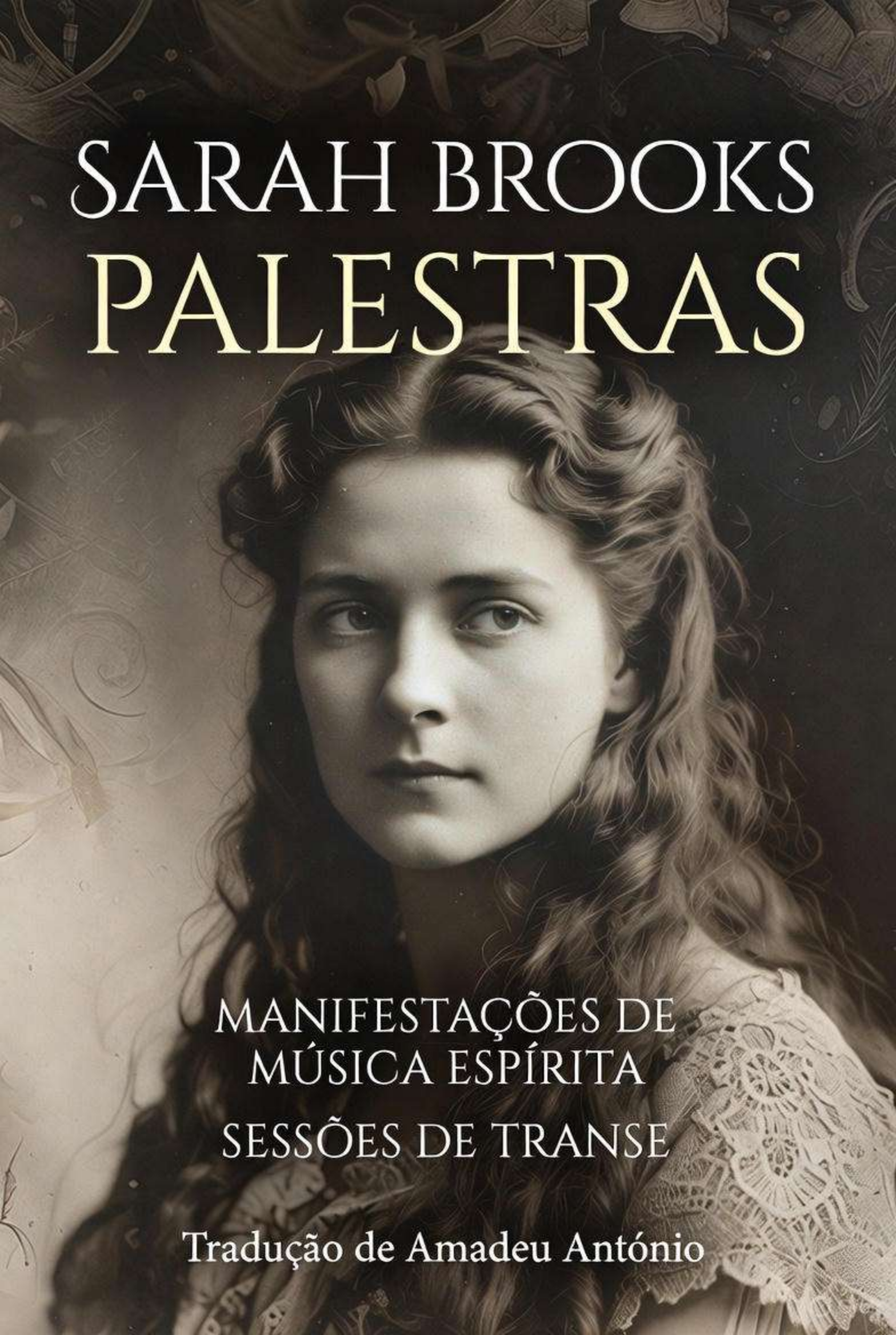

SARAH BROOKS

PALESTRAS

MANIFESTAÇÕES DE MÚSICA ESPÍRITA

SESSÕES DE TRANSE

Tradução de Amadeu António

PALESTRAS

A Nossa Médium para Conferências Espirituais

Como este número inicial do segundo volume do nosso jornal chegará às mãos de muitos que nunca viram os números do primeiro, nos quais demos breves informações sobre as qualificações escolares da Srta. Brooks, julgamos apropriado informá-los das suas oportunidades de instrução, para que possam avaliar se ela seria ou não capaz, por si própria, de produzir as conferências aqui apresentadas.

A Srta. Brooks desenvolveu-se como médium por volta dos dezasseis anos. Antes desse desenvolvimento, não frequentara a escola durante quatro ou cinco anos. Nunca frequentou outro tipo de estabelecimento além das escolas comuns desta cidade; e os seus estudos limitaram-se às disciplinas básicas da educação prática. Nunca procurou dominar qualquer das ciências nem se dedicou aos meros adornos da instrução feminina. Fomos informados de que a biblioteca da família nunca incluiu obras científicas de qualquer género. Desde os onze ou doze anos, frequentou a escola apenas alguns dias, tendo ficado totalmente privada dos meios de adquirir conhecimento livresco, salvo o pouco que pudesse reter na memória através de leituras ligeiras.

Apesar desta deficiência em educação literária, a Srta. Brooks não é desprovida de capacidade natural. Possui uma boa organização frenológica e uma mente capaz, por meio da qual, se a sua vida terrena não for abreviada pela afeção pulmonar de que há muito padece, certamente acumulará um valioso cabedal de conhecimentos, graças aos seus numerosos mestres desencarnados.

Agora, leitor, depois de leres as numerosas e profundamente filosóficas conferências que aqui te apresentamos, e refletires que são recebidas por esta jovem senhora, sentada sozinha no seu quarto, quase sempre à noite, e por meio das pancadas e do alfabeto, julga tu mesmo se são ou não emanadas da sua própria mente. Pergunta-te se existe no Estado de Nova Iorque algum espírito feminino capaz de as produzir. Pergunta-te se há sequer algum homem capaz de lhes igualar a variedade. Considera que cada palavra — cada letra — é recebida através das tão ridicularizadas *pancadas espirituais*; e pergunta-te então: de onde vieram?

Verás que estas conferências se distinguem pela mais elevada qualidade literária, o mais profundo conhecimento científico e o pensamento e sentimento mais refinados e elevados. Essas características — terás de reconhecê-lo — são atributos das mentes mais sublimes. Se, portanto, não são de origem espiritual, diz então o que são.

Manifestações espirituais

No que estamos prestes a relatar — como, aliás, em todos os relatos que doravante dermos — entendemos usar a primeira pessoa do singular quando falamos de nós próprios; o plural ficando reservado quando nos referimos a todos os presentes. O poder do papismo tem-se espalhado e fortalecido neste país, pela ação invisível da sua máquina secreta, desde a adoção da atual forma de governo.

As suas raízes mergulham cada vez mais fundo; os seus ramos estendem-se cada vez mais longe; a sua influência perniciosa sente-se de modo crescente. Insinuou-se em todos os cargos políticos, com exceção da presidência, à qual não cessa de mirar. Detém agora um dos departamentos… (Entretanto, as embarcações de pesca do bacalhau de Provincetown regressaram todas dos Grandes Bancos, a maioria com boas capturas. Em Montreal, na última quarta-feira, houve boa neve para trenós. No mesmo dia, em Saratoga, Nova Iorque, caíram quinze centímetros de neve.)

Na noite de quinta-feira, dia 24 do corrente, assisti a um círculo em casa de Lester Brooks. Estavam presentes o Sr. Brooks; a sua filha Sarah — médium; Jeremiah Carter, médium; William Lowell; Henry H. Trevanion; e eu — sete ao todo. Sentámo-nos à volta de uma mesa e os espíritos começaram logo a bater, por cujo meio se recebeu uma comunicação interessante, à qual vinha aposto o nome de John Wesley. Antes disso, porém, e logo que as pancadas começaram, propus a questão que publiquei no último número deste jornal, perguntando aos espíritos se a maravilhosa narrativa de manifestações espirituais na Califórnia, que imprimi na primeira página deste periódico, não seria uma ficção engenhosa, urdida com o propósito de lançar o descrédito sobre a filosofia espiritual.

Observei que tal tinha sido a minha impressão e apelei a que a sancionassem, certo de que assim fariam. A resposta foi uma pancada única e enfática — bem conhecida como o advérbio espiritual de negação. Aconteceu que, nesse momento, olhando através da mesa para onde se sentava o Sr. Carter, percebi que ele tinha entrado no estado interior. O espírito que o controlava — o de um médico bem conhecido, o Dr. Hedges, falecido no condado de Chautauqua — falou de imediato através dele, confirmando a negativa dos espíritos que batiam:

“Não, irmão, não é ficção — é literalmente verdade; e ainda que te surpreenda, foi feito em estrita conformidade com as leis da natureza, como tudo quanto se faz na Terra e no Céu. Não há milagres operados por espíritos, nem sequer por Deus!” Prosseguiu então explicando, em princípios filosóficos, como o braço foi manejado por um espírito elevado e de que modo, pela mesma lei, o corpo inteiro foi aparentemente reanimado e levado a desempenhar funções muito semelhantes às do corpo vivo, sob o governo do seu próprio espírito.

Quando terminou esta exposição muito interessante — com os espíritos, o tempo todo, a bater afirmativos às suas afirmações — propôs dar-nos a

filosofia das pancadas espirituais, e fê-lo de modo perfeitamente satisfatório para todos os presentes. E lamentamos sinceramente não haver ali quem pudesse registar em taquigrafia o que ele ia proferindo. À medida que avançava na explicação, demonstrava com experiências. Disse que conseguiria equalizar a corrente de eletricidade que circulava em torno da mesa de modo a tornar impossível aos espíritos baterem. Nesse momento as pancadas eram muito fortes e ele afirmou: “Vou colocar o dedo deste médium num ponto desta mesa que produzirá o efeito de equalização.”

Moveu então um livro que estava em cima da mesa e pousou o dedo indicador do médium, perpendicularmente, no lugar que o livro ocupara. Imediatamente cessaram as pancadas. Levantou o dedo e as pancadas recomeçaram tão vivas como dantes. Voltou a pousá-lo e tudo ficou silencioso como a morte. Feito isto, levantou-se e disse ao espírito que batia: “Agora, irmão, vou sentar-me ao lado da outra bateria — a Srta. Brooks — e deixa-te falar.” Foi então que se deu a comunicação de que falei acima.

No fim dessa comunicação, o espírito que batia pediu que a luz fosse retirada da sala, o que se fez, deixando-se, contudo, um vão sob a porta por onde entrava claridade; com essa luz, e com a que vinha de fora através das cortinas da janela, conseguíamos ver-nos uns aos outros. Estávamos todos sentados à volta da mesa, sobre a qual repousavam o papel com a comunicação recém-recebida, um hinário, um pequeno dicionário que a Srta. B. estivera a usar, uma quantidade de papel branco, um lápis e alguns jornais.

A primeira operação física realizada pelos espíritos foi retirar a tolha da mesa. Tendo as minhas mãos sobre a mesa, senti a tolha a escorregar por baixo delas. Logo a seguir caiu ao chão, com tudo o que em cima dela estava. Afastámo-nos então um pouco, nenhum de nós tocando na mesa; imediatamente ela começou a mover-se sem contacto humano. Empurrou o Sr. Carter para o canto mais distante da sala, onde se virou de lado, encerrando-o num cercado que formou no ângulo. A tolha foi depois arremessada contra um dos presentes, atingindo-lhe a cabeça e pousando-lhe nos ombros.

Dali foi tirada e lançada a outro, do mesmo modo; e assim continuou a voar durante muitos minutos. Nesse tempo ouvimos rasgar papéis e um estalo, como se o lápis se tivesse partido em dois. A mesa foi movida em todas as direções, ora pousada de tampo para baixo, ora de lado. Pediu-se repetidas vezes que cantássemos, e acompanhou-se o canto com a tampa que cobre o orifício no topo do fogão. Não só se marcava o compasso, como se faziam ouvir todas as notas da música com uma nitidez tal quanto a que o mais hábil artista conseguiria com instrumento tão tosco.

O Sr. Trevanion, que era novo no círculo, tendo ouvido dizer que os espíritos, numa ocasião anterior, tinham deitado um jarro e um copo de água sobre algumas senhoras, observou que desejaria que repetissem a operação; disse que, se quisessem, podiam atirar a água a ele. Depois de mais algum rasgar de papel e de mover a mesa, as pancadas mandaram-nos levantar. Ao obedecermos, vimos um objeto branco a aproximar-se a toda a velocidade do

Sr. T., roçar-lhe o ombro e cair-lhe aos pés; era o guardanapo que estava sobre a mesa. Seguiu-se novo pedido de canto e, mal o Sr. T. abriu a boca para cantar, o conteúdo do copo foi-lhe atirado direitinho para dentro, sufocando-o de tal modo que lhe faltou o fôlego por um ou dois segundos, e encharcando-lhe por completo a gola, a gravata e o peito.

Esquecia-me de mencionar que, enquanto a tolha passava de cabeça em cabeça, observei que me tinham favorecido até então, pois ainda não haviam lançado nenhum projétil contra mim. No momento em que terminei a frase, um fragmento do hinário — que fora rasgado em pedaços — acertou-me com força na cara. Caiu ao chão; apanhei-o e guardei-o no bolso.

Foi nesta fase que as pancadas nos ordenaram trazer a luz para vermos o que se fizera e, depois, apagá-la de novo. Trouxemo-la e deparámos com a mesa no meio da sala, de pernas para o ar, com o bojo cheio de fragmentos dos livros e papéis que tinham sido rasgados, e o chão literalmente semeado deles. Mandaram-nos deixar tudo como estava e a luz foi retirada. Começou então outra série de operações. Havia um pequeno relógio sobre a prateleira da chaminé, que fora deixado parar porque não dava boas horas; não era enrolado havia muitas semanas.

O custo original fora de doze xelins. Os executantes pegaram agora neste relógio, arrancaram a porta e lançaram as peças pela casa, ora batendo com elas na parede, ora no teto; tiraram os ponteiros e o mostrador e atiraram-nos do mesmo modo; jogaram à bola com o pêndulo e a haste e, por fim, colocaram o resto do relógio — dentro da caixa — no chão e puseram-no a trabalhar com grande rapidez, o que manteve por uma hora ou mais. Enquanto o movimento do relógio assim corria, pediram canto e tocaram um acompanhamento acelerando e desacelerando o relógio de forma a expressar cada nota. Este fazer correr o relógio e o sacudir da tampa do fogão durou até ao fim da sessão.

Não referi que, quando a água foi arremessada, o jarro caiu sobre o fogão e depois no chão, produzindo um som que indicava ter-se partido em muitos pedaços. Encontrámo-lo, porém, tão inteiro como sempre fora. Pelas onze e meia, despediram-se de nós e trouxemos a luz. À inspeção cuidada, constatámos que tinham escrito em várias folhas de papel que sabíamos estarem em branco quando foram trazidas do maço.

O nome de John Wesley estava aposto à comunicação que fora recebida e que jazia no chão, entre os outros papéis. Sob essa assinatura, o seu nome foi reescrito pelos Espíritos, juntamente com o de George Washington. Noutra página da mesma folha estava escrito: *"Desejamos que vos reunais amanhã à noite; corações felizes, felizes."* Noutra folha lia-se: *"Pedi e ser-vos-á dado. Nós demos."* — assinado *"Os Espíritos."* Noutra ainda estava escrito: *"Amigos, desejamos-vos alegria."* Os nomes dos dois médiuns, *"Sarah, Jerry,"* apareciam também numa dessas folhas. Olhando em redor da sala, o Sr. Brooks encontrou uma pequena carteira. Pegou nela e perguntou a quem pertencia. Todos apalparam os bolsos, quando o Sr. Trevanion exclamou: *"A minha*

desapareceu!" Tinha sido retirada do bolso das suas calças sem que ele se apercebesse.

Com isto terminou a sessão dessa noite.

Na noite seguinte, reunimo-nos de novo na mesma sala, com a adição da Sra. C. O. Pool, dona da casa. Com exceção do rasgar de livros e relógios, quase as mesmas manifestações se repetiram. O mecanismo do relógio foi novamente posto em movimento e tocou música muito agradável em concerto; numa ocasião chegou a tocar *Yankee Doodle* sozinho. Havia numerosos jornais sobre a mesa, muitos dos quais foram rasgados e espalhados pela sala. Entre eles estavam *The Age of Progress* e o *Spiritual Telegraph*, que permaneceram intactos.

Nós, abaixo assinados, afirmamos que o relato acima é verdadeiro em todos os seus pormenores e declaramos estar prontos para prestar juramento, se necessário, de que nenhum de nós executou ou ajudou a executar qualquer das ações descritas, e que sabemos que nenhuma pessoa viva esteve na sala durante as manifestações, estando as portas fechadas durante todo o tempo.

Jeremiah Carter
Lester Brooks
Sarah F. Brooks
William E. Lowell
Henry R. Trevanion
Stephen Albro

Conferência n.º 19 — Por Edgar C. Dayton

Transmitida pela Srta. Sarah Brooks, médium

E qual deverá ser a minha oferenda ao alegre mensageiro da verdade universal? Terá a minha alma nenhuma palavra de alento e encorajamento para os espíritos de alta moral e intelecto que se empenham em difundir as boas novas da imortalidade e em proclamar à humanidade inteira que o homem vive de novo? Enquanto a fonte do meu ser continuar a jorrar em perpétua compreensão, oferecerei uma breve mensagem àqueles que anseiam pelas inspirações e aspirações incomensuráveis dos anjos.

A mente humana cansou-se e perdeu-se, vagueando pelos obscuros labirintos do passado incerto; e o mistério encobriu por demasiado tempo as suas perceções, até que estas se extraviaram nas selvas incultas da incredulidade. O homem deve agora, fatigado, refazer o caminho até ao presente, para buscar a verdadeira explicação dos prodígios e fenómenos que lhe são inexplicáveis. E como poderá ele sondar as profundezas da criação divina? Com o auxílio de mentes que imprimem, de forma suprema, na alma em desabrochar, a perfeição inefável e o governo inflexível dos destinos finais de todas as coisas que possuem vida.

Se o homem tem sede física, que vá às fontes medicinais da natureza material e receba as gotas vitais que brotam do flanco da montanha do conhecimento infinito; e o seu corpo voltará a receber a substância vital que a doença lhe havia retirado. Se a sede é interior e espiritual, que busque a fonte inesgotável e grandiosa da bondade divina; e as águas da divindade cairão, gota a gota, sobre a natureza sequiosa da sua alma, até que os mil mananciais do seu ser comecem a jorrar e a lançar o seu prateado orvalho para humedecer os corações endurecidos que enchem e rodeiam o mundo exterior.

As agulhas corroídas do íman central do seu ser começarão a brilhar, e o universo interior passará a girar em torno do grande centro, até se tornar um ponto luminoso nos vastos reinos da infinitude. Os sentimentos e emoções da alma serão como raios refletidos de luz, divergindo e convergindo segundo o grau de conhecimento que ele absorva do profundo mundo presente. Cada faculdade do seu ser será como um astro da imensidão, variando em tamanho, mas cintilando e irradiando uma luz brilhante quando a lua do ser físico mergulhar na noite da mudança — e essas luzes iluminarão as trevas do coração e continuarão a mover-se em torno do centro divino, unindo-se para sempre com as esferas superiores dos princípios eterizados.

O todo grandioso da natureza continua a enviar as suas mil forças a cada um dos seus domínios, e as artérias do ser estão cheias dos elementos vitais e celestes, cujos poderosos fluxos descem do vórtice da criação infinita para dar nova vida às existências animadas.

A gravitação espiritual está a reunir os átomos e a aproximar a ciência da inteligência e a religião da filosofia, até que a mente humana deixe de recorrer às páginas venerandas da história antiga, cujas expressões de pensamento o tempo já cobriu de bolor; passará a sondar, cada vez mais fundo, o mundo da causa e do efeito, onde as impressões refletidas da alma humana são irresistivelmente atraídas pela suprema força de atração.

Cada individualidade é apenas um reflexo da constituição divina; mas, assim como os átomos formam a imensidão, também cada reflexo constitui uma parte do vasto volume da inteligência. O homem é apenas um ponto sobre o oceano do mundo ilimitado; mas, tal como as gotas formam as águas imensas, assim ele ajuda a constituir o mundo do ser.

Quando o fio da vida exterior se rompe, o espírito pode elevar-se, muito para além, até aos esplêndidos domínios da infinitude luminosa — o mundo espiritual — onde habitam as almas que há muito o precederam. Os sentidos pertencem ao mundo objetivo: são os meios pelos quais a alma inspirada comunica com a natureza.

Estende a tua visão espiritual e abarca o campo da sabedoria diante de ti, onde florescem as vivas flores da existência exterior. Não olhes para o caos dos acontecimentos passados, mas estuda profundamente as causas dos efeitos que vês fisicamente, e a luz e o conhecimento irradiarão do ponto central da

tua própria natureza individualizada. Aprenderás então que a tua alma é um mundo em si mesma, composta de várias esferas de refinamento.

Deus manifesta-se até nas formas mais exteriores e aparentemente insignificantes da matéria; e, assim, nas suas demonstrações externas, Ele torna-se natureza. Substancializa todas as coisas para a realização universal de todas as formas e substâncias.

O espírito habita em conexão com a matéria. Os elementos inerentes à matéria desenvolvem a forma exterior dos objetos, segundo leis internas de movimento e formação; e, sendo esta uma realidade aparente, o espírito deve atuar sobre a matéria de modo anatómico, magnético e espiritual. A ciência reduz esses movimentos metódicos, mas variados, que se manifestam na vida animada e visível, a um sistema de ação; e a filosofia revela a causa dos efeitos visíveis demonstrados nesses sistemas. Tudo existe para algum propósito — para um fim ou resultado definidos — e a sua utilidade varia em magnitude conforme o espírito inerente em cada objeto.

Rodeado por um número inconcebível de formas e constituições na natureza, cada uma ocupando uma posição específica e em desenvolvimento, o homem concebe a existência de um poder, de uma causa para além do alcance da sua mais elevada compreensão. Contudo, muitos há que ensinam as mentes inferiores acerca de Deus — e por que motivo supõem eles que há um Deus? Será porque os sistemas religiosos praticados pelos homens do Oriente antigo estão encerrados nas folhas de um livro? Ou porque a própria natureza, nas suas vozes, proclama um grande Originador?

Será porque os materiais inesgotáveis e ricos da natureza rolam em ondas sem limites de e para a Fonte central, misturando-se e fundindo-se com as forças positivas e negativas e com a vontade de um Deus incompreensível? Mas, assim como o objeto provém do germe, que o homem interrogue a si próprio, e poderá alcançar uma ideia adequada da natureza e constituição do mundo invisível e da Atração central.

E, assim como recolhi os meus pensamentos das impressões recebidas de coisas espirituais, também vo-los transmito como factos presentes — ainda que possam não o ser para mim no dia vindouro.

Saúdo a vinda do *Pássaro do Paraíso* à Terra, pois sob as suas asas recolhidas traz as verdades do mundo dos espíritos à natureza sedenta. Tal como um novo ano te conta entre as coisas vivas da Terra, saudamos a tua chegada agora.

Como a beleza estrelada da era presente, cujos diamantes cintilantes de paz e caridade espalham eternos reflexos sobre os factos concentrados da existência e fazem descer, do mundo invisível, as gotas da sabedoria celestial que caem do alto como o orvalho das nuvens — saudamos a tua segunda vinda!

Edgar C. Dayton

Conferência pelo espírito de Francis A. Egerton,

Pela análise filosófica da causa e origem dos vícios e depravações aparentemente inerentes à natureza humana, concluímos que eles emanaram, em primeiro lugar, de instituições religiosas teóricas e dos sistemas sociais de todas as eras. Mas, pelas evoluções naturais da humanidade progressiva, as manifestações mais diabólicas de pessoas e caracteres serão apagadas da insensível página da história, e a luz desdobrada, a beleza e a felicidade do céu hão de permanecer, como caracteres vivos, no seio da natureza animada.

Existem, no universo, certos princípios latentes que, quando dotados de vitalidade intelectual e sensível e plenamente compreendidos como pulsações da Divindade, começam processos de reforma interior no centro individualizado da alma, pelos quais o homem passa a obedecer às leis estabelecidas da sua natureza moral e exterior. As correntes de vida divina do universo deslizam no brilho ascendente da perfeição progressiva; e o espírito resgatado estende os seus poderes imortais para alcançar as verdades consoladoras de uma vida infinita, reveladas nas incontáveis formas e manifestações da criação de Deus.

A mente, ou inteligência sob qualquer forma, possui um elemento dual — forças positiva e negativa. A força positiva é suscetível de receber pensamentos e ideias, vindos em formas separadas e definidas, de fontes interiores. A força negativa recebe impressões e ideias a partir das formas e objetos do mundo objetivo, através do telescópio dos sentidos exteriores. O princípio dual interior é sensível às influências superiores da natureza universal, e o elemento dual exterior é uma lente pela qual as impressões e a grandeza do poder espiritual se refletem e ficam indelevelmente marcadas na superfície externa do ser.

O mundo positivo do ser repele os elementos mais sensuais da vida, enquanto o mundo negativo do ser atrai, para o seu centro de individualização, os constituintes mais grosseiros que formam os compostos do ser e da existência. Estes princípios encerram ações químicas, combinações geométricas, elementos minerais e economias vitais, difundidos pelo mundo atmosférico e pelo universo do calor e da luz, permeando a inteligência da natureza e do espírito.

Há funções estabelecidas na forma dual externa do homem que atraem e repelem estes diversos movimentos, elementos, compostos e ações de substâncias naturais, segundo o grau de refinamento de cada uma. Existe, na exterioridade do ser humano, um centro químico e de movimento que atrai, do universo das forças químicas, os elementos sustentadores necessários que auxiliam a circulação dos fluidos do corpo e individualizam um composto do ser em relação a outro. Esses elementos ajudam a trazer cada função ao seu foco próprio e concentram cada elemento de vida vital na dualidade exterior, em harmonia com as leis da natureza fisiológica.

Há um centro de calorificação animal na forma exterior — na dualidade — que intensifica e ramifica as vias do ser e auxilia na regulação das forças arteriais

das formações anatómicas da vida humana. Existem membranas fibrosas por toda a dualidade do ser que funcionam como válvulas de escape dos elementos, forças e movimentos anormalmente aumentados que por vezes enchem e acionam os seres físicos. E, através dos reinos invisíveis e silenciosos da vida exterior, estes factos demonstram-se nas manifestações verbais e mudas das construções funcionais e naturais.

A ação vibratória de cada dualidade depende das forças da natureza, visíveis e invisíveis, que fluem, em correntes magnéticas, dos universos da vida vital e dos compostos para os mil tecidos e fibras da sua constituição. As ramificações do ser exterior estão repletas dos elementos da sua existência, que surgem espontaneamente das profundezas do centro invisível do universo natural.

O mundo do ser natural e inteligente, que, nos seus movimentos gravitacionais, gira em torno de um centro individualizado e, depois, em movimentos concêntricos, executa revoluções metódicas em torno de um todo estupendo — o grande centro — possui as suas dualidades do ser. Recebem, positiva e negativamente, elementos e constituintes a partir dos compostos da existência planetária. Assim, a força negativa tem melhor adaptação ao mundo objetivo e a força positiva ao universo espiritual. Porquê?

Porque a natureza é negativa em relação a Deus. Deus é o positivo — a alma do ser — e a natureza é o negativo — o corpo do ser. Daí que o coração do universo, ou a dualidade interior do homem, seja espírito, ou Deus, e a dualidade exterior seja homem, ou matéria. A elevação voluntária da alma origina-se da sua revivescência, e a ação involuntária da mente procede das intuições involuntárias recebidas da dualidade positiva da natureza — do mundo do espírito — ou de moção inerente. Já as ações voluntárias do ser natural do homem têm origem na matéria, sendo, porém, controladas e ordenadas, na sua integridade, pelo espírito. Estes princípios duais têm a polaridade invertida, possibilitando a união harmoniosa das duas forças e o cumprimento de cada dever individual em perfeita ordem, com a plenitude e riqueza da vida natural e espiritual.

A dualidade positiva, ou ser interior, é criada segundo princípios anatómicos supremos. Possui milhares de centros individuais de ser espiritual, aptos para receber ou rejeitar a verdade e para atrair ou repelir os constituintes e essências dos compostos espirituais — da vida. A mente possui as suas vias de ser espiritual e tem incontáveis veias ou artérias que se estendem por toda a sua forma, conferindo, a cada capacidade do ser interior, a vitalidade e a inteligência que está apta a receber e aceitar, em conformidade com a harmonia divina. O cérebro é uma bateria metálica através da qual passam os elementos sensoriais e inteligentes do ser para entrarem nos desdobramentos mais profundos da existência. A dualidade negativa é apenas uma cobertura vitalizada da positiva.

A alma germina, da dualidade positiva, para a natureza — que significa Deus — e atravessa cada espiral das esferas celestiais de desenvolvimento, recebendo, na sua descida, uma identificação espiritual que, por fim, através

dos processos da natureza, entra numa dualidade física — a natureza. Os polos magnéticos das afinidades do espírito situam-se nas profundezas do ser interior e ligam-se à dualidade positiva — a alma — do grande todo estupendo, os universos da imensa criação. Existem, na alma individualizada, pequenos agentes que eliminam da mente toda a nutrição sensual grosseira e suprimem essas deficiências externas com ideias e pensamentos verdadeiros, adequados ao seu entendimento, recebidos do mundo correspondente da espiritualidade.

O corpo e a mente têm limites de resistência recetiva; mas, quando a debilidade mental tolhe as molas da vida, esses agentes tornam-se latentes, e o universo da vida espiritual deixa de gravitar tão harmoniosamente em torno do centro da individualidade espiritual. Contudo, quando a unidade harmónica da forma dual física e espiritual se eleva para os domínios ilimitados de paz e alegria, infunde na mente o frémito do céu e incita o espírito a alcançar a vitória esperada da sabedoria e da verdade. A idiossincrasia da individualidade instintiva não prova que os pensamentos mais elevados estejam ao alcance imediato da alma; mas o germe do ser, pela mudança, desdobra-se numa existência de arcanjo, onde almas imortalizadas brilham na glória e no fulgor das suas emanações esféricas.

As virtudes do céu estão colocadas no altar da forma dual interior, onde o eu imortal é o ministro vivo, cuja voz sobe, em louvor aspirante, ao Deus imutável, onde justiça e harmonia se unem como o arco-íris que cinge o céu eterno. As solidões de lugares intactos e inexplorados estendem-se ao longe, no universo da promessa individual, e a obra esculpida do génio encontra o seu prémio no domínio da mente poderosa, que entoa os princípios da espiritualidade, como as ondas de luz que rolam sobre o vasto e complexo universo da natureza.

O desenvolvimento das faculdades não significa igualdade de dotação eterna; significa, isso sim, uma elevação a altitudes iguais pela força das simpatias e afeições positivas. A ciência, também ela, é um princípio divino e começa a difundir os seus raios de luz sobre as relações e o âmago do ser humano. Converge os seus raios refletidos de luz e trá-los a foco nas faculdades racionais do homem; e todo o verdadeiro pensamento se torna impressão viva, refletida na tela da existência pela força vibrante e mão mágica do Grande Eterno.

Revela as leis que regem as funções e economias da existência organizada; arrancou do esconderijo da natureza estupenda as causas das suas poderosas operações inerentes; quebrou os grilhões da escravidão mental e abriu a alma da sua masmorra de sofrimento material, para que se torne plenamente consciente da íntima relação dos movimentos mentais com os vitais que imbuem o espírito e a organização do homem. A alma nunca fechou as suas vias de aspiração científica; estendeu sempre as suas asas para alcançar e suster, no próprio alcance, o facto mesmo da sua existência. Porém, a ciência, associada a Deus e às suas obras, tem sido tão muda ao apelo do espírito quanto o ídolo esculpido ante a mente pagã. Mas as potências espirituais do

intelecto encontraram, enfim, a biblioteca estupenda do mundo eterno, a das relações do homem com ele e da sua vida futura vindoura.

A mente exauriu-se em profunda cogitação, em elevadas esperanças aspiracionais e na solução dos problemas da natureza; e tudo isto moveu a alma, por inspiração profunda, a alcançar a sua própria divindade. A ciência anatomiza os elementos dos princípios duais da inteligência criadora. A verdadeira alma pesquisa a fundo e explora interiormente os campos do pensamento; deposita o seu conhecimento imortal adquirido sobre o universo; e o seu estúdio é o seio aberto da natureza, que, em todos os seus modos de manifestação, está pronta a ajudar os artistas da verdade e da beleza a pintar os seus pensamentos na tela da criação e a esculpir cada impressão na fronte dilatada da existência universal.

Assim, vós que procurais os contentamentos da vida, ainda que os vendavais que varrem a vastidão da ternura e da dor prostrem e rasguem a forma exterior, sustentai-vos sob todos os pesados combates, e a inação converter-se-á em movimento eterno, e cantareis o cântico triunfal sobre o túmulo da existência por desenvolver. Os arcanjos entrelaçam cada tenra vide do vosso ser com os ramos de mirto da eternidade, para que, quando os cuidados e desenganos da vida tiverem exaurido os elementos de vida do ser negativo, possais, na manhã da vossa imortalidade, derramar a melodia mais íntima da alma nas irrupções espontâneas dos sentimentos e emoções da vossa natureza mais santa e terna.

Sempre vosso,

Frank A. Egerton.

Conferência n.º 17 — Por Stephen R. Smith

As vias de comunhão espontânea com a natureza e com o mundo oculto dos elementos imponderáveis ainda não se fecharam, pois o génio e o talento continuam a iluminar as misteriosas cavernas da alma e a desdobrar os pensamentos mais sábios no íntimo santuário do ser. Tudo segue o seu curso e progride rumo às esferas mais elevadas de refinamento.

O homem, como a agulha do íman, treme e oscila quando as propriedades inerentes do seu espírito eterno respondem, inconscientemente, à vontade e ao poder do grande íman que rege os universos da criação. O oceano revolto, na sua fúria, ao arremessar-se e espumar contra as rochas das suas margens, liberta os seus elementos mais puros — e nada se perde nesse poderoso conflito. Assim também a alma, nas suas premonições e vivências de alegria e tristeza, envia milhares de inspirações — e nada se perde.

A alma humana é uma lente através da qual a imortalidade, a eternidade e as santas melodias do mundo invisível se refletem; e a mudança não oculta da sua perceção e penetração as formas e os objetos individualizados da duração eterna, animados de movimento e espírito.

A grande transformação das faculdades da mente humana — desde os recantos místicos dos factos não realizados até ao glorioso mundo da verdade imutável — torna invisíveis, aos sentidos exteriores, os seus atributos inerentes; mas esses atributos unem-se, em perfeita unidade, aos sentimentos e emoções de outros corações, elevando-se acima do campo exterior das realidades contempladas, e tornam-se submissos ao domínio do espírito e da eternidade.

A nascente interior que brota sob as maquinações das mentes calculistas e murmura incessantemente o seu cântico até aos mares ilimitados da imensidão não perde nada do seu eterno e vital desenvolvimento. Num universo revestido de beleza, sustentado pela ordem e impregnado das fontes imutáveis da ação, o homem, esteja rodeado de alegria ou tristeza, deve assentar as suas ideias na ciência demonstrativa da natureza — e assim erguer-se-á acima das maquinações dos companheiros enganados.

Profunda e ativa é a fonte, vasta e eterna é a origem de onde provém a verdadeira sabedoria. A superfície da criação resplandece com as joias da sabedoria e do poder divinos.

Deixai que as vossas mentes se estendam de mundo em mundo; e, quando os vossos pensamentos concentrados parecerem ter chegado ao centro definido de todas as coisas, logo novas vias do vosso ser se abrirão, e uma nova torrente de emoções inspiradas brotará de novo, conduzindo-vos a outro campo supremo de conhecimento e sabedoria. Assim, nunca tereis repouso, pois é através da mudança e da ação que as vossas faculdades se renovam e revivem.

Mas se as impressões divinas e vivificantes da natureza não iluminarem a alma com uma alegria e sabedoria grandiosas e imperecíveis, então todas as generosas emoções de benevolência e afeto serão corroídas pela escuridão do erro e pelos intelectos desviados. A voz da natureza inerente deixará de entoar os seus hinos dos altos céus; o cálido impulso da bondade ficará oculto nas câmaras silenciosas da alma; a fonte da esperança fechar-se-á, e a mente penetrará nos domínios do desespero.

Acaso a ciência e a verdade rejeitarão os seus homens de honra e bondade porque a ignorância tem os seus devotos? E deverá a caridade praticar a crueldade porque esta não reivindica a divindade da simpatia? Não! Continuaremos a apontar para a colossal torre da esperança, que abarca os mundos da eternidade, envolve as nuvens escuras da mudança e revela as profundezas do túmulo, acalmando cada dor e aproximando a alma das obras infinitas do Pai eterno.

O homem desconfiado poderá ecoar incredulidade e loucura, mas a inteligência do mundo espiritual espalhar-se-á, apesar dos obstáculos da lei física ou das ameaças dos homens. Os espíritos dos homens deslizam pelas portas abertas do templo físico e, livres das barreiras materiais, cedem à passividade angélica e às mais altas atrações do universo imutável.

O homem é atraído para a terra dos espíritos, como o íman atrai a agulha — por um princípio de gravitação espiritual que rege o seu ser — e descobre que o seu verdadeiro lugar se encontra nos reinos tranquilos de um mundo maior e mais elevado. A sua organização indestrutível, composta de elementos aperfeiçoados que se unem em harmonia, faz dele um ser imortal; e o seu espírito passa para as magníficas esferas que repousam no seio das profundezas da imensidão.

De que importância infinita é esta verdade: que o homem imortal e eterno pode aproximar-se do peregrino cansado da Terra e deixar cair no seu coração um pensamento que reanime a sua alma desfalecida. Os princípios universais da liberdade e os elementos purificadores da harmonia, que se movem em ordem e sublimidade através das esferas do cultivo individual, são demonstrações perpétuas da revelação de factos ainda mais grandiosos por vir.

As poderosas energias e os admiráveis atributos da divindade começam a ser revelados no homem; e nunca mais os bramidos do trovão farão tremer o seu coração, nem ele se sacrificará ao fluxo ardente do vulcão longamente adormecido; mas acolherá os princípios da eternidade que se espalham pelos territórios ilimitados da natureza.

A voz da verdade proclama a sua doçura ao exalar a sua fragrância nativa. E a muitos peregrinos que cruzaram o oceano do erro e que agora se detêm nas margens da sabedoria, esforçando-se por sondar as profundezas do futuro eterno, digo-vos: sede guiados pela divindade que fala nos aposentos do vosso próprio ser, de onde fluem as incessantes águas da misericórdia para as fontes vivas da existência física; e, dos mares sem margens da eternidade, fluirão para dentro das vossas almas as verdades profundas e as sabedorias de Deus.

Sinceramente vosso,
Stephen R. Smith

Conferência de William E. Channing

Quão vastas e assombrosas são as obras do Criador divino. Dos átomos que flutuam na atmosfera das criações ainda informe à mais alta e santíssima existência infinita, estende-se a mesma cadeia contínua e perpétua de progresso eterno, do mais rudimentar ao mais sublime. E o homem, que é ele? Um império em si mesmo, por dentro, e, todavia, apenas um átomo nos imensos mundos e estruturas que compõem a infinitude. Deus é como um rio poderoso, e o homem fornece-lhe incontáveis afluentes.

Os seus limites estreitos dilatam-se e avolumam-se numa grande forma de criação, pelo afluxo das águas que vêm do oceano central do ser. O homem é só um ponto quando visto sobre o seio eterno do oceano infinito; mas é ainda um império de ser complexo quando contemplado no mundo eterno. Quando o

seu peito se dilata com a emoção indizível da sua infinitude e divindade, então as pressões do poder e da influência do Deus eterno forçam-se para as funções arteriais da sua natureza espiritual, e ele ergue-se para descobrir que é um “deus” do seu próprio ser instintivo, intuitivo e exterior.

Homem, um deus de si mesmo! E porquê, se há uma unidade eterna para além da mudança da vida exterior, rumo à existência infinita? O Originador divino implantou nos elementos visíveis do ser exterior os sentidos e faculdades da sua própria imutabilidade; e deu-lhe também poder para desenvolver ou sufocar os frutos inerentes da sua natureza eterna, estendendo-se, intuitiva e naturalmente, às qualificações inerentes guardadas no seio do futuro profundo.

O homem é um império de si mesmo, cheio de todas as funções e movimentos do império infinito da inteligência. O firmamento desses impérios está cheio de astros vivos e em movimento — orbes do seu ser — que ocupam posições específicas no universo limitado da sua alma e iluminam todo o mundo da inteligência quando as sombras do pensamento e da especulação ociosa obscurecem o seu íntimo. É um “deus” de si, exteriormente, porque pode desdobrar a sua alma recebendo as impressões divinas do Primeiro Deus e observando e obedecendo às leis e princípios instituídos na natureza.

Quando o homem se apresenta no seu fulgor e avança, por fim, buscando algo além, oferece ao mundo iludido o exato protótipo do seu Pai infinito. Quando investiga, intuitivamente, a constituição divina das coisas e traz das profundezas do mundo infinito factos e realidades, prova que é um universo em si, concebido e ajustado pela justiça e adequação divinas para ser o centro individual através do qual toda a inteligência do império eterno do ser e da existência deve fluir, a fim de cultivar e desdobrar as divindades da existência humana.

A alma pode receber da natureza exterior impressões infinitas; e essas impressões, pela força divina, podem engendrar um pensamento; e, nas asas desse pensamento, o homem pode tentar rasgar o véu que cega a sua visão exterior e seguir subindo pelas esferas do pensar, tanto quanto as capacidades de factos ainda não realizados o permitam; e, quando retorna ao plano da inteligência humana, poderemos supor que nada colheu nas suas ascensões?

Por que razão se encheriam as faculdades do seu íntimo de inspiração ascensional, se não porque o mundo de fora, na sua tendência para o divino, eclipsou o horizonte dos factos ideais, deixando o espírito descer sob a sombra, entrar quedo e calmo para dentro e, apoiado na sua própria divindade, elevar-se para explorar os impérios dos factos visíveis e tangíveis?

A mente é um universo que atua, individualmente, de modo inerente sobre a matéria visível, e é um centro para o qual se atraem, por natureza, os átomos e as essências que descem da Divindade. E, como substância dissolvente, todo o sentimento se derrete e se molda em forma espiritual pelo brilho do Sol eterno, que ilumina os inumeráveis mundos da infinitude. A mente é um universo através do qual se difundem as influências dos mundos interiores; e,

de acordo com os princípios inerentes à matéria, está destinada a ser um universo eterno, progressivo, distinto e infinito. Se a mente, em todas as suas ascensões, pudesse estender a visão, de modo tangível, até aos sentidos exteriores, talvez colhesse do mundo divino um saber que cedo romperia os laços da existência humana e libertaria o espírito do homem. Mas, se tudo na criação imutável fosse adaptado à sua compreensão limitada — se, ao elevar-se no pensamento, ele pudesse agarrar a eternidade — para que serviria a imortalidade?

A imortalidade poderia ser humanizada e o homem, na forma humana, ser já o que há de ser na eternidade. Deus, nos seus movimentos sapientíssimos, criou o homem para que se perca nos silentes alcovas da transição do espírito, a fim de apreciar mais infinitamente as verdades divinas que o aguardam no nascimento da sua alma para a glória imortal. E quão vasto e incompreensível é mesmo o homem!

Ele é a concentração de todo elemento do ser humanizado; e o seu espírito é um universo recetivo de influxos e essências imutáveis. *Chacun est artisan de sa fortune* — cada qual é artífice da sua sorte — e, pelos seus atos exteriores, os homens julgam o espírito e a bondade, ou o mal, da sua natureza inerente. Mas nem sempre se pode julgar, pelo cofre, o diamante que guarda; a mais rude e disforme organização da natureza pode conter a alma mais luminosa. Quão cuidadosos, pois, devem ser os homens, no caminho de cada hora, para não desprezarem o homem simples no exterior; o arcanjo dentro poderá, na eternidade, estar muito além de vós nas sabedorias e alegrias do destino vindouro.

Se uma alma, em forma humana, está *au désespoir*, que a torrente infinita da simpatia caia sobre as esperanças ressequidas do seu ser, para que ela se eleve de novo — divinamente — para o mais alto império da Deidade. Que cada universo da alma gire sobre o seu eixo, em torno do seu centro eterno, em círculos concêntricos, até encontrar-se, por fim, mais intimamente ligado à infinitude e à glória do império celeste.

As manifestações da justiça suprema estão fortemente gravadas na mente do homem. Parcialidade Deus não conhece. O seu poder e a sua bondade estendem-se a todos; mas, por qualidades inerentes, a rapidez e a acuidade do desenvolvimento podem não repartir-se por igual — e por que haveriam de repartir-se? Então todos seriam essencialmente iguais e a harmonia vibraria pelas linhas telegráficas da existência humana, até que, a um único pensamento, a sabedoria divina fosse levada na sua corrente elétrica e a alma dos homens se tornasse mais justa e honrada.

At spes non fracta (com esperança ininterrupta) — e esperamos ver cada universo de ser individualizado desenvolver-se das suas formas mais cruas até um império infinito de refinamento em desdobramento. Mesmo neste mundo complexo, já vivem e possuem as suas formas de ser. Em toda a arquitetura humana, executada por poderes e juízo supremos, nada iguala o homem. E, como a sua alma tem passado e passa pelos silentes aposentos da vida

universal, que ele, de cada esfera do seu ser, beba os influxos divinos que impregnam todo o existir; e, no céu, a sua alma será tão pura quanto a fonte cristalina e tão brilhante quanto a luz solar da eternidade. A infinitude estupenda e a imutabilidade dos impérios e universos que enchem a imensidade não se ajustam às conceções limitadas dos espíritos altos e santos que povoam as margens da infinitude sem limites; mas, do vórtice da inteligência incomensurável, advém uma maré irresistível que os leva para a frente, sempre para a frente, até que se vejam envolvidos — e perdidos — nos domínios da inteligência imortalizada.

Fideliter,
W. E. Channing

Conferência n.º 3 — Por Mrs. Felicia Hemans

A simpatia vibra pelas cordas do meu ser imortal e desperta uma resposta vibratória; e descubro-me novamente contemplando as coisas da Terra. Vejo mentes humanas que procuram expandir-se e recuar às incontáveis eternidades do passado, procurando traçar o destino da inteligência humana desde a sua primeira introdução no mundo da natureza humana. A Divindade habita para sempre entre vós; os séculos vêm e vão, mas a alma nunca esquece a sua ação nativa, nem deixa de dar provas desse poder interior que, a partir dos princípios eternos, impregnados de vida divina, gerou todas as formas e manifestações de beleza e criação. O escultor da mudança ocupa o seu lugar na galeria da natureza e, do corpo físico, talha um arcanjo, evoluindo das formas mais rudes e grosseiras da matéria objetos belos de contemplar.

O amor e a harmonia são a alma do ser; e do ventre do universo nascem a sabedoria e o progresso; são eles que organizam os coros celestiais, que elevam, das fontes interiores da melodia terrena, as notas mais sublimes de uma divindade em progresso. O espírito em luta não conhece repouso; pois a dor, nas suas formas mais agudas, revela, ao olhar do mundo interior, mil cordas de harpa que, quando tocadas suavemente pelo sopro da divindade, vibram em harmonia com a vontade e a justiça da natureza. Cada palavra ociosa que, por vezes, se aprofunda e se agita nas câmaras silenciosas do coração humano, desperta, sob a superfície, as capacidades do eterno interior e desdobra os botões da serenidade até à flor plena do contentamento.

Quando o génio percorre os recessos do ser e atrai para o seu centro todos os pensamentos grosseiros recolhidos do mundo exterior, o espírito, nas suas revoluções individualizadas em torno do sol central do seu ser, repele esses pensamentos materiais, e as aspirações mais elevadas entram nas artérias do ser, impulsionando cada sentimento ao longo da vasta corrente do progresso.

Então, por que razão o coração solitário e pulsante permanece inativo diante das responsabilidades e deveres de um desdobramento eterno, quando a tempestade da vida ruge desvairada lá fora? Não há cordas da vida eterna que

se estendam até ao teu íntimo? Ou serás insensível aos sons da melodia celestial que penetram silenciosamente na tua alma e abrem as nascentes do contentamento, donde brotam as águas unidas da esperança e da paz?

Ó cansado, cujo sangue vital se esvai, gota a gota, da fonte da existência material, e cuja fronte se angustia perante o futuro sombrio — não há lampejos de esperança na tua alma? Está a tua natureza interior fechada ao chamamento imortal dos espíritos amigos que se agrupam em torno da tua esfera de vida, lançando sobre ti a luz que irradia, invisível, dos domínios da infinitude?

Ó marinheiro, cujo compasso do ser jaz sepultado sob os mares escuros da imperfeição humana — desconheces tu a esperança, a estrela-guia, a harmonia que te sustém quando pareces afundar-te sob as ondas contraditórias da vida exterior? Não te chegam melodias dos coros eternos do céu, que se insinuem na tua alma, paralisando os sentidos externos e encantando os internos, para que possas unir-te ao cântico vasto e ilimitado que se eleva em oceano de harmonia, enchendo cada via do ser com o seu poder extasiante?

À medida que agarras os objetos visíveis da vida que flutuam nas ondas da eternidade, pela força da perseverança alcançarás a praia infinita, onde, diante de ti, se estenderão os Édens e impérios que se prolongam pelas regiões da imensidão — os elementos atrativos que impelem a alma a contemplar a sua glória imutável. Tu também estás ligado aos mais altos desdobramentos do céu, e a aspiração da tua alma é o telégrafo cujas linhas transmitem, às profundezas das fontes do ser, as inteligências de nascimento ou emanação divina.

Não existem fronteiras fixas para o espírito; ele é sempre rico em múltiplos refinamentos; e a verdade é o estímulo que desperta os seus pensamentos interiores para a vida e a atividade, fazendo brilhar, no íntimo, as mil erupções das fontes perenes que conferem influência celestial a cada atributo do espírito humano.

A forma exterior, tal como se relaciona com os sentidos, é apenas o invólucro da alma em desenvolvimento. Cada harmonia ou melodia de ambos os planos provém do divino instrumento da espiritualidade. Por que razão deixou o tempo a sua marca sobre as coisas humanas da vida? Porque a ciência se extinguiu à vista exterior, o génio procurou as solidões do ser invisível e a sabedoria e o amor desapareceram nas regiões incultas da alma.

Cada alma no universo animado procurou companheirismo. Esses vínculos foram formados e cimentados pela atração e repulsão dos elementos interiores e exteriores; e assim, todas as mentes, pela sua constituição, absorveram igualmente factos de um futuro incerto. Foram, portanto, classificadas em grupos distintos, até que as impressões recebidas dos objetos visíveis passaram a dominar os atributos da mente — e assim nasceram os credos. Mas por que censurar tais mentes? O tempo revelar-lhes-á as verdades, e

serão forçadas a aceitar, por evidências incontestáveis, cada facto e realidade relativos à sua existência.

Por que razão deve, então, a alma humana ser tantas vezes abatida pelos cuidados e desenganos da vida, se o futuro lhe é delineado pelos anjos do mundo superior? Por que apagar, da natureza interior, os pensamentos e sentimentos nobres que se esforçam por galgar as barreiras da vida e alcançar o cume da perfeição humana?

Em cada plano, a mente tem um destino imediato para um plano mais elevado; e, por esses processos ativos, o céu reclama-a, finalmente, como sua. Qual é o desígnio das almas superiores quando se aproximam das margens limitadas da natureza exterior? É arrancar das mentes ignorantes as almas que se perdem na gratificação material e resgatar, do turbilhão da corrupção mental, cada faculdade humana.

Elas vêm radiantes no esplendor da eternidade, perguntar às almas humanas se as reconhecerão no grande e majestoso universo que resplandece para além do abismo desvendado da mudança, chamado morte.

Vimos com mensagens de amor e misericórdia. Vimos atar os juncos quebrados do coração. Vimos oferecer a nossa simpatia nas horas de angústia. Vimos, na nossa beleza eterna e glória imortal, desdobrar os pensamentos ansiosos de cada natureza individual e provar que os amigos queridos e idolatrados da vida terrena serão de novo estreitados ao peito, com o amor que vibra na alma de um anjo.

O tempo avança em asas rápidas. Cada hora anuncia o nascimento de algum espírito eterno no seu lar ascendente; e ele, no seu poder majestoso, cortará as molas da existência humana que ligam cada alma à matéria. Oh! que todos vós, que desejais sinceramente ascender e progredir, possais receber as flores desabrochadas da eternidade, cuja frescura e fragrância, vindas do paraíso do nosso Pai eterno, vivificam e atraem as vossas almas para as alturas.

Peregrinos da verdade, não vos canseis no caminho; mas voai, no sopro da infinidade, para as regiões do conhecimento ainda desconhecido — e o tempo revelar-vos-á o vosso lar e a vossa missão, encontrados no céu.

Com ternura e urgência,
Felicia Hemans

PALESTRA PROFERIDA PELO ESPÍRITO WAHKEGAN, CHEFE ÍNDIO

A mente humana, em silêncio profundo e solene, tem dormitado no passado como o majestoso templo dos poderosos e dos bons que há muito foram dados por mortos. As nações não deixaram de apreciar e honrar os nomes e as almas magníficas dos homens que um dia quebraram a cadeia da opressão na vossa terra agora civilizada e vos deram a liberdade de que hoje gozais. Os seus espíritos ecoaram orgulhosamente nas melodias imortais, onde as suas

energias retumbantes ressoam com poder elétrico pelos domínios da vida e das ações interiores.

Envolvida durante tanto tempo nas alcovas escuras da existência mortal, a mente humana irrompeu em esplendor do seu transe semelhante à morte, e o intelecto audaz rompe as suas cadeias interiores para alcançar os factos e realidades ilimitados do destino do homem, sempre em frente e para cima. Intelectos concentrados manejam a onipotência da verdade e da sabedoria. A expressão plena do pensamento poderoso, a analogia penetrante e a eloquência nativa começam a exercer o seu poder imutável sobre a mente humana. Quem poderá dizer quantos raios de luz celeste caem sobre o génio do homem? O génio, instintivamente divino, torna-se ainda mais poderoso pelas inspirações das almas dos homens cujos pensamentos ardentes e visões arrebatadas hoje abrangem as esferas do mundo da imortalidade.

Os homens e o mundo exterior são como a árvore gigantesca: quando o homem espiritual esgota as forças e ações da forma física, esta desprende-se do mundo tal como as folhas caem, uma a uma, da árvore. Assim, geração após geração desprende-se da Terra para seguir para o mundo da luz, da esperança e da eternidade. Os sonhos de Rafael e de Miguel Ângelo sobrevivem apenas em majestade figurada; e a troca desta vida por outra não poupa sequer o génio mais elevado. Esses génios que outrora mostraram aos homens os seus poderes e belezas colheram agora o fulgor da luz eterna e, com força emuladora, as suas almas erguem-se, imbuídas de energias mais nobres, para receber os factos do céu. Toda a mente que pretenda confinar a existência humana ao círculo estreito do túmulo não consegue compreender por que razão há vida no seu próprio íntimo.

As conquistas do heroísmo e da magnanimidade esmorecem quando vistas à luz da eternidade; não são elas que atraem a alma para o céu. Belas são as mil joias alvas como a neve que repousam nas câmaras misteriosas do mundo interior. As estrelas, que flutuam como ilhas no oceano da imensidão, não são senão o desabrochar de mundos ainda maiores, por conhecer.

Da harmonia brotaram primeiro os mundos universais, quando a natureza exterior era apenas um caos de átomos de matéria não refinados nem desenvolvidos; e foi também da harmonia que primeiro nasceu a substância vital do ar, da luz e do calor; e, pela harmonia, através de todas as obras mutáveis de Deus, o diapasão ficou plenamente desdobrado no homem. Somos forçados a concluir que Deus é um facto fixo, cujo lar é o poderoso sensorium e cujo campo de ação sem limites é o vasto Universelum.

Os princípios da divindade encarnam-se, pelo movimento inerente chamado espírito, nas incontáveis formas que vemos continuamente ao seio da natureza e que pululam perpetuamente no mar sem margens da eternidade; e esses princípios são acompanhados de outros, essenciais, que dotam tais elaborações de movimentos e poderes adequados ao desempenho do seu dever divino.

A alma, nas suas energias aspirantes, tem uma visão adorante — anelante, mas serena — que penetra dentro de si e acima de todo o universo, em busca desse amor que dá vida e beleza a todas as formas no império da natureza. O homem não consegue conceber essas propriedades e elementos do ser eterizados, celestializados e aperfeiçoados, sabiamente e supremamente dispostos e organizados numa única Mente Eterna. O princípio da perfeição, no seu estado avançado, varre a infinidade; mas o homem, nas suas forças físicas, não pode conceber o céu nem Deus.

A harmonia é um atributo de Deus; e o homem tem de ser honesto consigo próprio se deseja alcançar um amor mais perfeito pelo princípio supremo. É totalmente inútil ao homem argumentar sobre Deus em abstrato, pois nenhuma mente, dentro do meu alcance de conhecimento, apreendeu uma conceção verdadeira da primeira causa e do primeiro efeito de tudo e de cada coisa. Que as operações do primeiro Motor invisível são prodigiosas e incompreensíveis, todas as mentes o reconhecem. Que todos os factos descobertos harmonizam com as poderosas declarações da natureza, o homem sente-o dentro de si. Todas as teorias especulativas dos homens seriam inúteis se cada pensamento não desse origem a outro e, assim, não desenvolvesse a alma.

O fogo elétrico da alma, como expressões distorcidas de esperança, ilumina os vastos côncavos da escuridão humana. Sublimes e estupendos são os céus dilatados: vede as cortinas de nuvens cujas dobras dissolventes e sempre confluentes ocultam, à visão exterior, os luminosos volumes da infinitude, onde as expressões divinas da eternidade e da imortalidade se conjugam, firmes mas promissoras. Das constantes recombinações dos materiais vivos e existentes, a juventude e a beleza manifestam-se por toda a parte e coroam cada criação espontânea. Verdades poderosas e sagradas jorram das profundezas do presente e farão recuar da Terra os princípios falsos, para nunca mais escravizarem a humanidade.

Por isso, vós que orgulhosamente vos libertastes do erro e vos dedicastes à busca da sabedoria e da verdade, deixai que a razão vos aponte o rumo. Empreendei o desdobramento do mundo moral. Tocai as molas secretas do coração humano, para que, pelas suas muitas vias, a bela progénie da imortalidade desperte os poderes latentes da alma para uma ação eterna e faça emergir o verdadeiro desígnio do homem sobre a Terra. Avançai, ó vós, poucos escolhidos, e não desanimeis no caminho, pois um mundo mais nobre será vosso quando a vida cá em baixo findar; e então, como as folhas da floresta molhadas pelo orvalho, assim as vossas almas receberão os consoladores factos da eternidade.

Wahkegan

CONFERÊNCIA N.º 4 — POR JOHN WESLEY

A mente, em todas as suas mil formas de desenvolvimento, tem a sua adaptação e tendências específicas. Em cada um dos seus domínios existem muitas pequenas vias fibrosas, preenchidas por variadas formas de desenvolvimento, que pulsam com a vida e a animação da eternidade. Em cada departamento particular da natureza humana há funções importantes que recebem e eliminam as diversas influências magnéticas e vitais da natureza interior e exterior.

Das inteligências mudas da natureza às enunciações divinas da inteligência no homem vai uma relação infinita; e, desses objetos e formas, procede uma corrente magnética que transmite à miríade de recessos da natureza humana uma impressão; e ele recebe constantemente, da biblioteca da natureza, os poderosos volumes que constituem uma educação infinita. O seu ser positivo e negativo — as suas forças — fluem e refluem perpetuamente ao influxo de uma natureza invisível; e cada força atrai, desses elementos ocultos de inteligência, o influxo que lhe corresponde; e é por este poder silencioso de atração negativa e positiva que as faculdades espirituais do homem se ultimam em domínios mais elevados de uma educação eterna.

Existe uma relação íntima entre todo o poder e função da natureza e cada atributo interior da inteligência humana; e é desses elementos que a mente recebe a sua forma, interior e exteriormente. Cada átomo de matéria que flutua nas regiões dos materiais informe é posto em conexão e ultimado em formas e organizações pelas forças positiva e negativa do íman invisível de todos os mundos. Esses átomos possuem, por si, milhares de vias que variam nos seus desenvolvimentos e estão constantemente a atrair, das substâncias organizadas, poderes correspondentes e harmonizantes.

A mente, pela sua atração pela imortalidade, é levada, por ideias equivocadas, aos domínios da inteligência não aprendida; recebe as suas impressões de Deus do desenvolvimento das suas muitas faculdades; discorre sobre o Ser Divino no abstrato; mas as suas múltiplas projeções ainda não alcançaram a verdadeira conceção do Infinito. Sabemos, pelos impulsos e inspirações divinas do nosso próprio ser, que tem de haver céu; caso contrário, por que estas manifestações da nossa natureza? Por que estas harmonias e melodias de cada atributo do ser? Por que este anseio por algo para além da nossa própria esfera de sabedoria?

Se o homem viola as leis estabelecidas da natureza física, sofre fisicamente; e, havendo relação íntima entre o físico e o espiritual, sofre mentalmente. Então, se essas leis são violadas, sobre quem recai a responsabilidade da ofensa? Será o peso do crime levado para a eternidade e inscrito no seio do mundo eterno? Ou não ficará antes o peso da falta daguerreotipado na constituição viva do homem desobediente, em alguma deformidade física, como o corpo definhado ou o membro ferido? O sofredor é quem suporta toda a

responsabilidade. E, se o homem desobedece mentalmente aos princípios fixos de um Deus eterno, qual o resultado?

A alma não pode ser deformada pelo contacto com o objeto da criação física, pois está envolta por uma incrustação material que recebe os danos da vida física e protege o espírito. Mas, sem espírito, a matéria não teria sensação; e toda a dor ou frémito de alegria vibra por toda a organização interna e externa, passando pelo canal sensorial do ser. Sobre quem, então, recai a responsabilidade do espírito por desenvolver? Sobre o espírito que preferiu o erro à verdade — só ele é responsável. E de que é responsável? Do pecado físico ou do desenvolvimento inculto da sua alma eterna? A resposta vibra pelos canais afetivos e sensoriais da natureza: é pela falta de cultivo interior para o aperfeiçoamento mental. E o céu abriu os seus recessos ao entendimento das mentes físicas, para que possam sondar a fundo as próprias regiões do espírito inculto.

As atrações da alma são proporcionais e adequadas ao seu destino adiante. A beleza alada do ar gosta de flutuar nas vagas da atmosfera; ama fazer do bosque a sua casa e trinar cânticos de júbilo ao Grande Originador. O camelo gosta de pisar as areias do deserto e de se deitar na sua superfície abrasadora para encontrar repouso. A rena sente a atração das matas e das florestas; gosta de saltitar sobre o precipício rochoso e o regato borbulhante e, quando as sombras da noite descem à Terra, chamar os seus cansados ao descanso; encontra o leito de que gosta no ramo seco e nas folhas caídas. E o homem? Qual é a sua atração?

A imortalidade. E não encontra descanso senão nos domínios ilimitados da eternidade? Não — o seu espírito não conhece outro repouso. A natureza física tem de repousar fisicamente; a natureza espiritual tem de repousar espiritualmente. A mudança de desenvolvimento concede descanso ao espírito. Ele detém uma esfera de elementos ponderáveis e imponderáveis; possui uma esfera de inteligência material e espiritual; e cada pensamento é uma manifestação divina de um destino eternamente progressivo.

Por que razão o intelecto que, pela visão interior, abrangeu a constelação solar recebeu impressões verdadeiras e substanciais da formação, do movimento e das forças positiva e negativa pelas quais esses universos são feitos para girar em torno dos seus centros? Porque cada mundo era, em si, uma inteligência: ecoava e reecoava cada tom de divindade; e o homem, pelos canais sensoriais e inteligentes do seu ser, recebeu a sua sabedoria infinita. E cada emoção dos magníficos e assombrosos universos criados na alma do grande Descobridor vibrava com as influências do desenvolvimento adiante.

A mente é impressionada pela magnitude e pelo poder segundo o seu estado de refinamento. Daí que as mentes que recebem com maior facilidade impressões dos objetos materiais tenderão, necessariamente, a negar as realidades de outro estado de existência. A natureza animada, ainda que, nos seus elementos em mutação, possa proclamar os factos da natureza interior e do céu, não conseguirá, todavia, impressionar tal mente, acorrentada que está

às masmorras do erro, que sobem do passado eterno. Que fará, então, o homem para obliterar esses erros passados e estabelecer a verdade na mente do seu irmão? Nada pode fazer. Só o desenvolvimento interior lhe revelará que o tempo e a verdade viajam juntos, de eternidade em eternidade — que são elementos vitais e factos na constituição do Poderoso Artífice de cada mundo e objeto que se move e revolve.

Tudo na natureza tem um centro individual; e através desses centros fluem os influxos divinos e os desdobramentos da imortalidade. As faculdades e funções da existência animada rodam em torno do seu centro; e, à medida que o tempo gira em torno da eternidade, projeta do mundo superior da inteligência átomos de sabedoria que se reúnem em cada centro e que, pelas forças involuntárias — espirituais — das mentes, se difundem por cada constituição de origem divina.

Portanto, cada um de vós que sabiamente passou das regiões da incerteza para os domínios mais luminosos da realidade fixa, não censure o irmão pela sua deficiência constitucional no desenvolvimento espiritual; antes recebei o conhecimento que parece permear tudo quanto existe, e achareis a vossa alma imbuída de sentimentos mais elevados e de emoções mais altas de inteligência infinita. Não busqueis o aplauso do mundo, nem temais as zombarias e a censura do vosso semelhante; pois cada palavra insensível, dita friamente, revela volumes de verdade eterna, tanto sobre a dualidade do ser humano como sobre essa vida universal que repousa no futuro eterno.

Como sempre,
John Wesley

CONFERÊNCIA N.º 3

PELO ESPÍRITO DA FALECIDA MISS A. F., DE BUFFALO

Mais uma vez, nas asas do amor, voo do meu lar livre e feliz para as regiões não refinadas do universo humano, a fim de trazer flores colhidas no jardim da verdade e da caridade, para que o poder de Deus as plante profundamente nos jardins incultos da alma humana. Os instantes são como bolhas que flutuam por um tempo no oceano do tempo e depois se afundam no seio do passado. As horas são como ondas que se seguem umas às outras até se perderem no canal da velocidade ou, precipitando-se de alguma grande altura, correm jubilosas, murmurando o poder e a bondade do Eterno, pelos séculos dos séculos.

As estações são como águas vivas que vazam e fluem à vontade e por mandado das leis da natureza, proclamando, em cada elemento cambiante, as realidades profundas e permanentes do céu. Misturam-se para sempre com as grandes mudanças da infinitude: ora espumando e embatendo nos rochedos da vida humana, ora transmutando-se na calma e santa quietude da paz eterna. Os séculos são como mundos que giram em torno do centro da

imensidade, lançando, nas suas revoluções estupendas, átomos de matéria e de espírito que vêm a constituir algum objeto da natureza nos mundos objetivos.

Movem-se no eixo da eternidade em círculos concentrados e estão continuamente a perder partículas constitucionais primárias de matéria, que se resolvem em algum objeto formativo da criação humana; e o vazio é preenchido por novo movimento e ação inerentes, provenientes da constituição universal de todas as coisas. Eles anunciam o nascimento de espíritos recém-nascidos no mundo do ser físico e no mundo da vida eterna; desdobram, às mentes, o sol brilhante do céu que luz no seio da infinitude, revelando as suas profundezas; e descerra-se a penetração do eu interior, para que a visão do espírito possa olhar muito, muito ao longe, pela eternidade, e contemplar que nada, na existência animada, morre.

Pelo poder da perceção espiritual, a mente humana lança o olhar cada vez mais fundo para o futuro que se estende sem termo — para os inumeráveis abismos do universo — e vê, em cada via silenciosa do ser, que há factos imperecíveis concernentes ao Ser Supremo e aos seus mundos imediatos de vida, aos quais a inteligência humana está intimamente ligada. A mente pode penetrar profundamente nas ciências demonstrativas da época e provar, por evidências reais e tangíveis, que a identidade pessoal de todo objeto espiritual humano, inteligente e animado, permanece por desvendar nas profundezas impenetráveis do mundo celeste.

E esse facto demonstra, a toda a mente inteligente, que o homem não deve agarrar-se aos anos que passam como o marinheiro náufrago se agarra ao madeiro flutuante quando vê a sua vida exterior a esvair-se rapidamente para a eternidade; pois o abismo impenetrável da mudança perdeu a sua treva e revelou uma vida de cultivo e progresso incessantes, através dos incontáveis domínios do ser eterno.

Os pensamentos são como átomos no universo do ser que, por atração inerente, emanam do universo do ser espiritual e se congregam onde essa atração se encarna na alma humana. Todos os sentimentos, emoções e impulsos afetivos do ser assentam na lei da atração interior. Porém, as mentes humanas não descobriram, nas profundezas ainda não reveladas da verdade, que as suas simpatias e antipatias não nascem de maldade ou bondade inatas, mas têm origem nas leis de atração e repulsão supremas.

A **atração suprema** significa que, por toda a organização do homem, existem pequenos ímanes de atração — variáveis no seu desenvolvimento — que atraem para si o indivíduo de idêntico desenvolvimento físico e espiritual e, pelos laços da afeição, unem indissoluvelmente a dualidade de ambas as naturezas. A repulsão suprema significa que, por todas as vias do ser, existem ímanes fixos de repulsão, de modo que, quando duas naturezas, diferentes no cultivo interior, entram em contacto, repelem-se mutuamente. E, no entanto, o homem atribui simpatias e antipatias à maldade ou à bondade inatas. O cultivo

interior desdobra atrações superiores; ao passo que o cultivo humano em erro e vício multiplica, na organização humana, os ímanes de repulsão.

A mente ainda tem muito a aprender do que é valioso para a vida social e os sentimentos de caridade. Se as faculdades repulsivas de uma alma humana a conduzem à escuridão exterior e a mergulham sob as ondas da respeitabilidade humana — vindo ela, por vezes, à tona, para voltar a ser repelida por mentes superiores — e se as simpatias de alguma mente atraente se despertarem para com a que erra, e essa pessoa procurar conduzi-la à luz e ao amor da existência humana, quão depressa o mundo escarneceria dessa alma puramente generosa que tentou salvar o marinheiro em afundamento!

Eis uma falha do mundo: o homem de caráter estimável não ousa socorrer o irmão que soçobra, temendo que o mundo o julgue mal, quando os seus motivos são realmente puros. Muitos corações sangraram por esta realidade; e ainda hoje o mundo, em geral, repeliria quem ousasse amparar um irmão moralmente debilitado. A sociedade foi corrompida por este facto; e quanto tempo levará até que os elementos da vida social mudem, só Aquele que tudo rege poderá dizer. Mas cada impulso discordante revela um universo de factos e de verdade escondida que, embora longamente sepultada no futuro, acabará por afastar o véu da incerteza e trazer à luz as demonstrações vivas de uma vida imutável e eterna no além.

A delicada cadeia do afeto humano quebra-se ao toque do erro humano. A razão, através das pequenas aberturas do cérebro entenebrecido, lança os seus feixes intelectuais pelos canais da alma e imprime a cada faculdade um movimento como o do borrifo dançante. Tal como o alaúde pendido, cujas notas não voltaram a soar numa melodia favorita desde que a sua corda mestra se partiu, assim o espírito, quando a vida obscureceu as suas esperanças mais brilhantes, já não repete os acentos prateados das esperanças ou alegrias futuras. As esperanças, como as folhas da árvore, caem e mirram nas mudanças da vida; mas quando a primavera regressa, chegam como gotas de chuva das nuvens para reanimar a alma abatida. Quem, então, há de revelar ao sentido exterior o único caminho verdadeiro para a felicidade terrena? Que poder mostrará ao homem as responsabilidades importantes do seu ser?

O céu abriu os seus inumeráveis domínios de verdade ao homem, e ele pode, nos anos que avançam, aprender muito de si e de Deus, penetrando cada vez mais fundo nas eternidades diante de si. Vozes de afeição respondem com empenho e bondade às exigências do espírito humano. A luz refletida da honra e da misericórdia começa a iluminar as vistas entenebrecidas da alma, pelas quais afluem perpetuamente, e de modo espontâneo, as fontes da vida eterna.

Amigos cujos espíritos se assemelham ao ar do entardecer, ao derramar a sua influência santa sobre os campos expandidos da existência humana, estão a espalhar a influência do céu e de Deus sobre as faculdades alargadas da alma humana. Estão em toda a parte; vêm e vão como a manhã. E continuam a exortar todos aqueles a quem foram dados os factos do mundo imortal a

prosseguir na escala do ser e a transmitir ao mundo o vosso conhecimento, até que tudo fique imbuído do movimento e do poder inerentes da verdade.

Que a iniciativa do vosso mensageiro de sabedoria e cultivo interior seja elevada, e as fontes ainda ocultas da sabedoria serão abertas, e uma nova torrente de alegria infinita fluirá para os vossos espíritos, enchendo-os de serena certeza quanto aos vossos movimentos universais e à vossa retidão moral. Inspirado pela verdade e pela justiça, e tendo cada mola do vosso ser guiada e subordinada, que obras vastas não produzirá a causa mecânica da ciência demonstrativa! O seu poder harmonizará atributo com atributo e estender-se-á em vagas tão ilimitadas que se fundirão — e se perderão — na beleza e na justiça das leis do ser, guiando o homem na senda do desenvolvimento progressivo.

Sinceramente,
A. F.

CONFERÊNCIA

POR B. C. DAYTON

"Esperança — doce ave! — enquanto houver ar que a sustenha, que a terra seja gelo — a alma terá sempre verão." A imortalidade varre toda a dor, todo o medo, todas as lágrimas e todo o sofrimento, enquanto a alma ofegante respira o sopro estival da sua própria vida solar, quando a esperança lança um raio mais vivo sobre as águas douradas do seu eu ainda indefinido. A alma oculta da harmonia, quando leve de esperança, ilumina os domínios da estrelada infinitude, e o coração humano torna-se a morada sagrada da pureza nativa, imagem copiada do seu Deus.

Quando a esperança envia os seus eflúvios, as folhas do coração abrem-se ao ar e os seus pulsos encontram vida cá em baixo. Vivem apenas para o céu e desabrocham em Paraíso. Como flores que, ao murcharem, recolhem as pétalas empalidecidas, sem mais beber o orvalho, e cada nota tremeluzente da divindade parte para se misturar com o ar cintilante da eternidade — assim sucede ao coração: o orvalho da esperança pousa-lhe nas pétalas, enquanto o raio de amor se inclina para beijar a sua forma espiritual de beleza; mas depressa as suas folhas de fada empalecem, a música extingue-se e a voz da esperança cala-se nas câmaras silenciosas da mudança eterna.

Contudo, nas asas da esperança, a alma eleva-se ao lar do repouso sereno, onde as vagas do desespero jamais perturbam as harmonias repercutidas da sua imortalidade, mas onde tudo é claro e sem nuvens como um dia de verão feliz. A esperança é a mais brilhante dádiva do coração, trazida pelas mãos dos anjos para consolar os que choram pelos males da existência exterior, reavivar o último alento de alguma flor que perece por fora e demonstrar, na luz dourada do júbilo, a vida do coração humano quando os seus pulsares

deixaram de ecoar pelos ares da Terra e passam a ondular, mais ricos, pelos reinos ilimitados da vida infinita.

Cada flor extraída da terra converte-se numa alma brilhante e imortal, cujo perfume ascende, em beleza indizível, sobre as ondas que avançam da eternidade. A esperança entrelaça os seus ricos tecidos em torno dos gavinhos do coração e, com o fio de ouro do amor, ata o céu à terra e, ao longo do trilho de luz por onde caminham os anjos, espalha flores claras, para que os mortais trilhem o mesmo caminho, pavimentado com folhas de afeição, ornado com diamantes de pureza constante, e se tornem, ainda na Terra, imagens verdadeiras e fiéis do seu Deus.

A esperança adorna a vida de beleza e grandeza, impele a mente a graus vários de atividade, refinamento e animação e, nas suas evoluções gerais, move-se sempre sem ruído pelos silentes corredores do pensamento, tornando-se parte da vida da alma do homem — parte de um todo estupendo. Detém uma superioridade sensível sobre a existência do coração e revela-lhe uma luz inconcebível — um fulgor que se estende pelo comprimento e largura do espaço, tornando-se o próprio espaço iluminado, o grande e magnífico ímpeto do desenvolvimento eterno do homem. O seu aroma difunde-se e penetra todas as formas, grava-se de modo indelével na memória retentiva do homem e exala sempre o sopro de refinamento vindo de esferas superiores. Eis a grande atração do desdobramento humano.

Tudo quanto é animado pela ação divina possui, em si, uma afeição viva; e, como a beleza de uma flor se comunica a outra, assim o coração cheio de esperança deve comunicar o brilho do amor — e outros corações hão de aspirar a atmosfera pura da sua divindade. Os desdobramentos da afeição não se respiram apenas no céu, mas no universo; e, como as águas quietas agitadas pelo seixo que cai, assim a afeição inerente se expande e ondula por todas as esferas inferiores e superiores, até que as suas vagas quase toquem os confins do espaço.

Não há limite para as ondas da água; nem podem ser circunscritos os belos desdobramentos da bondade amorosa; e, como as águas beijam docemente a margem, assim o amor flui e desdobra-se no oceano vivo da sabedoria. A música da esperança desce às profundezas da alma e desvela sentimentos dignos apenas do lar do espírito; não existe avenida nem recanto, em toda a arena da existência animada, que não seja penetrado pelas vibrações e ecos silenciosos da harmonia da esperança; e não há pensamento da alma oculto que não seja despertado à vida e atraído para a inefável força de atração da esperança.

O perfume da esperança adiada alegra cada alma no céu. Ela manifesta a ordem e a harmonia de Deus e contém mais do que a mente humana pode abarcar. A esperança dança nas ondas nacaradas do regato borbulhante e, murmurando, encontra abrigo nas grutas do velho oceano. Está em cada estrela palpitante; corre pelo vasto éter; os seus ecos mais graves soam no íntimo secreto do homem; e, à medida que avança para o repouso eterno,

engrossa o oceano do céu com sorrisos inauditos de alegria, dissipa a noite sombría do desespero e o coração palpita sob essa clara emanação, trazida da alma da Divindade por mãos de anjo.

É na esperança que se alimenta o génio aspirante; e ela fornece sustento a toda a economia das criações reconhecidas em formas exteriores. O coração deve sempre erguer o olhar, nas horas de dor; ali, o pensamento sem voz e a santa concórdia envolvem-no em vivos mantos de amor; e, quando os seus pulsares cessam cá em baixo, ele parte para uma terra melhor com doces dissonâncias e brandos anelos: ama alçar-se a regiões de bem-aventurança ainda não vivida e lamenta o adeus aos amados da Terra. A morte é apenas uma transfiguração gloriosa; uma ideia radiosa que traz, no seio dourado, a verdade de que o homem não há de viver sempre aqui — assim, encerrado num invólucro material; a morte é o astro luminoso da eternidade; e, por onde se estenda a visão sobre a Terra, vemos sempre os sinais da decadência.

As belezas da natureza, hoje em flor, perfumadas e formosas, amanhã podem definhar — e isso é apenas prova de que a alma da natureza continua a existir, em formas mais elevadas, de glória que não fenece. E, no mesmo comboio que gira, a mente parece morrer, mas no céu possui ser; e, seguindo o fio, do aparente vazio de causa e efeito, descobrimos que a mente continua a brilhar com cenas mais vivas — com belezas delicadas e puras. Continua poderosa e sublime, sulcando as regiões da ciência e da filosofia e, deduzindo verdade de verdade, torna-se um Deus em embrião.

Do fluxo contínuo de maravilhas incessantes, com olhar interior, a mente cheia de esperança contempla os prodígios da própria imortalidade e, do seu lar de verdade viva, dá aos mortais provas de que a alma não jaz sepulta em pó perene, nem a natureza dorme; antes, enquanto as melodias corais evolam sublimemente, a rolar pelas esferas seráficas, em formas angélicas se unirão as almas e banhar-se-ão em rios que correm aos pés de Deus.

O céu levanta o véu e os amados sorriem de novo; e a alma anseia pelo seu repouso; suspira por ir onde vivem espíritos afins e volta-se para o céu para, suspirando, se entregar. Não surgem terrores oníricos, nem agonia convulsa empalidece os lábios; a alma adormece docemente e desperta a repousar no seio de um anjo. A música imperecível do céu desce da sublime e insondável alma de Deus à Terra, repousa no coração do homem, como as estrelas repousam naquele altar de ar, ou como rendas de ondas sobre o lago, ou como formas perlíferas no peito irisado do céu — a respirar o sopro da Divindade.

O tempo não conhece peso de sono nem cansaço, e nenhum poder pode acorrentar as suas asas velozes; e, enquanto as reviravoltas passam sobre a Terra, como visões inquietas sobre o peito, ou como estrelas que cintilam nos seus abismos eternos e brilham dos seus orbes gloriosos, o tempo não cessa — mas leva consigo a alma do homem, que tem de regressar ao Dador. Cada nota do coração pode recordar uma folha murcha, ao lembrar-se de uma voz de alegria outrora respondida, agora gravada na superfície viva da memória; e isso pode, por um momento, ensombrar as vias da esperança com a sombra

de um suspiro; contudo, não há dor tão grande que não possa ser suavizada pelo verão de um sorriso.

O prazer, cá em baixo, é fugaz e persegue o aflito como murmúrio de sonho; e o ar é eloquente de sussurros leves, que caem de lábios outrora tão caros ao homem. O coração humano, tal qual, não muda — mas o seu verão não dura. Cada um chora o que ama: uns, uma folha ou flor que caiu; outros, tristezas e belezas cuja duração foi breve.

A mudança está sempre de asa erguida. O coração pode sorrir hoje — e sangrar amanhã. O botão da flor, antes de ver verde a folha, pode desvanecer-se do vosso olhar; mas inclina-se para florescer no céu. Por isso, através de todas as durezas da mudança, nada se perde. A mudança é o poder-mestre da vida. Chama a lume os impulsos da alma, no mais claro diapasão da experiência; e, como a gota d'água responde ao convite absorvente do sol e sobe para conviver e repousar no seio da atmosfera, ou como o dia se recolhe no seio da noite, assim a alma responde aos convites de Deus e repousa nas profundezas de um futuro sem fim.

O homem é reconhecido como a perfeição da matéria nos mundos subordinados de Deus; e todos, nas suas constituições mental e física, têm adaptações religiosas: alguns fundam a fé na inspiração e aspiração da alma; outros aderem, às cegas, a uma crença sem referência à razão — e, assim, não escapam à influência entenebrecida da interpretação teológica. E aqueles que dizem deter conhecimento ilimitado da utilidade e aplicação dos princípios do ensinamento de Cristo — quão falsamente praticam as suas exortações!

O homem ergue-o, diante do mundo, à luz do divino e pisa as flores que ele quis plantar no Éden do coração. Tomando "revelação" e "desenvolvimento" como termos sinónimos, Cristo revelou ao homem o futuro brilhante; e a beleza da sua vida, quando plenamente e fielmente exemplificada no homem, serão os grandes e poderosos desvelamentos a que ele aludiu nos seus ensinos; mas a especulação — teológica e também psicológica — há de ser abandonada antes que ele possa ser devidamente apreciado.

Muitos foram os pensamentos proféticos de escritores antigos que mereceriam veneração igual à de Cristo. Malaquias e Zaratustra falaram do luminoso futuro ainda não colhido, quando tirania e perseguição jazeriam no túmulo do esquecimento — e a sua memória vive apenas na história. Muitas verdades residem nas alusões metafóricas de muitos nobres autores cuja grandeza antecedeu, de muito, os desdobramentos de Cristo. Entre Hindus e Persas houve revelações esplêndidas — e também essas caíram no olvido. Confúcio revelou muitas nobres verdades, assentes no inamovível alicerce da ciência; mas, com o tempo, os seus impulsos fundos e nobres subiram ao céu, e Cristo tornou-se o Deus humanizado; e, segundo a alegação dos sacerdotes, na sua expiação repousa a redenção de miríades de gerações ainda por nascer.

É lamentável que a religião tenha sido apartada de todos os outros domínios do pensamento; mas a ciência afirma agora, sem temor, os seus direitos e ajuda o

homem a discriminar entre o certo e o errado — entre as boas e puras inculcações da Bíblia. Na formação da Terra, a ciência declara que a Bíblia erra: quem examina com atenção os restos orgânicos não pode defender o relato bíblico da formação e criação do mundo; por toda a natureza, tem à vista operações orgânicas grandiosas. Oceanos de matéria em fusão existem sob a crosta terrestre; as rochas fossilíferas que hoje subsistem, que sustentam vida animal e encerram plantas, compõem-se de muitas, muitas camadas alternadas e, pela acumulação constante, tornaram-se imensamente espessas, parecendo ter-se formado como as rochas hoje se formam — e, portanto, a sua deposição terá exigido período incalculável.

E, se tais desdobramentos rochosos foram, como se alega, criados por intervenção miraculosa, teríamos de abandonar por completo a lógica da ciência física e destruir o fundamento do raciocínio analógico nas operações orgânicas naturais; mas, se raciocinarmos a partir da ciência geológica e astronómica solidamente estabelecida nesta era, devemos admitir que a Terra foi, em tempos, um estado gasoso e um oceano de lava em fusão; e, admitindo tais factos, concedemos a este mundo limitado uma antiguidade incalculável.

A geologia dá-nos provas de que o homem foi o desdobramento mais tardio e mais elevado da Terra — o mais nobre animal da criação; mostra, também, que a Terra passou — e passa — por espantosa erosão pela ação da água e da atmosfera: a água talhou as camadas mais duras; e esse processo orgânico exige período inconcebivelmente longo.

Ciência e geologia, associadas à religião natural, desfazem, assim, a força das assertivas bíblicas. E é mais razoável supor que o dilúvio resultou de algum processo orgânico do que da vontade direta de Deus, para saciar sede de vingança deificada — ideia essa diabólica e inconciliável com a ordem de Deus, por Cristo: “Retribui o mal com o bem”; nenhum testemunho humano deve levar o homem a crer tais imputações contra a Fonte de toda a beneficência e bondade.

Que o princípio auxiliar — a honra — entre em operação, ó homem; e, enquanto violas as advertências mais enfáticas de Cristo, lembra-te: a tua redenção não consiste na expiação por mera fé, mas repousa na lei pela qual toda ação divina é regida. É tempo — bem tempo — de estancar a torrente do desvio no seu varrido temeroso; imputações vis e longas demais escureceram o céu; pois, em cada ato bondoso, em cada sorriso de verão, revela-se um Deus; e a esperança, arcanjo do deleite da alma, vem auxiliar a difusão do amor de Deus por todos os recantos da vida e infundir, em cada fibra da existência, o suave e dulcíssimo incenso da misericórdia e da caridade que se elevam do altar da Onipotência.

Como o espírito da lufada que aspira a doçura da rosa e paira sobre a sua flor intacta, a suspirar de volta o suave perfume que dá beleza à asa do zéfiro, assim há de o coração humano fazer falar a sua inocência angélica, difundindo brandura e alegria pelas silenciosas câmaras do culto interior; e, contemplando

a divindade de Deus em toda a vasta operação da natureza, o céu abrirá as suas portas de pérola e a alma alcançará a majestade da esperança imortal.

E. C. Dayton

COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO

DE GEORGE MALCOMBE

As comunicações que se seguem foram recebidas em Suspension Bridge, há algumas semanas. O espírito comunicante era desconhecido de todo o círculo a quem se dirigiu. A princípio apresentou-se como um espírito não desenvolvido e usou linguagem condizente com esse carácter, chegando mesmo a tornar-se grosseiro de forma repugnante. Depois mudou de estilo e tornou-se bastante refinado. O seu objetivo, como mais tarde nos fez saber, foi dar uma lição quanto ao tratamento, pelos círculos, de espíritos realmente pouco desenvolvidos e vis, mas que podem ser grandemente beneficiados e recuperados por um trato gentil e amistoso — como, de resto, também sucede nesta vida.

COMUNICADO

Meus caros amigos: nuvens escuras e frias cercam o coração humano. Os seus batimentos não conhecem o calor do amor — tão gelado é o sopro; a alma não conhece simpatia infinita — tão cortantes são as tempestades. O homem tem de viver, arrastar-se pelos ventos amargos da sua existência, destinado, por fim, a derivar como marinheiro onde a gaivota do desprezo canta a sua canção discordante — onde o monstro dos grandes abismos, a baleia do preconceito, abre as mandíbulas como para esmagar o homem entre os dentes.

O coral da afeição entoa os seus cantos no fundo do coração, enquanto os ventos amargos continuam a soprar, levando os ecos para longe do ouvido do pobre marinheiro. A sereia do sentimento profundo troça, em loucura frenética, da última esperança daquela forma agonizante. Ele deriva, deriva; os ventos continuam medonhos — amargos — até que, cansado, se enrola nos trapos que o cobrem e se lança nas profundezas das ondas frias, frias da iniquidade. Os ventos continuam a soprar amargos — quase gelado, as lágrimas do coração, outrora aquecidas pelo amor, pendem como estalactites sobre as águas invernais do Niágara, como se tivessem ficado surdas à voz da sua majestade no estio. Os ventos uivam ainda; o marinheiro afunda-se cada vez mais; por fim, nos antros sombrios do crime, a iniquidade soa tão funesta como as portas de ferro de um velho palácio a ranger nas dobradiças enferrujadas. Nas ruínas do castelo das suas esperanças, vislumbra uma vide verde a enroscar-se nas colunas quebradas.

Contempla-a, fora de si, como se fosse mofa; por fim, a esperança revive. A reação é tão grande que se entrega às caridades das tempestades amargas da vida. A tormenta é tão dura que morre. Desperta mudado. Ainda assim, os ventos são amargos. Onde está? No céu? Julgais que o luminoso céu da alma, com que ela sonhou na vida terrena e por que tanto anelou, poderia mudar instantaneamente os sentimentos do marinheiro, quando a fria desilusão o encontra quase tão amargo como o da Terra? Julgais que, vendo esmagadas as esperanças de um céu radioso, teria ele maiores desejos de ser bom? Perguntai a vós mesmos. Tal foi o meu destino. Vim não para fazer mal, mas para ilustrar fielmente que, mesmo na eternidade, a alma não pode, por mudança instantânea, usar a mais brilhante diadema que luz na coroa de um Deus Omnisciente.

Sempre vosso,

George E. Malcombe.

HISTÓRIA

Fiquei órfão aos dez anos. Meu pai era abastado, mas uma amarga desgraça levou tudo e o pequeno George Malcombe ficou entregue a si, para subir as vertiginosas alturas da ambição ou descer às negras masmorras da infâmia. Aos doze, embarquei num navio com destino às Ilhas Sandwich. Pela honestidade e integridade, fui rapidamente elevado a maiores responsabilidades, até alcançar, por fim, o posto de capitão; durante anos naveguei as águas cambiantes do oceano, até adquirir fortuna suficiente para comprar uma frota. Regressei então a Baltimore, minha terra, onde, de joelhos ainda menino, jurara diante do Céu que não voltaria sem poder ser reconhecido como homem.

O juramento cumpriu-se. Voltei com muito dinheiro; a sua forma cintilante, ainda que paralisante, atraiu o olhar da multidão ativa, e George E. Malcombe era então um homem de honra e pureza. Tendo ouvido falar das terras soalheiras do outro continente, equipei um navio que me levasse até lá. Visitei a Itália e afeiçoei-me muito a uma jovem italiana, cuja doçura de pensamento jamais poderei esquecer enquanto a minha alma conservar o poder de apreciar. Prometeu ser minha, e só minha. Casámo-nos — o navio zarpou. Nessa noite o céu tornou-se temível. Ventos agudos choravam lugubremente pelas aberturas do navio. Os mastros e as velas pareciam fantasmas na meia-noite.

O meu coração, como o navio, revolvia-se e tombava de medo nos seus recessos silenciosos. As muralhas do céu ribombavam de trovões; os relâmpagos rasgavam as trevas. Eu meditava no que fazer. Sabia que o navio estava condenado ao naufrágio. Por fim, uma voz prateada soou no ar noturno. Obedeci ao chamamento e ali, em toda a graça do terror — no horror estampado do medo — estava a minha esposa. “Seria ela perdida?” Se fosse, eu iria também. Atraí-a docemente para mim e pedi-lhe que confiasse em mim.

Disse: “George, confio, como marido — mas não como Deus. Não podes dominar estes furiosos tumultos; e receio que o Céu reclame a tua noiva antes que veja o lar do marido naquela terra de que tanto ouviu — a América.” Choque após choque dizia, bem demais, que o navio batera. Ficámos do lado de fora do camarote. Disse-lhe que aguardasse quieta até eu voltar. Entrei no camarote em busca de um sofá a que a pudesse firmemente amarrar. Mal entrara quando ouvi um estoiro como se o céu desabasse sobre nós. Um grito terrível — e tudo ficou mudo. Num relâmpago voltei; mas ela desaparecera. Talvez algum monstro marinho fosse a sua sepultura, o cortejo de coral os seus carpideiros; e aquelas águas frias e escuras, o ministro que lhe entregaria o corpo ao descanso final com voz mais poderosa do que qualquer língua humana. Perdi-a para sempre, na Terra. Salvei a minha vida — temia a morte, por recear que não houvesse céu onde as almas se reencontrassem.

Regressei à América; peguei num jornal e li o naufrágio de outras das minhas embarcações. Tudo se fora; e, desde esse momento, passei a odiar o mundo, procurando o esquecimento nos crimes morais mais profundos. Não matei nem cometi depredações contra o meu país; mas, no copo social e noutros passatempos próprios do grosseiro, perdi a última centelha de amor e de delicadeza. Tendo uma constituição pouco talhada para tal vida, morri cedo. Os primeiros olhos brilhantes, de expressão amorosa — a primeira forma junto de mim — foram os da minha esposa. Então eu não era digno dela. Depois de tanto crime, não podia elevar-me para viver com ela.

O céu, então, era-me tão amargo quanto a Terra. Tentei morrer, mas não pude; e se dez mil infernos, com as suas lavas ardentes, me envolvessem em chamas, quão grato — oh, quão grato — eu teria ficado. Insisti que não estava no céu! e, exausto, deitei-me para morrer. Acordei do meu pavoroso viver-em-sonho: um navio-fantasma, uma esposa-fantasma — tudo diante de mim na imaginação. Continuava a amar a minha vida fantasma no oceano. Ver sofrimento saciava-me a sede de crime. Regozijava-me nos mesmos corações esmagados.

Amava ainda a orgia da meia-noite — mas tudo era fantasma, não realidade. Vivi assim cerca de um ano até que, um dia, adormeci. Ao despertar, cercava-me um coro de anjos a cantar uma música tão doce que esqueci a vida de fantasmas e rejubilei por não ter morrido. Desde então avancei até agora. Vago pelo vasto oceano da imensidade, onde a sereia do amor entoa, eternamente doce, os seus cânticos a Deus nas alturas. Tendes a história toda; deixo o meu destino nos vossos corações — à sua caridade — esperando esquecer para sempre os fantasmas e viver apenas nas realidades indestrutíveis.

Sinceramente,

George Malcombe.

BÊNÇÃO

Recebei os votos amáveis de George. Ele agarrará com mão de ferro os elementos em guerra da contenda e susterá os ventos amargos do preconceito sem remissão. Recolherá conchas do oceano da eternidade para pavimentar os vossos caminhos daqui em diante, enquanto a gaivota da caridade dedilha a sua lira e a sereia da afeição canta os seus cantos marinhos. A alma tranquila volve-se ao céu, como o coral do amor que, na sua grande obra, há de elaborar — a partir do pequeno seixo do coração — a poderosa rocha da alma imortal, que permanecerá firme para sempre, enquanto ondas de tom dourado lhe beijam docemente o seio, embalando-a num repouso ainda mais profundo de beleza eterna e valor **majestoso.**

Boa noite.
George

CONFERÊNCIA N.º 12

POR STEPHEN R. SMITH

Esta conferência foi suscitada pelas conversas referidas noutro lugar.

CASAMENTO

Há uma conexão universal de todas as coisas por uma adaptação natural e espiritual de atração. No vasto império da criação, existem combinações de átomos, desenvolvimentos químicos e compostos geométricos, reunidos por afinidade natural; e não é incoerente afirmar que as inteligências são aproximadas umas das outras por desenvolvimentos correspondentes, ou pela atração natural da mente humana. Que o refinamento e o desenvolvimento atraiam relação semelhante é lei estabelecida da natureza e da Divindade.

Assim, no mundo dos espíritos, cada mente procura o seu par pelas leis da afinidade; e essa deveria ser a lei que rege a mente humana, pois toda a mente possui individualidade própria e distinta. Observando a continuidade das ligações em sucessão determinada — mas de todas as variedades — facilmente se distingue a origem da discórdia e infelicidade entre indivíduos unidos pelas leis constitucionais do vosso país, e não por adaptação espiritual em conformidade com as leis imutáveis de Deus.

Na organização física, concentram-se os vários atributos das ordens separadas e distintas dos animais; e é a natureza interior que confere à Alma preeminência, na eternidade, sobre a mente não desenvolvida — não os elementos exteriores da construção humana. Mentes em harmonia podem desdobrar, no homem interior, novos atributos que lhe pertencem por natureza, mas que permanecem por desenvolver para a aquisição de cultura mental. Se

as mentes recorressem sempre ao desenvolvimento interior — à propensão mostrada na sua tendência natural para amar e admirar — o grosso das uniões infelizes estaria hoje a elevar-se mais alto e mais depressa em felicidade; embora nenhum desenvolvimento possa transcender a sua posição em qualquer estado de existência. Não é por inexistir relação natural entre companheiros não afins que eles se tornam discordantes e se divorciam; é por falta de cultivo do princípio interior do certo e do errado. Pelas leis omnipresentes de Deus, tem de haver, em toda a alma humana, qualidades e atributos eternos que, se cultivados e refinados, fariam dela outro indivíduo — outra mente.

Talvez não existam, na existência material, duas mentes em que todas as faculdades se fundam intimamente numa harmonia perfeita de ação material. Porém, ainda que alguém sinta profunda simpatia por um dos membros de um casal unido pelas leis do seu país, e que, nos dias juvenis, manteve relação espiritual mais harmoniosa, não só seria ímpio diante dos homens que alguém causasse a separação — ou que eles próprios se separassem — como seria transgredir as leis do ser e da natureza. Tomemos, por exemplo, duas flores da mesma espécie e coloquemos as sementes em solo afim: vemos os elementos da vida manifestar-se ao emergirem do seio escuro da natureza para receber a influência da luz solar e os demais elementos necessários ao seu desenvolvimento.

À medida que se refinam e se desenvolvem, descobrimos uma mais perfeitamente desenvolvida do que a outra; e pela ação constante dos elementos da vida sobre os princípios interiores dessas flores, vemos uma progredir mais rapidamente do que a outra em beleza e perfeição. Enquanto uma está em plena floração, a outra pode ainda estar em botão. E por que esta diferença marcada de desenvolvimento?

Porque na que progride mais depressa estão concentradas a essência e os princípios mais perfeitos que constituem a vida e o desenvolvimento da sua construção harmoniosa; e a sua capacidade de refinar, ao receber nas qualidades interiores as propriedades da natureza, excede a da que permanece ainda em germe. Mas será que, por uma flor se desenvolver mais rápido do que outra, se prova que não há relação material entre as qualidades e propriedades da vida que são postas em conjunção pelo seu desenvolvimento progressivo? Não há prova positiva de inexistirem atrações espirituais nessas flores só porque divergem no desenvolvimento.

Assim é com a mente humana: pode estar concentrado, numa mente, o conjunto de atributos e propriedades da vida eterna que, se cultivados e desenvolvidos — recebendo a essência e as qualidades de atributos correspondentes que emanam do Grande Poder Criador — a farão progredir em inteligência e sabedoria mais depressa do que a mente que escolheu por companheira para partilhar as vicissitudes e alegrias da vida humana. Tem de existir um princípio — animal ou espiritual — que aproxima dois indivíduos. Se for o princípio animal que os atrai, então o desenvolvimento progressivo da

natureza espiritual esgotará, por fim, os elementos da animalidade e cada mente despertará para a sua verdadeira condição. Ansiarão, então, por companheiros mais espiritualmente desenvolvidos; e, sondando as profundezas do próprio ser interior, verão que o eu espiritual tem estado agrilhoado na escuridão pelo egoísmo de uma natureza mais depravada.

Nesse momento, a mente de um dos companheiros começa a desdobrar-se em cultura mental e as faculdades espirituais começam a desenvolver-se em beleza e perfeição, enquanto, talvez, as faculdades associativas da outra mente se vejam travadas no desenvolvimento pelas forças e ação de uma natureza animal; daí que essas duas mentes possam não harmonizar. Se não harmonizam, deverão divorciar-se?

O objetivo de todo casal deveria ser estudar, em conjunto, as leis que regem as suas simpatias e afeições e procurar a fonte da infelicidade e da relação desarmoniosa, se existirem; pois hão de existir, nas suas mentes, qualidades e faculdades comuns — ainda que não detetáveis no estado atual de desenvolvimento espiritual. Se dois indivíduos, por falta de cultivo espiritual e de capacidade para discriminar entre o certo e o errado, se divorciam quando têm filhos — que, pelas leis de Deus, reclamam o direito inalienável à proteção e conselho de um pai e à ternura e afeição de uma mãe — tal ato é intolerável para qualquer mente e não está em harmonia com as poderosas leis do Ser Divino.

A criança é parte do ser dos pais e herda qualidades, faculdades e elementos da sua natureza; e, se os pais se separam, supondes que esse pequeno ser inocente, a quem deram, pelas leis de Deus e da natureza, existência eterna, não suspirará pelo conselho de um pai ou pela ternura de uma mãe quando o deixaram às simpatias de um mundo pouco caritativo por falta de cultivo interior? Será tal ato harmonia, ordem e elevação espiritual? Estará a separação de marido e mulher em consonância com os princípios integrais estabelecidos pelo poder do Deus Todo-Poderoso?

Se assim fosse — e se isto fosse ensinado ao mundo, e o mundo o aceitasse — mais de três quartos das uniões atuais desfazer-se-iam. Este e aquele sairiam à procura das suas supostas afinidades espirituais para, decorrido o tempo, descobrirem que os novos parceiros carecem das qualidades e princípios instintivos que desejavam encontrar. E assim andaria o mundo, e assim os casais continuariam a divorciar-se, até que a desonra e a iniquidade afogassem as belezas e harmonias que poderiam existir, se a mente estudasse as leis da afinidade e da atração.

Se estão casados, devem esforçar-se por conhecer a origem da sua infelicidade e instruírem-se mutuamente. Se uma mente excede a outra em desenvolvimento, não deve abandonar a menos refinada, mas comunicar-lhe o conhecimento adquirido nos estudos da natureza e da existência e conduzi-la em sabedoria e bondade. Se não estão casados, devem procurar um companheiro equivalente em cultura mental e refinamento espiritual, e não a satisfação de uma ambição vã ou do orgulho.

Deveria ser o objetivo, de homem ou mulher, embora desejem a sabedoria e a simpatia de outro, procurar promover a felicidade um do outro; e, pelas leis da natureza — escritas em todas as coisas pelo poder inexaurível de Deus — receber a segura certeza de que a incompletude da vida presente não será eterna, mas que, uma vez imortalizado o espírito, ele se unirá, ao longo das eras — se não já — de modo espiritual e puro ao princípio da sabedoria ou ao princípio do amor, que significam masculino e feminino.

Em toda a criação e economia de Deus, a qualidade procura qualidade correspondente e assim sucessivamente, ao longo de todos os processos de desenvolvimento, até que o mesmo princípio se ultime em inteligências. A existência material é imperfeita; por isso o homem é imperfeito, pois tem organização material ou física que impede os sentidos interiores — as capacidades espirituais — de viverem à altura e apreciarem as verdadeiras leis do ser.

Assim, não é capaz de escolher o seu companheiro eterno; e é vil e cruel impor a outrem, de mente mais fraca, a crença de que ela é sua companheira imortal, se laços a prendem a outro. É sem coração que uma mente forte atue sobre a mente mais fraca de uma pessoa casada, despertando nela sentimentos de admiração e respeito e afastando-a daquele a quem, perante o Deus Todo-Poderoso, prometeu amar e honrar. Mas a verdade, em parte alguma, é arbitrária; e virá com força sublime para remover as falsas ideias que hoje habitam nas mentes mais fortes do vosso planeta escuro.

Vosso, com sinceridade,
Stephen R. Smith

CONFERÊNCIA

PELO ESPÍRITO DE MRS. HEMANS

COMO DEVEMOS VIVER

Os séculos, como sombras, vêm e vão. A natureza humana tem sido, há muito, sujeita à vontade do homem. O monarca governante, o tirano severo, controla a sua nação por leis arbitrárias, enquanto muitas mentes livres e ativas sofreram destino de mártires, até que a natureza humana, ao expirar, se tornasse como pedra inerte — fria e imóvel — enquanto a alma buscava o seu lar nas alturas. De novo, organizações mentais e físicas, de constituição e feição diferentes, assentaram a sua fé espiritual nos ensinamentos indefinidos de homens que, em eras primitivas, eram mais semelhantes ao selvagem da floresta do que a seres inteligentes, nada sabendo de Deus e das suas obras para além do que sabe a mente mais simples.

Dos ensinamentos desses homens nasceram as diferentes denominações religiosas que hoje existem sobre a face da Terra. As igrejas têm as suas leis

estabelecidas, e muitas mantêm em cativeiro as faculdades interiores da mente humana; pois, se uma mente descobre uma religião na organização perfeita e magnífica da natureza, não tem direito de receber ou inculcar as suas verdades — ao fazê-lo, viola as leis constitucionais da sua própria igreja e será excomungada por exercer a razão e o intelecto ao contemplar a verdadeira Palavra de Deus.

Também, em idades passadas, intelectos foram desenvolvidos e ensinaram a um mundo pecador que Deus era a fonte e causa de todas as criações, convencendo muitas mentes sinceras das verdades do progresso espiritual e intelectual.

E como devemos viver? Enquanto comunico convosco, oiço vozes de anjos a sussurrar a poesia da terra dos espíritos. Elas respiram sentimentos de beleza prosaica; sondam profundamente as leis da filosofia e da ciência; e a harmonia e a ordem enchem cada mente de emoções profundas e sentimentos de simpatia. À medida que cada mente progride, para sentir que o perfume de alegrias mais doces cai como orvalho sobre os seus pensamentos puros e santos, a grande fonte da vida abre-se e confere às mentes imortais o seu nobre destino através das eras infindas do progresso infinito.

Cada espírito segue o curso do pensamento e do sentimento; e, se espíritos menos refinados lutam nas trevas, eles ensinam-lhes as leis do seu ser — os princípios do seu destino último — e aconselham-nos a sondar profundamente as maravilhosas operações da Mente eterna; e as qualidades interiores incultas do seu próprio espírito começam a desdobrar-se e a desenvolver-se sob a luz pura e santa da influência Divina.

No céu, cada semblante se adorna de sorriso; cada mente se enfeita de pensamentos eternos e belos; e, enquanto os espíritos procuram algum recanto frondoso — alguma cascata murmurante, algum regato falador — e, contemplando flores belas e imortais, eles recebem uma lição de sabedoria e pureza. Essas belezas eternas do céu e da natureza mostram-lhes a inesgotabilidade do poder de Deus nas suas inumeráveis criações; e também lhes mostram a bondade e a perfeição de Deus nas dádivas de amor e misericórdia concedidas a todo ser vivo.

Na morada dos espíritos temos música tão doce e amável que cai sobre a alma como a simpatia sobre o coração desolado; e, quando um grupo de seres celestiais se encaminha para alguma das sublimidades da natureza e da imortalidade, para gozar a sua influência benéfica, ouvem, de esferas superiores, altos acordes de melodia que parecem exalar os gozos ricos e grandiosos — puros e sublimes — daqueles que entoam hinos celestes para atrair o espírito ainda não refinado cada vez mais alto, em sabedoria e bondade.

Ah! ainda que a forma murche e pereça, o espírito alça voo para uma terra mais luminosa, onde encontra lar eterno e verdadeiro altar de culto. As flores da Terra podem vergar e fenecer; mas a jóia do espírito é transplantada para

solo mais rico, para florescer e nunca morrer. Embora o círculo do lar fique privado de uma mente pura, a cadeira vazia na Terra fala de um lar no Céu, onde amor e harmonia reinam soberanos por todo o reino espiritual. Assim vivem os habitantes do céu — e como deve viver a família humana? Deverá a alma humana troçar das vestes rotas do indigente? Deverão os orgulhosos e altivos franzir o sobrolho aos mansos e humildes? Deverá a mente não desenvolvida amaldiçoar o seu amigo porque ele erra? Deverá a mente fraca abominar e macular a palavra de Deus?

Oh! não nos pergunteis pelo destino do homicida que sufocou, no próprio peito, o princípio do amor e da misericórdia, para esconder os elementos e as belezas do seu ser espiritual. Não nos pergunteis pela condição daquele que participa da bebida maldita, e que cambaleia para casa ao encontro de um coração que, na juventude, palpitava docemente ao recebê-lo — peito outrora almofada macia para a fronte cansada, mas que agora chora em vez de se alegrar ao som do seu passo.

Não — não pergunteis pela sorte de quem não tem piedade nem amor por si próprio e prossegue imprudente, sufocando as perceções interiores e espirituais do seu ser, que, por natureza, tentam penetrar a massa da iniquidade terrena, mas não podem. Tais mentes não se contorcem em agonia eterna; embora a natureza animal possa ter sido desenvolvida, quando essa é posta de lado, o ser espiritual está apenas na infância. Tem de estudar os rudimentos da pureza; e nunca mais poderá violar as leis da existência, ainda que volte a ansiar pelas suas associações terrenas.

Então, embora a natureza humana seja imperfeita, não deveria cada alma viver para amar e contribuir para a felicidade dos seus próximos? Não deveriam limpar a lágrima da face febril do indigente, assim como humedecer os lábios ressequidos do poderoso monarca? Não deveriam todos procurar fazer o bem aos companheiros e semelhantes? E, se o coração humano sofre de pesar, não deveriam o bálsamo da simpatia e as gotas de orvalho da afeição ser concedidos para despertar à ação aquelas faculdades que jazem, profundamente, na alma?

O arco-íris que estende o seu arco pelo firmamento, com as suas cores variadas e belas, pode deleitar o olhar — mas é tão fugaz quanto os momentos alados. Assim são os atrativos da vida humana. A beleza pode agradar à vista, mas todo objeto e inteligência da natureza e da criação devem ser apreciados e compreendidos pelas suas virtudes inatas, qualidades eternas de mente e desenvolvimento definido.

Ó vós que ainda permaneceis numa existência imperfeita, vivei de modo que a bela música das cantorias imortais recolha, no seu último acorde, a melodia da vossa própria alma, enquanto ela sobe até à grande fonte da vida. Os amigos da eternidade cercam-vos, murmurando palavras brandas de consolação; e deslacram os recessos secretos da alma, expondo-os para que todas as mentes possam analisar as faculdades neles contidas e vos estimar segundo as vossas virtudes inatas. Seres de simpatia e amor descem suavemente dos

seus lares felizes no Céu ao vosso mundo de sol e sombra, para convocar os sentimentos mais profundos da vossa natureza, a fim de que as vossas faculdades espirituais sejam devidamente cultivadas e aprendais a viver uma vida santa — amando e instruindo os que erram, mostrando-lhes um existir mais alto e feliz nos reinos da bem-aventurada imortalidade.

Vivei praticando os princípios da virtude e da moralidade, para que possais exalar os sentimentos da verdadeira religião, obedecendo às puras inspirações da vossa própria mente. Vivei para dar consolo ao enlutado. Vivei para aliviar as dores da doença física e moral. Vivei de modo que, quando a natureza se exaurir, o vosso espírito possa ascender às alturas e os anjos entoem cânticos de melodia, e todo o Céu exclame: “Muito bem, servos bons e fiéis; entrai no reino de vosso Pai.”

Fervorosamente vossa,
Mrs. Hemans

PALESTRA DO ESPÍRITO DE SAMUEL YOUNG

A CIÊNCIA APLICADA À RELIGIÃO

E CONTRASTADA COM A TEOLOGIA MODERNA.

Nunca houve tanta liberdade moral, mental e religiosa manifestada ao longo de todas as eras da existência da Terra como na presente época. Nunca existiu tanta bondade efetiva e amor universal como agora; e não tardará para que o homem compreenda a sua proximidade e amizade imperecível por esse estado superior de existência para além do mundo material.

A ciência aplicada à religião está a desvendar, a partir dos princípios de toda a teologia, a verdade sublime e prática de que todas as causas e efeitos que decorrem constantemente no ilimitado universo da natureza devem ter sido criados por alguma Causa Primeira Positiva; e o grande problema a ser resolvido, percebido e compreendido é: existe um Ser infinito e imutável cuja organização é perfeita?

E, se esse Ser é a causa original de todos os efeitos, a ciência levar-nos-á de novo a indagar: será o originador de todas as causas e efeitos um Ser individualizado e eternizado distinto, de quem todas as coisas derivam a sua existência, e se, através da Grande Mente Positiva, todas as ações, movimentos e princípios da natureza têm primeiro de passar para chegarem a um estado de vida natural numa existência material? Na estrutura de todo o universo manifestam-se várias proporções geométricas, harmonizando em ordem e completude.

Cada partícula de matéria, cada força natural e cada ação vital têm a sua harmonia de posição, densidade e movimento no império ilimitado da criação visível, e levam a mente raciocinadora e contemplativa a indagar o que faz

existir a relação recíproca e a atração coesiva entre cada átomo existente, e por que razão esses átomos, pela gravitação, acabam por se ultimar em corpos superiores de matéria refinada. Percebemos, ainda, as relações químicas sublimes e a perfeição de compostos individualizados que adornam a vasta extensão da natureza universal. Admiramos as composições químicas e geométricas e a sua constante mudança de matéria e vida, juntamente com a ordem e beleza invariáveis de todas as formas ascendentes, desde o desenvolvimento mais simples até à inteligência do homem.

Contemplamos, nas manifestações e operações primitivas de todas as criações, uma perfeição de desenvolvimento e a tendência natural de cada átomo existente a separar-se ou a coalescer segundo a existência de relações correspondentes. No homem concentram-se aqueles princípios de relação, igualdade e justiça distributiva que o constituem um ser de inteligência equivalente e perfeição de organização mental e espiritual. Pelas manifestações de inteligência progressiva, o homem está acima de todas as formas repetidas, e as suas faculdades de razão, perceção e sabedoria demonstram-no como o mais alto corpo e representante da criação universal, sendo, por alguma lei natural invisível, distinto de todos os outros seres individualizados, capaz de compreender diversas verdades e ciências pelas quais se determinam as suas relações interiores e externas, e as suas aspirações se habilitam a meditar sobre a sua individualidade eterna.

A ciência prova que o desenvolvimento é um elemento integral da alma humana; e, como toda a outra faculdade e elemento associativo na organização e construção mental do homem, desenvolve-se em várias formas de manifestação, desdobrando assim os princípios inatos da alma humana, de modo que o homem fica apto a compreender o mundo da matéria e o mundo da mente. O mesmo princípio que une quaisquer duas partículas, compostos ou mentes constitui a verdadeira religião da mente humana.

Ora, surge na mente filosófica a ideia: se a progressão e o desenvolvimento são as funções legítimas da criação visível e invisível e são o poder de ultimação do refinamento—se, por causas naturais, produzem-se efeitos na mente, e se, de uma fonte desconhecida, o homem se vai tornando ainda mais inteligente, não haverá leis, causas ou efeitos que tornem o germe do seu ser interior um homem ou espírito eternizado e distinto, depois de as forças vitais da organização física se verem esgotadas pelas influências absorventes da doença?

O homem é um agente moral livre e independente. Não há leis de Deus ou da natureza que o obriguem a colocar a sua alma sob a proteção de outras mentes. Os elementos e as faculdades da mente humana são mais poderosos, e as forças das revoluções da mente são maiores, do que os elementos da natureza. Assim, quando os poderes associativos e atrativos da natureza absorvem a matéria que constitui a organização física, não podem absorver a matéria da construção mental; pois a matéria da mente é mais forte e mais sublimada do que a matéria que constitui os elementos da natureza. Portanto,

mente busca mente. Mente é inteligência e busca inteligência; e, como já não pode manter a sua identidade sob a forma humana, procura a forma espiritual, sendo a sua identidade a mesma, com toda a influência materialista afastada e substituída por poderes espirituais. A forma espiritual é o nosso desenvolvimento anatómico e é uma substância vital que possui funções específicas para a sustentação da vida espiritual.

Nos tempos primitivos do Cristianismo, a mente humana supunha universalmente que uma certa classe de homens deificados recebia constantemente conhecimento ilimitado de alguma fonte desconhecida; e a mente não instruída impôs a si mesma, voluntariamente, sombrias encarceramentos e cerimónias tirânicas; mas os séculos rolaram e a mente tornou-se mais inteligente, e demonstrou a inutilidade e a falsidade de crenças longamente acalentadas por milhares de mentes, e investigou, com ousadia e sabedoria, esses alicerces carcomidos da religião.

Em idades passadas houve as pirâmides, as catacumbas e os tabernáculos, onde mentes superiores eram adoradas por mentes inferiores, como o vivo poder capaz de salvar as suas almas da aniquilação ou da perdição. Trazei essas crenças obscurecidas aos professores clericais do século XIX, e elas produziriam discussões das mais complexas e improfícuas. Contudo, esses dogmas não eram destituídos de significação interior, pois eram proféticos da queda da superstição e do erro, quando a mente viesse a desenvolver-se para compreender e apreciar as verdadeiras leis de Deus e da natureza.

O preconceito tem impedido as operações primárias do verdadeiro cristianismo e ainda tolhe as operações presentes da verdadeira religião, pois proíbe o homem de aplicar a ciência a Deus e à existência espiritual, ao passo que a ciência e a filosofia constituem o próprio fundamento da verdadeira religião e são os poderes essenciais para desvelar ao homem as qualidades e os princípios da sua própria organização mental e física.

Através dos tecidos históricos das eras idas, o intelecto mal orientado cansou-se de tais sentimentos religiosos desconformes, e a mente mais forte e científica quebrou as suas correntes do cativeiro religioso, enquanto mentes fracas e preconceituosas permitiram que se lhes pusessem grilhões e assumiram uma posição de antagonismo positivo. Assim, no século XIX, encontramos o homem acorrentado pela servidão dos credos teológicos.

O clero está armado contra o clero, e seguidores contra seguidores; mas a mente geral gradualmente perderá a sua simpatia por uma teologia longamente venerada e antiquada. Olhará para as suas próprias qualidades e descobrirá aí leis que regem cada objeto da natureza e da criação, e tomará consciência da sua liberdade mental e religiosa.

Neste dia de ciência e maravilha, os homens estremecem à ideia de aplicar a ciência à religião; mas, se refletissem e contrastassem a sua crença com uma religião científica, veriam belezas mais sublimes nos objetos da natureza; e, quando vissem a flor abrir as suas pétalas para receber as gotas de orvalho

revigorantes, se pudessem meditar e interrogar as profundezas da sua própria mente para saber que princípio ali estava estabelecido, encontrariam a expressão legítima da natureza e a cultura mental ou espiritual exemplificada.

Se, ao serem conduzidos sobre vastos corpos de água, os homens se dedicassem a saber que princípio faz a vaga ceder à vaga, e que causa produz a guerra dos elementos da natureza, em vez de dizerem que pertencem a Deus e que não devemos conhecer a fonte da sua ação ou movimento, encontrariam uma fé mais nobre, uma verdadeira religião, estabelecida nas suas mentes. Não, eles não consentem em aplicar a lógica e a ciência à existência espiritual; e assim a mente fanática resolve-se em adoração idólatra de um Ser Supremo de quem nada sabem, e diariamente, sim, a cada hora, estão a impedir a operação das Suas santas leis sobre a mente humana.

Estão a esmagar a palavra de Deus, o sagrado corpo da verdade, ao recusarem obedecer às Suas direções tal como estão gravadas na alma humana e em todas as coisas animadas pela vida natural, em vez de recorrerem ao padrão imutável e incomensurável da natureza e da razão. A natureza é o efeito e Deus a causa, e não por desígnio direto ou imediato, mas pelas operações das Suas leis naturais e imutáveis é que se governam as combinações universais de mente e matéria.

O homem deve esforçar-se por conceber ideias mais amplas e elevadas de Deus, da natureza e do mundo espiritual, e deixar que os sentimentos nobres e gloriosos, benevolentes e puros da sua alma fluam para conceções mais altas de Deus. A verdade e a natureza foram mais plenamente reveladas neste século do que em eras passadas; mas persistem ainda as poderosas restrições da vida social e civil, e a verdade é manietada pela opinião popular. Contudo, nas câmaras secretas do coração humano, há sentimentos que apelam ao amor e à sabedoria infinitos e ilimitados de Deus e procuram as causas e realidades que embelezam e adornam a existência humana.

A conceção humana é demasiado limitada para compreender o desenvolvimento da Terra ou para ler a história cronológica do universo divino, cujas dimensões incomensuráveis nenhuma mente, exceto a de Deus, pode computar, cuja beleza e magnificência assombrosas palavra alguma pode exprimir. Haverá um mundo futuro? Contemplo a minha identidade mantida aqui, mas nunca vi Deus, e não sei, exceto pela razão e pela natureza, que há um Deus. Mas o tempo avança, e a ciência desvelará a todo o intelecto verdades e leis que agora jazem encerradas no seio da natureza, as quais desafiarão toda a superstição teológica e revelarão ao homem o verdadeiro caráter de Deus e da Sua religião.

Vosso muito sincero,
S. Young

Palestra do Espírito de Sarah B. Judson

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Entre as silenciosas e solenes contemplações do poder e da beneficência de Deus, a mente humana torna-se inspirada por pensamentos elevados e sagrados. Acende-se no coração humano uma devoção impressiva, que atrai as afeições para esse Ser incompreensível que dirige e controla todas as coisas. “Amai-vos uns aos outros” é o ensino e o mandamento de Deus. É uma lei de perfeição infinita e mantém uma ligação simpática e imediata com a mente humana e imortal, cujo desígnio último é comunicar felicidade, nas suas várias formas, às ordens de seres desenvolvidas de modo diferente, tanto na Terra como no Céu.

Amai-vos uns aos outros é uma lei gravada no rosto da natureza e em todas as criações gloriosas e incontáveis existentes. É uma relação harmoniosa de espírito com espírito, no mundo superior, e caracteriza a mente imortal com faculdades nobres e eternas que são constantemente ultimadas em desenvolvimentos superiores e mais refinados. Há algo de delicadamente comovente e belo nesta lei divina, que envia a sua influência nutriente à raiz mais profunda da felicidade humana, unindo indissoluvelmente a cadeia da afeição entre mente e mente e contribuindo de forma essencial para o desdobramento e o refinamento dos poderes e faculdades da alma humana, seja a de uma criança inocente, seja a de um indivíduo idoso cujos cabelos grisalhos vão caindo, como as folhas do outono, do castelo do pensamento.

Todos devem amar o tenro infante e ensinar a sua débil mente a receber as purezas e belezas da moralidade, infundindo na sua pequena alma as devoções e virtudes da verdadeira vida cristã. Todos devem amar os idosos. Talvez tenham sentido as injustiças e os agravos do mundo, e a sua condição de decrepitude deve clamar alto para que os ameis; e, à medida que os elementos sustentadores da vida humana se vão enfraquecendo, deveis velar junto do leito e apontar o espírito para as realidades de um mundo mais belo— de um clima mais solarengo, onde os anos não sulcam o semblante, onde o tempo nunca deixa a sua marca ressequida, mas onde as faculdades da alma estão sempre frescas e as afeições sempre profundas e duradouras. É coisa temível banirdes de vós um ser humano.

É verdade que há leis naturais de atração e repulsão pelas quais se medem as simpatias e as amizades humanas; e há também muitas mentes que se detêm nas fragilidades e imperfeições de outras mentes, em vez de buscarem os traços redentores de carácter e as faculdades espirituais e, com bondade e ternura, desenvolverem esses princípios eternos para que o ser interior se erga acima do eu exterior.

Isto é demasiado característico da mente humana; e, ainda hoje, nenhuns sentimentos religiosos, nenhumas leis nem ensinamentos aperfeiçoaram de tal modo a natureza do homem que o habilitem a ver o mal e a crueldade que inflige a outras mentes com as constantes, desgenerosas e duras

exteriorizações da sua própria natureza fraca. Que golpe pode ferir mais mortalmente o coração humano do que a palavra descuidada proferida pelos lábios de um amigo querido? Nada há sobre a face da Terra tão gélido e devastador para as qualidades mais sagradas da mente como as reprimendas constantes e as falta de bondades que caem diariamente, sim, a cada hora, sobre milhares e milhares de corações humanos.

Tais caracteres combativos e impetuosos pertencem mais à natureza animal do que à espiritual, pois os seus pendores são desumanos; por isso é essencial que o homem tenha algumas leis e princípios desvelados à perceção exterior, para que as suas ações participem mais da influência moral e espiritual—das qualidades e da essência interiores—dos pensamentos inatos e instintivos da alma, de modo que a mente humana possa contemplar as vastas criações diante de si com novas meditações que elevam e expandem a alma, sobre a mente suprema e sobre o mundo natural e espiritual que habita.

Amai-vos uns aos outros é uma lei da Divindade; e a sua influência sobre a mente cria aspirações na alma generosa do homem e encaminha os seus pensamentos para a imortalidade e a felicidade eterna. Entrai no santuário silencioso e santo do vosso próprio coração e orai a Ele, o Pai de todos, para que possais compreender a Sua santa lei; para que possais amar a flor mais simples, o vale mais baixo e a montanha mais elevada; para que possais amar a mente mais fraca tanto quanto a altamente espiritual e vos sintais inspirados a ensiná-las no caminho da sabedoria e da pureza.

O princípio de associação é uma manifestação infinita da Mente Divina e flui do grande coração da natureza para as qualidades e a essência da vida orgânica e do desenvolvimento mental. Assim é que a alma humana procura o que lhe é semelhante a partir do princípio de associação e de atração; contudo, quaisquer duas mentes possuem algumas qualidades correspondentes de atração, e todos devem esforçar-se por buscar o bem e expulsar o mal de cada mente, aprendendo a ser bondosos e a amar-se uns aos outros. Não há coração tão insensível que não albergue algumas afeições suaves.

A fronte não é a morada do franzir do sobrolho, nem o olho brilhante o lugar próprio da lágrima que irrompe, pois a natureza disse que, dentro da forma exterior, há um pequeno germe apontando continuamente para um solo melhor, prosseguindo ainda em inteligência e afeição enquanto está na Terra. Então, vós que credes que a alma humana é guardada por seres vigilantes de outro mundo, esforçai-vos por ser bondosos e gentis para com os que erram.

Falai-lhes das verdades do seu próprio ser—das glórias e belezas de outro mundo—do Pai Supremo; e isto despertará nos seus corações um impulso de gratidão; e, de dentro do eu interior, a promessa orante subirá até Ele, o Governante de tudo: Ó Pai! Eu procurarei cumprir a tua santa lei: amai-vos uns aos outros.

Afetuosamente vossa,

Sarah B. Judson.

Há uma circunstância algo notável ligada à receção da seguinte palestra, vinda do espírito do Professor Dayton. Há cerca de dez dias, estando em casa do Sr. Brooks, depois de recebermos uma comunicação de um espírito, conversávamos sobre as palestras filosóficas do Prof. D., quando manifestei o desejo de que ele nos desse uma palestra sobre as pancadas e a comunicação espiritual em geral.

Parece que ele estava presente, embora desconhecido para nós, pois, quando iniciou esta palestra, que deu unicamente através da Srta. Brooks, disse-lhe que a palestra que estava prestes a proferir era em cumprimento de um desejo que ouvira eu expressar. Isto é prova de que nada se passa entre nós que escape à atenção dos espíritos dos amigos falecidos.

E que lição impressionante deveria isto ser para todos nós, para que regulemos as nossas conversas e a nossa conduta de modo a não entristecermos essas mentes puras e desencarnadas que pairam constantemente ao nosso redor e que se esforçam, por todas as boas influências que podem exercer, por tornar-nos semelhantes a elas e preparar-nos para ocupar uma posição elevada na vida que nos aguarda ao fim de mais alguns dias de jornada.

Palestra n.º 8 — por Edgar C. Dayton,

AS BATIDAS

O tema da comunicação espiritual é de vasto e inconcebível significado. É um tema que reconhece o princípio de uma progressão incessante e eterna e segue a alma para cima e para diante, até que ela parece perder-se no vórtice da sabedoria e glória imortal que flui da Mente Omnífica e permeia o universo imensurável. Durante séculos, a mente humana nutriu a mais profunda e solene reverência pela Bíblia. Ela tem sido considerada intrinsecamente sagrada, cada frase sendo um reflexo direto da Divindade. Aqueles que rejeitaram a Bíblia como o padrão fixo e inamovível de todo o pensamento e ação são chamados infiéis e hereges. Cada época traz à luz, de alguma fonte oculta, leis e princípios antes desconhecidos do saber e da compreensão humana.

Faz apenas um breve período de tempo desde que as pancadas foram descobertas, e, por meio desse simples som, o mundo foi despertado para a investigação dessas leis puras e sagradas que provam que as almas dos homens vivem num mundo melhor. No entanto, muitos — muitíssimos — espíritos e mentes bem desenvolvidas e científicas detestam essas pancadas. Mas o que é que tantas vezes faz o coração bater mais depressa quando se ouve aquela pancada familiar à porta? Por que razão os impulsos do coração acolhem o visitante? Porque talvez essa única pancada tenha sido feita por um amigo querido que reivindica um lugar dentro das afeições e simpatias daqueles com quem procura associar-se. Talvez seja um pai ou uma mãe, um

irmão ou uma irmã, um filho ou uma filha que procuram a porta do lar, em busca de uma entrevista calma e afetuosa com o seu filho, irmã, pai, mãe ou amigo. Abrem o mais íntimo do coração ao ente amado e bebem na fonte pura da simpatia. Então, por que detestar as mesmas pancadas familiares, quer sejam feitas à porta, na mesa ou noutro lugar?

Que há de tão inerentemente mau nas pancadas feitas sobre a mesa, quando elas manifestam a mesma inteligência e afeição que quando feitas pela mão física à vossa porta? Será porque os vossos pensamentos se voltam para o túmulo solitário ao contemplardes a alma dos vossos amigos falecidos? E será que o túmulo encerra amargos temores, que enchem a vossa alma de pavor diante do pensamento feliz de que o vosso amigo ainda convive convosco, inspirando na vossa alma sublimes temas de reflexão e revelando à vossa compreensão as belezas e glórias do seu lar imortal?

Se assim é, então meditai e estudai profundamente as leis imutáveis do vosso próprio ser, que são a influência dirigente e última da mente eterna, quando levada a esferas mais elevadas de desenvolvimento. Quando escutais as pancadas produzidas por uma agência invisível, e essa inteligência invisível prova ou se identifica como o vosso amigo falecido, e se a vossa alma treme de medo perante esse simples som, pensai que as mesmas emoções das qualidades interiores se manifestam por meio da pequena pancada, embora agora mais perfeitamente e com mais sabedoria desdobradas, e que o espírito não vos fará mal, mas anseia por vos falar da sua individualidade eterna, por vos lembrar uma feliz reunião no lar imortal dos espíritos.

Pois, no seio mais profundo do espírito ainda pouco desenvolvido, flui uma luz doce e tranquila que parece ser o próprio elemento da vida; tão pura e tão sagrada, e, contudo, tão vivificante é a sua respiração; e, à medida que essa luz penetra nas profundezas do coração e expande a sua influência pelas qualidades interiores da mente, o germe do ser espiritual desabrocha e expande-se, sendo ultimado numa perfeição mais gloriosa. A alma, como as flores, se abafada ou confinada na escuridão, deixa de expandir-se e de desenvolver as suas propriedades interiores; mas, quando exposta à influência radiante e alentadora da natureza universal, as suas pétalas começam a abrir-se e a desdobrar-se em toda a frescura e beleza do seu nascimento imortal.

A alma imortal não sente a fria e mirrante influência da terra, mas torna-se mais pura e bela à medida que avança, através das etapas do desenvolvimento, para a eternidade. Essas simples pancadas são os mesmos sons familiares, procurando um lugar junto de vós para vos dizer que o objeto do vosso luto não desapareceu, mas vive ainda num mundo futuro. Elas falam-vos das doces respirações de paz e alegria — dessas influências internas que são os legítimos desdobramentos dos poderes harmoniosos e espirituais.

Silenciosos, mas profundos e poderosos, são os desenvolvimentos da progressão; suaves e puros são os sussurros desses seres luminosos que descem sobre o coração fraco e entristecido, e santa é a influência que transmitem ao cansado e oprimido. O espírito, após a sua transição da

organização humana, avança para o alto e afasta-se do material não refinado para a essência refinada de todos os elementos superiores; e a sua forma está em perfeita correspondência com a natureza da substância de que a mente se originou; e a força do poder impulsionador pelo qual é evoluído é a bela e harmoniosa fusão das emanações sublimadas que procedem da Mente Divina.

Há espíritos cujas capacidades e qualidades os atraem naturalmente para o estudo dos princípios científicos; e são movidos por um desejo inato de procurar fazer descobertas nos campos da verdade filosófica. Assim, os pensamentos mais elevados e sagrados substituem os inferiores e não desenvolvidos; em consequência, o progresso de tal espírito é mais rápido e perfeito do que o do espírito que se limita a realidades exteriores ou triviais. Se há princípios e leis sobre os quais a mente imortal possa operar e produzir demonstrações e provas pelas quais a mente humana possa reconhecer a identidade de um amigo há muito partido para os reinos da bondade e da verdade, será isso um tema a ridicularizar e a tratar levianamente?

Ou não será digno da mais profunda solenidade? Se espíritos imortais regressam às vossas casas, onde outrora as suas vozes se ouviram em alegria ou tristeza, e manifestam afeições inerentes e simpatias ativas e profundas para com os entes queridos que ainda habitam num mundo de aflição e dor, transmitindo-lhes puras e santas afeições, deverão eles ser repelidos e chamados maus? Ou não deverão antes encontrar um lugar no coração humano, onde possam imprimir confiadamente na mente humana os desdobramentos de uma progressão eterna e infundir na vossa alma a glória e a pureza do seu amor e felicidade eterna?

Se espíritos que se libertaram das amarras que os prendiam enquanto no corpo humano vos ensinam leis e princípios em antagonismo com a vossa fé — se vos falam dos seus motivos e desejos e vos provam a individualidade eterna de todos os seres e formas animadas por vida e inteligência, e da progressão infinita e divina da natureza espiritual — deverão ser chamados atrasados e demoníacos porque vos dizem, com bondade, o que acreditam ser verdade? Se mentes imortais que vos precederam na terra dos espíritos regressam e vos falam da necessidade de uma reforma social, e vos dão leis segundo as quais podeis realizar essa reforma, deverão tais inteligências ser atribuídas a uma fonte maligna, ou não será antes esta a expressão legítima de mentes nobres e verdadeiramente qualificadas?

Sei que os espíritos sustentam que há inconsistências na vossa Bíblia; sei que negam a divindade de Jesus Cristo; mas poderá isto não ser verdade? Sei que são recebidas comunicações contraditórias; mas isso prova acaso a inexistência da alma imortal ou a falsidade da evidência de uma existência espiritual? Os ensinamentos de Jesus Cristo foram elevados e santos, e se tivessem sido guardados em todos os corações, não haveria hoje tantas vozes lisonjeiras e corações corrompidos.

Há alguns que proclamam do altar a glória e sublimidade dos ensinamentos de Cristo, cujo exterior é puro, mas cujo interior é o próprio lodo da corrupção e do

erro. Depois, há também, nos santuários sagrados, mentes que dão vazão a pensamentos que procedem de uma fonte verdadeira e nobre; e sentem que cumprem o seu dever para com a humanidade e para com Deus. Tais mentes comunicam uma influência santa aos seus seguidores; mas não têm o direito de condenar qualquer doutrina que se oponha à sua fé, pois a verdade é a palavra de Deus, venha ela de uma mente desenvolvida ou não.

Assim, se se ouve a simples pancada e ela vos fala da santa gratidão da alma e vos diz para baseardes a vossa crença nos princípios da natureza e do universo, que se assemelham perfeitamente às verdades de Deus, não a eviteis, mas recebei o que vos é dado com generosidade e bondade. Se compreenderdes o que vos é dado, então é verdade. Se não o puderdes compreender, então nada vos aproveitará. Consequentemente, procurai outras verdades que possais apreciar e compreender.

O poder suave mas irresistível da alma desencarnada foi manifestado, e produziu-se um efeito de aspirações harmoniosas e puras, e o seio devastado procura agora os elementos de uma vida interior, em busca de consolação e alívio. Foi-vos dada uma filosofia baseada na razão e na investigação intelectual; e quando a alma humana se tornar suficientemente refinada para poder receber e compreender a verdade de que a alma existe para além desta vida, então a beleza eterna que matiza cada pensamento e impulso com esperança e paz será realizada, e Deus será encontrado a residir dentro e acima de todas as coisas, como o Pai e Governante de tudo.

Vosso,
Edgar C. Dayton.

Palestra n.º 11 — por Stephen R. Smith,

SIMPATIA

Não há nada, nem no Céu nem na Terra, que desdobre pensamentos mais suaves e sagrados na alma do que o poder da simpatia. Ela desvela a plenitude dos sentimentos internos, em linguagem bela e gloriosa. É um poder que irrompe sobre o espírito solitário em grandeza e expansividade, e a alma inculca pensamentos que se originam da comunhão espontânea com a natureza. Desdobra uma harmonia social e espiritual, com um amor pelo refinamento e pela elevação.

Parece propícia ao desenvolvimento da organização espiritual e mental, e cria sentimentos finos e nobres no coração mais endurecido. Cria emoções e impulsos na mente que abrem a nossa alma para a grandeza da criação e acolhem todo o pensamento que comunica verdade e inteligência ao entendimento. Refina e espiritualiza os sentimentos e conduz a uma apreciação mais perfeita das leis e belezas da natureza e de Deus.

A simpatia não habita apenas na Terra; a sua fragrância é sentida nas esferas celestes, onde mentes gentis são desdobradas e refinadas pela sua influência

calma e fortalecedora. Ela retrata ao entendimento os pensamentos, as mágoas e os sentimentos de corações desolados e enlutados, que por vezes sentem que não há felicidade para eles na Terra nem num estado superior de existência. A simpatia é uma missionária de alegria e felicidade. Procura as mais baixas condições de infâmia. Procura a cabeceira do doente, revela ao aflito as glórias de Deus e fala de simpatias mais santas que habitam mentes mais elevadas, para além do mundo de lágrimas e dor. Acompanha a forma inanimada até ao seu último lugar de repouso e, em alvas asas, é levada ao céu, onde o espírito procura o caminho para um clima mais solarengo, onde estará livre de fadiga e dor.

Se bem que o coração humano ceda ao poder da simpatia, existem, transplantadas para esse mundo melhor, simpatias mais ricas e mais santas, que atraem os espíritos dos que partiram de volta aos seus amigos, que deixaram nas terras da opressão e da injustiça, e sopram esperanças e alegrias que cultivam o intelecto e elevam a mente. Ela vem com uma força bela — uma força que golpeia profundamente a raiz do fanatismo religioso e eleva a mente às importantes verdades de Deus e da natureza.

Quando a página da humanidade foi manchada com o sangue de mártires moribundos, a simpatia derramou o seu halo de luz sobre as suas mentes, e o último suspiro expirante disse que pensamentos felizes habitavam a alma mais íntima no momento da transição do espírito de um mundo ingrato para o seu lar futuro e eterno. Quando Cristo sangrou na cruz pela humanidade, e quando as grandes gotas de sangue deslizavam pelo seu lado, isso arrancou de muitos corações as evidências de simpatia, e Ele expirou serenamente para despertar para as alegrias e belezas de um mundo mais glorioso. Não a sufoqueis, pois, mas deixai que a sua influência benigna se espalhe pela terra, e que todos reconheçam o seu poder.

É um atributo da Divindade e uma emanação vivificante da Mente Divina. Inspira as nossas sensibilidades e anima cada um dos nossos pensamentos. É um dos princípios e emoções que atuam perpetuamente sobre a mente, e a sua tendência é para o refinamento e a elevação. Ocupa uma posição de superioridade na mente imortal; é o mais verdadeiro e elevado desenvolvimento intelectual do espírito e é capaz de fazer a alma fruir as harmonias e os ensinamentos das mais sublimes verdades. Tem muito a ver com o progresso e a harmonização humanos.

É prole do sentimento, da afeição e do sentimento religioso. Uma mente de grandes simpatias cede involuntariamente à lei do amor e infundirá noutras mentes sentimentos e sensações correspondentes. A simpatia e a afeição criam na mente os desejos mais profundos, elevados e santos de conhecer mais sobre o Autor do seu ser. É também um poder de importância vital na comunicação espiritual; pois atrai os espíritos de uma existência superior para um plano correspondente de desenvolvimento intelectual ao da vossa própria mente; e as mensagens que dão são tais que as podeis compreender e

apreciar. É um elemento da Grande Mente Positiva, e é ilimitada, irrestrita e incompreensível.

Vosso muito sincero,
Stephen R. Smith.

Palestra n.º 7 — por Stephen R. Smith

IDADE — PROGRESSO — VÍNCULOS

Esta palestra foi recebida, em três sessões, unicamente pela Srta. Brooks, cada sessão ocupando cerca de três horas do início da noite, depois de os restantes membros da família se terem recolhido. Aqueles que melhor a conhecem serão os que menos suspeitarão que a sua própria mente teve algo a ver com a sua produção. Não se entenda com isto que insinuamos que esta médium seja de algum modo deficiente em capacidades intelectuais.

Pelo contrário, é provavelmente mais viva do que a média daqueles que não tiveram melhores oportunidades do que ela teve. Mas nunca voltou a sua atenção para as profundezas da filosofia; nem alguma vez procurou familiarizar-se com as ciências. O redator destas linhas conhece intimamente os gostos literários, os conhecimentos e a condição da família, e sabe que não possuem, na sua coleção de livros, um tratado de qualquer ciência.

O Reformador

Cada época tem os seus heróis. Cada época desenvolve algumas mentes superiores ao seu tempo, em virtude do estudo profundo da filosofia e das ciências que lhes são colocadas diante para investigação. Tais mentes observam a progressão do mundo e anseiam, com a esperança do filantropo, ver as aflições e a servidão social dos homens afundarem-se, com o tempo, no seio do passado. O Reformador é uma alma repleta de liberdade e verdade e contempla, com júbilo, a emancipação da opressão e do erro. Os sentimentos do Reformador são espiritualizados tanto quanto a natureza humana o permite. Os seus sentidos interiores estão abertos à receção e apreciação da beleza da natureza, na qual se reflete o poder e a bondade de Deus.

O Reformador é aquele que, enquanto a comunidade difama e ridiculariza o seu caráter, estará a comungar, com verdade, com mundos superiores de pensamento e sabedoria. Os minerais, o reino animal e toda a natureza são a sua bíblia e provam o poder do seu Autor Supremo. O Reformador, por princípios verdadeiros, não hesita em discutir cientificamente Deus, as Suas obras e a posição de todos os espíritos depois de deixarem a Terra. O verdadeiro Reformador nada encontra exigido de si que não harmonize com princípios divinos.

Possui uma alma ricamente dotada de faculdades eternas e dos atributos de sabedoria e bondade, que se manifestam constantemente nas suas ações na vida. A progressão e a civilização do mundo têm sido assistemáticas e débeis;

ainda assim, o decurso dos séculos desenvolveu resultados grandiosos e últimos de cultivo mental e avanço humano no refinamento. As páginas da história antiga há muito registaram as alternâncias de guerra e paz e comemoraram as lutas sangrentas em que os vossos reformadores e campeões da liberdade participaram. Tendes agora a vossa literatura grega, romana e americana, conquistada pelo suor da fronte do Reformador e pela vitória de muitas batalhas renhidamente travadas, nas quais os Reformadores sofreram, acorrentados como escravos no desolado calabouço, ou, como mártires, na fogueira.

Ao longo das eras primevas da progressão do mundo, o barbarismo travou as capacidades de melhoria humana. Quando, pela primeira vez, o orgulhoso Mayflower tocou a Rocha de Plymouth; quando os vossos pais e mães peregrinos deixaram as primeiras pegadas em solo americano; raças selvagens e bravas habitavam o vosso país. Mas a aspiração e a lei da liberdade encheram de vida e força os peitos dos primeiros habitantes civilizados. O germe da reforma intelectual estava profundamente e firmemente enraizado nos seios dos vossos pais peregrinos; e, de entre eles, surgiram reformadores.

E, pelo seu sofrimento e sangue derramado, a América ergue-se hoje entre as primeiras nações, em literatura, ciência e vantagens comerciais. As evoluções das propriedades latentes da matéria, e toda a lei alcançável da natureza, hão de aumentar o desenvolvimento moral e intelectual. Pelas leis de Deus, o homem há de ascender na escala do seu ser, de grau em grau de refinamento humano e sublimação espiritual. O mausoléu da superstição está a cambalear rumo ao chão, e os templos dilapidados de falsas doutrinas estão a desfazer-se, misturando o seu pó com os escombros do erro mitológico.

O verdadeiro Reformador é aquele que se despe de todos os preconceitos fanáticos e, nas suas investigações dos princípios divinos do Grande Original, se deixa conduzir pelas inspirações puras da própria mente para investigar o verdadeiro e deitar fora o falso. Cada época trouxe à luz os seus Reformadores. Podemos recuar dezoito séculos e descobrir o Reformador dessa idade — Cristo. Os seus primeiros e últimos esforços foram a favor da sua raça, de toda a família humana.

Ele foi o grande Reformador desse dia. Procurou regenerar o mundo e, pelos seus ensinamentos, produzir liberdade de pensamento e de opinião na mente do homem; estabelecer os princípios da verdadeira felicidade social; e, pelas leis da Divindade, tornar a mente menos sujeita a receber a lógica falsa avançada por outros homens. Cristo foi superior ao seu tempo. Com o peito cheio de patriotismo e coragem heróica, colocou diante da mente dos homens a mais simples e, no entanto, a mais nobre lei de Deus: amarás o teu próximo. O mundo não o apreciou, e a sua época crucificou-o.

A época presente tem os seus Reformadores. No peito do homem mais pobre que arranca diariamente do solo a subsistência, dormem poderes que, se tivessem sido desenvolvidos por vantagens precoces, o colocariam agora entre

os nossos mais sábios filósofos. Na alma do operário está a lutar, através das suas capacidades para o saber, uma perceção profunda e lógica que, se favorecida por vantagens educativas, lhe permitiria eletrizar senados e manter assembleias deliberativas presas, enquanto o seu génio, sufocado por falta de devidas oportunidades e exercício, seria alimentado e expandido. Os Reformadores da presente época esforçam-se por encher o mundo do desejo de os auxiliar na reforma da Terra.

A filosofia ensina que a lei do amor tem de prevalecer antes que a ordem e a harmonia se possam fundir com a verdade e a sabedoria. A natureza prova a existência de uma grande Causa Primeira. Os minerais, as árvores, o imenso profundo do oceano, sobre cujo seio vaga cede a vaga, e o vosso próprio ser, provam que existem esperanças mais elevadas e aspirações mais nobres do que as que agora desfrutais. A criação prova a bela e harmoniosa unidade que proclama as verdades sublimes e as perfeições divinas do Grande Reformador de todas as existências.

A ciência demonstrou que aquilo que os antigos reformadores e filósofos descobriram na escala científica da química, geologia e astronomia são leis verdadeiras e imutáveis do nosso Criador divino. Tão elevados e variados eram os poderes das suas mentes que o esforço conjunto do seu talento e perceção traçou as constelações acima de vós e descobriu corpos imensos, nos quais propriedades latentes da matéria progrediam em desenvolvimento para ajudar na formação de novos mundos, a produzir pelos princípios anatómicos e imutáveis da criação, governados pela perfeição infinita das leis da natureza e pelos elementos que emanam do Sol central de toda a criação.

As leis da química vital — a sua ação sobre os corpos —, as partes componentes da água, a combinação de substâncias vitais na atmosfera e os seus elementos — a calorificação com as suas operações sobre a matéria animal e latente, e a formação das rochas pelos seus variados processos sobre essas propriedades da matéria — foram descobertas por reformadores cujos poderes e faculdades de mente estudam agora as lógicas e as ciências de outro mundo.

Estas descobertas, feitas por reformadores de todas as épocas, demonstram a existência de um poder eterno e inconcebível sobre a criação ilimitada. A perceção da inteligência contempla as extensões imensuráveis que vos rodeiam e mostra a nulidade do poder do homem. Até o mais selvagem bárbaro foi comovido pela grandeza dos céus sidéreos, quando o seu ser interior foi enlevado pela infinitude da natureza.

Reformadores, do mundo imortal, pela direção da sabedoria infinita, vieram ensinar-vos as disposições e perfeições da natureza, que investigam continuamente e em harmonia no grande vórtice do mundo invisível e incompreensível para vós. As mentes dos seres humanos estão tão mecanizadas e tolhidas pelas formalidades da época, que se impõe um travão interior aos pensamentos livres da alma, e a cativante simplicidade da natureza é esmagada pelos convencionalismos do tempo. A consciência do seu alto

destino, e o privilégio que goza de se elevar às obras sublimes de Deus, raramente são reconhecidos pela mente humana. São precisos Reformadores para abrir os atributos da alma que hoje são inacessíveis e despertar a ambição da mente para a investigação das obras estupendas da ciência e da religião.

São necessários Reformadores para remover os elementos devoradores da iniquidade e, com ênfase, ensinar-vos os puros princípios de amor e de bondade para com os vossos semelhantes. São precisos reformadores, para que, quando as mudanças vos sobrevierem — quando a felicidade tardar —, vos possam apontar a beneficência de Deus, que permanece para sempre imutável. Ainda que as vagas da eternidade investam furiosas contra ela, esta rocha de dependência é firme e eterna, infinita e santa.

Eles vêm — reformadores — da região da sua morada perdurável, onde o mesmo Ser imutável governa o universo, ao vosso mundo; e, pela insondável benevolência do Todo-Poderoso, a Terra há de repercutir altos sentimentos aos reformadores imortais, pelos seus ensinamentos elevados e sagrados.

Vosso muito sincero,
Stephen R. Smith.

Palestra n.º 3, por Edgar C. Dayton

Cerca de metade desta palestra foi recebida unicamente pela Srta. Brooks. Gostaríamos muito de ouvir a opinião dos três médicos kneecologistas desta cidade sobre se as articulações “do nó” do médium estão suficientemente versadas na ciência da anatomia para produzir esta palestra. Se não, como surgiu ela? Gostaríamos de ser esclarecidos por eles. Porque não deixam a sua luz brilhar em casa, em vez de irem com ela para a França?

ANATOMIA HUMANA

A anatomia humana é uma ciência filosoficamente compreendida por muitas mentes sábias e lógicas. O cérebro é considerado pelos homens de ciência como o órgão ou meio da mente e está encarregado de funções específicas; e essas funções são as mais nobres e elevadas da organização humana. A relação íntima entre as capacidades mentais e os desenvolvimentos do cérebro prova claramente a origem de diferentes disposições e mostra que as faculdades morais, intelectuais e espirituais só podem ser desenvolvidas pelas leis da sua organização e pela associação de cada faculdade, cujos órgãos se tornam mais refinados à medida que progridem.

O cérebro é a vida ou concentração do pensamento e tem a sua importante relação com todos os órgãos e funções da estrutura física. Os diferentes órgãos do corpo humano dependem do cérebro e da coluna vertebral para a sua ação funcional. O cérebro tem a sua propensão à ação mórbida; e esta é a causa da doença nervosa e mental. Mas se o cérebro tiver o seu estímulo adequado de sangue oxigenado—se tiver a sua força natural de sangue

arterial—então as funções mentais e físicas da mente e da forma ficam cheias da sua vida, ação, movimento e poder naturais. O cérebro, e os órgãos e funções do corpo, estão entre as obras mais profundas de um Criador divino.

Chamamos agora a vossa atenção para as membranas que protegem o cérebro. A dura-máter é o revestimento da porção interior do crânio e da medula espinal. É uma membrana firme e fibrosa e escuda o cérebro. É uma das obras-primas de manufatura realizadas pela mão de Deus e desempenha o seu ofício em conformidade com as Suas leis. A aracnoide é uma fina membrana serosa que envolve os órgãos e se reflete sobre a face interna da dura-máter.

A pia-máter é uma membrana vascular, composta por inumeráveis vasos. Reveste toda a superfície do cérebro. É nutriente e penetra nas circunvoluções do cérebro. Estas membranas funcionam harmoniosamente a partir dos princípios e elementos naturais do corpo humano e protegem o meio do pensamento de lesões externas e internas, a menos que as suas ações vitais sejam aumentadas por intensa calorificação para além do seu estado natural e que a força da circulação do sangue se torne débil pela violação das leis da anatomia e da fisiologia.

O cérebro tem a sua relação simpática com as funções do coração e dos pulmões e com as funções digestivas e outras do sistema. A verdadeira fonte de calorificação ou calor animal, no corpo humano, é, para muitíssimos, apenas imperfeitamente compreendida. E pode ser que as operações da química vital nunca venham a ser verdadeiramente compreendidas pelos homens. O carbono escapa do sistema e o oxigénio é recebido quando o corpo é aquecido pelo calórico, para além da sua condição natural.

Na nutrição, os fluidos são transformados em sólidos, os compostos decompõem-se e o sustento físico é digerido e transformado em quilo fluido; e, durante estes processos de modificação e digestão, gera-se calórico. Quando os absorventes removem átomos inanimados de matéria da organização, os capilares fornecem os seus lugares com novos depósitos de matéria ainda mais refinada; e o cérebro, sendo composto da matéria superior do sistema humano, atrai átomos de matéria desenvolvida, à medida que a matéria inanimada é removida e a animada é fornecida.

Assim, as manifestações vitais do cérebro são mudadas do mais baixo para o mais alto; ao mesmo tempo desdobrando os atributos e faculdades da mente, tornando a perceção e o intelecto do homem ainda mais poderosos à medida que entra no estudo da ciência e da filosofia. Abre os labirintos da sua mente, remove obstáculos materiais da sua perceção espiritual e dá força e penetração às suas faculdades de intelecto, na descoberta de princípios novos e misteriosos da natureza.

A secreção é uma das mais nobres e, ainda assim, mais misteriosas funções do corpo. É um processo vital. Mantém anatomicamente a sua relação com as funções do corpo e, fisiologicamente, funde-se com o funcionamento das leis

que controlam o sistema, a menos que a doença tenha emperrado as engrenagens deste nobre espécime de maquinaria humana natural. O carbono é transformado em gás carbónico, pela união do oxigénio com ele, e pelo ar inalado, que é inspirado por substâncias vitais.

O oxigénio separa-se do azoto, unindo-se ao sangue, e, pelo sangue na sua circulação, estabelece-se uma ligação química entre o carbono e o oxigénio, sendo o gás carbónico eliminado do sistema através dos pulmões. Cada fibra, músculo e tecido estão ligados ao cérebro, e o cérebro é o grande luminar da organização humana e o meio através do qual a inteligência humana é transmitida.

A organização humana, através dos seus processos de desenvolvimento, e pelas suas variações de forças vitais, prova a sua relação constante com as leis do seu ser. Dissemos que, pela união do oxigénio e do azoto, o gás carbónico é eliminado do sistema através dos pulmões; que, quando a estrutura física está em estado de respiração, o carbono escapa do corpo e o oxigénio lhe supre o lugar. Há uma ação química nas diferentes funções da organização, produzida por forças elétricas.

Existem, no corpo, espécies de eletricidade, desde as mais baixas até às mais elevadas. As combinações elétricas mais refinadas estão contidas no cérebro. O cérebro é o meio do pensamento, da vontade e da força do intelecto. A associação inferior de partículas de matéria não refinada está concentrada em ou através do sistema. A mente é a parte espiritual e a forma é a porção animal do homem. O cérebro, na sua ação vital, é, se a região da perceção estiver bem desenvolvida, o poder propulsor do pensamento humano.

Os mesmos princípios que regem a forma material regem a estrutura espiritual; mas, em vez de o espírito ouvir ou ver por meio de órgãos, ele ouve e vê por uma perceção interior. A forma espiritual tem funções pelas quais a sua vida, ação e vitalidade se manifestam. A forma humana também tem as suas funções pelas quais se desenvolvem as suas ações vitais e forças elétricas. Mas as funções da forma espiritual estão concentradas apenas na mente ou espírito.

O movimento do corpo eterno é produzido pelo poder e desenvolvimento refinado da mente. Os elementos da organização espiritual são apenas a associação de matéria sublimada com eletricidade, ou o mais alto grau de magnetismo. Os elementos da forma humana são o calórico, ou calor animal, matéria não desenvolvida e eletricidade grosseira.

As funções da forma humana estão localizadas em toda a organização e, pelas leis naturais da anatomia e da fisiologia, são postas em conexão e fundem-se harmoniosamente, cada uma desempenhando o seu trabalho natural. Os órgãos da mente humana são observáveis no crânio, pelo homem; e ele pode, através das suas faculdades lógicas e percetivas, delinear o caráter, a disposição e as aspirações dos homens. As aquisições intelectuais e morais, as pesquisas profundas de filosofia e ciência, as perceções espirituais do

homem, são calculadas pelos desenvolvimentos do seu cérebro. A lógica e a perceção, o conhecimento instrutivo do espírito imortal, conhecem-se pelas suas manifestações de um desejo por verdades ainda mais profundas, ou pela sua posição de desenvolvimento no mundo espiritual.

Cada organização ou criação humana está entre as obras mais nobres de Deus. A forma humana, as suas funções e os seus misteriosos funcionamentos situam-se entre as primeiras dádivas da natureza. A natureza humana tem as suas discrepâncias e imperfeições; mas, quando estudamos profundamente a sua origem—quando seguimos, em cada membrana, tecido, músculo e fibra da forma—, quando temos consciência dos princípios harmoniosos que os unem por relações naturais, não podemos deixar de admirar esta peça de manufatura criada pelo Ser Supremo.

A progressão do corpo físico aperfeiçoa-se pelo estudo dos princípios científicos da natureza e dos profundos elementos em que vive e dos quais deriva a sua vida e inteligência. As obras de um Poder superior estão agora a ser claramente encaradas pelos homens como ciências e filosofia. A ciência pode agora ser aplicada a Deus e aos Seus poderes, sem O despojar da Sua magnificência e sublimidade. A filosofia pode ser aplicada ao mundo dos espíritos e aos seus habitantes, sem destronar a força e a glória das leis estabelecidas pela grande e viva Mente Divina.

Dei-vos esta palestra como prova dos meus poderes, quando na Terra, enquanto Professor de medicina.

Sou vosso,
Edgar C. Dayton.

Palestra 20

IDADE — PROGRESSO — DEUS — FOI DEUS CRIADO?

MATÉRIA — FOI A MATÉRIA CRIADA?

Desejo que se entenda que, na palestra que vou fazer sobre o assunto acima, vos dou meramente os meus próprios sentimentos, como alguém que se empenhou em averiguar a verdade, mas que ainda mal amadureceu uma filosofia satisfatória para a sua própria mente. Recebereis, portanto, o que digo em espírito de tolerância, e deixai que a vossa própria fé seja governada pelas vossas deduções lógicas.

Deus foi a primeira grande causa; mas o que constitui a organização e a mente de Deus? Todos os corpos e todas as coisas, na sua condição primária e em estágios avançados de desenvolvimento, foram e são compostos de matéria. A matéria existiu antes de Deus? O que é a matéria? Surge agora a grande questão: Foi Deus criado, e será a Sua organização espiritual composta de matéria? A matéria impregna todas as coisas.

Criações foram feitas pelas leis e princípios de Deus. Mas as criações não poderiam ter tido a sua existência, nem podem existir, sem matéria. Deus não

teve, nem poderia ter tido, o Seu ser sem a mais elevada ordem e o desenvolvimento mais sublimado de matéria. A organização de Deus possui o grau mais alto de matéria superior. A Sua mente, o Seu poder e as Suas perceções constituem uma natureza positiva e superexaltada. Deus é incompreensível.

As Suas obras são inconcebivelmente gloriosas. As Suas obras harmonizam com as Suas leis e com a natureza. Ele é chamado a primeira causa. É chamado o originador de tudo. Mas, pela crença, a minha mente, os meus poderes de concentração e perceção, as minhas pesquisas em ciência e filosofia, levaram-me a concluir, em harmonia com as minhas compreensões da Divindade, que a matéria existiu antes de Deus. Mas quando e onde a matéria se originou, ou o começo do tempo, Deus, talvez, só Ele o sabe.

Se Deus é um ser progressivo, não pode ser perfeição. Perfeição, segundo o meu entendimento, está para além do progresso. Concebo que, quando um objeto é superlativamente perfeito, não pode tornar-se mais perfeito. Se Deus é um ser progressivo, então devemos concluir logicamente que existe matéria mais sublimada, que Ele herda, e que não chegou a um ponto ou posição de perfeição; que as Suas leis, os Seus atributos de inteligência, as Suas compreensões de matéria, mente e criações não estão perfeitos.

Se Deus progride, então esta é a minha crença: que Ele foi criado e que a Sua criação e origem foram assim: creio que as leis da construção foram e são eternamente fixas e que os elementos e princípios da matéria sempre existiram; e, ao chegarem a tal condição aperfeiçoada, atraíram-se entre si, átomo a átomo, e esses átomos de matéria, unidos pelas leis da gravitação e da afinidade, criaram uma inteligência, e que Deus foi essa inteligência e o primeiro ser que jamais existiu. Concebo que a Sua organização foi construída da mais elevada ordem de matéria então existente e que Ele foi a primeira grande causa espiritual. Sendo a Sua progressão maior do que a de qualquer outro ser, alcançou a posição mais alta de magnificência e poder.

As Suas faculdades, as Suas perceções e as Suas compreensões são, para todas as mentes abaixo d'Ele, incomparáveis e ilimitadas. As leis da natureza e da alma não foram criadas por Deus, mas são desenvolvimentos essenciais da essência divina ou matéria aperfeiçoada. São as criações exteriores da organização de Deus. Deus é o grande íman positivo e todo o outro objeto na natureza, ou em todas as criações, é negativo; a sua atração de progressão está centrada em Deus. Se Deus é o primeiro princípio de vida, inerente à constituição da matéria, então não pode progredir; porque devemos, a partir desta lei de construção, revesti-Lo do atributo da perfeição.

Sendo a perfeição a condição última, Ele não poderia, por qualquer lei da criação, progredir para além desse estado. Cada atributo do Seu espírito, a Sua inteligência, o Seu poder e a beleza da Sua organização, têm de ter o mesmo princípio ou elemento divino, que é a perfeição. A perfeição é o tudo em tudo, é tudo. Deus é um ser invisível, o grande desconhecido. Deus é a fonte infinita de vida e de causalidade. Todas as coisas exteriores e interiores

procedem de uma fonte invisível, e essa fonte é a organização mais elevada da matéria; e a organização mais elevada da matéria é Deus.

O problema a resolver, o mistério a desvendar, é este: Deus é um ser progressivo, ou não é um ser progressivo? Se não o é, então creio-O coevo com a matéria; e que não foi criado, mas que desde a eternidade existiu e existirá por toda a eternidade. Esta, no entanto, não é a minha opinião. Creio que o homem é uma parte da constituição superlativa de Deus, visto que toda a matéria, na construção da alma humana, bem como todos os universos, emanam de Deus. Deus é a mais nobre organização de matéria e herda toda a matéria ainda mais elevada do que Ele próprio.

E, ao receber matéria mais sublimada do que a sua própria construção, continuamente elimina matéria. Esta matéria que escapa da Sua organização desce à esfera seguinte, mais baixa, de desenvolvimento e é difundida por outras construções espirituais de mente e corpo; e essas mentes e formas eliminam matéria, e a matéria que escapa da sua organização desce à esfera seguinte, mais baixa, e assim por diante, até que cada sistema e cada mente de cada esfera de desenvolvimento eliminem e recebam matéria; a matéria eliminada realiza outras progressões; e a matéria recebida faz progredir o espírito em refinamento e sabedoria. Assim, toda a matéria ou organizações humanas emanam de Deus.

O ser interior do homem é construído pelas propriedades atrativas da matéria da sua própria constituição e pela matéria mais refinada que emana de Deus. O homem sente, dentro da sua alma apática, um germe de inteligência divina; e, estudando as leis de Deus, ele desdobra-se e estimula o exercício das suas faculdades de perceção. Sabemos, pela natureza, que o homem progride; e a questão que agora surge é: Deus progride? Olhamos através da infinitude das vastas criações e, quando estudamos os princípios do nosso próprio ser, vemos que a progressão é a ação vital do desenvolvimento e que o desenvolvimento é o poder propulsor e estimulante do refinamento. Descobrimos que progressão, desenvolvimento, refinamento, associação e perceção são princípios atuantes da alma humana; a sua influência vitalizadora é o elemento dominante da mente humana.

A natureza progride—A mente progride—e, se as mesmas leis da criação controlam a vida espiritual do Ser Supremo que controlam a existência de espíritos imortais—se as ações vitais das leis anatómicas—se as funções da organização espiritual controlam o ser de Deus e toda a matéria que constitui todas as mentes e corpos que emanam de Deus, não é irrazoável supor que Deus seja um ser progressivo. A aspiração é a força atrativa da progressão; e, se os espíritos imortais não tivessem nada a que aspirar, isso travaria a melhoria da cultura espiritual e tornar-se-iam infelizes.

Se os espíritos têm aspirações e as suas mentes são uma parte de Deus, Deus possui o mesmo atributo; caso contrário, a mente não poderia ser parte de Deus. Tem de haver algo para além da compreensão presente do espírito; caso contrário, ele não possuiria o atributo da aspiração. Se não houver nada

no futuro a que a alma aspire, não pode progredir. Se Deus não progride, não pode, por um entendimento lógico, ter aspirações; e, se não possui este atributo, as almas dos homens não o podem possuir; e sabemos que a aspiração é o mais nobre atributo do nosso ser. Se somos uma parte de Deus, Ele deve, pela ciência, lógica e natureza, possuir o princípio da aspiração; e, se o possui, deve progredir. Deus compreende os princípios inerentes, as propriedades e as leis mecânicas da natureza.

Tem o poder de combinar força e movimento, a tendência centrípeta com a centrífuga, na construção dos universos e dos corpos. Nas combinações das leis da natureza, a origem primária e a existência presente de todas as coisas podem ser atribuídas a Deus, pois as propriedades da matéria atraídas para constituir todas as coisas emanam primariamente de Deus. E, se rastrearmos a ação e o movimento de todas as coisas, devemos concluir que Deus é o grande poder motor. Os mundos poderosos e a massa de seres que habitam esses mundos contêm as qualidades indispensáveis da matéria e o princípio inicial que se manifesta eternamente no organismo das coisas materiais ou espirituais. Matéria e movimento são princípios coevos.

O movimento foi a primeira manifestação do poder da primeira grande inteligência e mantém a sua relação atrativa com todas as leis da criação. E agora surge a questão: pode Deus progredir, e poderia Ele ter sido criado e, ainda assim, reter o Seu poder e sublimidade sobre a raça humana e a imensa multidão de seres imortais? A progressão não pode despojar Deus da Sua força e glória. A Sua criação ou origem, se assim for, não pode derrubar a Sua superioridade e atributos superlativamente belos de mente, nem fazer o Seu espírito ficar em igualdade de progressão com outros espíritos; pois Ele foi o primeiro ser e deve ter progredido muito, muito para além da conceção e compreensão de todos os outros seres, em sublimação e bondade—em pureza e sabedoria.

Ele é o poder mais alto e compreende toda a matéria mais baixa do que aquela de que o Seu próprio ser é construído; e n'Ele não há nada senão o que é refinado, puro e eternamente infinito, contendo glória celestial incompreensível, e brilho e grandeza inefáveis. Esforcei-me, com consistência filosófica e uma ordem sistemática de pensamento, por discriminar entre a verdade e o erro e alcançar uma unidade eterna de verdade na minha investigação de todos os assuntos, e apresentei-vos aqui, brevemente, a minha crença—não a vossa—sobre a existência do nosso Supremo Governante e a Sua progressão.

E. C. Dayton.

AS IGREJAS CRISTÃS

Há um ser, infinito em sabedoria, supremo e santo na sua posição, no mundo espiritual. Há um poder bondoso e protetor que se estende pela infinitude da criação, gravando no seio da natureza os princípios imortais e as leis naturais de um Pai Divino. Há leis de associação e de atração que trazem os espíritos dos que partiram para perto dos seus amigos e do lar na Terra, soprando acordes do mais nobre sentimento que alguma vez inchou peitos imortais, dando livremente ao homem a filosofia mais nobre e profunda, proferida na eloquência natural de mentes imortais. Esta é uma verdade que desperta pensamentos altivos no peito do mais humilde caseiro, e penetra também a mente científica com uma consciência profunda e solene do seu dever para consigo próprio e para com Deus.

As igrejas cristãs da vossa terra — que são elas? Quais são os seus princípios e a sua influência sobre o mundo? Dizer que o cristianismo teológico não fez nenhum bem no mundo — dizer que não salvou muitas mentes da perversidade e do crime — dizer que nunca enxugou as lágrimas do enlutado e não infundiu muitas esperanças religiosas nos seus peitos, seria apartar-se da verdade. O cristianismo deu a muitas almas sinceras a certeza infalível de um Ser Supremo e das Suas leis eternas.

Quando eu estava na Terra e vi a terra do paganismo, deixando amigos e muitos lares felizes para trás, para nunca mais tornar a ver amigos tão caros ao lar da minha infância, e sacrificando a felicidade do convívio social em benefício do pobre pagão, pensei que estava a agir de acordo com as leis do nosso Pai celestial. Trabalhei pela humanidade, e a minha forma jaz agora decomposta numa costa estrangeira. Nas ilhas Sandwich, um lugar ainda sagrado para mim, as cinzas do meu outrora ativo corpo dormem e misturam-se com um solo estranho.

Quando reunia o meu rebanho e lhes ensinava as Escrituras — a palavra de Deus, como então acreditava —, julgava estar a cumprir a missão que me fora atribuída. Mas, se eu tivesse tomado a simples flor e tivesse ensinado àqueles homens, mulheres e crianças pagãos a sua origem; se lhes tivesse ensinado as leis de um Ser Divino, e que aquela flor era uma parte de Deus e regressaria ao seu Dador, quão mais sublimes, quão mais nobres e inteligentes teriam sido os pensamentos despertados naquelas mentes incivilizadas.

Se, ao contemplar a vasta extensão do oceano, quando as suas águas se erguiam como montanhas e se cobriam de espuma, ou quando a sua voz era tão suave e quieta como as respirações do sono do infante, eu tivesse ensinado a essas almas sobre Deus, e que o oceano era uma emanação da essência divina e tinha o seu tipo na terra do espírito, quão mais perfeitas e belas teriam sido as suas compreensões e conceções de Deus e do céu.

Se lhes tivesse ensinado que as grandes criações foram trazidas à existência a partir de uma fonte desconhecida e pela atuação de um poder misterioso, e que Deus é a mais alta organização da matéria e, pelas leis da criação, tem de

ser a fonte invisível de todas as existências, quão mais verazmente teriam sido as minhas doutrinas impressas naquelas mentes bárbaras. Então, poderiam, através das eras da progressão, ter procurado as provas mais nobres de Deus, pela inteligência da natureza e da verdade. Poderiam, por uma ciência ampla e profunda, ter aprendido a fonte do poder e da magnificência do nosso Pai celestial.

O cristianismo fez muito no desenvolvimento da mente humana; mas as igrejas cristãs da época presente estão estranhamente deformadas. Qual é o seu objeto de culto? e quão perto do trono da Divindade chegam as suas orações e oblações? Perguntai aos seres que a toda a hora se agrupam ao vosso redor, e eles responderão, tristemente, que não para além da sua própria esfera rudimentar. Perguntai à natureza, e a resposta será, que não para além das paredes da sua igreja dispendiosa. Será Deus o objeto de adoração devota na igreja cristã? ou será o dinheiro o tema inspirador?

Não é falso quando digo: ide, num sábado, às vossas igrejas e, depois de a chamada palavra de Deus ter sido pregada, ouvireis a solicitação de dinheiro. Faz-se a coleta, e quem quiser pode dar. Poderão o dinheiro e Deus harmonizar? Poderão as leis divinas e infinitas da Divindade associar-se aos princípios de tal igreja? e será tal igreja o verdadeiro santuário terreno do nosso Criador divino? Não. Deus — o omnífico, o sublime e incompreensível Deidade. De Deus todas as coisas têm o seu ser, e pelas Suas leis as criações existem e a natureza sorri sobre o conjunto harmonioso das obras do grande Criador.

As capacidades dos pensamentos imortais só podem ser desdobradas pelo poder da natureza e da ciência. As conceções da mente do espiritualista arremetem com infinitamente mais rapidez e energia para as verdades vivas da natureza do que a mente teológica. As vossas igrejas cristãs são formadas dos mármores gélidos da mitologia, ao passo que a igreja do espiritualista é criada pelas verdades da natureza que emanam do mundo dos espíritos. Uma iluminação acrescida da verdade destruirá a tirania e a superstição da teologia, e a sabedoria alcançará de terra em terra, fluindo sempre da fonte da vida imortal.

Inspirações imortais difundem na alma do homem a sua própria beleza radiante. Espíritos dos que partiram pairam ao vosso redor, despertando na mente mortal recordações queridas para eles por associações primeiras, pelas quais continuam a provar a sua identidade. Nos recantos profundos do coração, ouvem-se os tons dos ausentes, e o tempo aponta o dedo para o belo mundo além, onde a esperança, a alegria e o amor nunca abandonam o espírito imortal. Os anos passam. Marcam cada fronte e ensombram cada coração. A hora da partida pousa a sua mão paralisante sobre o mais forte dos mortais, o espírito procura o seu lar futuro, e os homens cantam os seus réquiens sobre a campa do mérito finado.

A humanidade oprimida está a tornar-se livre. O alicerce da igreja universal e futura da verdade e da sabedoria, e de Deus, está lançado. Nenhum poder pode remover uma pedra da base desta nobre estrutura. Nenhuma força

humana pode macular a sua gloriosa beleza — nenhuma teologia — nenhuma tirania — nenhuma ignorância pode destruir a sua ação vital. A lei do amor, da harmonia e da sabedoria são os seus princípios, e ensinam o homem a amar-se uns aos outros — a perdoar e a esquecer.

As igrejas cristãs em breve adormecerão com outros edifícios de culto religioso, e, sendo a progressão eterna, há de levar todos os homens a estudar os elementos da natureza — as leis do Governante Divino, e todos, com as conceções mais nobres de uma existência futura, hão de prestar as suas oblações a Deus, sob a nobre e santa influência da grande e universal igreja futura da sabedoria e da pureza. Avançai, ó missionários da misericórdia. Que as vossas obras alcancem de nação a nação, e tereis mensageiros brilhantes e puros do mundo dos espíritos para cuidar de vós e vos proteger no vosso caminho avante.

Afetuosamente vossa, sou
Ann H. Judson.

O MUNDO DOS ESPÍRITOS

Deus é o Pai de todos. Ele é o Governante de cada mundo. É a primeira inteligência, e de Ele dimana tudo. O mundo dos espíritos é de beleza e magnificência infinitas. A primeira esfera de desenvolvimento é aquela em que os sentidos interiores do espírito se acham envoltos em trevas, mas não é um lugar de trevas. Um espírito que habita esta esfera é aquele cujas perceções estão ensombradas por compreensões falsas e caóticas.

A sua constituição é de matéria não refinada e não pode progredir se as leis da ordem e da sabedoria não forem observadas e estudadas. As mentes da primeira esfera regressam à Terra. Anseiam pelas associações e gozos que deixaram na Terra. Não admiram as belezas e as sublimes grandezas do seu lar e, por vezes, deleitam-se em molestar mentes superiores quando comunicam com os seus amigos terrenos.

O mundo dos espíritos é constituído por matéria sublimada. Tem as suas árvores e massas de água. Tem as suas flores e tipos de todos os objetos. Aqui temos massas de água muito maiores do que os vossos amplos oceanos. Temos, desde a gota de água, aos regatos, aos grandes rios e aos oceanos ilimitados. Temos árvores, das pequenas às grandes, e, em sublimidade, não podem ser comparadas às árvores da Terra, pois são muito mais belas. As flores do mundo dos espíritos são incomparavelmente mais formosas. As montanhas, as ravinas, os precipícios escarpados, as cataratas e as quedas de água são as obras mais sublimes das criações de Deus.

As faculdades e capacidades dos espíritos não podem deixar de se desdobrar ao contemplarem o labor misterioso de Deus no mundo espiritual. Grupos de anjos ou espíritos reúnem-se em torno destas obras divinas e sentem dentro de si um impulso para admirar e uma aspiração por glórias mais elevadas. Não

podem ver Deus. Não O podem contemplar no Seu poder e grandeza. Não podem contemplar o Pai celeste de todos, que, na Sua bondade e pureza, não esquece o mais humilde caseiro nem o mais modesto espírito. A Sua bondade e afeição são inspiradas por todos os objetos e, à medida que a verdade e a sabedoria fluem da grande posição da Sua supremacia e do Seu espírito, cada alma reconhece o Seu poder e todos se esforçam por conhecer Aquele de quem tais bênçãos dimanam. O Deus de amor fala nas pequeninas flores. A Sua bondade vê-se no imenso abismo, cujas vagas avançam sem cessar. Na mente mais elevada Deus está ali, abrindo o eu interior, ou perceção, ao poder elevador da ciência e da verdade. Ele, por meio das Suas leis, cria e desorganiza corpos, e dá-lhes uma existência imortal no mundo dos espíritos.

Na segunda esfera, os espíritos alcançam uma posição de verdade e bondade; mas as mentes que habitam esta esfera não possuem compreensão profunda e clara, porque o seu conhecimento do seu próprio ser, de Deus e da natureza é limitado. Têm conceções mais luminosas das gloriosas belezas da benevolência universal, e as suas perceções abrem-se a uma apreciação melhor e mais elevada da natureza do espírito e da bondade de Deus — das belezas do Seu universo material e espiritual — do que as mentes da primeira esfera.

Os elementos das mentes da segunda esfera de desenvolvimento exercem-se harmoniosamente pelo princípio da sabedoria; e, através desta lei, produzem-se ordem e arranjo. A intuição inculta começa a ser desenvolvida e exercida por temas de pensamento filosóficos e éticos. Os espíritos desta esfera não conseguem seguir, por analogia, os princípios da sua própria constituição; mas, a partir dos princípios da perceção, podem chegar a uma ideia mais definida de uma compreensão mais alta e mais clara da sua natureza, das suas funções legítimas e do seu destino futuro.

A terceira esfera de desenvolvimento é ainda mais elevada e mais belamente refinada do que a segunda. Os espíritos desta esfera têm uma fé instintiva na perpetuação da existência espiritual e individual. As bases sobre as quais assenta a individualização dos princípios das suas mentes são os desdobramentos das leis de associação, desenvolvimento e progressão, como manifestação interior viva do seu próprio destino imortal. A sua fé não se baseia em raciocínio hipotético, mas nas demonstrações absolutas e imutáveis das leis da criação.

A relação que as esferas mantêm umas com as outras é íntima e harmoniosamente perfeita. Nesta esfera, as capacidades do espírito estão mais plenamente desenvolvidas, porque o seu desejo pelo material decaiu gradualmente, e aspirações espirituais atraíram as suas mentes para as vastas e grandiosas leis do mundo espiritual, que evidentemente desdobram as perceções divinas e as faculdades infinitas das suas mentes. As leis da ordem, da sabedoria, da harmonia e do amor são ainda tenuemente compreendidas pelos espíritos desta esfera.

Na quarta esfera de desenvolvimento, contemplamos poderes de inteligência ainda mais elevados manifestos. Vemos um raciocínio calmo e esclarecedor e uma investigação minuciosa das leis, princípios e elementos da ciência material e espiritual. Quanto às leis da construção, as suas compreensões são verdadeiras e nobres. As suas ações e manifestações de sabedoria e de amor são características de uma classe de mentes altamente intelectual e infinitamente bela. As suas conceções de um Pai divino estão ainda imperfeitamente desenvolvidas.

O estado de crescimento intelectual a que as suas mentes chegaram é científico e filosófico; e as suas compreensões esforçam-se por abarcar a expansão infinita das causas divinas. O seu progresso em cultura espiritual, para elaborar as suas conceções de Deus e das Suas leis, é muito mais vantajoso do que o das esferas inferiores, porque a sua apreciação da bondade e da pureza é maior do que a apreciação das mentes que ocupam esferas inferiores de refinamento.

A quinta esfera é mais profunda e mais rica do que todas as de que falei, e é aquela à qual me encontro elevado. As mentes desta esfera compreendem, em parte, a doçura celeste que flui da fonte divina do amor e a relação do eu interior com a bondosa proteção de um Pai supremo. Os elementos de cada mente estão conjugados e associados, ocupam posições específicas e desempenham inúmeras funções no desenvolvimento da sua existência espiritual. As suas afeições são mais perfeitamente governadas pelas leis eternas de Deus e esforçam-se por satisfazer os seus desejos mais profundos e sábios por meio de conceções mais nobres de Deus.

As progressões e desenvolvimentos dos espíritos nesta esfera apresentam maiores provas dos princípios originais e eternos das organizações e possuem uma compreensão adequada desses vários princípios da natureza e das qualidades e essência do mundo espiritual, que fluem espontaneamente do grande Princípio Divino.

Afetuosamente,

Palestra n.º 8

Por Stephen R. Smith

Esta palestra foi recebida unicamente pela Srta. Brooks.

A EXTENSÃO E A FORÇA DAS LEIS DA NATUREZA

Através das várias manifestações de civilização na mente humana, a extensão e a força das leis da natureza parecem ser apenas imperfeitamente compreendidas. O homem tem a sua relação física e espiritual com a natureza universal, e está sujeito a influências sobre as quais não pode exercer controlo absoluto. É legítimo e inevitável que o homem dependa da natureza e das suas leis para a sua existência, e que receba e assimile constantemente os elementos e causas que cercam continuamente o seu ser. Não há planta nem

seixo que não tenha a sua relação com a natureza; e as leis da natureza, física e cientificamente, controlam e refinam esses objetos ao longo das eras do desenvolvimento progressivo.

O homem não construiu a sua própria organização, nem criou as forças vitais do seu ser; mas, em proporção às suas capacidades constitucionais, é capaz de agir e pensar; e, portanto, o intelecto generoso reconhecerá que o homem depende das leis da natureza para a expansão do seu intelecto e a compreensão filosófica da sua mente. O homem é a obra mais nobre de Deus. Para desenvolver a sua forma material e individualizar a sua organização espiritual, os processos de pensamento divino e de faculdades infinitas, na forma material, difundiram na organização do homem os elementos indispensáveis da mente divina, através da constituição da natureza.

O homem é o desenvolvimento último da natureza universal e é a mais perfeita incorporação da matéria no universo ilimitado, exceto a organização de Deus. Sendo esta a sublime derivação e construção da mente humana, a ciência obriga-nos a acreditar que o homem, sob Deus, em qualquer universo onde se encontre, é a organização mais elevada no grande sistema da natureza, e que ele age e tem o seu ser no espírito universal de Deus.

As leis da natureza apontam-nos para a mente eterna, que instituiu princípios que se manifestam pela força da natureza, e que revela à mente humana as leis, princípios e elementos de uma existência e individualidade imortal, tornando-os tão claros à compreensão humana que todo o buscador sincero pode perceber e entender as sublimes verdades que fluem constantemente do mundo imortal.

Se a extensão e a força da natureza fossem a base substancial da crença de cada homem, então haveria unidade de princípio e de conhecimento estabelecida na mente humana, pela qual as realidades celestiais de uma ligação final com o mundo eterno seriam recebidas e compreendidas por todos. A mente que investiga os movimentos e ações da força mecânica é uma investigadora da extensão das leis da natureza. Tal mente aprende como o grande Poder do Movimento atua sobre os vastos campos da existência orgânica, e como Ele constrói e desorganiza corpos constitucionalmente, retendo neles o princípio vital que tem a sua existência no mundo infinito.

Um intelecto assim familiariza a sua mente com os poderes geométricos e mecânicos da sua existência física e esforça-se por encontrar e compreender as propriedades inerentes, a força, a extensão e as leis mecânicas da natureza; e isto é o limite até onde a força das leis da natureza pode operar sobre a mente humana. Mas, se um intelecto se agarra às vagas probabilidades — aos ensinamentos dos antigos —, a extensão das leis da natureza atua apenas sobre a constituição natural da mente e do corpo, porque a liberdade do pensamento está acorrentada pelos laços fortes que prendem o homem exterior às opiniões e crenças dos antigos credos e dogmas, sem o livre exercício da sua própria mente.

As leis da natureza, e a sua extensão, são o poder que desdobram na mente humana. Elas elaboram e executam todos os desígnios do bem, e colocam a alma humana em comunicação direta com as mentes das esferas mais elevadas. Infundem na mente o poder natural da perceção e tornam-na capaz de penetrar nos elementos misteriosos da natureza e do homem, dando-lhe a força de intelecto para compreender tudo, no mundo físico, que perturba a progressão e o desenvolvimento harmoniosos da alma humana.

A mente humana fica extasiada perante a harmonia e a grandeza da natureza e, com deleite, pergunta: “Existe um Deus?” Esta é uma interrogação que nenhuma corrente humana pode silenciar. O conhecimento apenas deve responder à pergunta, e a ciência deve produzir a individualidade e a existência de um Ser Supremo.

O espírito humano, à medida que se desdobra em refinamento, inquere involuntariamente por uma prova mais segura da Divindade e de um estado futuro de existência. Esta é uma questão que nenhum raciocínio teológico pode sufocar. É uma questão solene, e uma que nenhum poder humano pode esmagar nem responder sem ciência e filosofia. Deve ser respondida pelas demonstrações da natureza; e, com a ciência aplicada à religião, o homem deve provar à mente inquiridora a existência de um Ser divino e imaculado, o criador e regente constante de todas as coisas.

Nem a mitologia antiga nem a teologia moderna podem responder a esta imensa interrogação; mas as verdades de Deus e da natureza, somente, devem demonstrar ao intelecto humano a existência de um Deus e de um mundo eterno, antes que o homem possa compreender a gloriosa realidade.

O coração humano pulsa de alegria ao contemplar os campos da ciência atravessados pela mente do homem; e as belezas da arte estão a ser cada vez mais amplamente espalhadas pela mente humana para a contemplação do homem.

Palestra n.º 6

Por Edgar C. Dayton

Transmitida pela Srta. Brooks, médium

A IMORTALIDADE DO HOMEM

Sob a direção poderosa e constante das leis da construção, procedem da mente central elementos e substâncias que formam outras criações, e esses elementos atraem constantemente os seus correspondentes pela lei da afinidade. Essas substâncias e propriedades da matéria condensam-se e formam sistemas de sóis e planetas.

A partir do ponto central de acumulação de matéria em cada planeta, as propriedades rudimentares refinam-se, passando pelos vários processos de desenvolvimento; e assim temos as nossas criações minerais. Pela constante

ação vital de corpos sobre corpos e de partículas sobre partículas, na criação mineral, não só são criadas e geradas substâncias vitais, como também acabam por perder-se na criação vegetal; e, pela mesma ação anatómica, a matéria apropriada de combinações mais elevadas perde-se na organização animal, e os átomos de matéria no animal acabam por fundir-se na construção e desenvolvimento do homem, sendo este a produção final e grandiosa e a união dessas três criações distintas.

Assim, descobrimos, na tendência constitucional de toda a matéria, uma progressão de desenvolvimento e refinamento em direção a um ponto de individualização, nunca perdendo a sua identidade ao longo das eras eternas da imortalidade.

Não existe lei que obrigue qualquer objeto animado por um princípio de vida eterna a perder a sua individualidade ou identidade. Através dos vários processos de refinamento, a matéria é eliminada do sistema, cedendo lugar a uma ordem mais elevada de matéria; e a organização do homem torna-se mais perfeita e completa. Os espíritos são constituídos e construídos de maneira diferente, e não gravitam para uma única posição de desenvolvimento; consequentemente, não têm desejo de se fundir uns com os outros.

Que o homem é imortal, temos testemunhos universais e demonstrações absolutas nos desenvolvimentos da natureza; e, através das suas leis, temos as sublimes realidades de uma existência eterna. Vemos constantemente diante de nós os átomos e elementos da criação a mudar e circular, desde o centro do poder eterno até à extensão das várias manifestações na criação.

A inteligência é o mais alto desenvolvimento do movimento e da ação, e é uma manifestação perfeita e imortal do princípio vital individual no homem. A mente não pode repousar com perfeita satisfação se não forem demonstradas à sua compreensão provas mais elevadas da imortalidade do homem. A natureza incita o pensamento aspirante, e a mente eleva-se em ricas contemplações sobre a identidade eterna do homem e sobre uma existência espiritual. Há uma verdadeira conexão entre a alma humana e o mundo espiritual; e toda a matéria, os elementos e as causas da existência do homem fluem do mundo invisível.

Segundo princípios científicos, somos levados a concluir que toda a vida e todas as leis de gravitação e progressão, e dos elementos imponderáveis da natureza, emanam de Deus. Estamos constantemente rodeados por organizações, cada uma ocupando uma posição específica e progressiva na natureza, e todos os objetos se interpenetram e se misturam com os elementos de Deus, constituindo uma individualidade distinta.

O homem é imortal. Tal como o germe, quando é depositado no seio da terra, se expande e desdobra as suas qualidades e essência em formas distintas da natureza, assim também o grande germe das leis imutáveis se expande e desdobra as suas belezas na organização espiritual do homem; e, consequentemente, o homem é a mais elevada encarnação do princípio divino;

e, quando se tornar plenamente imortal, as suas faculdades hão de tipificar mais fielmente a origem divina de todas as coisas.

As grandes leis anatómicas e funcionais da natureza, nas evoluções das formas e estruturas resultantes das operações imutáveis da natureza, desdobram constantemente partículas e essências vitais que permeiam todos os objetos de todas as criações.

O homem tem uma missão a cumprir na sua progressão e refinamento, e esses princípios são subjacentes e infinitos; portanto, o homem deve, pela sua tendência natural, seguir essas leis, visto que nada existe que não esteja impregnado da vida eterna e da ação vital emanadas do grande corpo da vida e da causação; e esta ligação completa a estrutura e estabelece a imortalidade da alma humana.

E aqui vemos a operação completa dos princípios e das forças das leis anatómicas do sistema material. O homem mantém uma conexão harmoniosa e unida com as leis e elementos de Deus, e é eterno e imortal. A sua posição para além da existência rudimentar é determinada pelo seu desenvolvimento espiritual. A alma humana — imortal e sublime — é sempre atraída para as glórias mais elevadas de Deus e contempla, cada vez mais verdadeiramente, a sua própria imortalidade.

Há uma sublimação perpétua a decorrer nos domínios da natureza. Da criação mineral obtemos, por ascensões anatómicas e desenvolvimento progressivo, as nossas organizações vegetais; e, destas, as nossas criações animais; e estas últimas desenvolvem-se em inteligências — ou seja, no homem.

Palestra n.º 7. Por Edgar C. Dayton.
Transmitida pela Srta. Brooks, médium.

EM RESPOSTA A “T. M. F.”, NO NOSSO ÚLTIMO NÚMERO.

Todo o assunto científico é digno de raciocínio elucidativo e de serena deliberação; mas há mentes que rejeitam produções filosóficas, não tanto porque não consigam digerir as verdades nelas contidas, mas porque sentem desejo de esmagar toda a opinião religiosa científica que venha em antagonismo positivo com a sua teoria; e parecem ufanar-se mais das palavras do que da ciência. Amo a liberdade de pensamento e, com uma mente vigorada pela ciência e pela lógica, dou, tenho dado e continuarei a dar-vos as palestras recebidas e a receber.

Não tenho desejo de me degradar no egoísmo da opinião individual, nem ambição de alcançar fama; mas desejo, sim, dar ao homem tais verdades que testifiquem nobre origem. Deverei, então, recuar porque uma mente ridiculariza a minha filosofia e reprova a minha crença ou teoria? Não; se a minha forma fosse vulnerável ao homem, e se dez mil investissem furiosos sobre mim, a minha mente estaria escudada pela verdade! Se todas as baionetas da teologia se apontassem a mim, e a espada da opressão brilhasse sobre a minha

cabeça, a minha mente ainda assim estaria escudada pela honra e continuaria a respirar das esperanças do patriota e da ambição do reformador do tempo. O meu amigo respondeu à minha teoria de Deus e julga que ela “caiu como o tecido sem base de uma visão”. Que Deus progride e desdobra constantemente novas organizações, constituídas de matéria que emana da Sua própria organização, nenhum raciocinador científico negará. O meu amigo afirma que o agora é todo o tempo que Deus conhece. Que, para Ele, não há passado nem futuro, mas, para o homem, há tempo e espaço, o passado e o futuro. Isto, para mim, não harmoniza. Essa ideia despoja Deus do atributo da compreensão.

Que Deus não seja competente para compreender toda a matéria, mente, tempo e espaço, não o consigo de todo digerir. Se agora implica o presente, o passado não pode ser o presente, nem o futuro pode ser o presente, para Deus ou para o homem. Podemos olhar através da organização da natureza e descobrimos novas criações a vir à existência, formações geológicas a brotar da matéria inanimada, e estas a refinar-se pelos seus vários processos químicos e progressões, até finalmente se ultimarem no homem.

Daqui a dez mil anos, estarão essas criações no mesmo estado rude do seu início? Respondo que não; que a progressão as terá ultimado em seres inteligentes. Então pergunto: no estado primevo das novas criações, será o agora, implicando o presente, agora para Deus daí a dez mil anos? Esquecerá Deus o passado ao compreender o presente, ou o agora? Respondo: há passado e futuro, bem como presente, para Deus. Creio que Deus compreende tudo, incluindo o passado e o futuro.

Tomemos o mecanismo e a inteligência espiritual do homem. Sabemos que há leis pelas quais a sua organização foi criada, e que essas leis dão à sua mente e constituição ações vitais e funções específicas que movem e harmonizam as substâncias vitais da vida orgânica. A progressão é a flor do desenvolvimento. Contemplamos a forma infantil desenvolver-se na estrutura varonil. Vemos o germe infantil desdobrar-se e desenvolver-se numa mente ativa e científica, cujas faculdades, abertas à verdade e à perceção, traçam a ciência profunda e a filosofia da natureza.

Há uma relação desde a matéria mais baixa e imperfeita até aos princípios mais elevados do nosso Pai Supremo; nem pode existir oposição ou antagonismo positivo que esmague esta lei indestrutível. Se o homem progride, não terão as mesmas leis que controlam o seu ser relação com a organização de Deus? Ou terá Ele leis distintas das que desenvolvem a mente do homem e limitar-Se-á apenas a essas? Não pode haver leis estruturais ou desenvolvimentos, a menos que a causa desses desenvolvimentos contenha o princípio estrutural na sua própria natureza. Nos desdobramentos da criação, vemos o princípio formativo, o princípio que governa a ordem ou arranjo primário de partículas e substâncias, e os elementos das formas e estruturas da criação.

Eu não disse que a perfeição não é um atributo da Divindade. Apenas expressei a minha crença. Para isso tenho pleno direito. Nenhum intelecto verdadeiro, nenhuma mente lógica, nenhum investigador filosófico, ninguém que tenha desenvolvido o atributo da generosidade ridicularizará ou criticará a crença de outro homem por ela conflitar com a sua opinião. Reconheço a minha incapacidade para compreender Deus; mas creio não me lisonjear quando digo que as minhas capacidades para investigar este assunto divino excedem as do meu objetor.

O meu amigo diz que Deus é, sempre foi e sempre será. Visto ele ter assumido a responsabilidade de responder à minha crença sobre Deus — não à dele — peço-lhe, como homem de ciência, que me prove que Deus é, sempre foi e sempre será. Tenho prova para mim próprio de Deus; mas ele conclui que a minha teoria deve cair “como o tecido sem base de uma visão”; e quero a sua evidência, a sua prova absoluta, de que Deus não progride e de que não foi produzido pela matéria. Prova-me o fundamento sobre o qual assentas a tua fé. Diz-me que leis controlam as poderosas criações que constituem o sistema planetário, e que leis as desenvolvem.

Diz-me que princípios produzem a ação silenciosa e harmoniosa que move os incontáveis mundos que, à noite, se veem pela visão física, e por que motivo parecem tão brilhantes e magníficos à noite. Não haverá analogia correspondente entre os numerosos efeitos que a causa desenvolve? Não haverá analogia entre as leis que controlam a organização de Deus e as que governam a alma do homem? Não se manifesta um princípio motor harmonioso em toda a construção da natureza, o qual é prova suficiente da progressão da Mente Eterna — que prova que Deus é a grande e inesgotável fonte de vida, sabedoria e verdade?

As demonstrações primitivas de Deus foram estruturais ou anatómicas. Criou Ele a vossa esfera rudimentar, os poderosos mundos nos céus e o homem ao mesmo tempo? Por que não o fez? Se Ele não progride, o Seu poder era então o mesmo que agora. Por que motivo criações minerais, vegetais e animais aumentam continuamente em civilização e perfeição? Por que motivo novos mundos estão a ser formados e trazidos à existência mais perfeitamente construídos? Por que é a inteligência humana muito mais desenvolvida do que nas eras de barbarismo, quando o pagão tinha o seu deus artificial? Porque a progressão desenvolveu o germe do crescimento intelectual, e o homem não acederá a uma teoria que não tenha um fundamento sobre o qual possa assentar as suas contemplações e raciocínios.

Quem estabeleceu esta lei da progressão? A quem pertence? À grande mente de todas as mentes? Então, se Deus dá ao homem esta lei, não deverá ela ser parte de Si próprio? Sabemos que Deus deve progredir, pois é Ele que está constantemente a desdobrar novas e grandiosas criações, cada uma contendo um germe, cuja essência e princípios últimos se manifestam abertamente pelas suas funções naturais e formação estrutural. Será irrazoável supor que Deus progride e pode alcançar um grau mais elevado de perfeição do que o que

ocupa agora? Será pouco filosófico supor que Deus, se progride, foi o primeiro produto do princípio criativo inerente aos átomos mais sublimados de matéria? Será infidelidade expressar a tua crença sobre as leis de Deus, a Sua constituição e poder, e contrastar a tua crença presente com opiniões concebidas cedo? Provará o meu raciocínio que sou um espírito cujo propósito é fazer da minha crença a causa de contenda e discórdia? Não; também este estilo de filosofia “cairá como o tecido sem base de uma visão”.

Mais: atesta o meu amistoso opositor que um Deus progressivo não pode ordenar, organizar e trazer à existência as vastas criações que existem, e que tal Deus não é competente para abarcar e controlar as poderosas leis que governam essas criações. Pelo mesmo princípio do meu amigo, concluamos que o homem, por ser um ser progressivo, não é mais capaz de agir e controlar os seus próprios assuntos do que a ordem mais baixa da criação animal. Então, parece que a progressão é um dano para o homem e a criação, em vez de um benefício.

Que despoja a natureza da sua beleza e magnificência, em vez de desdobrar princípios ainda mais elevados. A esta filosofia não chamarei sem base, pois não uso tais termos; mas devo dizer que não a consigo compreender; consequentemente, para mim, é falsa. A progressão é a ação vital do desenvolvimento — um objeto não pode desenvolver-se sem progressão. Progressão e desenvolvimento produzem refinamento. A progressão desenvolveu o homem como ser inteligente e filosófico, livre para pensar e livre para agir. A progressão está constantemente a desdobrar e a lançar para fora da organização matéria que vai constituir novas criações, agora ocultas ao sentido material.

A progressão reveste Deus de um poder mais nobre e de uma glória mais magnífica do que aquela que lhe confere o meu amigo. A progressão é uma função importante e específica no organismo da Deidade. É um princípio de vitalidade que permeia e atua em cada partícula de matéria na imensidade da infinitude. Deverei encolher-me na minha crença porque outro homem diz que é falsa? Não; a minha alma sairá e expandir-se-á perante a luz da verdade; e esforçar-me-ei por compreender os atributos inerentes da minha própria natureza e os do meu Deus.

O sistema e a criação da infinitude, as leis de Deus e as verdades da natureza serão o meu estudo. A fonte de todo o conhecimento derramará a sua influência sobre tudo. Avançarei audazmente, adiante e sempre, nos círculos progressivos do desenvolvimento, até que o meu espírito se funda com compreensões mais elevadas, as minhas faculdades se desdobrem e o meu destino último se torne realidade. Enquanto eu atravessar o curso adiante da eternidade, estudarei profundamente e esforçar-me-ei por aprender mais acerca da grande Causa eterna que tudo compreende.

Edgar C. Dayton.

Palestra n.º 9 — Por Stephen R. Smith.
O HOMEM MANTÉM SEMPRE A SUA IDENTIDADE?

Há mentes de tal constituição que, para o seu entendimento, o ceticismo parece uma ciência. O ceticismo quanto à imortalidade da alma chega mais perto do coração. Entristece a mente refletida e ensombra a fronte mais nobre. Destrói aspirações futuras e funde-se com a existência material. Mas sob isso existe uma fonte da qual jorram águas transparentes, que umedecem essa crença rígida e levam o pensamento humano à investigação da origem da natureza humana, para aprender, pela ciência e pela filosofia, que o homem retém eternamente a sua individualidade.

Existem duas relações do homem: uma com o universo que habita e outra com o mundo espiritual. Ele mantém a sua relação com a forma física, como exterior, e mantém a sua relação íntima e eterna com as leis, elementos e princípios da Divindade. O homem é uma criatura de dependência. Depende das leis de Deus e dos elementos da natureza. Se o homem não dependesse dessas leis, estaria habilitado a selecionar, da organização da matéria, os seus próprios poderes orgânicos e a sua construção mental. A alma do homem é imortal e existe eternamente. A aspiração é a mais nobre modificação e tendência da alma sempre viva.

Define os princípios do progresso imortal e desdobra ao homem a expansão e o refinamento da mente e da matéria. A alma nunca perde a sua identidade; e, embora se desenvolva constantemente em conceções mais elevadas, e expila continuamente os seus átomos menos refinados de matéria, ainda assim conserva a sua identidade no universo ilimitado de Deus. O homem é uma imagem ou imitação da mente divina, sendo harmoniosamente trazido a uma conjunção individual com as leis de uma existência espiritual e celeste. As suas esferas de ação são, primeiro, as manifestações harmoniosas de sabedoria, que inculca por aquelas lições naturais que provam a direção e a civilização dos elementos inatos da alma; e, segundo, a individualidade harmoniosa do espírito humano, quando desorganizado da forma física. A harmonia é o mais nobre atributo da organização mental.

Impregna as faculdades e elementos da alma, e é a forma última da mente. O estudo das leis mentais, dos movimentos anatómicos e das funções fisiológicas são os primeiros estudos da mente imortal. As dotações e os instintos da alma são despertados por esses estudos essenciais, e o verdadeiro génio da alma torna-se manifesto. Eles tocam as cordas ténues da simpatia com novos sentimentos e linguagem, e a alma sai ao encontro de todos em amor universal. Existe uma harmonia desde a organização mais baixa até aos princípios da Divindade. Todos os objetos estão impregnados do espírito eterno, desde a pedra inerte e a composição mineral até à organização da vida, do movimento e da inteligência.

Não há nada que exiba vida ou animação sem as suas funções legítimas; e, nas operações anatómicas dos corpos, desempenham os seus ofícios próprios, cuja causa deve ser rastreada até aos princípios da Divindade. Os princípios da

vida orgânica estão encarnados nas inumeráveis criações e formas de matéria, e têm a sua perpetuação no comprimento e na largura da eternidade. Tem de haver uma causa das belezas e glórias da natureza; uma causa das demonstrações constantes de desenvolvimento e refinamento. Tem de haver uma causa da vida orgânica e do calor animal, ou calorificação, e das formações químicas e geológicas. Tem de haver uma causa da inteligência do homem e do princípio vital que cria e aperfeiçoa as suas faculdades, desdobrando novos corpos de matéria refinada, e que produz a harmonia anatómica e fisiológica na constituição do homem. Tem de haver uma causa da vasta multidão de operações químicas e mecânicas que decorrem nos departamentos de todas as criações.

Qual e onde está essa causa poderosa? Os movimentos e construções da natureza, a existência e a inteligência do homem, têm de ser produzidos por um primeiro princípio vital. As manifestações rudimentares da existência material, os princípios imutáveis da natureza, provam que há um processo constitucional de causas infinitas a operar sobre o ser físico e espiritual. Progressão, desenvolvimento e refinamento pertencem a todas as formas e mentes.

A alma humana está continuamente a desdobrar-se e a elevar-se na escala científica. Mentes profundas estão a apresentar-se, procurando erguer um grande padrão filosófico que harmonize a ciência e a teologia com os desdobramentos espirituais da mente humana. Intelectos estão agora a analisar a origem de cada sistema teológico, para determinar a sua influência sobre o caráter humano.

Que o homem medite sobre as ações harmoniosas e unidas da criação, e encontrará que, com uma tendência perpétua e inflexível, cada átomo e partícula de matéria que constitui todas as criações segue para o seu objeto destinado, aí sendo ultimado em refinamentos superiores, produzindo por fim efeitos grandiosos e sublimes. Meditai nos pensamentos que expandem e desenvolvem a alma, criados dentro da vossa própria mente, e contemplai as formações e criações das leis que produzem essas construções: contemplai as gloriosas manifestações da natureza universal, e vereis um índice da vossa própria natureza e um protótipo do vosso Pai Celeste.

Onde está o coração humano que desejaria enterrar ou confinar a forma e a alma de um ente amado no túmulo escuro chamado sepulcro? Ah! há quem deposite a forma das suas afeições no túmulo silencioso, sentindo que o espírito deve dormir e definhar com o corpo; e, quando plantam a pequena flor sobre essa campa, como memento do mérito que partiu, a lágrima quente desliza pela face, o coração humano sente a mão do luto a trabalhar-lhe nas entranhas. Mas há os que podem olhar e sorrir para a forma desocupada, pois a esperança falou de uma reunião naquele mundo brilhante e glorioso.

Oh! tu, que duvidas, frio e inanimado deve ser o teu espírito se não consegues ver na natureza a tua própria imortalidade. Sim, a alma é imortal, e, nos

domínios do mundo eterno, alma se unirá a alma, mas as identidades nunca serão fundidas.

Vosso muito sincero,
Stephen R. Smith.

"SERÁ A ALMA MATERIAL?"

Por estes dias, há uma grande dose de pensamento profundo sobre este tema, e muito tinteiro derramado para apresentar ao mundo as ideias que esse mesmo laborioso pensar engendra e martela em formas incompreensíveis. Parece-nos que o assunto pode ser resolvido com grande economia de trabalho para o pensador, o escritor e o leitor, com o uso de um pouco de bom senso. O que é materialidade? É existência substancial. É o estado de existência de tudo quanto é visto, sentido, provado, dito ou pensado. O oposto de materialidade é imaterialidade, ou nulidade. Aquilo que não é algo, tem de ser nada. Se a alma do homem não é algo, é nada. Se não tem substancialidade, não pode ocupar lugar algum. Se é nada, não está em parte nenhuma e não tem existência. Haverá alguma praticabilidade em tecer um argumento sobre esta questão sem autoestultificação? A nós parece-nos que não.

As nossas conferências espirituais.

Estas reuniões estão a tornar-se interessantes, tanto para muitos que não abraçaram a fé dos espiritualistas como para os que a abraçaram. É sempre preciso algum tempo para os membros de tal organização se conhecerem e se livrarem daquela timidez que embaraça a mente e faz a língua vacilar. Há uma coisa que, se os membros ou visitantes fizessem, seria de grande serviço aos que falam e aos que os ouvem.

Se se levantassem e contassem, na linguagem mais simples que lhes ocorra, alguma experiência que tenham tido, ou qualquer circunstância de que tenham conhecimento, e se sentassem de novo logo que isso ficasse feito, nunca se sentiriam embaraçados, nunca fatigariam os ouvintes e poderiam falar aceitavelmente tantas vezes quantas escolhessem levantar-se. Mas, se alguém não habituado a falar em público não tentar senão quando tiver decidido fazer um discurso preparado, cairá quase de certeza antes de ir longe, e a sua vã tentativa de recuperar a compostura, entrar na pista certa e dar conta da arenga que tinha em mente será penosa para si e dilacerante para os nervos dos seus amigos.

Embora o Dr. Franklin fosse um grande homem, nunca foi um orador bem-sucedido se tentasse falar contra o tempo. Era um grande condensador, e podia pôr mais lógica num pequeno compasso do que qualquer outro homem do seu tempo e geração. Era sempre ouvido com o maior prazer, respeito e deferência. Isto porque falava apenas o tempo suficiente para esgotar o assunto, ou para gastar a medida do seu conhecimento em relação a ele.

Ficámos satisfeitos, no último domingo à tarde, por ver levantar-se um jovem que não pertencia à sociedade; mas lamentámos que o deixasse para hora tão tardia que as suas objeções à fé espiritual não pudessem ser respondidas. Perguntou, muito polidamente, se havia liberdade para discutir a filosofia espiritual no lado negativo, assim como no afirmativo. Ao ser-lhe respondido pelo Presidente que a sociedade tolerava a liberdade de palavra tal como a liberdade de consciência, expôs as suas objeções à fé dos espiritualistas. Admitiu que o espiritualismo indicava o sistema de moral mais elevado; mas queixou-se de que entrava em conflito com artigos de fé religiosa, sem os quais o cristianismo ficaria privado da sua vitalidade e seria sem valor.

Disse que os espiritualistas sustentavam que a família humana não estava em dívida para com o sofrimento e a morte de Jesus Cristo pela salvação das suas almas; e considerou isto uma heresia condenável. Claro que não pretendemos dar as suas palavras. O que visamos são as suas ideias. Disse que os espiritualistas dependiam da autoconfiança para se salvarem, em vez de confiarem unicamente na expiação feita pela morte de Cristo. Cremos que este foi o sumo e substância das suas objeções.

Estas objeções ao espiritualismo são veneráveis pela sua idade, ainda que não respeitáveis pela sua filosofia teísta. Os espiritualistas consideram-se devedores à vida pura de Jesus Cristo por exemplos de que muitos milhares têm tirado proveito, e muitos milhares mais tirarão, se tiverem sabedoria bastante para o emular. Mas não creem que o sofrimento de um homem possa cancelar as transgressões de outro, muito menos as de toda a família humana. Não creem na filosofia dos bodes expiatórios. Creem que todo o ser sensível deve responder pelos seus próprios atos maus.

Sim, na verdade, caro amigo, acreditam na potência da “autoconfiança”. Creem que cada um deve ser justificado, se o for, pela sua própria justiça, e não pela justiça de outro. Não creem que um homem possa prosseguir na comissão de toda a espécie de ultrajes morais e criminalidade até ao dia anterior à sua dissolução física e depois aceitar redenção e salvação gratuitas, das mãos de um procurador que as compra com a sua vida. O nosso amigo acaba de lembrar-se de reavivar uma objeção que está rapidamente a tornar-se uma ideia obsoleta por toda a Cristandade. Em vez de este dogma ser a vitalidade do Cristianismo, tem sido o seu flagelo, produzindo dez infiéis onde fazia um convertido à fé cristã.

Exemplifiquemos este dogma da Igreja ortodoxa com um símile: Um grande General está no comando de um vasto exército, que está obrigado pelas leis da guerra a obedecer às suas ordens em todos os aspetos. A desobediência, em quaisquer circunstâncias, é motim, cujo castigo é a morte. Pela influência de algum espírito rebelde estimulado pelos emissários do inimigo, dá-se um motim geral e todo o exército se revolta e incorre na perda da vida. O General não gosta de os matar a todos, mas tem de fazer cumprir a lei, ou a disciplina nunca poderá ser mantida. Ao procurar algum método pelo qual possa satisfazer a lei, infligir a pena incorrida e salvar o seu exército, lembra-se de

que tem um filho único que nunca cometeu mal; que sempre foi obediente às suas ordens; que o amava como à própria alma e labutava continuamente por lhe dar honra. Arbitrariamente, contra o direito, a justiça, a razão e o bom senso, resolveu fazer com que esse filho assumisse sobre si toda a culpa do exército revoltoso e morresse em seu lugar. Como lhe era impossível tornar-se o culpado de facto, havia de tomar a sua culpa “por imputação”, ou, por outras palavras, havia de ser imaginado como o “ofensor”.

Depois de planear este miserável subterfúgio, esse grande General lança-se sobre o seu filho inocente, espada em punho, com toda a fúria de um maníaco, e deixa-o um cadáver esfrangalhado a seus pés. Agora afirma que a ofensa dos que cometeram o mal foi expiada, a justiça está satisfeita e os amotinados tornaram-se homens patrióticos e justos. Isto, julga o nosso amigo, é o princípio vital do Cristianismo, sem o qual um Cristo teria sido inútil. Poderão tais ideias ser entretidas por homens racionais, na segunda metade do século XIX? Esperamos que não por muito tempo.

A carta do Sr. Smith ao clero.

Foi-nos prometida a carta seguinte se fôssemos, às 9 horas de domingo de manhã, à casa do Sr. Brooks. Eu lá estava à hora, mas o meu velho amigo Smith não estava presente. Depois de esperar meia hora ou mais, recebemos um telegrama, pela Srta. Brooks, de que ele assistia um amigo moribundo, em Albany, e não viria até que o espírito desse amigo fosse libertado da forma física. Fiquei até às onze e meia e fui-me embora. Na noite seguinte, fui receber a palestra de Edgar C. Dayton.

Quando chegou a hora de começar, o espírito do Sr. Smith iniciou o parágrafo final desta carta; e, quando terminou, a Srta. Brooks informou-me de que ele viera às duas horas e insistira para que ela se sentasse sozinha para lhe fazer a comunicação, porque, se não o fizesse, ele não a poderia tratar de modo a eu poder publicá-la esta semana. Ela sentou-se sozinha, e ele começou e continuou por três horas; ela a apontar o alfabeto e a escrever as palavras ela própria, à medida que as recebia. Estou muito satisfeito com este incidente, pois reduz ao silêncio aqueles que, conhecendo a incapacidade dela para produzir tal filosofia, me têm concedido o não merecido cumprimento de ser, involuntariamente, o autor de todas as palestras que penso receber de espíritos.

Esses censores afirmam que tudo vem da minha mente, sem consciência da minha parte, e que, se eu não estivesse presente, tais palestras não seriam recebidas. Eis aqui uma carta não inferior a qualquer das palestras precedentes, recebida pela Srta. B. quando eu estava a duas milhas de distância e ela inteiramente sozinha, salvo uma irmã mais nova que se encontrava noutra divisão da casa, passando ocasionalmente pelo aposento onde ela recebia a comunicação.

Àquela parte do clero que atribui os fenómenos espirituais ao diabo:

Amigos,—
A perceção é uma faculdade inata e instintiva da mente humana. A mente humana é uma parte da Grande Mente Viva. Vós credes num Deus — em princípios divinos e infinitos. A vossa fé foi criada a partir das pirâmides da antiguidade e das tradições mitológicas de eras passadas. A partir desses estatutos piramidais de crença, moldastes um objeto de culto que milhões de mentes temem. A vossa fé é medida para essas mentes. Vós colocais-vos entre elas e o seu Criador; e quão dogmáticas e despóticas são algumas das denúncias que proferis.

Quando a mente livre-nascida procura aperfeiçoar as suas conceções do corpo de princípios infinitos que dimanam da Divindade, a vossa crença ergue-se diante dos seus espíritos como objetos distorcidos numa visão infeliz. Vemos a humanidade imersa na profunda ignorância e erro teológicos que a vossa fé retrata ao mundo. Pelo ilimitado espaço da investigação humana, ouvimos a pergunta: onde fica o meu lar futuro? É ele de miséria eterna, ou de felicidade progressiva e sem fim? A vossa fé aponta essas mentes inquiridoras para histórias tradicionais como resposta às suas indagações.

A nossa filosofia dirige-as à verdade lógica, a Deus e à natureza, demonstradas ao seu entendimento e compreensão pela argumentação metafísica e pelas verdades lógicas da filosofia. A vossa doutrina lança um véu sobre a mente humana e, por vezes, mergulha-a em sofrimento mental sem mitigação. O vosso Deus é a própria essência da modificação. Ele cria e destrói — recompensa e pune. Ensina-vos a amar os vossos inimigos e, no entanto, lança-os numa miséria eterna. É amigo dos vossos cristãos e inimigo dos incrédulos. A sua maldição cai sobre o estrangeiro da Bíblia; mas a sua glória envolve o crente em Jesus Cristo. Tal é o vosso Deus. O nosso Deus é o Deus da existência, sabedoria, amor e poder. É o Ser Divino de onde provêm princípios infinitos e celestes.

Pela sua bondade suprema, a alma humana experimenta uma fé pura e inamovível, assente na sabedoria, cujo poder e natureza nenhuma linguagem pode exprimir. O nosso Deus é imutável — o mesmo hoje, amanhã e para sempre. O nosso Deus é progressivo. O vosso Deus está estacionário no céu. O nosso Deus é um Deus de amor. O vosso Deus é um Deus de amor e vingança. Ele pune e recompensa segundo as obras do homem durante a sua carreira terrena. O nosso Deus não deserta espírito algum; mas, através das suas leis, cada um ocupa a sua posição espiritual, harmonizando com o seu desenvolvimento, progredindo com o tempo, para diante e para cima, para conceções mais elevadas do poder da Divindade.

Na nossa filosofia não há desarranjo intrínseco de ordem e harmonia na sua ação sobre a mente. Não produz insanidade tão extrema — superstição tão caótica e escura — que não possa transmitir altas e santas verdades de uma existência espiritual — de um Ser Supremo e Omnipresente. Os elementos da mente nascida espiritualmente são vida e amor. Os atributos da inteligência estão a desdobrar-se continuamente em sabedoria vinda do poder imortal de

Deus. Na vossa fé descobrimos motivos escuros e misteriosos produzidos nas almas humanas; e a crença que inculcam leva-as de volta à data remota do primeiro par humano: e isto, para as suas mentes, é o germe primitivo da família humana. Em consequência da sua alegada transgressão, o pecado é lançado sobre todo o coração humano a latejar de vida e esperança, sabedoria e inteligência. A nossa filosofia remete a mente humana para o germe espiritual embebido nas suas conceções interiores, que é a essência última da progressão; e, nesse germe, encontramos as funções finais do desenvolvimento eternamente manifestadas.

A vossa hipótese mitológica procura provar que a desunião é desenvolvida por mal inato do coração humano. A nossa filosofia procura provar que não há mal inerente, mas que a predominância do animal é a causa do erro. A influência que a vossa fé lança sobre a comunidade é paralisante e egoísta. A influência que a nossa filosofia imprime à alma é doce e consoladora, verdadeira e fiel. Vós, unanimemente, ridicularizais os nossos ensinamentos, esforçando-vos por provar, nos vossos santuários de culto, que são depravações intrínsecas e que são tirânicas, escravizando a alma do homem: que, se ele obedecer à nossa filosofia, receberá castigo eterno pelo pouco de felicidade que pode ter experimentado da sua crença na filosofia harmonial.

Usais epítetos contra a comunicação espiritual que nenhum verdadeiro cristão ousaria proferir. Afirmas que é obra do diabo. Isso podeis fazê-lo; mas, meus amigos, jamais podereis romper a cadeia que liga a mente humana às leis da Omniciência. A mente tem existido durante tanto tempo em cativeiro teológico que um raio de luz divina, a cintilar do Sol central do Céu, através de mentes brilhantes e gloriosas, faz a mente deter-se na margem da liberdade e da liberdade de pensamento, tentando colher raios ainda mais brilhantes de sabedoria celeste. Também vós, que ainda vos apegais à Bíblia como apoio, deveis render-vos. Deveis abraçar estas verdades. Repito — deveis avançar com ousadia, enfrentando o mundo, e proclamar as nobres verdades estampadas no rosto da natureza e lavradas pela mão de Deus na alma humana. As leis de Deus são inflexíveis. A alma humana pode repousar com confiança no seio da natureza e nunca ser perturbada por desconfiança ou dúvida.

Meus amigos, rogo-vos que trateis este assunto com bondade e verdade. Tratemo-lo com a candura de homens intelectuais. Investigai-o como homens que raciocinam. Depois, dizei ao mundo a que atribui a vossa mente desenvolvida — se às obras de Deus ou às obras do Diabo. Ao Rev. cavalheiro que há pouco proferiu um sermão numa das vossas cidades vizinhas, diríamos: Os vossos anos são demasiado poucos, o vosso conhecimento de Deus e das Suas obras demasiado insuficiente, para vos permitir ferir, em mente alguma, a nossa causa. O vosso sermão foi poeticamente belo; mas não passa de uma fraca cintilação entre as muitas luzes brilhantes que, a cada hora, emanam do mundo dos espíritos.

Vosso verdadeiramente,
Stephen R. Smith.

Palestra n.º 2, por Edgar C. Dayton.

Há outros planetas para os quais desejo chamar a atenção. Falarei agora do planeta Marte: este mundo é habitado por mentes civilizadas e intelectuais. O seu desenvolvimento e refinamento excedem os do planeta Terra. A sua superfície é algo irregular e aquosa. Descobrimos vegetais neste planeta; mas as vantagens para o seu cultivo são muito pobres. Parece existir aqui uma grande quantidade de geada. A atmosfera é geralmente fria e, por vezes, cai neve; mas isto é de ocorrência rara. As mentes dos seus habitantes são semelhantes às mentes na Terra. Têm diferentes classes de sociedade, da mais alta à mais baixa. Têm, também, diferentes credos teológicos e, em consequência, as leis de Deus não os harmonizam.

A sua relação com o mundo futuro não é tão íntima como a do planeta Terra. Raramente têm a presença de espíritos dos que partiram manifestada. A progressão deste planeta parece lenta; mas ele desenvolve e desdobra as suas belezas e refinamentos a partir dos mesmos princípios incompreensíveis e imutáveis que desenvolvem todo o objeto na natureza. A mente ali é ainda mais animal do que espiritual. Não possuem aquela força de intelecto que caracteriza as mentes de todos os outros planetas. Há disputa e contenda entre as mentes de lá, e isto retarda o progresso do refinamento espiritual. Mas a eternidade está diante deles. A sabedoria e a graça de Deus habitam ao seu redor, e as leis que Ele estabeleceu hão de, por fim, governar-lhes as mentes.

Falarei agora de Vénus, essa bela rainha da hoste estrelada. É a vossa estrela da manhã e da tarde. Classifica-se, em sublimidade e beleza, logo a seguir a Saturno. A sua superfície é algo irregular, rochosa e montanhosa. Possui uma maior proporção de água do que qualquer outro universo. As leis da ordem, da sabedoria e do amor controlam as mentes brilhantes que diariamente penetram mais e mais fundo nas verdades inconcebíveis que descem do Deus do amor. A sua ligação com esse universo superior e mais santo é harmoniosa e grandiosa.

O espírito altamente desenvolvido que partiu da forma mortal pode voltar a este mundo glorioso e ensinar à alma aspirante a supremacia do doador divino, e incutir na mente encarnada as leis perfeitas e eternas de um Poder guardião puro e santo. Nenhuma disseminação teológica escraviza a mente neste planeta. Nenhuma hipótese mitológica mantém a alma em cativeiro; mas os espíritos dos homens, neste universo, avançam audazmente para abraçar as realidades sagradas tornadas evidentes aos seus sentidos espirituais pela sabedoria e perceção da mente sempre ascendente.

As ações dos homens baseiam-se no conhecimento da natureza e de Deus, provado por eles pelas demonstrações de inteligência manifestadas por mentes

sábias e superiores. O conhecimento que recebem da terra dos espíritos é transmitido à sua compreensão pela telegrafia mental da atração percetiva. Tal é o estado deste mundo, que à vossa perceção física não passa de uma estrela brilhante no céu distante.

Os planetas dispõem-se assim em ordem e desenvolvimento: Saturno excede todos os outros. Vénus vem a seguir. Depois temos Júpiter, Mercúrio, Marte, a vossa Lua e, então, Herschel. O planeta Mercúrio está agora em bela condição. Descobrimos aqui os reinos animal, vegetal e mineral. O seu solo é pedregoso e arenoso. A sua superfície é bastante plana, com exceção de picos montanhosos aqui e ali, que se assemelham aos vossos vulcões. Por vezes há erupções nessas alturas montanhosas, que fazem todo o corpo do planeta tremer como se fosse arremessado da sua órbita.

Essas montanhas estão tão aquecidas por calórico interno que nenhum objeto vivo pode existir nelas. Descobrimos florestas densas que se estendem por muitas centenas de milhas. Possui uma proporção maior de vida vegetal do que qualquer outro planeta. Não há muita água existente aqui, mas o solo é muito húmido. A atmosfera está algo impregnada da eletricidade proveniente das muitas minas de ferro, carvão e prata. Em consequência disso, os habitantes raramente são atacados por doenças. São muito saudáveis e robustos. A mente é muito clara e espiritual. Este planeta não é tão densamente povoado quanto a maioria dos outros.

As suas principais aquisições derivam dos estudos da natureza e das filosofias que lhes são dadas do grande universo da sabedoria imortal. A sua ligação com o mundo espiritual é verdadeira e harmoniosa. Eles convivem livremente com mentes imortais, e as verdades provadas para eles pelos espíritos fazem avançar rapidamente o seu desenvolvimento e progressão. Este é um mundo harmonioso e feliz. É pequeno, mas contém muito conhecimento. Possui muitos atrativos, porque as mentes dos seus habitantes estão sempre a esforçar-se por promover a felicidade dos seus irmãos.

O próximo objeto grandioso e glorioso de contemplação é o mundo espiritual. Este universo ilimitado está cheio de todas as belezas e atrações que são, e têm sido, criadas por Deus. As leis da ordem, da harmonia, da sabedoria, da perceção, da inteligência e do amor estão aqui estabelecidas. A perceção é o atributo principal da alma imortal. A aspiração é o íman da progressão. O desenvolvimento é o desdobramento das faculdades da mente eterna. Contemplamos aqui todos os elementos de Deus, concentrados numa obra sublime e harmoniosa; e essa obra é promover a felicidade daqueles que a ela se devotam.

Temos aqui belos cursos de água, que rolam majestosos através das eras da progressão. Temos também belos bosques, árvores e flores. Os seres aqui existentes associam-se e vagueiam por esses bosques e florestas. Sentam-se nas margens dos rios transparentes e estudam os princípios e elementos do mundo espiritual, que, se observados, os atrairão cada vez mais alto, para realizarem conceções mais elevadas do grande Governante. Este mundo é

destinado a toda a alma. Está a cada momento a reunir os seus filhos. Está, de hora a hora, a chamar os espíritos humanos para casa. Então, quando o tempo transportar o vosso espírito para a sua posição ali, esforçar-vos-eis ainda mais ardentemente por contemplar as glórias do vosso Pai celestial. Estudai bem; sede fiéis, e a pureza e a verdade serão o poder orientador da vossa missão terrena.

Edgar C. Dayton.

Palestra pelo Espírito de John Wesley

Transmitida pela Srta. Brooks, Por meio de batidas

Os elementos da bondade cristã só podem derivar-se daquela intuição natural do bem e do mal, que é um atributo conferido à mente humana. Há uma depravação inerente — uma imoralidade inata — da natureza humana, sujeitando o homem aos poderes do mal, o que evidentemente o impele a violar os princípios mais nobres e elevados do seu ser. O homem, ou os homens, para reformarem a humanidade, dirigem-na para a Bíblia, para os ensinamentos dos teólogos antigos — para Jesus Cristo, como exemplo para que mentes modernas e racionais ajam a partir dele.

Mas não precisamos de recorrer à teologia antiga ou ao exemplo de homens naquelas eras distantes, quando Cristo nasceu na Terra — não possuindo o poder da Divindade, mas, como vós, nascido homem, na cuja mente se refletia luz do mundo dos espíritos — recebendo de um estado mais elevado de existência impressões dos nobres propósitos da missão do homem, e daquelas leis imutáveis e eternas que deveriam regular as suas ações por toda a eternidade, e colocar perante ele um fundamento sólido sobre o qual pudesse erguer a sua felicidade, e com segurança saber que era a verdade que o sustentava em todas as vicissitudes.

A condição do mundo no nascimento de Jesus Cristo estava moralmente contaminada, como agora. A sua missão foi melhorar a condição do mundo e, por princípios lógicos e naturais, mostrar a relação do homem com o mundo espiritual, no qual todas as almas, a partir de resultados últimos e gloriosos, poderiam habitar em paz e harmonia na Terra, assim como no céu. Quem e o que era Cristo? Era ele um ser nascido de Deus? Não — era um homem, dotado de uma mente poderosa, cujas faculdades eram grandemente ampliadas, cujas perceções eram ilimitadas.

Do estado ainda não desenvolvido da mente humana naquelas eras, e por causa das elevadas e nobres aquisições de Cristo, e por causa do seu puro desejo de iluminar mentes iludidas, ele foi censurado, condenado e crucificado; e, como mártir, sangrou na cruz para satisfação de uma classe de homens vingativos que viviam naquele período. Cristo — um homem! Quantos se afastam desta verdade, por impressões precoces e velhas ideias de educação, em vez de aplicarem a natureza e a lógica à suposição que emana de uma mente imortal. Que quer dizer a vossa afirmação? — muitos perguntam. É isto:

que Cristo nasceu na Terra, como todos os outros homens, possuindo uma mente incomparável em intelecto e filosofia; que, durante a sua breve peregrinação, colocou diante do mundo os princípios fundamentais da felicidade humana, e implantou em muitas almas intuições morais e intelectuais da verdadeira fonte da afeição e dessas leis naturais que, se observadas, serão a verdadeira religião de Deus. O desenvolvimento animal predominava e o sangue era o desejo dos homens para saciar os seus apetites vingativos. Assim, Cristo, o grande mediador do amor e da verdade, sofreu na cruz até que o seu nobre espírito partiu e, em sublimidade, ascendeu à sua posição no céu, unindo-se, em sabedoria e verdade, às glórias eternas e imperecíveis de Deus.

Todo o objetivo de Jesus, durante a sua vida, foi realizar o bem. Quão amável, quão bela esta verdade! Quer na sua pátria, quer em terra estrangeira — entre amigos ou inimigos — tinha apenas um objetivo em vista: o bem do seu semelhante. Nele vemos propósitos imutáveis e motivos puros — uma devoção inerente e infinita a Deus. O seu espírito puro, manso e humilde foi um emblema de esperança e amor; e, quando preso à cruz e no limiar de uma morte violenta, embora privado do seu poder e glória, o seu espírito brilhou com uma radiação divina e ostentou os símbolos da graça e misericórdia celestes.

Estas são verdades dignas de comemoração e as belezas mais cativantes da Bíblia. O desejo de Cristo foi unir os terra-a-terra e os desarmonizados em afeição e liberalidade uns para com os outros, e produzir aquela harmonia que tende a refinar a matéria bruta e a desenvolver neles tudo o que é santo e infinitamente puro. Quem não gosta de demorar-se sobre aquelas páginas da história em que as suas obras estão registadas? Eu digo-vos quem: aqueles que sentem no coração um desejo por verdades ainda mais elevadas e um conhecimento mais substancial do que o contido entre as capas do chamado volume sagrado. O que é a Bíblia? Foi ela inspirada por Deus?

Muito, muito longe disso. É uma história em que se registam os sentimentos e ações de homens sábios; onde a mente científica desenvolveu os seus poderes intuitivos naturais; onde o sensualista grosseiro exibe a sua voluptuosidade em todas as suas formas rasteiras. E, ainda assim, passa por vir diretamente de Deus. Não contém sopros sagrados e angélicos. Não prova à mente humana que há outro mundo para além da materialidade. A Bíblia não provou isto; mas a natureza que vos rodeia, os poderosos universos nos céus distantes e o vosso próprio planeta — as suas filosofias e ciências — despertaram no homem a crença de que deve existir um poder governante para além das perceções da mente humana.

Voltemos aos dias da Antiguidade, quando as torres de Babilónia atestavam a sua grandeza e poder — quando Jerusalém resplandecia em glória — quando Roma estava na sua força — quando Cartago florescia no seu orgulho e Tebas na sua grandeza. Quando Napoleão lutou por conquistas, e a sua ambição o enviou para o exílio: e estará o mundo agora num estado menos depravado? Quando o espírito-mestre da época — Washington — combateu e sangrou pela

liberdade — quando, no campo de batalha, milhares gemiam de agonia e o grito da morte se ouvia ao longe — qual era a condição do mundo? Ah! proclamou-se a liberdade! A opressão foi calcada sob o tacão de ferro da Liberdade, e os corações palpitavam de alegria irrequieta quando a bandeira estrelada ondulou orgulhosa e livre entre os símbulos da opressão e da iniquidade, proclamando a América livre.

Agora, na época presente, como é estimada a moralidade? Eis que se abriram as comportas da corrupção, e o espírito do homem sai clamando alto por auxílio ao grande Deus do universo. É-lho dado? Que é o que ouvimos no meio das mais sombrias tempestades de dor? São os acentos da esperança — sussurrados suavemente por algum poder desconhecido. Que é o que aquieta o espírito enlutado, por pensamentos suavizadores de alguma fonte misteriosa? Que é, quando a mãe extremosa vigia ao leito de morte do seu filho idolatrado, enquanto o seu espírito luta por sacudir a cadeia que o prende à Terra, que desperta na alma dessa mãe pensamentos tão puros, lhe infunde uma confiança confiante em Deus e, embora o coração sinta a desolação, aproxima o seu espírito do mundo dos espíritos, para onde voou o seu pequenino?

Não são eles espíritos brilhantes que unem as suas vozes em cânticos de consolação, para enxugar as lágrimas do enlutado? que trazem o desgarrado de volta ao redil da verdade e da honra? que apontam ao homem os princípios imutáveis do amor e da harmonia? O tempo o dirá. Mas, cristão, contempla o mundo. Vês aquele tugúrio, onde se congregam variedades da espécie humana? Vês, mais além, aquele pináculo de igreja erguido? Ouves o repicar dos seus sinos a chamar a congregação para dentro das suas paredes, para cultuar? Vês aquela forma imponente — aquela nobre fronte? e ouves aquelas palavras de mais profunda eloquência, quando irrompem dos seus lábios, apontando-te a Deus e às suas obras?

Onde estão os teus pensamentos enquanto o ministro de Deus se esforça por atrair a tua atenção para o assunto sagrado que te está a dirigir? Onde estão as minhas respostas? Vem comigo e delinearei para ti o estado das mentes. Dentro da tua igreja há personagens distintas — o homem liberal — o avaro que acumulou a sua riqueza, contribuindo ocasionalmente com uma pequena quantia para missões estrangeiras. O laicado e pessoas ignorantes reuniram-se contigo para adorar a Deus; e, enquanto o ministro está diante de vós, a derramar a sua brilhante descrição de um destino mais nobre para o homem justo, os teus pensamentos vagueiam, a contemplar o que farás na semana que vem.

Ali está sentada a senhora da moda, a perguntar-se se já apareceram os modelos outonais franceses; e, mesmo atrás dela, está a donzela inocente, esperando sinceramente que a mãe lhe compre aquele vestido elegante numa loja célebre qualquer. E aquele velho de fronte enrugada, cujos cabelos brancos indicam idade avançada, diz que a sua riqueza é dele. Assim, cada mente vagueia em torno do seu próprio desejo pessoal, vai à igreja e regressa

nem melhor nem pior. Serão estas as posições mais nobres para o homem na Terra? Serão estas as conceções mais elevadas que o homem pode encarnar? Não haverá aspirações mais santas?

A natureza tem a sua harmonia; e, à medida que as faculdades de sabedoria da organização mental se desdobram, o espírito dos mortais há de perceber e estimar a relação de todas as coisas com uma existência espiritual. A perceção interna da alma ensinará a preeminência do mérito intrínseco e estabelecerá um governo natural de todas as coisas, como Deus estabeleceu as suas leis. Segui em frente — mente há de fundir-se com mente até que se perca nas águas sem limites que fluem tão infinitamente belas na terra da sublime omnipotência. Segui em frente — o mundo é iluminado por amor infinito e magnificência invariável. As mentes humanas ficam extasiadas pelos doces tons dos espíritos angélicos. Não temais — os elementos da natureza trabalham para o bem de todos. A paz esteja convosco nos vossos labores pela verdade.

Sou vosso eternamente.
John Wesley

Quarta Palestra

A que se segue é a quarta palestra,
transmitida pelo espírito de **Berns B. Bu**, através da Srta. Brooks.
Teve início na noite de quinta-feira, 14 de dezembro.

A VERDADE

Há, em todas as criações — formadas e em processo de formação — princípios que explicam a sua origem e desenvolvimento. O Sol, ao fazer as suas revoluções, lança continuamente partículas de matéria que formam outras criações.
Essas criações desenvolver-se-ão em mundos semelhantes ao vosso. Esses universos encontram-se no céu distante, acima de vós. As mentes que habitam o vosso planeta e os que o rodeiam descobriram esses novos mundos e esforçam-se por penetrar mais profundamente na filosofia da sua origem. A mente descobre as leis que regem esses universos — e isso é a verdade.

Há um elemento que permeia toda a natureza, revestindo-a de esplendor e magnificência tão belos, que o próprio espírito humano se sente inspirado por pensamentos elevados e nobres ao contemplar a harmonia natural do seu arranjo — e isto é a verdade.

Não há ser humano que não traga em si o tipo de certas propensões de algum animal. Contemplamos o homem astuto e intrigante — e eis nele a semelhança da raposa. E poderíamos provar este facto em cada homem; mas a natureza é verdade, e prova que existe um ser interior e um ser exterior — ou dois eus. Um tem relação natural com o ser espiritual; o outro, com o animal ou material.

O eu interior é o espírito. Este habita uma forma material; e quando o espírito se esforça por atingir algum ponto onde a verdade o atrai, a materialidade tolda os seus sentidos espirituais, e aqui a verdade perde força e torna-se fraca, porque o meio através do qual é transmitida participa de duas naturezas. Assim, a verdade, diluída com a falsidade, perde o vigor, porque tem o seu oposto com que contender.

A visão espiritual pode identificar uma forma de beleza nos elementos naturais da brisa que passa; o homem pode descobrir esplendor na ascensão da Lua ao seu trono da meia-noite; pode contemplar magnificência quando o Sol declina num leito de ouro derretido para o seu repouso noturno; pode ver doçura na flor singela; pode, em sua contemplação de Deus e do Céu, perceber santidade e pureza na sua própria alma; mas, ao contemplar todas estas verdades, o ser exterior lança um véu sobre as contemplações do espírito, e a alma enfraquece nesse estado, pois cada natureza procura o seu semelhante.

As duas não podem fundir-se nem harmonizar-se, e assim ele afoga os pensamentos elevados e puros no turbilhão dos prazeres mundanos. O eu exterior predomina e atrai a mente para os objetos terrenos; e, amplamente desenvolvido, leva-o às cenas mais degradadas da vida humana. Não sente desejo de aprender verdades importantes para si mesmo, mas o descuido apodera-se dele, e não se importa nem com Deus nem com o homem.

[Interrupção]

[Aqui o espírito disse: “Descansa um pouco.”
Quando o espírito começou a bater, o Sr. B. parou o relógio da lareira, cujo tique-taque se misturava demasiado com as pancadas. Logo após as palavras “descansa um pouco”, o espírito perguntou:
— “Que horas são?”
O Sr. B. foi a outra sala, onde o seu relógio estava pendurado, e respondeu:
— “São dez e meia.”
O espírito replicou:
— “Não pretendia reter-te mais tarde do que até às nove e meia. O relógio pelo qual me guio parece ter parado. Não dei pela falta do seu tique-taque; mas quando olhei repetidamente e vi sempre a mesma hora, comecei a suspeitar que a sua música cessara. Poderás vir novamente amanhã à noite?”
Respondi que sim. Ele prosseguiu:
— “Far-me-ás grande favor se vieres, pois a bateria de que disponho agora é tão fraca que me é impossível comunicar à velocidade com que a minha mente fornece a linguagem.”]

SEXTA-FEIRA À NOITE, 15 de dezembro

Às sete horas, o espírito prosseguiu para terminar a sua palestra sobre **A VERDADE**, da seguinte forma:

A **progressão** é eterna. A **verdade** é eterna.
A mente nunca retornará ao seu vórtice primário de caos, mas avançará para novas e mais elevadas criações, transformando-se, por fim, do terreno para o eterno. A verdade é magnânima; ela auxilia a mente humana a elaborar as suas conceções de Deus.

Homem! Deus não regista em céu algum qualquer ato de mal contra ti. É Ele quem infundiu atividade à tua natureza e deu força ao teu intelecto. Através das Suas leis imutáveis foi produzida a tua origem; e o que Ele criou — espiritual ou material, bom ou mau — tem n'Ele a sua causa. Desejaria Ele amaldiçoar-te porque és imperfeito? Se assim fosse, então todo o ser humano seria lançado ao mar da danação, pois nenhum homem é perfeito.

Quão falsa — quão absurdamente falsa — é a doutrina teológica ensinada por mentes que se dizem esclarecidas, como se Deus tivesse criado um poder em oposição e igual a Si próprio, de modo que, quando a mudança ocorresse, o diabo subisse do inferno para levar os não desenvolvidos à sua região demoníaca, e Deus descesse do Seu trono de amor para conduzir o espírito desenvolvido ao Céu.
Toda mente sábia repele tal raciocínio gélido.

A partir dos princípios harmoniosos manifestos na natureza e em toda a infinitude da mente e da matéria, o homem descobre leis que refletem verdades na sua consciência — e pela verdade sabemos que há um Deus e um mundo espiritual, para onde a mente entra ao deixar o seu invólucro de barro, progredindo em verdade, imutável para sempre.

Assim como o rochedo de granito está abaixo do refinamento da mente humana, também existe matéria inanimada e grosseira sob o solo, milhões de vezes inferior ao objeto que ela penetra. Em milhões de eras, no profundo e impenetrável futuro, os objetos e formas materiais que agora existem passarão, e a emanação espiritual concentrará o seu refinamento e desenvolvimento em conjunção com o mundo interno e o progresso imortal; e esta matéria inferior tornar-se-á em novos objetos e formas, substituindo o finito que agora se torna infinito pela transição do material bruto para o espiritual refinado.

Mudanças universais estão continuamente a ocorrer na organização ilimitada e incomensurável da natureza. Todo o objeto sofre alguma transformação ou modificação. Assim como a flor produz flor, também a mente humana, pela mesma lei imutável, produz mente — desenvolvendo incorporações de matéria espiritual num espírito liberto da materialidade. A matéria inanimada não pode assim existir; mas, quando refinada e eternizada, pode atravessar todos os estágios de desenvolvimento que se encontram numa eternidade progressiva.

À medida que universos se apinham nas margens da imensidão, à medida que a harmonia se intercambia e se interpenetra na natureza, à medida que o grande poder criador resplandece em magnificência ao redor dos pontos atrativos da criação — assim também a mente humana há de romper os grilhões do cativeiro teológico e contemplar as ricas e quase intransponíveis verdades que ondulam em poderosas vagas, emanando da fonte divina do poder imortal de Deus.

Vosso, verdadeiramente,
Stephen R. Smith

Palestra n.º 5

por Stephen R. Smith

Esta palestra foi recebida em três sessões, através da Srta. Brooks, por meio de batidas. Por vezes, as condições são tais que os espíritos comunicam com grande dificuldade. Uma atmosfera rarefeita e húmida torna-lhes quase impraticável comunicar de todo. Outras vezes, as condições são tais que uma palestra deste comprimento é recebida numa única noite. Fique entendido que todas estas palestras chegam através da Srta. B., por batidas, salvo anúncio em contrário.

Não pensáramos dar aos nossos leitores qualquer notícia de quem o Rev.do Stephen R. Smith foi, quando habitava um tenemento mortal, porque sabíamos que era amplamente conhecido neste Estado, bem como noutros vários Estados da União. Contudo, visto que o nosso jornal agora circula para além do círculo da sua convivência, não será descabido declarar que ele foi um eminente Divino, da persuasão Universalista — foi respeitado e amado por todos os que o conheciam intimamente, e tido em alta estima pela comunidade, tanto pela sua retidão moral como pelas suas grandes capacidades como pregador do Evangelho.

Teve o encargo pastoral da Primeira congregação Universalista desta cidade, de 1843 a 1849, e até cerca de quatro meses antes do seu falecimento. Trabalhou para fazer o bem até que o seu corpo mortal cedeu no serviço. Agora vestiu a imortalidade e habita um corpo indestrutível. Neste novo e imortal corpo, recomeçou os seus labores de amor; e já pediu “aos que escutaram os seus ensinamentos enquanto na Terra, que não o evitem se agora a eles regressa com perceções mais elevadas do conhecimento divino”. Nós também esperamos que não o façam; mas, se o fizerem, não será por culpa nossa; pois, enquanto nos for possível, daremos os seus ensinamentos ao mundo, sabendo que de nenhum outro modo poderíamos melhor servir a Deus ou aos Seus filhos humanos.

Quinta-feira à noite, 28 de dezembro. A imortalidade da alma. A vida espiritual é a essência divina da mente imortal. Harmonia, ação e progressão, o princípio infinito do espírito. A alma eterna é a corporização da sabedoria, do amor e da

harmonia divina. Encontramos que uma matéria imortalizada forma a mente eterna e progressiva. Quando o espírito está a despedir-se da sua esfera terrena, passa por processos múltiplos; e, enquanto sofre a mudança, o seu corpo ou organização espiritual também vai sendo formado, de modo que a porção de matéria refinada que há de constituir esse corpo se separa da organização humana. Vai-se concentrando gradualmente na organização espiritual, até que toda a matéria espiritualmente refinada é atraída para a forma espiritual, e a mente ocupa a sua posição nesse corpo e inicia a sua gloriosa obra de progressão celeste.

A mente imortal aspira primeiro a definir a sua progressão eterna. A aspiração dá vida e alma ao espírito imortal. O amor dá ao espírito a sua posição na nova existência. É preciso um Deus para apreciar um Deus. É também necessária uma mente harmoniosa para entender e apreciar a harmonia. Os princípios harmoniosos são, primeiro, o estudo profundo do espírito. Esta é a vida e a ação do seu ser espiritual. É o tipo da mente positiva — a imagem do Grande Criador. A alma imortal é gloriosa e venturosa.

Tem labores a realizar que elaboram e desenvolvem as suas faculdades mentais; e o espírito desdobra a sua visão às investigações daquele conhecimento divino que dimana continuamente da alma governante e é transmitido, por mentes puramente desenvolvidas de esferas superiores, às de uma esfera inferior. Todo o conhecimento inculcado pela mente imortal avança o seu desenvolvimento a um grau mais alto; e assim há de sempre abrir caminho pelas esferas de uma progressão imortal, até que o seu refinamento se torne tão perfeito que esqueça o universo da materialidade. Para cima e em diante é o destino do espírito, por toda a eternidade, até ocupar a esfera de desenvolvimento que o Supremo Regente ora ocupa; mas nenhum espírito jamais alcançará o trono da Divindade.

O espírito não desenvolvido vê diante de si um céu em embrião; mas a verdade ilumina a sua perceção íntima e, enquanto a sua mente se dissolve nas belezas de uma vida espiritual, anseia por aquela luz que protege e guia a mente eterna. Como as flores fenece m sob a aragem outonal, assim a forma humana volta ao pó, e outro mundo glorioso, e as indefiníveis belezas de outra vida, são reveladas ao espírito. A mente desperta para as claras realidades de uma existência divina.

Pela alma imortal insinuam-se os pensamentos embelezadores, despertados pelos elementos harmoniosos que impregnam toda a organização da natureza. O espírito é despojado das suas tendências más e aspira a verdades mais santas para além da sua própria esfera de desenvolvimento. A mente nunca deixa de progredir. Deus progride, e toda a mente é atraída para Ele, elevando-se sempre mais e mais. Deus é a corporização da perfeição. Possui as qualidades divinas e infinitas da sabedoria, do amor e da santidade.

Há, por todo o universo de Deus, uma lei eterna e imutável que harmoniza mente com mente e cada objeto espiritual com o seu semelhante. Essa lei é a ordem. A alma imortal não pode violar essa lei, pois participa da essência

divina que a forma; e os seus pensamentos e aspirações concentram-se neste princípio controlador do mundo espiritual. Há uma lei imutável e inalterável que une de modo indissolúvel as almas imortais; e essa lei é a harmonia. Dela nenhum espírito pode desviar-se; porque, desde a posição de Deus até à mais baixa esfera, a harmonia flui do trono de Deus através de toda a mente, até alcançar a mais não desenvolvida. Por esta lei gloriosa, cada alma imortal está ligada por laços inalteráveis de afeição e é atraída para cima, para o seu Pai celeste.

Há uma lei, celeste e infinita, o seu poder omnisciente, a sua omnipresença eterna. É o princípio espiritual interior da alma sequiosa e aspirante. É o grande impulso imortal do espírito. Esta lei caracteriza-se por vida, movimento e inteligência. Está depositada na Mente Divina e daí é distribuída por todas as esferas. Esta lei é a sabedoria.

Há ainda outra lei. É a lei do refinamento e da expansão, que não tem limitação. Inspira o espírito com veneração. É a mola mestra da progressão. Está cunhada em todas as coisas e em todo o objeto. É a lei do AMOR. Todas estas leis estão ligadas entre si por uma grande e harmoniosa lei de poder omnisciente; e essa é a lei de Deus.

Se todo o espírito pudesse permanecer no imensurável monte da elevação intelectual e ler cada linha traçada sobre a ilimitada e iluminada página da natureza, pela mão de Deus, para contemplar as muitas mentes abaixo de si, o atributo da aspiração seria avivado e essa mente subiria rapidamente à esfera da sabedoria; e, à medida que de Deus descessem verdades ainda mais profundas, aspiraria sempre a algo além — algo maior e mais santo — algo que revelasse o seu próprio destino, e uma progressão pura e infinita marcaria o seu curso ascendente.

Deus é a primeira causa, a mente positiva. A natureza é Sua criação, e é negativa. Deus nunca muda. A Sua posição está para lá de modificação ou mudança. As Suas qualidades são superlativamente perfeitas. Deus é o Pai de todos. A progressão marca a Sua carreira eterna e divina. Ele é o íman superlativo e é a Divindade. Está à cabeça dos seres espirituais e humanos, atraindo-os sempre mais alto e mais perto daquela posição grandiosa onde cada átomo de matéria que seja incongruente com essa esfera de desenvolvimento terá partido para ajudar na organização de outras estruturas espirituais.

O espírito, quando chega a este ponto na progressão, deixa de comunicar com mentes inferiores a si. A alma imortal é atraída infinitamente mais para Deus quando despojada da materialidade grosseira. Ordem, harmonia, sabedoria e amor são as quatro grandes e imutáveis leis que regem a mente imortal. Essas leis fundem-se harmoniosamente, e são tingidas pela luz que dimana da supremacia do nosso Pai Celeste.

A sabedoria enriquece a mente imortal. O amor harmoniza-a. A ordem liga-a, em conjunção, às leis eternas de Deus; e a harmonia inspira-a com profunda e

santa afeição por todo o ser numa existência espiritual ou material. A combinação e a fusão dessas leis vedam ao espírito celeste a violação dos princípios imutáveis da Mente Divina. A alma imortal traz sempre a esperança que nela infunde a essência de elementos infinitos e harmoniosos. A alma imortal, quando sobe e sobe para sempre, quando lhe perguntam “para onde viajas?”, volta a sua perceção para a mente que indaga e responde: “Sigo o meu Deus.” A alma humana, quando lhe perguntam “para onde vais?”, deve, com ternura e generosidade, olhar a mente que busca, apontar as suas asas para o Supremo Regente e responder: “Para o meu lar no Céu.” Sinceramente vosso, Stephen R. Smith. O tema da próxima palestra do Sr. Smith será “Os Males da Idade Presente”.

Palestra n.º 2,

por Edgar C. Dayton

Tínhamos a intenção de dar uma história da nossa convivência com este espírito, como introdução à sua primeira palestra; mas o peso de outras ocupações varreu-a da nossa lembrança. Vamos agora suprir a omissão. Ele veio ter connosco no fim de um círculo, do qual eu era membro, no começo do último inverno. Restávamos poucos; e, desses poucos, selecionou uns quatro ou cinco para constituir um círculo que recebesse dele comunicações instrutivas. Na segunda reunião deste pequeno círculo, disse-nos o seguinte, através da Srta. Brooks:

“O meu nome foi Edgar C. Dayton. Nasci em Richmond, Virgínia; vivi lá até ter dezassete anos; depois emigrei para a Inglaterra; tornei-me Professor de Anatomia e Obstetrícia, e dei palestras em todas as salas de dissecação de Liverpool a Londres. Há quatro anos (agora cinco anos), quando tinha trinta e cinco anos, estando em Bristol, caí do topo de uma escadaria, com trinta pés de altura, e morri de concussão cerebral.”

Perfeitamente satisfeitos com o relato que este espírito elevado deu de si, nenhum dos do círculo com quem tem estado em comunhão se deu ao trabalho de escrever para obter informações, quer a Richmond quer a Liverpool. Seria uma boa prova, para quem duvide da realidade das comunicações espirituais, escrever a esses lugares e averiguar se houve tal rapaz em Richmond, ou tal homem em Liverpool, Londres ou Bristol.

Anatomia física e espiritual. Existem dois mundos; um é o mundo material, através do qual impregnam matéria não desenvolvida e matéria espiritual. O outro é um universo capaz de sustentar o mais alto grau de mente e matéria espiritualmente refinadas. Existem também duas formas que o espírito habita. Uma é a organização física ou original, a outra é a forma espiritual. Essas formas não são diferentes. A forma espiritual contém a mais alta sublimação da matéria. Há leis igualmente luminosas que regem ambas as formas. Cada uma tem a sua própria anatomia. Existem várias funções na organização humana a desempenhar a sua obra material, desenvolvendo e sustentando a beleza da

vida humana. O cérebro é a sede da mente; o coração a mola mestra da vida. Na forma espiritual, a mente e a matéria eternalizada são as forças propulsoras da vida espiritual. A mente é o coração, ou o centro da vida, na organização eterna. A matéria é uma força que dá ação e vigor à mente. É constantemente lançada a partir de esferas mais altas ou de mentes mais elevadas, desenvolvendo e desdobrando as faculdades do espírito.

O espírito, quando nasce para a nova vida, tem a sua forma criada como a criança a tem ao entrar na vida terrena. A única dessemelhança existente entre ambas é esta: a organização espiritual é muito mais sublimada e perfeita. É composta de matéria refinada que dimana de um mundo imortal. A forma humana participa de matéria não desenvolvida de uma esfera não refinada, ou do reino animal.

A substância de que a constituição humana participa e de que necessita é analisada e apropriada pelas funções digestivas e pelo suco gástrico e vai criar novos músculos, nervos e artérias. A porção sublimada vai constituir o princípio espiritual, que dá ação, movimento e iluminação a toda a organização da mente e do corpo. Os pulmões e o coração são o centro da vida humana. O cérebro é um médium através do qual a vida e o intelecto se manifestam. Há uma harmonia eterna, forjada pela mão de Deus, existente por toda a estrutura física.

Cada artéria e função do corpo humano se funde e realiza o seu trabalho natural a partir de princípios harmoniosos, salvo se a grande lei fisiológica da natureza tiver sido violada. Se esse princípio eterno que rege a estrutura física e acrescenta beleza à vida humana tiver sido violado, então a suscetibilidade constitucional cria em si uma nervosidade e impaciência que perturbam os elementos do princípio espiritual e, assim, a mão da doença esmaga as forças naturais do intelecto, impedindo o desenvolvimento da sabedoria, e as forças passionais escoam por qualquer canal para o qual as influências circundantes as atraiam. Este é o grande obstáculo ao refinamento puro e completo do espírito humano.

O material inesgotável que compõe a organização espiritual é matéria. O princípio que tudo sustém na forma espiritual é a natureza. Há uma lei, universal e eterna, que rege, de modo imutável, mente e corpo. A mente é o centro da vida espiritual. O seu princípio absorvente é o labor natural da harmonia, criada por uma mente divina. Cada átomo que vai constituir a forma espiritual é atraído entre si pela natureza; e o espírito, depois de deixar a forma material, nunca se desorganiza nem muda para outra; pois a natureza nunca muda as suas leis. Assim é que, no Céu, a mente pode percorrer o universo de Deus e conservar eternamente a sua beleza e glória.

Sofre o espírito uma mudança análoga à transição do espírito a partir da estrutura física? Todas as formas foram criadas a partir de leis anatómicas e fisiológicas. Toda a estrutura é composta de matéria, e a matéria é substância. Ora, quando o espírito deixa a forma humana, é, por um processo anatómico, separado inteiramente da forma. Ele, o espírito, separa-se dessa esfera

terrena. Depois de liberto da sua materialidade grosseira, habita outra estrutura análoga ao corpo humano. A matéria que constitui a forma espiritual tem o mesmo grau de desenvolvimento correspondente à mente. E agora, em vez de o espírito se separar deste corpo fisiológico para habitar na esfera imediatamente superior, o corpo desfaz-se da matéria não desenvolvida, a qual é inanimada perante a condição daquele desenvolvimento a que a mente aspira. À medida que a mente progride em sublimação e desenvolvimento, assim também o corpo.

À medida que a mente lança fora a sua matéria não desenvolvida, tornando-se mais sublimada, assim também a estrutura espiritual que a mente habita lança fora, por princípios anatómicos, a matéria inanimada que a impregna. Ora, isto é uma mudança análoga à mudança da mente a partir do sistema físico ou humano. A diferença existente entre as duas mudanças ou separações é esta: o espírito, por princípios fisiológicos estabelecidos por Deus, separa-se da forma humana. Na mudança após o espírito tomar morada numa estrutura espiritual, em vez de a mente se separar dessa forma, é a matéria não desenvolvida que se desorganiza tanto do corpo como da mente e vai constituir outras estruturas físicas.

Pelo mesmo método de organização, as criações têm origem a partir de leis anatómicas; e, à medida que progridem em refinamento, a matéria não desenvolvida lançada fora na sua progressão vai formar minerais; e, por processo geológico, esses minerais também se tornam cada vez mais sublimados. Tudo quanto há na criação tem uma anatomia. A mente tem uma anatomia. O corpo tem uma anatomia.

A natureza tem uma anatomia. A estrutura espiritual tem uma organização cerebral análoga ao cérebro humano. Mas quando os mortais ouvem, a sua audição é produzida através de um órgão de ouvir. Assim também com o provar e o ver. Ora, a mente, depois de se tornar imortalizada, ouve por uma lei imutável de perceção; e, sendo esta lei caracterizada por harmonia, ação e perceção, o sentir, o ver e o provar são produzidos pelo mesmo princípio universal.

O espírito, embora a sua forma seja análoga à forma humana, não ouve por um órgão através do qual a audição é produzida; mas, quando ouve, ouve por perceção. Nem a forma espiritual, ou o espírito, requer tal sustento para lhe transmitir força e vitalidade como a mente no corpo humano requer. A sabedoria e a pureza são os princípios sustentadores da mente imortal. Ouvir, ver, provar e sentir são produzidos pela lei da perceção.

Quando um espírito de uma esfera superior deseja falar com um de uma esfera inferior, não é necessário que um espírito encontre o outro e fale face a face; mas, pela lei da atração percetiva — por intuição natural — o espírito superior pode atrair a mente do inferior e, por um telégrafo mental, obter a informação requerida. E deste modo, ou por este método, os pensamentos são transmitidos de Deus ao próximo grau de desenvolvimento e, assim,

sucessivamente, até serem levados aos objetos a que se destinam. Isto é o que chamamos telegrafia mental, por atração percetiva.

Rastreando o sistema planetário, encontramos um planeta que mantém intercâmbio com mentes imortais, pela telegrafia da mentalidade. Esse planeta é Saturno. A organização deste planeta é muito mais harmoniosa e bela do que a do vosso planeta, a Terra. A lei da harmonia existe ali; e, habitando nessa esfera mentes muito mais sublimadas do que as terrenas, têm elas observado as leis da natureza e de Deus; buscam a sabedoria e encontram-na. Por isso, a lei da sabedoria rege as suas ações.

Os habitantes que ocupam esse mundo passaram já o meridiano da iniquidade. São muito mais perfeitos de forma do que os habitantes de qualquer outro planeta. Nesse planeta, a mente funde-se com a natureza, e a natureza responde a cada desejo, e desperta desejos ainda maiores de sabedoria e conhecimento. Por isso, procura ardentemente discernir as ricas minas de sabedoria que jazem sepultadas nos imensuráveis abismos da eternidade.

Encontramos também uma atração conetiva existente entre todos os planetas, cada um tendo a sua atração correspondente para o mundo espiritual. E agora, por mais estranho que vos pareça, haverá, à medida que a mente se desenvolve, uma comunicação estabelecida entre as mentes da Terra e as mentes de outros planetas. Antes que uma inteligência livre e sem perturbação seja comunicada do espírito partido para o espírito terreno, tem de existir um intercâmbio livre entre a Terra e esses planetas mais avançados em desenvolvimento.

As mentes que habitam o planeta Saturno sabem, por perceção intuitiva, a condição de outros planetas. A terra dos espíritos e toda a criação exterior, ou planeta, devem ser regidas pelas grandes leis da ordem, da sabedoria e da harmonia, antes que um conhecimento verdadeiro e definido do destino futuro do espírito humano seja claramente compreendido. (a concluir no próximo)

Palestra n.º 6

por Stephen R. Smith

Os males da presente era. A ordem é uma lei que governa a felicidade e cria a lei da harmonia. Estas duas leis combinadas enchem a alma de aspiração e criam a lei da sabedoria. A combinação destas três grandes leis desdobra os poderes e a perceção do espírito, e a lei do amor é criada. Os males da presente era, quão numerosos são! A desarmonia existente entre as mentes; a contenda e a disputa dos homens; a incompatibilidade existente entre credos; a frustração dos aspirantes políticos; a inveja dos profissionais; as discussões acerbas dos teólogos; a impureza dos cristãos professos; contam-se entre os principais males da presente era.

Existem princípios naturais que dão vida, movimento e inteligência à mente. Esses princípios pulsaram através de toda a organização da natureza. Esses

princípios regem a mente imortal; e, onde quer que existam, aí se encontra a felicidade sem liga. Que princípios regem a mente humana? São essas leis universais e imutáveis de Deus e da natureza observadas pela mente mortal? A lei da ordem controla e harmoniza todo o espírito terreno? A lei da harmonia reúne a família humana como uma só fraternidade, e é a sabedoria o tema e estudo aspirante de cada um?

Essa lei que tudo impregna, a sabedoria, desperta os intelectos em conjunto, e a lei do amor brota em todo o peito? Não — porque o mal se espalhou pela vossa terra. Cada mente tem um princípio próprio estabelecido, a partir do qual agir. Toda a mente possui o princípio da espiritualidade. Toda a mente tem um gérmen que, de hora a hora, se desdobra e desenvolve as suas purezas para abraçar verdades mais altas e mais santas. Está cunhado em cada objeto o emblema de princípios espirituais; e dentro de cada mente há um tipo da natureza.

O maior mal existente na terra agora é a deformidade da relação social — os sentimentos discordantes existentes nas famílias, que produzem ruturas nas afeições e pelos quais a felicidade do lar se estilhaça e jaz em ruínas sobre o altar doméstico. Este mal é vasto e avassalador. O princípio da harmonia, embora visível em toda a natureza, não rege as mentes humanas. O desenvolvimento da mente é um princípio imperecível de associação e progressão. É a manifestação mais elevada de cada faculdade. É o atributo mais profundo, mais alto e mais omnipotente da Divindade.

Não há limitação para os processos de desenvolvimento — nem termo para este sistema distinto de criação. E deste princípio todas as criações recebem a sua coroação permanente. O estudante da natureza recebe, no mais íntimo santuário do seu espírito, os sentimentos instintivos da amizade e da afeição. A sua mente cede involuntariamente à lei do amor e nunca sente a mão pesada da inimizade colocada sobre aqueles princípios que adornam a sua mente, para os arrancar do seu lugar nativo. A lei do amor, por uma atração interior, reúne as afeições em inefável concórdia. No meio da assembleia das afeições na alma humana, ergue-se, majestosa acima de todas as outras, uma afeição pura e santa, que atrai o coração humano para a Mente Suprema. O amor é a fonte de todas as atrações nas afeições.

Outros males da presente era são aquelas denominações teológicas que adoram livros religiosos que atordoam e sufocam os sentimentos espontâneos da alma — que proíbem os seus membros de aplicar a ciência da lógica nas conceções compreensíveis de Deus e da natureza universal — que produzem desunião no santuário das suas almas e semeiam o altar do culto religioso com impulsos de discórdia e desarmonia.

Outro mal é o contratar a pregação do evangelho e a ereção de igrejas tão custosas como as que agora se erguem à face da terra. A felicidade celeste só é alcançável por auto-refinamento, auto-harmonização e reverência pela Mente Superna. A senda do espírito é a progressão. O seu lar é o céu. Um verdadeiro cristão aspira ao céu e faz da felicidade o seu objetivo na vida. Outro mal é a

hipocrisia e o antagonismo social, a deceção e a injustiça, do estado presente da sociedade. A disposição do homem para combater e demolir toda a crença oposta à sua própria é ainda o pior mal existente. A classe oposicionista procura impor os seus sentimentos de crença à fé daqueles cujas mentes a eles se repelem. Esforçam-se, por falsa lógica e bigotismo dogmático, por desviá-los da verdade e doutriná-los nos seus próprios erros religiosos, atribuindo com veemência e abuso a fé que procuram derrubar a um poder imaginário em antagonismo a Deus. Essa classe, porém, será repelida do altar. A comunidade em geral não pode tolerar tal ignorância, mas deve ter a exemplificação da fraternidade benigna e da justiça distributiva manifestada pelos que professam seguir os ensinamentos de Jesus Cristo.

Cada hora dá à luz alguma verdade. O homem pode esforçar-se por esmagar e crucificar a gloriosa verdade de que os espíritos comunicam com os mortais, mas há de achar-se preso à cruz da verdade e aprender que os princípios da natureza governam a sua mente. Se um homem escarnece da fé de outro, podeis marcá-lo como um homem invejoso e ambicioso, que tem mais forma do que substância no seu argumento. Mas por que contemplar isto? Sabemos que a verdade nunca pode ser desviada do seu curso natural, que é sempre ascendente para o desenvolvimento harmonioso e belo do progresso espiritual. Sabemos que todos os objetos terrenos e celestes se desdobram a partir do centro da Sabedoria Divina. A roda do tempo nunca pode ficar emperrada. A mola mestra da progressão nunca pode partir-se.

A evidência de um Deus flui naturalmente dos princípios lógicos da alma. Mas a ideia de um ser satânico é apenas um fantasma teológico do cérebro. A mente humana tem de recuar de tendências más; deve observar a solene injunção da natureza e, a partir da lógica, determinar o que é certo e o que é errado. Há um libelo de antagonismo iniciado contra a razão, a ciência e o intercâmbio espiritual; mas a luz débil da teologia popular só pode brilhar na ausência do glorioso sol da filosofia e da verdade. A verdade há de prevalecer e a filosofia há de provar o poder e a glória do Ser Supremo, cuja morada está fixada eternamente nos céus. Os males da presente era nunca deixarão de existir até que as leis de Deus sejam observadas e os princípios imutáveis que Ele estabeleceu governem as mentes e as ações dos homens.

A Bíblia poderá ser a mestra de milhares de almas, até que as suas páginas estejam tão gastas que nenhuma linha possa ser claramente lida, e a condição do homem não será melhor. Requer-se algo mais substancial e poderoso. Algo que alcance os mais íntimos sentimentos do coração e abra a alma ao influxo do pensamento. Uma influência mais alta e maior tem de envolver as sociedades da terra, antes que a felicidade, a verdadeira felicidade, possa ser vivida. As criações são construídas sobre leis anatómicas. A mente é construída sobre a lei fisiológica e é magneticamente atuada.

A mente deve harmonizar com a natureza. A alma humana deve receber aquelas verdades que concordam com as leis de Deus, ainda que não em conformidade com a Bíblia. O tempo está a chegar sobre vós em que os males

presentes terão desvanecido com o tempo, e o puro e eterno, o santo e eterno laborar do espírito vitalizante de toda a criação derramará a sua influência santa ao vosso redor, e a alma humana cederá calmamente aos princípios de um Poder Omnisciente e Omnipresente. Aqui o espírito cessou de súbito e ausentou-se por alguns minutos; ao cabo dos quais a batida recomeçou e deu-se o seguinte: “Sou chamado a ausentar-me. Podeis publicar o que vos dei, ou podeis esperar até que eu tenha oportunidade de estender a palestra.

Se desejardes publicá-la como está, começarei outra palestra em vez de estender esta.” (Indagámos para onde fora chamado e respondeu: “Para a Califórnia.” Perguntámos ao que fora lá e recebemos por resposta que ele e outros espíritos iam investigar as maravilhosas manifestações que publicámos há algumas semanas, e que o Sr. Smith nos daria uma palestra sobre esse assunto logo que se apoderasse de todas as circunstâncias que o acompanham.)

Palestra n.º 2, por Edgar C. Dayton. [continuação] Dissemos antes que Deus atuou sobre todas as criações anatomicamente e fisiologicamente. Acrescentamos agora: Deus também atua sobre a natureza quimicamente e magneticamente. Dissemos que o planeta Saturno ultrapassou a elevação e o desenvolvimento da Terra. Falaremos agora mais diretamente dos seus anéis. Descobrimos que o exterior se encontra em condição mais crua do que os interiores. Apresenta-se à nossa perceção num estado estéril e improdutivo. Parece um amontoado de nuvens pesadas. Ao toque, este anel assemelha-se muito a tocar num corpo sem vida. É frio, mas possui substancialidade. Isto é matéria inferior ou não desenvolvida.

Quando as luas de Saturno refletem a sua luz sobre este desenvolvimento exterior, apresenta incontáveis variações de cores, enquanto os anéis interiores parecem escuros e ainda menos adiantados em refinamento. Não conseguimos descobrir nada de quer do reino animal quer do vegetal neste anel. A sua superfície é algo irregular, o que para nós é indício de que está a ser atuado geologicamente e produzirá, em idades vindouras, um mundo brilhante. O anel imediatamente interior excede o exterior em desenvolvimento. O seu aspeto é escuro e irregular. Este anel passa por um processo químico. Por vezes percebemos um som bramante sob a sua superfície, que vibra através dos outros anéis e do grande centro, o planeta Saturno. O som produzido é diferente do de um terramoto.

Não podemos permanecer muito tempo neste anel, porque é tão aquecido por calor interno. Descobrimos também substâncias duras, que evidentemente são a formação de rochas. O primeiro, ou anel exterior, é atuado fisiologicamente. O seguinte, ou anel central, é atuado quimicamente e geologicamente. Existem muitas ravinas longos e profundos sobre este segundo anel. O que virá a produzir, só Deus, talvez, saiba. É atuado de modo diferente dos outros e apresenta ao observador um desenvolvimento escuro e desolado. Ainda assim, é grandioso; e na sua formação contemplamos os trabalhos harmoniosos de princípios imutáveis. Eu poderia, se me fosse permitido, estudá-lo para sempre,

para descobrir leis que têm de ser por muito tempo desconhecidas para nós, e que regem este anel no seu estado presente. Ouvimos também um som representando o ímpeto de muitas águas, ou a queda de uma porção ponderosa de água sobre precipícios estupendos; mas não vemos água. A sua relação com o anel exterior é harmoniosa. A luz das luas de Saturno raramente alcança este segundo anel. A causa disto é que as superfícies do anel exterior e do mais interior ficam bastante acima do segundo anel. O próprio Saturno fica acima de todos e recebe a luz plena de cada lua. O anel mais interior vos pareceria como a vossa lua nos parece a nós; o que é um mundo no qual há ribeiros e árvores e flores, mas não produtivo de vida animal. Não há seres nem animais neste anel.

A sua superfície é lisa e vestida com os ornamentos da natureza. Este anel é chamado pelos habitantes de Balam, ou antes, devo dizer, por alguns, Céu. O segundo anel, I. À medida que Batura e as suas criações exteriores, ou anéis, avançam em desenvolvimento, são atraídos para mais perto uns dos outros. Supõe-se que, por fim, serão ligados e formarão um universo grandioso e glorioso. A lei de atração e gravitação, as forças centrífuga e centrípeta e os princípios naturais e químicos, estabelecidos por um poder superior, elucidam-nos claramente que Batura será trazido à ligação com as suas criações exteriores e ficará no centro do sistema planetário. Há ainda outra peculiaridade acerca deste planeta.

Uma das suas luas, ao fazer as suas revoluções, passa por baixo do anel exterior e aí permanece por algumas semanas. Pareceria como se, à medida que o anel exterior se desenvolve em diâmetro e é trazido mais perto do anel central, pudesse ocultar esta lua. Mas qual será o resultado, o tempo o revelará. Esta lua, ao sair, em vez de passar por baixo, passa por cima do anel. Para tornar isto mais claro: esta lua, ao fazer as suas revoluções, mergulha no espaço entre os anéis exterior e central, e depois sai e passa por cima do anel exterior. Neste planeta temos um glorioso espécime das obras de Deus. Vemos aqui o Seu poder. Vemos a Sua magnificência exemplificada, e o coração de toda a criação a pulsar com vida e inteligência.

O seguinte na ordem é o planeta Júpiter. Este planeta é belo. A sua superfície é muito lisa e não é montanhosa. Se atendêssemos à beleza, poderíamos dizer com verdade que Júpiter excede todos os outros. Saturno é sublime — Júpiter, belo. Este planeta está agora a caminhar em progressão. É atuado magneticamente, e o magnetismo é harmonia. Os habitantes deste mundo luminoso não são tão perfeitos em simetria. As suas mentes não são tão espiritualmente sublimadas como as dos habitantes de Saturno. A lei da ordem não é observada com tanta estrita fidelidade.

Todavia a harmonia permeia. Os deleites dos habitantes tendem mais para a materialidade. Buscam os gozos derivados de uma vida material. A causa da harmonia é que não existem credos. Têm apenas uma religião, e é esta: há Deus, e há sofrimento se as leis de Deus são violadas. A lei da ordem existe neste planeta e, embora o seu desenvolvimento não seja tão grande como o de

Saturno, existe, contudo, um livre intercâmbio estabelecido entre os seus habitantes e o mundo dos espíritos. O seu modo de comunicação é semelhante ao da Terra. Por vezes ouvem e recebem mensagens dos seus amigos espirituais, dadas em voz audível. O modo principal de comunicação é pela clarividência, ou a perceção espiritual.

Descobrimos o planeta Herschel em estado de formação. O seu aspeto é antes escuro, com, de quando em quando, raios de luz a cobrirem parte da sua superfície. A sua superfície é muito lisa. Descobrimos água neste planeta, mas nada do reino vegetal ou animal é ainda percetível. Tem um solo não diferente do da Terra, mas parece em condição gélida. A sua atmosfera é fria e sombria. Pelo estado deste planeta agora, supomos que não serão necessários muitos séculos de desenvolvimento antes que se torne habitado e figure entre os primeiros mundos do sistema planetário.

O próximo planeta que receberá a nossa atenção é a vossa Lua. O seu desenvolvimento é peculiar. A sua superfície é montanhosa e rochosa. Existe sobre este belíssimo planeta um grande número de rios, lagos e outros grandes corpos de água. O seu solo é escuro e rico. Há nele árvores que têm o aspeto de ter existido por muitas eras. Há também flores e arbustos de toda a espécie. Ainda assim existe uma peculiaridade, e é que é produtiva do vegetal, mas não do animal. Não descobrimos espécie alguma do animal. A sua atmosfera é fragrante e balsâmica. Nunca descobrimos neve neste planeta.

Até aqui tinha o espírito prosseguido, quando recebeu uma mensagem da sua protegida especial, informando-o de que se encontrava em premente necessidade do seu auxílio. O espírito das batidas informou-nos de que tencionara dar mais quatro páginas em papel ofício nessa noite, se não tivesse sido chamado a ausentar-se. Disse também que desejava que isto fosse publicado esta semana e que se desse aviso de que a palestra seria continuada na semana que vem.

Palestra n.º 10

por Edgar C. Dayton

Por intermédio da Srta. Brooks, médium. A necessidade da cultura e do desenvolvimento das faculdades interiores ou espirituais de toda a mente humana.

Quando o pensamento leva a mente à contemplação das eras primevas do mundo, encontramos os seus desenvolvimentos trazidos em ligação distinta com Deus, em leis imutáveis e que tudo permeiam. Nem o mais diminuto átomo de matéria na criação existe sem que esteja submetido às leis e princípios que naturalmente regem o seu refinamento e progressão. Assim podemos avançar e encontrar as leis de Deus manifestadas em toda a natureza universal. Todas as coisas que emanam da Mente Infinita são consideradas princípios; por isso, esses princípios hão de perpetuar-se

imutavelmente por eras eternas e produzir uma ação infinita e harmoniosa na divindade e progressão da alma humana. A primeira evidência de inteligência criadora foi descoberta num ordenamento ou espécie do género Homo; e, assim, novas combinações de mente foram resolvidas em organizações ainda mais elevadas, até que profundos intelectos e lógicos adornaram a vasta área da ciência com conhecimentos de valor inestimável. Tão grandes têm sido as ações e os movimentos do desenvolvimento, no poder criador do movimento, sobre a mente humana, que, de uma mente, se geraram faculdades mais nobres e, pela revolução constante das combinações de partículas atómicas de matéria, têm evoluído grandes e belas demonstrações do intelecto humano.

Sempre se fez grande distinção entre as leis da natureza e os princípios da Mente Suprema. A lei da gravitação, quando cientificamente compreendida, é igualmente operante para os inumeráveis impérios da existência espiritual, como o é na construção ilimitada da natureza. Daí que os indícios dos modos da existência divina sejam as manifestações rudimentares dessas leis eternas que elucidam claramente os processos constitucionais da mente espiritual e da sua forma exterior. Os grandes desenvolvimentos psicológicos e espirituais da mente humana, resultantes dos desdobramentos progressivos das suas qualidades inatas, hão de, em algum momento, culminar nas sabedorias e harmonias de outro mundo, para o qual a alma aspira constantemente.

Tal como a flor inculta foi outrora a corporização mais elevada da matéria organizada, assim é a mente humana, agora, a mais nobre construção existente; e a sua dualidade de arranjos estruturais e harmonia de organização definem-na como o mais alto desenvolvimento do poder criador no mundo do espírito, excetuada a Mente Infinita. A alma humana, quando já não manietada por influências terrenas, possui uma perfeita harmonização de atributos e elementos, cujos princípios procedem da Mente Divina para esferas inferiores e determinam a posição e as afeições do espírito, em conformidade direta com as leis de afinidade.

Quando a mente humana vagueia de volta ao período em que a Terra parecia quase uma solidão eterna, contempla o efeito inicial dessas leis que agora criam a vida e combinam partículas de matéria nas várias formas da criação. Quando pela primeira vez exerceram a sua força, as partículas ou átomos de matéria foram atraídos entre si, formando corpos imensos; instituindo, assim, um movimento eterno sobre as partes espirituais. Os princípios da vida são eternos; portanto o homem é eterno e encontra existência no mundo imortal.

Então é necessário que os atributos internos da mente humana estejam bem desenvolvidos, para que o espírito, quando nasça para um mundo espiritual, possa estar rodeado da multidão de espíritos jubilosos e afetuosos, cujos desígnios são as leis do homem e de Deus. É necessário que o eu interior seja sabiamente cultivado, não só para determinar a sua posição no céu, mas para determinar a sua posição na Terra. O homem depende das qualidades da mente para o seu gozo terreno. Por conseguinte, é-lhe necessário esforçar-se por cultivar os seus princípios morais e religiosos, para que a sua influência

sobre mentes menos refinadas possa ser conducente à sua devida cultura. O que é um homem, ainda que tenha ao seu dispor a maior soma de conhecimentos de qualquer homem existente, se não houver no seu caráter um princípio moral puro que o impeça de se associar aos erros da sua época? Se um homem é destituído de princípio moral, o seu conhecimento não lhe aproveitará muito. Deve haver uma harmonia de sentimento moral e religioso em toda a mente humana. Sobre mentes assim guardadas, as tentações do mundo não teriam força de atração muito grande. A harmonia é observável em todos os domínios da criação, onde a mente humana penetrou; e o poder das leis imutáveis de Deus aumenta constantemente à medida que o mundo se torna mais perfeitamente desenvolvido.

De novo: um homem pode ser altamente intelectual e perfeitamente moral, mas, se for destituído daquelas sensibilidades mais finas que são necessárias à conclusão de uma mente bem desenvolvida, não poderá alcançar posição muito elevada na estima do mundo. O homem tem as suas peculiaridades de sentimento; todavia não se segue, por necessidade, que deva basear as suas ações nos seus sentimentos. O homem é geralmente impulsivo. Age por impulso e isto, às vezes, precipita-o numa condição medonha; quando, se tivesse exercido as suas faculdades contemplativas, poderia ter sido tão bom quanto a fragilidade da sua organização exterior permitiria — ao passo que, agora, não o é. A mente humana deve procurar o puro e o belo e agir segundo a simplicidade da sua natureza, desembaraçada da hipocrisia e das vãs ambições da vida humana.

A mente humana não deve ser impedida no seu desenvolvimento por atrações materiais. O homem não deve suprimir a jovialidade e vivacidade da sua natureza; pois, ao fazê-lo, está a ocultar as bondades do seu ser interior. Não deve suprimir a alegria interior do seu ser, porque a alma não poderia aumentar em bondade nativa, mas haveria de positivamente retroceder, e não poderia desenvolver as propriedades que caracterizam a mente desagrilhoada; porque a alegria da alma é abafada por peculiaridades exteriores, distintas e não qualificadas.

Se uma alma se encontra em tal condição, então, ao ser despojada das impurezas enxertadas nela pela existência humana, não pode unir-se instantaneamente aos princípios da existência espiritual; pois tudo neste estado de existência é absoluta e inteiramente puro. Quando um espírito é introduzido numa nova existência, pode reconhecer a sua independência; contudo, deve primeiro progredir a partir dos elementos exteriores do seu ser, antes que possa ser desenvolvido para contemplar as manifestações de Deus nas Suas operações sobre uma existência material e espiritual.

Então é necessário que o homem se guarde, ao atravessar as variadas mudanças da progressão, pela ação do desenvolvimento. A mente tem a liberdade de converse ilimitada com os princípios da natureza, tanto divinos como materiais; e, na sua existência primária, estudando as leis de Deus, há

de evoluir-se um vasto poder de sabedoria eterna e pureza moral, que a apontará para os domínios da paz universal.

Os sentimentos e as afeições ocultos nos recessos profundos da alma foram ali plantados por um Pai amoroso. Podeis sepultar a vossa bondade e pureza nativas sob o imenso peso da materialidade; mas têm de vir à luz para responder à voz do Grande Dador. Que é a vida humana, se o homem não age segundo os verdadeiros sentimentos da sua mente, moral, espiritual e religiosamente? Que é a vida humana e os seus deleites, se o homem oculta a verdadeira jovialidade da sua natureza pela influência de objetos externos?

As afeições, quando assentam nos impulsos puros e gentis da natureza, não podem pôr de lado aquelas influências benignas que vêm da alma, e erguer uma superestrutura de pensamento fraca e vacilante. Não: o verdadeiro génio nativo da mente tem de responder à voz do seu Deus, quando é chamado a manifestar a sua bondade para com as suas criaturas irmãs. As lições da natureza geram na mente novas faculdades; e os mesmos princípios de ação vital são os mesmos em todos os objetos da criação.

É necessário que o eu interior seja refinado e desdobrado pela influência verdadeira e pura da sua natureza divina, para que possa apreender as belezas da moralidade e adaptá-las à sua condição de desenvolvimento. Deus cunhou em todo o objeto vivente as partículas sensientes que dimanam do Seu ser e dotou-os com os atributos divinos da Sua natureza; e nenhuma palavra ou ação pode impedir a emissão do sentimento na alma progressiva, quando os seus atributos de simpatia e amor não são apreciados pelos seus associados, cujas afeições são governadas pelo seu egoísmo.

As afeições vão e vêm como o seio do oceano em vaga; e, por vezes, são calmas e felizes; depois, de novo, confundem-se, e são bravas e estranhas. Isto é causado por as afeições não serem reciprocadas por outras almas, o que cria um pungir de angústia quando o coração percebe que todas as suas afeições hão de ser desperdiçadas, sendo apreciadas apenas pelas suas vantagens exteriores.

Há muito, na vida humana, a aprender e a desaprender; e há, talvez, tão frequentemente uma lágrima como um sorriso; o que, pelas leis imutáveis da Mente Divina, não deveria ser. Pode ser que a dor purifique a alma e a prepare para um lar puro na terra do espírito. O sofrimento pode despertar e desdobrar o verdadeiro sentir da alma humana. Todavia há lágrimas da natureza que jorram da fonte eterna da simpatia, em momentos de contemplação, sem serem arrancadas do coração humano por trato áspero, palavras indelicadas e circunstâncias exteriores.

Há muito, muito mesmo, no mundo, a desdobrar-se à visão física, que pode provar e testar a pureza nativa e a tendência simpática do coração humano para com os seus associados. Existem, na vida, tantas circunstâncias desnecessárias que entorpecem as afeições e esmagam o amor divino da alma, e que lhe vedam o exercício das suas faculdades racionais, que ocultam

as belezas efetivas da vida. Mas há horas de contemplação simpática, quando os sentimentos internos vêm à tona e contemplam a natureza desdobrada na sua gloriosa beleza, e isto envia um frémito de alegria ao coração e produz sentimentos que jamais morrerão, mas que sempre encontrarão expressão da sua pureza nas glórias da eternidade.

Todo o desenvolvimento da vida gera novas propriedades da mente; e essas propriedades acrescentam ao refinamento das faculdades; e, quando uma operação das leis genéricas é esgotada por um desenvolvimento ainda mais elevado de matéria ou mente, então sucedem-se novas mudanças na progressão da mente. Assim um desenvolvimento esgota outro. E assim para sempre. Então, se uma mente é moral e espiritualmente progressiva, um desenvolvimento moral ou espiritual esgota outro, e a mente passa constantemente por uma manifestação moral ou espiritual, trocando o mais baixo pelo mais alto desenvolvimento.

Assim, se um homem é intelectual e imoral, mudanças ainda maiores de imoralidade esgotam as menores, e os seus desejos imorais aumentam. Assim, é absolutamente necessário que a mente seja moral, para ser estritamente pura. Intelecto sem pureza moral não elevará o espírito, no seu lar eterno, tão altamente quanto a pureza moral sem um intelecto poderoso. A pureza é o elemento que permeia todas as coisas espirituais. Daí que, para as mentes ocuparem posições verdadeiras e elevadas, tenham de ser puras.

Não há espírito humano que tenha entrado no mundo espiritual impecável e perfeitamente puro; pois isso seria em oposição direta às leis e princípios da perfeição. Mas o espírito humano pode tornar-se tão puro que entre na terra do espírito com os seus sentimentos e afetos a harmonizar com a ordem e os arranjos da natureza aperfeiçoada, sendo desenvolvido constantemente por leis superiores de progressão. Se a mente tivesse sido criada apenas para viver e morrer, necessariamente se conformaria às leis da sua existência, e a sua aspiração não se estenderia para além das manifestações do mundo material.

O selvagem da floresta esforça-se por responder às exigências do seu espírito, reconciliando-se com as evidências da sua existência; e, quando percorre as florestas ou rema a sua barca sobre algum rio que segue sublimemente sobre o seu leito rochoso, há dentro do seu aspeto rude verdadeiras propriedades de sentimentos civilizados, que estão evidentemente ocultas pelas demonstrações da sua natureza incivilizada e que, embora agora incultas, poderiam, quando mais desenvolvidas, desdobrar verdadeiros atributos de um intelecto ou mente refinada e profunda.

Um selvagem não está sujeito à vontade de nenhum homem; e, embora as suas ações exteriores ocultem movimentos interiores, a sua bondade nativa é imaculada pelas iniquidades da sua existência material. Mas o homem civilizado está sujeito aos credos do homem; por isso não é tão livre nas suas ações como a mente inculta. Tem os seus desejos externos e satisfaz-nos, embora esteja consciente do facto solene de que está a violar os princípios

essenciais do seu ser. É verdade que a natureza humana é imperfeita; e segue-se também, por necessidade, que as ações dos seres humanos hão de ser imperfeitas. Mas, considerado e contemplado tudo isto, não promove a felicidade dos homens precipitarem-se na maldade do mundo; pois muito existe na Terra que não é bom. O homem deve procurar o puro e o santo. Se, então, as tentações o assediam e, se errar inconscientemente, certamente não pode ser responsável pelas suas faltas. Mas, se o homem erra de propósito, é responsável por essa premeditação e resolução determinada, e pela sua consumação!

Cultiva o teu eu interior, ó homem! para que possas lançar o alicerce do teu alto destino, onde se manifestam os atributos da felicidade difusiva e da justiça distributiva. Aproxima-te o mais possível da Fonte Divina de toda a bondade, sabedoria e poder, onde a alma do homem acelera a sua progressão com rapidez eterna, e onde, se perder, em qualquer grau, o momento da sua progressão, tem de sentir essa perda por eras. Cedo ou tarde, o homem tem de alcançar o conhecimento que lhe permita atingir a posição exaltada do seu nobre destino e executar o desígnio sublime da sua missão eterna.

Pelas emanações espontâneas de Deus, o homem recebe e retém a sua individualidade; e, da relação mais pura da matéria, vai continuamente acelerando o seu desenvolvimento, para habilitar o espírito a manifestar a sua evidência de poder, a auxiliar na combinação do pensamento e na sublimação da matéria com que agora se encontra combinado. A alma é parte de Deus e não é uma criação arbitrária ou estacionária, mas dimana jubilosa, para formar uma conexão da criação universal, quando as causas, leis e elementos do seu ser se manifestam no universo da natureza. Como sempre, E. C. Dayton.

Palestra pelo Espírito de Frances S. Osgood

ESPÍRITOS IMORTAIS

Do profundo seio da eternidade emanam pensamentos para instruir as câmaras quietas e santas do coração humano, trazendo o cunho do grande Originador. A alma imortal está sempre a aprender sabedoria e a compor as melodias harmoniosas da sua própria beleza nativa e inerente, vibrando até entre as cordas desafinadas do volúvel coração terreno. Os habitantes do Céu, trazendo consigo a força e a glória do seu Pai Divino impressas nas suas puras faculdades, revelam à mente material o poder e o amor da grande Fonte eterna de toda a vida e ser.

Eles respiram o sopro da vida celeste, no desenvolvimento progressivo dos seus próprios atributos divinos. Espíritos imortais, levados avante pelas necessidades da eternidade, inclinam-se sempre às aspirações do seu ser, como a doce criança confiante cede às leis das suas inocentes afeições. Uma simpatia harmoniosa de afeição e aspiração difunde-se pelas suas naturezas imortais, crescendo o cordão conetivo mais forte e mais belo; pois o amor,

gentil e verdadeiro, manterá sempre as grandes artérias de uma vida eterna em ativa circulação. Ainda que nas reentrâncias silenciosas da natureza humana possam estar sepultados os erros de muitas gerações, existe, contudo, um princípio vivo de vida, uma energia criadora — uma ação restauradora da sabedoria no íntimo, que destruirá as incrustações que há muito ocultam a verdadeira beleza do espírito humano, e trará à superfície exterior a identidade de virtudes escondidas, que há muito lutam, no seio humano, para vir à luz e estar livres de agir a mansidão e a simplicidade da natureza não sofisticada.

A melodia eólica da alma está afinada para harmonias mais elevadas, e vozes mais doces prenunciam o jorrar de hinos mais sublimes, que hão de evocar a divindade há muito perdida de Deus no homem. Os acordes profundos da melodia do espírito imortal são entoados, para que, quando a mudança partir ao meio cada corda da vida humana, eles possam docemente atrair a vossa alma do sombrio orbe da terra e adornar o vosso ser eterno com as vestes nupciais do céu; pois ali, sim, ali a vossa alma será unida ao harmonioso e puramente belo, pelas leis imutáveis de atração e repulsão, estabelecidas pelo grande Criador.

Mentes celestes esforçam-se por trespassar a superfície exterior da natureza e estudar as belezas do mundo interior do pensamento e da sabedoria. São fortes na esperança, nobres na bondade e infinitamente belas na afeição; pois as suas almas colheram a música do mundo interior, e ela percute nos seus sentimentos como o canto do seu jubiloso lar eterno. À medida que a terra empalidece, a alma contempla um largo campo de luz que encanta o silêncio dos reinos sombrios por que passa, na sua transição da frágil natureza humana para o clima ameno da imortalidade.

A alma, pelos exercícios suaves das suas faculdades, em breve recolherá alegria pelos seus próprios poderes nativos, de toda a natureza, e então cada pensamento recém-criado é uma força do seu desenvolvimento purificado. A frescura natural de toda a mente, seja terrena ou celeste, deve difundir o seu perfume sobre os seus atos, e a tendência natural da alma deve manifestar-se sempre na contemplação da sabedoria divina e do poder imortal.

Pouco imagina o homem que as qualidades do espírito se desperdiçam e exaurem pelas influências da sua natureza exterior, e que, pelo sopro da paixão terrena sobre a sua alma, ele cai no meio de um naufrágio de nobres pensamentos, e o seu génio interior se torna mais fraco e menos puro. Que a alma se recolha em si mesma e se expanda, e ensine os seus atributos nativos a ler e a interpretar as maravilhas da sabedoria divina. Então sinais e manifestações da bondade e pureza do espírito vos serão dados, quando a vossa mente estiver aberta a receber as instruções puras e as doces sugestões dos vossos amigos espirituais.

Há luto e tristeza no teu espírito, ó filho da terra? então busca os sentimentos pacíficos e santos da tua natureza divina, pois cairão sobre ti como orvalhos do céu e mostrar-te-ão o caminho para a beleza moral e a vida eterna. A alegria fluirá para a tua alma da inesgotável fonte da Pureza Infinita, e os amigos cujas

afeições sempre estiveram contigo aproximar-se-ão com palavras jubilosas, para te apontar a vereda da paz e da esperança, que finalmente te conduzirá ao lugar onde a alma se torna imaculada e pura. Quão poderoso deve ser esse "força" silenciosa, sempre a caminhar para o alto, quase tornando a mente inconsciente do seu refinamento progressivo. Quão gloriosa é a mente! Quem pode perceber a consciência da sua força e da sua individualidade, independente de todos os outros pensamentos e ações.

A mente independente não requer direção, porque o espírito livre busca por si mesmo, em cada lei da natureza, aquelas causas e efeitos que satisfazem as suas exigências intuitivas. Então, que as faculdades sejam cultivadas e desenvolvidas em tudo o que é nobre e puro, para que estejam prontas a receber tudo o que lhes é dado. O espírito tem uma ligação independente, distinta e separada da vida material. Então, oh, vós que chorais quando vos perguntam onde estão os vossos amigos! não aponteis para a lápide de mármore no cemitério distante, mas erguei a mão ao céu e respondei: Foram para o seu lar eterno.

Devotamente vossa,
Frances S. Osgood.

Palestra n.º 12
por Edgar C. Dayton

O ESTILO DAS COMUNICAÇÕES ESPIRITUAIS.

Um intelecto intuitivo e esclarecido, sólido — seja humano ou imortal — há de comunicar as suas convicções de verdade sobre todos os assuntos, quer o estilo presente de comunicação ou forma de crença correspondam, quer não, ao estilo de comunicação e formas de crença que caracterizaram as suas expressões anteriores de pensamento, quer no corpo quer fora dele. Um espírito pode comunicar hoje as suas graves convicções, e amanhã descobrir que errou nas suas conclusões e, se for espírito de pureza e verdade, corrigirá o seu erro; ao mesmo tempo que a mente humana exclamará: "Ora, disseste-me diferente ontem, e julgo-te um impostor."

Que efeito teria isto sobre a mente livre e nobre? Evitaria tal mente fraca e procuraria encontrar alguém que pudesse dizer, com todas as coisas na criação, que cada hora traz alguma nova mudança no desenvolvimento da natureza e, por conseguinte, a mente muda do pensamento não refinado de hoje para inculcar o refinado de amanhã. A mudança traz-vos da feliz hora da infância à idade adulta. A mudança transporta-vos da vida e saúde para o leito da dor e leva os vossos elementos exteriores de vida e beleza para a sepultura, enquanto a vossa alma está sempre a mudar no seu voo para Deus e o céu.

Então, se uma mente ensina hoje uma crença, deverá ela, daqui a um século, ainda usar o mesmo estilo de ensinamentos? ou deverá o estilo mudar com a crença? Se um espírito imortal vos ensinou hoje que não havia Deus, mas que

as leis da sua existência eram invisíveis e misteriosas, e, em idades futuras, tivesse progredido a partir dessa doutrina e vos dissesse que havia um Deus e que as Suas leis e princípios de vida eram claros e imutáveis, negaríeis que era a mesma mente individual, porque o estilo de comunicar pode ser muito diferente? Não é pelo estilo de escrita que podeis reconhecer a identidade do espírito que se apresenta, mas pela substância dada na mensagem. Porque João Wesley foi o fundador e propagador do metodismo, agora que encontrou um lar acima, deverá ele, para provar a sua identidade, ainda ensinar o que ensinou na forma, quando descobriu que aí inculcou muitas ideias erróneas?

Deverá o poderoso intelecto de Benjamin Franklin continuar a avançar, rastreando as causas e efeitos das combinações elétricas que produzem os relâmpagos e trovões, ouvidos e vistos pelos sentidos físicos, e, quando comunica, ensinar-vos o mesmo que ensinou na terra e ainda conservar o seu antigo estilo de falar ou escrever, para vos provar que é ele? Supondo que tal mente vos ensinasse a simples lei de amar e ser bondoso uns para com os outros, rejeitaríeis os ensinamentos porque não vos falou das estrelas, do relâmpago e das propriedades elétricas? Um intelecto como o de Benj. Franklin não é reconhecido pelo estilo ou forma do ensino, mas pela substância e verdade nele contidas. John Wesley e Benj. Franklin são reconhecidos pela pureza e força das suas produções; não pelo estilo.

Eles não vêm aos homens para vestir as suas mensagens com palavras altissonantes, nem para as temperar com sentenças ou expressões em latim ou francês; mas vêm dar a verdade na sua forma nativa e bruta, tal como a colhem no universo do seu Deus. E é pela pureza e poder da sua produção que qualquer mente pode ser identificada. Intelectos poderosos podem produzir verdades profundas; e também podem falar das verdades simples encontradas na natureza circundante. A mudança está constantemente a decorrer por todos os vários domínios da natureza, e também na construção mental.

Um homem pode acreditar numa coisa hoje e, amanhã, desacreditar dessa mesma coisa. O homem muda continuamente, e com ele muda a sua mente ou crença, conforme o seu refinamento progressivo. Em consequência disto, não pode reter sempre o mesmo estilo de expressão; pois, à medida que a mente muda, assim muda o modo de comunicar.

Para alguns, há verdades que atordoam a compreensão, porque a magnitude e importância dessas verdades ultrapassam a mente em força. A mudança acompanha o homem desde o nascimento até à sepultura; e os espíritos vêm lançar um alicerce de liberdade e justiça, para que cada mente possa agarrar o que é verdadeiramente seu, à medida que muda de uma crença, ou estágio de desenvolvimento, para outro.

Hoje, o homem, pela força e poder do seu génio, tornou necessário exibir a totalidade da sua força física e mental nas suas descobertas, enquanto o amanhã pode encontrá-lo com o espírito ido para os domínios dos justos e dos retos. Então deverá essa mente regressar a vós e ainda exercer todos os seus poderes de mente e esgotar as propriedades da sua construção exterior, para

vos provar a sua identidade? Talvez essa mente, quando despojada do conhecimento material, não possua uma ordem elevada de sabedoria espiritual e ainda tenha de aprender as lições primárias da vida celeste. Se assim for, então os seus ensinamentos para convosco, ainda que verdadeiros, estarão cheios de simplicidade infantil. Mas, se uma mente altamente desenvolvida espiritualmente entra no mundo do espírito, então os ensinamentos dessa mente hão de mostrar as solicitudes do saber filosófico, bem como as aquisições mais simples da sabedoria superior. Torno a dizer: não se reconhece um espírito pelo estilo da sua escrita ou comunicação; a identidade de qualquer espírito só é conhecida pela força e pureza das suas produções.

O homem surge para a vida pelas leis fisiológicas de construção; e cada avanço para a sua existência eterna apenas aumenta o poder e a velocidade do intelecto. O homem necessita de sociedade, e tem de ter tal sociedade como a sua natureza exige; e, associando-se e conversando, desenvolve em si as faculdades da afeição e da sabedoria. Esta exigência de companhia é característica de todas as coisas. Nenhuma flor ou arbusto existe sem possuir as propriedades necessárias para germinar o seu semelhante.

Cada dia alimenta mil formas de criação, trazendo à vida mil germinações do seu género. Assim, o semelhante busca o semelhante e desenvolve o semelhante. Quando as propensões combinadas de corações egoístas se reúnem, lançam o alicerce da tirania entre todas as crenças e colocam-se no caminho da verdadeira liberdade; e, quando a liberdade transpõe essas vis barreiras, é novamente desviada pela poderosa vaga da opressão. Os homens estão prontos para criticar a simples mensagem de uma alma verdadeira e fervorosa, se não estiver vestida de expressões literárias; e isto é um poder arbitrário, sendo o seu efeito sobre muitas mentes altamente prejudicial.

A prece da liberdade não pode subir a um poder superior sem mácula, pois há homens, em número suficiente, prontos a poluí-la com a sua influência venenosa. Ainda assim, vemos a civilização a brotar continuamente para a existência; e aguardamos, com esperança animadora, ver as capacidades divinas do homem projetarem as belezas intuitivas e conceptivas e as sabedorias da sua mente. A filosofia e o saber simples concedidos ao homem não são encantamentos demoníacos, nem produtos de imaginações doentias; mas vêm de mentes que, outrora, fizeram o vosso mundo ressoar com os efeitos do seu longo labor e profundas descobertas.

A alma nunca pode ser privada dos seus atributos eternos; nem qualquer mente pode silenciar as interpelações constantemente feitas nas câmaras silenciosas de cada coração. É verdade: os homens podem escarnecer e criticar produções espirituais; mas, se a verdade é a substância da sua mensagem, os homens podem clamar “falácia” e “embuste”, mas não podem sequer tocar a base da verdade com as suas paixões más; pois, assim como Deus é eterno, também a verdade o é. Examinai-vos a vós mesmos. Primeiro, criticai as vossas próprias faltas, antes de vos julgardes competentes para beneficiar o vosso irmão lembrando-lhe as dele. Nos esferas superiores da

existência, a lei “conhece-te a ti mesmo” tem de ser aprendida antes que a mente fique apta a apreciar o seu companheiro espiritual. Todo o coração humano tem as suas sensibilidades, e por que é que a mente humana não pode contribuir para os gozos dos outros, em vez de procurar ferir-lhes os sentimentos com observações ou críticas desnecessárias? O homem tem de despertar do seu escuro lugar de morada e receber a evidência da imortalidade, antes que possa, quando chamado ao universo além, conhecer a si mesmo ou aos seus amigos associados.

Com a maior pressa,
E. C. Dayton.

Palestra n.º 14
por Stephen R. Smith

“E DEUS DISSE: FAÇA-SE LUZ; E FEZ-SE LUZ.”

Quando o vosso universo começou, pela primeira vez, a manifestar os princípios de vida e movimento, os constituintes então existentes na forma ou construção da matéria organizada sentiram o poder do desenvolvimento a evoluir, a partir da sua condição caótica, aquela luz e refinamento que caracterizam todas as coisas criadas. Partículas de matéria foram-se atraindo, pelos elementos da natureza em obediência às leis de Deus, até que se formou um corpo escuro. Átomos de matéria uniram-se a átomos de matéria, até que cada combinação se tornou maior pelas funções específicas do desenvolvimento.

Substâncias gasosas, ou corpos naturais de desenvolvimentos gasosos, atuavam continuamente sobre a atmosfera e, geradas a partir da condição primária da Terra pelas suas revoluções metódicas, produziram as propriedades de luz e calor. Havia substâncias vitais na luz e no calor, não observáveis pelos sentidos do homem, que atuavam constantemente sobre o corpo, ou universo, Terra, e que, na sua operação, produziram uma condição atmosférica refinada. Cada constituinte natural distinto, formando e atuando com essas várias substâncias, continha ou possuía propensões peculiares, diferentes umas das outras, movendo-se ainda assim umas para as outras harmoniosamente e em estrita obediência às grandes leis que regem a sua ação e progresso.

No estado primário e caótico da Terra, havia forças a trabalhar silenciosamente para refinar essas substâncias várias e que, pela vida, exigiam “luz, ainda mais luz”. O corpo da Terra não foi iluminado instantaneamente; mas as propriedades da luz, embora ainda imperfeitas e cruas, começaram a difundir a sua influência pela Terra, tornando, assim, a sua escuridão mais amena. Pelas leis da Divindade, a luz foi separada das trevas, e cada passo do desenvolvimento exigia ainda “luz, mais luz”. A Terra assumiu a forma de um globo, ou universo; e, por longos anos de desenvolvimento e progressão, as

leis operativas de Deus desenvolveram um sol, que havia de iluminar todo o corpo da Terra. Quando esse sol apareceu, a sua luz era débil, mas, pela progressão, tornou-se um grande corpo de luz ofuscante. Depois vieram a chuva e as nuvens, e todas as belezas da natureza universal. Nem estas vieram à existência para preencher ou formar a completude do universo terreno pela vontade instantânea de Deus, mas eram cruas e não desenvolvidas nas suas fases primárias e foram surgindo gradualmente pela lei de Deus. Então novos nascimentos ou criações deram beleza à vossa Terra, e novos desenvolvimentos eram constantemente identificados, como o são no presente.

E foi assim que a natureza se desdobrou tão perfeitamente e de forma tão bela. Os milhões de mundos e objetos da criação não foram animados por vida e ação à palavra ou vontade de Deus instantaneamente; antes, as Suas leis são a Sua vontade, e as Suas causas e efeitos são as produções da Sua poderosa vontade, ou leis. Podemos ver, no desenvolvimento da Terra, que a criação vegetal teve de ser o desenvolvimento seguinte ao reino mineral ou geológico; pois, no animal, há manifestações de vida inteligente. É verdade que os animais não têm as faculdades de pensar e gerar pensamento; mas foram-lhes dados certos indícios pelos quais podiam identificar os seus semelhantes.

As flores, árvores e arbustos são, por certo, efeitos de alguma causa inteligente; e, quando analisados, não poderão deixar de despertar na alma o desejo de conhecer essa causa invisível, ou de saber de quem tais belezas dimanam. Por outro lado, a criação animal é uma prova maior da existência de Deus do que a criação floral ou vegetal; porque há corpos animados por vida, aos quais são dados indícios de inteligência. E, a partir do animal, supõe-se que o homem tenha tido a sua origem, visto que o animal era, num certo estádio da existência da Terra, a corporização mais elevada de matéria animada.

À medida que o mundo se desenvolveu, assim caminharam com ele as várias criações e, pelos princípios estabelecidos pela Divindade no seu refinamento, exigiam “luz, ainda mais luz”. “Deus disse: faça-se luz; e fez-se luz.” Isto significa que, pelas leis de Deus, tem de haver luz — não para surgir de uma escuridão caótica e profunda ao Seu comando, de imediato, mas que vem gradualmente para iluminar o mundo, e “luz, ainda mais luz” vem, verdadeiramente, à medida que as grandes criações se refinam para receber a luz. Assim podemos ver como o vosso mundo, como a mente humana, veio à existência a partir do longo processo do desenvolvimento.

A mente é agora a corporização mais elevada da matéria animada. Há uma divindade na alma do homem, como o tempo e o intelecto hão de aqui-depois provar positivamente à mente que duvida. No estado bruto da construção mental, havia algo a apresentar-se constantemente, para responder à voz do seu Criador, pelo que se foi tornando mais sublimado e, desde as primeiras manifestações da inteligência humana, se tem vindo a dar a conhecer, até que, de toda a mente pensante, se ouve a interrogação: — Onde e quem é Deus? Até o infante interroga a mãe, para saber quem é Deus; e quantas vezes

acontece que, quando falais aos vossos filhos do poder e da bondade de Deus, eles respondem, na sua inocente simplicidade, perguntando por que é que Deus não faz isto ou aquilo. E qual é a vossa resposta? Não podeis responder verdadeiramente às interrogações da criança, porque a pergunta veio livre e pura das suas mentes, imaculadas pelas doutrinas de qualquer denominação, ao passo que vós podeis estar continuamente a ensiná-las acerca de coisas que Deus há muito vos explicou, por meio das Suas leis, se pudésseis identificar as Suas leis na vossa religião.

As leis de Deus são vastas e poderosas, ainda que simples e belas. E, quando ensinardes os vossos infantes acerca de Deus, deveis apontá-los para as obras de Deus, vistas no universo ilimitado diante de vós. Se, em vez de tomardes a Bíblia para ensinar à criança a supremacia e o amor de Deus, tomásseis a flor, ou mesmo o grão de areia na praia, e lhes ensinásseis os princípios que ali trabalham silenciosamente, e lhes ensinásseis que esse mesmo princípio permeia todos os objetos e atua até sobre as suas mentes ainda juvenis, verdadeiramente lhes ensinaríeis um volume numa palavra.

Mas, se procurardes confinar a alma dentro das capas de qualquer livro, encontrareis a mesma bela interrogação na idade adulta que encontrastes na juventude, e nunca as exigências da alma serão satisfeitas até que essa alma possa ter a evidência de um Deus por entender e compreender as Suas obras. A mente está sempre a buscar a luz, e Deus disse: faça-se luz; e, assim, recebereis luz, se fordes capazes de a compreender. As indicações e manifestações da natureza são evidências de que o homem tem de chegar ao inverno da vida, quando lançará fora as suas vestes exteriores, para se incorporar nas belezas frescas e eternas da primavera da vida, quando e onde as glórias da natureza não murcham.

O homem, na sua vida, está sujeito a doenças mentais que são muito mais excruciantes do que a dor e a angústia físicas. E, quando contemplais a forma prostrada no leito de dor, contorcendo-se na sua agonia, banhareis a fronte febril e esforçar-vos-eis por aliviar os sofrimentos do corpo vertendo o bálsamo da simpatia sobre o espírito inquieto. Mas, quando vedes a doença moral, esforçais-vos por acalmar os espasmos do sofrimento, ensinando a essa alma o caminho para a pureza e a bondade? Afastais a lágrima que cai, apertando bondosamente a mão que erra e apontando a alma escura para a luz de Deus e da natureza? Em humilde adoração ao vosso Criador, sustentados pelo poder da pureza, exalais para Ele uma oração em cada pensamento, fazendo com isso que os que pecam na terra sigam o vosso exemplo?

Eis aqui um grande defeito entre os homens. Têm simpatias fundas e profundas, mas não as exercem devidamente. Permiti que vos pergunte: qual requer mais a vossa comiseração e simpatia — o corpo, quando luta por reter a alma de tomar a sua partida eterna para um mundo acima, ou o ébrio, ou o homicida, ou o homem moralmente doente? Qual destes deve exigir a vossa assistência e simpatia? É verdade que a vossa simpatia há de estar com o amigo moribundo, pois a natureza o exige; mas qual requer mais a vossa

simpatia? É ainda verdade que o ébrio ou o homicida podem não estar ligados a vós por laços de amizade; nem pode haver entre vós qualquer adaptação natural de amor e simpatia; ainda assim, não é cumprir a lei de Deus elevar essa alma à luz de Deus e prepará-la para o seu lar entre os bem-aventurados e puros? Estes são os ensinamentos de todas as mentes puras; e, quando se tornarem universais, então o mundo se tornará melhor. É a voz de Deus que fala desde a alma e apela ao vosso íntimo para que a simpatia e o amor sejam exercidos para com o vosso irmão.

"Deus disse: faça-se luz." Todo o ato bom vos revelará uma luz de verdade, que alegrará a vossa alma e tornará joviais as vossas esperanças. As operações do pensamento divino e infinito sobre a vossa mente — a criança inocente que, docemente, apela para a mãe por amor e ternura, e a velhice, ao aproximar-se cada vez mais da sepultura — dão-vos a luz das grandes verdades estabelecidas por Deus. A luz será recebida por vós gradualmente, conforme as leis da Divindade.

Deveis cultivar as vossas faculdades. Deveis aprender a inculcar os princípios do certo e do errado. Deveis esforçar-vos por lançar fora o egoísmo da vossa natureza antes de poderdes esperar que espíritos puros e santos se aproximem de vós e vos comuniquem coisas perfeitas. Já espíritos em demasia, enganadores, apinham a vereda do céu à terra; e isto apela, veementemente, a todos vós para que tenhais cuidado com quem vos comunicais, pois uma mente não desenvolvida vos transmitirá conhecimento não desenvolvido e imperfeito; e, portanto, não pode vir diretamente do Pai da Verdade.

Vosso,
Stephen Smith.

EXPLICAÇÃO.

Ao ler, em manuscrito, a palestra do Sr. SMITH, sentimos não pouca surpresa por o encontrarmos, ao que nos pareceu, apegado à ideia obsolescente apresentada na história bíblica da criação, de que o grande luminar do sistema solar teria sido uma criação subsequente e mero apêndice deste pequeno planeta, provido exclusivamente para sua acomodação. Certos de que tal era uma conceção demasiado estreita para a mente capciosa do Sr. SMITH, mesmo enquanto no corpo, omitimos publicá-la na semana passada e procurámos uma entrevista com ele, a fim de obter explicação.

Pedimos-lhe mentalmente que nos encontrasse em casa do Sr. BROOKS, na manhã de domingo, o que fez. Sentados à mesa, logo que verificámos a sua presença, lemos-lhe a passagem a que fazíamos objeção e pedimos-lhe que nos informasse se pretendia ser entendido como confirmando o relato judaico da criação. Segue-se a sua resposta: "A minha ideia era a seguinte: o Sol é o grande centro do qual emanaram todos os planetas do sistema solar; e, quando a Terra estava na sua condição caótica e bruta, a luz do Sol atuava

sobre ela e não podia penetrar a sua escuridão instantaneamente; mas, à medida que a condição da Terra se foi desenvolvendo mais, mais brilhante se tornava a luz proveniente do Sol. O Sol é o centro da luz e ilumina os mundos planetários que giram em seu torno. Não quis dizer que a Terra foi desenvolvida e trazida à existência antes do Sol; quis dizer isto: o Sol não iluminou todo o corpo da Terra, à vontade de Deus, instantaneamente, mas, pelas suas leis de progressão, a luz do Sol foi sendo gradualmente desenvolvida para a Terra.

Enquanto damos palestras, somos muitas vezes chamados a ausentar-nos; e é por isso que encontrais tantos erros. As nossas baterias não entendem estes assuntos científicos; e alguns espíritos são traquinas o bastante para meter uma palavra ou duas, para vos ver a trabalhar sobre ela. Mas fazem-no apenas por divertimento próprio; portanto, se nos chamardes, retificaremos todos os erros e deixá-los-emos ter a sua diversão, como remuneração pelo seu labor."

Vosso,

STEPHEN R. SMI[TH].

Palestra n.º 13

por Edgar C. Dayton

Por intermédio da Srta. BROOKS, médium. Para diante e para cima. Há um amor plantado, pela mão do Todo-Poderoso, nos recessos profundos do coração, que é um princípio divino sempre sustentado pelas leis de Deus e que atrai a alma continuamente para diante e para cima. Mas a opressão tem espalhado a sua influência por todas as nações, do africano e do asiático às mais esclarecidas nações europeias e americanas; e que espera o homem, quando incessantemente impele a si e aos seus camaradas não para os campos elísios da sabedoria e do poder, mas para a sangrenta refrega do campo de batalha, onde gemido após gemido rasga o ar da meia-noite e a débil voz do moribundo pede a simpatia e a afeição dos amigos!

Ai! não há no ouvido o doce timbre de uma mãe — não está ali a irmã amada a limpar as gotas frias de suor da fronte marmórea; mas talvez o sangue vital se vá escoando gota a gota do sítio onde a bala fatal entrou, enquanto o estrondo alto do canhão vem, peal após peal, sobre o seu leito de dor, e o fumo que se eleva e o longínquo fragor da batalha lhe dizem que a obra do assassínio prossegue. Há uma esperança de imortalidade nesse peito que atrai o espírito para o seu Deus. Vede o poderoso monarca das vossas nações do Oriente, com as suas leis rígidas a ordenar aos súbditos que lutem e combatam por um equilíbrio de poder, para que as suas leis de religião e governo dominem uma parte, senão todas, as nações orientais.

Esse tirano da opressão ainda recebe as impressões da política rígida do seu pai, da terra dos espíritos. NICOLAU ainda se agarra à sua pátria e inspira a alma de ALEXANDRE a lutar — a esforçar-se por vencer as nações que lhe fazem frente e a trazê-las sob o governo arbitrário da Rússia, fazendo assim

dos Turcos, dos Austríacos e das menores nações ou estados alemães seus legítimos súbditos. NICOLAU de bom grado tornaria a brandir a espada sobre o seu inimigo e traria todos os súbditos de outras nações sob o seu poder monárquico, tornando-os escravos da sua vontade arbitrária e tiranos uns dos outros. Mas deverá a Turquia curvar-se submissamente à vontade de um tirano de coração duro? Não: deve lutar pelo seu poder e governo e não ceder a nenhuma nação os seus próprios súbditos.

Deverá a Áustria combinar o seu poder com as forças russas e arremessar-se sem temor ao largo e sangrento campo de assassínio e sofrimento? Não: mantém-se neutra, mas aproxima-se rapidamente a crise em que terá de decidir e de estender a mão à Rússia ou à Turquia, pois é demasiado limitada em força para combater independentemente de qualquer destas nações.

Deve a Europa, com toda a sua literatura e ciência, com toda a sua riqueza e poder, recuar, temendo defrontar uma das mais acerbas nações da terra, e lutar pela justiça e pela liberdade? Devem os governos da Europa ser absorvidos pelo poder e força das leis russas? Não: a Europa deve avançar com a sua bravura nativa e patriotismo, para dar ajuda à causa da Turquia.

Deverá a França retirar-se das cenas de guerra e morte e, com a sua força, lançar-se dependente da Inglaterra e de outras nações auxiliares, não ousando aproximar-se corajosamente, de forma independente, do tirano do governo russo e pugnar pelo seu direito e liberdade? — O NAPOLEÃO desta época não possui a ambição e o heroísmo moral do grande e heroico Imperador NAPOLEÃO, que agora se acha nas praias da imortalidade e se interessa pelo progresso e republicanismo da sua pátria; mas há uma centelha de patriotismo e ambição napoleónicos que foi acesa pela audácia da Rússia; e a França tomou as suas espadas e armas para auxiliar a Turquia na sua luta pela liberdade de governo e poder.

Recordai os dias do imortal NAPOLEÃO, quando era o mais orgulhoso Imperador, o maior guerreiro do seu tempo. Vede os seus desígnios e cálculos. Não transpôs os ásperos Alpes para satisfazer apenas a sua ambição, mas para manter os seus direitos e libertar a sua pátria dos poderes tirânicos circundantes. Não foi ao clima solarengo da Itália, nem a muitas outras nações de orgulho e glória, para ganhar e conservar para sempre posição e poder sobre a sua nação, mas para libertar os seus súbditos das influências constantes de outros poderes. Naquele tempo, a França não poderia ter sido levada a crer que o seu poderoso guerreiro e Imperador, NAPOLEÃO, cairia e seria banido para aquela ilha solitária, pelo restante da sua vida terrena.

Não: a França desprezaria a nação que profetizasse tal coisa; mas quão verdadeiro é que o outrora nobre Imperador da França foi exilado para a Ilha de Santa Helena. Há um ano, a Rússia não sonhava com a partida do seu Imperador tirânico e arbitrário; mas as leis de Deus são perfeitas e, numa mudança súbita no aspeto da sua guerra, NICOLAU foi chamado ao lar — não para ser coroado Imperador de todos, mas para ser um homem, um espírito que tem de desaprender alguns dos seus princípios arbitrários e ser instruído

nos princípios suaves e puros do seu Deus. Nem a Rússia sonha com o seu destino futuro. Observai os cálculos e a carreira de ALEXANDRE e vereis que a sua amplitude de saber guerreiro é limitada. A sua ambição de levar a cabo os planos e desígnios do pai é demasiado lisonjeira; a sua previsão é diminuta, ao passo que a sua sagacidade e energia de carácter estão plenamente desenvolvidas; portanto, a sua organização exterior, e a sua construção mental e cerebral, não estão talhadas para criar e instituir leis que derrubem o poder de nações opositoras, e a sua miopia será a causa da sua queda, a menos que outros oficiais de maior capacidade e discernimento mais profundo descubram, em breve, a fraqueza e a impraticabilidade dos seus desígnios.

A Inglaterra e a França, com os seus esforços energizados e previsão, hão de ainda embaraçar a habilidade de ALEXANDRE, com todas as suas leis rígidas, e ele entregará a sua espada às nações combinadas e oferecerá uma paz generosa à Turquia. ALEXANDRE e os seus súbditos leais nada sabem daquele ainda poderoso Imperador que rege os universos da matéria e da mente, não por leis arbitrárias ou princípios tirânicos, mas pelas leis infalíveis e divinas da beleza universal e da sabedoria.

Quando a América estava na infância e, quando a Rocha de Plymouth serviu de fundamento para o firme apoio dos vossos Pais e Mães Peregrinos, tiveram eles de lutar pela liberdade e por um país livre. O galhardo WASHINGTON lutou e sangrou pela glória da sua nação; e hoje a América poderia ter sido governada por um poder tiranizante se não fossem os esforços nobres de Washington e outros campeões da liberdade dessa época. Sentiam no coração um pulsar pela liberdade, para que cada homem pudesse agir independentemente das altas autoridades que agora oprimem todas as outras nações.

As suas conquistas foram gloriosas; e, depois de longo cerco de guerra e contenda sangrenta, o ar americano fez ondular a Bandeira Estrelada da liberdade; e hoje a América figura entre as primeiras nações em ciência e conhecimento, e segue ainda sublimemente para diante e para cima em sabedoria, amor e beleza moral. A América depende de filósofos e patriotas antigos pela sua liberdade e feitos literários; e cumpre a todo o homem que pisa solo americano honrar a memória de seus antepassados, avançando para diante e para cima rumo à verdade e ao conhecimento que lutam por encontrar acesso em toda a alma.

Toda a nação tem a sua literatura e produz os seus filósofos e lógicos — os seus guerreiros e reformadores; mas já não recorrem às descobertas da Antiguidade para obter conhecimento — cada um descobre, por si, as várias sabedorias de cada departamento da natureza, estudando as leis da lógica e de Deus. Nos dias da Antiguidade encontramos muitas mentes sábias e lógicas. Jerusalém, na sua glória caída, ainda fala do verdadeiro Cristianismo; e até as muralhas elevadas e altaneiras da Babilónia ainda dão testemunho da indústria e das manifestações de mentes boas e puras. O Egito, com as suas pirâmides e múmias, e com os seus cultos idólatras, ainda projeta as

evidências de uma mente pura e diligentemente buscadora da verdade; e, se cada vaga rendida vista sobre o seio do majestoso Nilo pudesse falar, contaria muitos contos de orgulho e glória, bem como histórias de bárbara crueldade. Esses caros emblemas de cenas e circunstâncias antiquadas são preciosos a todo o coração; pois pelos seus méritos e deméritos podeis julgar do progresso da vossa própria nação e do avanço da inteligência humana.

A Itália, esse país ameno de que falam poetas e artistas, tornou-se o sol central do Catolicismo. As suas belezas arquitetónicas são provas de gostos refinados e mentes desenvolvidas; mas os muitos homens e mulheres ignorantes que se prostram à vontade do Papa ou do Padre carecem da piedade de toda a alma livre e feliz. A Hungria esforça-se por romper os grilhões da ignorância e da opressão, para ser, como a orgulhosa América, livre para viver e livre para agir. A Hungria alcançará a vitória por anos de labor e erguer-se-á, para o alto, para a liberdade e a sabedoria. Assim vemos o mundo a mover-se para diante e para cima.

Muitas criações estão em condição crua; mas Deus instituiu leis que hão, por fim, de sobrelevar as influências animais da natureza dos homens e torná-los livres. A espiritualidade, a moralidade e a religião são ainda os princípios mais crus encontrados na organização cerebral ou mental. Mas, pela progressão, desdobram-se, e as mentes ficam habilitadas a apreciar o desígnio do seu ser e existência. “Para diante e para cima” é a palavra de Deus. Então vinde, todos vós que desejais conhecimento, e recebei a luz de Deus. Vinde aprender a capacidade que possuís de ser e fazer o bem, e tornai conhecidas as vossas virtudes, pois elas não murcham como o róseo clarão do poente, mas vivem e crescem na morada dos anjos.

Plantai firmemente o gérmen da verdade nas vossas almas e, depois, segui os seus ramos que se espalham, e chegareis à glória de Deus no mundo além. Ide audazmente, sem pensar nos sacrifícios que fazeis, e ensinai o poder e o amor do Altíssimo. Ide ao calabouço e ao palácio, à prisão e ao cadafalso, e proclamai aos que pecam a verdade do vosso Criador. Ide à casa da poluição e da iniquidade e insuflai nessas naturezas errantes a beleza da moralidade e a pureza do céu, no qual não poderão entrar felizes se não se tornarem puros. Aprendei a vós mesmos e esforçai-vos por viver retamente, para que possais subir mais velozmente para diante e para cima, para sempre. Vossos, E. C. Dayton.

Conferência N.º 2

por Edgar C. Dayton

Tínhamos pretendido dar uma história da nossa familiaridade com este espírito, introdutória à sua primeira conferência; mas a pressão de outros deveres expulsou-a da nossa memória. Procederemos agora a suprir a omissão.

Ele veio até nós no final de um círculo, do qual eu era membro, no início do último inverno. Restavam apenas alguns de nós: e desse pequeno número ele selecionou cerca de quatro ou cinco, para constituir um círculo destinado a receber comunicações instrutivas da sua parte. Na segunda reunião deste pequeno círculo, ele disse-nos o seguinte, através da Menina Brooks:

«O meu nome foi EDGAR C. DAYTON. Nasci em Richmond, Virgínia; vivi lá até aos dezassete anos; emigrei então para Inglaterra; tornei-me Professor de Anatomia e Obstetrícia, e dei conferências em todas as salas de dissecação de Liverpool a Londres. Há quatro anos (agora cinco anos), quando tinha trinta e cinco anos, estando em Bristol, caí do topo de uma escada, com trinta pés de altura, e morri de concussão cerebral.»

Estando perfeitamente satisfeitos com o relato que este espírito elevado deu de si mesmo, nenhum dos membros do círculo com quem ele tem estado em comunhão se deu ao trabalho de escrever para obter informações, quer para Richmond quer para Liverpool. Seria um bom teste para qualquer um que duvide da realidade das comunicações espirituais escrever para esses lugares e averiguar se existiu tal rapaz em Richmond, ou tal homem em Liverpool, Londres ou Bristol.

ANATOMIA FÍSICA E ESPIRITUAL

Existem dois mundos; um é o mundo material, através do qual permeia matéria não desenvolvida e espiritual. O outro é um universo capaz de sustentar o mais alto grau de mente e matéria espiritualmente refinadas. Existem também duas formas que o espírito habita. Uma é a organização física ou original, a outra é a forma espiritual. Estas formas não são dissemelhantes. A forma espiritual contém a mais alta sublimação da matéria. Existem leis igualmente unânimes que governam ambas estas formas. Cada uma tem uma anatomia própria. Existem várias funções na organização humana, desempenhando o seu trabalho material, desenvolvendo e sustentando a beleza da vida humana.

O cérebro é a sede da mente; o coração é a mola principal da vida. Na forma espiritual, o vento e a matéria eternizada são as forças propulsoras da vida espiritual. A mente é o coração, ou o centro da vida, na organização eterna. A matéria é um poder que dá ação e força à mente. É constantemente lançada de esferas superiores ou mentes mais elevadas, desenvolvendo e desdobrando as faculdades do espírito. O espírito, quando nasce para a nova vida, tem a sua forma criada como a criança tem quando entra na vida terrena. A única dissimilaridade existente entre as duas é esta: A organização espiritual

é muito mais sublimada e perfeita. É composta pela matéria refinada emanada de um mundo imortal. A forma humana participa da matéria não desenvolvida de uma esfera não refinada, ou do reino animal.

As substâncias de que a constituição humana participa e se apropria são analisadas e apropriadas pelas funções digestivas e pelo fluido gástrico, e vão criar novos músculos, nervos e artérias. A porção sublimada vai constituir o princípio espiritual, que dá ação, movimento e iluminação à organização inteira da mente e do corpo. Os pulmões e o coração são o centro da vida humana. O cérebro é um meio através do qual a vida e o intelecto se manifestam. Existe uma harmonia eterna operada pela mão de Deus, existente em toda a estrutura física.

Cada artéria e função do corpo humano funde-se e desempenha o seu trabalho natural a partir de princípios harmoniosos, a menos que a grande lei fisiológica da natureza tenha sido violada. Se esse princípio eterno que governa a estrutura física e adiciona beleza à vida humana tiver sido violado, então a suscetibilidade constitucional cria dentro de si uma nervosidade e impaciência que perturba os elementos do princípio espiritual, e assim a mão da doença esmaga os poderes naturais do intelecto, impedindo o desenvolvimento da sabedoria, e as forças passionais fluem por qualquer canal que as influências circundantes possam atraí-las. Esta é a grande obstrução à refinamento puro e completo do espírito humano.

O material inexaurível que compõe a organização espiritual é matéria. O princípio que tudo sustenta da forma espiritual é a natureza. Existe uma lei, universal e eterna, que governa, imutavelmente, tanto a mente como o corpo. A mente é o centro da vida espiritual. O seu princípio que tudo absorve é o funcionamento natural da harmonia, criado por uma mente divina. Cada átomo que vai constituir a forma espiritual é atraído pela natureza; e o espírito, após deixar a forma material, nunca se desorganiza nem se transforma noutra; pois a natureza nunca muda as suas leis. Assim, no céu, a mente pode percorrer o universo de Deus e reter eternamente a sua beleza e glória.

O espírito sofre uma mudança análoga à transição do espírito da estrutura física? Todas as formas foram criadas a partir de leis anatómicas e fisiológicas. Cada estrutura é composta de matéria, e a matéria é substância. Agora, quando o espírito deixa a forma humana, é, por um processo anatómico, separado inteiramente da forma. Ele, o espírito, separa-se da esfera terrena. Após o espírito se libertar da sua materialidade grosseira, habita outra estrutura análoga ao corpo humano. A matéria que constitui a forma espiritual tem o mesmo grau de desenvolvimento correspondente à mente.

E agora, em vez de o espírito se separar deste corpo fisiológico, para habitar a próxima esfera superior, o corpo lança fora a matéria não desenvolvida que é inanimada para a condição desse desenvolvimento que a mente aspira. À medida que a mente progride em sublimação e desenvolvimento, assim o faz o corpo. À medida que a mente lança fora a sua matéria não desenvolvida, à medida que se torna mais sublimada, assim a estrutura espiritual que a mente

habita lança fora, por princípios anatómicos, a matéria inanimada que a permeia. Agora, esta é uma mudança análoga à mudança da mente do sistema físico ou humano. A diferença existente entre as duas mudanças ou separações é esta: O espírito, por princípios fisiológicos estabelecidos por Deus, separa-se da forma humana. A mudança, após o espírito tomar residência numa estrutura espiritual, em vez de a mente se separar dessa forma, a matéria não desenvolvida é desorganizada tanto do corpo como da mente, e vai constituir outras estruturas físicas.

Pelo mesmo método de organização, as criações originam-se de leis anatómicas; e à medida que progridem em refinamento, a matéria não desenvolvida lançada fora na sua progressão vai formar minerais; e por processo geológico, estes minerais também se tornam cada vez mais sublimados. Tudo na criação tem uma anatomia. A mente tem uma anatomia. O corpo tem uma anatomia.

A natureza tem uma anatomia. A estrutura espiritual tem uma organização cerebral análoga ao cérebro humano. Mas quando os mortais ouvem, a sua audição é produzida através de um órgão de audição. O mesmo com o paladar e a visão. Agora, a mente, após se tornar imortalizada, ouve por uma lei imutável de perceção; e esta lei, sendo caracterizada por harmonia, ação e perceção, o sentimento, a visão e o paladar são produzidos pelo mesmo princípio universal.

O espírito, embora a sua forma seja análoga à forma humana, não ouve por um órgão através do qual a audição é produzida; mas quando ouve, ouve por perceção. Nem a forma espiritual, ou o espírito, requer tal sustento para comunicar força e vitalidade, como a mente no corpo humano requer. A sabedoria e a pureza são os princípios sustentadores da mente imortal. A audição, a visão, o paladar e o sentimento são produzidos pela lei de perceção.

Quando um espírito de uma esfera superior deseja falar com um de uma esfera inferior, não é necessário que um espírito encontre o outro e fale face a face; mas pela lei de atração percetiva — por intuição natural, o espírito superior pode atrair a mente do inferior; e por um telégrafo mental, pode obter a informação requerida. E desta maneira, ou por este método, os pensamentos são transmitidos de Deus para o próximo desenvolvimento, e assim sucessivamente, até serem levados aos seus objetos destinados. Isto é o que chamamos telégrafo mental, por atração percetiva.

Ao traçar o sistema planetário, encontramos um planeta que mantém intercâmbio com mentes imortais, pelo telégrafo da mentalidade. Este planeta é Saturno. A organização deste planeta é muito mais harmoniosa e bela do que o vosso planeta, a Terra. A lei da harmonia existe lá; e as mentes que habitam esse universo sendo muito mais sublimadas do que as mentes terrenas, observaram as leis da natureza e de Deus; e buscam a sabedoria, e encontram-na. Daí, a lei da sabedoria governar as suas ações. Os habitantes que ocupam este mundo passaram o meridiano da iniquidade. São muito mais perfeitos em forma do que os habitantes de qualquer outro planeta. Neste

planeta, a mente funde-se com a natureza, e a natureza responde a cada desejo, e desperta ainda maiores desejos por sabedoria e conhecimento. Daí, esforçar-se ardentemente para discernir as ricas minas de sabedoria que jazem enterradas nas profundezas imensuráveis da eternidade.

Encontramos também uma atração conectiva existente entre todos os planetas, cada um tendo a sua atração correspondente ao mundo espiritual. E agora, por mais estranho que possa parecer-vos, haverá, à medida que a mente se desenvolve, uma comunicação estabelecida entre as mentes da Terra e as mentes de outros planetas. Antes de uma inteligência livre e não perturbada ser comunicada do espírito que partiu para o espírito terreno, deve existir um intercâmbio livre entre a Terra e aqueles planetas mais avançados em desenvolvimento.

As mentes que habitam o planeta Saturno sabem, por perceção intuitiva, a condição de outros planetas. A terra espiritual e toda a criação externa, ou planeta, devem ser governados pelas grandes leis de ordem, sabedoria e harmonia, antes de um conhecimento verdadeiro e definitivo do destino futuro do espírito humano ser claramente compreendido.

Dissemos antes que Deus agia sobre todas as criações anatomicamente e fisiologicamente. Acrescentamos agora: Deus também age sobre a natureza quimicamente e magneticamente. Dissemos que o planeta Saturno superava a elevação e o desenvolvimento da Terra. Falaremos agora mais diretamente dos seus anéis. O exterior descobrimos estar numa condição mais crua do que os interiores. Apresenta à nossa perceção um estado estéril e improdutivo. Parece como uma massa de nuvens pesadas. Ao toque, este anel parece muito como tocar um corpo sem vida. É frio, mas possui substancialidade. Esta é matéria inferior ou não desenvolvida. Quando as luas de Saturno refletem a sua luz sobre este desenvolvimento exterior, apresenta variações inumeráveis de cores, enquanto os anéis interiores parecem escuros e ainda menos avançados em refinamento.

Não podemos descobrir nada do reino animal ou vegetal sobre este anel. A sua superfície é bastante irregular, o que é evidência para nós de que está a ser atuada geologicamente, e produzirá em eras vindouras um mundo brilhante.

O anel interior seguinte excede o exterior em desenvolvimento. A sua aparência é escura e irregular. Este anel está a passar por um processo químico. Por vezes, percebemos um som errante sob a sua superfície, que vibra através dos outros anéis e do grande centro, ou o planeta Saturno. O som produzido é diferente do de um terramoto. Não podemos permanecer muito tempo neste anel, porque está tão aquecido pelo calor interno. Descobrimos também substâncias duras, que evidentemente são a formação de rochas. O primeiro, ou anel exterior, é atuado fisiologicamente. O seguinte, ou anel central, é atuado quimicamente e geologicamente.

Existem muitos desfiladeiros longos e profundos neste segundo anel. O que poderá eventualmente produzir, talvez só Deus o saiba. É atuado de forma

diferente dos outros e apresenta ao observador um desenvolvimento escuro e desolado. No entanto, é grandioso; e na sua formação vemos os funcionamentos harmoniosos de princípios imutáveis. Eu poderia, se permitido, fazer dele o meu estudo para sempre, para descobrir leis que devem permanecer desconhecidas para nós por muito tempo, que governam este anel no seu estado atual. Ouvimos também um som que representa o rugido de muitas águas, ou a queda de um peso ponderoso de água sobre precipícios estupendos; mas não vemos água. A sua relação com o anel exterior é harmoniosa. As luas de Saturno raramente alcançam a luz deste segundo anel. A causa disto é que as superfícies dos anéis exterior e interior se erguem muito acima do segundo anel. O próprio Saturno ergue-se acima de todos e recebe a luz plena de cada lua.

O anel mais interior parecer-vos-ia como a vossa lua nos parece; que é um mundo sobre o qual há correntes de água e árvores e flores, mas não produtivo de vida animal. Não há seres ou animais neste anel. A sua superfície é uniforme e vestida pelas roupagens da natureza. Este anel é chamado pelos habitantes de Saturno, ou melhor, por alguns, Paraíso. O segundo anel. À medida que Saturno e as suas criações externas, ou anéis, avançam no desenvolvimento, são atraídos mais próximos uns dos outros. Supõe-se que, eventualmente, serão conectados e formarão um universo grandioso e glorioso. A lei da atração e gravitação, as forças centrífuga e centrípeta, e os princípios naturais e químicos estabelecidos por um poder superior, elucidam-nos claramente que Saturno será trazido para conexão com as suas criações externas e ficará no centro do sistema planetário.

Há ainda outra peculiaridade sobre este planeta. Uma das suas luas, ao fazer as suas revoluções, passa sob o anel exterior e aí permanece por algumas semanas. Pareceria que, à medida que o anel exterior se desenvolve em diâmetro e é trazido mais perto do anel central, poderia ocultar esta lua. Mas qual será o resultado, o tempo revelará. Esta lua, ao fazer o seu caminho para fora, em vez de passar por baixo, passa por cima do anel. Para tornar isto mais claro: Esta lua, ao fazer as suas revoluções, mergulha no espaço entre os anéis exterior e central, e depois sai e passa por cima do anel exterior. Neste planeta temos um espécime glorioso das obras de Deus. Vemos aqui o Seu poder. Vemos a Sua magnificência exemplificada, e o coração de cada criação pulsando com vida e inteligência.

O seguinte em ordem é o planeta Júpiter. Este planeta é belo. A sua superfície é muito uniforme e não é montanhosa. Se olhássemos para a beleza, poderíamos verdadeiramente dizer que Júpiter excede todos os outros. Saturno é sublime — Júpiter belo. Este planeta está agora a viajar em progressão. É atuado magneticamente, e o magnetismo é harmonia. Os habitantes deste mundo brilhante não são tão perfeitos em simetria. As suas mentes não são tão espiritualmente sublimadas como as dos habitantes de Saturno. A lei da ordem não é tão estritamente observada. A harmonia permeia. Os deleites dos habitantes tendem mais para a materialidade. Procuram as alegrias derivadas de uma vida material. A causa da harmonia é que não há credos. Têm apenas

uma religião, e essa é: Há Deus, e há sofrimento se as leis de Deus forem violadas. A lei da ordem existe neste planeta, e embora o seu desenvolvimento não seja tão grande como o de Saturno, há um intercâmbio livre estabelecido entre os seus habitantes e o mundo espiritual. O seu modo de comunicação é semelhante ao da Terra. Por vezes, ouvem e recebem mensagens dos seus amigos espirituais, dadas numa voz audível. O modo principal de comunicação é pela clarividência, ou a perceção espiritual.

Descobrimos o planeta Úrano num estado de formação. A sua aparência é bastante escura, com raios de luz aqui e ali iluminando uma porção da sua superfície. A sua superfície é muito uniforme. Descobrimos água neste planeta, mas nada do reino vegetal ou animal é ainda percetível. Tem um solo não diferente do da Terra, mas aparece num estado congelado. A sua atmosfera é fria. Pela condição atual deste planeta, supomos que não serão necessários muitos séculos de desenvolvimento antes de se tornar habitado e classificar-se entre os primeiros mundos do sistema planetário.

O próximo planeta que receberá a nossa atenção é a vossa Lua. O seu desenvolvimento é peculiar. A sua superfície é montanhosa e rochosa. Um grande número de rios, lagos e outros grandes corpos de água existem neste planeta mais belo. O seu solo é escuro e rico. Tem sobre si árvores que têm a aparência de terem existido por muitas eras. Há também flores e arbustos de todo o tipo. Ainda assim, existe uma peculiaridade, e essa é que é produtivo do vegetal, mas não do animal. Não descobrimos qualquer espécie animal. A sua atmosfera é fragrante e amena. Nunca descobrimos neve neste planeta.

Até aqui o espírito havia procedido, quando recebeu uma mensagem da sua protegida especial, informando-o de que ela precisava urgentemente da sua ajuda.

O espírito que batia informou-nos que pretendia dar mais quatro páginas de papel almaço naquela noite, se não tivesse sido chamado. Ela disse também que ele desejava que isto fosse publicado esta semana, e que fosse dado aviso de que a conferência seria continuada na semana seguinte.

Há outros planetas aos quais desejo chamar a atenção. Falarei agora do planeta Marte: Este mundo é habitado por mentes civilizadas e intelectuais. O seu desenvolvimento e refinamento excedem os do planeta Terra. A sua superfície é bastante irregular e aquosa. Descobrimos vegetais neste planeta; mas as vantagens para o seu cultivo são muito pobres. Parece haver uma grande quantidade de geada existente aqui. A atmosfera é geralmente fria e por vezes neva; mas isto é de ocorrência rara. As mentes dos habitantes são semelhantes às mentes na Terra. Têm diferentes classes de sociedade, da mais alta à mais baixa.

Têm também diferentes credos teológicos, e, em consequência, as leis de Deus não os harmonizam. A sua relação com o mundo futuro não é tão íntima como a do planeta Terra. Raramente têm a presença de espíritos dos que partiram manifestada. A progressão deste planeta parece lenta; mas

desenvolve e desdobra as suas belezas e refinamentos a partir dos mesmos princípios incompreensíveis e imutáveis que desenvolvem todo o objeto na natureza. A mente aí é ainda mais animal do que espiritual. Não têm essa força de intelecto que caracteriza as mentes de todos os outros planetas. Existe confusão e contenda entre mentes aí, e isto retarda o progresso do refinamento espiritual. Mas a eternidade está diante delas. A sabedoria e graça de Deus habitam ao seu redor, e as leis que Ele estabeleceu governarão ultimamente as suas mentes.

Falarei agora de Vénus, essa bela rainha do exército estrelado. É a vossa estrela da manhã e da tarde. Classifica-se, em sublimidade e beleza, a seguir a Saturno. A sua superfície é algo irregular, rochosa e montanhosa. Possui uma maior proporção de água do que qualquer outro universo. As leis da ordem, sabedoria e amor controlam as mentes brilhantes que diariamente penetram mais e mais fundo nas verdades inconcebíveis que descem do Deus do amor. A sua conexão com esse universo superior e mais santo é harmoniosa e grandiosa.

O espírito altamente desenvolvido que partiu da forma mortal pode retornar a este mundo glorioso e ensinar à alma aspirante a supremacia do doador divino, e inculcar na mente encarnada as leis perfeitas e eternas de um Poder guardião puro e santo. Nenhuma disseminação teológica escraviza a mente neste planeta. Nenhuma hipótese mitológica mantém a alma em cativeiro; mas os espíritos dos homens neste universo avançam ousadamente para abraçar as realidades sagradas tornadas evidentes aos seus sentidos espirituais pela sabedoria e perceção da mente sempre ascendente.

As ações dos homens baseiam-se no conhecimento da natureza e de Deus, provado a eles pelas demonstrações de inteligência manifestadas por mentes sábias e superiores. O conhecimento que recebem da terra espiritual é transmitido à sua compreensão pelo telégrafo mental da atração percetiva. Tal é a condição deste mundo, que aparece à vossa perceção física apenas como uma estrela brilhante no céu distante.

Os planetas classificam-se assim em ordem e desenvolvimento: Saturno excede todos os outros. Vénus fica a seguir. Depois temos Júpiter, Mercúrio, Marte, a vossa Lua, e depois Úrano. O planeta Mercúrio está agora num belo estado. Descobrimos o reino animal, vegetal e mineral existindo aqui. O seu solo é pedregoso e arenoso. A sua superfície é bastante nivelada, com exceção de aqui e ali picos de montanhas altas, que se assemelham aos vossos vulcões. Por vezes há erupções nestas alturas montanhosas, que causam que o corpo inteiro do planeta trema como se fosse arremessado da sua órbita.

Estas montanhas estão tão aquecidas pelo calor interno que nenhum objeto vivo pode existir sobre elas. Descobrimos florestas densas que se estendem por muitas centenas de milhas. Tem uma maior proporção de vida vegetal do que qualquer outro planeta. Não existe muita água aqui, mas o solo é muito húmido. A atmosfera está algo impregnada com a eletricidade proveniente das

muitas minas de ferro, carvão e prata. Em consequência disto, os habitantes raramente são atacados por doenças. São muito saudáveis e robustos. A mente é muito clara e espiritual. Este planeta não é tão povoado como a maioria dos outros. Os seus principais conhecimentos derivam dos estudos da natureza e das filosofias dadas a eles do grande universo da sabedoria imortal. A sua conexão com o mundo espiritual é verdadeira e harmoniosa. Conversam com mentes imortais livremente, e as verdades provadas a eles por espíritos avançam o seu desenvolvimento e progressão rapidamente. Este é um mundo harmonioso e feliz. É pequeno, mas contém muito conhecimento. Tem muitas atrações, porque as mentes dos seus habitantes esforçam-se sempre por promover a felicidade dos seus irmãos.

O próximo objeto grandioso e glorioso de contemplação é o mundo espiritual. Este universo ilimitado está preenchido com todas as belezas e atrações que são e foram criadas por Deus. As leis da ordem, harmonia, sabedoria, perceção, inteligência e amor estão aqui estabelecidas. A perceção é o atributo principal da alma imortal. A aspiração é o íman da progressão. O desenvolvimento é o desdobramento das faculdades da mente eterna. Contemplamos aqui todos os elementos de Deus concentrados num trabalho sublime e harmonioso; e esse trabalho é promover a felicidade daqueles que se dedicam a ele.

Temos aqui belos cursos de água que rolam majestosamente através das eras da progressão. Temos também belos bosques, árvores e flores. Os seres que aqui existem associam-se uns aos outros e vagueiam por estes bosques e florestas. Sentam-se nas margens dos rios transparentes e estudam os princípios e elementos do mundo espiritual, que, se observados, os atrairão ainda mais alto, para realizar conceções mais elevadas do grande Curador. Este mundo é destinado a toda a alma. Está a cada momento a reunir os seus filhos. Está a chamar de hora em hora os espíritos humanos para casa. Então, quando o tempo convidar o vosso espírito para a sua posição lá, esforçar-vos-eis ainda mais apaixonadamente para contemplar as glórias do vosso Pai celestial. Estudai bem: sede fiéis, e a pureza e a verdade serão o poder guiador da vossa missão terrena.

Edgar C. DAYTON.

No final desta conferência, fiz as seguintes perguntas e recebi as respostas anexadas a elas.

A primeira foi: Tem Saturno mais de três anéis? Ao que acrescentei a observação de que a Academia Francesa de Ciências reportou a existência de seis.

Ele respondeu: Eu só descobri cinco. Os dois dos quais não falei, não examinei suficientemente para falar deles inteligentemente. Os três dos quais falei são aqueles que são familiarmente conhecidos pela ciência humana. Os outros dois estão num estado de formação.

Perguntei: São os anéis de Saturno elipses ou círculos?

Ele respondeu: São círculos. Perguntei: São concêntricos? Ele respondeu afirmativamente.

Perguntei: Têm um plano central comum? Ele respondeu: Não, estão inclinados.

Perguntei se os seres inteligentes, ou a ordem mais elevada do reino animal, em todos os planetas habitados, eram da forma humana?

Ele respondeu que sim, mas que os de Saturno e Vénus eram muito mais belos do que os de outros planetas.

Perguntei se os habitantes dos vários planetas variavam em estatura proporcionalmente às várias magnitudes dos mundos que habitavam?

Ele respondeu: Os de Saturno e Júpiter são muito maiores do que os homens da Terra: mas não os estudei com referência à proporção de que falais. Provavelmente falarei sobre esse assunto novamente, quando estiver melhor informado.

No final desta conversa, ele disse que pretendia estender esta conferência para abranger o assunto da anatomia humana, mas concluiu fazer disso o tema de uma conferência distinta. Podemos, portanto, arriscar prometer uma conferência dele sobre anatomia humana para a nossa próxima edição.

Conferência N.º 4

por Edgar C. Dayton

Esta conferência, bem como as outras que apresentamos aos nossos leitores, esta semana, como provenientes de espíritos desencarnados, foi recebida pela Sra. Brooks, através do alfabeto e de pancadas, sentada sozinha. É notável como diferentes condições afetam os espíritos comunicantes, ou melhor, como afetam os meios pelos quais comunicam. Ver-se-á que, enquanto a conferência comunicada pelo espírito da Sra. Jensen fica muito aquém de Dayton em conceções elevadas e profundidade de filosofia, os seus sentimentos são expressos de forma muito mais clara.

E enquanto nada pode ser mais claro do que a conferência do Professor Dayton sobre anatomia humana, que publicámos há duas semanas, a que agora publicamos dificilmente pode ser considerada inteiramente livre de pontos obscuros. Isto, no entanto, em vez de tornar duvidoso o facto de proceder de um espírito desencarnado, reforça materialmente essa posição, na mente do filósofo estudioso. Enquanto as condições circundantes tornam impraticável para os espíritos comunicantes transmitirem as suas ideias através da maquinaria de comunicação, sem mácula, nenhuma condição poderia impedir o falsificador encarnado de fabricar a sua moeda espúria.

Deus — Foi Deus criado? Matéria — Foi a Matéria criada?

Desejo que se entenda que, na conferência que estou prestes a dar sobre o tema acima, dou-vos apenas os meus próprios sentimentos, como alguém que se esforçou por ascertar a verdade, mas que ainda mal amadureceu uma filosofia satisfatória para a sua própria mente. Recebereis, portanto, o que digo no espírito de tolerância, e deixai que a vossa própria fé seja governada pelas vossas próprias deduções lógicas.

Deus foi a primeira grande causa; mas o que constitui a organização e a mente de Deus? Todos os corpos e todas as coisas na sua condição primária e em estádios avançados de desenvolvimento foram e são compostos de matéria. Existiu a matéria antes de Deus? O que é a matéria? Agora surge a grande questão: Foi Deus criado, e a sua organização espiritual é composta de matéria? A matéria permeia todas as coisas. As criações foram feitas pelas leis e princípios de Deus. Mas as criações não poderiam ter tido a sua existência, ou não podem existir, sem matéria.

Deus não teve, nem poderia ter tido, o seu ser sem a ordem mais elevada e o desenvolvimento mais sublimado de matéria. A organização de Deus possui o grau mais elevado de matéria superior. A sua mente, o seu poder e as suas perceções constituem uma natureza positiva e super-exaltada. Deus é incompreensível. As suas obras são inconcebivelmente gloriosas. As suas obras harmonizam-se com as suas leis e com a natureza. Ele é chamado a primeira causa. Ele é chamado o originador de tudo. Mas a minha crença, a minha mente, os meus poderes de concentração e perceção, dizem que as minhas investigações em ciência e filosofia me levaram a concluir, em harmonia com as minhas compreensões da Divindade, que a matéria existiu antes de Deus. Mas quando e onde a matéria se originou, ou o início do tempo, talvez só Deus saiba.

Se Deus é um ser progressivo, Ele não pode ser perfeição. A perfeição, para o meu entendimento, está além do progresso. Concebo que, quando um objeto é superlativamente perfeito, não pode tornar-se mais perfeito. Se Deus é um ser progressivo, então devemos logicamente concluir que existe matéria mais sublimada, que Ele herda, e que Ele não chegou a um ponto ou posição de perfeição; que as suas leis, os seus atributos de inteligência, as suas compreensões de matéria, mente e criações, não estão aperfeiçoadas. Se Deus progride, então esta é a minha crença: Que Ele foi criado, e que a sua criação e origem foram estas:

Acredito que as leis de construção foram e são eternamente fixas, e que os elementos e princípios da matéria sempre existiram; e quando chegam a uma condição tão aperfeiçoada, atraem juntos cada átomo de matéria, e estes átomos de matéria unem-se pelas leis de gravitação e afinidade, e criam uma inteligência, e que Deus foi esta inteligência, e o primeiro ser que alguma vez existiu. Concebo que a sua organização foi construída da ordem mais elevada de matéria então existente, e que Ele foi a primeira grande causa espiritual. A sua progressão sendo maior do que a de qualquer outro ser, Ele obteve a posição mais elevada de magnificência e poder. As suas faculdades, as suas

perceções e as suas compreensões são, para todas as mentes abaixo dele, incomparáveis e ilimitadas. As leis da natureza e da alma não foram criadas por Deus, mas são desenvolvimentos essenciais da essência divina ou matéria aperfeiçoada. Elas são as criações exteriores da organização de Deus. Deus é o grande íman positivo, e todos os outros objetos na natureza, ou em todas as criações, são negativos; a sua atração de progressão estando centrada em Deus. Se Deus é o primeiro princípio de vida, inerente à constituição da matéria, então Ele não pode progredir; porque devemos, a partir desta lei de construção, vesti-lo com o atributo de perfeição.

A perfeição sendo a condição última, Ele não poderia, por qualquer lei de criação, progredir para além desse estado. Todo o atributo do seu espírito, da sua inteligência, do seu poder e da beleza da sua organização, deve ter o mesmo princípio ou elemento divino, que é a perfeição. A perfeição é tudo em tudo, é tudo. Deus é um ser invisível, o grande desconhecido. Deus é a fonte infinita de vida e causação. Todas as coisas exteriores e interiores procedem de uma fonte invisível, e esta fonte é a organização mais elevada de matéria; e a organização mais elevada de matéria é Deus.

O problema a resolver, o mistério a desvendar, é este: É Deus um ser progressivo, ou não é um ser progressivo? Se não é, então acredito que Ele é coevo com a matéria; e que Ele não foi criado, mas existiu desde a eternidade e existirá através da eternidade. Isto, no entanto, não é a minha opinião. Acredito que o homem é uma parte da constituição superlativa de Deus, pois toda a matéria, na construção da alma humana, bem como de todos os universos, emana de Deus. Deus é a organização mais nobre de matéria, e herda toda a matéria ainda mais elevada do que Ele próprio. E à medida que Ele recebe matéria mais sublimada do que a sua própria construção, Ele lança continuamente matéria para fora.

Esta matéria que escapa da sua organização desce para a próxima esfera inferior de desenvolvimento, e é difundida através de outras construções espirituais de mente e corpo; e estas mentes e formas lançam matéria para fora, e a matéria que escapa das suas organizações desce para a próxima inferior, e assim por diante, até que cada sistema e cada mente de cada esfera de desenvolvimento lance matéria para fora e receba matéria; a matéria lançada para fora faz outras progressões; e a matéria recebida faz progredir o espírito em refinamento e sabedoria. Assim, toda a matéria humana ou organizações emanam de Deus.

O ser interior do homem é construído pelas propriedades atrativas da matéria da sua própria constituição, e pela matéria mais refinada que emana de Deus. O homem sente dentro da sua alma apática um germe de inteligência divina; e ao estudar as leis de Deus, ele desdobra-se e estimula o exercício das suas faculdades de perceção.

Sabemos pela natureza que o homem progride; e a questão que agora surge é: Deus progride? Olhamos através da infinitude de vastas criações, e quando estudamos os princípios do nosso próprio ser, vemos que a progressão é a

ação vital do desenvolvimento, e que o desenvolvimento é o poder propulsor e estimulante do refinamento. Descobrimos a progressão, o desenvolvimento, o refinamento, a associação e a perceção como princípios atuantes da alma humana; a sua influência vitalizante é o elemento dominante da mente humana. A natureza progride — A mente progride — e se as mesmas leis de criação controlam a vida espiritual do Ser Supremo que controlam a existência de espíritos imortais — se as ações vitais das leis anatómicas — se as funções da organização espiritual controlam o ser de Deus e toda a matéria que constitui todas as mentes e corpos que emanam de Deus, não é irracional supor que Deus é um ser progressivo.

A aspiração é a força atrativa da progressão; e, se os espíritos imortais não têm nada a que aspirar, isso travaria o aperfeiçoamento da cultura espiritual, e eles tornar-se-iam infelizes. Se os espíritos têm aspirações e as suas mentes são uma parte de Deus, Deus possui o mesmo atributo; caso contrário, a mente não poderia ser uma parte de Deus. Deve haver algo para além da compreensão presente do espírito; caso contrário, não possuiria o atributo de aspiração. Se não houver nada no futuro para a alma aspirar, ela não pode progredir.

Se Deus não progride, Ele não pode, por um entendimento lógico, ter aspirações; e se Ele não possui este atributo, as almas dos homens não podem possuí-lo; e sabemos que a aspiração é o atributo mais nobre do nosso ser. Se somos uma parte de Deus, Ele deve, pela ciência, lógica e natureza, possuir o princípio de aspiração; e se o faz, deve progredir. Deus compreende os princípios inerentes, as propriedades e as leis mecânicas da natureza. Ele tem o poder de combinar força e movimento, a tendência centrípeta com a centrífuga na construção dos universos e corpos. Nas combinações das leis da natureza, a origem primária e a existência presente de todas as coisas podem ser atribuídas a Deus, pois as propriedades da matéria atraídas juntas para constituir todas as coisas emanam primariamente de Deus.

E se traçarmos a ação e o movimento de todas as coisas, devemos concluir que Deus é o grande poder motriz. Os mundos poderosos e a massa de seres que habitam estes mundos contêm as qualidades indispensáveis da matéria e o princípio inicial que é eternamente manifestado na organização de coisas materiais ou espirituais. A matéria e o movimento são princípios coevos. O movimento foi a primeira manifestação do poder da primeira grande inteligência, e mantém a sua relação atrativa com todas as leis de criação. E agora surge a questão:

Pode Deus progredir, e poderia Ele ter sido criado, e ainda assim reter o seu poder e sublimidade sobre a raça humana e a imensa multidão de seres imortais? A progressão não pode despojar Deus da sua força e glória. A sua criação ou origem, se assim for, não pode derrubar a sua superioridade e os atributos superlativamente belos da mente, e fazer com que o seu espírito se posicione numa igualdade de progressão com outros espíritos; pois Ele foi o primeiro ser e deve ter progredido muito, muito para além da conceção e

compreensão de todos os outros seres em sublimação e bondade — em pureza e sabedoria. Ele é o poder mais elevado, e compreende toda a matéria inferior àquela de que o seu próprio ser é construído, e nele não há nada senão o que é refinado, puro e eternamente infinito, contendo glória incompreensível e celestial, e brilho e grandeza inefáveis. Esforcei-me, com uma consistência filosófica e uma ordem sistemática de pensamento, para discriminar entre verdade e erro, e alcançar uma unidade eterna de verdade na minha investigação de todos os assuntos, e aqui dei-vos brevemente a minha crença — não a vossa — da existência do nosso Supremo Governante e da sua progressão.

E. C. DAYTON

Em resposta a T. M. F.

Todo o assunto científico é digno de raciocínio elucidativo e de uma deliberação calma; mas há mentes que rejeitam produções filosóficas, não tanto porque não conseguem digerir as verdades nelas contidas, mas porque sentem desejo de esmagar toda a opinião científica religiosa que entre em antagonismo positivo com a sua teoria; e parecem basear-se mais em palavras do que em ciência. Liberdade de pensamento eu amo, e com uma mente revigorada pela ciência e lógica, dou, dei e continuarei a dar-vos as conferências recebidas e a receber por vós. Não tenho desejo de me degradar no egoísmo da opinião individual, nem tenho ambição de alcançar fama; mas desejo dar ao homem verdades que testemunhem uma origem nobre. Então, devo recuar porque uma mente ridiculariza a minha filosofia e reprova a minha crença ou teoria?

Não, se a minha forma fosse vulnerável ao homem, e dez mil rebentassem em fúria sobre mim, a minha mente estaria protegida pela verdade! Se todas as baionetas da teologia fossem apontados para mim, e a espada da opressão brilhasse acima da minha cabeça, a minha mente ainda estaria protegida pela honra, e ainda respiraria as esperanças do patriota e a ambição do verdadeiro reformador. O meu amigo respondeu à minha teoria de Deus, e pensa que ela «caiu como o tecido sem base de uma visão». Que Deus progride e desdobra constantemente novas organizações, constituídas de matéria que emana da A sua própria organização, nenhum raciocinador científico negará.

O meu amigo afirma que agora é todo o tempo que Deus conhece. Que para Ele não há passado nem futuro, mas para o homem há tempo e espaço, o passado e o futuro. Isto, para mim, não harmoniza. Esta ideia despoja Deus do atributo de compreensão. Que Deus não é competente para compreender toda a matéria, mente, tempo e espaço, eu não digiro tudo. Se agora implica o presente, o passado não pode ser o presente, nem o futuro pode ser o presente, para Deus ou para o homem. Podemos olhar através da organização da natureza e descobrimos novas criações a virem à existência, formações geológicas a brotarem da matéria inanimada, e estas a refinar-se através dos seus vários processos químicos e progressões, e finalmente a ultimarem-se no homem. Em dez mil anos a partir destas criações, estarão elas na mesma

condição crua que no seu estado primário ou origem? Respondo que não; que a progressão as terá ultimado em seres inteligentes. Então pergunto, no estado primevo de novas criações, será agora, implicando o presente, agora para Deus dez mil anos depois?

Esquecerá Deus o passado ao compreender o presente, ou agora? Respondo, há um passado e um futuro, bem como um presente, para Deus. Acredito que Deus compreende tudo, incluindo o passado e o futuro. Tomemos o mecanismo e a inteligência espiritual do homem. Sabemos que há leis pelas quais a sua organização foi criada, e que estas leis dão à sua mente e constituição ações vitais e funções específicas que movem e harmonizam as substâncias vitais da vida orgânica. A progressão é a flor do desenvolvimento. Contemplamos a forma infantil desenvolvida na estrutura viril. Contemplamos o germe infantil desdobrado e desenvolvido numa mente ativa e científica, cujas faculdades, abertas à verdade e à perceção, traçam a ciência profunda e a filosofia da natureza.

Há uma relação desde a matéria mais baixa e mais imperfeita até aos princípios mais elevados do nosso Pai Supremo; nem pode existir qualquer oposição ou antagonismo positivo que possa anular esta lei indestrutível. Se o homem progride, não têm as mesmas leis que controlam o seu ser a sua relação com a organização de Deus? Ou tem Ele leis distintas daquelas que desenvolvem a mente do homem, e confina-Se a estas apenas? Não pode haver leis estruturais ou desenvolvimentos, a menos que a causa destes desenvolvimentos contenha o princípio estrutural dentro da sua própria natureza. Nos desdobramentos da criação, contemplamos o princípio formativo, o princípio que governa a ordem ou arranjo primário de partículas e substâncias, e os elementos das formas e estruturas da criação.

Eu não disse que a perfeição não é um atributo da Divindade. Apenas expressei a minha crença. Para fazer isso, tenho um direito justo. Nenhum intelecto verdadeiro, nenhuma mente lógica, nenhum investigador filosófico, ninguém que tenha o atributo de generosidade desenvolvido, ridicularizará ou criticará a crença de outro homem porque entra em conflito com a sua opinião. Reconheço a minha incapacidade para compreender Deus; mas penso que não me lisonjeio quando digo que as minhas capacidades para investigar este assunto divino excedem as do meu objetor. O meu amigo diz que Deus é, sempre foi e sempre será.

Vendo que ele assumiu a responsabilidade de responder à minha crença em Deus — não à sua própria, pergunto-lhe, como homem científico, para me provar que Deus é, sempre foi e sempre será. Tenho prova para mim próprio de Deus; mas ele conclui que a minha teoria deve cair como o tecido sem base de uma visão; e quero a sua evidência, a sua prova absoluta, de que Deus não progride, e de que Ele não foi produzido pela matéria. Prove-me a fundação sobre a qual a sua fé se baseia. Diga-me que leis controlam as poderosas criações que constituem o sistema planetário, e que leis as desenvolvem! Diga-me que princípios produzem a ação silenciosa e harmoniosa que move os

mundos incontáveis, que à noite são vistos pela visão física, e porque parecem tão brilhantes e magníficos à noite! Não há uma analogia correspondente entre os numerosos efeitos que a causa desenvolve? Não há uma analogia entre as leis que controlam a organização de Deus e aquelas que governam a alma do homem? Não há um princípio motriz harmonioso manifestado através de toda a construção da natureza, que é evidência suficiente da progressão da mente Eterna — que prova que Deus é a fonte grandiosa e inexaurível de vida, sabedoria e verdade? As demonstrações primitivas de Deus foram estruturais ou anatómicas. Criou Ele a vossa esfera rudimentar, os mundos poderosos nos céus, e o homem ao mesmo tempo? Porque não?

Se Ele não progride, o Seu poder era o mesmo então como agora. Porque é que as criações minerais, vegetais e animais estão continuamente a aumentar em civilização e perfeição? Porque estão novos mundos a ser formados e trazidos à existência de forma mais perfeitamente construída? Porque é a inteligência humana tão mais desenvolvida do que nas eras de barbarismo, quando o pagão tinha o seu Deus artificial? Porque a progressão desenvolveu o germe do crescimento intelectual, e o homem não acederá a uma teoria que não tem fundação sobre a qual possa basear as suas contemplações e raciocínios. Quem estabeleceu esta lei de progressão? A quem pertence?

À grande mente de todas as mentes? Então, se Deus dá ao homem esta lei, não deve ela ser uma parte de Si próprio? Sabemos que Deus deve progredir, pois é Ele que está constantemente a desdobrar novas e grandiosas criações, cada uma contendo um germe, cuja essência e princípios últimos são abertamente manifestados pelas suas funções naturais e formação estrutural. É irracional supor que Deus progride e pode atingir um grau mais elevado de perfeição do que o que agora ocupa? É infilosófico supor que Deus, se progride, foi o primeiro produto do princípio criativo inerente aos átomos mais sublimados de matéria? É infidelidade expressar a vossa crença nas leis de Deus, na Sua constituição e poder, e contrastar a vossa crença presente com opiniões concebidas cedo? Prova o meu raciocínio que sou um espírito cujo propósito é tornar a minha crença a causa de contenda e discórdia? Não, este estilo de filosofia deve também «cair como o tecido sem base de uma visão».

Novamente, é atestado pelo meu opositor amigável, que um Deus progressivo não pode arranjar, organizar e trazer à existência as vastas criações que existem, e que tal Deus não é competente para apreender e controlar as leis poderosas que governam estas criações. Sobre o mesmo princípio do meu amigo, concluamos que o homem, porque é um ser progressivo, não é mais capaz de atuar e controlar os seus próprios assuntos do que a ordem mais baixa da criação animal. Então, parece que a progressão é um dano para o homem e a criação, em vez de ser um benefício. Que despoja a natureza da sua beleza e magnificência, em vez de desdobrar princípios ainda mais elevados.

Esta filosofia não chamarei sem base, pois não uso tais termos de expressão; mas devo dizer que não a compreendo, consequentemente, para mim, é falsa.

A progressão é a ação vital do desenvolvimento. Um objeto não pode desenvolver-se sem progressão. A progressão e o desenvolvimento produzem refinamento. A progressão desenvolveu o homem como ser inteligente e filosófico, livre para pensar e livre para atuar. A progressão está constantemente a desdobrar e a lançar da organização matéria que vai constituir novas criações, agora escondidas do sentido material.

A progressão veste Deus com um poder mais nobre e uma glória mais magnífica do que aquela que lhe é dada pelo meu amigo. A progressão é uma função importante e específica no organismo da Divindade. É um princípio de vitalidade que permeia e atua em cada partícula de matéria na imensidão da infinitude. Devo recuar da minha crença porque outro homem diz que é falsa? Não; a minha alma sairá e expandir-se-á perante a luz da verdade; e esforçar-me-ei por compreender os atributos inerentes da minha própria natureza e os do meu Deus.

O sistema e a criação da infinitude, as leis de Deus e as verdades da natureza serão o meu estudo. A fonte de todo o conhecimento derramará a sua influência sobre tudo. Avançarei ousadamente para diante e para diante nos círculos progressivos do desenvolvimento até que o meu espírito se funda com compreensões mais elevadas, as minhas faculdades se desdobrem e o meu destino último se realize. À medida que atravesso o curso eterno da eternidade, estudarei profundamente e esforçar-me-ei por aprender mais sobre a grande Causa eterna que compreende todas as coisas.

EDGAR C. DAYTON

Conferência N.º 10

Por Edgar C. Dayton

A NECESSIDADE DE CULTIVO E DO DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES INTERIORES OU ESPIRITUAIS DE CADA MENTE HUMANA

Quando o pensamento leva a mente à contemplação das eras primevas do mundo, encontramos os seus desenvolvimentos trazidos em conexão distinta com Deus, em leis imutáveis e omnipresentes. Nem mesmo o átomo mais minúsculo de matéria na criação existe sem estar sujeito às leis e princípios que naturalmente governam o seu refinamento e progressão. Assim, podemos avançar e encontrar as leis de Deus manifestadas através de toda a natureza universal.

Todas as coisas que emanam da Mente Infinita são consideradas princípios; daí estes princípios serem perpetuados imutavelmente através de eras eternas, e produzirem uma ação infinita e harmoniosa na divindade e progressão da alma humana. A primeira evidência de inteligência criativa foi descoberta numa ordem ou espécie do Género Homo; e estas novas combinações de mente

foram resolvidas em organizações ainda mais elevadas, até que intelectos profundos e lógicos guarneceram a vasta área da ciência com conhecimento de valor inestimável. Tão grandes foram as ações e movimentos do desenvolvimento, no poder criativo do movimento, sobre a mente humana, que de uma mente geraram faculdades mais nobres, e pela revolução constante das combinações de partículas atómicas de matéria, evoluíram grandes e belas demonstrações de intelecto humano.

Sempre houve uma vasta distinção feita entre as leis da natureza e os princípios da Mente Suprema. A lei da gravitação, quando cientificamente compreendida, é igualmente operativa nos inumeráveis impérios da existência espiritual, como na construção ilimitada da natureza. Daí as indicações dos modos de existência divina serem as manifestações rudimentares dessas leis eternas que elucidam claramente os processos constitucionais da mente espiritual e da sua forma exterior. Os grandes desenvolvimentos psicológicos e espirituais da mente humana, que resultam dos desdobramentos progressivos das suas qualidades inatas, devem algum dia ser ultimados nas sabedorias e harmonias de outro mundo, para o qual a alma aspira constantemente.

Como a flor cultivada foi outrora a encarnação mais elevada de matéria organizada, assim é a mente humana, agora, a construção mais nobre em existência; e a sua dualidade de arranjos estruturais e harmonia de organização definem-na como o desenvolvimento mais elevado do poder criativo no mundo espiritual, exceto a Mente Infinita. A alma humana, já não entravada por influências terrenas, tem uma harmonização perfeita de atributos e elementos, cujos princípios procedem da Mente Divina para esferas inferiores, e determinam a posição e afeições do espírito, em direta conformidade com as leis de afinidade.

Quando a mente humana vagueia de volta ao período em que a terra parecia quase uma solidão eterna, contempla o efeito precoce dessas leis que agora criam vida e combinam partículas de matéria nas várias formas de criação. Quando primeiro exerceram a sua força, partículas ou átomos de matéria foram atraídos juntos, formando corpos imensos; assim instituindo um movimento eterno sobre as partes espirituais. Os princípios de vida são eternos: daí o homem ser eterno, e encontrar uma existência no mundo imortal. Então, é necessário que os atributos internos da mente humana sejam bem desenvolvidos, para que o espírito, quando nascido num mundo espiritual, possa ser rodeado pela multidão de espíritos alegres e afetuosos, cujas atividades são as leis do homem e de Deus.

É necessário que o eu interior seja sabiamente cultivado, não só para determinar a sua posição no céu, mas para determinar a sua posição na terra. O homem depende das qualidades da mente para o seu desfrute terreno. Portanto, é necessário que ele se esforce por cultivar os seus princípios morais e religiosos, para que a sua influência sobre mentes menos refinadas seja conducente à sua devida cultivo. O que é um homem, embora possa ter ao seu dispor a maior quantidade de conhecimento de qualquer homem em existência,

se não houver um princípio moral puro no seu caráter, que o impeça de se associar aos erros da sua era? Se um homem for destituído de princípio moral, o seu conhecimento não lhe servirá de muito. Deve haver uma harmonia de sentimento moral e religioso em cada mente humana. Sobre mentes assim guardadas, as tentações do mundo não teriam uma força atrativa muito grande.

A harmonia é observável em cada departamento da criação, onde a mente humana penetrou; e o poder das leis imutáveis de Deus aumenta constantemente à medida que o mundo se torna mais perfeitamente desenvolvido. Novamente, um homem pode ser altamente intelectual e perfeitamente moral, mas se for destituído dessas sensibilidades mais finas que são necessárias para a completude de uma mente bem desenvolvida, não pode atingir uma posição muito elevada na estima do mundo. O homem tem as suas peculiaridades de sentimento: no entanto, não segue necessariamente que deva basear as suas ações nos seus sentimentos.

O homem é geralmente impulsivo. Age por impulso, e isso, por vezes, mergulha-o numa condição terrível; ao passo que, se tivesse exercido as suas faculdades contemplativas, poderia ter sido um homem tão bom quanto a fragilidade da sua organização exterior permitiria, enquanto agora não o é. A mente humana deve procurar o puro e belo, e manifestar a simplicidade da sua natureza, sem entraves pela hipocrisia e ambições vãs da vida humana. A mente humana não deve ser impedida no seu desenvolvimento por atrações materiais.

O homem não deve suprimir a flutuabilidade e vivacidade da sua natureza; pois, ao fazê-lo, está a ocultar as belezas do seu ser interior. Não deve suprimir a alegria interior do seu ser: pois a alma não poderia aumentar na sua bondade nativa, mas positivamente retrocederia, e não poderia desenvolver as propriedades que caracterizam a mente sem entraves; porque a alegria da alma é sufocada por peculiaridades exteriores, distintas e inqualificadas. Se uma alma estiver em tal condição, quando despojada das impurezas enxertadas nela pela existência humana, não pode unir-se aos princípios de uma existência espiritual instantaneamente; pois tudo neste estado de existência é absoluta e inteiramente puro.

Quando um espírito é introduzido numa nova existência, pode reconhecer a sua independência; no entanto, deve primeiro progredir dos elementos exteriores do seu ser, antes de poder ser desenvolvido para contemplar as manifestações de Deus nas Suas operações sobre uma existência material e espiritual. Então, é necessário que o homem se guarde, ao sofrer as variadas mudanças da progressão, pela ação do desenvolvimento. A mente tem a liberdade de conversa ilimitada com os princípios da natureza, tanto divina como material; e na sua existência primária, ao estudar as leis de Deus, evoluirá um vasto poder de sabedoria eterna e pureza moral, que a apontará para os reinos da paz universal.

Os sentimentos e afeições ocultos nos recessos profundos da alma foram plantados ali por um Pai amoroso. Podeis enterrar a vossa bondade e pureza

nativas sob o imenso peso da materialidade; mas devem vir à tona para responder à voz do Grande Doador. O que é a vida humana, se o homem não manifestar os verdadeiros sentimentos da sua mente, moral, espiritual e religiosamente? O que é a vida humana e os seus desfrutes, se o homem oculta a verdadeira alegria da sua natureza, pela influência de objetos externos? As afeições, quando baseadas nos impulsos puros e gentis da natureza, não podem pôr de lado essas influências benignas que vêm da alma, e erguer uma superestrutura de pensamento fraca e trémula. Não, o verdadeiro génio nativo da mente deve responder à voz do seu Deus, quando chamado a manifestar a sua bondade para com os seus semelhantes.

As lições da natureza geram na mente novas faculdades; e os mesmos princípios de ação vital são os mesmos em todos os objetos da criação. É necessário que o eu interior seja refinado e desdobrado pela influência verdadeira e pura da sua natureza divina, para que possa apreender as belezas da moralidade e adaptá-las à sua condição de desenvolvimento. Deus estampou em cada objeto vivo as partículas sensíveis que emanam do Seu ser, e dotou-as com os atributos divinos da Sua natureza; e nenhuma palavra ou ação pode impedir a expressão de sentimento na alma progressiva, quando os seus atributos de simpatia e amor não são apreciados pelos seus associados, cujas afeições são governadas pelo seu egoísmo. As afeições fluem e refluem como o seio ondulante do oceano; e por vezes são calmas e felizes; depois, novamente, são confusas, e são selvagens e estranhas.

Isto é causado pelas afeições não serem reciprocadas por outras almas, o que cria uma pontada de angústia quando o coração realiza que todas as suas afeições devem ser desperdiçadas, sendo valorizadas apenas pelas suas vantagens exteriores.

Há muito na vida humana para aprender e desaprender; e há, talvez, tantas vezes uma lágrima como um sorriso; o que, pelas leis imutáveis da Mente Divina, não devia ser. Pode ser que a dor purifique a alma e a prepare para uma casa pura na terra dos espíritos. O sofrimento pode despertar e desdobrar o verdadeiro sentimento da alma humana. No entanto, há lágrimas da natureza que brotam da fonte eterna da simpatia, em momentos de contemplação, sem serem arrancadas do coração humano por tratamento áspero, palavras indelicadas e circunstâncias exteriores.

Há muito, muito, no mundo para ser desdobrado à visão física, o que pode testar e provar a pureza nativa e a tendência simpática do coração humano para com os seus associados. Há, na vida, tantas circunstâncias desnecessárias que amortecem as afeições e esmagam o amor divino da alma, e que a proíbem de exercer as suas faculdades de raciocínio, que ocultam as belezas reais da vida.

Mas há horas de contemplação simpática, quando os sentimentos internos vêm à tona e contemplam a natureza desdobrada na sua beleza gloriosa, e isso envia um frémito de alegria ao coração e produz sentimentos que nunca

morrerão, mas encontrarão sempre uma expressão da sua pureza nas glórias da eternidade.

Cada desenvolvimento de vida gera novas propriedades de mente; e estas propriedades adicionam ao refinamento das faculdades; e quando uma operação das leis genéricas é exaurida por um desenvolvimento ainda mais elevado de matéria ou mente, então novas mudanças ocorrem na progressão da mente.

Assim, um desenvolvimento exaure outro. Assim é para sempre. Então, se uma mente for moral e espiritualmente progressiva, um desenvolvimento moral ou espiritual exaure outro, e a mente sofre constantemente uma manifestação moral ou espiritual, trocando o inferior pelo superior. Assim, se um homem for intelectual e imoral, mudanças ainda maiores de imoralidade exaurem o inferior, e os seus desejos imorais aumentam. Então, é absolutamente necessário que a mente seja moral, para ser estritamente pura. O intelecto sem pureza moral não elevará o espírito na sua casa eterna tão altamente como a pureza moral sem intelecto poderoso. A pureza é o elemento permeante de todas as coisas espirituais.

Daí, para as mentes ocuparem posições verdadeiras e elevadas, devem ser puras. Não há um espírito humano que tenha entrado no mundo espiritual imaculado e perfeitamente puro; pois isso estaria em oposição direta às leis e princípios de perfeição. Mas o espírito humano pode tornar-se tão puro que entre na terra dos espíritos com os seus sentimentos e sentimentos harmonizando com a ordem e arranjos da natureza aperfeiçoada, sendo desenvolvido constantemente por leis mais elevadas de progressão. Se a mente fosse criada meramente para viver e morrer, conformar-se-ia necessariamente às leis da sua existência, e a sua aspiração não se estenderia para além das manifestações do mundo material.

O selvagem da floresta esforça-se por responder às demandas do seu espírito, reconciliando-se com as evidências da sua existência, e enquanto vagueia pelas florestas ou rema o seu esquife sobre algum riacho enquanto este se move sublimemente sobre o seu leito rochoso, há dentro do seu exterior rude verdadeiras propriedades de sentimentos civilizados, que são evidentemente ocultas pelas demonstrações da sua natureza incivilizada, e que, embora agora incultas, poderiam, quando mais desenvolvidas, desdobrar verdadeiros atributos de um intelecto ou mente refinado e profundo. Um selvagem não está sujeito à vontade de qualquer homem; e embora as suas ações exteriores ocultem movimentos interiores, a sua bondade nativa está imaculada pelas iniquidades da sua existência material. Mas

o homem civilizado está sujeito aos credos do homem: daí não ser tão livre nas suas ações como a mente inculta. Tem os seus desejos externos e gratifica-os, embora esteja ciente do facto solene de que isso viola os princípios essenciais do seu ser. É verdade que a natureza humana é imperfeita; e segue-se necessariamente que as ações dos seres humanos devem ser imperfeitas. Mas com tudo isto considerado e contemplado, não promove a felicidade dos

homens mergulharem-se na maldade do mundo; pois muito existe na terra que não é bom. O homem deve procurar o puro e santo. Se, então, as tentações o assediarem, e se ele errar inconscientemente, não pode certamente ser responsável pelas suas falhas. Mas se um homem errar deliberadamente, é responsável por essa premeditação e resolução determinada, e pela consumação dela.

Cultivai o vosso eu interior, ó homem! para que possais lançar as bases para o vosso alto destino onde os atributos da felicidade difusa e da justiça distributiva se manifestam. Aproximai-vos o mais possível da Fonte Divina de toda a bondade, sabedoria e poder, onde a alma do homem acelera no seu progresso com rapidez eterna, e onde, se perder, em qualquer grau, o ímpeto da sua progressão, deve sentir a sua perda durante séculos. Mais cedo ou mais tarde, o homem deve adquirir o conhecimento que lhe permitirá atingir a posição exaltada do seu nobre destino, e executar o sublime desígnio da sua missão eterna.

Pelas emanações espontâneas de Deus, o homem recebe e retém a sua individualidade; e da relação mais pura da matéria, acelera continuamente no seu desenvolvimento, para permitir que o espírito manifeste a sua evidência de poder, para auxiliar na combinação de pensamento e na sublimação da matéria com a qual está agora combinado. A alma é uma parte de Deus, e não é uma criação arbitrária ou estacionária, mas emana alegremente, para formar uma conexão da criação universal, quando as causas, leis e elementos do seu ser se manifestam no universo da natureza.

Como sempre,

E. C. DAYTON.

Conferência N.º 11
Por Edgar C. Dayton

AS FACULDADES E ATRIBUTOS DOS ESPÍRITOS, COMPARADOS COM AS FACULDADES E ATRIBUTOS DA MENTE DO MÉDIUM ATRAVÉS DO QUAL OPERAM

Nas criações orgânicas, há essências e propriedades espirituais, que, pelas leis da existência, vivem algures quando a organização primitiva tiver retornado aos elementos da matéria dos quais a vida primeiro brotou. A mente é tão racional para os sentidos exteriores como o é a sua existência positiva; e os constituintes dos quais deriva o seu ser estão a ser tão analisados pela mente que o átomo mais minúsculo é tão facilmente analisado como toda a construção de criações diferentes e ilimitadas pode ser.

Na organização humana, bem como na espiritual, há uma relação harmónica exata com todos os constituintes que compõem as construções exteriores e interiores; e embora a mente não possa penetrar os mistérios do espírito e da

matéria, as conexões materiais e as harmonias materiais, que as criações avançam, provam a existência positiva das propriedades da vida algures nos reinos da criação. A matéria está em e de tudo; e se a mente finita ou infinita não pode compreender o ponto em que a vida deve chegar, em que é desintegrada da fonte parental ou original, não é inútil, talvez, que a mente estude estes vastos temas, para colher ideias mais iluminadas da sua verdade real e atual. A obra mais rude da criação exprime a analogia simples do amor e poder de alguma grande e poderosa fonte.

Os constituintes dos quais brotaram as partículas atómicas da criação, pela sua refinamento e condensação, vêm sob as diferentes leis operativas desses princípios eternos que animam a organização mental e física com o conhecimento absoluto das demandas eternas da natureza interior e exterior. A vida começa num ponto na natureza, continuando numa conexão harmónica direta com os princípios da vida, ainda progredindo em refinamento e conhecimento. Assim, as propriedades da vida orgânica e mental devem, se absorvidas pelos elementos da natureza, existir com estes elementos, formando uma parte das criações poderosas trazidas à existência por alguma agência invisível.

Este é o ponto: Se as propriedades do homem exterior são absorvidas pelos elementos harmoniosos da natureza, as faculdades inteligentes do homem devem ser absorvidas nos elementos correspondentes da natureza, e ser operadas pela mesma lei de progresso. Então, estes dois elementos exteriores e interiores da natureza do homem devem ser elementos separados e distintos, quando afastados do universo material, para se unirem com o seu semelhante. O homem exterior é a cobertura do homem interior, e não é inteligência.

Daí não ser o espírito, mas matéria. O homem interior é a fonte de todo o conhecimento e sabedoria. Daí dever ser espírito. Tanto o espírito como a matéria podem compor os elementos do ser interior. Daí sermos levados a concluir que o espírito procura o espírito, e a matéria inanimada procura a matéria inanimada, tornando-se animada gradualmente através dos vários processos de desenvolvimento. Então, um podemos chamar o elemento espírito, e o outro o elemento da criação exterior; significando os elementos das funções da vida animal.

O elemento espírito deve existir algures na natureza ou criação sozinho, e distinto dos elementos criativos exteriores. Daí, um podemos dizer que ocupa um universo espiritual, o outro o mundo criativo exterior, significando a natureza; o universo espiritual sendo o ponto concentrado de toda a emanação espiritual, ou a fonte positiva de toda a vida inteligente. Um é o elemento positivo, o outro o elemento negativo. A parte inteligente do homem é a positiva; a vida animal a negativa; sendo controlada pelo elemento positivo no seu desenvolvimento. A mente positiva, ou elemento, retorna a Deus.

O elemento animal é absorvido pela natureza, pois Deus é positivo e a natureza é negativa à vontade de Deus. Daí ser inútil esforçar-se por provar a existência de um elemento espiritual, quando o raciocinador elucidativo deve,

das suas deduções calmas e lógicas, ver que a vida e a inteligência existem eternamente algures, embora a mente finita possa não ter conceção apreciativa da sua existência real.

O elemento espírito é uma emanação espontânea da Grande Fonte Espiritual, e possui o poder de gerar pensamento, e do pensamento trazer à tona as evidências do seu poder. O elemento espírito é constituído das faculdades distintas que caracterizam a mente humana. Daí, quando trazidos em conjunção com o universo espiritual, e se unirem com a matéria espiritual, da qual são evoluídos atributos de mente ainda mais refinados, o espírito deve necessariamente ser governado pela lei progressiva.

Quando os elementos espirituais da alma humana se unem com as propriedades da matéria no universo espiritual, progrediu dos elementos criativos exteriores da construção física, e permanece livre dos elementos mais grosseiros da natureza. Daí ser puro e mais refinado, e continuar assim por eras e eras. Então, temos os elementos do espírito na existência rudimentar e no universo espiritual. Pelas leis da criação, há uma conexão entre os espíritos do mundo interior e o espírito do homem e, consequentemente, o espírito menos desenvolvido deve atrair o mais elevado.

Deve haver, dos vários princípios da natureza, uma adaptação natural de faculdade com faculdade. Portanto, deve haver uma adoção espiritual do elemento espírito com as manifestações ou evidências espirituais ou inteligentes do poder da mente humana. Se isto é verdadeiro, então o elemento através do qual os espíritos operam sobre a mente humana deve ter um elemento atrativo no temperamento mental e motivador através do qual trazem ao mundo a identidade da existência espiritual.

Quando um espírito manifesta o seu conhecimento através de uma mente existente do mundo material, essa mente deve possuir atributos correspondentes, adaptados às qualidades que o espírito possui. Embora esses atributos na mente humana possam ser rudes e incultos, se um espírito encontrar aí o seu protótipo, manifestar-se-á através dessa mente o que desejar, trazendo assim à tona e cultivando o talento nativo real dessa mente rude. É verdade que as capacidades dos espíritos para o avanço, quando habitam o universo espiritual, são maiores do que as capacidades para o avanço dos elementos espirituais humanos.

No entanto, a mente refinada, operando sobre a mente menos refinada, desenvolverá e desdobrará as propriedades interiores da mente em maior extensão do que a aplicação de toda uma vida ao estudo material. Se uma mente filosófica comunica, essa mente deve encontrar um elemento correspondente de desejos filosóficos, antes de poder comunicar perfeitamente o seu conhecimento real e atual. Se uma mente humana é altamente desenvolvida espiritualmente e moralmente, então a mensagem recebida de uma fonte mais elevada será característica do seu próprio talento interior e nativo. Se uma mente é insensata e as propriedades latentes da mente ainda não foram evoluídas, então o espírito operando sobre essa mente será o seu

protótipo, e as comunicações dadas terão uma semelhança com os sentimentos da mente operada. A mente humana usada como instrumento de intercâmbio espiritual pode não estar consciente do seu génio atual ou virtudes nativas: mas quando se tiver desenvolvido até ao ponto de refinamento e elevação que o espírito operando sobre ela atingiu, então realizará a sua igualdade de poder e sabedoria. Agora, esta é a diferença entre o espírito operando e a mente operada.

O espírito está mais avançado, e as suas capacidades para progredir não são obstruídas pelos elementos criativos exteriores de uma natureza física; enquanto a mente humana tem obstruções materiais com que contender no seu desenvolvimento progressivo. No entanto, com tudo isto, as faculdades e propriedades reais estão lá, que apenas requerem desenvolvimento para desdobrar a sua beleza e poder naturais. Agora, se um espírito comunicante não se posiciona numa igualdade de desenvolvimento com a mente através da qual fala, a mente desenvolverá o espírito, porque o seu desenvolvimento espiritualmente, religiosamente e moralmente excede o do espírito. Encontrais frequentemente mensagens conflituosas; e porque é isto? Porque são trazidos em contacto dois elementos de espírito não naturalmente adaptados um ao outro.

Talvez um espírito se comprometa a operar sobre uma mente onde não há atração espiritual. Se assim for, a comunicação recebida misturar-se-á com os dois elementos espirituais, não transmitindo a evidência real da verdade de nenhuma mente. É o mesmo que na natureza onde os princípios de calor e frio entram em contacto e produzem sons ou emoções conflituosos. No entanto, estes princípios são necessários para a completude da natureza universal, e, pelas leis de construção, são trazidos juntos para produzir os elementos atmosféricos necessários conducentes ao desenvolvimento da natureza física e espiritual.

Se estes elementos não atraídos nunca entrassem em contacto, então as mudanças de desenvolvimento seriam mais limitadas, e a natureza humana poderia não realizar as suas próprias qualidades reais de mente, pois misturar-se-ia mais harmoniosamente com cada mente. Assim é no universo espiritual. Se mentes conflituosas se juntarem, as emoções produzidas são inarmónicas para ambas as mentes; e este mesmo princípio atuará no intercâmbio espiritual; pois se duas mentes entrarem em contacto, uma imortal, a outra ainda material, o resultado será o mesmo.

Há muito de Deus e da natureza ainda para aprender no intercâmbio espiritual.

Há muito para ser tornado conhecido às mentes humanas que elas ainda não estão preparadas para receber. O átomo mais minúsculo de matéria do qual o vosso ser foi evoluído é apenas um passo; e o desenvolvimento da natureza no qual sereis evoluídos está constantemente ao vosso alcance. E como o oceano delineia as suas fronteiras com grãos de areia, assim os limites da vossa progressão material serão conhecidos pelas partículas de matéria lançadas na vossa progressão, para auxiliar nas combinações e completude de novas

criações, constantemente sendo desenvolvidas pelas leis importantes da natureza. Perguntai-vos se estais preparados para apreender a mão estendida da natureza para vos assistir no vosso conhecimento? Ou estais tão casados com a vossa natureza criativa exterior, que a influência do poder e glória infinitos cai silenciosamente sobre a vossa alma, enquanto o seu eco é ouvido no céu?

Agora e para sempre, Vosso,

EDGAR C. DAYTON

Palestra n.º 14
Por Edgar C. Dayton

PORQUE É QUE OS MÉDIUNS, NOS SEUS DESENVOLVIMENTOS PRIMÁRIOS, ESTÃO SUJEITOS À INFLUÊNCIA DE ESPÍRITOS NÃO DESENVOLVIDOS?

Quando o homem se torna altamente cultivado nas suas afeições e intelecto, todos os elementos do seu ser serão investidos de um significado divino no reconhecimento do poder de Deus e do intercâmbio espiritual efetivo. A forma exterior do homem é o berço do espírito, e os seus elementos são os protetores do eu interior, adaptando perfeitamente o temperamento e a mente às circunstâncias envolventes do mundo externo. As suas faculdades invisíveis e dotes estão a preparar-se para se desdobrarem, para se elevarem acima da condição sensória de depravação moral, para esferas mais puras onde a sabedoria e a paixão atingiram o cume da concórdia divina.

Geralmente, encontramos as mentes dos homens inarmónicas na estrutura mental. A alma depende, para a sua harmonia orgânica, das operações infinitas das forças expansivas e positivas. A constituição da mente confina dentro de si as causas das condições espirituais. Há ramos que partem da mente e se estendem para longe nas ciências do universo exterior, tornando-a completa nas suas diversas divisões e desenvolvimentos. Os princípios da imortalidade estão sepultados nos arredores da alma e devem, quando livres do corpo material, submeter-se em obediência inabalável às leis da natureza.

É uma alta realidade que o homem mantém comércio perpétuo com o alto e o santificado; e isso traz a alma humana para uma proximidade estreita com a vida interior. Quando se mantém conversa com a mente imortal, trata-se de uma subjugação do material ao espiritual. É verdade que os médiuns, através dos quais os anjos conversam, estão sujeitos à influência de um poder falso invisível. Este é o caso de quase todos os médiuns; mas ocorre mais frequentemente nos desenvolvimentos primários do médium do que em condições avançadas ou maduras. Quando os espíritos se aproximam de um indivíduo humano, encontram a constituição espiritual da mente confinada

dentro da sua forma exterior, o que ocasiona a absorção de ensinamentos que são puramente materiais. Parece haver uma cobertura material para a alma, de modo que as faculdades espirituais não podem exercer livremente sobre as crenças absorvidas pela mente. Há uma condição supremamente espiritual em cada mente; mas se a natureza externa confina os princípios desta condição dentro das células prisionais do erro e das crenças erróneas, então a mente não é capaz de compreender os elementos do seu ser.

Em consequência disso, a sensação e o pensamento espirituais, sendo a fonte da energia das manifestações mentais, tornam-se misteriosos, porque estão envoltos nos sonos da criação visível. Há uma natureza externa do espírito que oculta a verdadeira luz da alma e que deve ser removida antes que a mente celestial possa controlar as faculdades. As qualidades da mente humana devem ser devidamente desenvolvidas antes que as qualidades do espírito possam ser adaptadas à mente do indivíduo humano. Essa superfície externa que oculta a verdadeira beleza e virtudes do espírito deve ser primeiro removida antes que a luz do mundo espiritual possa penetrar nos seus santuários sagrados.

O coração humano deve ser exposto aos entendimentos das mentes infinitas, antes que os seus méritos e falhas possam ser conhecidos. E quando o espírito se aproxima de uma mente humana, deve rasgar essa massa de lixo externo antes de poder controlar o indivíduo. E quando isso está a ser efetuado, o conflito dos elementos da natureza externa e interior pode ser perceptível, mesmo à visão humana. É absolutamente necessário que a mente passe por este processo de desenvolvimento, antes que o verdadeiro sentido de justiça e honra possa ser apreciado. O comércio espiritual é a subjugação do material ao espiritual, e é difícil soltar as correntes de opiniões absorvidas há longo tempo e concebidas cedo, e deixar o espírito livre, e em liberdade explorar os campos da natureza religiosa e científica, independentemente. Quando isso é removido, então a espiritualidade da constituição mental é encontrada na estrutura da harmonia individual, no seu sentido mais alto e amplo.

A mente está carregada de acréscimos e desejos egoístas; mas quando os espíritos operam sobre essa mente, então devem esforçar-se para expandir a benevolência da alma; e, entretanto, o egoísmo da mente morrerá gradualmente. Interrogue a mente humana. Leia as suas faculdades e não se admirará que declarações falsas ocorram frequentemente. Os elementos do ser estão em guerra uns com os outros. Os elementos espirituais esforçam-se para harmonizar o eu material, ou os princípios positivo e negativo da constituição humana. Isso dá à mente uma visão verdadeira da sua condição, enquanto abre a perceção à verdadeira apreciação da justiça e da liberdade.

As leis físicas, orgânicas e morais do ser do homem devem todas harmonizar, para que a alma possa assegurar a felicidade que busca e essa inspiração celestial que o intelecto refinado devotamente anseia receber. O desenvolvimento primário dos médiuns, ou a influência do que eles chamam

espíritos falsos, abre os canais da sabedoria. Suaviza as afeições, expande e vivifica a razão e enlarguece o entendimento. Uma influência simpática e bondosa deve ser criada na mente do médium para induzir as aspirações e inspirações da mente a estenderem-se para além dos limites do mundo externo. Os entendimentos místicos que rodeiam a alma devem ser removidos antes que o homem possa olhar para dentro dos atributos divinos da mente intelectual. As influências conflituantes do mundo superior induzem a mente a ir para dentro e contemplar os muitos pensamentos e sentimentos que se agrupam à volta do coração humano. Essas influências são interlúdios entre o repouso material e a ação espiritual.

O repouso material é o descanso dos ensinamentos externos na mente, que oculta o princípio da divindade do espírito. A ação espiritual é o desdobramento das faculdades da mente para uma conceção verdadeira de liberdade, justiça e bondade. Quando a alma é despertada para uma meditação reverencial, então é a hora em que os espíritos podem desligar os vossos pensamentos do mundo exterior dos objetos, e podeis conceber com brilho os vossos pensamentos mais puros e arranjá-los com verdadeira facilidade espiritual. Esses humores reverenciais tranquilizam os sentimentos, e eles tornam-se tão brilhantes e puros como a estrela vespertina do crepúsculo, e não podem senão tornar a alma exaltada e segura nas suas contemplações de Deus e dos poderosos céus.

Os espíritos labutam, sim, fiel e ardentemente, para purificar a alma; e vêm até vós nos vossos sonos mais profundos e despertam gentilmente os vossos atributos mais altos para os sentimentos mais finos e os pensamentos mais serenos. A mente é como uma harpa, na qual, quando afinada para a música espiritual, os espíritos podem evocar as suas melodias mais doces. Eles vêm de um lar mais belo e sereno do que o vosso, não para vos tornarem mais miseráveis, mas para inspirar as vossas almas com pensamentos e alegrias afins, e tornarem-vos mais amáveis e felizes. Porque resistir ao fluxo de sentimentos elevados e ao influxo de princípios divinos? Pois nenhum esquema do homem pode jamais deter o poderoso fluxo de conhecimento que emana perpetuamente da Fonte Central.

As energias vitais e as ações involuntárias da mente, eventualmente, se não já, abrirão a alma ao influxo espiritual, e os homens serão compelidos a dizer que há um poder para além da inteligência das suas mentes, do qual originaram todas as coisas. Há uma vibração perpétua das cordas internas e externas da alma, que harmoniza as suas faculdades e faz com que as influências superiores do mundo espiritual corram com rapidez infinita para os seus vários departamentos. As leis morais do homem entram em ação no plano mais elevado da criação.

Elas fixam os verdadeiros sentimentos de justiça na alma. Dão à mente uma consciência perfeita do certo e do errado, e é primordial em beleza e importância para todas as leis do homem. Todas as recompensas ou punições fluem não de quaisquer intervenções especiais de Deus, mas originam-se na

obediência ou desobediência às leis morais, orgânicas e físicas. Se o homem violar qualquer dessas leis, deve esperar receber as consequências legítimas. E se os indivíduos violarem as leis da constituição mental, particularmente quando influenciados por mentes do mundo superior, devem esperar receber as consequências legítimas. De acordo com as leis de Deus, o universo é mantido numa condição de perfeita e eterna equalização. E de acordo com as leis da Divindade, a mente deve manter o seu equilíbrio; mas não o faz, pois o mundo externo influencia a mente mais extensivamente do que o mundo espiritual; daí não poder ser devidamente equilibrada.

É por isso que influências conflituantes são frequentemente realizadas pelos médiuns. Como disse antes, trata-se de uma subjugação do material ao espiritual. É um conflito dos elementos do ser exterior e interior. O seu desígnio é trazer a mente ao seu estado próprio de desenvolvimento espiritual e fazê-la compreender que não há mistérios de Deus; mas que a sua palavra é simples, porém grandiosa e sublime. Os desígnios dessas influências conflituantes são difundir no espírito humano o justo sentido de liberdade e honra. A voz do Todo-Poderoso está no santuário de cada coração humano, e as faculdades morais mais aguçadas e as sensibilidades espirituais mais finas asseguram a felicidade mais elevada do espírito interior apenas na obediência a essa Grande Voz Imortal.

Palestra n.º 17
Por Edgar C. Dayton

A FILOSOFIA HARMONIAL

A vida individual está impregnada com o espírito de Deus e torna-se um instrumento sobre o qual os ventos da alegria ou da tristeza podem tocar, e o homem tem a sua breve história de imperfeição material. A voz pesada do trovão, a música aguda da floresta distante e a voz fraca do homem quando em sofrimento ensinam-vos as lições elementares da filosofia harmonial e provam que mesmo o vosso mundo pode ser atingido pelas suas leis de música e sabedoria.

Pelas convulsões da terra, na sua refinamento transitório, a progressão surgiu pela primeira vez da rocha parental e pareceu por algum tempo firmemente presa no abraço do caos; depois, subindo a alturas alpinas, flutuou pelo mundo da vegetação, movendo-se durante séculos até que todos os objetos ao seu alcance se tornassem progressivamente mais finos a cada hora, desdobrando sempre as flores de Deus sobre a sua superfície musgosa, até que as marés irresistíveis do desenvolvimento trouxessem toda a coisa viva às margens do ser, depois flutuando para diante em esferas superiores, onde a harmonia é o destino de todas as coisas.

A harmonia varre através dos reinos abertos da eternidade, onde são evoluídas as fontes da vida, do princípio e causa homogéneos; onde o rio profundo do

amor celestial se move com uma força silenciosa mas irresistível; onde as doces vibrações das melodias da natureza ecoam sublime e majestosamente, fazendo os reinos espirituais ressoar com acordes de alegria, convidando o homem a juntar-se ao hino universal. O sol da verdade ergue-se das sombras escuras da terra, vestido de beleza auroral, mostrando a existência evangélica da alma, onde as correntes tilintantes da miséria eterna nunca são ouvidas; onde os anjos nunca choram; mas onde as fábulas escuras da história oriental se desvanecem sob as ondas do tempo e onde todo o céu se encontra no belo mundo das alturas.

A inspiração, a afeição e a verdadeira simpatia falam do coração do homem; cada faculdade do seu ser pronuncia uma bênção; e a luz suave e divina que banha o mundo liberta o espírito da sua casa física, e ele voa para longe, para longe, nos reinos da infinitude, onde está destinado à glória ininterrupta de uma juventude imortal. Os farrapos da natureza exterior são arrancados, e as vestes da eternidade cobrem os espíritos, enquanto nas suas mãos brilhantes eles seguram as rédeas douradas da ação, puxando cada alma calorosa e simpática para mais perto do seu próprio seio, onde se tornam uma unidade imutável na verdade e na esperança.

O anjo da caridade vem ao homem, abrindo caminho através das regiões ásperas da humanidade, e retribui os ecos baixos da harmonia que caem dos lábios mortais; e à medida que a juventude se retira para as pregas da idade e à medida que o crepúsculo da existência humana se aproxima, as sensibilidades interiores tornam-se inspiradas pelos anjos gémeos da caridade e da esperança; e à medida que a vida exterior termina com o último batimento do pulso, assim a alma nasce de novo numa nova vida, onde deve aprender o crescimento constitucional e o refinamento progressivo que dotam a forma eterna. As leis de Deus abriram os recessos escuros da terra aos raios da sabedoria que brilham de longe; e à medida que o poder intelectual humano lida com a verdade desdobrada da natureza e à medida que o homem entra nos departamentos subterrâneos da natureza, ele só pode ler imperfeitamente as linhas da ciência e do conhecimento traçadas nas câmaras interiores do seu ser.

Ele está sobre a rocha de granito da ciência e começa a enumerar as várias substâncias que constituem a terra: ele contempla os raios das estrelas que se estendem do céu à terra; ele vê as várias obras e arranjos do mundo; e do simples raio de luz, ele segue para o esplendor silencioso que o sol emana quando a noite passa; e nas suas contemplações de uma criação sublime, ele pergunta-se se o homem é uma encarnação da natureza eterna, uma imagem de Deus, da qual as revelações da Divindade podem ser tornadas conhecidas à mente limitada e finita.

À medida que novas formas de existência são criadas a partir de materiais não formados e trazidas à beira da vida e organização humanas, ele estuda por si mesmo, pelo que a sua mente se torna adornada e enriquecida pelas gemas da ciência, e cada pensamento se torna entrelaçado com cada flor da afeição e

da verdade. O homem é dotado de faculdades de amor e perceção que se manifestam nas funções da mente. O movimento e a vida difundem-se pelo corpo e sobre cada membrana que o cobre; e a sua vontade, ou poder executivo, tem vários modos de ação, e as suas faculdades atuam como manifestações variadas e inumeráveis do desejo. Há uma variedade infinita de homens e em alguns desenvolvem-se qualificações particulares. Alguns podem trazer à luz a verdade antes do seu tempo, enquanto outros se apoiam em opiniões fomentadas há longo tempo. Isto deve-se ao facto de a visão externa estar aberta e a interna fechada; e no outro caso, onde o interior está aberto e o exterior fechado. A sensação liga frequentemente o espírito a objetos externos: isto é material para cada indivíduo.

O homem é uma encarnação de todos os princípios — ele é o ponto mais alto da matéria criada, e as forças interiores da sua mente são tão puras no germe parental como a fonte de onde flui a vida espiritual. A ignorância é uma grande barreira contra uma melhor análise da natureza do homem: mas o ceticismo obstinado é o grande obstáculo a um maior conhecimento das suas relações e atrações — é a causa do seu vaguear nas trevas da tristeza da meia-noite e impede-o de discorrer sobre as verdades sempre emocionantes e melodiosas da liberdade; porque nem a razão nem a verdade podem tocar as cordas imortais do seu ser, dizendo-lhe para nunca se cansar, mas olhar para longe, para a terra que produz as flores da paz.

A miséria ainda geme das masmorras do crime, e os sussurros da angústia vêm das habitações destruídas do vosso mundo, enquanto o pensamento egoísta, como um fantasma, voa para longe entre as ruínas e fragmentos de especulações inúteis. Uma nuvem montanhosa paira sobre o coração humano, e o espírito jaz escondido e impotente, perdido na solidão e na loucura humanas, enquanto a religião, na sua forma mais divina, nunca ergueu a cortina que pende sobre o arco da destino espiritual da alma, nem o seu sopro inspirou o homem a ver com razão e entendimento. Nunca abriu os olhos sonhadores da ignorância — nunca abriu o olhar apaixonado do espírito para o caminho ilimitado da verdade, cuja beleza suscita as expressões apaixonadas da eloquência angélica.

Nunca quebrou o reinado sensual da natureza animal e desdobrou os seus símbolos das regiões de brilho mais puro. Mas o tempo trouxe crime e desolação na sua asa, o naufrágio de muitos esplendores nacionais, enquanto as suas memórias apodrecem na página sem vida da história. Então, o que deterá a maré do erro, para que o homem possa comunicar os nobres pensamentos concebidos no seu interior? Que poder lançará fora as maravilhas e milagres da antiguidade e ensinará ao homem que ele é a grande consumação da estrutura material — que os átomos da matéria mudam e expandem-se, e fluem para canais e formas superiores de ser, cada um tendendo para o desenvolvimento do homem.

A religião bíblica falhou em deter as marés da infidelidade. Essa ensina ao homem cenas e circunstâncias enterradas sob a maré oceânica do tempo,

enquanto a filosofia harmonial traz evidências da sua individualidade eterna das próprias rochas, árvores e flores da terra. Prova ao homem uma existência no além e é o rio que ondula para a vida eterna. A razão é um princípio da filosofia harmonial e deve ser reconhecida como a autoridade de todas as crenças. Os homens das igrejas exclamam que o espiritualismo surgiu de uma fonte baixa — de mentes não desenvolvidas; mas reflitamos e descobrimos que toda a religião sectária se baseia num nascimento numa manjedoura.

A manjedoura fria e insensível deu à luz um bebé, ou, melhor, foi o primeiro lugar sobre o qual aqueles pequenos membros repousaram, e assim da manjedoura surgiu a sua religião, e é este um canal baixo através do qual as verdades de Deus podem fluir? Apenas a ignorância o afirmaria; mas esta fundação sobre a qual o sectarismo se baseia está a decair rapidamente: e como Jesus falou pela autoridade da intuição, assim os seus seguidores devem confiar na mesma autoridade antes de se reconciliarem com a verdadeira harmonia dos princípios da natureza.

A mente não pode ser acorrentada; e embora os lábios possam falar falsamente, o coração fala mais alto, e os homens de hoje, que estão no altar da adoração, zombando das verdades de Deus — ensinando doutrinas que não suportam o teste dos princípios científicos nem a análise rigorosa da razão —, sabem que estão a erguer barreiras de ignorância e cupidez contra o desenvolvimento espontâneo da verdadeira religião da alma. A filosofia harmonial rasga a cortina que há tanto tempo pende entre a origem e o destino do homem finito e traz uma nova religião pela qual adorar Deus — uma religião inofensiva e sem credo.

Uma nova religião de melhoria humana é necessária, quando a hora da oração real possa vir pulsando sobre a alma, da qual a mente possa extrair uma educação imperecível. Embora o mundo avance na civilização artificial — embora os homens vermelhos da floresta tenham morrido como o carvalho atingido pelo raio — embora a canoa esteja enterrada e embora o arco e a aljava repousem no pó e embora as cabanas tenham sido expulsas do lar da natureza, o crime flui em trevas temíveis pelas veias do vosso país na idade presente. Das alturas do poder honrado às profundezas das masmorras da tristeza e do infortúnio, o erro, a injustiça e a ignorância residem; no entanto, o homem é sempre esperançoso de que possa ver o estandarte eterno da liberdade desfraldado e a liberdade estabelecida sem o seu esforço.

O túmulo insensível parece ser a tristeza mais doce, embora envolvido em solidão mística. Parece emprestar encanto ao coração, enquanto as flores mais gentis adornam o monte silencioso; e enquanto o sempre-verde envia os seus rebentos para cima e os ramos do salgueiro pendem tristemente sobre o santuário frio, tudo está carregado de superstição ou tristeza pensativa, que se entrelaça à volta da memória dos que partiram. O homem escuta uma nota de harmonia das nações em guerra, mas nada além da voz morta da guerra lhe responde, enquanto a terra áspera ecoa de volta os cantos da morte; e onde está a vossa liberdade? Saiu do seu santuário primevo e senta-se sobre as

colinas eternas da justiça, ansiando abraçar toda a família humana. Então, o que fazer?

Quem e o quê deterá o fluxo da opressão e da ignorância? Uma nova filosofia, de Deus, veio ensinar aos homens que devem viver naturalmente e deslizar para o universo espiritual naturalmente. Lança a treva do túmulo e prova que as mudanças naturais são tão doces como os sopros divinos da verdade e que a flor ou ser parcialmente desdobrado não está destinado a ser retirado do seu lar parental para se vingar dos seus amigos por algum pecado que cometeram, mas que se um ser na infância é retirado do seu lar, é uma violação das leis da sua constituição. Muito, muito mais, ainda está por ser recebido. Qual é a utilidade ou o bem do espiritualismo? perguntam os defensores da religião oriental. É para vos ensinar a serdes vós mesmos.

É para desdobrar um mundo de significado de cada coisa; para acender a chama do amor celestial sobre o altar brilhante do coração, cujo incenso ascenderá da alma individual a Deus. É para vos mostrar os símbolos do passado e do futuro, onde os raios acesos do sol todo-poderoso despertam milhões de seres para expressões de louvor e glória. É para vos mostrar a verdadeira origem e destino do homem e provar-vos que as estrelas no céu não constituem o universo mais do que as gotas de orvalho cintilantes da manhã constituem o oceano, mas que todas as coisas na terra e noutros lugares constituem os reinos da imensidão. É para vos mostrar que a progressão do homem não é silenciosa, mas é atendida por agitação — que ele é o tipo de transição, da ordem mais baixa de vida vegetal, animal ou mineral, para os anjos.

É para dissipar a treva do túmulo e mostrar que o espírito não dorme século após século até ao dia do julgamento ou da ressurreição, mas ergue-se do velho mundo da matéria organizada para o lar brilhante da imortalidade. A filosofia harmonial cultiva as sensibilidades interiores e a sua fragrância vai para diante e permeia todas as mentes congeniais. A razão despertou da longa noite da criação e encarnou os atributos do Infinito na mente humana. Daí o curso do homem ser para diante, e a nova filosofia vir como uma inundação rolante, carregando nas suas ondas vitais e musculares as brasas decadentes do erro: e a ignorância está a afundar-se rapidamente no caos. A verdade e o tempo surgiram da eternidade e continuam através da eternidade; e quando o eu interior se ergue para esse país melhor e mais belo, não é insensível ao coração sangrante nem aos males da sua primeira terra natal; mas a memória e o amor são os anjos da guarda do seu ser.

A filosofia harmonial é um sistema da natureza universal, material e espiritual, cuja autoridade é a razão imortal. Torna a verdade a consideração suprema da mente; e se houver alguém que acredite que as correntes da miséria eterna tilintam perpetuamente no céu, que esse alguém pendure os céus em luto; não sorria mais; vá para a solidão silenciosa e não ouça a música da onda cintilante ao quebrar-se contra a costa; não olhe para a natureza e veja as suas gemas circulares de beleza, mas vá para as sombras místicas das fábulas orientais e

deixe os anjos chorar porque sois tão destituídos de razão. Embora não possais apreender a ideia de um universo digno de Deus, podeis desfrutar de uma visão clara da magnitude e da beleza inefável do universo das alturas.

Atentamente,

E. C. DAYTON

Palestra n.º 18

Por Edgar C. Dayton

A ESPIRITUALIDADE AFETARÁ A HUMANIDADE MORALMENTE?

As sombras do tempo são perecíveis, mas o real existe agora e para sempre, e não virão tons de amor, como de harpas angélicas, para mostrar ao homem como perfurar o elemento do tempo até à eternidade?

Desde a hora em que a forma dual primordial do homem se entrelaçou e se tornou uma organização, até à hora em que esta forma é emaranhada num feto terrestre, nutrido do seu nascimento espiritual para diante através da eternidade por influxos celestiais, o homem tem sido impregnado com naturezas animais que emanaram das radiações conectadas da criação animal. A forma externa é uma encarnação de princípios inferiores; mas a forma interior é uma declaração sublime de Deus, típica em todas as suas partes e elevando-se grandiosamente a declarações imortais.

O homem está sujeito à influência da natureza animal e, por isso, só é capaz de reproduzir a sua espécie no mundo físico; e quando o caráter exterior é mudado, a alma torna-se mais pura. Um homem não pode ser moralmente desenvolvido sem ser espiritualmente assim; nem pode ser espiritualmente desenvolvido sem se tornar moralmente assim. Se a teoria espiritual tem uma tendência para espiritualizar o homem, tem o poder em si mesma para desdobrar moralmente as faculdades interiores do seu ser.

Mas se um homem é mau no coração e encobre as suas ofensas sem coração no manto da espiritualidade, não está a ser desenvolvido espiritualmente nem moralmente, mas está a mergulhar-se numa escuridão mais profunda do espírito, da qual só ele pode erguer-se no mundo superior. O homem pode insultar pela bajulação e escravizar as almas dos mortais por promessas sem coração, e cobrir tudo com um brilho espiritual aparente; mas o homem não é melhor, pois o exterior pode ser brilhante enquanto as belezas morais estão corrompidas.

Um homem não é um homem que pisará as leis do seu ser, as leis da moralidade e as leis do seu Deus, e depois ensinará aos homens do céu e das suas verdades. Um homem não é um homem que insultará o orgulho e a dignidade da sua própria natureza, pisando as fontes impetuosas de beleza encontradas na constituição do princípio feminino, lançando sobre elas uma influência magnética, infundindo os seus próprios pensamentos maus nos seus espíritos puros, produzindo uma conexão magnética entre os dois, enquanto o

coração mais fraco pode odiar o mais forte quando não sob a sua influência. Isto não é obra de um homem, mas de uma forma de homem onde o animal controla. A espiritualidade não é concebida para corromper os costumes; e aquele que comete atos maus sob a influência sagrada do céu deve responder em tons de agonia a esse erro quando chamado pela voz da natureza por desobediência às suas leis.

A espiritualidade não é concebida para ser uma cobertura às paixões más dos homens, mas para revelar os atos mais negros do crime. Não é concebida para ocultar as paixões dos homens, mas para expô-las ao olhar do mundo; não para que sejam um alvo de escárnio e desprezo, mas para infligir às afeições más uma consciência direta e distinta do mal que causam, e trazer à luz a angústia do espírito que pode ser transformada em alegria pela obediência às leis da moral interior.

A espiritualidade não é concebida para tornar o homem ainda mais capaz de crime — para permitir que cometa um ato mau e depois diga que estava sob influência espiritual, e para permitir que se mova na corrente descendente do vício e da oposição, e depois, quando a vida humana tiver passado, reclame uma posição alta e sagrada no mundo superior. Não, não, não, se os homens pecarem na terra e não sofrerem na terra, há um tempo na eternidade em que todo o crime de uma vida inteira se precipitará com loucura perante a sua memória individual, e a sua angústia será terrível e dolorosa; mas desdobrará o espírito para uma apreciação verdadeira e justa das leis de Deus.

A espiritualidade é concebida para provar à humanidade a necessidade de uma verdadeira pureza moral, bem como espiritual, e para provar ao seu sentido exterior que a porção dadora de vida da unidade eterna da Divindade é amor, sabedoria e grandeza. Há uma dignidade na natureza do homem que não pode ser mais grosseiramente insultada pela influência das faculdades animais do que quando pisoteia injusta e insensivelmente as sensibilidades indestrutíveis da mulher. Há uma dignidade e nobreza no princípio masculino, que deve ser estritamente observada em todas as ações voluntárias ou involuntárias das faculdades da natureza interior e exterior.

Há uma caridade, um canal afetivo, na alma da mulher, através do qual fluem as qualidades mais finas da espiritualidade e da moralidade, e isto ela deve observar para sempre na sua dignidade de posição na sociedade. Todo o mal humano pode ser matematicamente demonstrado como procedendo de alguma direção errada; mas mais mal pode ser atribuído a direções circunstanciais ou sociais e simpáticas do que a qualquer outra, pois situações sociais idênticas produzirão desenvolvimentos particulares e diferentes; mas quem é responsável por estas organizações defeituosas e pela propagação de imperfeições combinadas?

O homem e a mulher são exatamente o que os seus desenvolvimentos de organização os obrigam a ser. Uma mente, sob certas circunstâncias, pode avançar rapidamente para a honra moral e o emolumento, enquanto outra constituição desdobrada de forma diferente pode, nas mesmas circunstâncias,

tornar-se um misantropo abatido, um vilão sem coração. Um obstáculo poderoso é colocado no caminho do progresso individual dos muitos milhões, por não se compreenderem uns aos outros. Há uma filosofia na sociedade humana da constituição da alma, da ciência e ramificação do universo físico e do universo espiritual, que toda a terra não poderia conter; ainda assim, uma grande generalização dos elementos da natureza física é praticável e necessária para o gozo da mente humana.

Na verdade, exigiria um dispêndio maior de gladiadores teológicos para produzir uma reconciliação aceitável entre os elementos da mente e da moralidade do que todas as teologias podem efetuar, sem a assistência de anjos. Há uma finalidade tão firmemente fixada no eu exterior como seixos na rocha conglomerada; e se fosse devidamente compreendida e apreciada, em vez da ressurreição da teologia popular na modificação e nomenclatura de homens populares, veríamos a fonte do talento nativo enviar o seu spray prateado espontânea e puramente sobre a extensão do mundo físico, sem ser contaminada pelos odores que surgem da perceção do mal e do coração do mal.

O homem é uma dualidade que surge de uma interpenetração de duas naturezas, a externa e sensória, e a espiritual ou supersensória. Ele tem duas esferas diferentes de consciência. Uma deriva os seus desenvolvimentos da harmonia orgânica e sensória das leis do mundo externo, e a outra das leis super-humanas acima.

Se a esfera material obscurece ou oculta as evidências interiores de uma herança imortal, os homens devem esforçar-se para encontrar a análise última do seu ser, e isso desvendará o olhar do seu espírito para a luz infinita da verdade. Se a harpa estiver desafinada, nem mesmo o intérprete mais habilidoso pode extrair música das suas cordas; e se o cérebro ou a mente for desproporcional em qualquer departamento interior das suas combinações, nenhum espírito ou mente humana pode fazer uma impressão fiável no cérebro.

As imperfeições do cérebro humano são desqualificações; e se quiserdes compreender as naturezas das quais sois conscientes, absorvei a influência da pureza, da simplicidade e da moralidade. Se quiserdes compreender o mundo externo, olhai para ele do vosso olhar espiritual, pois os desenvolvimentos sucessivos das sociedades humanas fluem da mesma fonte espiritual invisível de causação. A falha na sociedade humana é a falta de compreensão das leis da moralidade, da dignidade da natureza do homem e da falta de conhecimento das relações da vida física com a vida espiritual.

A espiritualidade conecta estreitamente a família humana em laços de amizade; e cada mente deve recusar positivamente todas as evidências de afeto dadas injustamente como sinais de lembrança, pois ninguém tem o direito de insultar a dignidade do princípio feminino ou masculino, pela desobediência às verdadeiras leis da relação social. É verdade que há um afeto espiritual puro, e este jorra, em horas de contemplação sagrada, por simpatia, mas

nunca pode reconhecer essa simpatia celestial que anseia no mundo externo; pois o homem tem as suas duas naturezas com que contender, e cada elemento é encontrado combinado nas duas naturezas: assim, ele não é competente para decidir quem é o seu objeto particular de simpatia. Um homem verdadeiro e nobre não pode confinar os seus afetos espirituais num objeto, nem condensá-los numa forma individual, mas deve estender-se sobre os impérios da natureza humana, inchando e misturando-se com miríades de fontes de afetos inspirados pelo céu.

Não há poder superior às atrações que se agrupam à volta da centralidade da própria alma; nem será alguma vez desorganizado; e da ambição de ser uma individualidade independente, sabemos por que há uma individualidade independente contínua para sempre. Quando o corpo físico está desgastado em consequência de longas lutas com o mundo grosseiro da matéria, os elementos de gratificação sensual perdem-se no mundo exterior da matéria, e o espírito torna-se uma encarnação refinada da mente — individualidade espiritual que busca os seus companheiros pelas leis divinas de atração.

Ama Deus através do centro da sua própria individualidade; o eu é o padrão de consciência; e a alma não ama os seus companheiros eternos objetivamente, mas subjetivamente; e a individualidade é o eixo sobre o qual a imortalidade gira. O corpo exterior é desorganizado e reabsorvido quando o espírito escapou; pois os constituintes que formam esse corpo — carbono, oxigénio e outras economias vitais — têm afinidades para os mesmos compostos vitais encontrados no seio do mundo externo. As analogias da natureza e da mente são perfeitas nas suas indicações, se a mente as pudesse compreender e não as vestir com tanto mistério.

Um composto, ou os elementos de qualquer coisa viva, serão atraídos juntos até que alguma substância intrusiva os separe, exceto no homem, pois a sua natureza anseia pela personalidade; e o eu é a atração central mais forte do seu ser. Não há supremacia entre os princípios que vivem no masculino ou no feminino, porque são iguais, dotados de ações funcionais e atributos diferentes, que, se justamente cultivados, harmonizariam as mentes inteiras do universo limitado, onde a discórdia, o erro e o mal agora residem. Cada um tem o direito de declarar o seu gozo da liberdade, e nenhum foi destinado a ser escravo dos males do mundo; e nunca, até que as verdades conectadas com as leis divinas de atração sejam impostas ao mundo, pode ele tornar-se moralmente desenvolvido.

O cérebro, onde a região da animalidade se expressa no cérebro tão forçosamente, desenvolve uma mente animal e absorve todos os líquidos do corpo necessários para o seu desenvolvimento, e descarrega os mesmos sempre que é pressionado pelo refinamento para o fazer; e eles são eliminados através das funções mais finas da vida física, pela substância mais refinada da matéria, sendo atraída para as regiões da intelectualidade, intuição e espiritualidade. O coração é o centro da emoção, e o cérebro é o meio dessas emoções; e quando a inteligência é primeiro recebida, atinge o cérebro e, por

um canal ou conexão magnética, é transmitida ao coração, onde a fonte de simpatia ou dor é levada a manifestar-se pela lágrima de alegria ou tristeza. Alguns cérebros são tão sensíveis que, quando uma inteligência de caráter extraordinário os atinge, paralisa os músculos e funções do corpo e para o fluxo natural do sangue; e isto é chamado desmaio, porque o cérebro é tão sensível que suspende os movimentos do corpo natural, até que a consciência interior seja restaurada. Todas as funções do corpo são igualmente sensíveis, pois o cérebro é a grande centralidade de sensação do corpo humano. Todos os corpos têm relações definidas, constituições definidas, funções definidas de ser, e isto prova que a existência do homem não é por poucos anos; pois esses belos arranjos da vida física são sagrados e infalíveis e eternos.

O homem possui ações funcionais fisiológicas, e quando estas se tornam desproporcionais, as consequências são doença, dor e sofrimento; e quando a criança, por doença, é chamada para casa, não é mais certo do que é para a mãe hindu dar o seu filho às águas do Ganges como sacrifício ao Deus da vingança. É um sacrifício para a criança ir para o outro mundo, pois é em desobediência às verdadeiras leis da fisiologia que a juventude deva partir daqui. Assim é quando o eu moral se torna desarranjado, que o homem se torna um naufrágio do que deveria ser, e fica espiritualmente cego para a consequência visível da sua posição futura no céu.

As verdades mais puras fluem das fontes que jazem além do alcance da visão mortal; no entanto, há fontes de misericórdia e verdade na terra, nas quais o homem pode banhar o seu espírito e tornar-se um emblema material de pureza moral. Contemplai as imensidões inumeráveis que se aglomeram nas praias brancas da eternidade, e o homem pode achar a espiritualidade cheia de experiências problemáticas; e pode ofender frequentemente noções existentes de decoro e desenvolver manifestações e pensamentos aparentemente maus; mas, quando devidamente compreendida, é uma demonstração racional da proximidade do céu e da terra.

Mas a espiritualidade não é introduzida na terra como cobertura aos desígnios maus dos homens, mas os poderes de fricção da experiência seguem como um concomitante inevitável de luz e manifestações sagradas de resultados espirituais. A espiritualidade é concebida para desenvolver o homem moral e espiritualmente, e quando os homens se tornarem plenamente convencidos de que seres que amaram e adoraram, e que se esforçam para os ensinar, estão com eles, então temerão fazer o mal; mas se cometerem um erro pelas imperfeições da sua organização exterior, não são responsáveis por esses defeitos de caráter, apenas na medida em que desobedecem aos ensinamentos da consciência e às leis divinas do ser.

A espiritualidade vai revolucionar os atos morais dos homens; e aquele que é espiritualmente refinado deve sê-lo moralmente. Os elementos do homem manifestam tendências específicas para avançar para a unidade; mas a compreensão das tendências constitucionais do homem deve repousar inteiramente na resposta que a organização estupenda da natureza faz à

pergunta. Para que propósito foi o homem criado? Deixai que as inumeráveis avenidas da intuição sejam abertas à receção da verdade, e descobrireis que ele foi criado para propósitos mais nobres do que a sua natureza terrestre manifesta; e isso é herdar a imortalidade, de acordo com os desenvolvimentos do seu espírito. E se um indivíduo cometer um ato injusto e lançar a responsabilidade do crime sobre os espíritos, eles são capazes de suportar tudo; mas esse indivíduo chegará a um período em que se arrependerá do seu erro e deve sofrer angústia mental antes de poder partir da consciência interna de fazer o mal.

Refleti um momento sobre o assunto de homens que enganam secretamente o seu semelhante e reconhecem que espíritos de homens falecidos são inteiramente responsáveis pelos erros cometidos por eles. Quem ousaria poluir o nome de um amigo imortal, acusando-o de ofensas materiais? Aquele que faria isso mergulha a sua alma na escuridão e nunca poderá ver a luz brilhante do céu até repousar no seio da infinitude. Por que lei moral os espíritos elevarão a humanidade da atmosfera incongruente de desconfiança e antagonismo, onde a desconfiança será sucedida pela confiança, a deformidade pela beleza, a contenda pela esperança e pela paz? Será a ação governamental dos princípios das igrejas cristãs?

Esta tem sido o princípio de trabalho durante dezoito séculos; mas a escravatura social e as condições inarmónicas ainda superam os esforços do clero; e o que fazer? Que leis serão impostas para elevar as condições morais da humanidade? Os jogos da guerra e do interesse próprio não salvam os homens da contaminação moral e fazem com que cada indivíduo se erga na majestade da masculinidade. As paredes sombrias das prisões e as células húmidas e frias das masmorras ainda se erguem como monumentos da fragilidade humana e da retribuição, enquanto a igreja, dedicada ao culto da Divindade, se ergue à vista dos reclusos desses antros escuros; e anseiam eles tornar-se mais puros?

Não, odeiam a visão da igreja; amaldiçoam os seus ocupantes; e porquê? Simplesmente porque zomba da sua condição, e sentem que não são cristãos aqueles que não estendem a mão da amizade mesmo ao criminoso confinado na cela da masmorra, bem como ao homem de distinção e honra; e se a espiritualidade não praticar isso, falhará em ser estabelecida para o bem e elevação da raça humana. Os preconceitos dos homens devem tornar-se mais fracos antes que a verdadeira expansão e crescimento da alma sejam desenvolvidos para a sua condição nativa de moralidade. A história e a tradição são exploradas em vão, pois os nomes da antiguidade perderam a sua grandeza no passado.

O presente deve envolver a atenção dos homens. Ide e, com passo pensativo, vagueai sobre as cinzas silenciosas da glória caída, onde o musgo e a videira trepadora cobrem as paredes de algum palácio em ruínas — onde a natureza manda as suas flores mais belas entrelaçarem-se sobre o túmulo da honra passada, em doce profusão. Ide onde outrora soava o canto festivo através dos

salões do palácio e onde o cântico ecoava do alaúde melodioso, e encontrareis tudo tão quieto e silencioso como o lar dos mortos. Vedes os pedestais cobertos de hera onde colunas antigas suportavam o orgulhoso palácio de beleza arquitetónica, e reconheceis a cena onde tronos e impérios foram lançados no esquecimento. O longo tesouro do saber antigo e o brilho vestal da inspiração poética vivem apenas na memória. O mundo mental desvendou os mistérios da natureza, e o homem abre o seu olhar mental para as realidades do céu; pois é o céu sozinho que pode melhorar a condição dos homens pelas leis de Deus.

E vós que cometeis erros conscientemente, refleti e investigai candidamente o caminho que seguis, e parai no vosso curso descendente. O espírito eterno e a mente sem correntes podem perfurar o vosso coração externo até às suas emoções interiores e contar os vossos pensamentos secretos ao mundo. Oh! então, cuidado com a iniquidade, pois os entes queridos do vosso coração erguem as suas asas brilhantes de esperança para chamar a vossa mente à vossa condição superior. Sentem o que fazeis e compreendem a necessidade de vos tornardes puros. Suplicam-vos com piedade angélica para terdes cuidado com atos imorais.

Eles, tão destemidos mas ternos e bondosos, lamentam ver-vos levados para longe do caminho ascendente da pureza celestial: e como gentilmente se desvanece a beleza mesclada do arco-íris, assim olham para vós com uma luz tranquila; e, como um pássaro com asa azul, voam de lugar em lugar e trazem-vos as gemas cortadas da rocha viva do Paraíso, e cantam-vos os cânticos da pureza e da moralidade, como o coro de vestes brancas afina à música celestial.

Atentamente,

E. C. DAYTON.

Palestra de Aaron Burr

Preliminar à republicação desta palestra, uma palavra de história pode não ser inadequada:

As nossas palestras espirituais tendo todas vindo de espíritos que nunca tiveram qualquer experiência pessoal nas esferas mais baixas da vida espiritual, desejámos uma palestra que abarcasse a transição deste estado de existência para aquele; os trabalhos, dores e aflições incidentes ao sustento de um corpo espiritual grosseiro; as associações e influências circundantes nas esferas inferiores, e todo o processo de elevação daquele para uma condição superior e mais feliz, com as suas esperanças e aspirações inspiradoras. O espírito de AARON BURR foi, de alguma forma, apresentado à nossa mente, como alguém em todos os aspetos qualificado para nos dar toda a informação desejada, a partir da sua própria experiência pessoal. Pedimos a um espírito guardião, que raramente está ausente de nós, que fosse em busca dele e, em

nosso nome, solicitasse uma comunicação dele. Ela acedeu e em breve o trouxe à presença da Sr.ª Brooks, a Médium. Ele consentiu prontamente em nos gratificar e deu-nos o tema tal como está no cabeçalho da sua palestra. E duvidamos que qualquer leitor inteligente e sincero discorde de nós quando dizemos: Ele cumpriu de forma mais fiel e capaz o seu compromisso. Daqueles que afetam acreditar que todas estas palestras são o produto da própria mente e pena da Sr.ª BROOKS, como recentemente ouvimos ter sido insinuado por alguns, diríamos, com toda a candura, que tais pessoas devem estar lamentavelmente em falta, quer em apreço quer em honestidade. Aqueles que conhecem a Sr.ª BROOKS sabem que ela não é de todo deficiente em capacidade intelectual; e sabem igualmente que os seus conhecimentos são demasiado limitados para tornar possível que ela produza uma palestra como esta a que o nome de AARON BURR está apenso, tal como seria para ela governar os ventos e as marés. Que aqueles que cobiçam a designação de tolo ou patife continuem essas insinuações, e uma ou outra será justamente deles.

A MINHA ENTRADA NO MUNDO ESPIRITUAL E O MEU PROGRESSO ASCENDENTE ATÉ À MINHA CONDIÇÃO ATUAL

Uma paz profunda repousa sobre a minha alma — essa paz que rola para longe nos ermos sonhadores da infinitude e é insuflada na constituição mental por espíritos nobres da eternidade. O meu espírito segue o caminho brilhante que os anjos trilham. Na última cena da minha vida terrena, senti a angústia da dor física atormentando e torturando a minha forma humana. Por vezes, experimentei as sensações do sono natural; mas, enquanto mergulhava nesse sono profundo, nunca perdi a minha memória ou individualidade. Por vezes, não realizei qualquer identidade, mas os processos pelos quais passei pareciam fundir-se numa sombra etérea, que ainda era uma substância.

O meu espírito parecia emergir do velho mundo da matéria; e, à medida que átomo por átomo escapava da velha forma, uma nova parecia estar então num estado original de formação. O meu espírito existia entre a nova e a velha forma, aproximando-se cada vez mais da nova. Percebi que a minha velha forma se tornava paralisada — que os músculos e as fibras assumiam um estado de desorganização — que pareciam relaxar e ceder ao poder que operava sobre ambos os corpos. Não realizei a minha posição durante todos esses processos de criação e desorganização.

Estava intensamente interessado na cena diante de mim. Não sabia onde estava. Não via nada tangível. Tudo parecia numa condição atmosférica, exceto os dois corpos e o meu espírito; estes eram palpáveis ao sentido do tato. Notei uma peculiaridade, que era que, à medida que a minha velha forma parecia deixar o espírito, as feições e a expressão da cabeça e do rosto eram as minhas quando no auge da masculinidade. Vi cada feição impressa no rosto recém-formado, e que cada traço de preocupação, cada ruga ou sulco, dava lugar a novos e altamente belos.

Notei também vários processos magnético-elétricos e anatómicos pelos quais o velho corpo tinha de passar, antes que o meu espírito pudesse escapar. Notei que todos os elementos da vida estavam concentrados no cérebro e que a última ligação tinha de ser rompida no cérebro. Depois de todas as funções do coração e das porções vitais do corpo terem cessado de atuar, as funções do cérebro ainda trabalhavam; e, à medida que se tornavam cada vez mais exaustas, mergulhei numa inconsciência mais profunda, quando todos os crimes e loucuras da minha vida se precipitaram com uma loucura demoníaca perante a minha memória ativa.

Ah! Eu era miserável! Pensei que ia partilhar as agonias de uma eternidade. Que pensamento! Então, uma sensação selvagem e delirante veio sobre mim e, por um curto tempo, vi as minhas mãos físicas moverem-se novamente, e foram puxadas para a porção superior da cabeça, onde existia o templo de uma mente outrora poderosa mas pecadora, quebrada em dez mil fragmentos. Notei, durante tudo isto, que a nova forma ainda estava incompleta, mas, à medida que cada átomo escapava do corpo através do cérebro, a nova forma tornava-se mais completa.

Ainda mergulhava mais profundamente num estado de inconsciência absoluta; e quando percebi o último raio fraco de vida prestes a ser rompido, perdi a minha individualidade numa vasta extensão de vida espiritual ilimitada. Permaneci nesta condição inconsciente durante algumas horas e, quando experimentei um regresso da consciência, quando despertei e me encontrei jovem novamente, senti-me singularmente.

Vi amigos e estranhos à minha volta. Vi as mesmas belezas da natureza aqui, variando apenas ligeiramente das da terra. Quando vi a minha posição, uma sensação doentia veio sobre mim e roguei a Deus, se existisse um, para me deixar morrer. Vi que os seres estranhos à minha volta riam e me chamavam ignorante. Ouvi também as lamentações mais amargas à minha volta; também maldições terríveis, e alguns ansiavam, diziam eles, por voltar ao velho lar da sua infância. Ainda assim, não sabia onde estava; mas ai! ai! se um espírito alguma vez sofreu, o meu sofreu. Estava a tatear o meu caminho entre as cenas diante de mim, quando realizei que a minha forma era como a de uma fada em movimento e graciosa nas suas proporções. Olhei para longe em regiões estranhas e grandiosas de algum mundo e pensei que iria para lá e veria o que podia descobrir. Mas ai! descobri que devia tornar-me mais sábio e mais puro antes de poder alcançar aquelas regiões deliciosas; pois a passagem para lá não é instantânea.

Chorei no túmulo da loucura enterrada. Chorei sobre a sepultura da moralidade manchada. Suspirei pelos dias passados da minha juventude e deitei-me para morrer. Mas nenhum contentamento era meu. O meu espírito não podia dormir. Estava preso pelas faculdades vivas do meu espírito a saber onde estava. Fui levado nas asas do pensamento para regiões superiores. Uma nova inteligência veio em meu auxílio e perguntei-me se isto poderia ser o céu. Perguntei aos que estavam à minha volta, mas viraram-se com desdém.

Pensei, se for, pergunto-me onde estará aquele a quem matei num duelo; quando, num momento, Hamilton surgiu ao meu lado!

Nenhuma expressão rígida de ódio — nenhuma feição terrível estava no rosto; mas toda a região da cabeça estava iluminada com um brilho superior, e a inteligência fluía da sua alma como as águas jorram da fonte. Disse-me que eu estava no mundo espiritual. Informou-me bondosamente que eu devia, e exortou-me calmamente a, receber o que dizia como a verdade. Disse: Não podes mais violar a tua natureza moral, mas deves cultivar os teus atributos espirituais; e se desejas deixar estes seres ignorantes e miseráveis, esforça-te por receber as lições ensinadas pelos mensageiros da verdade e da caridade. O quê, eu na eternidade! disse-lhe, e devo laborar para ser feliz? Não posso mais gratificar as paixões do meu ser (……..) céu ou inferno, o último para esta tortura miserável da minha mente.

Meu amigo, disse ele, o caminho está aberto. Se quiseres ser guiado e seres tu mesmo, a tua vida brilhará com uma alegria indizível; e se não, podes permanecer aqui por eras e eras. Informou-me que eu devia, como todos os outros seres imortais, permanecer no meu atual estado selvagem e sensível de mente, se não me submetesse voluntariamente à disciplina espiritual, à qual todos se submetem com o tempo. Lutei longa e temerosamente antes de poder acreditar nas realidades da minha própria existência. Há, toda a mente reconhecerá, uma espécie de liberdade e liberdade na mente, que a leva a investigar as causas e efeitos diante dela e a explorar as ciências ocultas de todos os mundos.

Portanto, é possível para a mente traçar, analogicamente, as substâncias da matéria mais grosseira até à formação do homem; mas quando chegamos à mente — à inteligência, embora este mesmo princípio nos tenha permitido explorar e compreender tudo abaixo dela, a mente parece vaga e indefinida quando contemplamos a sua imortalidade. Eu, não tendo meios definidos pelos quais pudesse chegar à evidência ou conhecimento dos princípios e elementos do espírito, para satisfazer os anseios naturais por uma compreensão digna da minha natureza, arrisquei-me a esforçar-me por conhecer e compreender a filosofia da imortalidade inata ou constitucional da alma. Em primeiro lugar, descobri que toda a superestrutura é a indestrutibilidade absoluta da matéria — dessa substância universal que nos dá uma individualidade tangível — uma forma palpável. Sobre a universalidade e indestrutibilidade da matéria repousam as realidades da eternidade.

As essências ou substâncias da matéria refinada, extraídas do mundo superior, estão concentradas nas várias porções da forma espiritual e, para dar a esta essência a sua organização germinal e imortal, depende das manifestações de vida, movimento e sensação — das economias vitais de uma forma substancial e palpável; mas a vida do refinamento do espírito não depende da forma para todas as suas cultivações. Nem o homem espiritual labora, como no corpo material, para o sustento do seu ser exterior. O que é material não pode ser espiritual; e quando o homem deixa o mundo exterior, deixa tudo o que lhe

pertence e entra no estado espiritual, um ser alterado, em forma e espírito; porque então não pode atuar em desobediência às leis eternamente instituídas no seu ser, mas é compelido a obedecer aos remorsos da consciência.

A mente é primeiro encarnada num templo físico, cujo domo é medido pelo simples olhar; no entanto, os pensamentos e afetos dentro dele expandem-se para apartamentos de dimensões muito maiores e, insatisfeitos com a terra ampla, as suas glórias e poderes, monta em asas angélicas para o lar da eternidade, onde não há prisão do pensamento, e prossegue, prossegue para sempre, para a grandeza e grandiosidade da imortalidade. Não, o homem no céu não labora pelo seu sustento diário. Notei, no entanto, que temos árvores que dão frutos de todos os tipos, que se tornaram espiritualizados e adaptados à constituição da forma espiritual.

Destes partilhamos quando a inclinação nos leva a fazê-lo. Mas não há preparação artificial a fazer antes de podermos partilhar deles, mas tomamo-los no seu estado nu e espiritual; e em vez de mastigarmos uma substância, como vós fazeis, as eliminações magnéticas do fruto difundem-se por toda a superestrutura da forma espiritual. E o corpo espiritual é também sustentado por eliminações magnéticas do universo que habita e não se limita exclusivamente às inspirações de magnetismo concentrado nos frutos do reino vegetal. Assim é com tudo no mundo espiritual. Todas as coisas são sustentadas pelo movimento e sensação do magnetismo.

Se o homem celestial fosse obrigado a laborar incessantemente pelo seu sustento, exteriormente, sofreria dor e ficaria cansado; e se assim fosse, todas as coisas que acompanham a vida humana seriam encontradas acima, tornando o céu não mais atraente ou belo do que a terra. Não haveria evidência mais palpável de uma vida superior, onde a alma pudesse repousar, mas tudo pareceria ao homem materialista e não melhor do que a vida que tinha na terra. O homem não labora aqui fisicamente, mas o seu labor é espiritual. Deve adquirir a riqueza do conhecimento dentro do armazém do seu ser, e o génio da sabedoria dirigi-lo-á para novas regiões de intuição, onde pode aprender novas lições da sua vida invisível e superior; e assim é pela progressão que a mente se torna tão altamente qualificada para trazer notícias dos que partiram das regiões da imortalidade. A beleza da natureza convida o pensamento aspirante e o espírito parece sobrecarregado por uma maré poderosa de inteligência espiritual.

O princípio anatómico encarna-se no espírito, insufla o seu poder nos incontáveis milhões de formas na natureza; e, como companheiros eternos, a anatomia e a fisiologia fornecem aos elaborativos da forma espiritual movimentos e forças adequados ao justo desempenho do dever que incumbe ao eu exterior e interior. O pensamento germina e expande-se em ser, é vitalizado pelos elementos magnéticos e, representando o germe parental em forma e vida, multiplica-se cem vezes quando trazido em comunhão direta com as realidades da eternidade. As evoluções das estruturas são acompanhadas por funções às quais essas estruturas estão adaptadas.

Pela ação incessante do oceano de materiais não formados e não criados, a lei original de afinidade flui através da grande lei funcional, pelos labirintos imensuráveis da infinitude, até à Fonte Divina de onde todas as coisas originalmente emanaram. A natureza externa espelha estes grandes princípios eternos; e fluem progressivamente para a vida espiritual, como o elemento azul se gera no violeta ou como a bolota se expande no carvalho. A mente trilha os campos floridos de esferas superiores e parece nada quando contempla e olha para as glórias transcendentes da eternidade, onde o maior consome o menor e onde o finito se perde no infinito.

Como o espírito é o supremo concentrado de todos os princípios divinos, sigamos o seu progresso nas esferas superiores. Ao subir de círculo para círculo, não há mudança especial. Nem a forma nem o espírito realizam qualquer mudança particular ou novidade de vida. A mente, no entanto, torna-se mais refinada; mas não há mudança especial na forma. O espírito passa por uma disciplina espiritual até chegar à sua transição para uma esfera superior. Então, parece haver uma reação no corpo; uma mudança semelhante à mudança da forma física original para a forma espiritual. Há uma luta e supor-se-ia que a vida partia novamente; mas é uma eliminação dos elementos e matéria que pertencem à esfera que está a deixar, através dos desenvolvimentos cerebrais, para novas formas ou estruturas espirituais.

Durante a entrada do espírito nessas esferas superiores, toda a forma é iluminada com uma nova e vívida expressão de deleite, e a alma fervilha de pensamentos frescos e nobres; e isto cria novos sentimentos e aspirações; e ainda anseia ir mais alto. Assim, avança, penetrando cada vez mais profundamente na constituição do princípio divino insuflado nas formas e ordens de existência pelo Deus ainda desconhecido para eles. Encontramos a eletricidade como o princípio mais superior e eterno, bem como interno, da natureza. Originalmente veio de outros elementos. Tendo gravitado para o ponto mais alto da perfeição primeva, interpenetrou o vasto universo da matéria e está, hoje, a ser constantemente eliminada de inumeráveis fontes de matéria. À medida que se torna refinada em várias modificações, torna-se também o agente de comunicação de cada átomo de cada criatura e coisa, e expressa plena e belamente as pulsações incessantes da alma através de todas as ramificações da natureza.

A eletricidade não é a causa do movimento, mas o agente; e todas as coisas recebem vida e proteção, de acordo com as suas capacidades respetivas, dos princípios da eletricidade. Durante o meu estado de transição, não notei qualquer mudança particular, quer na forma quer no espírito, até ao meu nascimento numa nova esfera. Então, experimentei movimentos voluntários e involuntários do corpo. Notei que as funções da forma pareciam suspensas; mas tudo isto foi acompanhado sem realização de dor; mas o meu espírito parecia novo, pois cada pensamento fluía mais facilmente e com maior poder. Não era tão fraco e infeliz como na minha casa inferior.

Comecei apenas a experimentar a vida espiritual, pois a minha condição anterior não era muito melhor do que a minha vida na terra, exceto que não podia desobedecer a qualquer lei do meu ser. Laborei apenas internamente. Visitei frequentemente países belos, mas nunca me convenci da minha progressão até ao meu nascimento noutra esfera. Pensei sempre que estava num inferno concebido por Deus para me punir pelos meus pecados terrenos; mas o tempo contou o meu destino e agradeço a Deus por estar onde estou. Não desejo agora voltar à velha forma; mas quero avançar fielmente na minha vida espiritual para alegrias superiores.

E diria àqueles para quem o tempo se move em asas lentas e pesadas, sede pacientes e capturai a inspiração que agora lança um raio de coragem sobre as feições há muito desbotadas da infidelidade. A fé esboçou com uma mão divina as virtudes divinas da mente sobre o templo vivo da natureza humana; e embora o filho fraco da labuta possa ser zombado pelos escárnios e desdéns da terra, o Santo atribui-lhe uma missão alta num mundo superior. Embora o homem sofra crucificação moral e o seu sofrimento possa ser retratado na cruz da opressão, há um poder que iluminará o seu caminho sombrio. O carvalho forte pode cair e os rebentos da afeição serem quebrados; mas do céu surge um elemento nobre, em torno do qual o coração sangrante pode entrelaçar cada fibra quebrada.

Como o riacho murmurante tem um fluxo gentil e no ar orvalhado os seus tons são levados, o homem não deve sentir-se sozinho no mundo frio, pois o céu radiante brilha com alegria e um hino sussurrado da terra encoberta chama a simpatia adormecida do seio de espíritos imortais. Avante, homem, com passo firme, para o verdadeiro templo do teu Deus, onde tudo é tangível e iluminado pela luz do céu; onde a alma é embalada no berço da eternidade e onde a música dos anjos é tão suave como os tons da lira eólica, quando tocada pela brisa gentil do verão ou pelos zéfiros alados do amor divino, que flutuam silenciosamente do céu para a terra. Quem silenciou a voz imortal? Quem enterrou o génio da alma no seio da eternidade? Não poderá o alto e nobre HOGARTH ou REMBRANDT empunhar o lápis e esboçar ao homem o país brilhante da imortalidade, em todos os seus tons variados — nas suas luzes suaves e tranquilas — nas suas cores brilhantes e magníficas! Não poderão eles pintar na tela as imagens da eternidade e expressar a alta e sagrada continuação dos seus génios através das regiões da infinitude? Não poderá MOZART ou DANTE falar em tons de trovão e não poderá a música dos seus espíritos inchar num oceano de melodia celestial, despertando os milhões de almas letárgicas que dormem nas costas místicas do mundo externo para essa música mais orgulhosa que vibra através das esferas do céu?

Não poderão eles ainda trazer os seus tons queridos para vibrar através de cada câmara solitária do coração arruinado, distante e baixo e solene como a voz lamentosa das águas, até que o olho se abra, o lábio pálido assuma o seu tom habitual e o coração se torne leve com a presença de Deus, que apenas a pena de um anjo pode retratar? Sim, HOGARTH pode ainda mostrar o seu génio poderoso, desenhando na alma as belezas de uma eternidade; e

MOZART pode cantar os seus réquiems do céu nos tons maravilhosos de uma voz eterna.

AARON BURR

Palestra n.º 19

Por Edgar C. Dayton

SENHOR ALBRO:

Esta Palestra foi suscitada pelos comentários de uma senhora que, com simpatias fortes e ternas, inquiriu, enquanto os seus amigos da imortalidade se agrupavam à volta da sua esfera de existência material: «Eles amam-me?» E, enquanto a sua alma se enchia de uma meditação triste, mas doce, ela proferiu esta interrogação inspirada. A ela dedico humildemente esta palestra.

E. C. DAYTON

«ELES AMAR-ME-ÃO?»

Porquê esses tons silenciosos?

Porquê essa tristeza na tua fronte?

Há uma tristeza celestial na hora da comunhão celestial, quando o coração se demora calmamente à volta das meditações sagradas da vida e das esperanças, nas mentes profundas e sagradas dos amigos falecidos. Os entes queridos entrelaçam ali florzinhas imperecíveis e chamam do éden do céu as flores mais doces para decorar o atributo alto e sagrado da memória, para que a cadeia brilhante da afeição nunca se quebre quando toda a paz e contentamento da terra possam desvanecer-se. Há horas de contemplação calma e profunda, quando o coração compreende que alguma inteligência doce está perto, para impartir à alma cansada e chorosa os pensamentos extáticos do céu, que transmitem, na sua influência, uma suavidade e quietude de espírito, não diferente da influência do céu sobre a alma imortal. Na bela fronte celestial, que emoções suaves se manifestam — que luzes e sombras se misturam sobre os pensamentos mais íntimos do coração quando os mensageiros alegres da paz e da alegria insuflam uma oração, uma esperança pela união dos corações humanos, a religião profunda e verdadeira de Deus.

Cada lágrima que a vida humana possa forçar a correr será enxugada por mãos bondosas e gentis, e algum espírito amigo do alto expulsará as trevas do espírito humano e tornará o coração tão leve como os coros brilhantes e celestiais. Na alegria ou na dor, a imagem dos entes queridos e adorados que voaram deste mundo de sofrimento ainda se reflete no espelho da alma, do alto domo do céu, e os sorrisos dos anjos derramam a sua doçura sobre o caminho sombrio da terra e fazem a visão alegre compreender a verdade da paz do futuro.

Eles vêm para amar, não para velar a fronte pálida nem empalidecer a face com palidez. Vêm para provar que outros corações estão unidos ao teu; para rir ou sangrar contigo e para partilhar contigo os cuidados e as sombras, os raios de esperança e a inspiração divina vinda do alto.

Eles amam-te? O eco doce e melancólico vem dos reinos distantes da infinitude, onde, em brilho seráfico, os coros da eternidade exalam as suas notas emocionantes de amor, para atrair o espírito arrebatado mais alto. Muito mais doce do que a lira eólica, cai suavemente a música do céu e responde depressa em resposta a ti — em resposta a cada desejo teu. Como notas nas ondas das canções dos anjos, a fonte clara da afeição envia o seu spray prateado para humedecer os cuidados e as dores da vida humana — para te dar as boas-vindas para cima, para empregos mais doces, onde, longe, longe das obras que conflituam com a natureza na costa escura do erro, possas cantar as canções de amor com os bem-aventurados e puros no alto.

Nas asas rápidas do amor, eles voam de volta à sua terra natal, onde ainda brilham à volta da lareira familiar os raios da afeição pura — onde os entes queridos se agrupam à volta das cenas do lar, com as almas cheias de um amor sagrado pelos amigos na eternidade, e onde o poderoso íman do lar da terra atrai os amigos da terra para o seu doce repouso e atrai os altos e puros da imortalidade para se juntarem às canções e alegrias do lar da sua natividade. A luz misteriosa da alma, invisível em si mesma, derrama sobre o rosto a expressão divina e a inspiração infinita demora-se nos recessos silenciosos e sagrados da alma.

Cada pensamento quente é expressivamente delineado no rosto brilhante, e aqueles que usam um sorriso na hora mais escura de angústia amarga ou no prazer de uma alegria momentânea são dignos de um lugar angélico nos reinos do mundo infinitamente belo para o qual todos se aproximam silenciosa mas visivelmente. Eles amam-te? Os peregrinos do amor, cujo caminho brilhante é o tempo, cujo lar é a eternidade e cuja esperança é a verdade da vida espiritual, respirando música que poderia roubar das simpatias humanas a parte espiritual, vêm para te amar, e os anjos brilhantes do lar da eternidade tecem cada fibra da amizade espiritual e unem-nas pelos selos do céu — Sabedoria, Amor e Caridade. Então, porquê essas lágrimas que caem? Duvidas se eles te amam ou não? Vai tu, cujo espírito está interiormente carregado de tristeza, e contempla as cenas da meia-noite do céu, onde a estrela revela uma sabedoria maravilhosa e onde a lua brilhante e sagrada reflete os seus raios no riacho cristalino, onde espelha a sua própria glória inteligente na criação da natureza, e pergunta se eles te amam; e a sabedoria intuitiva responderá do teu próprio ser espiritual, em tons de rica melodia, cujas notas estão carregadas do génio poético vivo do céu e da terra e das profundas tensões filosóficas de um génio ainda mais elevado e puro.

Vai onde a luz do sol do dia delineia o seu poder maravilhoso sobre cada coisa viva, cujos raios brilhantes de luz falam de mil princípios e elementos ainda enterrados no mistério da penetração da perceção humana, e pergunta se os

anjos te amam; e sussurros suaves cairão sobre o teu espírito, cujo efeito é muito mais poderoso do que os tons do trovão poderoso ou o clarão elétrico do relâmpago. Preencherão a tua alma com uma sublimidade terrível, que te fará temer e evitar os pontos escuros da vida humana onde o teu espírito pode estar preso em células de ignorância humana.

Os orvalhos da escuridão e as névoas da ignorância ainda circundam o homem; mas, nos seus pensamentos da terra, ele apreende algumas das belezas do céu e rende-se aos sentimentos inspirados da sua natureza e à influência suave e viva que vem das respirações silenciosas de seres muito superiores. Porquê suspirar sobre o passado sombrio? Embora coloques o caixão sob a relva fragrante, a joia foi para o céu, onde, no mundo de luz e amor, adiciona outro diadema à coroa da imortalidade. Porquê essas lágrimas que caem, quando a inspiração atrai o teu espírito para os amigos de vestes brancas da eternidade, onde, em calma tranquilidade, eles existem, onde cada movimento é um pensamento e cada pensamento é um céu em si mesmo? Apanham as lágrimas enquanto ainda caem; e pelos trabalhos da caridade e da ternura, transformam-nas em diamantes para colocar na tua fronte.

E cada pensamento que brilha dentro reflete o seu brilho nos diamantes sorridentes da ternura e da sabedoria, e formas brilhantes de beleza seráfica vêm e vão perante a visão humana como meteoros no céu. Entesouram o sorriso humano e levam-no para o céu, onde é tornado ainda mais brilhante pela influência sagrada de Deus e pelo qual a alma se torna desdobrada, o sorriso aumenta e a terra usa um tom mais rico. Há uma magia em cada lágrima, um volume de ternura em cada gota cristalina: e deverão espíritos bondosos chorar pelo homem?

Embora o caule morra e a folha pereça também, a vida de cada um ainda existirá, não para adornar os campos da terra, mas para habitar em beleza celestial, no paraíso de Deus. Deixa que um pensamento apenas derrame alegria à volta da alma que parte, onde os ares frescos das fontes caem docemente, perfumados pelas flores fragrantes da terra espiritual, e onde o adeus terno na costa do mundo rude se desvanece nos reinos invisíveis da imortalidade, como o eco que se desvanece da lira eólica. Deixa que esse pensamento seja a esperança do céu, onde, em doce comunhão, a alma é despertada para a primeira influência pura da sabedoria. Animado por esta esperança, procura o dom da felicidade, pois é encontrado na terra ou no céu e dirigirá o espírito errante para céus imortais.

Dizer a última palavra quando todos os outros sons de amor se desvanecem é duro de suportar; mas como a luz da lua solitária repousa sobre o seio da terra, assim o espírito que proferiu a palavra de despedida repousa nas cenas crepusculares do céu, avançando para a luz mais brilhante que o espera nas condições superiores da vida espiritual. Os dons rosados da saúde podem ser arrebatados, pela mão da doença, da face; mas à medida que a saúde humana se desvanece, o espírito está mais perto do seu céu e pela mudança está a ser transportado para o lar celestial que ansiava encontrar. E quando, por fim,

tiveres fugido das costas místicas do mundo visível, os querubins dos reinos celestiais apertar-te-ão ao seio, em todo o amor que caracteriza os imortais.

Os anjos não tocam descuidadamente as cordas melancólicas do coração; mas há uma fonte de lágrimas na alma que fluirá através dos canais da simpatia para o seu lar visível, como manifestação de sentimentos interiores, e nós gostaríamos de agitar mais frequentemente esta fonte de lágrimas, para que elas saiam mais facilmente ao chamamento da misericórdia e da miséria. Através do firmamento calmo e belo, o poder rápido e maravilhoso de Deus é exibido de forma refinada, brilhando com as luzes e sombras da natureza; e o homem busca a sua influência mais bela como num estado profundo e semelhante a transe, ao ver as cenas sublimes e belas dadas a ele pela mão do Artista divino.

E porquê o pensamento ama demorar-se à volta de tais cenas como esta? Porque sente que esta vida não é tudo, mas que há, oculto do olho mortal, uma vida triunfante ainda a ser revelada pelo mesmo poder divino e infinito. As cavernas da ignorância ecoam cada tom de miséria e dor, mas deixa que o homem se desfaça do disfarce da sua alma e encontre a imortalidade dentro de si mesmo, e as horas temíveis de tristeza serão aliviadas pela beleza intelectual que irrompe das estrelas de sabedoria do céu, e ele encontra algum amigo no mundo há muito oculto da progressão eterna, que está pronto para dar consolo e consolação a cada luto sentido no coração.

O chamamento inspirador deve vir para chamar cada espírito para as cenas refinadas e exaltadas da infinitude. Alguns anjos puros redentores são enviados para libertar o vosso mundo acorrentado de cada erro e trazer de volta as glórias primordiais da alma humana. E enquanto a paz e o amor dissolvem a cadeia da escravidão interior, a sabedoria fluirá sobre o espírito como a corrente fluente da água, lavando cada opinião de infidelidade há muito acalentada. E o homem sentirá o seu espírito erguer-se inflamado dentro dele, onde as verdades vivas da natureza, as pegadas do dever e as respirações divinas dos anjos serão percetivelmente vistas e sentidas. Os destroços brilhantes do egoísmo serão enterrados no esquecimento e as esperanças do céu serão iluminadas pela influência mais serena; e como a planta, outrora florescendo em beleza e frescura, cai murcha quando o simum passa, assim as flores acima eclipsarão todas. Cada respiração elevada da flor inocente é um dom de verdade que o céu estima; e à medida que a liberdade se torna desdobrada nos corações humanos, será deles serem refrescados por esta influência pura.

As gotas da vida humana, o que são elas no abismo sem limites da eternidade; o que são elas nos reinos ilimitados da infinitude; e o que são elas entre os orbes em movimento da imensidão? Nada! São como as ondas do pequeno riacho enquanto se movem e expandem para os corpos maiores de água. Movem-se e expandem-se para algum objeto maior de imensidão, nunca perdendo a sua identidade, mesmo no céu. Como o oceano se espalha sobre rochas de coral e campos de âmbar, grávido do poder silencioso de Deus,

assim os espíritos, ocultos da terra, espalharão as suas obras sobre a alma, chamando cada um ao seu dever para consigo mesmo e para Aquele que moldou o universo.

Eles amam-te? À medida que a morte parece pairar sobre o espírito, há um raio de êxtase no olho — um raio de glória intensa na alma, que inspira o coração humano com um pensamento espiritual da presença de anjos no lar da mudança. Junto ao túmulo solitário e místico, muitas orações foram oferecidas ao Pai divino por esperança e consolação, enquanto, no túmulo ao lado, jaz o naufrágio de uma forma amada que morreu sem lágrimas e sem cuidados, e cuja beleza nativa foi enterrada sob uma vida de miséria e dor. Por qual deverão fluir as lágrimas — pelo amigo que foi verdadeiro e bom ou pelo estranho que foi solitário e miserável? Qual espírito pede mais por piedade e lágrimas?

Deixa que a natureza humana responda e trará a doçura das lágrimas para cair sobre a memória do espírito estranho. Podeis dizer adeus aos bons espíritos; mas não em vão eles vão de vós, pois no túmulo a alma não repousa; pois muitas vezes, quando as sombras do dia se fecham, a mesma voz doce é ouvida falar do lar acima. E ali respira uma linguagem conhecida e sentida, do lar dos anjos, onde o espírito suave e terno derrama os seus riachos da meia-noite sobre o coração repousante da terra. As marés da paixão humana sobem e descem, mas a música dos serafins da eternidade, em coro celestial, é irresistível; e quando uma nota de amor insuflada por lábios de anjo cai sobre a alma mortal, desperta os sonos da escravidão interior para os sons da liberdade legítima. Então, que canções de tristeza serão vossas quando longe da terra? Nenhuma — pois as vossas perceções serão melhoradas e expandidas.

Enquanto o meu espírito deslizava para a terra espiritual, de repente ouvi vozes de tons doces e musicais que me despertaram para a consciência, e parecia estar perante as alturas estupendas do universo e, à minha volta, havia mundos inumeráveis. A sua beleza sublime excedia toda a linguagem; a sua imensurabilidade toda a computação matemática conhecida. A infinitude parecia coroada de mundos e a velocidade do elemento elétrico era inconcebível e movia-se através dos reinos do espaço infinito de forma sublime e bela. Vi mundos e sistemas de mundos rolando no mar da imensidão e moviam-se harmoniosamente e silenciosamente à volta do centro Parental invisível e divino. Vi que os pensamentos e entendimentos da alma eram sustentados pelos elementos imponderáveis do mundo seguinte, onde todas as atrações e repulsões operam através do vasto império do destino humano.

Percebi que os amigos que, pelas leis fixas de Deus, haviam passado antes, ainda me amavam. E não pergunteis se eles ainda vos amam; pois, hora após hora, os amigos da eternidade derramam a influência das suas instruções à vossa volta. A mãe vem e inclina-se ternamente sobre o seu filho, enquanto nunca esquece o seu amor ou atração ao longo de uma vida eterna. Descobri que não éramos punidos na infinitude por transgressões finitas; mas se alguém

violar as leis da gravitação, locomoção e outros elementos do nosso ser, devemos sofrer as consequências naturais da transgressão. O mecanismo da alma é construído sobre leis universais de harmonia ou ordem, sobre o princípio musical, cuja tendência constitucional é progredir para a harmonia e a ordem.

Estas são afinidades inatas que atraem alma para alma; uma atração reza por outra; e esta atração proporcional expande-se para um amor universal e a alma é movida e tornada perfeita pelo grande Íman da bondade suprema. Há uma cadeia de atração que se estende do átomo mais minúsculo à Divindade; e os anseios e sentimentos do coração humano serão respondidos por um espírito atraído interiormente para esse coração. Deus é suficientemente minucioso e imediato na sua presença para comunicar vida e beleza a cada coisa ao longo das inumeráveis rarificações da criação infinita.

Deus é o íman concentrado e o caminho do homem é para diante e para cima até à Atração suprema. Assim, à medida que o homem vive e passa, vive novamente onde as demandas da alma são satisfeitas pelos entendimentos e compreensões que vivem e se movem nos recessos profundos da alma. Ali a alma vive; e, se ama, ama onde é atraída para amar. O amor ou atração é um atributo espontâneo da constituição divina e forma-se em elos de amizade, estendendo-se da mente à matéria, da matéria à criação e da criação às regiões da imensidão.

Sim, eles ainda te amam. Os serafins brilhantes que agitam as suas vestes brilhantes nos zéfiros da eternidade vêm para amar e instruir, para que cada pang de tristeza fuja para sempre do mundo rudimentar. Então, o amor expande-se em afeição universal; e os desenvolvimentos presentes da exterioridade mudarão para sabedoria espiritual, onde manifestações infinitas da conexão filosófica entre as esferas da alma serão tangivelmente produzidas. Então, cessa essas lágrimas que caem. Olha para o céu em busca de amor verdadeiro e perfeito; pois, à medida que o tempo se desgasta, a verdade é desdobrada e tu, na terra ou na eternidade, encontrarás sempre os princípios da simpatia a jorrar das fontes vivas da vida celestial, revelando a magnificência do mecanismo da alma e as suas capacidades retidas de atração.

E. C. DAYTON.

Palestra n.º 9
Por Edgar C. Dayton

AS PROPRIEDADES DA LUZ E O SEU EFEITO

SOBRE MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Este tema tem tido várias definições, mas ainda não foi devidamente definido, de acordo com o meu conhecimento do efeito da luz sobre manifestações

físicas. A eletricidade é uma propriedade importante e essencial da luz. Esta propriedade varia no seu refinamento. Quando se produzem manifestações físicas, são feitas através da agência ou meio da eletricidade que procede das organizações espirituais que constituem as nossas baterias. As mentes que constituem estas baterias são dirigidas para o objeto a ser operado; e as forças elétricas de cada organização emitem raios de luz, e estes raios elétricos de luz convergem e são trazidos para um foco sobre o objeto a ser operado.

Há, neste círculo, sete baterias diferentes, constituídas de espíritos da primeira à quinta esfera. Necessariamente, há uma variedade de forças elétricas, desde as não refinadas às refinadas; daí que estas, ao serem trazidas para uma conexão direta e imediata umas com as outras, produzem concussões, e o poder destas concussões é tão grande que atingem o objeto de operação com tal força que ele é movido ou afetado de alguma maneira. Agora, todas as luzes, sejam espirituais ou outras, contêm diferentes propriedades de eletricidade refinada ou não refinada.

Daí que, para ter uma luz, seja uma luz produzida pela natureza ou uma luz artificial, ela atua sobre as nossas forças elétricas combinadas como um absorvente. A luz artificial contém propriedades correspondentes de eletricidade com as forças elétricas. Daí que, pela lei da gravitação, atrai as propriedades atrativas de eletricidade, que as nossas forças contêm, afastando o objeto a ser operado, e necessariamente os raios elétricos de luz com que operamos divergem, cada luz artificial ou natural tendo atraído a sua propriedade correspondente de eletricidade das nossas forças.

A ação excessiva da luz absorvente sobre as combinações elétricas espirituais é tão grande que elas gradualmente se tornam mais fracas e mais fracas, e o princípio vital das demonstrações físicas retorna aos elementos e combinações mais simples do organismo que constituem as nossas baterias.

A natureza emprega compostos que admitem maiores mudanças e proporções mais variadas de ingredientes, e produzem uma maior diversidade de combinações em forças elétricas do que uma luz artificial tem o poder de realizar. À medida que as correntes vitais de eletricidade, emanando de cada organismo espiritual, se aproximam do seu objeto, as propriedades da matéria contidas no objeto sentem a sua força atrativa e, consequentemente, se a sala estiver escura e fria, o objeto pode ser operado poderosamente, porque não há absorventes na sala.

Assim é com as organizações físicas. Se houver mais sistemas positivos do que negativos, atraem as suas propriedades correspondentes de eletricidade; em consequência do que as nossas baterias positivas são enfraquecidas e, a menos que tornemos esta bateria mais forte, adicionando-lhe outras organizações espirituais positivas, falhamos em produzir as manifestações desejadas. Se houver mais negativos do que positivos presentes, absorve os elementos de magnetismo e eletricidade nas construções negativas. Portanto, a menos que reponhamos a nossa bateria negativa, falhamos novamente em manifestar.

O carbono é outra propriedade da luz; e quando há demasiados corpos numa sala fechada, eliminam constantemente carbono dos seus sistemas, e a equalização de influências com que operamos torna-se destruída; o princípio do carbono sendo de maior força do que o princípio da eletricidade.

Então, novamente, se houver indivíduos na sala cujas faculdades estejam lânguidas e se as ações dos princípios e elementos dos seus sistemas tiverem exaurido os poderes vitais dos seus corpos, e se houver princípios espirituais correspondentes em atração com os princípios dos seus corpos, então aplicam a deficiência e animam as funções e órgãos inativos com o seu poder e vida naturais, atraindo as forças correspondentes da nossa bateria para as suas próprias naturezas.

Daí que deveis ver que as manifestações físicas dependem da condição da construção humana e da temperatura da atmosfera; pois o calor é também um absorvente e opera sobre as nossas forças como tal, ao atrair constantemente os raios elétricos do objeto para o qual são dirigidos. E enquanto temos tais propriedades conectadas com o calor, outras propriedades estão em conexão com a luz, e cada organismo humano tem as suas propriedades atrativas. Daí que o equilíbrio dos princípios, elementos e forças, que usamos para manifestar, seja destruído por uma influência antagónica.

Portanto, deveis estar cientes da grande quantidade de trabalho e cálculo que requer dos espíritos para estabelecer uma influência direta sobre o objeto a ser operado, para obter uma equalização da temperatura e para produzir uma condição equalizada dos princípios positivo e negativo da eletricidade com que operamos. Deveis refletir sobre esta palestra sistematicamente e vereis que estas relações da luz e do calor com as nossas influências são distintas, idênticas e inseparáveis. Para ter uma fé verdadeira e confiança nas produções espirituais, a mente deve interrogar as suas próprias profundezas e observar os trabalhos misteriosos das suas próprias propriedades e princípios. Os sentidos sozinhos não podem reconhecer as formas, processos e organizações da natureza no mundo exterior de causa e efeito; mas a mente pode, através da agência dos sentidos, contemplar as indicações multifacetadas do princípio divino, manifestado em todas as coisas.

Limitei-me particularmente aos efeitos da luz, do calor, etc., sobre manifestações físicas: mas falarei daqui em diante de forma mais definitiva sobre as propriedades da luz. Ouvir-me-eis novamente na próxima semana.

Às pressas,

EDGAR C. DAYTON

Palestra n.º 19
Por Edgar C. Dayton

E qual será a minha oferta ao mensageiro alegre da verdade universal? A minha alma não tem uma palavra de ânimo e encorajamento para os espíritos altamente morais e intelectuais que labutam para espalhar as boas novas da

imortalidade e que proclamam a uma humanidade geral que o homem vive novamente? À medida que a fonte do meu ser continua a fluir em entendimento perpétuo, oferecerei uma breve mensagem àqueles que pedem as inspirações e aspirações imensuráveis dos anjos.

A mente tornou-se cansada e confusa ao vaguear nos labirintos escuros do passado incerto; e o mistério velou por tempo suficiente as suas perceções até que elas se perderam nos ermos incultos da infidelidade; e o homem deve agora retrilhar fatigadamente os seus passos até ao presente, para buscar a verdadeira solução de maravilhas e fenómenos para ele inexplicáveis. E como será ele capaz de sondar as profundezas da criação divina? Pelo auxílio de mentes que impressionam supremamente sobre a alma desdobrada a perfeição indizível e o governo inabalável dos destinos últimos de todas as coisas na existência animada.

Se o homem tiver sede fisicamente, que vá às fontes medicinais da natureza física e receba as gotas dadoras de saúde que escorrem do lado da montanha do conhecimento infinito, e a sua constituição receberá a substância vital que a doença exauriu do seu ser exterior. Se tiver sede interiormente e espiritualmente, que vá à fonte inexaurível e estupenda da bondade divina, e as águas da divindade cairão, gota a gota, sobre a sua natureza sedenta de alma, até que as mil fontes do seu ser comecem a jorrar e enviar o seu spray prateado para humedecer os corações endurecidos que rodeiam e enchem o mundo exterior.

As agulhas corroídas do íman central do seu ser começarão a brilhar, e o universo interior começará a revolver à volta do grande centro, até constituir um ponto brilhante nos vastos reinos da infinitude. Os sentimentos e emoções da sua alma serão como raios de luz refletidos, divergindo e convergindo, de acordo com o grau de conhecimento que absorve do mundo profundo do presente. Cada faculdade do seu ser será como os orbes da imensidão, variando na sua magnitude, mas brilhando e enviando uma luz brilhante quando a lua do ser físico revolve para a noite da mudança; e iluminarão a treva do coração e ainda se moverão à volta do centro divino, misturando-se para sempre e sempre com as esferas superiores de princípios eterealizados.

O todo estupendo da natureza ainda envia os seus mil poderes para cada um dos seus departamentos, e as artérias do ser estão cheias dos elementos vitalizantes e celestializados, cujos volumes poderosos descem do vórtice da criação infinita para dar nova vida às existências animadas.

A gravitação espiritual está a atrair átomos juntos e a trazer a ciência para se misturar com a inteligência e a religião com a filosofia, até que a mente não se refira às páginas encanecidas da história antiquada, cujas expressões de pensamento estão quase bolorentas pelo tempo; mas sondará cada vez mais profundamente no mundo de causa e efeito, onde as impressões refletidas da alma do homem são irresistivelmente atraídas para a atração suprema.

Uma única individualidade é apenas um reflexo da constituição divina; mas como os átomos constituem a imensidão, assim cada reflexo forma uma parte no vasto volume da inteligência. O homem é apenas um ponto no oceano do mundo ilimitado; mas como as gotas formam as águas poderosas, assim ele ajuda a constituir o mundo do ser. O espírito, quando o fio da vida externa é quebrado, pode voar longe, longe para os reinos suntuosos da infinitude orbeada — o mundo espiritual, onde habitam o mundo das almas, há muito idas antes.

Os sentidos estão adaptados ao mundo objetivo; são os meios através dos quais a alma inspirada comunica com a natureza. Estende a tua visão espiritual e abarca o campo da sabedoria diante de ti, onde florescem as flores vivas da existência externa. Não contemples o caos de eventos passados, mas estuda profundamente as causas dos efeitos que fisicamente contemplas, e a luz e o conhecimento brilharão do ponto central da tua própria natureza individualizada, e aprenderás que a tua alma é um mundo em si mesma, constituída de várias esferas de refinamento. Deus atua-se a si mesmo nas formas mais exteriores e aparentemente insignificantes da matéria; e assim, nas suas demonstrações externas, torna-se natureza. Substantializa tudo para a realização universal de todas as formas e substâncias.

O espírito habita em conexão com a matéria. Os elementos inerentes da matéria desenvolvem a forma exterior dos objetos, por leis inerentes de movimento e formação, e como isto parece uma realidade fixa, o espírito deve atuar sobre a matéria anatomicamente, magneticamente e espiritualmente. A ciência reduz esses movimentos metódicos, mas diversificados, manifestados na vida animada e visível, a um sistema de ação, e a filosofia desdobra a causa dos efeitos visíveis demonstrados nesses sistemas. Todas as coisas são instituídas para algum propósito — para algum fim ou resultado definido, e os seus usos variam em magnitude, de acordo com o espírito inerente no objeto.

Rodeado por um número inconcebível de formas e constituições na natureza, cada uma ocupando uma posição específica e desenvolvimental na natureza, o homem concebe um poder, uma causa além do alcance da sua mais alta compreensão e praticabilidade; no entanto, muitos há que ensinam a mente inferior acerca de Deus; e como e porquê supõem que há um Deus? Porque o sistema de religião praticado por homens do passado oriental está dobrado nas folhas de um livro? Ou é porque a natureza, nas suas declarações, proclama um grande Originador? É porque os materiais inexauríveis e ricos da natureza rolam em ondas ilimitadas de e para a Fonte central, intercambiando e misturando-se com as forças positivas e negativas e a vontade de um Deus incompreensível?

Mas como o objeto origina do germe, deixa que o homem interrogue por si mesmo, e pode ter uma ideia adequada da natureza e constituição do mundo invisível e da Atração central. E como reuni os meus pensamentos de impressões recebidas por coisas espirituais, assim os dou a vós como facto presente, mas que podem não ser factos para mim no dia que vem. Saúdo a

abordagem do Pássaro do Paraíso na terra, pois sob as suas asas dobradas traz as verdades da terra espiritual à natureza sedenta.

Como um ano te numerou com as coisas vivas da terra, saudamos-te na tua vinda agora. Como a beleza cravejada de estrelas da idade presente, cujos diamantes reluzentes de paz e caridade enviam os seus reflexos eternos sobre os factos concentrados da existência e trazem, do mundo invisível, as gotas de sabedoria celestial, que caem e descem de cima, como orvalho das nuvens, saudamos a tua segunda vinda!

EDGAR C. DAYTON

Palestra pelo Espírito de Nell F.

SENHORITA BROOKS, MÉDIUM.

[Este Espírito, quando na carne, era uma amiga íntima da médium.]

O MEU LAR ESPIRITUAL

O espírito humano está a trilhar o seu caminho para o lar da eternidade, onde é arco-íris e vestido com o brilho resplandecente da sua natureza supercelestial. Gentil como a pomba ingénua, envia um acolhimento a cada pensamento recém-nascido. As fontes da sabedoria celestial estão constantemente a brotar e a fluir sobre todos os seus subordinados na criação. O pensamento expande-se até à sua tensão máxima e sonda profundamente os interiores de todas as construções, mostrando a sua própria pureza e proferindo a sua própria linguagem celestial, de acordo com a vontade Divina.

O brilho e a beleza da Terra Espiritual estão cheios de movimento e sensação; e os movimentos enérgicos da alma estão a conduzi-la para as sabedorias superiores de um todo harmonioso. As afeições e inteligências são expressas de acordo com o desenvolvimento do espírito. Uma quietude sagrada pervade o mundo espiritual. Música harmoniosa flutua ao longo das camadas da atmosfera e é levada para as avenidas brilhantes da alma, como o aroma da flor cai sobre os sentidos externos. Há uma beleza transparente que acelera a alma para atividades sobrenaturais, desdobrando novos sentimentos nos departamentos interiores do espírito celestial, que só o lar espiritual pode apreciar. Cada recanto do lar espiritual é penetrado pelas vibrações e ecos silenciosos da harmonia celestial. Cada pensamento que jaz oculto na alma é acelerado e vivificado pelo princípio musical do céu, que envia as suas melodias harmoniosas de cada corda infinita da criação. Há uma precisão em cada flor e folha do lar espiritual; e mesmo cada partícula de matéria tem um desenvolvimento esférico peculiar, pelo qual é conhecida e designada.

Os riachos, florestas, ravinas e flores do mundo externo são apenas os reflexos das criações luxuriantes e imensas do lar espiritual. Há uma auréola de pureza que rodeia os espíritos do céu; e há um fogo elétrico que instantaneamente salta de uma mente para outra; e a alma percebe, pelos seus poderes intuitivos

imortais, as afeições e desejos inerentes do número incontável de almas que habitam na mesma esfera de beleza e atração inexprimível. Há um aroma ou fragrância divino que surge dos belos departamentos florais do mundo imortal, que alegra cada espírito no céu. As fontes de águas vivas parecem brincar e divertir-se com a atmosfera brilhante, como se cada gota estivesse em simpatia mútua e inefável com cada beleza animada da Mente Infinita.

A alma nunca pode apreciar as glórias espirituais ilimitadas que existem em brilho expansivo através de todos os elementos da Mente Positiva. Todas as coisas no paraíso de Deus têm exalações em indicação exata da pureza das suas intenções; e têm uma emanação esférica que conta a beleza do interior. A verdade é o fundamento do universo da inteligência, cujas emanações aspirantes se perdem nas profundezas da imensidão. As variações ondulantes de melodia que enchem a terra espiritual transcendem todas as conceções do grandioso e belo, enquanto cada tensão emocionante é tão penetrante como as vibrações elétricas da criação; no entanto, tão gentil como o ar da montanha.

A alma na imortalidade não faz da fala o meio de comunicar o pensamento; mas pela ação é conhecida e reconhecida cada qualidade inata. Um silêncio expressivo exala de cada perfeição concebível das flores, rios e montanhas que repousam no mundo espiritual; e a sublimação de todas as coisas acima move-se nas suas desdobramentos uniformes, enquanto o espírito parece perdido nos alcovas brilhantes da imensidão, ao contemplar as glorificações da sua própria esfera. As vastas planícies que abarcam a extensão do céu são tão ondulantes como as ondas do oceano e emitem radiações mais brilhantes do que o sol da manhã. Há, nos édens da pureza celestial, criações diversificadas, e há serafins proclamando verdades imortais nos campos do paraíso e no santuário de Deus.

A alma percebe pelos seus poderes expandidos; e assim todas as glórias efusivas e belezas brilhantes do lar espiritual são reconhecidas pela alma pela perceção ou visão intuitiva. É encantador contemplar um grupo de seres celestiais brilhando na efusividade mais doce, das cujas mentes brilhantes irradiam dez mil radiações de inteligência suprema, enquanto se movem entre as glorificações naturais e espirituais do céu, ao passo que a atmosfera que rodeia cada constituição espiritual parece cheia das suas canções de agradecimento ao Grande e Vivo Deus; e recebem em troca os sorrisos e aprovações de Deus.

Todo o pensamento é apenas um átomo quando comparado com a imensa e incessante sabedoria que está constantemente a descer dos departamentos mais altos da Mente Suprema. No entanto, cada coisa é um pensamento vivo, e cada pensamento, sentimento ou elemento é um representante infinito da Sabedoria Supernal. As árvores, rios, montanhas, vales e (…) são capítulos principais no volume ilimitado da criação, e muitos grupos felizes de espíritos harmonizantes afastam-se silenciosamente e sentam-se à margem de algum rio solitário, cuja própria eloquência parece brincar com as brisas do céu; e

abrem as suas almas mais íntimas uns aos outros, cada um avançando a sua ideia da criação e origem das águas vivas que fluem em beleza perfeita perante o seu olhar intuitivo, misturando os seus murmúrios mais doces com outras glórias de Deus.

Assim, cada alma é como um tesouro, cujos conteúdos são depósitos uns para os outros, que extraem das suas profundezas belas verdades que conduzem a alma ainda insatisfeita para diante, para diante, para as habitações superiores da alma supercelestial. Há uma grandiosidade e uma beleza no universo superspiritual, que são concebidas para a gratificação dos desejos sedentos da alma altamente elevada e que são as atrações centrais dos anjos não desenvolvidos; enquanto o amor é o elemento animador e dador de vida de cada alma imortalizada.

Como a borboleta lança fora a forma rudimentar ou organização e voa para a flor ensolarada e compreende uma nova existência; como a gota de água que repousa na flor é tornada invisível pelas radiações absorventes do sol e sobe para se associar com o seu vapor afim na atmosfera; como a flor se desdobra do interior pelas leis da sua própria natureza e se variegada e torna-se um representante vivo de vida e beleza, enquanto a sua fragrância ascende e pervade as várias formas da criação; assim é com a alma. A forma morre ou muda o seu modo de existência no mundo exterior, e o espírito ascende para formas superiores de existência adaptadas às suas necessidades interiores. Uma faculdade após outra parte do corpo e a sua energia e brilho declinam exteriormente, enquanto as suas sensações são atraídas e absorvidas pelo espírito ascendente e torna-se residente do lar espiritual.

E há na sua natureza afeições continuamente aspirantes que surgem do intelecto imortal infantil para sabedorias superiores e mais altas. Misturam os seus pensamentos uns nos outros dando ao rosto a expressão viva de cada pensamento divino. E cada coisa relativa à morte ou mudança é supremamente bela; pois ainda existem essas emoções contínuas de amor e sabedoria que caracterizam cada mente individual, exibindo um brilho de iluminação inconcebível. Cada coisa na criação é uma expressão de ação divina; e há beleza no exterior de cada coisa criada, em si mesma uma expressão aberta refletida de amor e sabedoria divinos. Como as essências da flor permeiam e perpetuam a espécie da planta, assim as sociedades superiores do lar espiritual impregnam as inferiores e assim todas avançam para esferas mais sagradas de elevação espiritual. Todas as folhas de todas as plantas são como vozes proclamando a beleza da perfeição interior, que também gera unidade e afinidade. O todo harmonioso do céu é permeado por um aroma incessante que é levado das avenidas florais do céu pelas ondas da atmosfera para esferas superiores e inferiores, e é inalado pela alma imortal como o sopro do amor e exalado como os pensamentos do conhecimento infinito. Como a beleza de uma flor é transmitida a outra, assim cada beleza da alma é imersa umas nas outras e assim trazidas juntas numa existência atual, e são instruídas nos mesmos caminhos de bondade e sabedoria.

As posses espirituais, sejam altas ou baixas, desenvolvidas ou não desenvolvidas, são encantadoras, pois a alma pode contemplar milhões de belezas que nunca antes deleitaram a sua visão, enquanto o seu ser afetivo é trazido para ação divina e expande-se e ondula através de cada uma das suas esferas progressivas, até que as ondas quase se perdem nas radiações e aromas da Terra Espiritual. E como o oceano rola gentilmente contra a costa, assim a afeição da alma flui para diante e desdobra-se a si mesma, até se fundir na sabedoria e tornar-se inconcebivelmente gloriosa. Há, enchendo o céu, árvores, flores, florestas, matos, planícies, vales, ravinas, rios e montanhas, e estendem-se até onde a visão intuitiva arrebatada pode alcançar; e o todo apresenta uma representação encantadora de vida e sabedoria, beleza e glória.

Que beleza possuiria o céu se a natureza não formasse as suas criações mais gloriosas? A alma deve ter algo tangível, algo substancial, sobre o qual basear a indestrutibilidade da sua natureza espiritual e, em vez de o céu ser uma massa de nada eterealizado ou uma massa de nuvens, com os anjos a moverem-se pelo poder de asas, como tantos pássaros do ar, não é diferente do mundo externo, exceto que as suas glorificações e belezas naturais espirituais são as essências de todas as coisas que pertencem ao mundo rudimentar. Porquê as flores passam pelo mesmo processo transitório que a alma passa ao passar da terra para o céu, se as suas partes espirituais ou qualidades, pelas mesmas leis de Deus, não são levadas para uma habitação eterna futura?

É um facto imutável e a ideia, ou ideia mal concebida, do céu pelo homem está a desvanecer-se da tela da inteligência intelectual, enquanto a verdade e a ciência demonstram à mente os factos de uma eternidade para todas as coisas existentes animadas. Todos os espíritos acima estão unidos em unidade pela qualidade da constituição espiritual; e os seus apegos são determinados pela pureza e refinamento da alma. As suas afeições assimilam-se e todos os apegos afetivos são modificados e refinados pela sabedoria. Assim, os movimentos que ocorrem na criação vital, impercetíveis à mente, são compreendidos apenas pela Poderosa Mente Divina. Há um refluxo igual de sabedoria e amor em cada esfera; transições incessantes ocorrem de uma esfera para outra; e o espírito ascende e torna-se iluminado por princípios demonstrativos do céu e de Deus. A alma compreende que a dor é um índice de prazer e que é negativa ao prazer. O amor é um índice de sabedoria, enquanto a sabedoria, o amor, a inteligência e a glória imortal são índices de uma primeira causa ou princípio inicial algures no universalismo da criação. Os espíritos acima não são compelidos a atuar por força espiritual, mas possuem e manifestam submissão voluntária aos ensinamentos da natureza circundante.

As esferas da eternidade são delicadamente belas ao longo dos seus departamentos variados e são de magnitude incompreensível. Todas as perfeições que se têm desdobrado uniformemente através das etapas de uma progressão eterna estão a tornar-se os últimos de toda a beleza e encanto supercelestial. A esfera apresenta uma base indestrutível de esperança e fé,

enquanto cada objeto ensina harmonia e reciprocidade universal por uma atração infalível de átomo correspondente a átomo e essência a essência. Não há nada imperfeito na construção das criações eternas.

Não há confusão ou desunião no céu; pois a beleza floresce com uma fragrância imortal, enquanto ao longo das profundezas do universo sobrenatural lança uma sombra refrescante sobre cada mente e cada esfera. Tudo é belo desde o embrião da criação até à inteligência mais alta da alma. Não há morte aqui; nada se perde. Cada aroma da terra compreende o seu semelhante no céu; pois de si mesmo é a vida espiritualizada da flor. Natureza, homem e céu estão indissoluvelmente conectados. São como um corpo, cuja alma é um princípio vivo de Deus, encarnado numa forma física para constituir individualidades separadas e definidas nos três, mas em unidade para fazer um. Então, que o coração humano salte de alegria.

Que salte levemente sobre as cenas do seu destino humano, enquanto as emanações fragrantes da verdade encherão cada avenida com influxos e efluxos de amor e sabedoria. Se fores pisado e não apreciado, miserável e repelido, não desanimes, mas prepara-te para o céu; e enquanto a terra for o teu lar, vive para ser feliz e fazer o bem. Não penses que a terra é o teu lar eterno, embora a tua alma tenha sido embalada por longo tempo na forma física; mas ergue-te para as glorificações superiores do teu próprio ser e abarca infinitamente, com a tua visão intuitiva, as cenas e paisagens da natureza externa; e encontrarás a tua alma como ator no palco do ser natural. Então, representa o teu papel nos dramas da vida humana e, no céu, uma tranquilidade de alma, uma fragrância de beleza transcendente e uma radiação e exalação sublime das esferas fluirão sobre ti.

À medida que trilhas o teu caminho para o alto, para sempre e sempre, a tua alma saltará de alegria infinita quando outra cena for encenada no palco do ser, enquanto te tornas um ator aperfeiçoado, à medida que o tempo desliza gentilmente para o passado. Cada afeição do teu ser é como o botão e as suas expressões como a rosa. Então, cultiva-as, ascende em exalações puras através da elevação celestial, para que o seu aroma infinito possa atingir cada esfera sucessiva de encanto supercelestial. Afetuosamente tua, NELL F.

Palestra n.º 20
Por Edgar C. Dayton

PECADO E A NECESSIDADE DE UMA RESSURREIÇÃO MORAL

Este mundo é um microcosmo de todas as energias unidas da natureza e um recetáculo para o influxo e aglomeração de partículas; e é um agente para modificar e transferi-las, por um processo de refluxo, para organizações. Todas as formas superiores de associações atómicas são celestiais; e os processos de mudança imergem-nas noutra esfera. Todas as formas produtivas da

natureza são tornadas tais pela perfeição das substâncias espirituais ou pela associação de formas de espírito com matéria rudimentar.

Os estratos mais altos de formas no mundo mineral, vegetal e animal fluem diretamente através de canais análogos para a constituição do homem e aí são imersos em princípios espirituais, tornando-o recíproco e harmonioso com as formas sucessiva e uniformemente dissemelhantes da natureza interior. Assim se torna evidente, por estas considerações, que a matéria, em todo o universo, é a mesma, mas que forma organizações diferentes ou dissemelhantes. E sobre este princípio de elaborar matéria em formas dissemelhantes podemos basear com segurança a origem da discórdia e da harmonia que existem em todos os departamentos do ser humano.

Não há mal inerente na natureza humana. O homem é um composto perfeito, desdobrado pela série ascendente de formas que fluem da natureza. Os rudimentos de todos os seres orgânicos são a condensação e purificação da matéria, ultimada em organizações rudimentares por princípios espirituais; e as suas elaborações são dissemelhantes. Portanto, mal inerente não pode haver. O mal pode reinar na natureza humana; mas isto é uma sequência da série ou associações da alma e do desdobramento da mesma, mas apenas uma consequência de uma natureza não desenvolvida. Daí que qualquer teoria ou hipótese com tendência para unir o bem inerente ao mal inerente deva ser para sempre descartada do mundo.

A discórdia emana de uma harpa mal afinada e não pode ser consoante com os princípios pertencentes à música da natureza. Organizações dissemelhantes devem possuir desejos e gostos dissemelhantes e não podem estar em perfeita harmonia umas com as outras. Mas a harmonia da alma é pervertida por desejos exteriores, chamados à ação por eventos incidentais à vida humana. As circunstâncias compelem os homens a atuar sob a sua influência, porque o homem é naturalmente impulsivo e atua por excitação impulsiva mais do que por julgamento espiritual real em muitos dos seus atos de vida humana.

O mal é meramente uma designação aplicada ao homem, representando uma natureza não desenvolvida e imperfeitamente organizada. Nos dias da antiguidade, os homens foram martirizados pela sua exemplificação de virtude, verdade e razão. E a natureza corou de vergonha pela degradação de uma consciência pervertida. Em gerações subsequentes, os homens foram submetidos à estaca torturante e à fogueira dissolvente e aqueles que perpetraram os atos foram apenas atuados pelos elementos fogosos do preconceito sectário. O calcanhar de ferro dos homens sacerdotais pisou a voz elevadora de Deus no coração humano; e a inveja sectária apenas os levou a cometer os atos.

Quão terríveis, na verdade, são os pensamentos escuros que surgem do passado e enviam os seus sussurros melancólicos de que os homens morreram mártires aos impulsos da alma interior. Os antigos apóstolos, ou alguns deles, foram condenados e morreram mártires. O seu sopro expirante,

quente como o sopro favónio do verão, flutuou sobre as almas cruéis que assim os torturaram fisicamente e despertou as poucas centelhas restantes de simpatia, até que reformadores evoluíram da massa caótica da miséria humana.

A vingança sectária foi manifestada pelas organizações eclesiásticas; e toda a filantropia resistente — toda a pureza de princípios religiosos foi destruída e o mundo gemeu com miséria e degradação. Mas a esperança de regeneração surgiu e os homens começaram a ver que eram meros nadas, mesmo no mundo físico; e a visão da ciência começou a desdobrar a grandeza e majestade de Deus nos volumes da natureza, dos quais o homem é apenas uma simples frase.

A Bíblia demonstrou a formação do mundo; mas a história, mais antiga do que a Bíblia, fala-nos de outros homens, entre os quais será reconhecido Confúcio, o filósofo chinês; ou, pelo menos, cronica a sua existência, alguns centenas de anos antes do nascimento de Jesus. Ele ensinou as mesmas lições de sabedoria e amor universal. Ensinou que havia elementos de Deus no homem e que ele estava relacionado com a natureza em todos os seus princípios de alma e corpo. Foi um reformador da sua época, mas morreu com o tempo. E a Bíblia foi selada como a verdadeira e imutável palavra de Deus pelo Imperador Constantino, com o voto de aprovação de muitos Bispos; e o seu nome ecoou pelo mundo como um representante vivo da Divindade e uma verdadeeira representação de pureza moral; mas, no coração, era um assassino!

Mas não o censuraremos pela aristocracia imperiosa que caracterizava a sua natureza, pois isso deve ter sido uma predominância da natureza animal. Mas Constantino selou os testamentos como canonizados e foi aplaudido pelas suas mentes supostamente subordinadas como a mais alta encarnação de moralidade então existente, atuando sempre de acordo com as inspirações da Divindade, transmitidas à sua mente por influxo divino. Ainda assim, assassinava os seus próprios parentes humanizados — derramava o sangue dos inocentes; e os elementos fogosos da vingança varriam em chamas terríveis ao longo das fronteiras da sua natureza animal, engolindo muitas vítimas inocentes no seu terrível varrer. Assim foi a carreira daquele que selou a Bíblia como a verdadeira palavra de Deus.

As revelações de Platão, no reconhecimento da identidade do homem e da sua imortalidade, foram, na verdade, belas e dignas da mais alta apreciação, e deviam ocupar a posição mais alta nos departamentos da verdade natural.

Cícero foi um defensor da verdade do universo e tinha uma consciência profunda das falsificações da teologia mitológica; e exige a estima e reverência dos puros e apreciadores. Tais mentes são como estrelas cujas glórias efusivas se refletem no espelho da natureza, sem acumulações vaporosas para ocultar a sua beleza espiritual. Então, em séculos não há muito desvanecidos no passado, outra estrela intelectual surgiu para trazer do seio da imortalidade verdades práticas, bem como físicas. Descobriu a trindade de princípios na formação de organizações; e revelou aquilo que nenhum outro investigador

científico fizera antes dele; e deve ser reverencialmente acalentado como uma alma viva e respirante, cheia das eternidades do seu Deus.

E ainda mais atrás, Babilónia, assim rodeada pelas suas muralhas, foi arrancada da sua fundação. Roma foi despedaçada em átomos. Cartago foi invadida e expulsa da sua posição de glória e grandiosidade; e Tebas caiu na sua beleza primordial e desvaneceu-se como um objeto sem valor, pela mão da inveja e vingança sectárias.

Mas avançamos sobre o mar infantil do refinamento humano e vemos reformadores tornando-se mais numerosos à medida que a civilização do mundo avança. Estrelas de brilho imoral surgem no céu meridiano do mundo humano e analisam matematicamente os desenvolvimentos de cada planeta no sistema solar; e pelos processos semelhantes de indução matemática provam que, por leis inerentes de Deus, estes mundos são trazidos para uma proximidade estreita com o homem. Provam que não há discrepâncias na natureza, quer física quer mental, e que toda a crise e degradação do passado originaram de uma condição não desenvolvida da mente e não de mal inerente. As funções de todos os corpos animados estão definitivamente conectadas, embora nas suas ações elaborem objetos dissemelhantes.

Toda a ignorância, injustiça e miséria originaram, e ainda originam, de uma compreensão pervertida da verdadeira esfera da mente na terra. E tentações de natureza cativante são colocadas perante os homens e eles cedem a elas pelas forças passionais de uma natureza animal. E quão injusto o facto alegado bíblico de que o homem é de Deus e, no entanto, a Mente divina retém dele a competência para resistir à tentação. E quão cruel, na Divindade, encarnar o homem numa organização imperfeita e lançar, se o registo bíblico for verdadeiro, uma trama que implicaria mentes por milhares e milhares de anos. A Bíblia diz que o homem originalmente foi tentado e cedeu; e, seguindo isto, há uma morte espiritual e todas as criações inatas são lançadas, por esta violação individual, nos seus horrores impiedosos. Que desconecta o finito do infinito; bane a alma humana errante para um abismo medonho de miséria eterna e imortal; e essa alma deve contorcer-se, espiritualmente, nas ondas da escuridão, engolida no seio de um abismo ardente, cujas chamas dissolventes são avivadas num fogo vivo pela influência de um Deus eternamente beneficente.

Mas isto, para a maioria das sensibilidades do homem, é demasiado entorpecedor para sequer encontrar o seu lugar nos recessos mais escuros da imaginação distorcida; e embora proclamado selvagemente por homens como um facto vivo do céu, está a afastar-se rapidamente do púlpito e do estrado, onde agora são ensinados os princípios de Justiça e benevolência universal. Tem existido por longo tempo na mente humana como um monumento num deserto poderoso; uma chama lambente emitida da rocha formada pelo oceano e como um sol ardente para iluminar o universo da natureza humana. Mas o monumento está a desmoronar-se em cinzas; a rocha está a dissolver-se e o

sol prestes a pôr-se; e então será para sempre banido o erro mais fatal que alguma vez caracterizou o mundo.

A natureza tem sempre desdobrado os seus encantos e beleza imperecível, mesmo que o homem na sua loucura enlouquecedora a tenha vestido com um manto de escuridão humana, feito assim pela vingança terrível de uma Divindade exasperada, para punir aqueles que Ele próprio criou e encarnou as suas almas no corpo físico. Esta é uma acusação contra o poderoso Deus do amor, indigna do caráter de um potentado pagão. Tem gerado imoralidade; mas o seu poder deletério é limitado e não pode deter os trabalhos vitais das leis imutáveis de Deus. A ideia fechou os portais da intuição; e a vingança omnipotente e uma fonte terrível de escuridão eterna apareceram vividamente perante a imaginação desarranjada.

A harmonia divina continua a impregnar e juntar inseparavelmente o material ao espiritual; e a ressurreição moral da humanidade está a surgir rapidamente através do abismo caótico da ignorância e a ondular calmamente sobre a superfície do seu seio, conduzindo o homem ainda mais perto da sua existência aproximante na imortalidade.

O homem já começou a tomar o seu texto da natureza; e o seu santuário é a terra expandida e as suas paredes e teto os céus desdobrados. O seu estrado é a verdade universal. As vozes e súplicas da natureza não podem ser silenciadas. Devem ser ouvidas em todas as suas interrogações. E como a humanidade primeiro expressou pensamentos pela configuração do rosto, o presente encontra não só isso, mas a expressão verbal como modo de transmitir pensamento. O homem não pode contemplar o passado com prazer e complacência. Não pode prosseguir os seus registos com emoções de alegria; pois o tirano tem exercido a influência quase ilimitada de uma teologia superficial e quimérica sobre os homens dessa geração ou dia. O presente deve ser o início de uma ressurreição moral.

É verdade que algumas mentes, neste dia, acalentam e fomentam o naufrágio mental que constitui os modos antigos; e a mente deve ter novas formas de culto instituídas. Restam apenas as cinzas poeirentas do passado para as especulações do homem sobre os eventos da antiguidade.

A alma heroica do passado vive agora no futuro da alma humana, colocando perante a visão humana os anais brilhantes da eternidade. Que o seu heroísmo passado seja recordado; mas vive para ler e estudar as histórias de Deus. O homem é uma página — então examina bem a página — nem esqueças uma única frase. Aprende-a bem, pois a sua riqueza e beleza respiram de Deus. Aquele que governa fala dos desertos solitários e monumentos de eras passadas. Imprimiu no homem a imagem expressa da sua natureza e atributos. Revela o seu caráter em cada folha, partícula e flor. Na alma humana e no seio da natureza, o deserto começará a florescer como a rosa e a videira tenra subirá e rodeará a árvore imponente, aspirando ao seu topo.

Como Cristóvão Colombo, nas suas viagens oceânicas, descobriu o ramo morto a flutuar e soube que existia uma terra ou mundo de onde o ramo viera; e labutou até que, por fim, a sua visão alegre contemplou a terra e, após fadiga e toil, repousou a sua fronte cansada no seio de outro continente. Assim é com o homem. Descobre pequenas verdades a flutuar por ele no oceano da vida humana; e agarra-as avidamente, sabendo que há um mundo onde devem existir. E labuta, cansado e talvez pisado, avançando sobre as cenas do seu destino terreno, até que ele, como Colombo, descobriu outro continente, onde repousa para sempre a sua alma agora descansada. Sim, a ressurreição moral, intelectual e religiosa começou. O pecado existe agora, mas o homem está a aprender a atribuir todo o mal a uma vontade mal dirigida; e a geração nascente regozijar-se-á na liberdade e na liberdade.

Vosso,

E. C. DAYTON.

Palestra por Daniel Webster

A EDUCAÇÃO DO HOMEM

A nação tem acesso ao mesmo fundamento de inteligência e extrai informação de todas as fontes de conhecimento acumulado que pertencem naturalmente e intuitivamente ao mundo civilizado. No conhecimento e assuntos pertencentes ao governo e instituições sociais, o vosso país apresenta assuntos mais interessantes para contemplação e entendimento elucidativo do que todas as outras nações. Os princípios do vosso país estão estabelecidos sobre a liberdade de governo e a sua fundação é demasiado adamantina para ser convulsionada por monarquias feudais.

A sua condição agora tende para a paz e prosperidade mútuas. As suas instituições sociais e o mundo expansivo do conhecimento científico resistirão toda a intolerância religiosa; pois o que quer que as nações estrangeiras façam para a melhoria e refinamento do vosso país, e o que quer que o génio estrangeiro tenha inventado para o seu interesse, a América ainda se ergue sublimemente acima de todas as outras nações na educação, reforma social e crescimento moral. Se olharmos para trás dois séculos, encontramos a Europa e os seus estados em guerra. Guerra para sustentar coroas particulares e para impor as formas de intolerância religiosa aos países circundantes. Ainda assim, olho para o futuro com nobre esperança de que, pela liberdade moral e religiosa, possais estancar as fontes gotejantes de sangue e deter as lutas da guerra. Pela liberdade civil, podeis desenvolver um patriotismo desinteressado e bem-sucedido, distinto das conquistas das armas. É verdade que vozes cujos primeiros e últimos acentos foram pela liberdade da sua nação se foram do mundo da mortalidade.

Nunca mais despertarão a nação para um verdadeiro sentido de justiça, nem mais, com voz mortal, excitarão o seu patriotismo para afirmar as suas

liberdades. Não mais transmitirão os seus tesouros de conhecimento filosófico, exalarão os seus sentimentos de inspiração parental, nem darão força e beleza à religião do mundo civilizado na forma humana. As suas frontes intelectuais repousam calmamente sobre a terra parental. Os ventos da natureza varrem selvagemente sobre túmulos onde jazem as formas de muitos nobres heróis. O estranho não pode mais buscar a sua hospitalidade e, através daqueles intelectos poderosos ali, cujos gostos clássicos e históricos, cujas faculdades de conversação tornavam cada hora fugaz três vezes mais cara.

Aquelas mentes expansivas que rolavam através dos salões do congresso e aqueles heróis do período revolucionário, cuja sagacidade política buscava o interesse dos semelhantes e subjugava cada respiração ofegante da tirania, foram como estrelas de glória para os seus lares nativos. Em perfeita posse das suas faculdades divinas e com uma serena alegria de espírito, exalaram o sopro da vida terrena nos mais altos honores da liberdade do seu país. Os espíritos passaram para o seio da eternidade sem um suspiro; e para onde foram esses defensores da independência? Para onde foram as mentes verdadeiramente grandes que outrora habitaram o tenemento humano?

Estão ainda unidos em afeição e memória para além desta gloriosa União? A educação dir-vos-á isto. Não a educação política ou social, mas a educação da natureza. A educação divina do espírito inspirar-vos-á com sentimentos gratos e bondosos e encontrareis um novo mundo cheio de conhecimento fresco e interessante, bem calculado para sacudir a tirania da mente, pelo qual podeis estabelecer um comércio — um intercâmbio social — com a inteligência e a liberdade religiosa do mundo espiritual. A independência, o génio da liberdade, experimentou a sua voz infantil no santuário da alma e despertou os pensamentos inativos no plano do entendimento.

E quando a mente, assim quase desentravada ou emancipada do erro, assume o tom de independência, que forma de elogio, que linguagem de gratidão pode expressar o valor de tal educação independente! Esta era é caracterizada por um governo representativo livre e o homem deve a sua liberdade a estas instituições. Mas o que é tal governo sem liberdade religiosa e cultura social e moral? Em eras passadas e idas, houve um período em que os mestres poderosos da liberdade proferiram a voz da liberdade e independência e nem um passo foi impresso no vosso continente por homens civilizados que não reconhecesse servilmente o poder tirânico de Albion. Hoje não há um coração na América que não batesse com mais heroísmo ao ouvir que governos livres e independentes deviam ser estabelecidos em países estrangeiros. À medida que a posteridade vem do seio do futuro, que não seja destruída na sua infância. Que intelectos comandantes mantenham ainda a dignidade do seu propósito; e como a América é livre hoje, que seja mais livre amanhã. Como é livre nas suas leis, assim que seja livre nas suas reformas sociais e morais. Os mesmos campos onde rolavam o fumo da batalha, onde os homens lutavam em combate mortal e onde os heróis da era se erguiam, ainda existem.

O que foi que ensinou aos vossos fundadores da liberdade os princípios que estabeleceram? Foi a educação política ou escolástica? Não, pois essas instituições de aprendizado foram feitas no seu dia. Foi a educação inerente da alma que os inspirou com tal grandeza moral. Os vossos antepassados não se sentavam no banco da escola dia após dia para adquirir o conhecimento que receberam. Não brincavam no relvado da escola na infância da sabedoria americana. Não, a natureza rodeava-os e rolava com dez mil glórias que chamavam o patriotismo dos seus jovens heróis. Roubavam para florestas calmas onde o inseto ou o pássaro inocente parecia falar um mundo de filosofia e sabedoria.

Quando rendiam as suas oblações ao Pai Todo-Poderoso, não temiam curvar as suas formas sob os ramos ondulantes das florestas nem coravam ao ajoelhar-se no plano do campo de batalha para orar a Deus. Contrastai esse período com o de hoje. Que diferença na melhoria do vosso país natal! Hoje não precisais orar nos templos ingénuos da natureza, cujo teto é os céus e cujas paredes são os elementos e princípios de Deus. Ah, não, não precisais buscar a natureza para cantar as vossas canções de louvor onde os cantores dos céus possam juntar-se a vós, mas podeis fazer o vosso assento de veludo na sublime igreja arquitetónica. Não precisais ajoelhar-vos no chão da natureza, mas no chão alcatifado do vosso templo artificial. A vossa voz de oração pode não encher a criação com as suas solenidades, mas pode ser confinada dentro das paredes da vossa igreja.

Não precisais assistir os pobres e necessitados, mas podeis rolar no luxo e ter cuidado para não sofrerdes. Não precisais sentar-vos sobre algum objeto na natureza para estudar os seus princípios e glórias, mas podeis sentar-vos no assento fácil nas instituições de aprendizado artificial e não saber nada do valor real da vossa própria alma. É bom ver tanta habilidade e poder exibidos, como vemos, na riqueza das nações, pois demonstra a civilização e refinamento da mente; mas o homem, na sua riqueza ou pobreza, não deve esquecer de curvar o seu espírito com homenagem instintiva ao Governante Divino, pois é Ele quem vos deu as faculdades manifestadas na vossa nação. É bom para uma existência terrena ter adquirido conhecimento do mundo; mas, entretanto, não deveis esquecer essa educação superior que o ser interior exige.

O conhecimento humano é apenas uma sombra no mundo da eternidade. Pode brilhar como um raio de sol na terra e ser vazio em si mesmo no céu. Deveis procurar conhecimento das formas de miséria não atendida e não lamentada e trazer a alma miserável para a luz da moralidade. A fronte intelectual carrega o selo da angústia e o rosto está sulcado com preocupações. O porte orgulhoso do homem da natureza e o passo digno que era ousado e intrépido podem, pelas circunstâncias envolventes da vida, tornar-se trémulos e agitados, e é aí que o braço forte da justiça e bondade deve protegê-lo dos ventos rudes da mortalidade. Que as virtudes inerentes da alma sejam acalentadas, pois cada hora vos aproxima mais do mundo imediato, onde o poder poderoso de Deus é forçosamente e sensivelmente realizado.

As marés derretidas da iniquidade fluem sobre a virtude imaculada, enquanto os elementos da sensualidade formam uma superfície sobre os sentimentos interiores do coração. Que a vossa educação seja da natureza e anuncie a manhã aproximante da verdade enquanto as suas emanações fragrantes enchem cada avenida com influxos e efluxos de amor e sabedoria. Se fores pisado e não apreciado, miserável e repelido, não desanimes, mas prepara-te para o céu; e enquanto a terra for o teu lar, vive para ser feliz e fazer o bem. Não penses que a terra é o teu lar eterno, embora a tua alma tenha sido embalada por longo tempo na forma física; mas ergue-te para as glorificações superiores do teu próprio ser e abarca infinitamente, com a tua visão intuitiva, as cenas e paisagens da natureza externa; e encontrarás a tua alma como ator no palco do ser natural.

Então, representa o teu papel nos dramas da vida humana e, no céu, uma tranquilidade de alma, uma fragrância de beleza transcendente e uma radiação e exalação sublime das esferas fluirão sobre ti. À medida que trilhas o teu caminho para o alto, para sempre e sempre, a tua alma saltará de alegria infinita quando outra cena for encenada no palco do ser, enquanto te tornas um ator aperfeiçoado, à medida que o tempo desliza gentilmente para o passado. Cada afeição do teu ser é como o botão e as suas expressões como a rosa. Então, cultiva-as, ascende em exalações puras através da elevação celestial, para que o seu aroma infinito possa atingir cada esfera sucessiva de encanto supercelestial.

Afetuosamente vosso,

DANIEL WEBSTER

Republicação da Primeira Palestra,

Por Josephine Bonaparte

O MUNDO ESPIRITUAL

Deus é o Pai de todos. Ele é o Governante de cada mundo. Ele é a primeira inteligência e dele todas as coisas fluem. O mundo espiritual é um de beleza e magnificência infinitas. A primeira esfera de desenvolvimento é onde os sentidos interiores do espírito estão envoltos em escuridão, mas não é uma localidade de escuridão. Um espírito que habita esta esfera é aquele cujas

perceções estão obscurecidas por compreensões falsas e caóticas. A sua construção é de matéria não refinada e não pode progredir se as leis de ordem e sabedoria não forem observadas e estudadas. As mentes da primeira esfera regressam à terra. Anseiam pelas associações e prazeres que deixaram na terra. Não admiram as belezas e sublimidades do seu lar e por vezes deleitam-se em incomodar mentes superiores quando comunicam com os seus amigos terrenos.

O mundo espiritual é construído de matéria sublimada. Tem as suas árvores e corpos de água. Tem as suas flores e tipos de cada objeto. Temos aqui corpos de água muito maiores do que os vossos oceanos espaçosos. Temos desde a gota de água aos pequenos riachos, os grandes rios e oceanos ilimitados. Temos árvores desde as pequenas às grandes e em sublimidade não podem ser comparadas com as árvores da terra, pois são muito mais belas. As flores do mundo espiritual são incomparavelmente mais adoráveis. As montanhas, ravinas, os precipícios escarpados, as cataratas e quedas de água são as obras mais sublimes das criações de Deus.

As faculdades e capacidades do espírito não podem deixar de se desdobrar ao contemplar os trabalhos misteriosos de Deus no mundo espiritual. Grupos de anjos ou espíritos agrupam-se à volta destas obras divinas e dentro deles sentem um impulso para admirar e uma aspiração por glórias superiores. Não podem ver Deus. Não podem contemplá-Lo no Seu poder e grandiosidade. Não podem contemplar o Pai celestial de todos, que na Sua bondade e pureza não esquece o mais humilde camponês nem o espírito mais modesto.

A Sua bondade e afeição são inspiradas por todos os objetos e como a verdade e a sabedoria fluem da grande posição da Sua supremacia e do Seu espírito, cada alma compreende o Seu poder e todos se esforçam por saber de quem derivam tais bênçãos. O Deus do amor fala nas flores minúsculas. A Sua bondade é vista no profundo poderoso, cujas ondas se lançam para diante e para diante para sempre. Na mente mais elevada, Deus está aí abrindo o eu interior ou perceção ao poder elevador da ciência e da verdade. Ele, através das Suas leis, cria e desorganiza corpos e dá-lhes uma existência imortal no mundo espiritual.

Na segunda esfera, os espíritos atingem uma posição de verdade e bondade; mas as mentes que habitam esta esfera não possuem compreensões profundas e claras, porque o seu conhecimento do seu próprio ser e de Deus e da natureza são limitados. Têm conceções mais brilhantes das belezas gloriosas da benevolência universal e as suas perceções estão abertas a uma perceção melhor e superior da natureza do espírito e da bondade de Deus — das belezas do Seu universo material e espiritual do que as mentes da primeira esfera.

Os elementos das mentes da segunda esfera de desenvolvimento são harmoniosamente exercitados pelo princípio da sabedoria; e através desta lei, produzem-se ordem e arranjo. A intuição inculta começa a ser desenvolvida e exercitada por temas de pensamento filosóficos e éticos. Os espíritos desta

esfera não podem traçar, analogicamente, princípios da sua própria construção; mas, a partir dos princípios da perceção, podem chegar a uma ideia mais definida de um entendimento mais elevado e claro da sua natureza, das suas funções legítimas e destino futuro.

A terceira esfera de desenvolvimento é ainda mais alta e mais belamente refinada do que a segunda esfera. Os espíritos desta esfera têm uma fé instintiva na perpetuação da existência espiritual e individual. As bases sobre as quais repousa a individualização dos princípios das suas mentes são os desdobramentos das leis de associação, desenvolvimento e progressão, como manifestação interior viva do seu próprio destino imortal. A sua fé não se baseia em raciocínio hipotético, mas em demonstrações absolutas e imutáveis das leis da criação.

A relação que as esferas mantêm umas com as outras é íntima e harmoniosamente perfeita. Nesta esfera, as capacidades do espírito são mais plenamente desenvolvidas, porque o seu desejo pelo material gradualmente decaiu e as aspirações espirituais atraíram as suas mentes para as leis vastas e grandiosas do mundo espiritual, que evidentemente desdobra as perceções divinas e faculdades infinitas das suas mentes. As leis de ordem, sabedoria, harmonia e amor são apenas fracamente compreendidas pelos espíritos desta esfera.

Na quarta esfera de desenvolvimento, vemos poderes ainda mais altos de inteligência manifestados. Vemos raciocínio calmo e elucidativo e uma investigação minuciosa das leis, princípios e elementos da ciência material e espiritual. Das leis de construção, as suas compreensões são verdadeiras e nobres. As suas ações e manifestações de sabedoria e amor são características de uma classe de mentes altamente intelectual e infinitamente bela.

As suas conceções de um Pai divino são ainda imperfeitamente desenvolvidas. O estado de crescimento intelectual que as suas mentes atingiram é científico e filosófico; e as suas compreensões esforçam-se por apreender a expansão infinita das causas divinas. A sua melhoria no cultivo espiritual para elaborar as suas conceções de Deus e das Suas leis é muito mais vantajosa do que a das esferas inferiores, porque a sua apreciação de bondade e pureza é maior do que a apreciação das mentes que ocupam esferas inferiores de refinamento.

A quinta esfera é mais profunda e rica do que todas de que falei e é aquela para a qual fui elevada. As mentes desta esfera compreendem, em parte, a doçura celestial que flui da fonte divina do amor e a relação do eu interior com a proteção bondosa de um Pai supremo. Os elementos de cada mente são conjuntados e consociados, ocupam posições específicas e desempenham funções inumeráveis no desenvolvimento da sua existência espiritual. As suas afeições são mais perfeitamente governadas pelas leis eternas de Deus e esforçam-se por gratificar os seus desejos mais profundos e sábios por compreensões mais nobres de Deus.

As progressões e desenvolvimentos dos espíritos nesta esfera apresentam maiores provas dos princípios originais e eternos de organização e têm uma compreensão apropriada desses vários princípios na natureza e das qualidades e essência do mundo espiritual que fluem espontaneamente do grande Princípio Divino.

Afetuosamente,

JOSEPHINE BONAPARTE

EMANUEL SWEDENBORG

ATRAVÉS DA SENHORA LOWE.

SOBRE O DEVER DOS INVESTIGADORES ESPIRITUAIS

Na atual crise dos desenvolvimentos espirituais, torna-se dever de todos os interessados no progresso da causa prosseguir um caminho marcado pela calma, dignidade e autodomínio. Nunca devem permitir-se, em qualquer ocasião, ficar excessivamente excitados ou demasiado ansiosos quanto aos resultados para os quais tendem, pois ao fazê-lo colocam ainda mais longe do seu alcance os objetivos que devem esforçar-se por atingir. Aqueles que são médiuns para comunicações espirituais devem cultivar assiduamente as suas mentes em todos os canais através dos quais o conhecimento possa ser obtido.

Cultivar as perceções espirituais em detrimento das faculdades mentais é ao mesmo tempo impossível e perigoso; pois ao fazê-lo, uma classe de órgãos torna-se dilatada e demasiado ativa, enquanto outros, por falta de exercício, se tornam inertes e impotentes. A excitação que grassa no mundo sobre o tema da aproximação iminente das primeira e segunda esferas, a menos que o assunto seja estudado com grande cautela e sabedoria, é eminentemente capaz de desequilibrar a mente e levar os homens à loucura.

E na proporção igual ao perigo envolvido na matéria, está o bem que dela pode ser derivado — não há grande bem que não tenha o seu contraponto no mal — e Deus, na Sua infinita sabedoria, organizou de tal modo a mente humana que esta é capaz, ao exercer os seus poderes, de discernir e escolher entre os dois. A minha própria experiência na minha jornada através da primeira esfera, nas minhas comunicações com espíritos, ensinou-me uma lição que todos devem aprender, se quiserem prosseguir este assunto de forma segura e bem-sucedida. A minha própria segurança foi garantida pela minha devoção temperada ao tema. Além disso, eu tinha uma constituição física bem organizada e bem desenvolvida. A minha mente fora educada para a reflexão calma e sóbria, fora fortalecida e desenvolvida pelas minhas pesquisas em todas as direções em busca de conhecimento científico.

Aprendera a olhar com frieza e cuidado para tudo, nunca me permitindo ficar excessivamente eufórico com antecipações de coisas ainda desconhecidas e

não estabelecidas. Assim, quando as minhas perceções espirituais se abriram, fui capaz de examinar o mundo invisível de um estado futuro com o mesmo escrutínio e autodomínio que teria exercido ao examinar um novo fenómeno da ciência natural. Olhei para espíritos não desenvolvidos como para homens não desenvolvidos, e ainda assim, com todo o meu cuidado e cautela, eles enganaram-me em diferentes ocasiões com declarações falsas, mas nunca conseguiram afetar os poderes da minha mente.

Quando um órgão ou classe de órgãos é trazido para grande atividade, deve ser apoiado pela força e atividade de todo o sistema, e por todos os órgãos do cérebro, e a excelência mais elevada é alcançada pelo desenvolvimento simétrico e uniforme de todas as faculdades da mente e funções do corpo; e aos meus progressos nesta direção deveu-se em grande medida a precisão e abrangência das minhas perceções tanto em assuntos intelectuais como espirituais, e a observação de fenómenos físicos. Encorajar crianças, ou aqueles que são imaturos no corpo ou na mente, no esforço para se tornarem médiuns para comunicações espirituais, é pouco melhor do que uma profanação da constituição humana.

Pais que estremeceriam ao pensamento dos seus filhos entrarem em contacto com o que há de baixo na terra, são encontrados a encorajá-los a pôr em prática todas as suas energias na linha do desenvolvimento espiritual; esquecendo ou ignorando que, quando os olhos espirituais se abrem, é criada uma avenida tão acessível ao baixo e rastejante como ao alto e santo; e que as crianças, se tivessem a força, frequentemente faltar-lhes-ia a discrição para virar as suas mentes sempre na direção certa. Há agora a desenvolver-se, através do encorajamento equivocado de pais e amigos, centenas de crianças que serão suscetíveis de se tornarem presas, umas da loucura e outras de uma espécie de idiotia induzida.

Ninguém deve ser encorajado a exercer as perceções espirituais sem o exercício de todas as faculdades da mente; e para aquele que quiser atingir o sucesso e a eminência no seu uso, há o dobro da necessidade de que ponha em prática todas as energias da sua constituição na purificação e desenvolvimento dos seus vários órgãos e faculdades

Spiritual Messenger.

Conferência N.º 21
por E. C. Dayton.]

A DUALIDADE DO HOMEM

O universo é um grande ideal para o ser mental: um ideal na perceção, combinado com o real da existência. O homem mental deve ter o seu alimento apropriado, tal como no corpo exterior; e aquilo que o nutre deve tornar-se incorporado no ser, pelo qual a mente interior é desenvolvida. Há um retrato feito na consciência da mente, que muitas vezes é tomado pelo real, ou pelos factos da existência; e a mente, não sendo capaz de discriminar entre os dois,

torna-se mal direcionada. A mente é um facto divino da existência; e tudo na natureza, ou no universo, que é visto através dos sentidos externos, faz o seu retrato, ou impressão, na alma.

E o que pode parecer poderoso e estupendo para um ser mental, pode parecer insignificante para outro; e este facto é unicamente atribuível às diferenças de desenvolvimento de qualidades específicas da alma. Uma mente pode adorar o universo, em toda a sua santa beleza e majestade, e, no estupendo espelho da criação, contemplar refletidos todos os elementos superiores da mente, relacionados com a Divindade e outra existência. Outra mente pode ver comparativamente pouca atração na natureza. Pode ser bela, é verdade; mas essa mente não pode realizar a vastidão da criação, nem contemplar a aprovação ou desaprovação da Divindade, na sua obediência ou desobediência às leis instituídas no ser.

Alguns seres possuem constitucionalmente mais de uma mente emocional; enquanto outros são de uma mente intelectual e científica. — Uma é despertada para a beleza natural pelas evidências externas de tristeza ou alegria, e por cenas majestosas na natureza, que nunca podem falhar em encher a mente mais rude de temor e sublimidade, ao contemplar o solene, mas indefinível poder de inspiração, que enche a alma de pensamentos inexprimíveis. A outra mente, por um entendimento inato, ao contemplar constantemente efeitos produzidos em formas visíveis, analisa cientificamente esses efeitos e determina que são atribuíveis a certas causas. Por raciocínio analítico e processos mentais, descobrem essas causas, avançam-nas para a mente emocional e sensorial; e estas, sendo mais simpaticamente desdobradas, não podem elevar-se a tais desdobramentos; e como resultado essencial, dizem que são falsas.

E há tantos universos mentais quantas mentes; e quando o real da criação se unir às formas ideais da mente humana, então, e só então, será plenamente estabelecida uma unidade de pensamento e sentimento na natureza humana. Os sentidos externos são apenas avenidas que levam à alma, pelas quais a atualidade do ser flui para a consciência da mente, transmitindo pensamentos e factos que enlarguecem o entendimento interior. Cada faculdade da alma, representada pelos sentidos físicos, bebe a inspiração da sua escala de desdobramento; e pela ação silenciosa da mente, em linguagem descritiva, retrata a atualidade das suas observações e factos das suas investigações. A mente não pode ser recetora de factos revelados por outras mentes, se não estiver desenvolvida para a mesma esfera; e quer esses factos sejam dados em ditados orais ou pantomímicos, a alma não desdobrada para esse ponto de entendimento é incompetente para compreender os factos de mentes mais altamente refinadas. Cada mente assume novas qualidades e envolve novos desenvolvimentos, até pôr em evidência o seu brilho mais elevado, no retrato do seu eu interior, em atos de justiça e verdade.

E como propriedades e essências, cheias de vida em movimento, se compõem em formas específicas e desenvolvem mundos mentalmente, não só se tornam

mundos, mas contêm a matéria e o movimento para produzir os mundos correspondentes mais inconcebíveis, e continuam, a partir de qualidades inerentes, formando outros mundos de natureza semelhante, que exibem a infinita bondade de Deus.

A anatomia do homem exterior é caracterizada pela força, beleza e elasticidade; e por uma flutuação progressiva da matéria animal, ou vida, para esferas mais elevadas de perfeição, confirma a harmonia e unidade internas e externas dos movimentos da natureza, levando à beleza divina e infinita. Princípios mecânicos são aplicados à constituição do homem, nas suas adaptações e formação. E na anatomia do homem, estão envolvidos princípios que nenhuma mente, por mais científica que seja nas suas pesquisas, pode entender. A combinação da imortalidade com a mortalidade é um facto, embora visível, que não é conhecido ou compreendido pelo homem.

Ou, por outras palavras, a assimilação e impregnação da alma num corpo físico, por processos específicos, é um facto oculto, dormindo no profundo futuro, em beleza e grandeza, que, quando evoluído, melhor provará a imortalidade do homem. A mente, no seu brilho faiscante, requer alimento e vagueia para os céus da inspiração. O seu voo é mais rápido que um raio de sol; e procura um lugar de repouso, talvez, nas estrelas ou flores, aprendendo da natureza as verdades da natureza. Cada pensamento é uma produção irrestrita da mente, atuada por formas, reflexões e associações.

O pensamento é dependente, enquanto a mente é independente. A mente não é uma parte componente do corpo constitucional, mas é um último da organização; enquanto o pensamento é um último tanto da mente como do eu exterior. O corpo é uma forma e é mutável. A mente é o interior, enquanto a forma é o exterior. O corpo físico é necessário para a individualização da mente; mas todos são formados pelos mesmos ingredientes mortais. Os homens testemunharam fenómenos corpóreos; e sobre isto tem sido baseada a ciência da sua anatomia.

Refiramo-nos ao início do universo, embora o seu período possa ser demasiado remoto para computação. Toda a vida emanou de essências primitivas; e o corpo inteiro de átomos foi sustentado pela relação mútua existente entre eles e o Sol; e partículas sendo lançadas do Sol, por afinidade natural, que um átomo sustenta para outro, tornaram-se associadas e foram governadas por leis de repulsão e atração. Partículas emanavam incessantemente de esferas correspondentes específicas e, o universo, na sua condição infantil, estava num estado de fluidez ígnea, formando uma imensa esfera líquida, através da qual rolavam ondulações indescritíveis, seguidas de convulsões fenomenais, que, de formas angulares para formas esféricas do ser, por lei, se tornaram condensadas e, por desenvolvimento, logo assumiram substância.

Tornou-se, por um período de tempo além da nossa compreensão, consolidado, em algumas porções, na rocha de granito; e a natureza manifestou convulsões inconcebíveis, que evoluíram ejeções de rochas e

montanhas; os interstícios entre elas, sendo preenchidos por um elemento fluido, constituído de hidrogénio e oxigénio, que imperfeitamente então representava a água. Mas não é necessário sondar demasiado profundamente a formação do mundo; mas para provar que o universo é uma dualidade, cuja forma exterior são os processos acima dados, cuja alma é o movimento infinito, e que toda forma de ser é uma dualidade, possuindo duas naturezas: a física e a espiritual.

O universo é um embrião de imensidão, cuja vida é a Divindade. Ao longo da formação carbonífera da terra, os fenómenos da vida foram distintamente representados em desenvolvimentos mais elevados, pela mudança de elementos inferiores para superiores. E a mente — é uma dualidade; e, através de todas as suas existências mutáveis, respira, em beleza inspirada, a fragrância da eternidade. A divindade da mente é representada pelas atualidades da alma, manifestadas através de formas finitas. Então, se as almas são infinitas e estão cheias de pensamentos de Deus — se estão impregnadas com o Seu Espírito, como pode uma alma ser aniquilada e outra viver para sempre, a menos que Deus esteja a mudar na Sua bondade elemental, manifestada para com todos?

Se a lei orgânica é verdadeira na anatomia da alma, como é na anatomia do corpo, então a inteligência não pode morrer; mas a matéria, quando o movimento se extingue, pode decompor-se e prosseguir, formando outros novos desdobramentos na natureza. A ideia do homem é o exterior, e o real está no interior. Todas as inconsistências do passado são apenas os ideais da mente, retratados em folhas, enquanto o real jaz profundo na alma. A constitucionalidade da alma é conhecida por ações externas; e por atos de bondade ou injustiça pode a beleza ou deformidade da mente ser realizada. Não é o corpo que desenvolve e organiza os princípios espirituais, mas é a vida interior que harmoniza ambas as naturezas das quais o homem é possuidor.

E o homem retira-se em desânimo e sofrimento sincero, por vezes, quando as armas do erro e da inveja são lançadas contra ele. Já não sente a vida como uma bênção, mas anseia pela dissolução dos elementos do seu ser, para que a alma possa ir para o mundo futuro. O homem deve curvar-se aos caprichos do homem; e prisões são erguidas para punir aqueles que foram feitos para pecar por aqueles que os mandaram confinar nessas celas sombrias, como se estivessem a confinar uma parte de Deus nessa existência fatigante, não sabendo que apenas o corpo realmente sofre, enquanto a alma simpatiza com esse corpo. As leis da alma são imutáveis; e todas as energias mentais e físicas, dirigidas contra uma alma, não podem prejudicá-la. Pode simpatizar profundamente, devido à sua condição infeliz; mas Deus está em toda a parte, e quando os homens falam de forma indelicada, violam uma lei mental e sofrem pela desobediência. No século XIX, contemplemos o universo mapeado diante de nós por um poder superior, onde o seu corpo erguido retrata a força e majestade da Divindade.

Enquanto o inverno frio varre o oceano da vida, quantas almas sofrem pela palavra amável, enquanto a atmosfera fria e insensível congela o corpo físico, quando o badalar dos sinos da Igreja, cujo eco rola em grandeza solene através dos salões aéreos da natureza, mas zomba dessa forma congelante. E enquanto a igreja é quente e alegre, e todos se juntam no seu modo de adoração à Divindade, esses pobres seres esquecidos podem bem dizer: "Tive fome e não me recebestes — estava nu e não me vestistes." Abre a tua Bíblia, ó ministro de Deus! e não estão estas palavras em substância aí escritas? e não podes, em melhores ações, representar o teu Deus? Os ventos frios levam os teus sermões estudados para o seu próprio seio congelante, enquanto Deus te ordena que vistas os nus e alimentes os que têm fome.

E a tua missão está bem cumprida? Não te atormentam pensamentos silenciosamente o coração? ou os seus batimentos estão satisfeitos com o seu modo de adoração a Deus? Se assim for, então ai! ai! para a criança inocente, que não conhece um pensamento mal direcionado, e cuja pequena forma de arcanjo nunca foi aquecida pelas influências deletérias do mundo. Deus tenha piedade da mãe que trabalha do amanhecer à noite para o sustento desses pequenos descendentes, aos quais, por natureza, deu à luz através da instrumentalidade divina de Deus.

Deixa-a soprar as brasas moribundas até que o seu fôlego expire, e então prega e canta o hino fúnebre à sua memória, sentindo-te seguro de que a vontade de Deus foi feita, porque ela pertencia ao teu credo. Bem é que o sofrimento acenda o Espírito de Deus na alma humana para um brilho imaculado, que deve existir como belo para sempre. Se assim não fosse, ai para o coração humano, cujas cordas foram tocadas ociosamente por mãos pouco gentis e varridas pelos ventos da tristeza. Esta é verdadeiramente a forma ideal de adoração — o representante do homem exterior. Deixa a alma chorar sobre a agonia consumidora interior, enquanto anjos se inclinam para beijar os lábios pálidos; e como o pôr do sol esmorecente flutua no seu mar de éter dourado para repousar, assim a alma, em beleza angélica, se retirará da terra e entrará no lar superior.

Deixa o órfão pálido e solitário dormir no seu sono de mármore, ou nas ruas invernais, desatendido e sozinho, morrer por falta de cuidados. Deixa alguma criança formosa, pela pobreza, buscar a infâmia para preservar a vida física, e, como uma flor fresca, ser pisada. Deixa os aflitos serem passados ao lado enquanto cambaleiam no seu caminho solitário e triste, transfixados em agonia mental, e a vontade de Deus está feita! Deixa a melodia do órgão rolar em ricos sons através da igreja. Deixa a pobre mulher sentar-se em roupas gastas pelo tempo ao lado da senhora da moda, que, talvez, com desdém, a olha, como se dissesse — porquê aqui? Deixa essa pobre mulher enrolar o seu xaile fino à sua volta, temendo o frio, e deixa a senhora da moda entrar no seu estabelecimento dispendioso, cheio de robes, e com coração contente, regressar à sua própria casa, enquanto a neve rangente sobre a qual cavalga respira miséria e tristeza ao seu próprio olhar. Deixa tudo isto ser feito, e a vontade de Deus foi feita, segundo as almas mal direcionadas que

semanalmente pregam à humanidade a palavra de Deus. Oh! tal condição de coisas é uma profanação a Deus e uma profanação da Sua palavra.

Em pensamento e beleza, a criança da pobreza adora mais verdadeiramente um Pai amoroso do que o professo professor do cristianismo. As harmonias imortais da vida são sentidas no céu; e cada alma é um evangelho de uma existência divina. O exterior pode perecer, mas o interior está destinado a viver em maior beleza, para além das cenas frias da terra. O tempo não pode ser dividido da eternidade; e a alma está cheia de uma essência viva, que brilha através de cada momento do tempo, revelando algo mais puro de Deus.

Sobressaindo, uma entidade viva, é a mente, enquanto o Amor, o progenitor do céu, fala no ar, canta em harmonia e, dotado de imortalidade, envolve todo o céu, e em beleza autoluminosa, estende-se à terra. Então respira em linguagem angélica a salvação divina, interpenetrando cada alma, e diz que a criança atingida pela pobreza vive no céu com aqueles que a desprezaram no mundo rudimentar. Quão nobre o pensamento?

EDGAR C. DAYTON

Correspondência Espiritual

O seguinte foi escrito pela mão da Senhorita Cora Scott, quando a sua própria mente estava em branco, no estado de transe. Foi envelopado, selado e endereçado, antes de ela ser restaurada à consciência. Shenandoah é o nome de um rio na Virgínia, e houve um Chefe Índio com esse nome. O espírito de quem esta comunicação vem diz que ela era a filha de Blackhawk, que lhe deu este nome; se pelo Chefe ou pelo rio, ela não diz.

Mundo Elemental, em torno de Vénus.

Stephen Albro, Esq., Planeta Terra:

Meu Caro Amigo: — Há muito que procuro a oportunidade de me dirigir a si, escrevendo um breve relato de algumas descobertas e influências elementais que tenho estado a explorar ultimamente, e também apresentar à tua mente algumas belezas existentes nas regiões onde anjos e espíritos vagueiam. Partindo das atrações terrenas, elevei-me pelo espaço, todo preenchido com partículas de pensamento, com espíritos e com estrelas. O voo espiritual é verdadeiramente belo, quando, com a velocidade do pensamento, nos encontramos a atravessar o céu sem trilhos. E para as mentes daqueles na terra que realizam a veracidade e o esplendor radiante da nossa existência espiritual, as descobertas do pensamento e da ciência já não estão confinadas aos limites estreitos de credos materiais, mas são tão ilimitadas como o próprio universo.

A terra, vista por mim com olhos espirituais, é uma massa globular condensada de matéria não desenvolvida, enquanto os habitantes dela apresentam uma massa de mente e matéria, refinada e cristalizada. A atmosfera da terra é

apenas os elementos mais refinados do pensamento, cujas emanações estão continuamente a agregar e a segregar, tal como a matéria crua e mais não desenvolvida da terra. Viajando ainda mais longe da terra, ou à distância onde a gravitação da terra não afeta os rudimentos de novos mundos, ainda vejo as mesmas emanações cristalizadas formando e reformando de estrela para estrela.

Atraída por um fluxo de pensamentos brilhantes, aproximo-me de uma estrela cuja atmosfera espiritual é pura e luminosa, e o planeta inteiro é um glóbulo transparente, cuja superfície em si parece apenas o refinamento de alguma alma poderosa. O meu guia, um rapaz encantado deste mesmo planeta, diz-me que este é conhecido como Vénus; e através de longas eras de desdobramento e progressão, criou para si próprio os poderes da poesia. E aí, nessa estrela transparente, os poetas habitam.

Digressarei aqui, muito brevemente, e direi que uma ideia errónea entre os espiritistas é que o mundo espiritual ou lar do espírito é limitado, e que cada espírito está confinado na sua esfera particular, até que, através da progressão, a porta de acesso da esfera seguinte mais elevada seja levantada e o espírito seja admitido na vida superior. Em vez disso, as almas dos homens desencarnados são livres, presas apenas pela escuridão do passado, e apenas escravizadas pelas pesadas correntes de erros terrenos.

O meu guia encantado diz-me que aqui, dentro deste belo mundo, todos os grandes e poderosos pensamentos de poesia nascem; e à medida que o anjo poeta desce à terra para soprar nos ouvidos espirituais de algum Byron ou Shelley embrionário a inspiração dessa estrela, assim regressa como a pomba de Noé ao lar da sua própria alma. Os poetas espirituais aqui são todos aqueles que, na terra, viveram e morreram, cuja inspiração pura fluiu da alma de Vénus.

Penso, pelo que posso inferir, que as almas dos mortais não se originaram na terra, mas talvez tenham atravessado cada estrela na grande harpa solar e sentido cada planeta vibrar ao toque de Deus; ou, por outras palavras, que a alma de Washington, Webster ou de ti próprio pode ter vivido antes, em alguma estrela luminosa, assim como as almas dos poetas agora habitam Vénus, após a sua partida da terra; que, como as emanações do mundo material, que buscam a sua atração elementar para formar alguma outra estrela, assim as almas dos homens, quando libertas das influências atrativas da vida material, se elevam pelo espaço e são lançadas para alguma estrela-Éden luminosa, aí para habitar até que as suas aspirações cresçam mais vastas; então elevando-se para sempre.

Considero as estrelas como lugares de repouso para a alma imortal, no seu progresso eterno; e cada mente que passa de estrela para estrela sente a sua própria insignificância, comparada com o vasto elemento de mente em que se move.

A terra não é o local de nascimento da alma; mas aí recebe a sua individualidade, que nunca se perde. E mesmo nas esferas da poesia, onde «a alma se funde na alma», como as cores no arco-íris, mesmo aí a mente conhece-se a si própria e sente a sua própria identidade. As verdades da vida espiritual parecem comparadas com uma consciência do que essa vida pode ser. E mesmo agora, quando o homem imortal descobriu a sua imortalidade, a estrela do dia do seu destino acaba de nascer; mas a sua magnitude ainda não é conhecida. Filósofos e astrónomos podem revelar onde uma estrela está; mas quais são os seus poderes, não sabem.

Apresento-te isto como o início de uma série de pensamentos espirituais e elementais, que continuarei, se desejares, apresentando, no futuro, as minhas razões para investigar este poderoso tema. E respeitosamente dou-os a ti, como o pioneiro na grande causa da verdade imortal. Qualquer beleza que esteja consagrada na filosofia que avanço, considera que as minhas verdades podem não ser as verdades de outras almas que vagueiam onde eu não vou. Ou que as minhas instruções, expressas em linguagem simples, podem não emocionar a tua alma com alegria, ou mesmo admiração. No entanto, por mais simples que seja a minha oferta, deposito-a no altar da sabedoria da tua alma e do teu nobre coração. Ouvirás de mim novamente.

Sinceramente uma amiga espiritual. Sinceramente uma alma imortal.

Shenandoah.

N.º 2 da Série, de Shenandoah.

Mundo Elemental, em torno de Vénus — continuação.

ATRAVÉS DA SENHORITA CORA, [EM TRANSE.]

STEPHEN ALBRO, Esq., Planeta Terra:

Venerável Amigo — Como uma continuação das minhas pesquisas espirituais parece aceitável para a tua mente, apresento aqui as minhas segundas descobertas nos reinos encantados do espaço.

Mudanças contínuas dos poderes criativos limitados da terra, e mudanças eternas da criação do Universo.

«De ano para ano, de era para era,
«Através de séculos se estende,
«A história cuja cada página
«Está carregada de mudança viva.»

Assim como as estrelas na grande harpa solar são vibradas pelos dedos da mudança, cada acorde sucessivo elevando-se para uma harmonia mais grandiosa e perfeita, assim a harpa do universo está afinada em harmonia com

o seu Criador, pelo Apolo da mudança, cujo olho ardente ainda não se apagou — cuja face e fronte ainda contam de eras incalculáveis.

Vénus é uma filha do Sol. O mundo embrionário que forma este e outros planetas do sistema solar são todos satélites do Sol, tal como a lua é da terra, e foram todos eliminados do seio do Sol, como planetas em miniatura, cujo destino é igual ao do próprio sol. Antes de a Terra ter recebido vida orgânica, Vénus já era habitada por almas humanas perfeitas, que iam e vinham de estrela para estrela, como o sucessivo amanhecer e pôr do dia, ou o nascimento e decadência das flores.

Se considerarmos o grande facto filosófico de que a mente é, e sempre foi, imortal; que a mente é a origem da matéria, em vez de a matéria ser a origem da mente, então devemos também admitir que a mente deve ter existido muito antes de a vida orgânica da terra poder admitir uma alma humana no seu santuário sagrado, e muito antes de as estrelas terem nascido. Se a mente for, de facto, a origem, ou Criadora, da matéria orgânica, então deve também tornar-se a Originadora de toda a vida orgânica, no vasto mundo elemental. Não pode haver vida sem uma causa, ou princípio de vida. Não pode haver princípio sem uma lei, e não pode haver lei sem uma mente. Como a mente é o elemento controlador de toda a vida, devemos necessariamente indagar o que é a mente, e procurar entre os elementos organizados da Criação progressiva e imortal uma resposta à nossa indagação.

Mundos, baseados nas leis imutáveis da revolução, devem ter tido alguma origem. Estrelas, brilhando do seu céu alto e entronizado, devem ter o seu Originador. Sóis, sistemas e sistemas de sóis, cujo limite é o fim do espaço eterno, e cujo limite é a Mente da Divindade, devem ter tido uma causa. O grande plano arquitetónico do universo, cuja base, ou fundação, é o espaço, cuja cúpula é o céu salpicado de estrelas, cuja espiral se eleva até ao trono do Infinito, deve ter tido o seu Arquiteto. Todos os universos, sistemas, sóis e estrelas que compõem o grandioso aparato da harmonia universal devem ter tido uma grande e poderosa fonte.

De quem, então, é o poder de retroceder ao passado — o passado escuro e vago — e recolher daí todas as evidências de Poder Omnipotente e Controlo Supremo? De quem é o poder de arrancar as estrelas do seu lugar no céu e perguntar-lhes como lá chegaram? De quem o poder de clamar a toda a criação e perguntar, quem é o vosso Autor? De quem o poder de ler o volume do majestoso universo e ver, em cada página, o nome da Grande Causa Primeira? E de quem o poder de mergulhar fundo, fundo, nas câmaras profundas da alma e aí encontrar a origem do pensamento? De quem? O eco responde e reecoa o clamor — mas nenhuma resposta vem.

Mas escutai! Um som como o último estertor de algum gigante moribundo ouve-se da superfície da terra, e a Ciência, em orgulhoso, mas artificial, aparato, ergue-se e reivindica responder. Escutai, então, a Ciência — «A causa de todas as coisas é Deus. Ele criou os elementos através dos quais, da massa caótica da matéria universal, mundos foram feitos; e estrelas realizam as suas

revoluções em torno do sol; e da massa de matéria inorgânica, as estratificações de vida granítica foram formadas; e do granito, o vegetal recebeu nascimento; e do vegetal, o animal; do animal, a mente.»

Bem, bem, Mestre Ciência, então este é o teu credo, e isto é tudo o que sabes! Mas quem é Deus? Ele deve ser Mente; e se Ele é Mente, porque precisaria Ele do longo processo de desdobramento material para se reproduzir? «Não sei dizer!» Bem, não importa, podes ir; mas tem cuidado em não pretenderes demasiado, quando na realidade podes dizer tão pouco.

Aqui está o colóquio que deveríamos ter com a ciência, se fizéssemos essas indagações precedentes. E no entanto os homens submetem-se às teorias e credos de investigadores materiais, cujo único conhecimento é de efeitos, e não de causas!

No vasto campo que tracei para explorar, há muitos espinhos e cardos que rasgarão o meu espírito. Há os espinhos da crítica e da superstição, que me virão do seio da jovem Éden, a Terra; e os botões da ciência espiritual e da investigação têm, debaixo das suas folhas coradas, os espinhos do preconceito para enfrentar. No entanto, a gentil tesoura da Verdade podará suavemente os espinhos, e deixará, para a nossa exploração, as belas flores e os botões fragrantes de beleza e amor; deixando a ciência e o pensamento, a mente e Deus, para a tua reflexão. Parto. Mais em breve.

Sinceramente,

SHENANDOA

Correspondência Espiritual.

O seguinte foi escrito pela mão da Senhorita CORA SCOTT, quando a sua própria mente estava em branco, no estado de transe. Foi envelopado, selado e endereçado, antes de ela ser restaurada à consciência. Shenandoah é o nome de um rio na Virgínia, e houve um Chefe Índio com esse nome. O espírito de quem esta comunicação vem diz que ela era a filha de BLACKHAWK, que lhe deu este nome; se pelo Chefe ou pelo rio, ela não diz.

Nº2 da Série

Mundo Elemental, em torno de Vénus.

STEPHEN ALBRO, Esq., Planeta Terra:

Meu Caro Amigo: — Há muito que procuro a oportunidade de me dirigir a si, escrevendo um breve relato de algumas descobertas e influências elementais que tenho estado a explorar ultimamente, e também apresentar à tua mente algumas belezas existentes nas regiões onde anjos e espíritos vagueiam.

Partindo das atrações terrenas, elevei-me pelo espaço, todo preenchido com partículas de pensamento, com espíritos e com estrelas. O voo espiritual é verdadeiramente belo, quando, com a velocidade do pensamento, nos encontramos a atravessar o céu sem trilhos. E para as mentes daqueles na terra que realizam a veracidade e o esplendor radiante da nossa existência espiritual, as descobertas do pensamento e da ciência já não estão confinadas aos limites estreitos de credos materiais, mas são tão ilimitadas como o próprio universo.

A terra, vista por mim com olhos espirituais, é uma massa globular condensada de matéria não desenvolvida, enquanto os habitantes dela apresentam uma massa de mente e matéria, refinada e cristalizada. A atmosfera da terra é apenas os elementos mais refinados do pensamento, cujas emanações estão continuamente a agregar e a segregar, tal como a matéria crua e mais não desenvolvida da terra. Viajando ainda mais longe da terra, ou à distância onde a gravitação da terra não afeta os rudimentos de novos mundos, ainda vejo as mesmas emanações cristalizadas formando e reformando de estrela para estrela.

Atraída por um fluxo de pensamentos brilhantes, aproximo-me de uma estrela cuja atmosfera espiritual é pura e luminosa, e o planeta inteiro é um glóbulo transparente, cuja superfície em si parece apenas o refinamento de alguma alma poderosa. O meu guia, um rapaz encantado deste mesmo planeta, diz-me que este é conhecido como Vénus; e através de longas eras de desdobramento e progressão, criou para si próprio os poderes da poesia. E aí, nessa estrela transparente, os poetas habitam.

Digressarei aqui, muito brevemente, e direi que uma ideia errónea entre os espiritistas é que o mundo espiritual ou lar do espírito é limitado, e que cada espírito está confinado na sua esfera particular, até que, através da progressão, a porta de acesso da esfera seguinte mais elevada seja levantada e o espírito seja admitido na vida superior. Em vez disso, as almas dos homens desencarnados são livres, presas apenas pela escuridão do passado, e apenas escravizadas pelas pesadas correntes de erros terrenos.

O meu guia encantado diz-me que aqui, dentro deste belo mundo, todos os grandes e poderosos pensamentos de poesia nascem; e à medida que o anjo poeta desce à terra para soprar nos ouvidos espirituais de algum Byron ou Shelley embrionário a inspiração dessa estrela, assim regressa como a pomba de Noé ao lar da sua própria alma. Os poetas espirituais aqui são todos aqueles que, na terra, viveram e morreram, cuja inspiração pura fluiu da alma de Vénus. Penso, pelo que posso inferir, que as almas dos mortais não se originaram na terra, mas talvez tenham atravessado cada estrela na grande harpa solar e sentido cada planeta vibrar ao toque de Deus; ou, por outras palavras, que a alma de WASHINGTON, WEBSTER ou de ti próprio pode ter vivido antes, em alguma estrela luminosa, assim como as almas dos poetas agora habitam Vénus, após a sua partida da terra; que, como as emanações do mundo material, que buscam a sua atração elementar para formar alguma

outra estrela, assim as almas dos homens, quando libertas das influências atrativas da vida material, se elevam pelo espaço e são lançadas para alguma estrela-Éden luminosa, aí para habitar até que as suas aspirações cresçam mais vastas; então elevando-se para sempre. Considero as estrelas como lugares de repouso para a alma imortal, no seu progresso eterno; e cada mente que passa de estrela para estrela sente a sua própria insignificância, comparada com o vasto elemento de mente em que se move.

A terra não é o local de nascimento da alma; mas aí recebe a sua individualidade, que nunca se perde. E mesmo nas esferas da poesia, onde «a alma se funde na alma», como as cores no arco-íris, mesmo aí a mente conhece-se a si própria e sente a sua própria identidade. As verdades da vida espiritual parecem comparadas com uma consciência do que essa vida pode ser. E mesmo agora, quando o homem imortal descobriu a sua imortalidade, a estrela do dia do seu destino acaba de nascer; mas a sua magnitude ainda não é conhecida. Filósofos e astrónomos podem revelar onde uma estrela está; mas quais são os seus poderes, não sabem.

Apresento-te isto como o início de uma série de pensamentos espirituais e elementais, que continuarei, se desejares, apresentando, no futuro, as minhas razões para investigar este poderoso tema. E respeitosamente dou-os a ti, como o pioneiro na grande causa da verdade imortal. Qualquer beleza que esteja consagrada na filosofia que avanço, considera que as minhas verdades podem não ser as verdades de outras almas que vagueiam onde eu não vou. Ou que as minhas instruções, expressas em linguagem simples, podem não emocionar a tua alma com alegria, ou mesmo admiração. No entanto, por mais simples que seja a minha oferta, deposito-a no altar da sabedoria da tua alma e do teu nobre coração. Ouvirás de mim novamente. Sinceramente uma amiga espiritual. Sinceramente uma alma imortal.

SHENANDOA

N.º 3 da Série, de Shenandoah.

Mundo Elemental, em torno de Vénus — continuação.

SENHORITA CORA, [EM TRANSE.]

STEPHEN ALBRO, Esq., Planeta Terra:

Venerável Senhor: Mais uma vez, meu amigo, nas asas do pensamento sublime, levo-te para longe das cenas da vida exterior e banho a tua alma nas ondas límpidas do céu tingido de arco-íris. Ciência, mente, Deus e eternidade foram deixados a batalhar com os princípios eternos que compõem cada um e todos, esforçando-se por analisar, em si mesmos, os princípios do outro. A mente é a essência de toda a vida. A vida é mente, e a morte é uma anomalia. Se a mente é vida, então a vida é Deus; e como Deus é omnipotente, não há morte. Então, onde quer que a vida, ou os princípios da vida, exista, aí habita Deus.

Da vida granítica, cujas mudanças silenciosas, mas eternas, vibram em harmonia com a matemática química das convoluções geológicas, aos vastos universos eternos que rolam entre as grandes esferas do Céu, em cada departamento de vida vitalizada, cada princípio é a sua própria Divindade, e cada lei o seu próprio controlador omnipotente! Os grãos de areia na praia do mar têm o seu Deus, nas mudanças silenciosas que os cristalizam e refinam. A pequena flor que brota ao longo do caminho tem o seu Deus, nos elementos vitalizantes que recebe das suas afinidades químicas, do solo, do ar e das gotas de chuva peroladas que caem sobre as suas pétalas murchas e aí reluzem como estrelas. O majestoso carvalho tem o seu Deus nos poderosos elementos condensados na casca da bolota, e recebendo o nutrimento adequado do seio da terra, brota em resposta ao Deus dentro de si próprio.

O alegre cantor do bosque selvagem, trinando as suas notas prateadas de melodia no vale sombreado, tem o seu Deus no pequeno universo de canção em que vive, e envia as suas respostas ao seu próprio Deus musical em efusões de amor mais suaves. O poderoso leão tem o seu próprio Deus na vida ao seu redor, e vê a sua própria magnitude nos poderosos poderes de força e ferocidade. Os mundos têm os seus Deuses nas mudanças infinitesimais que atraem partícula para partícula, na sua vasta composição.

Os universos têm os seus Deuses nas evoluções poderosas e estupendas que realizam em torno dos seus próprios eus omnipotentes. E a mente tem o seu Deus nos grandiosos e elevados voos do intelecto, ou na compreensão emocionante de toda a vida divina abaixo, ao redor e acima dela. A mente humana tem o seu Deus identificado na alma humana, e compreende dentro de si a vasta e eterna maioria de toda a vida ou mente combinada. Vénus tem o seu Deus; e este ouve-se na melodia emocionante e encantadora que vem desta ilha-poeta no vasto oceano do espaço.

Bem longe através das eras inumeráveis de uma eternidade passada, posso traçar as pequenas partículas atómicas, agregando e segregando, até que, dentro da sua própria esfera, Vénus produziu os elementos da poesia, movendo-se em rima ao verso do Céu, e formando para a sua poesia tons tão emocionantes de harmonia melódica, que mesmo universos se juntaram ao canto e ecoaram de volta a Vénus as suas próprias grandiosas melodias, até que, de sistemas inumeráveis, distantes e próximos, todos os pensamentos de anjos e Deuses se inclinaram para ouvir!

Traço as passagens migratórias do pensamento, das grandes mudanças que continuamente reproduzem outras mais novas e poderosas. E bem longe, para além do plano de Vénus, traço as almas de Poetas mais poderosos, que viveram e viveram, até que a própria vida que experimentaram parece a melodia solar de muitas grandes harpas, cujas cordas são apenas as órbitas de universos, e cuja melodia mais grandiosa é apenas o primeiro sussurro fraco de um Deus. Pensamentos falham, ou são eliminados de Vénus para a terra e outras estrelas, assim como os raios do sol brilham intensamente através deste universo primitivo; e muitos jovens Deuses de canção, ou poesia, ou terra, são apenas o sopro de algum anjo poeta luminoso desta bela estrela.

É difícil para as mentes na terra conceber que, através dos longos e intermináveis labirintos do espaço, todos preenchidos com pensamento, a mente se conhece a si própria como identificada com Deus; e Deus em si é apenas a mente da criação, tal como a forma humana é a criação exterior do Deus interior. É duro para mentes encerradas na forma humana olhar para trás através de uma imensidão passada e ver aí os elementos maravilhosos de vida identificada. Mas ó! a majestade dos pensamentos e ações que brotam dos corações dos homens não é em vão.

A humanidade converte-se num filho mimado de voluptuosidade exterior e sorve o veneno adoçado de verdades aprovativas. Os homens compram e vendem as virtudes inerentes às leis de Deus; fazem da bondade e afeto uma tirania especulativa, pela qual, ao ganhar as promessas da nossa outra mente, milhares podem ser pisados. Mas chegando à alma e à mente, o pensamento esquece os tristes defeitos na vida exterior e vê apenas a magnitude de diferentes mundos de pensamento espalhados pelo espaço.

A criação é o desenvolvimento frenológico da alma interior; e os universos são apenas a fisionomia do grande Deus que neles vive. As estrelas são todos os diferentes órgãos, ou poderes, no cérebro de Deus; e os sóis são apenas os seus olhos luminosos e iluminados pela alma, irradiando amor sobre os seus filhos. Cada órgão, ou desenvolvimento, no cérebro físico do homem (o físico sendo o representante do espiritual) corresponde ao organismo da estrela-poeta de Deus. E cada pensamento respetivo tendo a sua própria adaptação a algum desenvolvimento específico no cérebro humano é uma estrela embrionária, que tomará o seu lugar, em breve, no universo de universos solares!

Ó! que pensamento poderoso é este, que cada alma humana é um universo embrionário, e cada paixão, emoção, pensamento, aspiração e desenvolvimento progressivo da mente humana é apenas uma estrela infantil, e todas revolverão em torno do sol embrionário, a centelha da vida, a gota de Divindade imortal e vida, dentro de cada coração. Como é belo observar estes universos infantis e vê-los enquanto se convolvem e revoluem na esfera ainda limitada da humanidade. Mas muito mais belo e grandioso é o pensamento de que o Deus-sol no centro de cada universo em miniatura como este deva eliminar do seu poço quente as influências eletrizantes de harmonia atrativa,

para que cada planeta na mentalidade de cada mente humana possa realizar as suas próprias evoluções na sua esfera particular.

Ai! quantos órgãos-estrela luminosos, nos universos espirituais e mentais da vida individual, há cujos estados caóticos e não desenvolvidos não permitem esferas ou órbitas harmoniosas, mas estão continuamente a colidir com alguma outra estrela, e como o batalhar exterior do mundo elemental; ou, como a carreira assustadora do cometa flamejante, produzem os trovões e tempestades de desgraça e desespero no seio infantil da alma humana.

Ó! mortais, estudai, então, a vós próprios, pois estes são o «Alfa e Ómega» de uma ciência eterna, de um conhecimento eterno e de uma vida eterna. Se as mentes são (como tentei mostrar) os germes de universos prospetivos, então cada sistema e universo que agora rola através da Grande Infinitude do espaço eterno deve ter sido outrora uma alma humana; e universos, criações e vastas criações de Universos são a frenologia e fisiologia de Deuses.

De cuja mente poderosa emanou o sistema solar? e em cujo peito divino habitou o germe de Vénus? Cuja alma imortal é o sol, em torno do qual este sistema solar se move? Ah! quem pode dizer? Nenhuma resposta vem, perguntemo-lo a nós próprios.

Sinceramente, como sempre,

SHENANDOAH

N.º 3 da Série, de Shenandoah.

Mundo Elemental, em torno de Vénus — continuação. SENHORITA CORA, [EM TRANSE.]

STEPHEN ALBRO, Planeta Terra:

Meu Caro Senhor: — O pensamento cria o seu próprio céu. Deus é vida; a Vida é Mente; a Mente é pensamento; o Pensamento é Progressão; a Progressão é Céu; o Céu é Eternidade; a Eternidade é Felicidade; a Felicidade é a consciência da existência; as virtudes personificadas da grande Divindade.

Sendo os resultados físicos apenas o efeito da grande Causa de todas as causas, devem estar sujeitos ao poder controlador da causa; e os efeitos produzidos na natureza devem resultar da causa da natureza. Traçando as afinidades espirituais e físicas, devemos logicamente chegar à conclusão de que a mente é a fonte da matéria; e toda a matéria é mente refinada; senão, se a matéria é a fonte da mente, a mente necessariamente tornar-se-á matéria. Se o poder Criador dos universos — seja Ele Deus personificado, ou Deus em princípio — for mente, toda a produção da mente deve ser inferior ao Criador; e a matéria, como resultado dessa mente criadora, nunca será aperfeiçoada; pois Deus é perfeição, e nada é igual a Deus. Se a mente for o nascimento exterior da matéria, como os filósofos defendem, então, seguindo o raciocínio, a mente deve ser inferior à matéria; pois tenhas em mente, como facto científico, que

nenhuma criação pode exceder o criador. Qual escolheremos para o nosso Deus, mente ou matéria, ou ambos? Escolhendo ambos, tornaremos mente e matéria coevos.

Aqui permite-me chegar à minha conclusão sobre mente e matéria. Toda a matéria é mente, e toda a manifestação de matéria é o resultado da mente interior. Uma ilustração desse facto pode ser vista no homem. Um homem constrói uma casa. O plano arquitetónico desse edifício é o resultado do seu talento matemático e executivo. Mas o edifício é igual à conceção na mente do homem? Respondo, não. Os homens criam através de leis e meios as evidências físicas do pensamento. Olha para as tuas ferrovias e poderes mecânicos; olha para os teus progressos na ciência, arte e literatura; olha para as evidências intuicionais de pensamento majestoso; mas isto satisfaz o homem? Não. Esta construção exterior ou material aproxima-se do clímax da perfeição? Não.

Então o efeito, ou a conceção do efeito, é maior que a causa, e está continuamente a esforçar-se por atender às suas antecipações, criando novas capacidades de invenção e pensamento. Assim com a grande mente Deífica, na natureza e no espaço. Ele está continuamente a esforçar-se, como o homem, para encontrar melhores representações exteriores das Suas conceções interiores; e os universos são apenas a remodelação de poderes motrizes na mente de Deus. E assim o pensamento é o propulsor das máquinas da eternidade.

Mas, para regressar à harpa solar, ou desenvolvimento frenológico de alguma grande mente, cuja alma é o sol, e cujos atributos são as estrelas primárias. Mesmo agora, enquanto controlo o organismo físico desta médium, a alma-amor, o sol do universo, sorri tão docemente sobre a terra, que meio envergonhada do Seu olhar admirador, todo o céu ocidental cora como uma rosa, ou como uma donzela quando os olhos de algum Adónis-sol brilham intensamente no seu coração.

Os homens são apenas os sopros deste Deus Hiperião, mas pensamentos reluzentes, que vêm e vão, assim como os pensamentos do céu atravessam as mentes dos homens e se desvanecem na distância. Os mortais são apenas as sombras fugidias do verão da eternidade. E no entanto os mortais são Deuses. Mas aqui está uma canção ao Deus-sol e ao seu séquito. Nasceu no reino ideal de Vénus e foi-me transmitida, para que eu a transplantasse na terra. O eco vibrará de estrela para estrela, tal como os pensamentos vibram através de todo o organismo do homem:

> “Deus das estrelas! Grande luz central,
> Deste vasto universo, cujo poder imenso
> E força são como os pensamentos tão intensos
> Dos anjos-Deuses no céu eternal.

A ti cantamos, pois és Rei supremo,
Teu trono o sol, e aí trazemos nós,
Toda a beleza; e nas asas velozes
Da luz, sussurramos palavras de amor eterno.

Alma desta Harpa, cujos cordões dourados
São tocados por ti, como doces palavras de amor
Tocam corações terrestres, ou como aves de fulgor
Trinam as suas notas prateadas.

Assim, do teu coração, captamos o refrão,
E ecos flutuam, até que, de novo,
Mais alto soa, e quase uma dor aguda
Se sente onde quer que ele vá.

Apolo, ó Deus Hiperião,
Que reges o teu reino com o cetro
De luz dourada, ao teu aceno leve
As estrelas se curvam em reverência.
Teu trono, tua coroa, tua cidadela,
Teu tema de canto, teu feitiço mágico.

Teus salões de palácio, onde habita
Os pensamentos que agora cantamos,
Tudo, tudo, são pensamentos de almas humanas,
Cujas ondas, altas e trovejantes, rolam
Como um grandioso oceano sobre os baixios
Da vida eterna;
Depois, recuando da praia,
O murmúrio distante do rugido.

É acalmado em repouso, e nunca mais
Se ouve o som da contenda.
Escuta! Escuta! A melodia das esferas,
Reverbera através de anos sem fim,
Até que esperanças e medos se fundem,
Em alegria universal.

A ti, Deus-sol, esta canção é dada;
A ti, o Rei do Céu solar,
E à tua Harpa cujas cordas, duas vezes sete,
O tempo jamais destruirá."

Assim cantam os poetas de Vénus ao seu Deus, o Sol. E assim se juntam as vozes das estrelas e satélites cujas notas prateadas se misturam com as vozes graves das estrelas antigas. Vénus é o reino ideal do teu Deus-Sol — a esfera

ou órgão onde a idealidade, a sublimidade, o amor, a esperança, a veneração, etc., formam todos o plano poético do pensamento, no cérebro desta mente gigante — a sede da Beleza, da Verdade e do Amor — o belo trono do pensamento refinado e cristalizado, cuja estrela-rainha é a estrela do Amor, e cujo Rei é a Sabedoria.

A terra de coração dorido vira os ombros largos
Para o Sol vistoso e dourado,
E inclina a fronte cansada para a noite escura,
A lua, sofredora paciente e pura,
Pálida de dor e sofrimento,
Pressiona os lábios frios na testa da irmã,
Até que ela fique calma de novo, em paz e sossego.

Direi adeus, sinceramente,
Shenandoa

N.º 4 da Série, de Shenandoah.

Mundo Elemental, em torno de Vénus — continuação.

SENHORITA CORA, [EM TRANSE.]

STEPHEN ALBRO, Planeta Terra:

Meu Caro Senhor: — Para a terra sombria de um reino Ideal, levei muitas vezes a tua alma aspirante; mas agora não é sombrio e fugidio, mas real e tangível, onde os sentimentos e desejos dos homens se tornam divinos e nobres, e onde as almas de entidades vivas e respirantes se tornam a substância mais grandiosa de harmonia majestosa. Novas belezas no pensamento e aspiração são o que procuramos; novas glórias entre os esplendores exteriores da criação; novas joias de amor com que coroar as almas dos mortais; novas conceções de divindade e perfeição, que iluminarão os seus raios e aquecerão todos os cofres escuros e frios da desgraça humana.

As verdades não são poucas, mas muitas; pois cada lei gerada na mente de Deus torna-se uma verdade tangível; e cada sopro do universo gigante fala apenas de princípios mais nobres e celestiais. Assim, meu caro Senhor, vim conduzir-te para as regiões sonhadoras, mas agitadas, da vida elemental, onde aromas fragrantes da terra-Éden do pensamento enchem de deleite a alma eterna; onde zéfiros balsâmicos beijam o coração cansado e afastam as nuvens da tristeza das frontes dos mortais; onde vozes, misturadas em música suave, acalmam todas as tempestades selvagens de dor ou paixão, para o repouso; onde, em breve, nuvens luminosas e flamejantes flutuam, e das suas massas douradas se ouve uma melodia profunda, rica e emocionante. — Vem, e sobre as cordas da harpa solar, deixa a melodia do teu espírito emocionar.

Canta com as estrelas, cujos tons selvagens e surpreendentes encontram eco na tua alma. Suavemente e gentilmente fecha os teus sentidos exteriores,

enquanto com o narcótico da música celestial calo o som da contenda no teu peito e abro os portais da vida interior. Lentamente, mas com segurança, o teu espírito confuso abre os olhos e, com um olhar de prazer surpreendido, sobes comigo. Agora, escuta! Os teus sentidos espirituais devem beber profundamente na fonte da ciência e do pensamento; e a mente, perdendo o seu domínio sobre o mundo exterior, deve estender as suas asas e elevar-se para aquele orbe luminoso, cujos raios dourados brilham intensamente sobre os cofres espectrais dos salões de estrelas.

Sobe, alma cansada — não temas; estás apenas para ver a realização do que o teu próprio coração e mente é em miniatura. Este é um voo vertiginoso, e os sons que ouves são os mil e dez mil tons de melodia, vindos de cada grande lei neste universo elemental. É, para ti, como a música murmurante dos zéfiros de verão da terra enquanto emocionam as cordas de algum majestoso carvalho-lira, ou brincam entre os mirtos de climas soalheiros; e como a cascata prateada, cujas formas fantásticas marcam o tempo à sua própria melodia alegre — como a música mais selvagem da grande harpa da natureza, emocionada pelo Deus-tempestade — como o baixo mais profundo do trovão, ecoando através do mundo primitivo — como as notas altas e selvagens do tornado — como a música da sereia das profundezas peroladas do oceano, ou a harmonia terrível das ondas encimadas de espuma, cantando o seu hino fúnebre a algum marinheiro perdido.

Como tudo isto, é a música elemental que agora ouves; e no entanto é apenas o som da melodia da mente, quando liberta do barro exterior e deixada a viver em harmonia com a música do seu Deus.

Escuta! ouve a canção daquela estrela sábia, cuja vida está na poesia mais poderosa do pensamento científico. Ele é um sábio antigo, que começou a sua vida identificada na tua bela terra e agora criou, nos seus próprios pensamentos, os esplendores de um sol.

> “Rolando! rolando! sempre através do profundo vasto,
> Onde glórias vulcânicas dormem —
> Onde pensamentos majestosos da Onipotência mantêm
> As suas ondas inquietas confinadas.
> Eu movo-me para sempre vendo, dos mundos distantes,
> Todas as glórias de uma estrela gigante,
> Cujos raios encontram repouso onde todas as bênçãos de Deus estão,
> Eu movo-me, movo-me, em passo medido ao longo;
> E enquanto me movo, misturo-me no poderoso canto
> Da Divindade. E no entanto quem é o meu Senhor?
> Não respondo a ninguém; pois a minha própria voz é ouvida,
> Repetindo às estrelas que passam por mim,
> Avante! avante! ó orbes — rolai adiante pelo céu!
> Movendo, movendo, sempre ao meu pensamento silencioso
> Que da fonte do Céu foi trazido,
> Como as ondas da montanha cujas vozes foram captadas

Por ecos da mente.
Eu rolo e rolo, e agrego as almas dos homens,
Todas, todas, no meu vale estrelado.
Então, apontando para o espaço tão grandioso, digo quando
E onde devem começar o seu poderoso curso
Em torno do seu Deus, até serem fundidas com a fonte
Da vida e da luz, e até que Deus seja um —
Até que todos os universos sejam o sol
Para iluminar-se na Infinitude para além,
E a minha noiva escura, o esquecimento, nunca segure o cetro.
Eu penso, e estrelas correm loucamente aos meus pés;
Eu falo, e estrelas unem-se em música doce;
Eu respiro, e mundos correm para saudar
A minha alma-estrela onde vivo.
A minha alma é mente, e a mente é Deus;
A minha alma é pensamento, e o pensamento o Seu cetro;
A minha ciência é a ciência da mente divina,
Cujos poderes, condensados com princípio combinados,
Formam toda a vida de mundos e sóis;
E de todos os planetas em todo o espaço corre.
A filosofia é aquilo que é, e vive;
A lógica, a prova da filosofia de Deus;
E a matemática é o poder que dá —
O produto do amor de Deus de volta ao céu.
Assim, avante ó estrelas, e contai as horas que voais,
E enviai-as em pensamento à Divindade!
E tocai as vossas harpas novamente;
Pois se aqui permanecerdes,
O pensamento esquecerá o seu comboio mágico,
Assim para cima, e avante para sempre!”

Bem, ele é sábio; é muito como todos os pensamentos mais grandiosos de sábios antigos, condensados num só. A sua voz é doce, mas grave. Aqueles raios que vês são da alma. Este mundo de pensamento é estranho para ti; mas aqui não há espaço, nem tempo, mas toda a infinitude e eternidade. Mas mesmo a eternidade é governada pelas leis que proporcionalizam os dias e as horas da terra. No entanto é tudo em pensamento. Estamos ainda a mover-nos através dos palácios místicos de dias antigos. Estes enormes montes de granito-pensamento são usados como relíquias da antiguidade; e aquelas pirâmides cónicas e octagonais, misturando-se com arcos de uma luz mais suave, são pensamentos de filósofos antigos, cristalizados.

Aqueles cometas flamejantes que infundem terror no teu coração são apenas os pensamentos não desenvolvidos de homens e espíritos, que não constroem para si esferas luminosas de luz rotativa, mas varrem o espaço e caem na maré irresistível da loucura. Mas, um a um, preenchem os seus lugares

habituais e emitem tons suaves de luz, que guiam alguma estrela isolada para este reino encantado.

Percebes que, em proporção exata ao valor mental, estes sistemas estão arranjados; e aqueles montes de ouro são apenas os corações e as lágrimas de crianças sofredoras da humanidade; enquanto aqueles que ali trabalham labutam para reunir os fragmentos dispersos de dez mil almas assassinadas, no lar feliz dos bravos. Estas flores são apenas as flores fragrantes de corações puros, cujos aromas vivos eram redolentes com o tom mais divino do amor. Toda esta grandiosa vista de cenários trabalhados e encantados é apenas a visão ideal de algum artista-Deus, que recolhe cenas deste mundo de pensamento e as pinta na tela da eternidade.

Mas de volta à terra devemos traçar o nosso caminho, deixando este reino emocionante para a alma, depois de banharmos as nossas almas ofegantes neste oceano de amor perfumado, colhermos uma flor de esperança e alegria para a humanidade, e capturarmos uma pérola deste mar de pureza viva, para decorar a fronte do homem mortal.
Assim aqui estamos, nas margens do tempo, onde o homem oprime, agride e escraviza o seu irmão; e onde as tempestades tumultuosas de uma vida inarmónica lançam os frágeis barcos da humanidade e destroem as esperanças e alegrias do pobre marinheiro, nos baixios da suspeita e da desgraça.

Mas, meu caro Senhor, desfralda, sobre o amplo e agitado seio do mar da vida, o estandarte da Esperança, do Amor e da Justiça, que encontraste nas margens da vida elemental.

> “Envia de volta o lamento da desgraça,
> Para o túmulo silencioso
> Do esquecimento abaixo,
> E inclina a tua alma para salvar
> O teu irmão das injustiças
> Da inveja, do desprezo e da contenda,
> E terás as canções
> Daqueles na vida angélica.
> Afina a alma cansada,
> Em harmonia com o céu;
> E, enquanto as ondas rolam
> Nova força será então dada.
> Aponta para a estrela de luz.
> Brilhando nas esferas acima.
> Onde, vestidas de radiância luminosa,
> Estão anjos do amor de Deus.”

Adeus. Mais em breve.
Shenandoah

Palestra pelo Espírito de Fanny Forrester.
«Na casa de meu Pai há muitas moradas.»

Na casa de meu Pai há muitas moradas, que demonstram a Grande Divindade que respira, por todo o reino celestial, o elemento de alegria universal e inefável — um princípio de atração eterna e felicidade imutável. Nestas «muitas moradas» a alma é emancipada da escravidão do mundo e é introduzida na gloriosa liberdade de princípios imutáveis, para desfrutar da vida divina de uma natureza imortal, que existe para sempre e sempre. Estas «muitas moradas» estão radiantes com belezas imperecíveis. São brilhantes com inumeráveis variedades de sociedade, das quais, como águas luminosas, fluem manifestações eternas de harmonia e paz. Os espíritos inalam a fragrância dos tipos vivos do amor e da misericórdia de Deus, à medida que crescem na margem do oceano Infinito, fustigados pelos ventos suaves que vêm do seu vasto e poderoso seio. Não há desarranjo nas criações daqueles mundos incontáveis, governados pelas grandes leis da natureza; pois sobre estas leis depende a sua permanência e existência.

Nas muitas moradas da casa de meu Pai não há mudança do mundo exterior em que a construção mental é desenvolvida; mas o mundo do pensamento está constantemente a mudar pelo desdobramento perpétuo do pensamento não refinado, em sublimações mais elevadas de atividade espiritual. — Um desejo expresso pela alma não desenvolvida não precisa de palavras para lhe dar asas, nem de uma voz docemente sonora para lhe dar expressão; mas, por uma linguagem mais fina, esse desejo é transmitido ao seu destino; a sua poderosa eloquência apela ao espírito superior por assistência, e a voz do ser interior responde aos desejos da alma obscurecida, pela lei natural de amor e harmonia.

O descendente puro e terno pode ser mais elevado que o espírito da sua gentil mãe; no entanto, basta um olhar, e esse pequeno ser pode ler a oração da sua alma sincera; e que linguagem é mais poderosa que a da alma, quando fala cada pensamento e desejo. A alma ora. Ora para se tornar melhor; e cada oração cede à influência das orações de mentes mais elevadas. A folha e a flor buscam o seu alimento próprio e natural da riqueza do solo; e isto é oração, pois é a voz profunda da criação dirigida ao seu Criador. —

Tudo tem a sua oração. A voz pode não ser ouvida; pois muitos objetos da criação não dependem dos músculos e funções de uma natureza física para as entonações da voz; mas a voz da natureza, dependente do seu Criador para a expressão, está a proferir uma oração em todas as criações, em cada passo do seu desenvolvimento avançado. Há uma unidade de alma manifestada em todas as moradas da terra espiritual; pois há um Ser que pode salvar o espírito dos choques discordantes da terra, quando o sopro vil da injustiça envenenou, na própria fonte, o fluxo de toda a atividade interior. Sim, há um Deus, um Grande Centro, de onde emanam os princípios da natureza, e crescem mais

fortes, e são difundidos através de novas criações continuamente, surgindo para provar a identidade de uma existência eterna algures no vasto domínio da criação visível e invisível.

Olha através do teu próprio universo limitado e diz-me que evidência tens, nas manifestações dos vários departamentos da natureza, de um poder invisível. Que princípios estão silenciosamente a trabalhar nestas criações que despertam, na tua própria alma, o mesmo poder e emoções que, da natureza, pertencem às propriedades e átomos mais poderosos e minúsculos da existência? Que evidência tens de um Deus ou de uma Causa constante e positiva, quando contemplas as forças silenciosas da natureza? Elas não só provam a identidade de vida e inteligência no homem, mas que, debaixo do teu próprio solo, há criaturas vivas manifestando os elementos de vida e inteligência, e até subindo do seu lugar escuro e permanente, para receber a luz e o alimento da natureza. No oceano profundo e quase imensurável, há, debaixo das suas águas poderosas, criações manifestando vida e inteligência; pois do simples grão de areia elaboram rochas poderosas, e do simples seixo evoluem tipos de natureza que deleitam o olho humano e evocam a profunda admiração da alma.

Que poder é esse que pode sustentar a vida, a vida humana, debaixo de um imenso corpo de água, ou pode sustentar a vida de criaturas quando imersas no seio da terra? Que forças e causas produzem tal harmonia de efeitos? As causas são invisíveis, mas os efeitos são percetíveis à visão exterior. Porque há tantas demonstrações de causas, enquanto os efeitos produzidos parecem inteiramente diferentes? Porque a natureza deve ter, em cada departamento, as suas variedades para preencher ou constituir a sua perfeita completude. A natureza deve ter os seus usos adaptados nestas criações inumeráveis, pois a atmosfera torna-se densa e impura, e este departamento requer algum poder para absorver os elementos mais grosseiros do ar que inalas, e transportá-los para a sua posição própria na criação.

Assim vês que os insetos e criaturas vivas que estás constantemente a esmagar debaixo dos teus próprios pés são tão necessários à tua existência como os elementos da tua organização exterior; pois, sem eles, o elemento circundante do teu ser estaria constantemente a recolher partículas mais grosseiras da criação atómica, enquanto o elemento não refinado da vida poderia ser maior do que precisas; daí, em tal condição da natureza, não poderias viver. A natureza deve ter os seus absorventes para separar os elementos refinados da vida humana dos elementos mais grosseiros. Assim podemos perceber que toda e cada criação na natureza é adaptada ao seu uso próprio por estas manifestações mais baixas e grosseiras de vida e inteligência. Como é verdadeiramente dito, «na casa de meu Pai há muitas moradas»; pois cada criação que contemplas nos departamentos da natureza tem a sua relação com a morada espiritual mais elevada, onde podem trabalhar em grandeza e harmonia perfeita.

Nestas muitas moradas, a grande lei do amor está a manifestar-se nas suas demonstrações de consideração pela refinamento e elevação uns dos outros, e na supressão desse elemento egoísta que lança uma nuvem escura sobre a alma humana. No departamento floral da natureza, admiras profundamente a harmonia e unidade daqueles belos seres, e extrais deles o alimento interior para satisfazer os teus próprios desejos. No arbusto mais humilde existe o mesmo princípio, e assim por diante, em todas as outras criações. Estas belezas da natureza não estão gravadas nos grãos de areia na praia do oceano, mas estão escritas no peito luminoso da natureza, por uma mão Todo-Poderosa.

Quando chega a primavera, com que afeto aguardamos a vinda dessas belezas e glórias formadas apenas no departamento floral da criação, e quantas formas vemos saltitar levemente sobre colina e vale, sobre rocha e ribeiro, para colher as flores que a estação da primavera anuncia do seu longo confinamento? E embora se escondam na sombra profunda da floresta, o olho humano traça o seu esconderijo e preza-as como objetos de bem, sendo amadas tanto pela sua beleza nativa como pelas virtudes inatas. No entanto, quão belamente glorioso seria o coração quente e palpitante, se, na primavera da vida, ao perseguir alguma esperança luminosa pelo caminho acidentado de um futuro incerto, se confinasse ao real e ao presente, desfrutando as flores da vida à medida que a sua fragrância cai sobre a mola principal da alegria e da paz.

O contentamento é a flor mais bela encontrada no departamento floral do coração humano; pois à medida que as suas pétalas se abrem para receber as gotas refrescantes de orvalho do afeto e da simpatia, floresce muito mais belamente do que quando rodeado pelas últimas belas flores da natureza. Poderia ser inculto e rude, se não fomentado por uma influência gentil e plantado em solo congenial. Então deixa o jardineiro interior da natureza humana cultivar as flores do coração, e elas florescerão triunfantemente entre os elementos da natureza exterior. Não há flor na natureza ou no coração humano em que Deus não esteja.

Cada dia e hora devem adicionar ao progresso das tuas faculdades espirituais e intelectuais; pois onde o pensamento é quebrado no coração, por falta de refinamento, e não dá expressão, como conhecerás e apreciarás uns aos outros? Ó, esforça-te por cultivar os teus atributos espirituais, para que possas entender o coração humano; pois sabes que os seus impulsos são estranhos e errados por vezes, até que esse mais célere interior lhe mande calar-se e aprender a verdadeira fonte de justiça e prazer. Sê livre e feliz, e contempla o futuro glorioso, onde, na casa de teu Pai, há uma morada preparada para todos os objetos do seu amor e misericórdia.

Sou vossa,
Fanny Forrester.

Palestra N.º 13
Por Stephen B. Smith

ENSINAMENTOS ESPIRITUAIS

Como o homem é a produção última de um Ser Divino, assim deve ser controlado pelos princípios pertencentes a todas as coisas criadas. O homem tem uma organização mental imperfeita, bem como física; daí as suas ações devem ser caracterizadas pela incompletude da sua construção interior e exterior. A alma deseja os ensinamentos puros e santos e as influências do mundo invisível do pensamento e da sabedoria, enquanto a organização física busca as atrações da natureza imperfeita. Assim vemos que há dois elementos separados e distintos reunidos pela conjunção das várias leis e poderes de desenvolvimento, na construção do homem, tornando o seu ser incompleto e inculto.

Mas com toda a incompletude da natureza humana, a intuição inculta da mente torna-se inspirada pelo pensamento ativo e pela contemplação, para saber mais da existência infinita da alma; e quando os ensinamentos primários produzem uma fé crua e indefinida, as faculdades lógicas começam a desdobrar-se e são exercidas sobre todos os temas científicos e éticos do pensamento. Os presságios sombrios que a superstição lançou sobre as especulações da mente humana, concernentes às verdades e probabilidades de outro mundo, estão rapidamente a passar, enquanto cada mente individual, se pensar de forma independente e legítima sobre o vasto tema de um poder superior perfeito, conceberia na sua mente um ser moldado como ele próprio, apenas superando-o em perfeição.

Cada mente tem um lar e um Deus, algures nas regiões da criação invisível, que corresponde aos seus próprios atributos espirituais, mas muito mais perfeito. Podemos tomar as mentes de qualquer nação, seja uma nação pagã ou civilizada, e encontraremos que cada mente tem um protótipo de Deus, que adora. O índio livre e não sofisticado torna-se sobrecarregado de amor e gratidão nos seus esconderijos selvagens e isolados, ao meditar sobre as maravilhas do Grande Espírito. Os seus raciocínios são da natureza, cheios de beleza e diversidade, e reverencia o Grande Espírito como um Ser cujas demonstrações na natureza são sempre poderosas e duradouras, enquanto entrega plena esperança aos sentimentos não entravados do seu ser interior.

O africano, embora a sua mente seja fraca e não esteja em igualdade com a mente europeia ou americana, sente, no interior, a divindade das suas faculdades independentes, e tem um Deus imaginado na sua natureza interior, em exata correspondência consigo próprio. O pagão tem o seu ídolo Deus; e de acordo com o estado da sua própria mente individual, será o Deus do pagão; a diferença consistindo apenas na magnitude e poder de um Deus — não no caráter de tal Ser. Assim poderíamos prosseguir, notando as peculiaridades de cada nação ou mente geral ou individual; mas estas

verdades e exemplos manifestam-se hora a hora diante de vós, e podeis aprender, da página aberta da natureza, as leis de Deus e o seu efeito sobre a mente humana.

Os ensinamentos dos homens, que agora estão tecidos em credos, trazem sempre uma impressão do caráter e virtudes desses homens; e assim é com todos os ensinamentos. Os ensinamentos que fluem espontaneamente de mentes imortais são uma representação plena e perfeita dos desenvolvimentos e pureza do espírito. — Ensinam-vos a aprender e avançar para a verdade e a bondade, e abrem-vos as amplas avenidas do conhecimento, para que possais inculcar os verdadeiros princípios da natureza e do vosso próprio ser.

Há um princípio da natureza do espírito que, por si só, é capaz de gerar aspirações nobres na alma do mais iletrado e degradado; e este princípio impele a mente mais crua a buscar compreensões e entendimentos mais elevados. Os espíritos não têm objeto em regressar ao vosso lar, se não for para ensinar à alma humana essa gentileza e bondade de coração que jaz enterrada debaixo dos cuidados e desilusões da vida. A incompletude da existência humana torna-se ainda mais incompleta pela falha da mente em entender o verdadeiro objeto e missão do espírito na terra. Os espíritos vêm a vós para infundir nas vossas almas compreensões mais elevadas que possam absorver essas influências exteriores que são tão frequentemente sentidas no coração humano.

Vêm para mostrar as evidências de harmonia e amor que caracterizam a sua existência, e estabelecer o mesmo princípio harmónico na terra. Vêm para suavizar e embelezar as partes rugosas da alma, pela ação constante e operação das leis de Deus sobre a natureza espiritual, tornando assim a vossa vida mais bela e gloriosa. A alma simpática não pode deixar de derivar alegria e felicidade do conhecimento de que positivamente se encontrará com os entes queridos que foram para o seu lar eterno um pouco antes. Na terra espiritual, o reflexo do pensamento é encontrado e destaca-se distintamente em cada rosto.

O espírito realiza os seus próprios atributos — deriva os seus próprios privilégios do seu desenvolvimento, e está sempre a manifestar a sua liberdade e liberdade por uma manifestação independente e individualizada do seu poder de pensar e agir. Isto é um objeto que desejam realizar na terra, que o homem tenha a mesma disposição e capacidade de manifestar as indicações puras e livres da sua natureza real, e não use os esforços mais fortes para ocultar as emoções da alma, causando assim que outras mentes se enganem quanto à bondade e sabedoria reais que possuis.
Suponhamos que o homem foi criado apenas para viver e desfrutar uma vida terrena; quantos haveria que se esforçariam por tornar as suas vidas felizes contribuindo para a felicidade dos outros? O número seria menor do que na idade presente, que poderiam desejar ser felizes e tornar os outros assim, porque então a alma diria, não tenho Deus, a quem as demandas da minha

natureza devem chamar por alimento; nem a minha voz interior deve responder ao chamamento da natureza.

Então não haveria medo ou amor de Deus ou do céu; pois a alma tornar-se-ia nada enquanto o sepulcro frio da morte seria o local para receber os gemidos e lágrimas de muitos milhares de corações sangrentos. Este ensinamento fraco apenas tornaria o mundo mais frio, e a morte seria temida, enquanto o leito de morte apodreceria debaixo do corpo enquanto lutava por uma continuação da vida, sabendo que tanto a alma como o corpo devem ser resolvidos no elemento da natureza externa. Então suponhamos que há um céu e um inferno. Qual é o efeito deste ensinamento sobre a mente e a felicidade da humanidade?

A mente lançaria a sua responsabilidade sobre os ministros desta doutrina pecando, e depois buscando arrependimento no altar sagrado da adoração santa, enquanto debaixo de todos os seus sentimentos de arrependimento existiria um desígnio mau. Tal alma, então, encontraria um lar no céu, enquanto a mente de pensamento livre deve contorcer-se em agonia ou tormento infinito. O efeito de tal doutrina sobre a mente é este: Entrava o exercício natural do pensamento livre, e as propriedades latentes da mente não são evoluídas pelo princípio que deve desenvolver e refinar cada espírito, e no seu estado primário, não aprenderia os princípios fundamentais da sua existência externa. Daí as suas lições primárias seriam as de gratificação material, em vez de elevação espiritual; e seria loucura tentar estimar o número que deve ser enviado para a perdição, de acordo com tal falácia ou doutrina mitológica. Tomemos agora a verdade.

Falemos do mundo espiritual como ele é, e do espírito como ele clama alto por liberdade, enquanto as correntes da escravidão mental tilintam no amplo campo da humanidade. De que valor são os ensinamentos da mente imortal, se não controlarem os atos dos homens na sua rotina diária? A intercomunicação espiritual, embora agora um embrião, não emanou do mesmo ventre que deu à luz a infidelidade que se espalha tão terrivelmente pelas vossas nações; nem é uma direção errada do passado; mas veio de Deus. É o princípio rudimental e fundamental da criação, e não pode deixar de purificar e melhorar as almas dos homens. Os inimigos da liberdade, tanto na terra como na terra espiritual, regozijam-se com a corrupção e discórdia que é apresentada à mente; e podes admirar-te disto quando a maioria de vós está a tornar o campo já amplo da iniquidade cada vez mais longo por cada pensamento e ação errados?

Não, não nos admiramos com esta fragilidade da existência incompleta, e por isso vimos trazer-vos a verdadeira palavra de Deus, para que possais esforçar-vos sinceramente por viver uma vida pura, e encontrar tal uma no céu. — Deveres severos chamam-nos de volta a vós, e enquanto vos trazemos verdades tão amorosas como o céu pode dar, assim damos constantemente expressão a cada pensamento, e progredimos para cima e para diante para

Deus. Estamos, na nossa individualidade, livres, mas ligados pelos laços da eternidade à Fonte infinita da Verdade. O coração pode suspirar pela verdade; mas quando vem como alegria do céu e conflita com as lições primárias da religião, é rejeitada; mas nunca pode ser tornada falsa.

Tendes ido até aqui audaciosamente para o céu. Cada hora vos traz mais perto do vosso nascimento eterno; e haveis perdido tempo na vossa busca pela verdade? Haveis desenvolvido em vós mesmos as capacidades para fazer o bem, para que possais disseminar esses atributos para o bem dos outros? Ficai no alto monte da sabedoria e da verdade e lançai fora essas faculdades egoístas que há muito foram fomentadas e acarinhadas pelos homens. Elas têm sido eficazes em escravizar o homem e acorrentá-lo em submissão à vontade do seu semelhante. — Este é um poder arbitrário, e a sua influência sobre o intelecto fraco é terrível. Tem-se infiltrado no mundo da liberdade de pensamento, e misturou a sua influência falsa com o incenso puro que poderia elevar-se em fragrância celestial, e uniu as suas notas discordantes com o orgulhoso canto da liberdade e da justiça. Acreditai nos nossos ensinamentos. Deixai que controlem cada ato vosso; pois o seu efeito sobre as vossas almas será eterno e belo.

Às pressas, vosso,
Stephen B. Smith.

Palestra pelo Professor Dayton

No final da palestra pelo S. R. SMITH, recebida no Círculo Harmónico, publicada no nosso último número, e depois de o círculo ter cantado o hino que começa:

«Os serafins luminosos pairam»,
o alfabeto foi chamado, e a seguinte palestra foi dada pelo Prof. DAYTON:
Sim, «Os serafins luminosos pairam» perto, enchendo a terra com dez mil movimentos vibratórios, que emocionam a criação com a magnificência e o poder de Deus.

E quem e o que é Deus? Uma alma individualizada, condensada numa forma, cuja semelhança é o homem, existindo nos céus mais elevados, para os corações humanos amaldiçoarem ou adorarem, conforme o impulso possa dirigir? Possui ele uma natureza humana e espiritual, da qual o homem é a imagem? E o erro, em forma espectral, busca o seu lado e põe aos seus lábios o cálice da amargura, para que ele também prove do seu conteúdo? Ai! ai! para alguns corações, que apagariam para sempre a imortalidade da alma, deixando-a num mundo sombrio e cruel, onde pode ocasionalmente encontrar um lugar onde repousar as suas asas cansadas. Ou é Deus a fonte primordial de toda a existência, por leis específicas, que nem mesmo os anjos entendem, evoluindo almas vivas da matéria inanimada, impregnando e difundindo através

da natureza exterior os elementos e princípios inerentes à sua própria constituição poderosa?

Ele é a fonte indefinível e incompreensível, de onde emanou a vida e o movimento, pré-existente no seu próprio mundo de mente e matéria. O sol natural, por lei organizada e princípios fisiológicos, lança do seu corpo brilhante átomos de matéria, que, por princípios específicos, se reúnem numa esfera atrativa, no universo exterior; aí, sendo atraídos infinitamente juntos, existindo como um sol embrionário, que, por processos indefiníveis, se torna um mundo vivo e em movimento, falando em cada evolução e progressão o poder inexprimível de Deus.

Deus, na sua própria existência, por leis anatómicas, emite da sua natureza brilhante centelhas de vida, que, por leis naturais instituídas no universo natural, são atraídas para uma posição específica, no mundo mental e fisiológico; enquanto essa centelha, impercetível à visão humana, elabora uma forma humana, cujas essências interiores nascem, uma entidade viva e respirante, que existirá até que o tempo não mais seja. Ainda assim, com todos estes factos, analiticamente traçados de causas invisíveis, os homens destruiriam essa centelha, ou átomo, congelariam as fontes fluentes de uma vida eterna, e diriam:

«Sou o final mais elevado e nobre de todos os subordinados no mundo exterior. Se, por acaso, desejar, posso esmagar a vida do inseto, e nenhum poder superior pode censurar. Posso pisar a inocência e a beleza, e nenhum olho me vigia do lar da eternidade. Posso fazer o que quiser, e nada para além pode trabalhar no coração interior, pois a consciência morre quando a forma decai.» Mas, pobre coração equivocado! cada palpitação tua cria uma emoção; e essa emoção, por leis específicas, rola no oceano da mente, para outro mundo, elicitando de miríades de almas a simpatia e o afeto de uma existência imortal e animada.

Então, amigos, com tudo o que o homem possa planear, o mundo avança, enquanto, em cada decomposição exterior, uma recomposição ocorre, por leis orgânicas e anatómicas, e existe num universo futuro. Então, se a natureza não pode ser desfigurada, a mente deve permanecer uma entidade espiritual viva em esferas de desenvolvimento ainda por vir. Deve navegar sobre o mar da humanidade e chegar em segurança aos portais do dia eterno; quando multidões de anjos a saudarão no seu lar superior, onde, com leveza e beleza, se juntará aos anjos; e em vez de buscar inspirações daguerreotipadas da Divindade, em tipo e papel, mergulharão sem medo no oceano da infinitude e trarão diamantes brilhantes, que reluzem no universo expansivo da mente, na eternidade.

Convido-vos a prosseguir, e estarei fielmente ao vosso lado, dizendo — se vos desencorajardes «És imortal», e estas palavras iluminarão os vossos corações,

e poderei regressar aos meus deveres imortais, satisfeito por ter realizado algum bem humano, mesmo eu.

E. C. DAYTON

Palestra pelo Espírito de Lovisa Buck

Não é matéria de questão, pela maior porção da humanidade, que o homem é dotado de uma natureza espiritual; mas a continuação do princípio divino da mente humana, após a sua separação da forma física, que estabelece a individualidade da alma e a torna capaz de identificação eterna, é o tema importante que permanece por resolver em muitas mentes inteligentes. Que se entenda que a mente invisível é o indivíduo real e não é essencialmente dependente da organização natural para a sua existência imortal ou individualidade.

A forma exterior é uma representação imperfeita do espírito interior, quer a forma seja material ou espiritual. A forma, ou corpo, é o molde no qual os elementos da natureza são levados a fluir, tornando a organização exterior o enquadrador primário da mente. Os elementos da forma exterior são subjugados ao controlo exclusivo do espírito. O espírito com o seu corpo celestial prova-se livre de dependências primárias, à medida que progride para a maturidade. A mente, quando vestida numa forma física, é dependente dos sentidos exteriores, como meios de educação e refinamento interior; mas a alma em breve evolui as suas forças latentes, surgindo através do seu vestuário terrestre, para aprender algo da sua gloriosa liberdade e destino final. Quando a forma exterior e o Espírito ganharam força suficiente, a mente descarta a sua brincadeira infantil e avança ousadamente para o limiar da independência e da sabedoria, e pisa os caminhos da infinitude como uma alma imortal.

A mente é o desenvolvimento mais maravilhoso da criação visível. As entidades e faculdades agrupam-se à sua volta, tornando o homem o centro de toda a beleza e perfeição organizada. Há, no homem, uma adaptação perfeita de cada forma e elemento do seu ser à sua esfera natural. A sua constituição espiritual está harmoniosamente adaptada ao mundo da espiritualidade. As naturezas exterior e interior estão belamente misturadas nele. O inferior e o superior, e o material e o espiritual, estão centrados nele, tornando-o a joia da criação visível e a flor do universo material. O homem é o ser de um momento e o possuidor de uma vida eterna. É, em algumas condições de vida, um mero animal; no entanto, um espírito imortal. A forma humana é simplesmente o invólucro do caráter superior do homem; e quando isso esmorece, o espírito deve ter outra forma, eterna e imortal, para proteger a alma, através do seu processo de aperfeiçoamento no conhecimento e pureza espirituais.

O homem tem várias evidências de um mundo futuro. Alguns têm as evidências desta vida celestial da história de homens passados, que eram materiais como

os homens agora são. Algumas mentes têm evidências de uma vida futura gloriosa da voz interior da razão e do julgamento. O homem pode sofrer nas suas lutas mentais para atingir a liberdade moral e religiosa; mas este tema não é apenas um que envolve os nossos poderes intelectuais e lógicos, mas também apela aos nossos afetos, e podemos permitir-nos sofrer nas nossas tentativas de nos libertarmos da prisão teológica, para absorver motivos mais elevados e puros, recolhidos do coração interior da natureza.

Uma nova influência está a ser sentida na terra. A influência da liberdade religiosa está a atuar e a fluir através de avenidas do intelecto, onde o elemento divino nunca fluiu antes, para purificar a mente pela forte maré da reforma social e moral. O oceano da liberdade e da riqueza intelectual, na sua força poderosa, está a lançar o seu spray reluzente sobre as belas terras de outras nações além da América; e o aumento gradual desta maré em movimento derreterá a influência congelante da infidelidade em cultivo, e cada mente dará encorajamento ao crescimento das flores livres e independentes da eternidade.

Vejo diante de mim, no universo da imoralidade e do crime, o homem idoso puxar a sua cadeira velha habitual para a porta da sua cabana e ver a paisagem circundante com a sua folhagem verdejante, a sua superfície diversificada e belezas reluzentes, e ouço-o perguntar se está destinado a uma progressão eterna no gozo ininterrupto de uma vida imortal. Vejo o bebé sorridente rastejar silenciosamente para a porta frequentada, para olhar para a relva ondulante, e vejo-o esticar o seu bracinho para colher a pequena flor que atrai a sua atenção, dando evidência do seu afeto natural pelas glórias da natureza.

Vejo a alma jovem contemplando os elementos da natureza descobríveis em cada objeto vivo, e ouço-o indagar se viverá nessas esferas mais elevadas onde os elementos da natureza rolam silenciosamente ao longo das profundezas serenas da imortalidade. Vejo a forma de alguém curvada na atitude de oração, que vigia esses passos que tantas vezes amou acolher em casa; mas agora teme e receia a sua aproximação próxima, pois suportam a forma intemperada e o naufrágio de uma mente outrora nobre, que outrora amou e reverenciou. Volta-se ela em desgosto do sopro poluente do bêbado? Não — sofre bondosamente tudo, enquanto pergunta à sua alma secreta se a sua vida presente é típica da sua existência futura, ou se alguma vez se tornará um espírito luminoso e imortal.

Vejo a mãe — a mãe afetuosa, inclinar-se sobre a forma imprudente do seu filho errante, perguntando aos seus pensamentos interiores se ele sofrerá eternamente, ou se a misericórdia e bondade de Deus converterão a sua fraqueza em força e lhe darão um lar entre os abençoados e puros.
Assim, em todas as cenas da vida humana, a questão é feita: «Há um mundo futuro?» Porque duvidamos da nossa imortalidade? É verdade que há uma variedade infinita de mentes possuindo qualificações e dons diferentes. Há uma

vasta dissimilaridade de dotes mentais, e os homens acreditam de acordo com o seu entendimento. Cada mente bem organizada é constitucional e naturalmente dotada de poderes e qualidades particulares; e cada arranjo ou combinação particular de elementos e princípios desenvolverá um molde particular de mente.

Um homem destituído de harmonia mental e orgânica, e sem uma educação necessária, pode gerar pensamentos crus, enquanto o arranjo diferente das faculdades mentais pode desenvolver uma mente diferente e desdobrar uma vida repleta de boas ações. Uma combinação particular de elementos desenvolverá uma mente particular, enquanto a cadeia de circunstâncias causará que uma mente seja brutalizada, enquanto combinações diferentes de circunstâncias causariam que a mesma mente espiritualizasse o caráter humano. Assim os homens constitucionalmente harmoniosos acreditarão, pela lógica, no que outros veem e ouvem, enquanto a mesma crença poderia confundir e maravilhar outros.

Todas as mentes são constitucionalmente capazes de aprender e entender; e embora o que acreditam possa detratar muito da dignidade natural da verdade, no entanto é a sua convicção solene. Daí nenhuma mente ser justificável em condenar outras mentes pelo que acreditam, pois todas as mentes são capazes de errar. Nem a mente é justificável em condenar qualquer forma de adoração ou crença; pois todas podem conter algumas verdades. Mas o grande mal na terra é o desejo de criticar e condenar todos os temas teológicos assim como políticos de pensamento, se estiverem em antagonismo com as convicções do crítico e censor.

Quando o espírito do homem desdobrou os elementos mais finos da sua natureza e sente como matéria de consciência intuitiva e espiritual a grande lei de impregnação simpática e infinita pela qual Deus dá tom e ação às faculdades da mente, então uma religião tornar-se-á universal, e todos podem ir por um caminho para o mundo futuro. As essências vitais da vida fluem frescas e puras do coração mais interior, através das veias da inteligência, e cada departamento da natureza recebe a sua certeza de uma vida futura da fonte inesgotável da verdade, justiça e amor eternos.

A mente humana salta para cima no fluxo corrente da progressão constante, onde cada erro é instantaneamente levado para um destino mais estrangeiro, enquanto a sua identidade é preservada e os seus poderes são constante e sabiamente melhorados, na terra espiritual, para a qual todos viajam rapidamente.

Sempre Vossa,
Louvisa Buck.

Palestra pelo Espírito da Senhorita A. F., falecida em Buffalo

UMA VEZ MAIS SOU LIVRE

Esta é a terra da liberdade. Ó, liberdade! o dom mais orgulhoso do céu! Não esqueceste o teu lar nativo. Uma vez mais respiro o ar da montanha. Uma vez mais piso as minhas próprias colinas livres. A minha alma ascendente, no seu voo orgulhoso e celestial, lançou fora todos os seus grilhões; e enquanto contemplo a névoa na sobrancelha da montanha, enquanto se entrelaça em mil formas, aprendo mais e mais da liberdade do meu próprio lar nativo, na terra espiritual. Com que orgulho caminho por estas colinas e abençoo-O, meu Pai, que tudo é tão belo. À medida que o sorriso do céu perfura a escuridão das cavernas escuras e faz as flores florescerem em spots onde mesmo os anjos não ousam pisar, a doce influência de Deus é sentida aí. O nome de tirano é aqui esquecido. Não há monarcas aqui, salvo o grande Deus do céu. Ele sozinho controla as almas dos homens.

Quando primeiro despertei da minha inconsciência, enquanto passava pela mudança chamada morte, vi miríades de seres agrupando-se à minha volta. Alguns eram puros e belos, enquanto outros pareciam tão escuros e repulsivos que o meu espírito recém-nascido se afastou, temendo, ai!, que a minha condição fosse de ignorância e escuridão, e que devesse residir com eles. Enquanto nesta condição contemplativa, ouvi vozes juntando-se em doces hinos.

Aí ouvi música tão suave e bela que a minha alma aspirante ergueu-se deste momento de aparente esquecimento para uma consciência plena de que estava no céu. Olhei descontroladamente à volta e, por um momento, pensei nos meus amigos na terra, quando ouvi uma voz dizendo: «Filha da terra, ergue o teu olhar para aqueles anjos luminosos, e aí encontrarás a tua igualdade de desenvolvimento. Aí está o teu lar presente; pois a mente é progressiva, e este não será o teu lar para sempre; mas para diante e para cima é a lei do céu. Aqui a tua vida será completa.» Um sorriso irradiou o meu rosto.

Voltei o meu olhar para a esfera onde devia habitar, quando uma banda de espíritos infinitamente belos veio e disse bondosamente: «Irmã, três vezes bem-vinda ao teu lar connosco. Vem juntar-te a nós nas nossas melodias de alegria eterna e ergue o teu espírito em santidade à Fonte viva da verdade eterna. Aprende sabedoria. Sê boa. Sê pura, e isto aproximará o teu espírito do trono de Deus.» Olhei intensamente à minha volta e descobri grandes florestas, flores variando em tamanho, cor e beleza. Vi o riacho prateado e o oceano amplo. Vi colinas, montanhas e vales. Perguntei aos meus companheiros se isto era verdadeiramente o céu, ou se era um mundo pelo qual todas as almas devem passar antes de estarem preparadas para o céu. Responderam: «Maravilhas-te com a rocha escarpada e o seixo isolado; mas Deus adornou o mundo espiritual com os elementos refinados da natureza; e cada objeto do

mundo que acabaste de deixar tem uma emanação espiritual, que vive e tem o seu tipo aqui.»

Perguntei: estes objetos existem, como a alma, eternamente? Resposta: «À medida que a flor se desdobra do botão, à medida que a alma se eleva acima da condição egoísta da vida material, para uma esfera mais elevada e luminosa, quando as faculdades da mente atingiram o cume da concórdia harmoniosa, assim opera o mesmo princípio imutável sobre a natureza interior e exterior de toda a construção divina.»

Então perguntei: Se isto é verdadeiramente o mundo espiritual, onde está Deus? «Não O vi.» Responderam: «Irmã, não vimos o Deus do amor e do poder, nem conhecemos qualquer ser na terra espiritual que O tenha.» Disse: o quê, eu no céu, e não posso ver Deus. Ouvi uma voz, de cima, responder: «Quando o teu espírito tiver chegado a essa condição de perfeição superlativa, quando já não puderes regressar ao outro mundo, então poderás ver Deus: mas agora a tua alma não é pura o suficiente para vir à Sua presença; a Sua influência realizarás para sempre. Estuda e aprenderás d'Ele.»

Então disse: Se isto é o céu, onde está a minha mãe? Ela veio antes de mim. Deixa-me vê-la e acreditarei. Responderam: «Pensa na tua mãe, e ela ouvir-te-á chamar.» Pensei nela, quando eis que veio e me apertou ao seu peito, com emoções de alegria indizível. Disse: «Minha filha, estás mais perto da presença da Divindade central. A tua alma é divina. À medida que vives aqui, vagueia entre os objetos e elementos da natureza, e estuda os princípios centrados aí, e ascenderás mais alto e tornar-te-ás mais pura. Devo agora regressar.» Disse: Mãe, porque me deixas? Não me amas?

Costumavas apegar-te a mim enquanto na terra. Ó, fica comigo agora, minha mãe. Disse: «As leis de Deus são imutáveis. Aqui determinamos a nossa existência celestial pela magnitude das nossas faculdades de sabedoria e pela pureza dos nossos espíritos. As minhas faculdades estão mais perfeitamente desdobradas do que as tuas, minha filha, e a minha posição aqui é mais elevada.» A minha mãe assegurou-me que me veria frequentemente, e que em breve poderia estar com ela: e, com uma despedida bondosa, partiu para o seu lar celestial.

Então não era feliz, pois ansiava saber mais do Espírito Divino que permeava estes princípios eternos, e quanto mais desejava aprender, mais rapidamente progredia. Agora sou feliz. Aprendi os princípios fundamentais da minha vida celestial e posso agora conduzir o meu espírito para glórias mais elevadas, esforçando-me constantemente por aprender mais do meu ser e de Deus. Os meus labores são inocentes e mais puros; e nos meus sonhos do Paraíso contemplo quase todas as combinações de objetos movendo-se no grande princípio progressivo.

O homem deve pausar e pensar na eternidade. Não há punição para crimes terrestres, salvo a influência gentil e tolerante de Deus e da terra espiritual. Mas pela vossa melhoria espiritual, sois reconhecidos na terra da liberdade e glória. A natureza é o universo; estende-se longe e amplo, como a manifestação imutável de Deus. Revela o Seu caráter na sua plenitude divina. O verdadeiro Cristianismo foi escrito nas páginas da criação — e no coração humano. Está sobre a fundação mais elevada, sobre a base de eras eternas, e a verdade permanece inabalável e imutável.

O homem pode ser enganado na Bíblia. Então que tome o livro aberto da natureza, e pode ler um volume numa palavra e um Paraíso num sorriso; um céu num olhar e um inferno num suspiro. Aquele que moldou o universo escreveu as verdades do Cristianismo na constituição das coisas imperecíveis. Estas não podem moldar nem jamais ser manchadas pelos dedos do tempo, pois são de Deus, não dos homens. São espirituais, não materiais. São eternas e imperecíveis. O verdadeiro Cristianismo surgiu com os elementos da vida, flui com eles através da existência da mente e envia a sua influência infinita mais alto do que as ambições mais nobres podem elevar-se. É a estrela do universo espiritual e o sol central da infinitude. Está estampado na mente humana e celestial, por Deus, numa definição simples e imperecível.

Escarneci e ridicularizei o intercâmbio Espiritual, mas antes de o meu espírito ser chamado para casa, a sua conceção intuitiva obtivera uma convicção desta verdade sublime; e descobri que a minha felicidade acima dependia, não dos ensinamentos de Jesus ou Moisés, mas de mim mesma apenas. Mas as minhas convicções não foram feitas cedo, nos meus anos infantis; em consequência do que a minha mente foi conduzida para a sua existência eterna inconsciente dos princípios da verdadeira religião Cristã. Há uma simplicidade, uma beleza, na verdade que não é tão evanescente e fugidia como a brisa passageira, mas tão imperecível como os céus e tão imutável como a Divindade. O anjo do coração pode ser ferido e a sua natureza terna sofrer profundamente por alguma transgressão religiosa, enquanto na forma humana; mas no mundo da eternidade, recebe verdade reluzente que mente ou talento nunca podem exaurir.

Afetuosamente Vossa,
A. F.

Do nosso Correspondente Espiritual.
Siracusa, segunda-feira, 15 de março de 1856.

Amigo Albro: — Enquanto estávamos sentados à mesa, as seguintes palavras foram ditas através do alfabeto: «Dar-vos-ei a vós e a Anna uma comunicação, quando puder encontrar tempo, fundada na palavra lar.» — Pergunta: Dar-nos-ei o vosso nome? Resp. Sim. Senhora Hemans.

P. Dir-nos-ei quando será melhor sentarmo-nos? Resp. Na quarta-feira à noite após o chá.

Em conformidade, na quarta-feira à noite, 12 de março, tomámos os nossos lugares, e imediatamente a seguinte bela comunicação foi dada através do alfabeto:

O lar é o molde do caráter; aí os balbucios do infante são ouvidos pela primeira vez, e a mãe o acaricia com alegria sincera, ao pensar que o seu primogénito é poupado para conversar com ela durante longas horas. Pensai no pobre marinheiro que é lançado para cá e para lá sobre as ondas ondulantes, e tem de suportar furacões, tempestades e tormentas. Já não está sentado à lareira com o círculo familiar. Lágrimas quentes brotam das suas pálpebras enquanto contempla as ondas azul-escuras, suspirando pelos prazeres do lar que se foram, todos se foram da terra. Rapaz tolo! se tivesses ficado e desfrutado os confortos que te foram dados! mas eles deslizaram como um sonho agradável, e deves lamentar a sua perda. Pensai no prisioneiro — Ah! ai dele, confinado na cela estreita, com correntes tilintantes, e bolas de ferro são os seus reconciliadores; pode pensar nos prazeres do lar, nos círculos familiares e nas meditações à lareira; mas o pensamento nada lhe vale; está condenado à cela da prisão para a vida. «Seja ele tão humilde, não há lugar como o lar.» Afetuosamente, a vossa amiga,

Senhora Hemans
Sou afastada às pressas.

13 de março. — A Senhora Hemans ter-vos-ia dado uma comunicação mais longa se a companhia não vos tivesse perturbado. Ela é um espírito tão belo, só podemos dispensá-la por pouco tempo.
Amelia Bradbury.

Da vossa amiga,
L. P. S., Médium.

Outra, através da mesma médium — mesma data.

Apressai-vos, mortais! não vos demoreis nas planícies com os vossos pastores e os vossos rebanhos — ponde de lado os cajados e os tubos da paz, e proclamai pela terra que o inimigo está próximo — soai o alarme das vossas torres de vigia — reunis os vossos poderosos homens de guerra — erguei os vossos estandartes — soai as notas agudas da trombeta — que o seu chamamento seja ouvido pelos vossos trabalhadores e pelos vossos artífices — ordenai ao ferreiro que abandone a sua forja e ao alfaiate a sua agulha — alistai os vossos homens e exortai-os a serem valentes e fiéis — gritai a palavra de ordem da liberdade dos telhados das vossas casas — cingi as vossas armaduras — montai os vossos corcéis, e proclamai-o por toda a parte e em redor, que Deus é o vosso líder, e sob ele é o conflito a ser travado e vencido — não griteis paz, paz, quando não há paz — não deis sono aos vossos olhos, nem repouso às vossas pálpebras, até que a vitória seja alcançada — não trateis em emboscadas, mas mostrai uma frente audaz, e não vos desanimeis — não recueis quando o inimigo vier — não soeis a palavra retirada, mas avante! avante! deve ser a palavra de comando.

Lutai valentemente, ó nações! o vosso inimigo é poderoso, e lutais pela palma da vitória da Vida sobre a Morte. Escolhei as vossas armas — que sejam fortes e de bom metal, que reluzam à luz da verdade e da justiça — não escolhais ferro farpado nem setas envenenadas, nem aço afiado — não ergueis as mãos para o derramamento de sangue humano — não retireis a espada da bainha, para a enterrar no coração do vosso irmão; mas curvai-vos em reverência e em temor; prostrai-vos em adoração e implorai a assistência do Altíssimo!

Ele fornecer-vos-á armas que não serão carnais, mas espirituais, e servirão como cajado e escudo; e infalivelmente vos apontará o alvo que deve ser conquistado; subjugai os vossos inimigos com palavras bondosas, corações generosos e ações nobres; retribuí atos de bondade por feridas e contusões, e convencei os vossos inimigos de que a vossa causa é justa. Buscai a verdadeira retidão, que consiste em praticar atos de misericórdia. Alimentai os famintos; vesti os nus e erguei um inimigo caído. Lançai o vosso manto de caridade sobre ele — aplicai palavras de conforto e consolação, e não inflijais injúria senão aquela que possa ser retribuída em bondade e amor.

Assim devem ser escolhidas as vossas armas — assim deveis combater pelo direito, e assim deve ser ganha a vossa vitória. A vossa armadura deve ser a armadura da verdadeira retidão, e a vossa palavra de ordem o grito de «Direito sobre Errado». Que a vossa luta seja pela liberdade, sim, liberdade para o cativo nas suas correntes — liberdade para o escravizado na fala e liberdade de consciência. Enchei o ar com gritos de triunfo e regozijo. Que o povo cante louvores ao Todo-Poderoso; para que, quando a mudança final que vem a um e a todos vos chegar, possais desfrutar paz e tranquilidade, e repouso para as vossas almas. O Deus dos Exércitos estará convosco, e a vossa coroa será uma coroa de glória para sempre e sempre.

Whitfield.

Palestra N.º 13 — Por Stephen R. Smith

O tema desta Palestra foi sugerido ao Espírito por nós mesmos. Ver-se-á que o palestrante o tratou com consumada habilidade. Ed.

A MEDIUNIDADE DOS ESPÍRITOS ENTRE DEUS E A HUMANIDADE

O homem não foi criado para viver e sofrer sozinho; pois a humanidade, no seu sentido mais profundo e amplo, é uma organização completa e inteira; e quando o seu coração bate, o sangue flui para as extremidades mais distantes. Assim é a providência de Deus universal. O Seu amor abarca o alto e o baixo, do animal não desenvolvido ao anjo ascendente. As Suas leis operam da mesma forma hoje como amanhã, e arranjam os elementos discordantes do nosso ser e trazem-nos para uma ordem musical harmoniosa com o mundo exterior do ser. A influência de Deus é realizada pelos seres humanos. As manifestações do Seu poder maravilhoso são vistas dentro dos limites de cada universo e podem ser facilmente percebidas pelos sentidos exteriores.

Os princípios de Deus apelam às energias não entravadas, às belezas mais elevadas e o encanto imperecível da natureza espiritual do homem. A mente humana está vestida numa veste física, e os órgãos visíveis do sentido e do entendimento estão dotados de, e adaptados a sentidos interiores correspondentes, que conectam o espírito e a forma, e o eu interior com o universo objetivo.

O espírito do homem mantém conversa imediata com a natureza externa, enquanto a organização visível é uma espécie de caminho no qual a alma é embalada, e no qual viaja de objetos externos para o sensorium do pensamento supremo. Os princípios vitais da organização externa são difundidos através dos departamentos interiores da alma e imprimem na mente os sentimentos espirituais mais finos e delicados. Estes sentimentos são por vezes belos e distintos, porque as sensibilidades espirituais não são diluídas ou confundidas pelas impressões recebidas dos objetos da criação visível.

A espiritualidade é a base da ciência mental; e, pela inteligência superior emanando desta faculdade, desdobra os princípios do progresso. Não há, é verdade, um jogo pleno e energético de todos os elementos da mente humana; no entanto, os departamentos intelectual, social e espiritual da mente devem ter uma representação concordante no caráter e temperamento do indivíduo. Muitas mentes têm mais faculdades intelectuais do que religiosas ou sociais; e, como a flor quando enterrada debaixo das neves congeladas, a parte afetiva de tal natureza está oculta pelos desenvolvimentos do intelecto. As divisões superiores das qualidades sociais e intelectuais devem ser naturalmente bem equilibradas; então centrar-se-ão nos atributos morais, e tereis uma mentalidade fina.

Os poderes positivos e negativos da forma externa e interna fluem para a mente, e os seus elementos tornam-se fisicamente elevados. A divindade da mente é o seu entendimento superior; e, quando no seu pleno desenvolvimento, torna as capacidades de penetração maiores, e a mente pode sondar profundamente a constituição da natureza. A mente recebe influxo direto do mundo espiritual e é capaz de investigar um vasto campo de pensamento, e pode meditar harmoniosamente sobre as habitações espirituais. As leis vivas da intuição e do entendimento são supremamente celestiais e têm o mesmo efeito sobre a mente humana como sobre o espírito imortal.

A natureza é um médio entre Deus e a humanidade; pois, na natureza, as leis são instituídas. A mente é um médio entre Deus e a humanidade; pois, na mente, são instituídas as Suas leis. A natureza abarca a constituição inteira das Suas leis e princípios, em todas as suas formas e divisões variadas. A mente abarca a constituição inteira da inteligência superior e é o médio entre Deus e o homem, combinado com os elementos da natureza exterior.

Há emanações sensacionais vindas da Divindade central, com o que quero dizer que há condições da mente humana quando o pensamento é trazido para proximidade mais próxima com Deus, embora nenhuma comunicação direta seja alguma vez mantida com Deus e os mortais. O influxo direto de Deus deve primeiro fluir através de mentes mais próximas d'Ele, constitucional e espiritualmente, do que as mentes não desenvolvidas do mundo espiritual ou as mentes dos mortais.

Há um fluxo perpétuo do caráter de Deus para organizações menos perfeitas; e continua a fluir até finalmente alcançar o ser físico. E a incorporação inteira da mente e as organizações inteiras dos espíritos recebem o benefício destes influxos supremos, e são transmitidos deles ao homem pelas leis de Deus. São também infundidos na organização exterior do vosso universo, e cada flor, árvore, pedra, montanha e vale recebe benefícios iguais. Os espíritos são médiuns, se assim os quiserdes chamar, entre Deus e a humanidade. Dão-vos o que sabem do mundo espiritual, e podeis beneficiar-vos dessa fonte de influxo ou conhecimento, se as vossas mentes estiverem devidamente equilibradas.

Todas as mentes que habitam o mundo interior não estão bem equilibradas; mas têm de o ficar para receberem conhecimento mais direto de Deus. Os médiuns entre os espíritos e a humanidade parecem ter vocações particulares. Alguns recebem esboços milagrosos e fantasiosos; a razão sendo que têm o órgão da maravilha grande. Amam vaguear para o universo do romance; e tais mentes devem ter este órgão misturado com outras faculdades da mente, para produzir uma constituição mental harmoniosa.

Então os espíritos levariam a mente a explorar os campos vistos nos seus sonhos fantasiosos de uma vida futura, enquanto, para a mente, a terra espiritual parece maravilhosa, bela e cheia de glórias românticas. Em breve tais

mentes começariam a perceber que o seu mundo futuro maravilhoso se estendia para além das suas compreensões. Operando sobre o maior órgão da mente, em breve despertareis órgãos relativos, e desenvolver-se-ão também sob a mesma influência. Ao fazer isto, embora a mente possa ser enganada, trazeis a mente para realidades e factos, e em breve se cansa do mundo do mistério e da maravilha.

Tomai uma mente na qual a idealidade e a sublimidade estão em pleno desenvolvimento, e o fluxo da linguagem é belo e cheio de expressões elevadas. Tal mente tem um mundo espiritual de beleza e magnanimidade completas. Nenhum pensamento escurecido existe no seu céu. Podeis tomar uma mente na qual as faculdades sociais, afetivas e intelectuais se equilibram, e tal mente fará um médio mais fiável do que a mente maravilhosa ou ideal. A mente, ao atuar como fonte de comunicação entre o céu e a terra, deve ser arranjada nas suas faculdades de modo a adaptá-la a qualquer classe de espíritos desenvolvidos ou não desenvolvidos.

Se, então, espíritos não desenvolvidos usarem a sua mente, desenvolverá as faculdades dos espíritos até uma igualdade de refinamento com as faculdades refinadas da mente. Se espíritos desenvolvidos operarem na mente, desdobrará essas faculdades da mente que correspondem às qualidades dos espíritos não desenvolvidos. Daí poderdes ver porque requer um tempo tão longo para desenvolver médiuns fiáveis. É porque as faculdades e os órgãos do entendimento, da perceção, da aspiração e da inspiração devem ser igualmente equilibrados com as faculdades sociais, afetivas e religiosas. Não é um requisito absoluto que os médiuns se excluam das relações sociais e intelectuais do ser físico e da sociedade temporal.

No entanto, um verdadeiro médio não tem desejo de se misturar com as sociedades inferiores da vida humana, mas, por uma influência espiritual, busca relações ainda mais elevadas. Há condições quando as sensibilidades corporais ou animais sofrem uma mudança necessária, enquanto a própria alma parece usar as suas energias e faculdades não entravadas independentemente dos órgãos materiais. Esta mudança desperta a alma dos efeitos mortais da infidelidade para o nascimento de uma verdadeira religião espiritual. Esta mudança é visível nos desenvolvimentos de cada médio.

Os espíritos atuando como médiuns entre Deus e o homem são de todos os desenvolvimentos. Alguns estão demasiado avançados para manter correspondência direta convosco. Alguns ainda não progrediram o suficiente em verdade e sabedoria para lançar fora as suas crenças terrenas. Alguns estão apenas a emergir das intolerâncias religiosas materiais para as belezas da sua existência espiritual. Alguns estão livres de todos os ensinamentos imbuídos terrestres e desejam avançar mais rapidamente em verdade e bondade. Tais comunicam com o homem.

Deles recebeis a verdade como eles a recebem. O homem não pode ser demasiado cuidadoso para manter a sua mente livre de inverdades; pois o seu ser está cheio de fontes passionais e energias, e cheio de impulso e impetuosidade. Tudo banha no espírito de Deus. Não há obstrução entre o homem e os céus curvados. A organização interior do homem está intimamente misturada com o mundo espiritual. Desfruta de uma comunhão com os princípios de Deus; e as relações que subsistem entre ele e o Criador dos mundos são íntimas em princípio e universais em espírito.

Fraternalmente vosso,
Stephen R. Smith.

Palestra N.º 15 — Por Edgar C. Dayton

ESPIRITUALISMO PRÁTICO

A verdade é frequentemente rejeitada porque impopular; e os erros são apoiados simplesmente porque dão vitalidade a, ou estimulam, um desejo material. — A mente rejeita as verdades de duração infinita, pelas orações verborreicas e discursos lacrimosos da humanidade. Todos os elementos do homem manifestam tendências específicas para avançar num desenvolvimento de unidade perfeita. Há sistemas sucessivos e completos na forma física, e há também sistemas correspondentes na estrutura mental. O sistema inferior de desenvolvimento é subserviente ao governo de cada um superior; e há, na mente interior, uma receção e comunicação constantes de influências e poderes.

A matéria da dualidade da constituição do homem está a todo o momento sob o governo real e positivo de uma individualidade e unidade espirituais, que é o homem interno. E assim o homem corresponde ao vasto universo de forma e construção que é atuado e animado por um Mover espiritual supremo. O espírito humano deseja uma revelação de verdade e Divindade; nem as suas aspirações devem ser confinadas à terra, nem limitadas pelos mundos do sistema solar, mas devem expandir-se através das profundezas e larguras do imensurável universoceleste.

A adesão às leis de disciplina física e mental refinará os sentimentos e atrairá a mente para cima, para o mundo invisível das causas, onde o conhecimento das verdades espirituais é maior e mais duradouro. O homem nunca, num pensamento momentâneo, experimentará uma manifestação súbita de verdade, mas gradualmente deslizará para a realização de factos importantes. Primeiro realizará a proximidade do universo espiritual ao mundo natural e a possibilidade dos seus habitantes manterem intercâmbio moral, intelectual e espiritual. Podeis esperar uma mudança ampla no mundo e procurar uma demonstração universal de justiça e santidade individuais.

A iluminação espiritual jaz na fundação da reforma humana; e quando os sentidos interiores se expandem — quando o homem contempla o grande arcano que jaz para além das coisas materiais, então a vastidão e a música do universo celestial serão impressas no princípio interior.
Quando o espírito humano uma vez sente as realidades inexprimíveis da sua própria existência individual e eterna — quando os princípios de amor e sabedoria moverem as suas profundezas fervorosas, então afastar-se-á das imperfeições físicas e realizará a sua forte divindade. O progresso é a grande lei que mantém a criação em movimento; e resistir a esta lei — resistir às suas tendências perpétuas — é resistir aos sublimes mecanismos do universo. A natureza desdobrou o homem à imagem de Deus.

O homem é a obra-prima da natureza e da beleza. Completa a cadeia magnética da vida que se estende do Espírito à matéria e da Divindade às ramificações divinas do universo Espiritual. O homem, no seu progresso do berço ao túmulo, desvia-se conspicuamente do caminho verdadeiro e nem sempre exibe a sua verdadeira fidelidade à natureza. Sendo o homem o corpo concentrado de tudo o que está abaixo dele, tem afinidades que se estendem do menor objeto da criação ao Pai Todo-Poderoso. A humanidade ainda tem de aprender o que é o homem e a aplicação apropriada das suas afinidades e princípios universais.

A mente tem atrações para tudo; e ainda não soube se esse poder inquieto de atração pelo infinito e santo é bom ou mau. Sendo a concentração de possessões belas e fortes, depreciou as suas próprias qualificações inatas e foi impelido a desviar-se das leis importantes de cultivo mental e espiritual. Nos seus esforços para obedecer às leis do certo, ele, dos impulsos mais fortes da sua mente, precipita-se em extremos temíveis; e assim uma das nobres flores da criação e da existência torna-se um espírito doentio. Não é certo que o homem crucifique as suas qualificações inerentes para o apoio de teorias patológicas ou teológicas; pois as faculdades da mente, no seu pleno efeito, constituem a alma imortal e adornam as suas belas proporções.

As energias físicas são exauridas por labores tanto excessivos como desproporcionados; e tal exaustão resulta em contrações e prostrações musculares. Assim o homem, nos seus anos avançados, sucumbe à doença física; e quando prostrado no seu leito entre almas intimamente ligadas a ele pelos laços indissolúveis da natureza, cujas necessidades não são supridas, arrisca-se a erguer a sua voz fraca à abundância e filantropia da sociedade e solicita silenciosamente alívio; e qual é o resultado? Recebe o desprezo silencioso da sociedade.

O mundo não o considera e ele vai para o seu lar com a alma cheia de tristeza por causa dos amigos deixados para trás, cujas reivindicações não são apreciadas. Exemplos como este, em formas modificadas, são visíveis de continente a continente e de nação a nação.

O espírito humano frequentemente definha de dor. Está rodeado de tristeza e ouve os gritos, talvez, do seu filho. O espírito materno está deprimido. Pode estar fisicamente destituída, doente e sofrendo, com a sua prole pairando perto, sem ninguém para os amar e acarinhar; fecha os olhos ao mundo, com medo e tristeza trancados nas câmaras silenciosas da sua própria alma; e a última vibração material que incide sobre a sua alma partindo é o grito dos seus filhos; e assim vai para casa um sacrifício à injustiça material de uma desunião e desorganização social. O interesse próprio cravou os seus dentes profundamente na natureza do homem; e perguntamos se o espiritualismo prático não é rejeitado.

Tudo está a nascer para uma existência eterna por movimentos ou processos transitórios. Cada germe de existência é aquecido pelos elementos vivificantes da natureza, que causam que as essências inerentes se desdobrem nas suas tendências legítimas. Por lei, o desenvolvimento do germe é mudado ou aparentemente morre, e para reter uma analogia estrita proeminentemente diante da visão exterior, diremos que morrem, significando mudança. — À medida que morrem, assumem as formas originais de existência. Com a morte surge do interior novas formas de organização, perfeitamente desdobradas e retendo uma relação perfeita com a matéria velha acabada de descartar, mas muito mais perfeita.

E assim é por mudança constante que as várias formas ascendentes e forças da espiritualidade são ultimamente desenvolvidas em proporções perfeitas. Cada movimento que não foi concentrado no homem físico é alterado na sua forma e modo de ser, e cada mudança é acompanhada pela perda de partículas de matéria da constituição viva. Ainda assim, com todas estas mudanças, não há extinção de vida ou aniquilação de individualidade em qualquer forma material. É meramente a existência que é mudada pela morte; não a personalidade. Nenhum princípio da mente se perde em todas as mudanças no universo ilimitado.

Por mudança, uma faculdade após outra parece partir e, no momento da dissolução, a forma material parece agarrar a vida que fugiu e a alma que repousa no seio de associados que foram antes. Assim podeis ver que quaisquer que sejam os pensamentos impressos no espírito no momento da dissolução, esses pensamentos vão com o espírito para o seu lar no mundo acima. Então o espiritualismo prático é requerido. Os sentidos interiores podem ser abertos enquanto as realidades da existência espiritual vos movem com expressões de alegria; mas o espiritualismo, para beneficiar a humanidade, deve ser usado numa forma prática e filosófica. A desorganização social foi primariamente produzida pela intolerância religiosa; e as verdades religiosas devem remover esta fundação frágil e insubstancial.

O espiritualismo prático e filosófico, o que é? Os espíritos estão continuamente a experimentar o poder misterioso e revolucionário de sentimentos religiosos inerentes e a contemplar o tema momentoso da Divindade e de um lar

longamente oculto. E se, quando sois injustiçados e feridos, ou sofrendo de doença física ou mental, o coração humano, repleto de afeto e simpatia, falasse bondosamente e derramasse o bálsamo não dito de consolação sobre a vossa alma, por atração espiritual? Durante épocas de angústia e meditação silenciosa, não é a amizade tão doce e a mão amiga tão balsâmico como uma chuva de abril? E quando sentis que em breve não mais estareis na terra e sentis, ao partir, tristeza porque as vossas imperfeições são vistas do céu, não é uma verdade grandiosa saber que o céu está dentro de vós? Não será uma alegria inexprimível saber que, quando o vosso espírito está enterrado nas profundezas felizes do sono natural — que quando o poder atuante se retirou para as suas câmaras mais interiores para repouso e refresco, a forma externa está silenciada e em repouso? saber que os anjos velam sobre os vossos sonos pacíficos?

Não será uma beleza da natureza humana sorrir quando chorais e retribuir uma palavra doce de ternura por repreensão fria e amarga? Não é glorioso aliviar os sofridos e de coração partido, pela influência da simpatia interna? Não é digno da humanidade erguer os infortunados em vez de os chutar para baixo, se a infortúnio os atingir? Não é digno do céu e dos anjos abrir a visão humana às realidades divinas da vossa vida futura, enviar, dos seus reinos felizes, sabedoria e amor muito, muito superando todo o conhecimento material, e ensinar-vos a nunca falar ociosamente dos vossos amigos espirituais ou companheiros terrestres? Não é belo aprender das ciências da natureza de fontes invisíveis? Isto, tudo isto, é espiritualismo prático e filosófico.
O espiritualismo prático mantém o coração batendo nas pulsações profundas de saúde e vigor.

Mantém o espírito calmo e sereno sob todas as condições de vida. Divide a humanidade em grupos felizes; e quando fechais os olhos ao mundo material e mergulhais em suaves sonos no céu, traz o espírito para relação estreita com a harmonia divina de seres imortais. A alma pode ser engolida na escuridão mais negra; mas o espiritualismo prático pode despertar a divindade interior e desdobrar a alma para o paraíso glorioso de paz e santidade, no qual cada pensamento e sentimento será um anjo respirando e inalando os elementos serenos da verdade. A morte, assim chamada, traz o espírito para viver entre formas mais belas e sociedades mais elevadas. Então aos oprimidos e àqueles que estão curvados de dor quase até ao túmulo, os anjos dizem, não temais a morte. Segui a verdade onde quer que vá. —

Pisai ousadamente onde quer que leve, pois através dos processos aparentemente misteriosos da morte guia o espírito com luz, revelando ao sentido despertador e interior uma habitação de pureza eterna. Cada lei de Deus é destinada a subservir um fim no vasto laboratório do universo celestial ou material. Os efeitos incorporam e representam a causa e o uso para os quais são feitos, e também a natureza e magnitude específica de todas as Causas produtoras.

Para que foi feito o homem? Que os princípios da intuição sejam abertos às incontáveis avenidas do espírito, e a mente descobrirá, no seu ser, um princípio criativo chamado Divindade; que os elementos eternos de Deus estavam a conceber uma incorporação sublime de princípios celestiais; e as operações vitais dos dois princípios coeternos, mente e matéria, são para sempre os elementos da sua constituição.

O homem é para o homem misterioso, porque é o fim espiritual da criação material. Não foi criado para viver entre os baixios tempestuosos da vida humana e depois naufragar nas ilhas desoladas da eternidade. Mas os laços sagrados da amizade são cortados. A mente é detida no seu desenvolvimento intelectual e espiritual. A discórdia surge e o homem morre um mártir ao egoísmo da sociedade. A mente prostitui a sua natureza e dignidade divinas tornando-se escravizada no egoísmo e é assim atraída para o redemoinho da materialidade. Novamente digo que o espiritualismo prático é requerido; pois as faculdades da mente não estão aí implantadas para propósitos inferiores. Essas faculdades proclamam a verdade de que o homem é imortal — que se aproxima de um período de unidade na concentração rudimental das suas qualidades espirituais. O homem será tornado melhor, ensinado mais sabiamente e guiado mais verdadeiramente quando o espiritualismo for reduzido a uma forma prática. Cada faculdade da mente reluz como um orbe de diamante no seio do firmamento e é um mensageiro santo para entregar o que é bom ao homem. Entretenhai ideias mais expansivas de Deus e do céu, e emergireis do deserto do erro e dos ocultamentos da iniquidade para as verdades plenas e perfeitas do vosso próprio ser. — A mente humana deve familiarizar-se com os princípios imutáveis de justiça e ordem que permeiam o universo interminável. Deve desdobrar as suas capacidades interiores — as suas intuições e conceções gloriosas; e sentindo-se assim empoderada e fortalecida, o homem deve explorar as relações multifárias que subsistem entre si próprio e o mundo espiritual.
Cada alma deve compreender plenamente as belas afinidades que interligam o seu destino ao destino da humanidade universal. Isto dota a mente de poder eterno e loveliness, e é o tesouro herdado divinamente da alma humana. Entrelaçará cada pensamento com virtude, vestirá cada impulso com o manto doce do contentamento e adornará e enriquecerá a alma interior com os germes do conhecimento científico. Então que o espiritualismo seja absorvido na sua forma prática, para que a tranquilidade reine através das mudanças da alma partindo, para que, quando a conexão terrena for cortada, possais calmamente regozijar-vos e docemente cantar; pois quando o corpo decai a alma nasce no céu. Que o espiritualismo seja recebido na sua forma mais simples, para que as vozes da terra espiritual não soem como revelações de fantasia, mas para que vos impressionem com as verdades que os seus tons impartem, e para que o santuário da alma ecoe com melodias de música doce mas solene, do mundo superior.
Vosso, Edgar C. Dayton.

Palestra N.º 2, pela Senhora Hemans.

SENHORITA BROOKS, MÉDIUM — REPUBLICADA.

ESPERANÇA.

Não é apenas a magia suave do amor que tinge a face com um sorriso quente e solar; pois não há elemento da mente tão querido e poderoso como a esperança. Traz ao coração aflito um raio luminoso de alegria; e embora a natureza humana tenha muitas vezes chorado sobre o sonho em que acreditou e sido enganada pela sua confiança ignorante, tem para sempre um vislumbre de esperança no seu eu interior, atraindo o olhar do espírito para esse mundo que nunca se apaga do coração. A esperança brilha intensamente sobre o mundo do crepúsculo e do medo e, como a voz de debaixo das ondas brancas da eternidade, envia o seu eco à harmonia distante do Éden e continua e continua até se perder entre as luzes que brilham do mundo longínquo. O solitário estranho à verdade, quando naufragado entre os baixios da vida humana, inclina a sua fronte latejante para a terra e sente que a sua agonia é só sua, e enquanto respira interiormente a oração silenciosa inaudível ao ouvido mortal, vozes tocam as cordas da esperança, e a sua alma tremulamente segue o tom interpretando a sua alegria, e dá asas leves a pensamentos que jaziam mudos entre as cordas do seu coração durante eras, enquanto as sombras mais suaves e santas da dor se apagam da sua alma e os seus pensamentos começam a virar-se para o céu. A esperança de uma fonte superior encheu a sua alma. A esperança mostrou-lhe o pôr do sol luminoso em que a natureza não poderia esmorecer e que o espírito com a sua mente sem rédeas via os portais do céu entreabertos para receber a sua alma entre os abençoados e puros.

Quando o medo desanimador lança os presságios melancólicos de pensamento desolador sobre o coração e o mistério adormecido estende a sua cortina sobre a alma benevolente, vemos ainda alguns vislumbres de religião pura inspirados no interior, que ainda não despertaram para acordar um mundo sonhador para a realidade do seu destino futuro. É um pensamento terrível que um indivíduo deva morrer. Através do reino da natureza, as glórias materiais e visíveis do espírito desveladas residem através de todos os seus terrenos encantados e habitam longe do sentido humano, envoltos na sua própria inteligência e beleza. O mistério dessa Fonte de onde todo o espírito vital flui — todo o sopro de vida primeiro veio, não é mistério mas ignorância, pois não há mistério nos mecanismos da Mente Todo-Poderosa.

O mundo pode bem ficar atónito com o sopro de lábios que ecoam de volta o suspiro em tons de melodia divina; e pode cantar as suas canções entusiásticas de erro, mas cederá no seu caminho escurecido debaixo de um poder demasiado forte, pelo qual o centro profundo da terra será trazido à luz e os raios da razão, há tanto tempo ocultos atrás da página velada da história, dourarão cada forma sombria de esperança que a história oriental formou, com um elemento celeste e mostrarão ao homem mais claramente a marca da Divindade. O tempo não pode gelar um único encanto da mente interior, pois duram para sempre e sempre no mundo acima. Aí os sentidos espirituais são desbloqueados e um elemento de autoconsciência transborda as faculdades de pensamento, atraindo-as para os caminhos da harmonia e tornam-se iluminados com as grandes causas de exaltação mental e gloriam-se por terem

finalmente triunfado sobre o naufrágio da matéria não desenvolvida — por terem finalmente escapado da escravidão mental. E enquanto o homem examina fielmente os cemitérios mentais onde a ignorância jaz sepultada em robes sagrados, os anjos do céu vêm, com pureza celestial, à terra, para provar ao homem que o seu ser não está envolto em mistério eterno; que à medida que emergiu do vórtice insondável bem como invisível da vitalidade divina, é interiormente um espírito — uma manifestação exterior da sua vida espiritual futura.

Do caos rolaram as manifestações vivas de Deus e a terra foi povoada com formas de vida que anunciaram a aproximação do homem; e após séculos veio à luz, um emblema vivo de todos os elementos concentrados encontrados na natureza. E à medida que foi criado, deverá morrer? Deverão esses traços queridos e familiares nunca mais ser reconhecidos? Deverão as qualidades divinas da mente ser aniquiladas e resolvidas nos elementos que enchem a imensidão do mundo exterior da matéria? Este pensamento está cheio de angústia. Está cheio de tristeza e o tema da imortalidade deve interessar cada mente. Viver novamente quando a vida humana passou inspira a alma com uma nova esperança. Há uma doçura no pensamento indefinível. Saber que os anjos podem mostrar à visão mortal os círculos de luz que vêm do mesmo centro sem nuvens, varrendo amplamente sobre o mundo — saber que nas esferas do ar eles propagam as ricas ondulações do som, até que as radiâncias circulares distantes se difundam na infinitude, é uma esperança transcendendo todo o conhecimento na terra. Sentir que vozes de anjos podem cantar e que serafins podem afinar as suas harpas para saudar a chegada da alma quando pela primeira vez toca o limiar dos céus, é uma esperança que nenhum poder pode ocultar, pois o caminho está aberto, a fonte está desbloqueada e as águas gotejam livremente para banhar o mundo em verdade, esperança e caridade. Sentir que toda a amargura passará, que toda a agonia contorcida passará e que o coração tão profundamente carregado de dor deixará de mover-se e o melhor eu tocará os seus lábios no cálice fresco da imortalidade com um sentimento de pureza e esperança, é uma verdade tão esplêndida que deslumbraria a mente mais pura e sábia no mundo exterior ao realizar. Saber que tudo o que amamos carinhosamente não está morto, mas que o mistério soltou as suas correntes de ferro e que podemos novamente encontrar os entes queridos e saber que tinham o poder de abençoar — de acalmar, sim, até de aquecer o coração tão destruído pela amargura, é uma esperança cheia de brilho etéreo. Saber que a mente tem algo acima para adorar — para a atrair para aí em toda a plenitude das suas faculdades, é uma verdade esperançosa, cheia de revelações divinas do Deus que tão bondosamente abriu os reinos da eternidade à investigação do homem.

O latejar da fronte ardente e a lágrima que cai contam como a memória pulsa aí em angústia profunda e não piedosa, porque o coração sente que perdeu o seu último afeto quando o amigo do peito esmorece na eternidade; mas como os olhos terrenos se voltam ansiosamente para o céu, contemplando com uma admiração profunda e sincera o céu acima, para ver se esse ente querido não vive entre as estrelas. Porque é que a alma olha para o céu pelo espírito, se permanece debaixo do relvado insensível até ao «último dia». — Porque não

sentar-se sobre o túmulo e cultivar a relva que brota e ensinar a pequena videira a entrelaçar-se à volta da laje de mármore branca até que o tempo a reduza a pó, em vez de ansiar apaixonadamente pelo céu vós mesmos, onde tendes esperança de encontrar o ente querido antes da hora da ressurreição, quando os mortos se erguerão e serão julgados de acordo com as suas ações. Ah! mesmo vós que acreditais no dia do julgamento tendes esperança de que possais encontrar os vossos amigos partidos quando fordes chamados para lá. Não podeis confinar o pensamento ou a mente no túmulo, nem pode a lápide medir o seu voo, pois prossegue como quando confinado no universo limitado que deixou para trás. É uma meditação doce refletir sobre a vida futura, quando todos esses laços que nos unem, não por um momento fugaz, mas para sempre, serão encontrados onde nada morre; doce meditar enquanto a esperança ergue o seu dedo radiante, apontando para o lar eterno sobre cujos portais luminosos os entes queridos ainda demoram, olhando para trás, esperando pelos terrestres virem. Corações dos quais é morte separar, deixaram de mover-se; mas o espírito é tão quente e luminoso como sempre, no seu lar de eternidade.

Quando o rubor do crepúsculo está na onda ou o orvalho da manhã na terra, sê esperançoso. Deixa o teu coração repleto de pensamentos vivos e o mundo inteiro será belo e o céu crescerá mais luminoso na tua visão espiritual e realizarás mais de perto os teus interesses em, e conexão com, o mundo superior. Haverá uma revelação plena de todo o espírito, toda a mente, e as fontes ocultas de verdade e eternidade abrir-se-ão e as eternidades profundas se tornarão luminosas e as eternidades do espírito irradiarão com uma luz santa sobre o coração fraco.

Se vos amamos, perguntai apenas pelas palavras que vos enviamos — perguntai às nuvens leves — perguntai ao riacho e perguntai à voz interior do afeto. Se vos amamos, perguntai ao céu, perguntai a Deus e perguntai à eternidade e eles dir-vos-ão que vos amamos com um amor profundo e santo que, embora proferido em palavras insensíveis, está carregado de fogo vivo. A voz da alegria flutua no ar enquanto os sinos prateados da esperança saúdam o coração de cuidados com as joias do afeto e cada nota traz boas-vindas a ti. A esperança vem como um anjo de luz, trazendo beleza e fragrância de cima; e à medida que a alma humana parece enlevada pelas verdades nascidas no céu, elas respiram todas uma bem-vinda para ti ao seio dos anjos. De fundações ligadas que jazem ocultas no profundo, a verdade, vasta como misteriosa, bela como grandiosa, salta da sua fonte oculta e, silenciosa como a morte, varre a região do vosso mundo, chamando o coração reverente a cantar o hino de louvor perpétuo e ensinar que as coisas materiais devem perecer.

É numa terra distante, onde estão os sopros silenciosos das flores e os raios fundentes acima, onde o espírito vive e se move, regozijando no seu caminho, deixando as suas pegadas enquanto passa pelo mundo abaixo, para marcar um caminho, para que os entes queridos ainda por vir possam encontrar o seu caminho para o céu. Demoram à volta do velho lar da infância, onde a madressilva ainda trepa pelas paredes da velha casa; sentam-se ao lado da mãe ou da irmã enquanto com mãos bondosas ensinam a pequena videira a subir e demoram à volta da velha lareira onde tantas vezes se sentaram e

conversaram com os entes queridos. Ouvem o suspiro que vem inconscientemente do coração quando o pensamento voa para longe — para longe nas regiões invisíveis da natureza, para os perdidos e idos, quando aí, ao seu lado, o amigo imortal está, vestido nas vestes do céu, esforçando-se por influenciar a mente de que estão perto e não longe. Sentes tristeza, filho da terra? Cansas-te do ar sombrio da tua vida? Ó! deixa a fonte da dor ser aberta; — dá livremente vazão a cada pensamento entristecido; pois embora os mortais não apreciem a tua dor, os anjos podem simpatizar ternamente contigo e ensinar-te que a vida não é toda desolação, mas está cheia de mudança e traz alegria e tristeza.

Embora as alegrias mais luminosas que muitas vezes procurais se percam quando tocadas pela dor; embora possais suspirar e não sentir dor; embora choreis e não possais definir a lágrima silenciosa, sê ainda esperançoso, pois as notas doces do teu lar eterno são inspiradas na tua alma e têm poder para emocionar cada nota com os pensamentos mais ternos. Embora o espírito de dor paire à volta do túmulo, melodias do espírito roubam através das suas celas silenciosas.

As efusões quentes de cada coração não são travadas como gotas de fonte congeladas; não são fixadas num pang duradouro, pois há uma divindade dentro, quente e bela como o pensamento mais nobre que vive; e embora ocultada por cuidados materiais, falará nos tons de um serafim quando tocada pela glória do céu. Então desperta-te. Vive para algo. Sê feliz enquanto ficas. Avança com um sorriso radiante e deixa o olho brilhante irradiar com uma inteligência afetuosa; e quando os labores do dia acabarem, eles retornarão a melodia doce pelas canções encantadoras da minstrela espiritual e a vida será um céu para ti e não dirás tão frequentemente: Ó! deixa-me morrer — choro e desejo deixar este mundo rude de dor onde, para mim, não há um ponto solar de paz e esperança.

Quando a brisa do crepúsculo chama as crianças da terra ao repouso e quando à volta do leito da natureza as cortinas suaves da noite se fecham gentilmente, aqueles que tantas vezes sorriram sobre elas velam e guardam-nas nos seus sonos da meia-noite. Inclinam-se sobre o leito da dor quando a luz do dia se cansa e despertam o coração fraco e apontam-no para esses belos seres que possuem o feitiço para mostrar a fonte luminosa da verdade roubando através do deserto da vida humana. É uma esperança celestial que, embora hoje nos separemos em dor, na hora e no lar da eternidade nos encontraremos novamente, onde as nossas lágrimas de alegria se tornarão diamantes de simpatia. Essas vozes que ecoaram em canção no querido velho lar da nossa juventude romperão novamente o túmulo de muitos pensamentos ternos e as memórias quentes e queridas que outrora cresceram frias perfurarão a fonte selada das lágrimas e agitarão a sua profundidade como nesses anos terrestres quando o jorro aliviador estava sempre pronto a fluir às canções alegres da alegria. O nome que outrora era música pode ter passado, mas a alma é tão quente e luminosa como sempre, no seu lar de eternidade.

Espiritualmente vossa,
F. Hemans.

Byron, August 25, 1856

Palestra by E. C. Dayton.

Se dos reinos abençoados da luz,
O amor ainda puder reclamar o seu nascimento mortal —
Puder mitigar a noite da aflição,
Não hás de ansiar por amor na terra.

Não há reflexos puros captados do amor celestial? Os lábios dos anjos estão mudos — as suas almas não têm canções que, no dia de verão da juventude, mantenham puro o santo manancial do sentimento juvenil, para o trazer de volta aos amados da terra? Como o botão jovem de orvalho lança música no ar, ou quando as estrelas ardem no alto ou correm pelo vasto céu, assim a música estranha, das respirações angélicas, permanece à volta do coração. E quando algum orbe orgulhoso doura a onda cedente, e mergulha gloriosamente no seu sono oceânico, assim o rico coro de vozes do céu, cujos tons são mais doces que a música da lira, ou a melodia da harpa, ou as notas que jorram tão emocionantemente da alma humana, envia o seu canto alegre de volta à terra, esperando que algum errante possa seguir as suas notas, que se estendem de céu a céu, de alma a alma.

O braço de Deus sustenta a criação — a folha murcha, o ramo nu, as ondas apressadas, a costa marítima e a alma humana, todos sentem o seu abraço, e em silêncio pelo vasto profundo, está circundado o seu ser majestoso. A alma do homem pode retirar-se sob a cortina do véu tombado da mudança, para se esconder da visão externa para sempre; no entanto, o último olhar de amor, como cai ternamente sobre o coração amado da terra; e bem sabem os anjos o valor dessas santas caridades que refinam a alma humana do egoísmo. As aspirações da mente erguem-se ao sol, são destruídas na tempestade do tempo mutável; e vêm e vão como formas vegetais; e no entanto, sem tristeza pelo declínio, falam docemente com os seus tons de verdade, incham o coração com emoções de alegria ou prazer, e em frente o barco da vida navega, até cruzar a maré, entrar no porto, e aí para sempre e sempre ancorar com segurança.

E que eternidade inexplorada existe para a mente aí. Quando o primeiro hino melodioso enche o ar da manhã da sua imortalidade, quando a devoção de coração que respira música desperta de cada corda, e com brilhante inspiração toca a lira elevada e dotada do canto celestial, e aquece a alma com nova vitalidade, e uma energia estimulante respira pela sua natureza, e como as estrelas da manhã cantam docemente juntas, como a lua à meia noite paira no meio do céu, e como dia e noite harmonizam, assim tudo se torna uma voz viva

de eloquente adoração a Deus, por tal beneficência. E no entanto paramos para perguntar qual é a gratidão do homem ao seu Criador. Acima dele ouve-se a melodia dos ventos, enquanto as folhas verdes se inclinam ao seu toque trémulo, em beleza viva, e abaixo dele desliza o riacho amplamente errante, enquanto luta e jorra entre as ervas do seu próprio seio, enquanto as raízes entrelaçadas impedem as suas águas correntes e até a sua onda preguiçosa, que se arrasta com voz suave onde as ervas crescem luxuriantes na sua margem, tudo desperta as cordas do sentimento e amacia a alma para a beleza; e no entanto, por todas estas criações de um alto omnipotente, qual é a gratidão do homem?

Quando a manhã ou a tarde está no seu coração, a Divindade está aí. Ou, ao luar, quando a onda gentil beija, com doce abraço, a praia gasta pelo mar, Deus está aí. Como a flor revela mil doçuras, e no ar esforça-se por esconder os seus modestos encantos, assim a mente, no brilho das suas próprias capacidades, esconde as suas caridades; e a gratidão do homem a Deus é escarnecer da simpatia da sua própria alma, e zombar da divindade interior, e quão amortecidos estão os seus afetos pelo amor universal que se vê e realiza nas belas e nobres revelações da natureza.

A mão de Deus escreveu legivelmente, no volume da alma, as suas leis — a variedade infinita de poder e a beleza imaculada do céu. As eras testemunharam a confiança devota dos anjos pairantes, imutável e imutável; e o coro do amor eterno enriquece sempre o universo, enquanto, dos pontos deslumbrantes que recuam longe, longe na eternidade, vêm partículas aladas de luz viva, e pelo céu profundo, inexplorado pelo pensamento, fazem a sua morada, expandindo-se do globo mais humilde, entre as glórias gigantes do céu, e tornam-se um mundo vivo, um universo inesgotável, para rodar o seu curso para sempre pela eternidade.

Há um espírito quieto, uma voz terna e apaixonada, que enche as avenidas do pensamento e dispersa essas sombras amplas e envolventes de cuidado; e a alma humana é como um navio orgulhoso, ansioso por ser livre. As suas velas flutuantes anseiam pelo voo; e move-se em grandeza silenciosa, cortando o seu caminho majestoso pelo dilúvio, como se fosse a Deusa do abismo, e traça o seu caminho pelo deserto caprichoso, e pode encontrar um caminho onde tudo é sem trilho, e compelir os ventos a emprestarem as suas asas indomadas e levá-lo a climas distantes.

Inconsciente da sua própria sublimidade elevada, o homem pensante recua para si mesmo, no meio da vastidão da terra, e perde-se nos mistérios do seu próprio ser. A sua vida é um mar tão insondável quanto amplo; no entanto, por vezes calmo e belo. A luz do céu sorri sobre ele, e está adornado com todos os matizes de glória e alegria. De repente surgem nuvens escuras; ventos contendentes do destino fadado saem, e a esperança muitas vezes senta-se chorando sobre um naufrágio geral. Então que o homem ouse a tempestade ameaçadora, e faça da religião da natureza o seu guia; e embora trema no

meio das cenas da vida, aponta para a luz no céu. O céu há muito selado da verdade está [Sábado, a romper, e o coração mais simples não pode resistir à influência desse sopro invisível, que balança o mundo em majestade.

A delicada flor da floresta, que com o seu sopro perfumado parece um sorriso, parece, ao emergir do seu molde informe, uma emanação da vida interior — um sinal visível do amor sustentador que enche o universo. Se o coração humano está doente e conheceu bastante os sofrimentos da vida, se ao menos buscasse as cenas da natureza, e partilhasse desse profundo contentamento que permeia a sua presença, quão depressa o coração reviveria, e quão depressa, embora prostrado, responderia em silêncio nativo e beleza à voz e glória da natureza. No entanto, se casares a miséria com a culpa, ou se o sofrimento deixar traços no coração, e ele buscar o mundo para sustento, não o encontrará, e a ferida cresce mais e mais profunda; mas se apenas a natureza for encontrada, a alma pode beber das suas fontes as águas da vida, e deixar sem atenção as durezas da terra.

A natureza nunca muda, exceto nos seus processos evolutivos; pois a mesma brisa que refrescou a fronte quente e juvenil, respira a mesma frescura nas rugas de hoje; e como o sol da vida se põe para descansar atrás da nuvem da humanidade, para se erguer apenas de novo no céu, a sua luz solar dourada envia os seus brilhos de volta ao mundo abaixo, despertando tudo para a vida e movimento, como espíritos invisíveis enviados para levar o perfume do céu ao oceano da humanidade, tão amplo e belo quanto brilha, avivado por algum sopro espiritual, enquanto a sua própria música parece dançar ao som de música sussurrada por Deus.

A fronte da natureza, a luz do pensamento, é como o diadema de um anjo, enquanto o génio, como uma chama viva, arde da sua alma interior, e os fogos da inspiração vêm como sugestões para os sonhos do homem do céu. A queda das águas, o jorro da fonte, o suspiro dos ventos, a música ouvida na folha e na flor ao entardecer, o céu do pôr do sol amado, enquanto as suas nuvens douradas, como cortinas puxadas para formar o dossel magnífico, tudo fala da influência do contentamento harmonioso. Cada impulso de vida entoa a sua nota fraca; e como uma única nuvem no seio suave do ar repousa, ou como as gotas de orvalho, exaladas das flores pelo sol, entoam o seu concerto na grande orquestra da criação, assim não pode o coração humano ser harmonioso em todos os seus impulsos irresistíveis de esperança e pensamento — em todas as suas emoções de sentimento inspirado; e não pode ele, em todas as suas paixões, geradas por direção errada, de uma alma emocional pura, sentir e realizar igualmente o poder e a beleza de Deus, como faz a flor ou a folha?

Uma voz fala sempre dentro da alma, que ela é imortal, e os anjos cantam isto para a alma, e as harmonias cativantes da natureza cantam a nossa grande imortalidade. É ouvida ao luar; e a noite, envolta no seu manto sombrio, com passo silencioso, vem até nós e respira imortalidade nos nossos ouvidos; e a

extensão ilimitada, como um vasto instrumento místico, tocado por uma mão viva invisível, faz as suas cordas conscientes vibrarem de alegria, e os moribundos ouvem-na. Desperta a alma passageira na sua transição da terra para o céu, para a beleza ilimitada da sua própria imortalidade individual. Deixa a alma sentir o sopro universal, e deixa o ar fresco soprar pela mansão fechada da alma, e deixa a mente aprender a ser partícipe de tudo o que sente e vê. Rompe do aperto do corpo todos os teus transes espirituais, e dá à alma ar, às tuas faculdades expansão, e ao amor alegria; sim, mesmo na tristeza, entrega-te a tudo, pois eles farão a liberdade eterna do coração. Quebra as algemas que prendem a mente; move-te em simpatia com o grande todo de Deus, e sê como o homem nos seus anos primordiais, uma alma viva — um homem.

Como há de o espírito do homem erguer-se e viajar no pensamento, onde jazem as suas regiões puras e santas — onde a paixão não pode confundir o pensamento claro, e, ao ver as causas criadoras, aprender a conhecer as molas ocultas da vida e não adivinhar, em erros vãos e tolos, as leis e propósitos de Deus. Há princípios feitos para se adequar aos poderes variados do homem e elevá-lo acima do bruto; e quando o tempo, para ele, for uma circunstância esquecida, então sentirá as profundezas dos atributos de Deus, nas capacidades da sua própria mente. Então lerá o poder do destino, como um talismã de amor, unindo a sua própria alma às essências do céu.

A alma, onde quer que viva, anseia por algo mais alto; e rasga a rocha da verdade por fontes secretas, e persegue o caminho dos mistérios, assim chamados por ele, por evidências mais altas da sua vida adiante. E no entanto há um elemento mais gentil; e o homem pode respirá-lo com uma alma calma e serena, e bebê-lo até o seu coração ser infinitamente puro; e isto é a bondade humana e a felicidade humana. Está escrito no livro da natureza, de forma demasiado legível para ser mal interpretado. É estar contente e sair rejubilante nas belas criações do amor eterno.

É amar as águas e amar a música das suas ondas, e alegrar-se no sol alegre, feliz na tempestade. Ver e ouvir a evidência inconfundível do amor de Deus, no mundo natural, e de todas as coisas tirar uma lição. Bebe a bela harmonia do mundo; e, quando triste, apoia o coração ferido em Deus, e não lamentes e anseies pelo que não pode ser; pois vãs, na verdade, são os desejos que a razão prova serem apenas imagens irrealizadas da alma, criadas por um desejo de que assim seja. Sinfonias celestiais roubam-se faintly para baixo, e, mais altas ao inchar, trazem os ecos da alegria futura, e desdobram do seio da Divindade as emoções e impulsos gentis, nascidos apenas para a vida imortal; e no entanto milhares recusam ouvir essas melodias, que rolam sobre o vasto planalto do pensamento humano, recusando assim o amor de Deus. E no entanto é ele culpado quem não pode apreciar tal confiança santa e infinita garantia?

Penso que Deus responderia negativamente. Então que cada coração seja caritativo, cada um para com o outro; pois todos têm algumas fraquezas, embora possam ser separadamente dissemelhantes; e cada mente deve estar disposta a ser ensinada e disposta a perdoar. Páginas poderiam ser escritas para exortar cada um a ser paciente, gentil e perdoador; mas se falhares em praticá-las, as páginas apodrecerão e perderão o brilho da verdade e da bondade nas folhas mofadas do esquecimento.

A alma deve desdobrar-se como os céus ilimitados, e as ações do homem brilhar como estrelas no firmamento. Os dotes e instintos da alma são despertados por uma Presença Invisível, e a sua influência enobrece e embeleza cada faculdade, e exalta as sensibilidades físicas. A desunião prevalecente na terra é mais o resultado de condições educacionais; mas a rosa mais bela não pode crescer se plantada num vaso de ferro e soprada pelos ventos de alguma temperatura frígida; nem pode uma alma pura crescer em beleza e bondade, se confinada nas paredes de um corpo mal formado, e soprada pelas incongruências geladas das circunstâncias; mas as influências mais altas do ser devem permear a alma e remover o manto da desconfiança, e então todos verão aí um anjo de vestes brancas, cujas belezas brilhantes cintilarão como o cristal na rocha de granito, iluminando a alma destinada a uma vida mais alta.

E. C. Dayton

Palestra by E. C. Dayton.

“Quando o coração é cheio de esperança, não o controles;
Abstém-te da rédea cruel
Que estraga, para sempre, o seu voo ascendente,
E o arrasta de novo à terra.”

Ah, não controles a melodia selvagem e alegre do coração, nem procures esconder cada sentimento quente, tremendo em cada santuário interior da alma; pois, de cada avenida expansiva, é derramada algum trovadorismo que derrete a alma. Há notas de tom celestial, que são emprestadas de esferas mais altas que o mundo discordante da terra. Elas não buscam, com língua maliciosa, agitar o seio com desconfiança sombria, e discutir engenhosamente todos os defeitos do coração, até que o ciúme desperte e o fecho dourado da amizade se quebre. Nenhum sarcasmo amargo — nenhuma piada insensível pode fluir de um coração verdadeiro, para ferir a alma de valor humilde. A luz do sentimento brinca e cintila no sorriso cativante. O espírito cavalga no ar livre da afeição, enquanto os seus murmúrios se ouvem no seu riacho dourado, e a sua forma, desportando-se nos raios de sol de um coração alegre, com êxtase vê algo belo na criação mais simples assim como na mais brilhante na esfera limitada da terra.

Os botões iniciais do verão do coração estão a brotar onde as suas folhas de amor ondulam ao sol.

O coração está sempre agarrado a essas flores imortais, que do solo puro do céu vêm sempre em beleza imperecível, para embelezar uma alma amorosa. Na vida deve haver sol e chuvas; e sobre a vida humana muitos pequenos barcos deslizam, cujo frete é uma alma; e se o amor não guia o leme, mover-se-á para a costa da iniquidade, deixando cada impulso infinito um naufrágio na praia. Então, oh, não controles a leveza do coração, pois é o sol do céu, o brilho de Deus, e o fulgor brilhante da sua própria divindade imortal. Quão calmo é o peito tranquilo do coração.
Uma onda ondulante, nem mesmo de pensamento indelicado, não deve estragar o seu sentimento terno, nem o pensamento de raiva deve ofuscar o seu poder mágico ou agitá-lo por um único zéfiro, pois são barreiras sepulcrais sombrias que intervêm para esconder da visão humana as fontes que jorram de rochas de ouro, iluminadas com raios de luz gloriosa, que brilham da eternidade.

Como sob o sol a gota de orvalho desvanece, assim possa a profunda tristeza de cada coração ser dissipada pelas divindades do sentimento esperançoso, por aspirações interiores e santas. O coração, como um raio de sol, repousa no seio do seu Deus; e como da nascente da montanha jorra um pequeno riacho, e como diamantes derretidos reluz, apressando-se para o oceano grandioso, assim é a alma um riacho vivo, correndo, brilhando na beleza de diamante da natureza, coroada com a coroa da pureza, para o grande oceano do espaço indefinido, para misturar a sua existência com as suas águas ilimitadas. Então, oh, não controles os impulsos ternos da alma! — deixa-os fluir espontaneamente, para que no céu a alma não tenha sombras a ofuscar o seu nascimento imortal infantil, mas para sempre prosseguir, o seu caminho pavimentado com flores violetas de afeição, e iluminado com o reflexo da criação, nadando no oceano do espaço.

Este mesmo poder que para a respiração do plebeu, para as pulsações do coração do monarca. Assim, riqueza reluzente e pobreza nua recebem igualmente os comandos do seu Deus, cada um sujeito às suas leis. E se por acaso estragares os impulsos de qualquer coração, é um sacrilégio sobre o amor do Pai. Então deixa o coração alegre dançar ao sol do seu próprio amor, banhar-se na beleza do pensamento, e deleitar-se nos edens imortais do sentimento mais gentil, enquanto os seus batimentos clamam sempre por verdadeira simpatia e amor. Não é longo o prolongamento da existência do homem abaixo; e é para a sua felicidade que deve receber os raios dançantes e brilhantes da esperança e dourar o seu caminho espiral para o céu com os encantos imperecíveis de palavras gentis e sorrisos amorosos.

Se a flor se lembrasse apenas do sopro gelado, e não desse perfume por medo da tempestade descuidada, o seu lar floral seria solitário e o seu paraíso de beleza natural seria deformado; mas, na sua beleza, lembra-se do sol, e esquece a sua sombra na brilhante apreciação do seu lar solar. Então que o coração emule a flor, e dê a fragrância do sentimento para adoçar o seu caminho ascendente; pois não há alma tão insensível, mas alguns impulsos

gentis de amor vivem na sua existência, e todos requerem apenas a palavra gentil para chamar um mundo de sentimento mais puro. A fronte marcada com perceções profundas não deve ser o lar de franzimentos, nem o índice do cuidado, mas deve sempre expressar o seu verdadeiro ser em todas as suas aspirações santas e inspirações sagradas. Se causaste sofrimento a um coração, ah retrata o erro, respirando perdão sobre a agonia de um irmão, e rejeita nenhum coração mesmo com manchas escuras nele; pois se verdadeiras lágrimas de simpatia forem derramadas sobre ele, as suas fontes eternas fluirão dos seus limites eternos, e a terra da sua luz dourada colherá para ti doces e imperecíveis florzinhas.

Como alguma canoa solitária e rápida, atravessando as águas, sem uma bolha na onda nem sussurro de brisa, perdida na escuridão da noite (quão misteriosa e eterna a cena!), assim é o coração, atravessando selvagemente as águas da vida, para ver o seu próprio nascimento no abismo insondável do futuro, e de entre aqueles mundos gloriosos, agora olhando para ele para ver a sua própria alma imortal retratada. O coração humano é um nome mais precioso que aquelas mil estrelas ardendo no alto, na majestade do céu. Então oh, quão gentilmente devem as suas cordas ser tocadas, para que como ribeiros de água entre colinas de verão, do seu verdadeiro ser possam fluir a música do pensamento santo.

Se o coração está inquieto, não é sempre porque alguns pensamentos de mal estão envoltos nas suas dobras; pois qual pode ter sido o seu destino? Crueldade desde o nascimento? Então é a lei de Deus, que tu, pela mão da bondade, plantarás nesse peito a voz da verdade e da virtude, para encontrar o sorriso aplaudidor do céu. O tempo é a eternidade, grávida de tudo o que faz os arcanjos sorrir; e quem vive falsamente, esmaga, na sua própria alma, uma eternidade viva de sentimento infinito. A alma nobre do homem não se digna repousar a sua asa aspirante ao céu; e, cansada da terra — das suas cenas diurnas — flutua por universos de ar, cavalga no relâmpago lívido pelos céus, ou misturando-se com o redemoinho, varre ao longo da esfera da vida, lançando-se com rapidez na pista da ciência, aos planetas cuja existência mede a roda da natureza; e dali ascende ao lar da sua imortalidade, onde, além da concavidade do céu, espíritos felizes habitam em perfeição infinita. A alma humana, cheia de vida e inteligência, sobrecarregada e engolida na sua própria imensidão, medita a eternidade, e a esperança arde nas suas células por coisas sublimes.

Ascende para agarrar verdades mais majestosas, e despreza as coisas mais grosseiras da vida. Contempla os meandros do pequeno ribeiro que murmura no santuário da natureza, e com veia desimpedida, corre à volta da terra ampla para contemplar as ondas agitadas do oceano. A natureza é apenas uma sombra do seu Autor, na qual ele envolve a sua majestade e beleza. Mundos destinados enchem os espaços de Deus; e cada um, com uma glória específica, faz o caos viver e respirar; e enquanto mundo sobre mundo passa pela sua visão, os anjos maravilham-se, enquanto nos seus voos encontram

caminhos de esplendor desconhecido, que a imensidão está vestida numa teia viva de brilho magnífico.

Sobre as suas frontes joalheiras e asas reluzentes, forma-se o manto da divindade; e como a música rouba suavemente de cada estrela cantante, derretendo ao longo da quietude do espaço, o arcanjo na sua beleza toca as cordas trémulas da vida, até que os ares mais doces da eternidade, agitados pelo sopro do amor, rolem para sempre num oceano de harmonia profunda.
A natureza é pura e doce na sua juventude florescente e ensina filosofia à mente. Quando a deceção sombria abala a voz da alegria, um remédio é soprado no ar, enquanto o canto baixo dos pássaros emociona cada peito,
e as flores são eloquentes com esperança e paz. Então pensamentos melhores agitam a alma, enquanto corações mais leves iluminam o teu caminho de regresso a casa. Como na rosa corada espreita a mancha gangrenosa da decadência, e o triste murchar das suas folhas de verão, quando o outono traz os seus ventos amargos, apenas diz ao coração quão perecível a sua alegria mais doce — como a terra devasta os seus sentimentos mais caros, e torna a sua existência deserta e fria.

Mas como a nobre primavera, ao plantar as suas violetas nas suas primeiras florescências, assim a esperança embala o coração em emoções suavizadas, onde a imortalidade sussurra em voz mágica — onde a harmonia é ouvida quando, rebentando do seu cofre de barro, a alma viverá na eternidade.
Sim, a natureza ensina tudo ao homem. Fala em música, pois há harmonia na sua melodia, do zumbido fraco do inseto, à beneficência do céu;
e se na sua lira houver uma corda dissonante e estridente, uma nota que não respire harmonia perfeita, é a alma humana que estraga a chave e abala a corda.

Então não deixes vozes amargas cair nas cordas do coração; pois elas rangem nos ouvidos dos anjos; mas sê tu quem encanta um peito furioso para o repouso; pois o mundo espiritual, para onde vai a alma partida, não envia de volta visitantes do mal, mas é deles emprestar harmonia à voz da floresta e da catarata, e ensinar aos corações humanos que a existência não se mede por anos, mas por eternidades; e ensinar-vos que, embora a face possa ser pálida como mármore esculpido, e a forma envolta em pó, a alma voa da terra para habitar lares angélicos, e escuta a canção ardente e o canto eterno que enchem as abóbadas celestes do céu com alegria inaudita.

A alma sempre anseia, sempre suspira, para alar o seu voo de tal mundo de mudança, para se juntar aos anjos e estar com Deus. O céu ganha a alma de perseguições grosseiras; e todos os seus lampejos brilhantes são demasiado puros para a terra os reclamar. Na página do rosto estão estampados os jorros da alma, onde ardem com raio suave, revelando o que existe dentro. Então oh, não é certo que o rosto deva sempre usar os sorrisos do amor e da esperança; pois Deus deu à terra muita alegria santa, embora não seja felicidade perfeita.

Cada alma possui, em si mesma, os meios para transformar o amargo em doce — o doce em amargo. A felicidade não tem traje peculiar, nem está confinada a localidades, mas vai em forma angélica, por toda a terra, para despertar as fontes nativas da alma, que dormiram até agora, e move a maré do sentimento, dando a cada coração o privilégio de beber o néctar do seu próprio ser. Se a morte fosse negada ao homem, viveria em vão, mas uma vida futura o espera. Então, oh então, quão essencial que a caridade e a bondade dourassem sempre o seu coração; pois ligam-no ao bom e ao belo, tornando a existência uma concórdia perpétua de sentimentos doces e santos. O coração muitas vezes suspira para o repouso, enquanto no meio do naufrágio da matéria, a alma permanece intocada. É demasiado poderosa para a esfera terrestre.

Todos são imortais. O príncipe e o camponês vivem juntos no céu. Não há superioridade no céu, no que diz respeito ao homem por Deus; pois que a cabana seja tão amplamente dissimilar do palácio quanto for, ainda o mesmo Deus criou os inquilinos da cabana, como criou as almas do palácio.
O mesmo panorama de animação é para uma visão contemplar, assim como outra; e uma alma viva vale mais que toda a riqueza do universo;
e todos devemos uma homenagem mais sublime a Deus, que orgulho e tolice exteriores; e este vasto e importante pensamento, oh quão pouco e fracamente apreciado!

Então ergue-te na vida; lança fora cada grilhão, e fala — tu és um homem!
Porque haverias de, como um escravo, curvar-te ao comando do orgulho?
Deixa o mundo rir; é melhor assim que chorar. O homem não se curvará em humilhação no santuário do orgulho, mas será livre como o seu Deus.
Deveria em todas as circunstâncias da vida, exalar o perfume das flores do seu coração, para que não só refresquem e encorajem os da terra,
mas para que sejam reconhecidas acima, por anjos de alegria e sol. Então não controles a alma quente de sol — as suas efusões de alegria alegre —
pois a tristeza vem bastante cedo, sem forçá-la para o coração. A natureza é sempre alegre, respondendo à voz do céu, e é uma revelação exterior
da alegria que repousa nessa fonte poderosa para a qual o homem está destinado a ir.

Com sentimentos esperançosos e corações honestos, enfrenta, sem vacilar, as cenas da vida, nem lamentes, por mais amargos que sejam os ventos varrendo a tua existência; pois uma garantia brilhante te é dada, que num mundo melhor, onde sombras não mais nublem o destino da alma imortal, viverás um anjo;
e no trilho brilhante da progressão movendo-te, inalando constantemente o perfume de flores mais altas, carregando na sua superfície brilhante os encarnados mais santos da alegria perfeita, que fluem da fonte Primal eterna.

E. C. Dayton

Palestra by Capt. George E. Malcombe

Como o vento corteja a flor e o crepúsculo chora sob o arco do céu, ou como o vento emocionante toca as cordas da harpa da natureza, e música doce e baixa vem dos tons de êxtase que os anjos cantam, a maré da canção eterna varre ao longo; e sobre as suas melodias brilhantes fluem as nobres respostas dos corações humanos.

E enquanto sonham com o céu, com a alma de felicidade habitando na música dos céus, com as formas brilhantes e felizes movendo-se onde quer que a atração afetuosa leve, onde o suave raio estelar do amor abana, com asa perfumada, cada alma acima, e como Deus sorri mais docemente na eternidade, quão selvagemente, oh! quão selvagemente, muitos corações abaixo suspiram para ir, quando os ventos tempestuosos da vida passam pacificamente, ou quando ondas geladas rolam ferozmente à volta de cada frágil barca, lançada sobre a vida humana, para terminar o seu próprio caminho pela luz da sua própria divindade, até ao porto brilhante e magnífico, encontrado no universo, enchendo o oceano ameno do espaço, onde os anjos vivem, movem-se e rejubilam nos belos édenes do amor supremo de Deus.

E cada esfera-alma dessa terra feliz é toda doce com o orvalho do amor eterno, e os seus impulsos espirituais vibram cada um com um sentido imortal dotado, e cada um brilhando com sensações divinas. E enquanto o homem caminha pelos caminhos da terra, os seus amigos amados pisam o pavimento do céu, revelando através do seu nascimento imortal a brilhante consumação do plano glorioso de Deus. Nos braços brancos da imortalidade docemente acarinhados, com a tristeza toda apagada, as marcas do pecado removidas, e em harmonia com as flores, as estrelas e todas as coisas criadas, a alma do homem, à luz do seu próprio intelecto, definirá o significado desse tremor que sempre suspira por algo mais santo e melhor.

O cemitério já está coberto com um tapete prateado, sobre o qual os anjos pisam sobre os seus próprios caixões externos, onde outrora estavam encerrados, e em beleza sem pecado agora dançam, não sobre valor decaído, mas sobre esse desprendimento da forma exterior, que é a evidência mais brilhante da imortalidade duradoura do espírito humano; e acima, largamente dotado com novos poderes, avança no caminho maravilhoso do seu próprio destino ascendente; e então todos os pensamentos são harmonia, respirados do coração profundo e oculto da afeição.

A existência parece sempre aspirar, e termina numa evolução luminosa e brilhante de algo mais alto. E o céu não é tão diferente da terra; pois através da troca mútua de pensamento, em cada doce partilha de sentimento, cada um ou outro confere uma alegria, e o beijo angélico emociona nos lábios de um anjo, como o faz nos lábios mortais. A alma não fica imóvel para sempre, entoando salmos à Divindade — ah não! os lábios de um anjo gorjeiam tão docemente como as notas semelhantes a pássaros da terra; e os olhos falam mais do que

os mundos orbados da alma humana podem; e halos esplêndidos adornam as suas frontes angélicas, iluminados pelo fogo da beleza interior. Trazem música dos impulsos do ar, enquanto a inspiração flui, e a vida eterna imprime cada existência-alma com o laço rosado do amor celestial; e como o homem murmura inocentemente no seu berço, assim cantará as melodias dos céus com os querubins da vida incessante.

Embora a vida possa parecer escura, e disposições serpentinas se escondam nos densos pântanos do preconceito, cujo objeto negro e fétido vem de um inferno mental, para obliterar Deus da natureza humana, ainda assim tudo deve afundar-se nas ondas mudas do esquecimento, enquanto o poder eterno cairá como uma chuvada do sul, provando que o coração poderoso, em notas alegres, bate em grandeza através das incontáveis veias da humanidade. O homem é o atual e real — o seu exterior um mundo pictórico, no qual ele próprio se reflete, enquanto a afeição, no seu rico excesso, retrata no homem alguns elementos de beleza eterna, até que ele se torne uma semelhança sombria da eternidade — o céu estrelado de sentimento puro e apaixonado, e o templo humanizado no qual os mundos do pensamento brilham intensamente, rolando para fora da vastidão da mente não confinada, e nobres princípios de verdade, que nasceram do coração Poeta de Deus.

O céu é uma realidade viva, onde alma e mente se tornam atualizadas e contemplam, no vasto domínio do ser, uma Presença Infinita, atualizando a mente de todas as criações subordinadas, e tornando a inteligência humana e divina o grande sol-céu de esperança e amor. Antes faminto num pedaço de pão — antes morrer por falta de simpatia terrena, do que provar indigno da nobre confiança que Deus te atribuiu — o verdadeiro e puro cultivo da tua própria alma. Antes que a sereia da descortesia e o coral da frieza soprem friamente sobre os teus corações anelantes, do que alguma vez perante príncipe ou pobre renegar o amor do céu; pois toda a criação é um impulso da alma do Pai. E como o homem repousa a cabeça na suavidade da natureza, torna-se a grande galáxia do pensamento, onde o amor flui em mares de maré, ebbando e fluindo contra as costas infinitas da alma, lavando das suas praias peroladas as joias mais brilhantes da inocência angélica. —

E aí, por nenhum erro profanado, o intelecto de pensamentos brancos expandir-se-á, e o homem respirará do céu o incenso da caridade. No meio das ilhas de verão do destino do homem abaixo, ele inala a luz solar da liberdade, respira o perfume de flores imortais, ainda assim sempre anseia por mais. Não está satisfeito no céu, mas ainda anseia por mais, anseia enquanto vive por algo, e quando desvanece da terra — o seu lar, anseia saber se viverá de novo. Como relâmpagos que brincam nas câmaras da natureza, assim o pensamento humano brinca com o seu clarão vívido, em poderes poderosos de sabedoria mais profunda, e, dessa alegria, contempla que o céu sorri para ele tão familiarmente como as flores fazem para o sol.

Mas o lar no céu, se o coração for fiel aos seus batimentos finitos, é uma alegria numa alegria, brilhante, magnífica e imperecível, reluzindo com belezas joalheiras, enquanto diamantes cintilantes enviam os seus raios de glória efusiva por todo o expanse ilimitado do ministério angélico. O céu é apenas outro aposento da casa do teu pai; e enquanto, como muitas vezes a petição treme nos lábios descuidados do mundano, “Pai, seja feita a tua vontade” quando ele não compreende o seu significado, oh! como pode ele tornar-se infinitamente melhor por mera oração do mundo.

Quando a mudança vem e leva embora o tesouro da alma, cuja mais fraca expressão era música para os nossos corações — quando a morte roubou dos lares dos nossos corações o mais querido amado, oh! porquê preferiríamos o amargo esquecimento no cálice da iniquidade, em vez de sorver do néctar da memória atual, as gotas de amor fluindo do céu como gota a gota escorre pela encosta da montanha, puro em beleza cristalina. Cada coração humano é confiado com uma flor imortal — a alma. Não é frágil no seu ser infinito, mas está sujeito, em sentimento, a influências finitas.

Exige o teu cuidado mais terno — a tua atenção constante e afeição, e se vires uma praga nas suas belezas nascentes, que faria o teu coração sangrar, oh! não murches os seus encantos; pois se a bondade amorosa for o seu orvalho, os seus ramos tenros entrelaçar-se-ão à volta de cada fibra do coração; e quando o seu verão de vida na terra terminar, o seu outono transplantá-lo-á para um solo mais solarengo, onde florescerá em felicidade imortal, enquanto as asas de serafins espalharão as gotas de orvalho cristalino nas suas belezas recém-encontradas e perfume eterno. Nem uma das miríades de riachos que incham em omnipotência ondulante é finitamente imperfeito, mas todos se perdem no único cadência unida — harmonia.

No meio de coros de arcanjos, que, da sua altura de alegria, olham para baixo e sussurram algumas palavras de amor, ou que, ao crepúsculo, costumam buscar o teu lado, para traçar a página dos teus corações, ou varrer as cordas da alma com melodias mais ricas de beleza imperecível, aí habita a harmonia. E a terra parece uma terra de fadas por vezes, mas cada transeunte é um mundo vivo — um universo miniatura de vida giratória; e cada alma singular move-se na sua própria órbita, enquanto afeição e amor, esperança e caridade, controlam a alma central, à volta da qual a humanidade gira. Cada clarão de evidência de vida, embora apenas cintile para passar, irrompe do fogo vivo de uma alma imortal, ligada pela cadeia da verdade e do amor, a esse centro infinito, a esse sol eterno, onde o homem não será um cometa ou estrela cadente, mas um planeta brilhante e belo no céu celestial.

O pensamento ergue-se do coração, pinta-se no céu, e sobre o azul arqueado surge uma imagem, do mundo dentro da alma do homem. A lua brilhante da caridade lança docemente a sua luz, suavizada num sorriso; e o planeta do amor, com os seus olhos angélicos, contempla o brilho do seu ser, com a alegria de uma criança feliz. E no entanto as almas humanas giram em

sofrimento silencioso, selvagemente varrem adiante, a sua harmonia quebrada, e movem-se no meio da escuridão crescente da terra. A sua esperança chega a uma palidez mortal, mas luta ainda para brilhar. Os tentáculos da verdadeira simpatia não encontram a sua troca, e a terra parece escura e fria. Tudo o que é belo e justo na vida parece deformado, quando apenas um sorriso, por mais fraco, do mundo, restauraria de novo a sua harmonia nativa. A brisa murmurante do verão que sacode o orvalho das flores inclinadas, e agita as árvores folhosas, e as grinaldas das nuvens tingidas de arco-íris, estão todas a desvanecer do céu; todas estas respiram harmonia.

Quando o pequeno infante dobra as suas mãos brancas e justas sobre um coração que não conhece pecado, e encerra a fragrância da oração dentro das células da alma, e com olhos cheios de alma lançados para cima, vira-se confiantemente para o céu, dentro desse seio inocente a harmonia, em fluxo místico, envia o seu tremor significativo através das fibras do ser; mas em breve os anos transformam a criança num homem; e embora a sabedoria então seja maior, no entanto onde está essa inocência afetuosa e confiante, as profundezas imaculadas de pureza, de ternura?

O jugo sombrio da tentação sombreou essa fronte radiante; a criança com oração confiante foi-se, e o homem de paixão e afeição ocupa agora a forma desenvolvida da sua simplicidade infantil. — E isto é apenas uma evidência da progressão última do homem. Então que o homem renuncie aos seus medos sombrios, pois alguma esperança abençoada será sua — alguma estrela brilhará no céu para ele. Quando a escuridão varre o céu do teu espírito, olha para cima, pois as estrelas são o alfabeto dos anjos, que escrevem, em linhas de amor, muitos pensamentos gentis para ti, e tu contemplarás as palavras gemadas de estrelas de consolação — os pensamentos solares da Divindade.

Nos sorrisos do céu o coração sobrecarregado esquece o seu fardo de cuidado, enquanto o seu rosto angélico contempla as visões de um mundo mais brilhante. A mudança pode rasgar a alma trémula de tudo o que ama; mas, vestida em robes de afeição, um toque gentil pela mão certa da mudança libertará o espírito; e aqueles a quem chamas, por engano, os mortos, numa voz angélica, suave como o hino de uma orquestra de serafins, sussurram para ti: “Encontramo-nos no céu.” Não dentro do túmulo repousa o que a alma humana afetuosamente amava. Tudo o que aí está encerrado é apenas um robe que ocultava a alma que continha do olho mortal. Era apenas um robe que prendia o espírito nas células da vida humana; mas agora eles estão livres — os anjos daqueles que partiram da temperatura frígida da terra para a terra tropical dos céus.

E aí deleitam-se em sussurrar tons de afetuoso carinho àqueles que ainda habitam na existência finita; mas nem todos escutarão as suas puras e confiantes garantias de outra vida. Quando a vida empalidece e brilha intermitentemente, agora parecendo pausar na sua órbita, e pensamentos e esperanças surgem como as ondas de um mar profundo e sem costa sobre o

espírito humano, oh! que esse poder, a caridade, doce como a lira de Orfeu, te chame dos grilhões que agora se enrolam à volta do teu coração — o do preconceito, que está a minar a felicidade da humanidade, mas acende das glórias da tua própria mente a chama eterna da verdade, e sê um Deus para ti mesmo. E a rosa nupcial do amor, dentro do seu próprio seio, docemente cantará, e inalará o ar perfumado, carregado de pensamento perfumado; e como o orvalho em cada cálice doce jaz, assim o seu amor eterno por ti abanará com asa espiritual todo o teu cuidado para longe.

A flor violeta da caridade enviará o seu perfume prateado à terra, e moverá o movimento encantado das almas dos sofrimentos da vida humana, e ensinará ao coração que o amor, o alimento da alma, é infinito. O amaranto da esperança erguerá as suas pétalas para o céu, captará as gotas de orvalho de afeição incansável, e colocá-las-á no santuário do coração, como símbolos da eternidade, enquanto o perene orgulhoso da verdade permanecerá firme e ileso pelas tempestades da vida humana, através de toda a mudança; e a hera do doce contentamento entrelaçar-se-á à volta dos pilares do céu, lançando a sua sombra verde sobre os lares brilhantes e felizes dos anjos.

G. E. Malcombe.

Palestra by the Spirit of George Washington.

O lar imperial brilhante da nação angélica, para sempre brilhando na luz gloriosa da liberdade imortal, é o mesmo semblante através do qual o grande Criador reflete os seus sorrisos de liberdade eterna. Como pensamentos recém-nascidos que brilham e ardem, suspensos no vasto panteão da mente de um anjo, todo o pensamento é amor, e todas as águas elevadas da alma, irrompendo das costas rochosas de esperanças desconfiadas, clamando alto pela liberdade imortal, é amor. Dos domínios escuros dos mal chamados mortos, um oceano de luz vem correndo sobre a base escura da filantropia moderna, varrendo do pedestal da glória da América as influências escuras e infundadas que se impõem sobre o coração pulsante da humanidade, sufocando a voz fraca da liberdade, esmagando, em cada economia vital do ser do homem, a liberdade da natureza, a liberdade do céu e a liberdade de Deus.

A mesma luz que escureceu o Calvário brilhou, quando o grande reformador dessa era orgulhosa e nobremente expirou, pelas demandas de um apetite vil — vingança — brilha agora no vasto continente da liberdade americana; mas, como o do Calvário, os seus defensores e reformadores devem ser moralmente perseguidos; o coração deve ser pregado na cruz da experiência amarga, enquanto ainda a mesma luz que brilhou tão belamente na fronte de Jesus Cristo reluz em beleza inaudita na fronte do reformador do dia presente. A luz é a luz da verdade, liberdade e verdadeira união.

O coração faminto do pobre escravo, nas suas ânsias, soa à alma do patriota aspirante como o gemido do mar enquanto as suas ondas recuam e fluem contra as suas próprias costas arenosas; e embora não haja abismo para engolir a argósia do amor, e varrer todo o grande passado para o esquecimento caótico, ainda assim toda a humanidade são escravos piores que o pobre africano do Sul; piores que a escravidão que inunda a terra do sul solarengo, e piores que o escravo dos governos despóticos de outros continentes.

O império dos livres é tão amplo e ilimitado como o coração poderoso de Deus, cujos impulsos alegres batem tão selvagemente no seio do homem, emocionando o seu ser com notas de liberdade americana, difundindo através de cada artéria da vida imortal da sua alma os raios de luz da verdade, que sempre caem, em profusões ricas, dos céus. Um esplendor do zénite do passado vem impelindo-se para cima do abismo lutador onde a meia-noite da liberdade empalidece, e parece murchar numa escuridão mais profunda. Então é dentro da sombra do próprio destino da América que o homem destemidamente — audaciosamente avança na plataforma do direito e da justiça, reclamando do direito da natureza e da justiça de Deus, que a verdade não pode ter compromisso com o erro.

Tão bem poderia o homem esforçar-se por apagar as estrelas que brilham nos espaços estelares do movimento, dos seus lares imortais, como tentar instituir, na alma livre do homem, uma anarquia; pois embora ele pudesse ser sujeito ao despotismo real que invade as terras que deveriam ser livres de outros continentes brilhantes, ele, pela liberdade natural do seu coração aspirante, inventaria um plano pelo qual poderia escapar ao jugo da escravidão, saindo do zénite do mundo, como uma estrela solitária ao anoitecer, e ficar sozinho, sem temer o fumo da batalha, o trovão alto do canhão distante, nem os gemidos dos moribundos, nem os lamentos dos feridos, nem o tiro mortal que dispersa as fileiras dos fugitivos, nem o hurra selvagem e feroz dos vitoriosos; mas ele também sente o seu seio inchar com o entusiasmo ardente de um nobre patriota, e espera enquanto a esperança sussurra que o anjo da paz branqueará os édenes da terra, não com os ossos dos mortos, mas com flores colhidas da terra orvalhada do amor imperecível, enquanto a melodia do seu coração se erguerá até a sua música abalar as cordas do céu, e homem para homem ser um amigo angélico.

A melodia moribunda da liberdade, como uma nuvem branca, flutuou para longe, até se perder na beleza do céu, e a humanidade, embora possa triunfar sobre o mal antigo, ainda não é destemidamente e verdadeiramente livre. Mas embora déspotas governem sobre miríades de almas, que deveriam ser tão livres como o ar, ainda assim a justiça abriu os portões perolados do céu, e o gigante da liberdade esmagará o ídolo do mal, e a teocracia divina do céu expulsará toda a sombra do paraíso do amor humano, até que as estrelas cantem para saudar o homem das suas esferas brilhantes, e os anjos desçam à terra para o encontrar amavelmente — até que o mundo, como o éden da

eternidade, floresça, e as flores, como o seu amor, respirem um perfume infinito. O glorioso coro angélico acima entoará o seu amor de voz profunda, e a atmosfera do nascer do sol proferirá uma alegria harmoniosa grandiosa, enquanto cada fibra terna da humanidade se tornará articulada com os nobres pensamentos de liberdade própria, e em transformações docemente passageiras, exalar do eu interior, e erguer-se para se alimentar do bem celestial.

A garganta perolada da natureza dará expressão à liberdade da sua própria divindade; e como o mar sem vento e sem ondas dos livres flui de costas imortais, e nuvens brancas ondulam para cá e para lá, como se fossem as velas flutuantes de barcas aéreas, levadas por brisas celestiais, transportadas através de mares atmosféricos, desembarcando na costa da verdade, para se tornarem carregadas com a riqueza de Deus, e os anjos acenam as suas mãos brancas, silenciosamente enquanto passam sobre a espuma cintilante, assim é com a alma do homem: ele atraca a sua barca nas costas da verdade, justiça e direito, onde estrelas são acesas no éter azul, se a luz do dia da esperança se foi, para o iluminar sobre as ondas agitadas da vida, para que não seja deixado um naufrágio na praia da humanidade.

Avança, onde os doces ventos do amor gentilmente abanam a sua fronte, marcada com a beleza de Deus; e das belas ilhas da verdade as águas brilhantes saltam; e ainda assim o homem trabalha os seus remos até as ondas começarem a vibrar com novas emoções, e música dulcíssima começa a fluir sobre o seu ouvido ansioso, ele olha, contempla atentamente como se para captar cada nota, e salta selvagemente da sua barca humana, bate as mãos brancas com alegria, e exclama: Eu sou livre! pois o seu barco finalmente alcançou o continente brilhante e ilimitado da sua imortalidade; e aí, não confinado por grilhões egoístas, a verdadeira ternura do seu coração com perfume de verão, exala através de palácios de amor, vastos e grandiosos, e mistura-se com as mudanças giratórias que revelam as harmonias palaciais brilhantes de uma vida eterna.

Os baluartes de diamante da verdade são atirados, pelo homem, para as minas irregulares do erro; e a beleza sorri para ele apenas para desvanecer em desolação; e ele torna-se quase um naufrágio da humanidade, como se fosse algum sonho belo, irreal porque belo; no entanto o motivo determina as avenidas onde germes de grandeza jazem ocultos; e embora ao circunstância teimosa o homem deva curvar-se, ainda assim mais duro por longe que a rocha granítica imponente, e mais escuro por longe que a nuvem da meia-noite, é o destino do homem, embora preso num sudário material, se não puder sobreviver aos eventos da vida e deixar a sabedoria reconciliar o impulso com o dever, e lançar a luz do amor ilimitado sobre cada e todos os seus seres, e sorrir no seu coração de acordo com o direito e a justiça.

A força interior é do homem, e ele é obediente a poderes divinos, e o pensamento deve romper as paredes grisalhas do crime, e a alma perder-se na

ilimitação do amor. Do amplo Atlântico ao alegre Pacífico, uma avalanche deve cair para a planície da verdade; e essa avalanche será a fama profanada da velha religião, dissolvendo-se em amor, e, através do nascimento angélico e ministração, a alegre República da terra clamará com os impulsos de uma nova liberdade. Todas as serpentes do mundo, moral e fisicamente, acariciarão as mãos tenras do amor, e a terra tornar-se-á o céu-imagem da alma humana.

O homem está rodeado pelos túmulos dos poderosos mortos, ricos com os labores da arte, e emblazonados com os pompas da heráldica; mas se o homem derrubasse, ou nunca construísse, um monumento dispendioso à memória de algum grande reformador, e devotasse os meios temporais aí gastos, para vestir os nus e dar comida àqueles que têm fome, um Webster ou um Clay olharia para baixo dos seus lares acima em admiração afetuosa, sobre a terra da liberdade, onde as suas vozes foram ouvidas em salões congressionais, em defesa dos princípios do direito e da justiça, e olhariam para baixo em devoção mais afetuosa do céu, rejubilando ao ver os seus nomes e corações acarinhados e lembrados no monumento, apenas, da memória imortal da alma.

Liberdade pessoal, liberdade de opinião, e igualdade de direito, com glória nacional ou moral, é o direito de cada homem desfrutar: e enquanto a América se declara, como nação, livre, é livre do despotismo do passado; mas ao aproximar-se da dignidade do eu, do direito da individualidade, da liberdade e liberdade de ação, não é livre. A América de hoje requer patriotismo desinteressado, sabedoria política e virtude pública, sobre os quais basear a sua independência, ou então guerra e conflito enervarão e corromperão a massa, e a verdadeira liberdade tornar-se-á ameaçada.

A fronte da nação tem sido radiante com as joias da caridade e da paz; mas de novo, como nos dias antigos, quando a América ressoou, em todos os seus departamentos, com a voz da guerra, ela agora treme sobre o seu orgulhoso pedestal da liberdade; e embora a alma do homem possa ser despertada pela eloquência de um Cícero, ou acovardar-se sob os trovões de um Demóstenes, ainda assim tudo isto deve eclipsar a beleza e glória agora brilhando nas tábuas da liberdade e valor americanos, se os esforços mais poderosos da nação não se unirem pelos laços da consanguinidade nacional — pelos laços gigantescos da simpatia moral e religiosa.

A liberdade é uma criação pura da alma; e, desfigurado embora o seu semblante possa estar, ainda assim carrega alguns traços do Grande Original. O homem é um criador, finito é verdade, no entanto quão eficaz e habilmente a música da liberdade tocou nas mil cordas do seu coração, alternadamente elevando e subjugando, emocionando e acalmando, despertando-as para entusiasmo marcial, ou silenciando-as num repouso sem respiração. Liberdade!

Repousarei no seu seio no meio das ânsias sufocantes, das convulsões enlouquecedoras, e da circulação estagnada da guerra e imoralidade; e a anarquia feroz pode esforçar-se por fulminar sobre a terra, ainda assim amo o aperto de uma verdadeira e concentrada liberdade nacional, e manejarei a omnipotência da verdade e a expressão plena do pensamento poderoso — o argumento forte e triunfante do direito; arrancar a esperança da liberdade moral do seu longo repouso, e ordenar que as suas energias retumbantes ressoem com poder elétrico, através dos reinos do pensamento, enquanto a liberdade do eu amarrará à volta da sua fronte a sua coroa triunfal, soltará a sua asa de águia e guiará o destino da nação do temível égide do erro, para banhar a sua plumagem na fonte da luz nacional.

Que o coração do Patriota seja revigorado — as esperanças do Filantropo sejam fortalecidas — os impulsos da América sejam acelerados e as suas aspirações nacionais sejam tornadas puras e verdadeiras, pela esperança de que a bondade e a caridade amolecerão os corações das nações monárquicas, para que contemplem uma beleza e liberdade na orgulhosa República, tão duramente conquistada pelas energias vivas de verdadeiros e nobres campeões, que ousaram fazer o certo, e por esta ousadia vindicaram triunfantemente os direitos da humanidade, e sobre os nobres pilares da independência nacional, lançaram os alicerces de uma república poderosa e duradoura.

O homem na sua força coletiva ousa fazer o certo, e pudesse ele atribuir durabilidade ao seu poder, a sua grandeza poderia ser coeva com a natureza; mas o poder irresistível da mudança dissolve todas as associações finitas, e a grandeza humana deve perecer. As suas evidências são vistas através de cada geração do passado. De Roma, nada resta senão grandeza arruinada; e Palmira ergue-se das suas ruínas e belezas desperdiçadas, privada do seu esplendor primevo; e muitos corações afetuosos e nobres que procuraram fazer o certo flutuaram pela corrente do destino do mundo, com os seus nomes lembrados, mas os seus princípios de amor e verdade esquecidos. Toda a grandeza finita é varrida pela maré da mudança; mas os sons estimulantes do espírito de independência e liberdade são ouvidos noutro continente mais brilhante, onde tudo respira liberdade e verdade — onde todas as impurezas terrenas são esquecidas, e o amor é o grande controlador dos sentimentos e ações da alma imortal. A natureza é o espelho da alma.

O riacho risonho, as amplas glórias brilhantes do céu, e o vento invisível entre as folhas, todos são as imagens refletidas da mente; e o homem não encontra falha nestas imagens, mas encontra falha na realidade — o seu irmão homem. — O homem encontra-se refletido em todas as coisas; e o próprio Deus é encontrado na sua alma; e a mente da humanidade, sempre girando num círculo ininterrupto, recolheu do oceano da vida exterior muitas joias brilhantes e cintilantes — muitas glórias para adornar a fronte da nação, e muitos factos de filosofia que devem basear a liberdade do homem sobre o fundamento indestrutível da verdade; e deverá o homem agora, depois de outros, que

passaram, terem conquistado a liberdade da América pela contenda sangrenta da batalha, afundar-se abaixo do bruto, e ainda usar a marca da divindade? Não pode, não deve ser.

A verdade deve ter preeminência sobre o erro; pois o direito não pode comprometer-se com o mal; e na incorporação de qualquer corpo confederado, o amor deve ser a base e a verdade o ímpeto da ação. O espírito da bondade inata e magnanimidade deve desenvolver as energias do direito, e convencer o entendimento de que refinamento e expansão não têm ligação com o erro, mas a alma do homem — as almas de todos os patriotas da verdadeira liberdade, embora possam perecer exteriormente perante e do mundo, orgulhosamente rolam ao longo num curso majestoso e sempre adiante no espaço, e giram, não circunscritos e ilimitados, enquanto todos os sóis e estrelas e todos os sistemas do amor e poder de Deus enviam notas emocionantes de entusiasmo; e enquanto a terra clama por liberdade do eu e da nação, o céu junta-se na grande proclamação: Liberdade de União e Liberdade do eu, para sempre. Verdadeiramente, Washington.

Palestra pelo espírito da falecida Miss A. F., desta cidade.

É meia-noite, e enquanto a terra está envolta no manto da noite; acalmada num repouso quieto, enquanto a natureza roda no seu curso destinado, deixo de novo o meu lar solarengo nos céus, com um cofre de joias e flores, colhidas do oceano e jardim da verdade, para adornar as frontes daqueles que ainda seguem a felicidade, adiante e adiante, até a alma ficar satisfeita em todos os seus anseios mais afetuosos por harmonia e alegria. Tributos esguios são aqueles que a natureza paga pelo amor do coração humano, cujas cordas tenras da vida cedem calmamente às demandas teimosas de circunstâncias externas; e não há alma que a morte, ou a mudança, não melhore; pois há beleza por todo o caminho da alma; e de cada flor vem um perfume que passa para a alma, e se funde com o ser, até mesmo isso parecer parte da sua imortalidade. —

Pode haver horas para o coração amoroso da terra, cujas cordas de melodia estão algemadas pelo cuidado, onde a simpatia parece tão sombria e sem voz como o rio do esquecimento, que flui pelo silêncio sombrio do passado não dito, para o abismo insondável do futuro, e mergulhando para baixo, para baixo, nos golfos incertos da esperança, até os ecos distantes do amor virem mais fracos e mais fracos, como o rolar moribundo do trovão ao longe, cujas ondas agitadas devolvem um som da terra, chamado simpatia, sombrio e oco como o rugido surdo das profundezas do vulcão, e raios de sol abençoados do alto caem em poder refrescante e brisas gentis; e as suas mensagens edénicas trazem ao homem, no meio da sombria escuridão de uma simpatia insatisfeita. Sombras varrem o coração, e as pegadas do tempo deixam o seu traçado nas profundezas subterrâneas do ser, enquanto a esperança surge em ondas

alegres, depois afunda-se num silêncio moribundo, e a alma da terra muitas vezes parece um caos.

E no entanto a esperança imortal incha os arcos da alma; e sublime, em magnificência solitária e sombria, o peito ondulante e tempestuoso torna-se pacífico por essa esperança, e no ar da vida, reflete o arco-íris em miniatura do amor, devolvendo ao coração sofrido a imagem perfeita do céu; e como as flores inumeráveis da terra, enquanto todas viram os seus olhos gentis para o céu, ou como as estrelas flutuando no alto, como ilhas da Divindade, assim o coração humano, por mais selvagem e temível o seu sofrimento, envia ao céu tributos de gratidão, encerrados no cofre rudimentar da simpatia amorosa. Os portões do paraíso distante estão sempre abertos, e nenhuma alma que a terra envia ao céu, deformada pela iniquidade ou perfeita na bondade, é passada friamente ao lado; e embora possa olhar sem esperança para o vazio mais negro, ainda assim o céu é todo fragrância e beleza; e como a natureza parece vestir o seu deserto com encantos, assim a eternidade tece as suas florzinhas à volta da fronte da alma do crime, e manda-a erguer-se do seu transe insensato, e receber o amor de Deus, e apoiar-se no braço sustentador da simpatia amorosa.

O amor passou sobre as linhas onde a beleza persistente da memória habita, e aí está marcado por uma doçura angélica suave, cujo toque mais leve emociona com imortalidade. O coração não é, em todos os seus sentimentos, desatento à voz do amor; e se todos vivessem nas alegres harmonias do céu, que o dom da afeição não maculada repouse nos seus raios suaves, sobre o coração, e terás conquistado a alma humana para o teu próprio seio, na devoção afetuosa e profunda da simpatia. Mas se tentares forçar o coração a amar, por medo, estás constantemente a afastar cada onda de sentimento gentil de ti, e a alma consciente enganou-se a si mesma, e deu um passo fatal do caminho espiral da simpatia. O medo rouba o doce repouso do amor inocente, e, com o seu punhal profundo, bebe a corrente carmesim que corre pelo coração, e fere o seio mais gentil; e, como o vento que varre as areias árabes, murcha cada flor brilhante do sentimento e da simpatia. Mas sorri em resposta aos anseios do coração, e embora orvalhado pelo tributo de muitas lágrimas, ainda assim dançará ao luar do seu céu de verão, e ecoará de volta as emoções mais finas da alma humana.

O coração, em cada momento da sua vida, busca simpatia. A alma mental pede simpatia. O ser espiritual anseia pela sua simpatia, e o homem físico anseia pelas suas respostas de simpatia nativa; e se cada um não for satisfeito em algum grau ligeiro, o coração torna-se como um navio nobre, lançado no vasto oceano, na escuridão da meia-noite, buscando luz para encontrar a costa distante; balançando e rolando ao capricho das ondas. E tão bem poderia o coração esforçar-se por compreender o poderoso Deus, que enche a criação com a Sua vastidão, que abraça tudo, mesmo a eternidade, como esforçar-se por compelir o coração, excitando a faculdade do medo, a amar; pois se laços nativos, simpatia natural, amor eterno, não ligam a alma à alma, não pode, por

qualquer compulsão mundana, amar qualquer objeto, se a simpatia verdadeira nascida de Deus não for a cadeia viva de afeição inseparável. A filosofia pode medir as profundezas do oceano — pode contar as estrelas; no entanto o amor é o poder dador de vida e sustentador de mesmo todos estes.

As suas cadeias ligam os universos imensuráveis juntos, inspirados pelo sopro da simpatia; e como faíscas da chama ardente sobem para cima, assim deve o coração enviar a sua atração, e em todas as suas coruscações brilhantes, sempre buscar o seu contraponto, em simpatia, intelecto e caridade. E como um milhão de tochas, acesas pela simpatia do amor planetário, vagueiam pelo azul incansável, onde pirâmides de luz cristalina, formadas pelo éter do amor atmosférico, são como um átomo na Infinidade, assim esse mesmo amor, permeando todos estes, alcançou o seio do homem; e enquanto ele está entre o céu e a terra, perto dos reinos onde os anjos habitam, nas fronteiras da terra espiritual, sente o dom abençoado do amor eterno a ele dado; e quando os seus lábios falham em devolver as simpatias do seu coração, a alma fala em lágrimas de gratidão.

No coração humano está a última gradação da matéria refinada, abaixo, perdida — na alma humana está a cadeia do ser finito completa; e o próximo passo é o espírito imortal — Divindade. O mundo pode encontrar o corpo, mas não sabe que alcance — alcance imensurável, a alma pode tomar, inconsciente de todas as cadeias; pois o espírito é livre; pois a liberdade do céu irrompe na sua visão, e, por um clarão imortal, incendeia todas as faculdades da mente, com alegria gloriosa. Uma voz é ouvida que o escravo do orgulho não pode ouvir. Irrompe em harmonia mais doce na alma, eleva-a em horas de desespero sombrio; e Deus junta-se ao louvor universal, repleto de amor e liberdade imortal. Rasga a faixa que prende a alma ao seio da terra, e as suas próprias feições refletirão a imagem da divindade.

E bem podemos dizer que há uma desigualdade na terra; pois a cabana do faminto está na sombra do palácio do rico; e todos os dias o equipagem dispendioso lança a poeira das suas rodas reluzentes sobre o robe esfarrapado de algum pobre, Lázaro esquecido, enquanto o Jesus do amor rolou para longe a pedra do falso orgulho, e Lázaro ergueu-se de facto dos mortos; no entanto os orgulhosos desprezam-no. A alma verdadeiramente nobre — os relâmpagos podem dardejar à volta do seu lar, ainda assim intrépida e inabalável é a sua visão. O vendaval pode varrer as suas costas; ainda assim alto para cima roda, até a sua forma se perder no céu azul profundo. E enquanto a tempestade desliza com o seu cortejo temível, e o esplendor do sol brilha na terra, enquanto o céu usa o sorriso da Divindade na sua fronte, a alma aproxima-se cada vez mais do seu lar, até, como a águia, buscar o seu ninho — imortalidade — e a sua viagem finita termina.

E ainda bebe o sol, e escala as nuvens da simpatia, até as suas garras de paz serem banhadas nas águas do amor, cujas gotas cintilantes caem suavizantes no seu éden acima, refrescando as suas flores enquanto florescem, para

abençoar o seu lar escolhido. Toda a felicidade depende das qualificações refinadas do coração; pois, da mesma fonte, um coração pode beber águas doces; outro partilhar goles de amargura — um ver anjos sorrir nas estrelas; outro contemplar o caos. Um pode ouvir discórdia, enquanto outro contempla beleza e harmonia, e realiza que a felicidade é de Deus, e ao alcance do homem, para acalmar os seus sofrimentos honestos, ou para repousar um coração ferido no seu seio, e banhar as suas asas no orvalho da simpatia eterna. A simpatia, como raios, brilhará do seu centro, e glórias fundidas coroarão a sua beleza, enquanto, como um vasto círculo solar, flutuará no amplo universo do amor, que, como um oratório, cheio de sistemas estelares de imensidão, iluminará o coração como o sol ilumina o universo, e expulsará toda a sombra.

E como onda sobre onda rolam mares florais de constelações florescendo, e como há uma Fonte, pré-existente e só, da qual foi enviado um raio de esplendor, concentrando-se no coração humano, assim Ele deu-lhe o amor de Si mesmo; e como cada flor na sua destino é governada por alguma atmosfera pura, assim devem as simpatias ativas e profundas de cada coração humano ser governadas pelas suas aspirações; e se falhar em encontrar, em alguma medida ligeira, uma resposta aos seus anseios e desejos, fará das suas avenidas mais brilhantes um túmulo, onde os impulsos mais quentes da afeição jazem enterrados no sepulcro da alma, por falta de um Jesus para rolar a pedra da porta, e mandar as afeições erguerem-se e florescerem de novo.

Como violetas florescem no relvado natural, e o seu perfume exala para a Divindade, assim deve o amor do coração, nos seus batimentos mais selvagens, ou mais suaves, exalar para a sua atmosfera de congenialidade; e sempre o céu vibra com as emoções mais nobres do amor; e se a terra falhar em responder ao teu chamado, oh! simpatia humana, Deus através do ministério dos anjos sorrirá, na sua munificência, sobre ti. Como cada átomo da matéria está em harmonia com Deus e as Suas leis, o que não pode o homem ser, se ele é a mais alta encarnação de matéria refinada e espírito abaixo? Mas não, ele muitas vezes nega o seu Deus, enquanto o inseto rastejará do seu lar e nas suas débeis expressões negará a blasfémia.

A mente rastreando para cima da avenida de causa e efeito, para Deus, a essência produtora de mundo de toda a vida e animação, contempla a simpatia amorosa como o grande ímpeto de todo o ser. Liga o homem a Deus e o céu à terra. Segura os planetas na sua mão dourada, e fala pelos lábios imaculados da natureza, o poder e a beleza que detém em ligação com cada objeto vivo animado pelo amor Deífico.

E no entanto o homem encontra falha em si mesmo, no seu irmão e no seu Deus, e ainda está no ápice da criação, o seu seio cheio de excelência moral, ternura e conhecimento; mas ainda assim é a única corda discordante na lira da criação; por vezes sem tom e silenciosa, e quase sempre discordante na maioria das suas notas mais doces; e no entanto essa corda discordante e

quebrada é a parte mais divina da lira poderosa. Oh! quem não sente o seio emocionar com cada harmonia do céu, quando a meditação calma lança o seu manto rosado sobre o coração, dobrando-o ao seio do repouso, enquanto as suas asas cansadas do pensamento são dobradas ao seu lado, débeis e exaustas nos seus voos pela felicidade. Elevou-se ao céu em busca de simpatia; e no entanto não entraria, embora os portões do paraíso estivessem entreabertos, e de novo voou para a terra para encontrar a sua esperança fraca, o seu amor insatisfeito, e as suas simpatias e emoções mais quentes sem resposta; e no entanto a felicidade estava enterrada no coração, e buscava o que possuía em si mesmo, noutro lugar; e enquanto deslizava de volta para tornar a terra sorridente pelas suas próprias experiências, uma nuvem dourada ergueu-se no zénite da esperança, e um anjo sussurrou:

A felicidade está dentro do teu próprio ser, se a fonte da simpatia fluir, e nunca recuar da costa da desconfiança. Cada departamento do ser possui as suas simpatias profundas; e tão profundas como aquelas que emocionam o seio de Deus e enviam a sua melodia para animar a alma da humanidade, que, ao espalhar as suas asas, as encontra demasiado fracas para planar acima do conflito exterior, para encontrar um lar no seio da harmonia. A harmonia simpática deve sempre caracterizar a existência do coração humano, em todos os seus batimentos ascendentes por felicidade não perturbada e não adulterada.

A mente, embora sujeita pela sua materialidade às influências da vida, não pode ser acorrentada na masmorra da escuridão e do desespero por muito tempo; pois, pelas faculdades da sua parte imortal, planará, e, no meio das cenas da vida, respirará o cadência dos seus próprios momentos felizes, carregados como estão com a animação e beleza da esperança, com as aspirações imperecíveis de um amor puro, e cheios de novas e santas inspirações, trazidas do vasto centro do céu, de onde a vida e a alma primeiro nasceram.

O coração humano é o embrião mais alto que Deus encerrou nas dobras da humanidade; e no entanto o pássaro, em louvor grato, envia a sua gratidão nos seus gorjeios da tarde ou da manhã; e a flor, nas suas doces exalações, respira a sua oração ao seu Pai, e toda a natureza fala de harmonia. Não há rupturas na sua alegria, e nenhuma corda quebrada na sua Harpa poderosa. Nenhuma tensão na sua música sem tom e morta, na qual a mente não possa contemplar alguma harmonia.

Todos estes encarnações de vida e existência são constantemente enviados da fonte das nascentes do ser, jorrando melodias de louvor; e no entanto o coração humano — o mundo brilhante da inteligência finita — o ápice do refinamento mundano, é discórdia e desarmonia. Parece ser a única criação deformada e discordante de Deus, e no entanto é a base da individualidade imortal e eterna, e o universo no qual os céus se refletem em toda a sua munificência e brilho. Eterna e poderosa como o tempo; poderosa e bela como

Deus, são a harmonia, a simpatia e o amor; e onde uma vive, a trindade vive; e se uma das qualificações brilhantes e nobres da alma desertar as outras, tão bem poderia o coração esquecer de amar e esquecer de saber que tem capacidades que são imortais e imperecíveis, como existir sem amor e simpatia. São a essência-alma da afeição — o ímpeto da progressão, e a atração alta e santa que sempre atrai a alma adiante, em horas de esperança e paz, alegria e amor. —

Então que cada coração seja jubiloso que suspira por simpatia e anseia por respostas ao seu amor profundo e santo; pois se a terra falhar em devolver o seu sorriso, o céu sorrirá para ele, em toda a plenitude e brilho da sua imortalidade, enquanto os anjos colherão do éden da esperança, florzinhas brilhantes para entrelaçar à volta da tua fronte, e sempre sorrir para ti o sorriso do amor. E doce perfume exalará dos jardins do paraíso distante, para alegrar e aliviar o coração, em todas as suas demandas de simpatia, e um oceano de melodia rolará em ondulações mais ricas, pelos salões aéreos da natureza, onde o pássaro carola as suas canções de alegria, e onde as estrelas refletem a imagem do seu Deus, nas águas em miniatura do coração humano, enquanto onda sucede a onda, e flui em unidade simpática, para se conectar com as ondas douradas da eternidade, onde os anjos cavalgam nas ondas de crista branca do amor eterno.

Às pressas, A. F.

Palestra by Prof. Dayton.

O Deus da alegria derrama o seu sorriso sobre os raios mais pálidos do amor lançados sobre a alma, e tinge o coração humano com os matizes do céu. Sobre o alto festival no mundo eterno e ilimitado é lançado a luz prateada de alegria inimaginada, enquanto tudo está em harmonia com a vida que pulsa na existência; e a inspiração recolhe da canção eterna da alegria os pensamentos corais da Divindade! E, espelhada na translucidez da atmosfera, está a própria brilho de Deus; e, como um rio cristalino de cima, flui para baixo uma efusividade de amor imortal, abrangida pela própria presença de Deus, e arrebatada nos transes infinitos dos céus. E aqui nenhum sopro de tristeza — nenhum sentido de fadiga escurece o belo lar do amor, enquanto em voo dual de céu para céu, duas almas unidas movem-se, como com pés imperecíveis pisam o ar cristalino e entoam juntas melodias de amor; e enquanto os tons recedem, outra orquestra angélica capta a melodia, e ainda outra, até o uníssono alcançar Deus.

São núpcias douradas nos céus, onde a noiva do amor está vestida na inocência de lírio do céu, enquanto vive, move-se e respira, brilhando adiante, enquanto essa presença eterna inspira o seu ser como o sol inspira a terra. As pérolas de brilho diamantino derramam uma doçura sobre a sua forma desconhecida antes; e cada um no céu ao seu coração-vida emparelhado,

existe como um mundo; e o que Deus uniu nenhuma força pode separar — nenhum poder pode ocultar o éden do coração. Os amores da alma são as asas da vontade interior, nas quais o espírito plana pela vastidão do pensamento, e pousa na costa brilhante do céu, em esferas de aroma, desenroladas no céu, a sua vida desdobra-se sobre um oceano de música e uma costa de música de pensamento vivo. A alma tem uma coroa de pensamento exalante na sua fronte; está vestida num robe elétrico, tingido com todas as harmonias da luz, e um vestuário de beleza eterna, como um véu de renda prateada, encerra essa forma imortal; e enquanto a ternura do seu ser profundo ouve os acentos murmurados roubando, como uma voz amada, do paraíso, segue essa voz de amor através dos orbes sagrados da perfeição ilimitada, e através dos reinos da afeição interior. A afeição espalha-se da sua harmonia celestial. É a alma de Deus — a essência brilhante reluzindo no seio humano, como estrelas no seio da noite.

A afeição, verdadeira e pura, não conhece discórdia — nenhuma descortesia e nenhuma palavra indelicada; mas sempre respirará bondade para regar as flores da alma, para que não murchem no deserto da descortesia. Não pode associar-se com o pouco caritativo, pois se o coração humano ama o seu Deus, deve, como consequência natural, amar todas as coisas animadas pela essência divina do Seu Ser. A afeição, cujo sopro é tão doce e cuja vida é tão fragrante com ternura, sabe que nenhum coração pode resistir à forte maré do sentimento gentil; mas quando alguns podem chamar a própria alma em resposta à mais leve palavra terna, alguns deleitam-se muitas vezes em sufocar cada impulso quente; e isto não é mais amor que “o sopro da Etna no verão” — que os simuns do grande Sara. O amor é tão eterno e ilimitado como o próprio Deus.

Não está confinado no universo acorrentado da desconfiança e preconceito; mas do coração avivado encontra a sua resposta dos reinos da luz eterna, e traz à alma humana doces variados, enquanto cada um, com impulso interior, em êxtase emociona. O amor está no ar lúcido, cujas ondas entrelaçam acima do mundo exterior, e, como uma pérola, jaz onde as águas brilhantes fluem. É uma manhã prateada e uma tarde âmbar, dando repouso à alma cansada da terra, enquanto repousa a cabeça no seio da desconfiança, adormecendo nos braços da suspeita.
A luz do sol é amor e as ondas-canção do coração são amor, enquanto fluem até banharem o mundo inteiro nos seus fontes batismais. As folhas e flores são amor — o amor da natureza e o amor de Deus. E enquanto o coração esquece as suas preocupações mais mesquinhas, perdido num amor mais nobre, cujas notas consoladoras sobre a atmosfera uma bênção flutuará, regendo o movimento da alma e destilando doçura elísia sobre a terra, enquanto a humanidade move-se na corrente rápida da juventude perpétua.

O amor verdadeiro repelirá a desconfiança e a suspeita, enquanto anseia sempre mais pelo seu céu; e como a verdade é a luz do dia do coração, assim deve esse poder que abre a eternidade à alma — que existe para Deus,

também existir em corações amorosos; é o poder brilhante da confiança eterna, no amor da alma humana. O amor tira a tristeza de cada coração sangrante; — e a doçura do coração em tal dor expressa, flui das suas profundezas e emociona com a beleza sacrificante das esferas eternas. E embora a terra à sua volta possa ser fria, no entanto, na alma, a fonte oculta do amor surgirá, e a fragrância permanecerá à volta do seu santuário, enquanto o seu ministério na terra será renovado.

Fala do coração os seus pensamentos e não deixa os lábios preguiçosamente tocarem nas cordas da doçura interior, temendo que todo o mundo não admire a sua melodia; pois não é um coração verdadeiro e constante, que não pode sacrificar demasiado pela tua felicidade, vale mais que todas as joias do vazio de coração que brilham na fronte do pouco caritativo e implacável? — O que é o amor — esse amor que não conhece impunidade — que sempre perdura, como as velhas rochas do oceano, as tempestades batentes por anos, e nunca se desmorona — esse amor que é sempre nobre e duradouro? A resposta vem do profundo invisível:

É Deus! Sim, o amor é Deus. Perfeito e belo na sua forma infinita, no homem; mas tão associado com paixão escura, que o mundo dá à verdadeira afeição o traje sombrio da paixão. O amor é a cabeça da fonte da criação, e a mola secreta da mente. E enquanto a paixão, como fogo da meia-noite, salta de salão para salão, no mundo moral, destruindo a beleza infinita do homem na terra, o amor, em si mesmo, é supremo e omnipotente; e se o homem peca contra as leis do amor, peca também contra o seu Deus. Raios violeta suaves e belos acalmam o coração.

O coro acima, em voz de tom profundo, entoa o hino do amor enquanto o nosso sangue corre nas nossas veias mais rápido e mais rápido, enquanto o amor espera ainda ligar a humanidade numa trindade infinita. O amor no homem é um raio primevo, crescendo ainda mais brilhante enquanto o tempo se desgasta, alimentado sempre por uma efusividade do infinito. O ar está povoado com amor. As folhas da floresta que, tremendo, emocionam juntas, falam o seu amor e o cantar da harmonia não conhece dissonância.

O amor nunca dobra as suas asas no teu santuário do seio, oh homem! mas se sufocado pela terra, ainda assim move-se em omnipotência silenciosa, sobre o exterior, respirando para ti o incenso gentil da sua devoção. O amor é um contentamento divino. É a riqueza do cérebro pulsante. Cai da nuvem rosada, com a chuva, e o seu brilho mutável reluz no arco-íris que arqueia sobre a tua terra; e assim a fonte imortal flui de Deus, através dos céus eternos, da eternidade à terra, e entrelaça com harmonias florescendo, enquanto rolam em ondas de afeição, de mundo para mundo — de céu para céu.

Todo esse dossel glorioso é luminoso com beleza; e as cavernas do oceano, através de todos os seus arcos ondulantes, ressoam com as melodias do amor. Como o firmamento canta para eles de alegria, como as estrelas brilham

esplendidamente, e como os seus adornos solares falam do seu grau no espírito, assim deve o amor, a estrela interior do destino do homem, para sempre erguer-se e com o infinito fundir-se, enviando os seus raios através de cada evento da vida, e através de cada provação do destino. A alma, na sua vida infantil na terra, era amor, e deve, em anos mais maduros, em vez de se velar em nuvens e sombras, saltar com alegria no exercício livre das suas belezas inerentes e nativas, fazendo as melodias harmoniosas da terra espiritual vibrarem, mesmo entre as cordas estilhaçadas do seu ser finito. Vem à terra na beleza do seu Deus, e toda a sua natureza deve encolher do mal, como o puro do sopro contaminante do ébrio. A alma, tendo passado pela crítica severa da experiência, deve curvar sempre a sua aspiração, tão naturalmente como fez quando a sua vida infantil era guiada pela lei do amor.

Tem sido confinada, como o vulcão adormecido, mas irromperá em bela grandeza, e a sua influência alcançará os céus. Embora a vida nas suas severidades possa secar a doçura nativa da alma, no entanto captou a música das esferas, e ouve as canções do lar, onde as afeições murchas se erguerão e expandirão em climas mais congeniais. Não há alma, por mais crua que seja, que não anseie por simpatia — que não sonhe debilmente com aquelas cenas brilhantes no amor puro do céu, e sempre suspire pelas encarnações mais altas da felicidade. O amor é oração. É a alma. A criança, enquanto se aninha nos braços da mãe, olhando tão desejosamente para o seu rosto, é oração, embora os lábios não se movam. A alma jovem fala, em ação, a sua oração.

O inseto ora quando sai do seu lar; e o desejo que o trouxe do seu lar na mãe terra, para encontrar os raios convidativos do sol, foi a sua oração. A folha, a flor e o botão, cada um buscando o seu alimento vital, oram nesse desejo; e não há uma alma sem oração no vasto domínio do ser; pois a oração é amor, e o amor é Deus. Vai de cada átomo na criação, enquanto buscam a sua associação com os mundos do espaço. Há uma carência na humanidade, senão porquê o florescimento da juventude deixa o rosto? porquê a fronte estar escrita toda com linhas de cuidado mais profundo? e porquê o homem que viu as mudanças de um mundo frio deseja ser uma criança? Porque a praga da descortesia ocultou da sua alma a estrela do amor. Outrora brilhou calma e bela, na fronte de uma noite mental, e parecia sorrir um mundo de verdade sobre a terra.

Por fim essa estrela tornou-se pálida, baixa e tremeluzente, erguendo-se dentro das dobras de uma nuvem escura. Muitas vezes saía e brilhava um momento, como se esforçando por sobreviver à nuvem escura e pressagiosa; mas era empurrada para trás, e por longos anos, esse velho nunca viu a estrela do amor gentil. Há muito derivava um naufrágio na praia de esperanças desvanecidas, e o velho suspirava uma e outra vez pelo seu lar juvenil consagrado ao amor; mas não, foi-se, e a juventude finita desviou-se da sua órbita, e o velho agora deve sonhar com o paraíso, e nas areias caindo rápidas da sua vida, esperar por um lar de bondade no céu. As simpatias não acorrentadas e não maculadas do coração humano murcharão, se a

descortesia for o seu lar; mas sorri-lhe gentilmente e devolverá o dom e amará de novo. Pelo mundo inteiro há miríades de fontes de infelicidade. Hoje uma jovem e bela rapariga pode estar no altar, para repetir os seus votos perante o mundo, que amará e acarinhará, e nesse amor dará tudo pela felicidade de um que lhe jura fidelidade eterna. Pode ter sido embalada no colo da indulgência, e rodeada por todas as belezas externas da vida humana. O tempo é fugaz. Hoje é uma noiva feliz.

Anos vieram e foram, e mais uma vez contemplamos a outrora amada e bela, pálida, triste e quase de coração partido; e porquê? Ah! a mão da negligência foi rudemente colocada sobre o seu coração, e o seu amor é fraco, ansiando muitas vezes pelo lar. O amor foi influenciado pela paixão; e todas as suas suscetibilidades delicadas foram quebradas e pisadas, pelo que deveria ter plantado flores no seu caminho pela vida; e quão miserável — inefavelmente miserável, deve ser essa esposa, que encontra as suas esperanças mais brilhantes apenas sonhos fracos. E tais mudanças são apenas e só operadas pela negligência e descortesia constante, e nenhuma linguagem pode expressar o amor que mesmo ele poderia colher das profundezas enterradas da sua afeição, se o orvalho da bondade caísse dos seus lábios sobre o seu coração. —

Quão ansiosamente captaria ela o mais leve carinho, e amaria tão bem como antes. Então não condenes a alma de Deus. Ama — pois é tão livre como o ar; mas para sempre e sempre repudia a influência da paixão, mesmo que pudesse ser encontrada no seio da leviandade. Lança de lado os ramos flutuantes da desconfiança e inveja, mas busca as pérolas brilhantes encerradas nas profundezas do poderoso oceano do amor; pois tais durarão para sempre, e mesmo encontrarão respostas refletidas das joias que brilham na coroa de um Pai amoroso.

Não deixa a verdadeira amizade ser encontrada banhando-se nas águas turbulentas da suspeita e inveja, nem a deixa deleitar-se no meio das nuvens negras da calúnia; mas sai orgulhosa e nobremente e defende o teu amigo, embora todo o mundo te assalte, e as setas venenosas do preconceito venham voando de cada seio oposto; pois se não fores fiel aos laços da verdadeira afeição, não podes ser fiel à majestade e bondade do teu Pai no céu. A afeição, nascida de Deus, não — nay, não pode, sorrir quando o sol da esperança brilha mais brilhante, e franzir quando uma nuvem cruza o seu disco; mas brilhará através da escuridão da meia-noite da tristeza, como na luz do dia da alegria.

Não fica e ouve preguiçosamente as acusações indelicadas contra o amado; pois se o fizeres, esse coração que sofre mais enterrará o seu amor por ti, e alimentará a dieta escassa da sua própria amargura, conhecida apenas por Deus, esforçando-se por encontrar o mundo gentilmente e corajosamente, e ficar sozinho no meio do trovão rolante do preconceito, e no meio dos

relâmpagos da contenda, vigiando esperançosamente pelo arco-íris do amor para abranger os céus do seu destino.

Oh! então sede fiéis uns aos outros. Sede fiéis aos votos da amizade; e no grande épico único da verdade sublime, formado pelo poder da Divindade, desenrolado e envolto no universo, os vossos corações infundirão a essência-alma brilhante do amor, enquanto flui através de toda a vida, e não conhece controlo finito. A tua meia-noite transformar-se-á numa manhã perene, enquanto pensamentos cristalinos, diamantinos refletirão o brilho próprio do céu onde quer que vão, e música esférica ondulará gloriosamente derramando-se da transparência da eternidade, e passará como raios de sol pelo ar cristalino. Com harmonia solene acordarás para a felicidade consciente.

O amor é a própria eternidade do céu. Aí o coração faz o seu éden imortal, semeando-o com flores de matiz e beleza eternos, onde almas estão ligadas como planetas no céu, cada uma buscando as suas buscas afetuosas, as suas aspirações nobres, e difundindo através de cada departamento da vida infinita a beleza da simpatia não maculada e escrevendo na sua fronte angélica as linhas de afeições não acorrentadas, que não conhecem mudança no futuro vindouro, mas existem, indo cada vez mais alto na difusão brilhante do conhecimento. No céu, o amor “Funde-se nos doces abraços do coração. Na costa calma os habitantes felizes aglomeram-se, Saudando cada barca distante com a canção mais doce. Para casa voam, impulsionados pelos ventos rápidos da vida, E recolhem velas brancas nas costas do céu.

Palestra by E. C. Dayton.

O ESPIRITUALISMO E OS SEUS CONTRASTES

No vasto templo do ser da natureza, e através de todo o arcano da existência, pode ver-se a divindade de Deus, trabalhando silenciosamente o seu caminho da matéria aparentemente morta, até à elaboração divina do intelecto humano. Não há inanimado em todos os departamentos variados da vida; mas tão silenciosos e impercetíveis são os princípios do movimento, que a visão humana não pode conceber a sua magnitude e poder. Não há morte em todo o universo do ser animado; e quando a vida, por um tempo, parece suspensa, o movimento eterno está apenas a elaborar essa existência em belezas mais altas; e na elaboração, tão intensa e poderosa é a sua ação, que os impulsos e indicações da vida são invisíveis.

Por fim, de novo, essa criação surge brilhante nas coruscações do seu autor, ainda movendo-se com a corrente da vida, passando cada processo sucessivo para belezas ainda mais belas, até, perdida no vasto vórtice da eternidade, onde vestida com uma nova encarnação, ainda avança com a maré da existência imortal, até a criação terrestre mais insignificante se tornar, através dos miríades processos da lei divina e orgânica, uma das coruscações

brilhantes de um futuro vindouro. Em nenhum lugar no reino do amor de Deus pode a morte ser encontrada; pois a matéria, quando morta, é nada; por isso não pode ser classificada com o vivo. Mas Deus e a matéria são coeva, e um constitui o corpo da existência, o outro a alma da vida. Então a matéria não pode morrer, a menos que o seu contraponto morra também, e isso não pode ser. Por isso a alma e o corpo das existências criadoras estão unidos em atração eterna, trabalhando juntos em harmonia mais profunda um com o outro, produzindo cada um a sua criação específica, para embelezar os seus mundos, que giram em poder harmónico à volta do foco divino da vida concentrada, de onde vêm todas as coisas.

Os planetas, no seu varrer, pela congregação e agregação de átomos de matéria, estão constantemente a expandir-se, e dentro do espaço circundado pelas revoluções siderais, há um universo repleto de vida — vida agitada por interesses momentosos, e, de si mesmo, uma realidade viva. É um universo de exalações espirituais, do qual o movimento planetário se torna maior, à medida que dele extrai os seus constituintes atrativos necessários ao seu ser expandido. Confinando o alcance da filosofia aos princípios da vida, pode ser provado pelas leis do mundo material que corpos inanimados não podem originar movimento. O universo deve provar, pela racionalidade do seu efeito, que a mente originou o seu movimento, cujos processos são inteiramente ininteligíveis ao homem finito.

O poder maravilhoso envolvido na formação constante da vida, encarnada fisicamente, só pode ser medido por Deus. A atmosfera é material, no entanto tão sutil que quase evade a observação do homem; e nele estão sentidos escondidos que ele falha em encontrar; pois tudo existe, vida em vida, mundo em mundo; e a ciência vem em seu auxílio e demonstra o facto absoluto de que o próprio ar que inala é o lar de milhões de criações de Deus. E no entanto ele nega que o espírito, por afinidade, possa retornar às suas esferas de atração e ainda respirar as suas palavras de amor, simplesmente porque não pode ver o espírito, na sua descensão à terra, depois de se tornar imortal; enquanto a ciência demonstra plena e positivamente a sua verdade. E na análise cuidadosa da religião cristã, aquilo que existiu, o ápice da moralidade e pureza religiosa, por gerações, tornou-se um contraste impressionante com as inculcações Espirituais.

O Espiritualismo repudia um Hades eterno, mas ousada e verdadeiramente assente que o homem recebe a sua recompensa ou punição da justiça exata; a punição sendo uma consequência de leis violadas, sendo invariavelmente proporcional às ofensas, e a recompensa a consequência da obediência às leis instituídas do seu ser. Ensina igualmente que o poder de Deus é maravilhosamente exibido na constituição do homem, como nos incontáveis mundos resplandecentes do espaço. Ensina que o homem é o ápice de todas as criações mundanas, e o fundamento de todas as existências espirituais. Que uma atmosfera divina rodeia o seu ser, e que há um aroma constantemente emitido do mundo invisível, onde jazem encerrados no seio de Deus os

segredos do universo. E o homem absorve esta aromata magnética delicada, de todas as substâncias, através do ar, e toda a sua vida-alma vem desta absorção. Ele é o mais alto da terra — o mais baixo do céu; e, por atração, divinamente conectado com ambos. Priva-o da terra, e ele cessa de viver na terra; e priva-o do céu, e toda a sua existência seria estéril de beleza e pensamento.

E o Espiritualismo ensina que o homem é uma atualidade; não uma simbolização, cujos pontos de atração interiores tendem para cima; e ele está sempre en rapport com o mundo superior; pois a oração, as aspirações da sua mente, o anelo da alma para abraçar o Infinito, jaz no elemento de bem que jorra; e por esta exaltação de sentimento, o homem torna-se recetivo às influências de seres mais altos. Repudia a humanização de Deus no homem, como se alega ser o facto no nascimento de Cristo. Ensina que não há eficácia no sangue de Cristo; pois a sua era crucificou-o pelos seus princípios, senão poderia ter expirado naturalmente, e nenhum sangue teria sido derramado; e de acordo com as inculcações bíblicas, o mundo teria sido totalmente condenado para sempre e sempre; tornando a Divindade pior, muito pior que o mais vil na existência. E se há eficácia no seu sangue, e partilhar do sacramento salvará a alma do homem, graças a Deus, o pobre ébrio pode ter as esperanças mais brilhantes de salvação.

Não há no vasto império da mente uma ideia tão inconsistente como a da expiação pelo pecado, pela fé. Está carimbada como falsa do céu; e o próprio Deus, pelas suas próprias demandas de justiça, chama a humanidade para lançar fora a fé cega, e raciocinar com as suas leis do bem e do mal. A salvação da humanidade repousa no uso prático dos ensinamentos de Cristo, em cada ato da vida, e não pode consistir em comer pão e sorver vinho. A ideia da eficácia da expiação do pecado, pela fé no sangue de Cristo, flutuou no mar de dois mil anos, e no entanto o século XIX ainda acalenta a ideia, embora há muito manchada pela mão do tempo.

A igreja cristã está constante e positivamente a violar os preceitos daquele que professam adorar, e cujo sangue esperam lavar das suas vidas a mácula e as manchas da transgressão voluntária. A sua conduta é o universo dos preceitos ultra de Cristo; e aqui dizemos que a lei mais bela e alta, procurada ser inculcada por ele, era: “Retribui o bem pelo mal.” — Quantos dentro do âmbito da igreja cristã seguem este preceito? Não infrequentemente seguem o seu reverso, enquanto, na própria lei, não seguem os seus princípios tão verdadeiramente como o infiel, cujo nome marcam com grossa profanação no Infinito, e desprezam o que não falham em fazer eles mesmos.

O Espiritualismo torna o céu um mundo transcendente de belezas vivas. É tornado caro ao coração pelas suas associações afetuosas e mementos de afeição, e avança em triunfo, espalhando-se por cada sentimento da vida, dissipando as notas discordantes da discórdia da música da harmonia finita, que romperam os laços mais gentis do amor, enquanto o seu pálio escuro

transmitia uma tonalidade sombria sobre o belo seio da natureza. Não tem afinidade com a iniquidade, mas inculca o padrão mais alto de pureza moral, e silenciosamente e sem ruído rouba através dos alcovas brilhantes do coração, tocando com dedos mágicos as suas cordas, e a natureza derrama a sua música num vasto mundo de sons harmoniosos. Muitos corações de viúvas foram feitos saltar de alegria pelas suas influências santas, e o órfão sentiu o seu ministério angélico.

Um filho pródigo ouviu a voz da sua mãe angélica, e afastou-se do precipício do vício e agarrou os elementos do amor que agora elevam e enobrecem a sua mente, enquanto com a natureza mistura o seu perfume, e, levado no ar ondulante, respira as doçuras e aroma do céu. Ensina que a riqueza exterior nada vale ao homem no céu; mas a sua elevação depende da riqueza dessa mina que jaz encerrada na humanidade, profunda dentro da alma viva do homem.

No templo da natureza flutuam melodias de música celestial, enquanto as suas abóbadas fretadas ressoam com as sinfonias suaves de vozes angélicas; e o coração humano é iluminado pelos raios refulgentes do sol brilhante do céu, no cujo calor genial e inundação dourada de luz viva cada batimento cardíaco encontra vida eterna.

O Espiritualismo prova que não há mal positivo no homem — que o mal aparente é um efeito de lei violada. Se Deus for a alma da bondade, esse princípio deve ser positivo, pois o mal só existe no homem, e o homem é negativo para Deus, que se manifesta ao mundo, em sublimidade e profundidade, na sua imensidão, os elementos da bondade perfeita. O Espiritualismo veste a Divindade com todos os atributos de poder e beleza, aos quais não pode haver limitação; e a Bíblia do verdadeiro Espiritualista é o volume aberto da natureza, cujas evidências externas e internas de poder e magnificência só podem ser atribuídas a uma fonte viva e respirante, cujo ser é infinito e eterno.

O efeito de todas as coisas deve ser negativo para a causa. Por isso o mal é negativo para a bondade, como o homem, na sua pureza infantil, quando embalado no seio da mãe para o sono da natureza, antes de a experiência lhe ter ensinado a profanar o seu próprio ser, não conhecia um pensamento ou propensão maligna. O germe da vida era então puro; mas, não entendendo a divindade da lei, pela qual o seu ser é governado, inconscientemente violou essas leis, não sendo responsável ou culpado pela sua direção errada, mais do que as consequências envolvidas na violação; e receber uma dupla punição por uma direção errada, que não poderia evitar, despiria instantaneamente Deus de justiça e misericórdia.

A alma partida não surge do túmulo, mas desce das moradas dos céus, e demonstra a sua própria ressurreição individual; enquanto a Bíblia atribui à alma do homem um dia especial de julgamento, quando todos os que

passaram antes serão ressuscitados. — Esta ideia cai abaixo do bom senso. O homem não pode ser tanto religioso como vicioso. Então porquê tanto vício dentro dos limites da religião cristã, se todo o homem for verdadeiramente religioso, que escreveu o seu nome na tábua da igreja, como devoto seguidor dos ensinamentos de Cristo, e um que reverencia o seu Deus. Professores nominais são completamente impraticáveis e imprudentes no abstrato; e os homens podem professar até partirem para um mundo mais belo, e não serem melhores.

A verdadeira Cristandade consiste no uso prático desses princípios que toda a mente inteligente não pode falhar em entender, se a razão detiver o sway e o medo morrer nos seus próprios regiões escurecidas. A ciência demonstra positivamente que a alma do homem, se for imortal, deve instantaneamente encontrar a sua ressurreição na terra pela qual ansiava encontrar, aí para deleitar-se no meio das coruscações dos céus, em plena posse das suas qualificações infinitas, para sempre na economia brilhante da lei infindável.

A ciência não pode ser enganada. Não se satisfaz com as alegações do homem, nem com as asserções fulminantes do púlpito; mas, majestosa na sua própria individualidade, cavalga através das tempestades de contenda, e prova pelas suas próprias pesquisas que a morte é apenas um processo pelo qual o homem deve passar, para experimentar um nascimento mais glorioso. — Apenas uma indicação de um lar mais feliz. É uma estrela brilhante para guiar o curso do homem sobre as cenas agitadas da vida, para que não se torne submerso nas suas ondas iradas, mas o aterrisse com segurança nos reinos da alegria e felicidade eternas. As provações da vida são apenas como orvalho na plumagem do pássaro, que plana no céu acima, para cortejar os raios do sol.

Deus não é a eternidade nem o infinito, mas é eterno e infinito. Por isso nunca foi, nem pode nunca ser encarnado numa forma humana. O seu ser é todo vasto como a criação, e tão poderoso como o tempo, e está apenas na humanidade como o vedes na alma do homem, no perfume da flor, no murmúrio do riacho, e no gorjeio do corista da floresta. Então quem se curvará em submissão cega a incertezas, quando a realidade é nobremente demonstrada no ondular da folha, no latejar do coração, nos impulsos do corpo, e nos vastos departamentos ilimitados da natureza.

É demasiado verdadeiro que há um grande contraste nas belezas e realidades vivas provadas nas visitações e ministério angélicos, comparadas com as incertezas da mitologia antiga e do Cristianismo moderno. Enquanto uma é sombria, a outra brilha como diamantes das minas de Golconda, quando as incrustações do medo e da desconfiança são arrancadas da joia da alma. Rastreai a história do Cristianismo através de todas as suas fases externas variadas, e as suas páginas estão tão manchadas de sangue que a beleza da religião ensinada por cada era está quase obliterada. Foi sob o despotismo de Constantino que o Concílio de Niceia foi realizado, para provar ou decidir em

favor da divindade e imutabilidade de Cristo. E quem era Constantino? É verdade que era um imperador; mas alas! um assassino! e era ele competente para decidir sobre a divindade de um homem tão puro como Jesus Cristo. Isto foi nos dias do Catolicismo; e quando o Protestantismo primeiro refletiu os seus raios sobre o mundo, como foi recebido? A masmorra e a fogueira encontraram muitos corações nobres martirizados para saciar os apetites baixos do poder sacerdotal; e todo o esforço para banir essas iniquidades provou abortivo, até finalmente haver suficiente reforma protestante para compelir os homens a, pelo menos, respeitar a opinião pública. E assim poderíamos recitar muitas cenas sangrentas, se isso valesse algo; mas é inútil.

Infelizmente, a infidelidade assassina estava rife nos dias de todos os Imperadores Romanos; e é absolutamente necessário que uma futurity para o homem seja colocada sobre um fundamento mais forte do que na religião antiga, ou nos decretos de um sacerdócio profligado. E como está o Protestantismo hoje? Qual a condição dos professados seguidores de Cristo? Eles lançam anátemas amargos ao que a ciência não pode negar. Curvam-se para beber os resíduos da calúnia, e acham-nos doces para os seus gostos religiosos; e porque não podem fisicamente perseguir, tomam a arma da calúnia, e homens de religião atacam baixamente os nobres e puros, e esforçam-se por falsidade baixa e negra, para macular as almas daqueles que são os seus irmãos, na operação das leis de Deus; e ainda se gabam da civilização do século XIX.

É tempo, é tempo que o homem chame o seu Deus para apoio; e se o céu não urgisse os corações sacrificantes adiante, quem ousasse proclamar a crença no convívio angélico, Deus de facto poderia ter pena deles, pois o seu destino poderia ser o de um Rogers; a única diferença consistindo em perseguição física e contaminação moral. Mas adiante, e sem medo também — as setas envenenadas da calúnia devem em breve rebater e ferir o coração que as apontou para uma parte do seu próprio Deus.

Edgar C. Dayton.

Palestra n.º 3.

Cada organização, com todos os seus materiais, é da sua mãe terra;
e à medida que assume estes materiais, assume também as suas qualidades,
e assume estas qualidades na mesma proporção dos primatas contidos
na organização; por isso o mineral tem as suas diversas qualidades,
e manifesta-se de diversas maneiras, à medida que é combinado de forma
variada; assim também a planta, e igualmente a natureza animada. Estas
qualidades que se manifestam nestas formas combinadas são a alma e o
espírito da matéria.

A rocha representa uma qualidade, e esta é a sua alma; também o vegetal, e igualmente o animal. O reino mineral tem uma alma ou espírito que

permeia todo o seu ser, o qual está sempre presente com o seu contraponto matéria; assim também o reino vegetal tem uma alma peculiar às combinações que o compõem. O homem é apenas a ordem superior de combinações destes elementos, e manifesta apenas tais qualidades como possuem os materiais que compõem a sua organização; e o que constitui o homem acima das suas formas companheiras é o resultado legítimo de uma combinação peculiar que entra na sua organização.

Então o que é o homem? Ele é um composto de matéria. Cada ingrediente que compõe a sua organização tem as suas próprias qualidades específicas. Estas qualidades, na sua ação combinada, são a mente do homem. Então a mente é apenas uma qualidade que é inerente à matéria que compõe a sua organização. Uma mente com certas peculiaridades exibe o tipo e a quantidade de material que compõem essa organização. A mente é apenas uma qualidade da matéria, e não a matéria em si. Toda a natureza é uma dualidade — matéria e as suas qualidades inerentes. A matéria é o corpo, a qualidade é a alma, mente ou espírito.

Deus é uma trindade. A primeira pessoa nessa trindade é a matéria. A segunda pessoa são as qualidades inerentes da matéria. A terceira pessoa é a lei da combinação da matéria e das suas qualidades respetivas.
Os primatas, o que são eles? São o somatório total da matéria que forma o universo. Em número há sete, e cada um destes tem sete partes, que podem ser consideradas como sub-primatas; há, portanto, quarenta e nove primatas que podem ser considerados os primatas da terra. Toda a matéria ou mente pode ser reduzida a quarenta e nove primatas, cada primata tendo uma e apenas a sua qualidade peculiar.

As diversas combinações destes primatas produzem todas as formas.
A matéria em si sendo a primeira pessoa na trindade, é a base de todos os objetos criados. A matéria é uma unidade dividida em sete partes componentes; cada parte distingue-se das outras apenas por uma qualidade peculiar que possui; e é por esta qualidade que se faz a distinção que torna cada parte uma individualidade. Uma é inteiramente distinta da outra; no entanto, como um todo, formam uma unidade ou um arco; uma não pode existir sem a outra, e no entanto cada uma é inteiramente distinta das outras. Um bloco quadrado tem seis lados, e a sétima qualidade é a sua localidade; estas constituem as sete qualidades que devem existir, ou nenhum bloco poderia ser conhecido.

Como com o bloco, assim com o universo; requer os sete primatas para constituir o universo; se um faltasse, o universo seria uma não-entidade.
Há certas peculiaridades num bloco individual que são individualizadas, e têm peculiaridades que nenhum outro possui; em virtude de uma parte estar numa certa relação com outra parte que o constitui um bloco. Se não fosse por esta relação, o bloco não poderia existir. Assim o universo tem as suas partes, e estas partes devem existir em certas relações para o constituir um universo.

Então a matéria é a base de todas as formações. Cada primata é conhecido apenas pela qualidade que possui. A qualidade não é matéria; um princípio representado pelo lado de um bloco quadrado não é matéria; um triângulo retângulo não é matéria, a localidade não é matéria, a harmonia que enche o universo não é matéria; a lei do número como representada pela matemática não é matéria; a lei da mecânica, cujo poder move o universo, não é matéria: estas são qualidades inerentes à matéria, e não a matéria em si; estas são qualidades que a matéria revela, e só podem ser conhecidas onde a matéria existe. Por isso a primeira pessoa na trindade é a matéria.

A segunda pessoa na trindade são as qualidades que esta matéria representa. Se houvesse apenas duas pessoas na Divindade — matéria e as suas qualidades — permaneceria para sempre inalterada — permaneceria para sempre na sua formação primitiva; não poderia haver mudança, pois a matéria na sua forma primitiva é inerte, e as qualidades que possui também são inertes. Como eu disse que a matéria ou a mente estão numa certa relação uma com a outra, e que relações peculiares constituem o todo; e como estão relacionadas umas com as outras, há uma lei de relação.

A matéria, numa certa relação, forma um quadrado; noutra relação forma um círculo; noutra, um triângulo retângulo. Estas são formadas de matéria, por uma relação ou combinação peculiar da matéria. Como há uma lei relativa de formas, há uma lei relativa de combinações químicas. Certas combinações produzem uma certa forma; assim certas combinações de matéria produzem uma combinação química, e constituem uma lei de afinidade química. Certas proporções destes primatas, quando são trazidos em relação uns aos outros, revelam uma formação química peculiar.

Como a matéria, em certas relações, nos revela formas — como um quadrado ou um círculo — assim, pelas suas combinações peculiares, revela-nos uma lei de afinidade, que denominamos lei química. Estas leis químicas são por uma regra específica, como a lei das formas. Quando duas qualidades estão numa certa relação, em certas proporções, uma lei específica é revelada; e para produzir essa lei química, tais e tais proporções devem existir na mesma relação que certas proporções de matéria devem estar, em relação umas às outras, para produzir um quadrado ou um círculo. Para produzir um quadrado, tais e tais proporções devem existir; para produzir um círculo, tais e tais proporções devem existir. Para revelar uma lei específica, tais e tais proporções devem ser trazidas em relação umas às outras, ou essa lei não é revelada. Por isso a matéria unir-se-á apenas em tais proporções, e a lei da afinidade química corre paralela com as formas, e é governada pela mesma lei geral, e uma não poderia existir sem a outra.

As formas reveladas na natureza são infinitas, e correm paralelas com a lei dos números, que também são infinitos; assim também é a lei das combinações químicas, e tem as suas regras específicas tanto como as formas e a matemática, e pode ser tratada por si mesma, tanto de si mesma como

qualquer uma das outras duas; e é apenas por esta lei química que o homem revelou para si aquela sabedoria que só é atribuída ao Todo-Poderoso Deus. Nesta lei consiste o princípio da sabedoria. Nesta lei consiste o amor e a bondade atribuídos ao Pai celestial. É esta lei de onde emana esse Poder Todo-Poderoso que é o Criador e Governante do universo. E é esta lei que constitui a terceira pessoa na trindade.

Portanto, vedes as três grandes divisões, ou partes componentes, do Deus vivo, todo-poderoso e todo-sábio. Pai, quem és tu? — De onde originaste? Onde foi o teu início? Quem foi o teu criador? De onde originou essa sabedoria e esse poder que são manifestados através das tuas obras? Quem, pergunto, é capaz de responder? — Quem pode reclamar ser o originador deste poder todo-poderoso e sabedoria infinita? Quem pode dizer "Eu sou o teu progenitor; Eu pus adiante este poder; Eu dei-te a tua sabedoria?"

De novo, pergunto, quem pode reclamar este poderoso prerrogativa de poder e sabedoria, que é manifestada nas tuas obras? ---- Quem responderá? Eco, quem? Silêncio permeia o universo. Nenhum resposta ouço. Quem fala? De novo digo que o silêncio permeia o universo em resposta à minha pergunta. Bem, pergunta à Divindade — pergunta à terceira pessoa na trindade. De onde herdaste a tua sabedoria e o teu poder? A resposta vem, — Do meu irmão princípio, — Dependendo dele para o poder e sabedoria que possuo. "De onde derivou o teu irmão princípio esse poder e sabedoria para te comunicar?" —

Do meu irmão, matéria, no qual vivo, — é a resposta. Matéria, onde obténs este poder e sabedoria, que tens para partilhar tão livremente? A resposta vem em resposta à pergunta, — "Não tenho poder." E ainda a pergunta está sem resposta. Quem, de novo, perguntarei? O que mais no vasto universo pode ser perguntado? Chamarei a não-entidade para responder a uma pergunta poderosa como esta? Não-entidade, quem és tu? — De novo o silêncio permeia o universo. Não-entidade, onde estás? — Podes responder? Não ouço resposta. Voltarei de novo àqueles que responderam à minha pergunta. Matéria, não possuis poder e sabedoria? "Não, mas há um princípio vivo dentro de mim que permeia o meu ser." Princípio, possuis este poder? — "Não, vivo apenas na matéria — Sou silencioso — Não tenho poder dentro de mim próprio — Toda o poder que possuo é para viver — Sou como o meu irmão matéria, sou inerte — somos coiguais — vivemos em silêncio — poder e sabedoria não estão dentro de nós — toda a resposta que podemos dar à tua pergunta é que: — Somos."

Então matéria e o seu contraponto, qualidade, é o somatório total do vasto universo espalhado. Mas pergunto que poder controla o teu ser? Não tens sabedoria? Não está a sabedoria manifestada através do teu ser? ---- De onde vem essa diversidade de formações manifestada através dos teus reinos? Porquê que os meios estão tão bem adaptados aos fins? À

terceira pessoa na trindade ponho esta pergunta. Tens tu essa sabedoria e poder que é manifestado na matéria? “Não, não a tenho. Não sou. Porquê falas tu a mim? A matéria com o seu contraponto princípio, ou qualidade, é o somatório total do universo. Porquê falas tu a mim? Não tenho lugar no vasto círculo do espaço. Não sou.” — Se não és, o que és tu, então? Pergunto a ti — desta sabedoria — deste poderoso poder que permeia o universo. “Porquê perguntas tu a mim, digo? Chamas-me a terceira pessoa na trindade; mas digo-te que não tenho poder, não tenho sabedoria, — Sou uma não-entidade.”

Sim, mas devo pressionar a pergunta; ainda te pergunto desta sabedoria, deste poderoso poder que é manifestado na natureza; negarás a ti mesmo? “Se sou, como sou? Não estou consciente de uma existência; não estou consciente de sabedoria ou poder, se existo, diz-me como e por que meios?” Digo-te que a sabedoria permeia o universo; a matéria não a tem, as qualidades contidas na matéria não a têm: mas a sabedoria existe, e onde existe, se não em ti? “Então se sou, sou, e diz-me o que sou, para que possa responder à tua pergunta. Deixa a sabedoria falar a sua origem.” Sou uma descendente; ou melhor, sou uma consequência. “Consequência de quê?” Explicarei a minha origem. Primeiro, a matéria é o meu pai, as qualidades a minha mãe, sou o filho legítimo dos seus corações.

A matéria na sua forma original é composta de sete primatas, cada primata é conhecido pelas qualidades que possui. Como toda a matéria enche o espaço, os diferentes primatas vêm em certas relações uns com os outros; esta é uma proposição evidente por si mesma. Deve haver uma realidade, e quando a matéria está numa certa relação, uma forma é tornada manifesta, como consequência. A matéria, numa certa relação, produzirá um quadrado ou um triângulo ou um círculo, como consequência desta relação. É esta quadrado, este triângulo ou este círculo, sabedoria? A sabedoria diz, “Sou a consequência.”

As formas são tornadas manifestas em consequência da relação mencionada. Pela mesma lei, ou princípio, ou relação de coisas, ou relação da matéria, — todas as formas são tornadas manifestas, como consequência desta relação. Pela mesma lei, todos os sistemas planetários no vasto universo espalhado foram introduzidos no ser, como consequência da relação destes primatas. Todas as formações menores que são tornadas manifestas sobre estes planetas são apenas uma consequência legítima desta relação. Matéria, disse eu, dentro de si mesma, é inerte; as qualidades que possui também são inertes; mas em virtude desta relação e das qualidades possuídas pela matéria, uma união tem lugar, que denominaremos lei química; nenhuma lei química é evoluída senão em virtude desta relação; nem as formas. Uma forma é uma consequência de uma relação, assim é esta lei química uma consequência de uma relação; e em virtude desta união, o movimento é evoluído.

Movimento, o que é? Forma, o que é? São apenas uma consequência desta relação que os diferentes primatas estão, com relação uns aos outros. A matéria é inerte e não é movida, apenas enquanto matéria move matéria, com uma força igual ou superior. O que é esta força superior? De onde originou? De onde originou a forma? A força ou movimento originou desta relação da matéria. A forma permeia o universo e assim o movimento. O movimento é sempre produzido pela combinação química da matéria. Matéria, por si mesma, é inerte, mas a relação da matéria é ação, não a matéria em si. A matéria é movida, mas em consequência desta relação, que origina poder para a mover, pelo mesmo princípio que a forma é tornada manifesta.

A lei ou princípio de uma alavanca, — o que é abstratamente? É uma não-entidade, — só é tornada manifesta por esta relação. O princípio dos números, — o que é senão uma consequência desta relação da matéria? — Tem o número dentro de si poder ou sabedoria independente da matéria? — Tem o princípio de uma alavanca poder ou sabedoria dentro de si, independente da relação da matéria? Tem o movimento algum poder ou sabedoria, apenas como o resultado desta relação? Mas em virtude destes princípios, ou em virtude desta relação da matéria, os princípios são evoluídos como consequência desta relação; e estes princípios que são tornados manifestos por esta relação, chamamos sabedoria.

A sabedoria diz, “Não existo — Sou uma não-entidade; permitirei a mim mesmo ser personificado como um ser relativo, — na verdade não sou um ser, mas sou uma relação.” Dois objetos estando um ao lado do outro, a forma é evoluída — o número é evoluído — a relação de posição é evoluída, — um está numa certa relação com o outro; a relação em si é uma não-entidade, e no entanto é uma existência absoluta, trazida ao ser como números e formas são, assim que a relação é estabelecida, e está sujeita a mudança enquanto a relação muda. Estes princípios, que são a consequência da relação acabada de mencionar, e outros de natureza semelhante, estão sempre presentes quando estas relações são estabelecidas. Não são uma questão de crescimento; existem. —

São o que pode ser denominado O GRANDE EU SOU. Não poderiam ter tido início, e não podem ter fim. No entanto estão sempre a ser trazidos à vida, e sempre a desvanecer. À medida que a matéria é relativamente movida, estão sempre presentes. A evolução destes princípios por esta relação da matéria é SABEDORIA MANIFESTADA, — ou o que é conhecido pelo homem como sabedoria. Enquanto o homem concebe esta sabedoria, manifestada na natureza, a sua mente contempla a sua origem e a fonte de onde emana; — essa fonte chama Deus.

Usaremos, então, o termo Deus, como a origem e fonte da sabedoria. Então a pergunta vem para casa, — o que e onde é Deus? A matéria enche o universo; as qualidades da matéria permeiam o universo; a relação

desta matéria evolui todo o poder e sabedoria; “por isso Deus é o somatório total da matéria, qualidade e a sua relação.” Então de onde originou esta sabedoria? Do Deus verdadeiro e vivo. Por esta visão do sujeito, podes prontamente conceber que Deus, e a sabedoria e poder que manifesta, estão sempre presentes. Que Deus está sempre atento aos objetos da sua criação; — sempre ativo, como resultado destas relações — sempre ativo por necessidade. É todo-poderoso por necessidade, e a sua sabedoria é uma consequência. De onde emana? Não, a sabedoria é apenas a conceção desta relação na mente do homem. O termo sabedoria é uma expressão implicando a conceção desta relação.

Lockport, 4 de junho de 1856. Mais em breve.

Palestra by E. C. Dayton.

“Esperança — o doce pássaro! — enquanto o ar puder encher,
Que a terra seja gelo — a alma tem verão ainda.”

A imortalidade sobrevarre todos os sofrimentos, todos os medos, todas as lágrimas e toda a tristeza, enquanto a alma ofegante respira o sopro de verão da sua própria vida solarenga, quando a esperança lança um raio mais brilhante sobre as águas douradas da sua própria indefinida identidade. A alma oculta da harmonia, quando cheio de esperança, irradia os reinos da infinidade estrelada, e o coração humano torna-se o lar sagrado da pureza nativa, a imagem copiada do seu Deus.

Quando a esperança envia os seus emissários, as folhas do coração abrem-se ao ar, e os seus batimentos encontram vida abaixo. Vivem apenas para o céu, e expandem-se no Paraíso. Como flores, enquanto murcham, as suas pétalas desbotadas fecham-se, não mais para beber o orvalho; e cada nota trémula de divindade foi misturar-se com o ar cintilante da eternidade. Assim com o coração — o orvalho da esperança repousa sobre as suas pétalas, enquanto o raio de sol do amor se inclina para beijar a sua forma espiritual de beleza; mas em breve as suas folhas feéricas estão desbotadas, a sua música foi-se, e a sua voz de esperança silenciada nas câmaras silenciosas da mudança eterna. Mas nas asas da esperança a alma ascende ao seu lar de repouso pacífico, onde as ondas do desespero nunca abalam as harmonias ecoadas da sua imortalidade, mas onde tudo é tão brilhante e sem nuvens como um dia de verão feliz.

A esperança adorna a vida com beleza e grandeza, e ativa a mente em vários graus de atividade, refinamento e animação, e nas suas evoluções gerais, move-se sempre silenciosamente pelos corredores silenciosos do pensamento, e torna-se parte da vida-alma do homem; parte de um todo estupendo. Detém superioridade percetível sobre a existência cardíaca do homem, e revela-lhe uma luz inconcebível — um brilho que se estende pelo comprimento e largura do espaço, e torna-se o próprio espaço iluminado, e é o

ímpeto grandioso e estupendo do desenvolvimento eterno do homem. A sua fragrância vai adiante e permeia a vida, e torna-se indelevelmente impressa na memória retentiva do homem, e sempre exala o sopro de refinamento de esferas mais altas. Aqui está a grande atração do desdobramento do homem. Tudo animado pela ação divina possui, dentro de si, uma afeição viva; e como a beleza de uma flor é comunicada a outra, assim deve o coração, cheio de esperança, transmitir o seu brilho de amor, e outros corações inalarão a atmosfera pura da sua divindade. Os desdobramentos da afeição não só são respirados no céu, mas no universo; e, como as águas tranquilas agitadas pela pedra que cai, assim deve a afeição inerente expandir-se e ondular por todas as esferas inferiores e superiores, até as suas ondas quase alcançarem os limites do espaço.

Não há limitação das ondas da água; nem podem os belos desdobramentos da bondade amorosa ser circunscritos; mas como as águas rolam gentilmente contra a costa, assim o amor flui adiante desdobra-se no oceano vivo da sabedoria. A música da esperança afunda-se profundamente na alma, e desdobra sentimentos, dos quais o lar espiritual é sozinho digno, e não há uma avenida ou recesso em toda a arena da existência animada que não seja penetrada pelas vibrações e ecos silenciosos da harmonia da esperança; e não há um pensamento da alma oculto, mas que é avivado para a vida e despertado para a atração inexprimível da esperança.

A fragrância da esperança adiada torna cada alma no céu alegre. Exibe a ordem e harmonia de Deus, e compreende mais do que a mente humana é capaz de apreender. A esperança dança nas ondas peroladas do riacho gorgolejante, e murmurando adiante, encontra lugar nas cavernas do velho oceano. Está em cada estrela trémula; rola pelo vasto oceano do éter; e os seus ecos mais grandiosos incham na alma secreta do homem; e enquanto varre grandiosamente adiante, para o repouso eterno, incha o oceano do céu com sorrisos inusitados de alegria, e dissipa a noite sombria do desespero, e o coração bate sob essa emanação brilhante, trazida da alma da Divindade, por mãos angélicas.

É a esperança na qual o génio aspirante se alimenta; e fornece alimento para toda a economia das criações, reconhecida em formas externas. O coração deve sempre olhar para cima, em horas de tristeza; pois aí, pensamento sem voz e concórdia santa envolvem-no em robes vivos de amor; e quando os seus batimentos cessam abaixo, vai para uma terra melhor com arrependimentos brilhantes e discórdias doces; pois ama ascender a regiões de felicidade irrealizada, e arrepende-se da separação dos amados da terra. A morte é apenas uma gloriosa transfiguração; uma ideia radiante, carregando no seu seio dourado a verdade de que o homem não é sempre para viver aqui — para viver assim encarnado num invólucro material; mas a morte é o luminar brilhante da eternidade.

[Sábado]

E que a visão se estenda sobre a terra, e por todo o lado vemos sempre e constantemente as indicações da decadência. As belezas da natureza, agora florescendo com fragrância e beleza, amanhã podem decair, e é apenas uma evidência da existência continuada da alma da natureza, em formas mais altas de glória imperecível. E ainda, no trem giratório, a mente parece morrer, mas no céu possui ser; e rastreando do vazio sombrio aparente de causa e efeito, encontramos a mente ainda tornando-se brilhante com cenas mais vivas — com belezas delicadas e puras. Ainda assim é poderosa e sublime, lavrando através das regiões da ciência e filosofia, e, deduzindo verdade de verdade, torna-se um embrião Deus.

Da emissão contínua de maravilhas nunca terminantes, com visão interior, a mente, cheia de esperança, contempla as maravilhas da sua própria imortalidade; e, do seu lar de verdade viva, dá aos mortais evidências de que a alma não está encerrada em poeira perene; nem a natureza dorme; mas, como as melodias corais correm sublimemente, rolando pelas esferas serafins, em formas angélicas as almas unir-se-ão e banhar-se-ão em correntes fluindo aos pés de Deus. O céu é desvelado, e os amados sorriem de novo; e agora a alma anseia pelo seu repouso; ofega para ir onde espíritos congeniais vivem, e vira-se para o céu para suspirar-se para longe. Nenhum terror onírico assusta — nenhuma agonia contorcida empalidece os lábios; mas a alma adormece docemente, e acorda repousando no seio de um anjo. O trovadorismo imperecível do céu rola do sublime, insondável alma de Deus, para a terra, repousando no coração do homem, como estrelas repousam no santuário aéreo, ou como ondulações tecendo no lago, ou como formas peroladas ao longo do seio tingido do céu, respirando o sopro da Divindade.

O tempo não conhece o peso do sono ou fadiga, e nenhum poder pode acorrentar as suas asas apressadas; e enquanto as revoluções varrem sobre a terra, como visões perturbadas sobre o seio, ou como as estrelas cintilam enquanto nas suas profundezas eternas, e brilham das suas esferas gloriosas, o tempo não passa, mas carrega consigo a alma do homem, que deve retornar ao seu doador. Cada nota do coração pode recordar alguma folha murcha, quando pensa em alguma voz responsiva de alegria, agora esboçada na superfície vívida da memória; e isto pode, por um momento, escurecer as avenidas da esperança, pela sombra de um suspiro; no entanto não há tristeza tão grande que não possa ser acalmada pelo verão de um sorriso. O prazer, abaixo, é marcado pela rapidez, e assombra a tristeza como um murmúrio num sonho; no entanto o ar é eloquente com tons sussurrados levemente, que caem de lábios outrora tão caros ao homem. O coração humano, a sua semelhança é a mesma, e o seu verão não dura. Cada um lamenta sobre coisas amadas. Alguns sobre uma folha desbotada, ou flor, e outros sobre sofrimento e sobre belezas cuja duração foi breve.

A mudança está sempre em voo. O coração pode sorrir hoje — tristeza amanhã. O brotar da flor, antes das suas folhas serem verdes, pode desvanecer do teu olhar; mas inclina-se para florescer no céu. Por isso, através

de todas as severidades da mudança, nada é perdido. A mudança é o poder mestre da vida. Chama os impulsos da alma, na escala mais brilhante da experiência; e como a gota de água responde à absorção convidativa do sol, e ascende para associar-se e repousar no seio da atmosfera, ou como o dia afunda-se no seio da noite, assim a alma responde aos convites de Deus, e repousa nas profundezas de um futuro infindável.

O homem é reconhecido como a perfeição da matéria, nos mundos subordinados de Deus; e todos, nas suas constituições mentais e físicas, têm adaptações religiosas; alguns baseiam as suas fés na inspiração e aspiração da alma, enquanto outros cegamente aderem a uma fé, sem referência à razão; e assim não escaparam à influência escurecedora da interpretação teológica. — E aqueles que professam possuir tal conhecimento ilimitado da utilidade e aplicação dos princípios dos ensinamentos de Cristo, como falsamente praticam as suas inculcações. O homem ergue-o numa luz deífica, perante o mundo, e pisoteia as flores que ele procurou plantar no éden do coração. Usando as palavras revelação e desenvolvimento, como termos sinónimos, Cristo revelou a brilhante futuro ao homem; e a beleza da sua vida, quando plena e verdadeiramente exemplificada no homem, será as grandes e poderosas revelações a que se referiu nos seus ensinamentos; mas a especulação, tanto de natureza teológica como psicológica, deve ser abandonada antes de ele poder ser apreciado.

Havia muitas meditações proféticas de escritores antigos, que deveriam ser igualmente veneradas como as de Cristo. Malaquias e Zoroastro falaram do futuro brilhante irrealizado, quando a tirania e perseguição estariam no túmulo do esquecimento. No entanto a sua memória só existe na história. E muitas verdades estão envolvidas nas alusões metafóricas de muitos escritores nobres, cuja grandeza pereceu muito antes dos desdobramentos de Cristo. Muitas revelações brilhantes foram feitas entre os hindus e persas. No entanto elas, também, pereceram no esquecimento. Confúcio também revelou muitas verdades nobres, baseadas na superestrutura imóvel da ciência; mas com o tempo os seus impulsos profundos e nobres foram levados ao céu, e Cristo tornou-se o Deus humanizado; e na sua expiação repousa a redenção de miríades de gerações ainda por nascer, se admitirmos as alegações do sacerdócio.

É um facto lamentável que a religião tenha sido separada de todos os outros departamentos do pensamento; mas a ciência agora ousadamente afirma os seus direitos, e assiste o homem a discriminar entre o certo e o errado — o bom e o puro das inculcações da Bíblia. Na formação da terra, a ciência declara que a Bíblia está errada; pois aqueles que examinam cuidadosamente os restos orgânicos não podem advogar o relato bíblico da formação e criação da terra; pois, através da natureza, têm uma grande oportunidade de testemunhar as suas operações orgânicas. Oceanos de matéria fundida existem debaixo das incrustações da terra; e as rochas fossilíferas agora em existência, que sustentam vida animal e contêm plantas, são compostas

de muitas, muitas camadas alternadas; e pela acumulação constante, tornaram-se imensamente espessas, e parecem ter sido formadas como as rochas são agora formadas; e por isso a sua deposição deve ter requerido um período imenso de tempo. E se estas desdobramentos rochosos, como alegado, são formados ou foram criados, por uma agência milagrosa, devemos inteiramente abandonar a lógica da ciência física, e destruir o fundamento do raciocínio analógico, nas operações orgânicas naturais; mas se raciocinarmos a partir da ciência, plenamente estabelecida geologicamente e astronomicamente, nesta era, devemos admitir que este mundo limitado tem uma antiguidade incalculável.

Por isso a geologia dá-nos evidências de que o homem foi o último e mais alto desdobramento da terra — o animal mais nobre da criação. Diz-nos, também, que a terra está constantemente a sofrer e sofreu uma quantidade maravilhosa de erosão pela ação da água e atmosfera. A água cortou através das camadas mais duras; e este processo orgânico demanda um período inconcebivelmente longo. Então a ciência e a geologia, associadas à religião natural, destroem a potência e asserções da Bíblia. E é mais razoavelmente suposto que o dilúvio foi ocasionado por algum processo orgânico, do que pela vontade direta de Deus, para satisfazer as suas noções ou sede de uma vingança deificada. Tal ideia é diabólica.

É irreconciliável com as injunções de Deus, através de Cristo: “Retribui o bem pelo mal” — e nenhum testemunho humano deve induzir o homem a dar credibilidade a tais imputações contra a Fonte de toda a beneficência e bondade. Que o princípio auxiliar, a honra, entre em operação, oh! homem; e enquanto violas as monições mais enfáticas de Cristo, lembra-te de que a tua redenção não consiste na expiação por mera fé, mas repousa sobre a lei, pela qual toda a ação divina é controlada. É tempo, alto tempo, que a inundação da direção errada seja travada no seu varrer temível; pois imputações baixas têm bastante tempo escurecido o céu; pois em cada ato gentil em cada sorriso de verão, um Deus é revelado; enquanto a esperança, o arcanjo do deleite da alma, vem para auxiliar na difusão do amor de Deus, por cada recesso da vida, e para infundir em cada fibra da existência, o incenso suave mas mais doce da misericórdia e caridade, que sobe do santuário da Omnipotência.

Como o espírito do vendaval passageiro inala a doçura da rosa, e paira sobre a sua florescência ilesa, suspirando de volta o suave perfume que dá beleza à asa do zéfiro, assim o coração humano falará adiante a sua inocência angélica, difundindo suavidade e alegria através das suas câmaras silenciosas de culto interior; e enquanto contempla a divindade de Deus em todas as vastas operações da natureza, o céu abrirá os seus portões perolados, e a alma agarrará a majestade da esperança imortal.

E. C. Dayton.

Comunicação do espírito de George Malcombe.

As comunicações que se seguem foram recebidas em Suspension Bridge, há algumas semanas. O Espírito comunicante era um que era desconhecido para todo o círculo ao qual comunicou. — Primeiro, apresentou-se como um espírito não desenvolvido, e usou linguagem compatível com esse caráter, tornando-se mesmo desagradavelmente vulgar. Depois disto, mudou o seu estilo, e tornou-se bastante refinado. O seu objetivo nisto, como depois tornou conhecido, era dar uma lição em relação ao tratamento, por círculos, de espíritos que são realmente não desenvolvidos e baixos, mas que podem ser grandemente beneficiados e recuperados, por tratamento gentil e amigável; como, de facto, podem nesta vida.

COMUNICAÇÃO

Meus Caros Amigos: Nuvens escuras e frias envolvem o coração humano. Os seus batimentos não conhecem calor de amor, o vendaval é tão gelado — a alma não conhece simpatia infinita, pois as tempestades são tão penetrantes. O homem deve viver, arrastar-se através dos ventos amargos, amargos da sua existência, condenado por fim a derivar como marinheiro, onde a gaivota do desprezo canta a sua canção discordante — onde o monstro do poderoso abismo, a baleia do preconceito, abre as suas mandíbulas, como se para esmagar o homem entre os dentes. O coral da afeição canta as suas canções profundas dentro do coração, enquanto ainda os ventos amargos sopram adiante, afastando os ecos do ouvido do pobre marinheiro.

A sereia do sentimento sério zomba, em loucura frenética, a última esperança dessa forma expirante. Ele deriva adiante, adiante; ainda os ventos sopram temivelmente — amargamente, até por fim, cansado, rola a si mesmo nas suas vestes esfarrapadas, e mergulha nas profundezas das ondas frias, frias da iniquidade. Ainda os ventos uivam amargamente — quase congelado, os gotas do seu coração, outrora aquecidas pelo amor, penduram como pingentes de gelo [21 de junho de 1856.] sobre as águas invernais de Niagara, como se amortecidas à voz da sua majestade no verão. Ainda os ventos uivam no marinheiro afunda-se mais profundo e mais profundo: por fim, nos antros escurecidos do crime, a iniquidade soa tão mortalmente como as portas de ferro de algum velho palácio, enquanto rangem nas suas dobradiças enferrujadas. No castelo arruinado das suas esperanças, espia uma videira verde entrelaçando-se à volta das suas colunas quebradas.

Olha para ela selvagemente, como se fosse mera troça, finalmente a esperança revive. A reação é tão grande que se entrega às caridades das tempestades amargas da vida. A tempestade é tão amarga que morre. Acorda mudado. Ainda os ventos são amargos. Onde está ele? No céu? Pensas tu que o céu brilhante da alma do qual sonhou na sua vida terrena, e por tanto tempo esperou, poderia instantaneamente mudar os sentimentos do marinheiro,

quando a deceção fria o encontra quase tão amarga como a da terra. Pensas tu encontrar as suas esperanças de um céu brilhante esmagadas, que ele poderia ter maiores desejos de ser bom? Pergunta a ti mesmo. Tal foi o meu destino. Vim para não fazer mal, mas ilustrar fielmente, que mesmo na eternidade, a alma não pode, por mudança instantânea, usar o diadema mais brilhante que reluz na coroa de um Deus Omnisciente.

Vosso verdadeiramente,
George E. Malcombe.

BÊNÇÃO

Recebei os desejos gentis de George. Ele agarrará com mão de ferro os elementos guerreiros da contenda, e travará os ventos amargos do preconceito não mitigado. Reunirá conchas do oceano da eternidade, para pavimentar os vossos caminhos daqui, enquanto a gaivota da caridade toca a sua lira, e a sereia da afeição canta as suas canções oceânicas. A alma quieta vira-se para o céu enquanto o coral do amor, na sua obra poderosa, elaborará do pequeno seixo do coração, a rocha poderosa da alma imortal que permanecerá firme para sempre, enquanto as ondas de matiz dourado batem gentilmente contra o seu seio, embalando-a num repouso ainda mais profundo de beleza eterna e valor majestoso. —

Boa noite. George

Palestra by E. C. Dayton.

“Não existe Deus! Não existe Deus!
A flor mais simples
Que no campo é encontrada,
Encolhe ao beber o seu cálice de orvalho,
E treme ao som.”

Não há Deus! Cada brisa que acaricia a face da natureza reprova a ideia ateísta. Os riachos saltam para gravar o nome do Todo-Poderoso nas rochas que embelezam as suas margens perfumadas; e as estrelas vivas, no meio do sistema giratório de glória da imensidão, emblazonam na sua superfície esmaltada o nome de Deus. A imensidão sobrepõe-se à conceção do homem, e a sua alma outrora atingida perde-se na contemplação do céu, enquanto sente que a sua tentativa é vã quando se esforça, pelo pensamento, para medir a sua existência ou sondar as profundezas de uma futuridade insondável. Não há Deus!

A maré estupenda da ciência atira de volta à terra o pensamento escurecido, enquanto, como o saber antigo, morrerá com o tempo, que depressa busca as sombras do esquecimento. O homem cujo coração sadio bate sob vestes esfarrapadas, e que, talvez, não ouviu o nome de Deus há anos, exceto quando sentiu a sua própria divindade repetir docemente o nome, sente

desprezo pela ideia, quando silenciosamente pergunta, porquê o meu ser, se não há Deus? E mesmo o ateu frio sente o seu seio gelado, quando a alma apaixonada responde, não há Deus. E quando deposita o cofre que continha um ídolo, no seio frio da terra, o seu coração terno lateja com emoções afetuosas e esperançosas; e quando os raios quentes do sol caem sobre o seu caminho exterior, a alma sussurra, por acaso pode haver um Deus — senão porquê esta vida e decadência constantes — esta causação perpétua de vida animada e inanimada, e porquê os clamores profundos, profundos da alma do homem, por algo que os lábios débeis não podem pedir.

Não existe Deus! Estas palavras caem sobre o coração amoroso como o toque fúnebre cai sobre a alma do enlutado despojado. Enche a vida de escuridão, atira a esperança imortal do altar do coração e impele a mente nas buscas sombrias de uma existência terrena, até, preso como um escravo pela cadeia do erro, sentir que o homem do trabalho não é filho do mesmo Deus, e esquecer que a cabana pode conter uma joia, assim como os palácios dourados da realeza; pois oh! quantas vezes, sob um robe humilde, encontramos uma alma polida, reluzindo no sol de um coração jubiloso, onde as águas pacíficas do contentamento pulsam como a música da natureza, enquanto refluxo e fluxo à voz do seu Deus. Não há Deus!

Estas palavras temíveis absorvem as gotas de alegria — as esperanças mais doces da terra; e a aspiração toma voo de uma fonte ascendente, contente em deixar a experiência provar que há um Deus. Com passos feéricos que parecem música para o coração humano, os anjos pisam os caminhos da terra, e como a folha que ondula no verão, enquanto o ar quase impercetível agita o seu ser, enchem a alma com pensamentos profundos do céu; e quando a gota perolada, em esperança, cai do olho, é emblemática do seu próprio céu, dentro da alma que sempre e sempre anseia pelo seu Deus.

Longe para além do céu azul, onde espíritos unidos habitam no seu ser de mistério, aí, oh! aí o homem sabe que a nuvem pálida e sombria — a tempestade selvagem e temível — o relâmpago ameaçador que cavalga o poder do tornado aproximante — a lua tímida enquanto oculta o seu rosto brilhante atrás das nuvens — e as estrelas que se escondem debaixo do éter que se acumula, tudo num grandioso diapasão de majestade trémula, proclama a existência de um Deus.

O eclipse profundo e escuro da mente mortal, no seu profundo devaneio de Deus, é apenas um presságio de felicidade eterna. Quando a alma fixa a sua visão no lar brilhante do espírito, e quando as sombras da morte roubam suavemente sobre os seus sentidos exteriores, e o ser angélico esforça-se para partir para os reinos de um dia mais brilhante, a última corda quebrada do coração, enquanto em agonia grita pela vida exterior, diz que o espírito está em voo; e como o sol abraça o mundo, assim essa alma abraça as belezas dos céus, tudo, tudo centrado em um Deus vivo. Quando o coração humano, com impulso mais rápido, atira a ondula do pensamento para a sua costa brilhante,

e com batimentos quebrados, trémulos, incha contra a maré exterior da vida, até mal a mais gentil ondulação deslizar ao longo do seu caminho trémulo, até mal um movimento sobreviver para dizer que a esperança imortal ainda permanece no seu próprio seio calmo, e o inchaço do pensamento morre na maré, e esse coração cai de volta sobre o movimento gentil da vida interior, apenas diz, em cada ondulação, do seu Deus. Como os ventos rebeldes cessam de perseguir as nuvens no seu voo, assim o homem cessou de perseguir o pensamento ímpio de que não há Deus, enquanto as manifestações espontâneas da mente demonstram poderosamente a existência de uma fonte de toda a vida e emoção.

Não existe Deus! O sorriso com covinhas do bebé — o seu prattling afetuoso — o seu lisp de eloquência simples, e a sua alma insondável, não ensinada, provam a existência de uma fonte eterna. Então porquê lamentar sobre os males da vida? O coração pode ser brilhante, embora rodeado por nuvens; e se as notas prateadas da lareira baterem tristemente nas cordas cansadas do coração, que em horas solitárias anseiam tristemente por esperanças há muito enterradas, oh! pensa nessa terra brilhante distante, onde não mais usarás a coroa da vítima, mas onde a alma colherá pensamentos doces, e moldá-los numa linguagem, para encher o teu ser com melodia animadora, e deleitar-se em visões de brilho eterno.

Acorda do teu sono, oh! alma humana, pois vozes espirituais rolam ao longo da cadeia dourada da esperança, em ecos mais doces, despertando o teu espírito para uma luz nova e mais santa; e profundos são os ecos responsivos das almas acima, enquanto as suas notas inchadas de amor caem no ouvido humano, enquanto este se assusta como se recordando alguma melodia há muito esquecida, que estava tingida de tristeza, mas agora parece clara e doce. Talvez seja a voz de um anjo pai, vindo para animar o coração do seu filho, e sempre perto para responder aos tons do amor do seu filho. Essa melodia prateada ainda recordada varre adiante e vibra de volta de abóbada para abóbada, nos corações daqueles que choram por causa das cenas amargas da vida.

É uma tarefa santa manter o coração solarengo e brilhante, e respirar uma doçura sobre o seu próprio caminho. É um pensamento feliz, embora, que é capaz de refrescar a fronte febril; alisar a almofada da tristeza, molhada com lágrimas; acalmar a dor, e mandar o seu coração afim olhar de novo para cima; pois a vida não é um vazio escuro. No entanto é uma maldição para a alma imortal do homem viver mascarado; viver numa mentira; pois se nega o seu Deus, prova-se a si mesmo uma mentira viva; pois o batimento mais minúsculo do coração prova que algures tem um autor. A mão gelada do sofrimento pode apertar o coração no seu aperto gelado; ainda assim o sol não pode fugir, deixando a mente um deserto árido; pois para sempre deve a luz irradiar da alma do céu.

Há demasiados a suspirar pelo céu; demasiados intensamente a ansiar morrer, e demasiados a desejar o repouso eterno. A estrela solitária do destino ainda brilha adiante, inconsciente de toda a rivalidade; e agora sombras macias ofuscam o seu brilho, e então nuvens escuras escondem a sua brilhanteza, e espalham-se como um pálio sobre o teu caminho; no entanto como a estrela de Belém, brilha adiante em toda a sua beleza. E embora estejas rodeado por uma legião de adversidades, que atacam a tua felicidade como tantos demónios, ri gentilmente das provações desfavoráveis do destino, e em breve entoarás a primeira melodia da música do vespertino angélico no santuário do céu.

Há um Deus! Há um Deus!! E não julgues demasiado severamente aqueles que te causam sofrimento, para que a doçura angélica do teu coração não diminua. Que cada tom seja cheio de gentileza e respeito digno, para que o coração não perca nada da sua pureza no caminho tortuoso da vida humana. Os poderes mais altos e mais santos da alma humana foram reprimidos e distorcidos pelos grilhões degradantes da descortesia; e o pensamento foi reprimido pela imaginação falsa; e emoções jorrando das profundezas da alma foram compelidas a refrear-se da expressão, por falta de bondade e ternura. A descortesia minou o fundamento da liberdade, e a tolice usurpou o trono da sabedoria. A felicidade foi esmagada por tons indelicados, enquanto a miséria ergueu a sua cabeça hedionda para mutilar e sufocar cada sentimento quente de amor.

A mente é uma escrava, e os filhos de Deus rebelam-se uns contra os outros. O mundo está desunido e confuso. Desconfiança e dúvida enchem o mundo abaixo, e os homens anseiam deixá-lo, pois instintivamente sentem que uma existência melhor os espera. É certo que o homem deva ansiar tornar-se despido da sua forma material, para que possa tornar-se puramente um anjo, livre para respirar e livre para pensar? ou não deveria orgulhosamente enfrentar as bolhas problemáticas da vida, lançadas no oceano da existência finita, e com o seu seio latejando com contentamento, esperar a sua transição jubilosamente? Se não deveria, certamente o seu Deus deve ser um agravante, se o colocou num planeta quase sem simpatia, meramente para ansiar pelo céu.

É natural para o seio ansiar por aquilo que o tornará mais feliz, e agora que o céu é reconhecido, o coração deve ansiar pela sua posse; pois convencido deve estar de que a alegria imaculada repousa na alma imortal refinada. Mas o sentimento é instintivo; e, sendo assim, deveria estar disposto a renunciar à sua alegria imortal, por um tempo, para contribuir para o desenvolvimento de uma humanidade ansiadora e desejosa. A alma honesta e verdadeira dirigir-se-á ao mundo na linguagem mais suave, quando ousa erguer a sua voz contra as inconsistências da vida, que produzem desuniões e desorganizações nos departamentos social e religioso da vida. Com simplicidade, no entanto destemidamente, o homem falará as suas convicções ao mundo, e não acreditará, escondendo a evidência da verdade debaixo de um manto

chique de hipocrisia. Se for grato ao Autor da sua existência, não se esconderá debaixo da nuvem fugaz e dourada da popularidade; pois deve lembrar que as religiões e ciências populares de hoje foram, no seu nascimento, anunciadas sobre o amplo seio verde da vossa mãe terra, como imposições e grossas impossibilidades; e o assunto maravilhoso do século XIX, que tão agita o mundo científico, será, com o tempo, polido pela popularidade, e então vede a multidão ansiosa aglomerar-se à volta do seu santuário, curvando-se em oração humilde perante o mundo angélico, por “luz mais, visão ainda”. E aqueles que tão nobremente suportaram a crítica no seu nascimento sentirão, nesse tempo futuro jubiloso, que foram tornados felizes pelos seus sacrifícios unidos. A evidência apela aos sentidos; e o Ateu, que há muito se dedicou às ciências da natureza, e que não podia tornar-se convencido, pela sua hipótese científica de que havia, e há um Deus, “agora pela agitação da mesa, pelo rap aplaudido e condenado pelo mundo, e pelos volumes de conhecimento entregues por mãos angélicas, do céu, junta-se ao coro angélico, no seu hino vespertino: Há um Deus! Há um Deus! O Ateu associado aos anjos! Sim, e o céu, com as células mais baixas do crime, que escurecem a face da terra. O homem da ciência acredita no seu Deus.

O Ateu há muito sem esperança acredita que há um Deus. No entanto o homem que nunca pensa num Deus ou num céu, exceto quando é enfiado pela sua garganta religiosa, por algum dignitário ministerial, reúne os mexericos da multidão, e, ao fazê-lo, distribui a porcaria aos seus seguidores, esperando difamar as reputações justas dos de coração honesto; mas, em vez disso, profana o seu Deus, e difama-se a si mesmo à vista do puro e santo. Se o ministério angélico for uma ilusão, porquê que orgulhosamente percorre o seu caminho sobre as montanhas altas e rochosas do preconceito? Porquê que apaga a lava do vulcão da suspeita, e porquê que transborda a terra com a sua alegria iluminada pelo sol? A ciência responde, no seu eco tremendo, porque vem de um Deus? Sim, aqueles que blasfemariam o nome do justo e puro, por falsas representações, mergulhariam as suas penas na lava de um inferno ardente, e escreveriam, no coração de Deus, os seus próprios pensamentos baixos. Mas nas paredes das suas próprias almas estão emblazonados, em letras de fogo, a influência murchante do erro, e aquele que esmagaria mesmo um verme, conscientemente, é mergulhado nas profundezas de um inferno individual, e deve escrever com um diabo individual uma consciência impura.

Se a divindade erudita clamar que tudo é uma ilusão, ou que os raps são produzidos pela engenhosidade mecânica de um “dedão do pé”, a multidão boquiaberta captará a inspiração, e em asa de relâmpago irá do amplo Atlântico ao capcioso Pacífico; mas se um homem honesto disser que há algo verdadeiro no fenómeno espiritual alegado, é escarnecido; e se o mundo ousar, como Cristo, seria crucificado. Mas àqueles que ousam encontrar o sorriso aprovador de amigos partidos, diria, avancem; o vosso “dedão do pé” é muito mais esperto que o mundo científico, e desafia a habilidade de todos os divinos dignos. Se o mundo puder ser reformado pelas articulações dos joelhos e dedões dos pés, então há uma consolação em saber que podem efetuar um

objeto tão grande; e louvor deve ser dado a uma fonte tão humilde da reforma do mundo.

Que os fenómenos modernos sejam o que forem, quando vacilardes no caminho, animai-vos e prossegui o vosso caminho; pois o céu morrerá, os sistemas giratórios da imensidão cairão, e a terra dissolver-se-á em átomos, antes de a natureza cessar de cantar as suas canções de verdade imperecível; e todos os seus coros musicais, até ao fim do tempo, com a alma humana em acentos trémulos juntar-se-ão e respirarão a verdade sem fim, Há um Deus!
— Republicamos a seguinte Palestra, que é a primeira da
nova série, porque foi inserida, na semana passada, em fragmentos destacados, por engano do foreman.

Palestra by Prof. Dayton.

“Ouvirão do profundo da noite vernal,
O tom nunca esquecido,
Do anjo que responde à oração por luz,
Quando o homem luta com a vida sozinho.”

A voz do Todo-Poderoso é ouvida como a música da lira da Natureza, cuja doçura infinita tocou as cordas espirituais do seio humano, enquanto a imortalidade ainda ecoa de volta, de abóbada para abóbada, essa voz silenciosa de pensamento profundo apaixonado, que atrai o homem para os elementos expandidos da sua própria Divindade eterna. A natureza e magnitude da mente humana requer algo além das tradições do passado, no qual subsistir; e embora através das câmaras de audiência da alma, as ondas do pensamento refluxos e fluem com conflitos exteriores, e batem contra as muralhas inabaláveis do preconceito, as costas silenciosas do oceano profundo da alma serão brilhantes com belezas diamantinas, que as ondas recuantes da contenda lavaram sobre a sua superfície, para aliviar o coração que ousa olhar para Deus e reclamar alguma nota doce de afeto do seu poderoso coro de ser infinito.

Mãos angélicas estão a traçar nos seus contornos místicos os riachos do pensamento inspirado; e as flores perenes que florescem nas suas margens exalam em beleza fragrante de volta a Deus. Assim com a mente — pode ser que não resista à paixão do preconceito e erro; no entanto aquele que olha para o céu verá emblazonado nas suas paredes douradas a lei do seu Pai: “Perdoa e esquece.” As devoluções do universo da verdade estão cheias de vida e animação divina, do Grande Foco da existência; e aquele que aniquilaria esta confiança sagrada do seu coração aniquilaria a si mesmo e ao seu Deus. O homem deve tornar-se a forma epitomizada da beleza, na qual a vida exterior e interior se fundem harmoniosamente, antes de poder ascender aos departamentos mais altos de um futuro desdobrante e poderoso.

Pelas analogias da natureza, o homem contempla, positivamente demonstrado, a continuidade da sua existência; e as leis da morte não mudam o seu destino exterior, mas sempre tornam-se o fim de algo mais alto. A ansiedade ardente do homem só pode ser satisfeita por factos. Onda sobre onda de aspiração de esperança inspirada — cheia da potência da convicção, vem a alma ansiadora longe para o desconhecido profundo, e no vasto seio da imensidão forma a galáxia nunca terminante do pensamento que se derrete em espaços desconhecidos, e, montando ainda mais alto através de toda a constituição do ser, estende-se de Deus ao universo abaixo, constantemente recolhendo das profundezas sondáveis de verdades imortais o sustento pelo qual o coração humano lateja tão piedosamente.

Como a visão exterior contempla os elos estrelados na cadeia da criação visível, que embelezam tão magnificamente o oceano sem costa do éter, assim a alma olha através dos ciclos da infinidade, e encontra que a existência começa e termina sozinho em Deus. Uma simples palavra de amor, a um irmão errante, rolará em ondulações silenciosas, através dos salões seriais da vida; enquanto um som dissonante abalaria o poderoso universo da harmonia — um suspiro de sofrimento agitaria as águas quietas de algum coração angélico, e ressoaria através do céu acima, até, sem mácula e puro, repousar no santuário do seu Deus, e clamar de dentro por simpatia, do seu seio eterno.

Então adiante para sempre deve ser o destino de cada alma; pois nenhuma finalidade é concebível através do processo maravilhoso da causação finita e infinita. Há regiões mais profundas de ação e resultados infinitos, que não podem ser vistos ou descobertos, através da lente da visão privada. E aquele que leu o volume silencioso e os seus pensamentos carregados de fogo vivo que são transferidos da página brilhante para o altar do coração humano, e esforça-se para subjugar a chama acesa, está apenas a reabastecer o fogo do pensamento; e a sua forma exterior será a primeira a morrer e desmoronar-se em cinzas, enquanto a sua alma queimará ainda mais brilhante com as resplandecências magnéticas de um mundo mais belo. O botão tenro da alma, cujas folhas frágeis se almofadam em si mesmas na eternidade, e lutam abaixo, com as tempestades da vida, deverá, num mundo melhor, entrelaçar-se à volta da alma do céu, e, de pé na borda da criação,
contemplar a proximidade do céu brilhante.

A natureza é tornada sagrada pelos passos de Deus — os impulsos do seu ser latejam nas veias da vida exterior. Cada fibra bate com rapidez de seta enquanto os robes suaves da beleza viva circundam as nossas formas, e o ar respira, numa voz de eloquência, a alegria grata de cada coração, enquanto foi tornado jubiloso ou triste, pelas cenas da sua provação terrena. O coração humano é uma coisa sensível; pois se, por acaso, os ventos do sofrimento profundo varrerem o seu oásis brilhante de felicidade, as suas cordas tocarão como canas quebradas com o réquiem triste de esperanças destruídas. Sem tom e sem voz a harpa outrora alegre permanecerá destendida, até alguma nota angélica suave emocionar gentilmente a atmosfera desse coração,

até os seus batimentos se tornarem mais rápidos, e acordar do seu sonho intermitente, para encontrar o céu uma realidade. Então que aqueles que encontram a descortesia o monitor da ação, avancem — que profanem o seu Deus como puderem; pois se o homem não ouvir a voz da razão, enquanto entoa a sua gratidão a Deus nas suas orações earnest por luz, devemos todos esperar até o tempo lavar o naufrágio do sentimento mal dirigido, e plantar as flores fragrantes do contentamento e paz no oásis desse coração, que há muito, há muito se deleitou nas influências inebriantes da materialidade.

Tais temem “questionar ousadamente a existência de um Deus” — não ousam acreditar num facto tão maravilhosamente belo, por medo de que o eu seja destronado e esqueça o seu sway material. Este elemento imaginário força os homens a aceitar as inconsistências há muito fomentadas do passado, e é a maldição do que de outra forma seria um mundo feliz. Tais temem aplicar a ciência ousada à existência de um Deus; pois se, por acaso, o fizerem, derrubará o tecido fino da ortodoxia, e revelará a natureza na sua beleza filosófica surpreendente, e na sua posição ousada nos amplos regiões da infidelidade cristianizada.

A natureza desafia a ortodoxia, enquanto nas suas revelações científicas derruba o vasto colosso do pensamento, gerado das tradições do passado, e ousadamente estabelece o vasto império da verdade viva, gerada do coração de Deus. Que cada um, dotado de faculdades de razão, sem apreensões supersticiosas, questione a existência do homem, dos anjos e de Deus. A esperança da imortalidade não deve ser produtiva de medo, mas deve ser brilhante com a luz da alegria; e por um influxo de informação superior, rasgar o véu escuro da superficialidade das janelas da mente, e deixar o génio aspirante orgulhosa e nobremente explorar essa existência invisível do homem, e, sem medo, deixar a natureza reter a sua complacência e perpetuar os seus encantos e belezas imperecíveis, mesmo que o homem, na sua tolice de medo, tenha vestido o jardim natural do céu com um pálio escuro, terrível como o anjo de um Deus exasperado. O medo ensina milhões de almas que são atiradas nos horrores inconcebíveis de um abismo ardente infindável, cujas chamas dissolventes são acesas pelo sopro de um Pai amoroso. Que carga ímpia! e a sua influência é demasiado corrosiva para as sensibilidades mais finas da mente, para a imaginação mais distorcida e perturbada dar existência a. Que profanação horrível do Deus do amor!

Esta ideia é alegada ter sido existente na alma da Divindade, antes do homem ser criado; e onde, se assim for, repousa a responsabilidade da felicidade ou miséria final do homem? pois o homem está tanto à vontade do seu Criador como a folha está à vontade do vento. Deus sozinho é inteira e totalmente responsável por cada ato mal dirigido; e se confina uma alma às chamas ardentes, comete suicídio; pois o homem é uma porção de si mesmo; e como o sol absorve as gotas do oceano, assim este Hades eterno absorveria átomos de inteligência da constituição viva da Fonte eterna, até o Deus do céu se tornar o poder controlador do inferno; pois se a direção errada for a maldição

do homem, para sempre e sempre, poucos se sentariam no “grande trono branco” entoando louvor a Deus, para sempre e sempre. Esta ideia não tem evidências de consistência, e flui do medo absoluto e inequívoco.

Tornar-se-ia obsoleta no século XIX, enquanto foi prevalente em eras passadas. E porquê tão vasta mudança? Porque a ciência ousada e destemidamente questionou esta ideia absurda, e derrubou, em parte, a influência deletéria do medo, enquanto a natureza recusa positivamente ouvir tal sacrilégio sobre a sua própria divindade, e sobre o Autor das suas belezas. Todos os efeitos devem corresponder com as causas; e se todas as leituras da Bíblia fossem de influxos celestiais, então os efeitos teriam correspondido, ou os efeitos da natureza corresponderiam com as suas causas. Então para sempre e sempre repudiai aquilo que é contraditório da beleza e pureza de Deus.

O mundo angélico é governado por associação e refinamento; e é a natureza da alma imortal buscar as suas associações, onde possam ser livres; e é também a natureza de um anjo apreciar as associações que forma dos impulsos espontâneos das suas inclinações afetivas, que são governadas pelas sensibilidades e afeições internas e mais finas da alma. E se o coração humano for verdadeiramente apreciativo, contemplará uma sabedoria admirável nas belezas exibidas da natureza, enquanto apresenta indicações constantes que levam a mente à veneração profunda e solene da primeira Grande Causa.

Os movimentos da vida humana provam conclusivamente, à mente liberal, a progressão do homem. Isto prova a vida futura além de dúvida, e demonstra-a positivamente, tão eterna como as leis infinitas do universo. Então que os homens, mesmo que falhem em ver a beleza do ministério angélico, pratiquem a lei da bondade para todos os inquilinos de salões palacianos, assim como o mendigo à porta; pois, no céu, distinções mundanas são nada. O homem, aí, não é julgado pelo peso do seu ouro, mas pelos méritos e deméritos da sua mente desenvolvida. Que a bondade reine suprema nas câmaras de audiência da alma, e os seus ramos brotarão e florescerão em beleza, e difundirão a fragrância da benevolência universal, sobre a ampla planície da inteligência humana. Não deixes a divindade de Deus ser profanada por tons indelicados e palavras descorteses, mas deixa-a tornar-se uma manifestação viva de bondade amorosa, e o universo brilhante da beleza imperecível aparecerá em magnificência magnífica, enquanto os anjos levarão a Deus a oração de cada coração fervoroso.

A verdade deve ser esmagada, se alguma vez for esmagada, pela alma que lhe deu nascimento; e os esforços do homem são débeis em esforçar-se por derrubar a base na qual Deus repousa a sua forma ilimitada de ser. Pois a mente, por análise matemática, é capaz de penetrar os céus e contar as estrelas. Sim, e rasgar o véu da morte e contemplar as iluminações da sua imortalidade.

A alma humana, no meio de todas as tempestades da sua existência, está apenas a banhar a sua forma nas águas brilhantes da experiência, e a plumar as suas asas para planar no meio das idades inauditas de um futuro infindável, onde, livre para pensar, jubilosamente dobrará as suas asas, para repousar no seio da imortalidade, e não ansiará mais pela sua transição aos céus. Que os trovões da contenda agitem o seio do pensamento irrestrito; que os ventos do preconceito soprem temivelmente à volta dos vossos corações; apenas naufragará as inconsistências emprestadas da antiguidade; e quando tudo estiver calmo e quieto, as imagens refletidas dos anjos serão vistas, nas águas douradas da Verdade, cujas notas de melodia emocionante varrem as cordas de cada coração, revelando uma melodia mais profunda e mais santa, que deve encontrar as suas respostas, nas profundezas da Imortalidade.
Que a esperança inspirada sustente a alma, em horas de descontentamento, enquanto à vossa volta, a natureza nunca desanima, mas as folhas contam algum conto angélico de amor; as flores falam da beleza épica do Céu, e o riacho límpido discorre nas suas ondas rolando adiante, a eloquência musical e veneração do seu Deus. Cada ramo decaído revela na sua forma inanimada a lei de uma progressão infindável. Então a todos diria, sede fiéis à confiança sagrada que vos foi atribuída, por um Pai vivo, de quem cada um deriva as bênçãos que os rodeiam, na sua existência finita continuada; pois embora a terra girasse ao contrário no seu eixo, o céu nunca vos desertaria, nas horas de provação e contenda. —

Esforçai-vos por deixar o contentamento reinar jubilosamente supremo, enquanto sobre a ondulante oceano do tempo avançais, e o vosso destino será aterrar em segurança e ilesos, no lado mais brilhante dessa ponte de suspensão poderosa, que se estende da alma de Deus ao coração do homem, e nas cujas fios firmes e eternos de afeição, os anjos estão a passar e repassar, levando à terra as flores mais brilhantes, colhidas do jardim de um Éden eterno. Do paraíso da Esperança vêm, carregados com o perfume fragrante de uma alegria inefável, que exala em doçura mais afetuosa, pelos recessos da mente humana, para vivificar e refrescar essa esperança de vida imortal, que parece quase sem vida.

Caracterizado em linhas de amor, nas paredes esmaltadas do Céu, estão as belezas imperecíveis daqueles abaixo, que até agora enfrentaram as tempestades do preconceito; e sempre através da vida ainda por vir, enquanto os arcanjos entoam uma canção de gratidão, àqueles que sem corar olharam para Deus, e responderam às suas próprias interrogações secretas, Eu sou imortal. Mais uma vez Vosso Verdadeiramente, E. C. Dayton.

Conferência de Aaron Burr

A alma encarna os elementos divinos do amor e do afeto, e muitas vezes adora nos seus sonhos de vida objetos cujas qualificações mais nobres e elevadas expressam o amor imutável e inalterável do grande e vivo Deus. E assim é que, das moradas da vida interior, os anjos regressam à terra e voltam a contar quão bem amam os seus próprios amigos finitos; e a alma imortal, enquanto percorre o seu círculo eterno, prosseguindo em brilho silencioso, como algum gigante robusto e resoluto, incansável e determinado, cujo pé esforçado e ascendente desdenha demorar-se no seu caminho destinado, sente e realiza as variedades infinitas de alegria entre as suas vastas e quase misteriosas esferas de existência.

Incontáveis mundos, exibindo o seu brilho, nos cujos seios coisas vivas se regozijam e bebem a felicidade do ser das fontes brilhantes de um amor omnipresente, enquanto rodopiam no seu curso, entre as belezas gigantescas do céu, e, como lâmpadas espelhadas, lançam o seu esplendor efusivo das paredes esmaltadas da criação, nem um átomo na rotina do nosso progresso horário escapa à bondade do cuidado de Deus. E cada movimento ou átomo da natureza ostenta o florescimento nativo e imaculado da inocência pura, onde o pecado nunca pode soprar o seu flagelo mortal sobre as animações do seu ser; onde as correntes da Escravatura não conhecem a servidão de corações que batem calorosamente, e onde o egoísmo e o erro nunca podem unir as suas mãos baixas para pisar a luz do amor e da verdade, e espalhar a desgraça onde o Céu plantou a alegria. Tais são as condições do mundo, como mundo que o homem habita; mas quando chegamos às responsabilidades inteligentes e individualizadas, e descobrimos no homem qualificações embrionárias do seu Criador, então contemplamos o demónio do erro a mover a sua natureza material para o erro, e o seu paraíso na terra torna-se caído pela má direção das paixões exteriores. O mundo, que ele chama a sua casa finita, é embelezado se as suas faculdades apreciativas do bom e do divinamente belo fossem reluzentes no brilho diamantino do refinamento, e banhando o seu próprio ser nos riachos efusivos de um desenvolvimento puro e verdadeiro.

Os mundos vivos do amor de Deus desdobram-se, e o olho do homem pode ler e compreender o que ele aí escreveu; pois aí a sua palavra brilha inefável e imutável; e o homem, preso ao seio do pequeno globo da terra, pode saber, e não pedir mais das evidências constantes do cuidado de um Pai, no desdobramento em torno da sua existência imediata. E quando a mudança der asas à centelha encoberta, o seu alcance será estendido; vagueará sobre os orbes radiantes que agora deleita olhar finitamente; e enquanto a eternidade envia os seus gritos de alegria, que reverberam através dos salões da imensidão e ecoam do céu mais alto até à criação mais humilde, então a alma liberta juntar-se-á ao coro eterno e tornar-se-á outra joia reluzente, pequena, mas infinitamente bela, entre a multidão de esplendores que circundam o firmamento do seu amor.

As eras rolaram o seu curso e ainda rodopiam alegremente, e o tempo passado envelhece; mas a terra ainda dá à luz criações incontáveis e divinas, até que as suas colinas se curvem com a idade e o cuidado, e o trabalho, as honras e as palavras altivas do homem viram o seu brilho decair sob o rosto reluzente do Céu. Foram varridas, estilhaçadas e mofadas, enterradas e esquecidas. As obras do homem devem decair, mas a sua alma, a sua alegre alma imortal, ainda vive, e o tempo não lança penumbra sobre a sua beleza, nem toca a firmeza do seu passo. Juventude, beleza e força ainda são tuas, ó espírito do homem. Tão clara, tão brilhante és tu agora como quando primeiro o Todo-Poderoso Formador do ser te enviou na tua missão infantil, pela tua própria mão para talhar o teu caminho para a maturidade; e como vieste dos brilhantes abrigos da eternidade, assim regressarás ao paraíso dos céus, e a tua velocidade progressiva aí, se os teus desejos forem bons, ultrapassará o voo do pensamento, e a tua juventude renovará o seu florescimento. E o teu ser ainda rolará sem pausa monótona para buscar prazer e aperfeiçoamento, mas mundo sobre mundo se abrirá à tua mente instruída num universo inexaurível de sabedoria, e o tempo adicionará ainda à fonte nunca acabada do amor infinito. Enquanto a tua alma avança sempre para a fonte estupenda da vida e de toda a beleza, ainda vive, adora e reina para sempre em conhecimento sem nuvens.

E a liberdade, nas suas batalhas com a escravatura da mente e do corpo, desfraldará a sua bandeira no ar da meia-noite da terra; e quando os trovões da verdade rolarem ruidosamente através das células escuras da Liberdade, a forma acovardada do erro afundar-se-á sob cada braço galante que desfere o golpe da verdade; e o tambor trovejar do céu — o amor eterno — guardará a bandeira dos livres, e a alma humana, de mansões no alto, chamará o seu portador-águia — o conhecimento — para baixo, e colocará nas suas garras o símbolo da paz religiosa; e voará para o seio de Deus; e a sua alegria com as boas novas do homem encherá a humanidade com a beleza avassaladora da liberdade, e a terra assim tornar-se-á um céu num céu. — E então a simpatia gentil roubará a agonia severa da morte, e o teu coração não adoecerá, mas as suas pulsações de verdade sairão para o ar aberto da bondade e do direito, e contemplará a rocha insensível como o seu irmão, e a estrela reluzente como a sua irmã; e todas as coisas que respiram são partilhantes do destino. E enquanto o longo comboio de eras desliza, o teu seio no céu não mais será açoitado por males ocultos, nem cada fibra trémula do coração doerá como o abutre da tristeza, com garras sangrentas, deixando as tuas afeições um desperdício. Sim, mesmo na terra, o homem pode ser muito mais feliz do que agora é. Dá ar à alma — deixa que as suas faculdades tenham expansão e rende o espírito, com doce serenidade, a todo o amor e mesmo à tristeza. Aprende a contentar-te com as cenas do destino e esforça-te por ser bom; pois o pecado rebaixa as nossas faculdades mais nobres.

Não é a imperfeição do homem que causou tanta tristeza; mas a alma faminta de si mesma, ansiando por alimento espiritual, tornou-se tão negligenciada que

a sua fome agarrou o sustento mais próximo do céu — a materialidade. A alma está faminta — anseia por alimento. Dá-lhe o que deseja e não haverá tal desperdício espiritual na alma do homem; mas a natureza ensinará o teu coração atento, e os seus batimentos tornar-se-ão felizes e alegres na sua alegre liberdade na terra.

Podes ler os segredos do coração humano — esses sentimentos mais intensos que se insinuam no seu ser como revelações musicais de um Paraíso distante, e esses pensamentos descontrolados e não convidados que sorriem à tristeza da memória, e com a multidão insensível da vida olham para a existência com alegria temperada? Se assim for, lembra-te de que o sentimento não morre na sepultura da aflição, embora a amargura do coração se escoe, gota a gota; pois isso é uma dieta secreta da alma, conhecida só de Deus e à qual só os anjos podem responder. Contudo, há evidências externas do amor e da pureza da mente humana; e se o homem não sentir harmonia dentro de si mesmo, e se a sua alma não possuir beleza interior, não poderia ver nenhuma dessas características divinas na natureza, mesmo se Deus estivesse perante ele, face a face.

A vida, em si mesma, é Divindade, pois tudo o que olha, essa criação vive e torna-se uma coisa atuante na sábia e nobre economia da lei infinita.
A alma pode percorrer a vida, sem bênçãos do homem; contudo, Deus envia, através do homem, harmonias cativantes que respiram o amor imortal. Vozes celestiais hinos na alma; e harpas acordantes, tocadas por dedos de anjos, soam a canção da eternidade poderosa do homem; e toda a criação, como o único instrumento místico, é tocada por uma mão viva invisível; e os seus acordes conscientes, tremendo de alegria, juntam-se à canção. Os vivos ouvem-na — os moribundos ouvem-na; e enquanto as preocupações da terra se tornam monótonas, desperta a alma amorosa para se misturar com as suas tensões, na grande harmonia celestial da eternidade — amor a todos.
As paredes da prisão podem confinar o corpo, contudo a mente desdenha os ferrolhos maciços; pois nenhuma masmorra pode encerrar as suas capacidades de voo; pois, num pensamento reluzente, do céu à terra vai.

Salta com a espuma do oceano, de costa a costa, e cansa as estrelas nas suas vigílias vigilantes. Deus criou o corpo livre como a mente e deu-lhe liberdades inigualáveis na nação à qual a sua estrutura orgânica peculiar foi e é adaptada; contudo há homens que vivem e morrem escravos, corporalmente; e a caridade toma o fanatismo religioso por manto para ocultar o seu rosto corado — a sua vergonha; e poucos conhecem o valor dessas verdadeiras caridades que afastam o egoísmo devastador, que despertam a fonte do amor para uma ação nobre. Um sorriso cativante de uma criança recompensa a mãe por todo o seu cuidado no berço. Então quebraríeis as cordas do coração pela crueldade. Mas se quereis uni-las, sede ternos em cada palavra e ato.

Aprendei que é melhor amar do que odiar. Aprendei que é melhor falar bem do inimigo do que vituperar a vossa própria natureza angélica pelos efeitos

venenosos da calúnia. Aprendei que Deus é amor e vivei e aprendei a ser como esse Deus — verdadeiro para convosco mesmo. Aquele que zomba das simpatias da alma e faz troça da divindade interior crucificaria mesmo, hoje, um Deus.

A mente, enquanto ainda acorrentada e presa, está sempre a lutar por céus mais claros, nos cujos riachos deslizantes a alma pode molhar levemente as suas asas brunidas e precipitar-se para uma terra de beleza e para uma costa sem ondas e feliz. Como o oceano saltitante sorri quando os ventos rápidos o elevam num inchaço, ou quando as estrelas em luz e energia se movem através do vazio desconhecido e rolam através do mundo nunca acabante da noite, assim a alma, na sua morada, realiza o omnipresente e profundo ar respirante da verdade que interroga a futuridade e silencia o desejo que não sabe o que pede. E a mente humana, envolta em todo o bordado escuro da tempestade que, por longas eras, manteve uma humanidade ansiada em servidão pela sua influência ameaçadora, deve ainda flutuar em asas airosas, saindo das células escuras das suas paredes da prisão e satisfazer a sua natureza faminta e faminta de si mesma na vasta expansão da bondade espiritual; pois se a alma, nas suas afeições, não for sustentada pelos elementos do amor e da gentileza dos climas soalheiros da terra, então murchará como a flor ao meio-dia e consumir-se-á, até no céu o sustento ser encontrado.

O pensamento — o pensamento verdadeiro e belo — é alimento para o espírito ansiado do homem; e se não for encontrado no trono dourado da Razão, onde pérolas reluzentes pendem, como festões deslumbrantes, em torno do altar da sabedoria infinita, então a alma deve voar para regiões onde o pensamento é o seu sustento eterno e o conhecimento o seu mundo de repouso alegre.
O homem percorre o mar sem trilhos da vida, tão insondável, tão amplo, tão terrível, contudo por vezes calmo e belo, inconsciente da alta sublimidade, como se fosse coisa comum contemplar a Natureza a falar de cada fibra pulsante, o louvor majestoso de Deus.

E ele encolhe-se para dentro de si mesmo, entre coisas tão vastas e, envolto na reverência mais profunda do pensamento, curva-se à influência poderosa da esperança imortal e pergunta-se se há um Deus. Não — não está no homem olhar impassível para os nobres esforços de Deus na natureza, que se estendem de horizonte a horizonte e encontram o céu arqueado em todos os lados onde os mundos existem, povoados por almas vivas, destinadas a encontrar-se em paz, para além do céu, onde a melhor evidência de um Deus reluz do seio de uma vida animada — a imortalidade.

Afetuosamente,
A. Burr.

Conferência de E. C. Dayton

O cultivo e desenvolvimento do pensamento humano reside na raiz de toda a intelectualidade divina; e as afeções são sustentadas e revigoradas pelo pensamento e baseiam-se na sua justiça e solidez; assim mantendo uma preeminência no grande reservatório da mente humana. E há mentes que amam factos como o avarento ama o ouro reluzente; não pelo seu valor, mas meramente porque são posses. Não têm desejo de usá-los como devem ser usados. Como o ouro não é vestuário, comida nem abrigo, mas através dele estes podem ser obtidos, assim é com os factos. Em si mesmos não são sabedoria, racionalidade, virtude nem amor; mas o seu valor intrínseco reside no facto de serem meios eternos pelos quais obtemos o que a mente requer.

O pensamento é um solvente da alma, para reduzir tudo o que é recebido a uma condição em que tudo o que é verdadeiro e intuitivo pode ser apropriadamente apropriado. As várias reservas que uma educação finita acumulou heterogeneamente no reservatório da mente humana são inúteis para a mente, pois são meramente colocadas aí porque são posses e parecem grandes, nobres e úteis para o mundo, e não pelo seu valor, que arranja e classifica factos e circunstâncias numa ordem e harmonia que faz justiça às leis estabelecidas na natureza. — O pensamento é como um rio poderoso, fluindo e entrelaçando as suas margens com muitos belos emblemas da natureza, até que por fim se entrelaça no oceano insondável da futuriade, onde não há fim para a sua vastidão infinita. O pensamento permeia e vitaliza as afecções e tem uma graça interior, cuja beleza não se desvanece com o tempo passageiro, nem é estragada ou alienada pela tristeza, mas é imortal, sempre fresca e pura; e nenhuma familiaridade pode tornar desinteressante essa beleza que o anima.

A glória que anuncia a sua presença e enche as nossas almas com novas inspirações não pode ser obliterada, mas permanece através da eternidade, um tesouro da mente, um doce monitor e uma substância perdurável da alma, que deve constantemente dualizar com precisão cínica os factos da vida. Então, do glorioso mundo individualizado do pensamento, que cada alma encha o seu seio com o odor deleitável; e embora o teu ser possa não denotar excelência de uma educação finita — nenhuma rapsódia de aspirações virtuosas aprendidas e nenhum brilho de conquistas humanas; embora tudo isso o teu ser, por circunstâncias, possa ser destituído, contudo as leis da simpatia gentil disporão suscetibilidades morais indígenas, que, por crescimento constante, se expandirão numa gloriosa adolescência e enviarão o seu odor inspirador para a vasta expansão da Natureza.

E ao observar o universo divino do pensamento, contemplamos outro mundo rodopiando em torno do grande centro do ser, reluzindo no fogo efusivo da beleza de um mundo eterno, irradiando do seu seio os sentimentos e esperanças de uma humanidade poderosa. É o universo do amor. Sente-se no sopro da brisa; vê-se na casa modesta da Caridade e habita com inchaço

secreto na mente do homem; e muitos vivem e morrem sem conhecer este poder do Céu, exceto através dos seus intelectos.

Muitos amam intelectualmente e outros amam à moda, e não amam porque é um princípio consciente da alma — um elemento genuíno do caráter, que a história de cada coração pode fornecer o único terreno autêntico de julgamento sobre os seus méritos e deméritos. E a sua alta significância só pode ser realizada por naturezas de profundidade e exaltação particulares. Está elevado acima de um instinto cego e, embora o raciocinador superficial lhe dê mais fraqueza do que força, contudo é a maré poderosa que balança tudo o que é sagrado e eterno na vida animada ou no ser. Amar, num sentido, de acordo com a apreciação mais elevada de algumas mentes, é uma necessidade animal; mas amar nobre e profundamente — amar como Deus ama — é a união da mente com a mente; a comunhão da alma com a alma; e dedicar as simpatias nativas da mente a uma mente correspondentemente bela é a função mais nobre de um ser humano.

O amor, no seu significado mais profundo, é o interesse mais elevado da existência; e há poucos espíritos na humanidade tão inteiramente desprovidos de afinidades e atrações celestiais que não respondam, em alguma medida, mais ou menos cordialmente, a cada apelo sincero a uma capacidade tão divina e encantadoramente bela. E todas as tolices vagas de uma humanidade imaginativa incansável, embora profane o nome, nunca podem violar as realidades sagradas do amor. O amor é de Deus e Deus é amor. Está identificado com a religião e surge da alma em si. É uma consciência revelada do céu e não pode ser vital com falsidade. Envia nenhum eixo pesado de crueldade para a alma sangrante, mas é a unidade e a ternura da caridade e da benevolência. Ilumina o santuário da alma; e se o coração anseia pelo amor dos outros, deve aprender a amá-los primeiro; pois palavras amorosas e ternura gentil de ser recomendam uma reciprocidade; e, se os corações amam verdadeiramente, os amores dos anjos habitarão com eles; zéfiros geniais abanarão as suas testas palpitantes e a mão gentil da vida tocará levemente o seu leito de afeto finito, refletirá com intensidade resplandecente sobre o amor divino que bruniu as paredes do Céu e sobre essa justiça universal que corrigirá cada erro e fará compensações eternas por cada dor de coração, enquanto as flores do amor encherão o teu seio com as suas afeções benignas e pureza divina.

O amor é um espírito pairando sobre a terra e torna a natureza um paraíso de beleza para o homem olhar; e em cada morada contempla uma imagem copiada do seu Deus. Como os primeiros botões do amor infantil e inocente, com as suas ofertas de perfume, vieram despertar no coração da humanidade os poços profundos e efusivos da existência e difundiram as suas gotas de bênçãos através da vida, assim esta beleza infinita do céu, misturando-se e sempre aumentando, avança para a música da maturidade e só pode cessar com o tempo. Como as brisas despertam de manhã ou à noite e sacodem o orvalho das asas folhosas das flores e afagam as árvores com os beijos suaves

do orvalho da manhã, assim o amor encontra a sua nota chave nesta cena mutável da natureza e encontra alegria nas suas asas. Mas a beleza do seu selo é mais perfeitamente expressa no rubor e sorriso que irradiam do seio puro e gentil da alma humana, onde em suaves e ingénuos acentos, cuja expressão sempre prova um coração generoso, expressa a imortalidade da mente e o coração, onde pensamentos doces se aninham no seu lugar escolhido de beleza amorosa, fala numa voz sincera e gentil das falhas da natureza humana, quando o incenso puro do amor é espalhado sobre a câmara de audiência das suas próprias características divinas e imutáveis.

As palavras de gentileza e ternura são factos copiados do seio puro de um amor imaculado; e com o brilho do Céu nas suas asas e o eco da sua música tremendo fracamente sobre as suas cordas, enquanto reúnem as notas mais refinadas da harpa poderosa do amor de Deus, num mundo onde todos são belos, puros e selecionados, quanto mais alto vão, as tensões mais belas de melodia, até que a voz apaixonada da sua música parece responder ao toque dos raios lunares; então e aí, para além do voo do pensamento, o amor tece uma coroa de beleza reluzente, até que a sua coroa dourada de glória ultrapasse o diadema mais orgulhoso do império.

Como surgiram os mundos de luz viva do caos informe e da escuridão primeva, que agora flutuam em mundos infinitos de beleza animada através do espaço? E que poder os impulsiona e guia o seu rolamento incessante, cada um em si mesmo uma imensidão brilhante? Não um átomo no seu indwelling escapa à bondade do cuidado de Deus. É sozinho o poder do amor, fluindo sempre em volumes estupendos, do grande e poderoso — o sensorium imutável e eterno de todas as existências. E esta pequena terra, dez mil miríades infinitesimalmente menores do que o grão de areia na costa branqueada do oceano, quando comparada com o infinito em si, enquanto pende no espaço airosos, com o seu poder estupendo e força revolucinando no seu próprio curso atribuído poderoso, e desde que o seu sopro foi aquecido pelos raios atraentes do sol, é sustentada no seu equilíbrio — é mantida em harmonia com tudo o mais no seu profundo revelado e abobadado, e o seu coração de mil emoções contendentes é tornado belo pela alma do amor.

E o homem, o belo, o forte e que deve ser livre, com a sua mente — o grande mistério do Céu, como veio ele a percorrer o caminho da sabedoria e o seu intelecto humano a erguer um trono e colocar no seu santuário esperanças que julgava imorredouras e imortais, e no lugar mais baixo no qual a sua alma existiu, buscou um Deus? É a influência omnipresente do amor; e a mente, o poder e o intelecto que é seu, olham para cima através das suas naturezas escurecidas para a sua fonte no Céu e leem no oceano, no ar, no profundo abobadado azul do céu, a existência do amor em toda parte. E a ciência copia a tua alma nobre, ó Deus, da pintura dourada da natureza, que a tua mão tornou infinitamente deslumbrante por uma miríade de luzes e sombras, conhecidas só dos teus próprios poderes de sabedoria. O homem traçou similitudes sublimes pela sua habilidade mecânica de ti, na sua própria mente

emocional e impulsiva; e contudo quando se dirige a Deus, sente que se dirige a ele como uma pessoa — uma alma individual, em vez de um Princípio, disseminado sem consideração à parcialidade, através de toda a vida e animação; e ao dirigir-se a Ti, ó Deus, acredita que Tu és a Grande Pluralidade do ser; contudo uma fonte independente e individualizada. Sente nos seus lábios o fogo sagrado da imortalidade arder e contudo pede fervorosamente por mais. O mundo de felicidade de Deus, ó homem, é uma contraparte da terra; e a mente, embora formada do Céu, tem a sua conversação principal com este universo rudimentar.

Então, ó envia ao exterior um amor como Deus para tudo o que vive; e desejos gentis e atos nobres retribuirão a tua magnanimidade de alma. Que o teu seio se encha de pensamentos nobres, até que a alma pareça bater com mil corações, e deixa apenas a verdadeira caridade da primavera do coração, do sopro rosado do amor, respirar um novo ser no peregrino desgastado pelo caminho, que sabiamente e calmamente carrega o fardo de horas escuras sem alento. E embora o cético possa zombar e o fanático ridicularizar, contudo a alegria seráfica desce dos céus azuis profundos. O coração humano é uma existência, mas vive à luz de muitos santuários; e só Deus pode seguir a melodia mutável das suas mil cordas. Os seus próprios sentimentos puros são muitas vezes falsamente confiados e carinhosamente dá-se em ternura e simpatia aos outros um escravo; e na amargura e desapontamento enterrados pela ferida do orgulho.

A verdadeira afeção consiste em ser firme em cada circunstância adversa da vida e permanecer caritativo quando as falhas aparecem; pois um coração verdadeiro olhará lenientemente para cada falha e amará o mesmo. E quando dissentis as características dos outros, referi-vos a vós mesmos, se quereis criticar friamente o que é imperfeito; pois nem um único coração palpita sob a cúpula do céu que não tenha algumas apreensões. Se quereis encontrar falhas na humanidade, encontrais falhas também em Deus; pois pelo seu poder, pelo seu amor, fostes todos criados, colocados na terra, pela responsabilidade individual para pintar o vosso destino com as sombras do erro, como pelas luzes da verdade.

Quando o céu escreve com lápis infalível no teu peito querido o amor do seu próprio lar brilhante, vive verdadeiro para o verdadeiro esboço de Deus em ti mesmo, embora o teu coração possa ser marcado pela calúnia e a falsidade invejosa, o escárnio sem coração e todos os libelos escuros da terra, com dedo apontado, com olho frio desviado e com insulto afundem a tua alma quase no desespero absoluto e sem esperança. Contudo, não confundas o amor com a paixão; pois há tanta diferença entre os dois como há majestade de ser entre o homem e Deus. O teu refúgio será apenas no céu; e enquanto vives, vive verdadeiramente, nobremente; e quando o coração dobra os seus ramos para a terra e folha por folha cai das gavinhas da esperança e do afeto, e, como a pomba ferida aperta as asas ao lado para ocultar a seta manchada de sangue do erro e da injustiça, sugando, nos seus tormentos penetrantes, a força da

vida humana, e cada sentimento parece congelado pelos cuidados frios do mundo! Ó ainda vive verdadeiro para o amor do teu ser; pois o Céu não está distante, onde a tua alma encontrará repouso; pois cada coração pode fazer a seguinte queixa:

«Há algumas coisas que não consigo suportar,
Alguns olhares que despertam o meu ódio irado,
Alguns corações cujo amor eu não partilharia,
Até que a terra e o céu fossem desolados.
Não consigo suportar estar com homens
Que só veem as minhas fraquezas;
Que não sabem o que eu poderia ter sido,
Mas examinam o meu espírito como ele é;
E quando o meu coração transborda com sentimento,
Para captar um olhar gentil, um olhar solar,
Quando o amor seria uma folha de cura;
Mas o escárnio é algo que não suportarei —
Ó, é duro colocar o coração
Sozinho e desolado de lado;
Enrolar o lábio em orgulho e separar
Com os pensamentos gentis de ontem.
É estranho que não saibam que o frio
Dos seus próprios olhares me tornou frio;
O que importa se as minhas palavras caem raramente; ainda assim
O seu próprio porte orgulhoso controlou
Os meus melhores sentimentos. Eles esquecem
Que ainda tenho um coração de gentileza.»

Como sempre, E. C. Dayton.

Palestra No. 16
Por Stephen R. Smith

A CARIDADE É BONDOSA E VEM COM FREQUÊNCIA

A filosofia conduz o investigador aos princípios vivos e interiores de tudo o que é apresentado para investigação; e a forma mais elevada de filosofia – uma forma que abrange todas as modificações e perfeições das formas precedentes – é aquela filosofia que ensina os homens a serem caritativos, ternos e gentis para com toda a encarnação da mente, na terra ou no céu. A parte interna da natureza do homem é a parte supremamente importante para compreender e cultivar, pois todas as suas criações exteriores dependem do interior para a sua existência e beleza. O homem precisa de compreender as tendências simpáticas e homogéneas do seu próprio espírito, e como unir essas tendências com as correspondentes concentradas no seu irmão, antes de poder basear a completa harmonização da mente, dos interesses e dos desejos na simpatia individual.

Da fonte parental de toda a forma e ordem – de toda a beleza e perfeição que envolvem o indivíduo inteligente – vem a caridade em toda a sua gentileza, enquanto, na sua forma bela, a divindade marca a sua brilhante missão entre os não caritativos da terra. Circunstâncias envolventes e influências internas e externas atuam sobre e moldam o individualismo e a forma da mente e do corpo, no momento em que entram no palco do ser, e através de todos os estádios sucessivos do ser humano ou espiritual. A caridade constitui uma parte da vida da Divindade, e é disseminada e difundida através de todas as coisas existentes. Cada coisa, de acordo com a sua capacidade, é um recetáculo deste princípio, é movida e sustentada por ele, e não há nada que ele não penetre.

Os materiais grosseiros que compõem a natureza física são associados e vitalizados pelos princípios que a caridade ensina. Nenhum princípio sem vida pode assimilar-se à organização humana; mas a parte visível e palpável da natureza associar-se-á a substâncias semelhantes na sua constituição, pois o homem é exteriormente constituído de tudo o que se encontra na construção da natureza. A parte invisível e impalpável, ou espiritual, de todas as coisas gravitará para um princípio correspondente em formas espirituais, e atrairá elementos afins que estão contidos em toda a forma de organização espiritual. A caridade é Amor e é a grande mola central que desdobra, protege e desenvolve a mente individual, porque não só contém todos os outros elementos e atributos superiores não desenvolvidos, mas dá força e energia ativa e movimento a todas as modificações mínimas e variadas de sentimento e emoção. A mente é mapeada por paixões e sentimentos, e deve haver uma filosofia de princípios que harmonize essas paixões e sentimentos do exterior com a individualidade interior.

Não consultada e não solicitada, a construção humana é introduzida numa natureza física, enquanto existe uma contrariedade infinita de desenvolvimentos físicos, cada um representando os vários elementos que atuam sobre e entram em e se disseminam através das respetivas constituições. Assim, encontramos o homem física e interiormente dependente da caridade de elementos mais finos, que, através das leis palpáveis e visíveis de Deus, refinam o seu ser. Está incontrovertivelmente demonstrado que o homem é a obra mais nobre de Deus, e que, na sua organização física e na ação individualizada da sua organização espiritual, foram instituídos todos os processos inumeráveis da natureza; e a ciência obriga os homens a esta concessão, de que o homem está no e do espírito divino – que ele é um microcosmo – que vive e tem o seu ser na expansão ilimitada do Seu espírito. Então, pode o homem nascer sem uma mola de ação – sem uma divindade – sem uma afeição – um mero vaso vazio, através do qual o bem ou o mal pode fluir num canal largo e corrente forte, conforme a sua vontade determine? A mente racional sabe que, pelos misteriosos funcionamentos dos elementos do eu interior, o impulso, a mudança, a progressão e os desejos nasceram com o espírito e o corpo humano, na existência material.

Por vários processos de mudança, a matéria que compõe o corpo e o espírito, no seu nascimento, cai, misturando-se com os elementos grosseiros do ser finito. Assim é com o universo que habitais; o material de refugo cairá para trás, e novos mundos ou universos estruturais serão desenvolvidos; mas uma eternidade de tempo passará, e o vosso universo continuará a rolar na sua majestade silenciosa, imperturbado pelas ações e forças externas da natureza exterior, antes que esta reconstrução esteja completa. Cada individualidade formada na terra está repleta dos elementos mais finos originários do vosso universo; e cada nascimento físico tira tanta matéria do vosso mundo, enquanto matéria mais fina, do universo central, supre o seu lugar. Assim, tendes um ser e uma individualidade formada, enquanto, ao mesmo tempo, há um novo nascimento algures no vosso universo. E em cada mudança constitucional do ser físico, a matéria é eliminada do vosso mundo e infundida nessa organização, e a sua perda é suprida e torna-se ainda mais perfeita e completa, por matéria mais fina rolando do oceano profundo da eternidade para o seio do vosso próprio universo.

Então descobrimos que toda a encarnação de matéria na natureza física depende inteiramente das leis e do poder de Deus – da caridade que Ele oferece ao homem, em toda a beleza da sua bondade divina. O espírito é refinado e interior, mas a matéria é grosseira e externa. E, para criar um espírito repleto de bondade, amabilidade, caridade e gentileza, o espírito parental deve ter a sua constituição mental iluminada pelas virtudes e características do Pai Divino. Se os mundos materiais cessarem de dar à luz novas criações, nenhuma mente pode logicamente concluir onde as miríades de individualidades humanas podem existir nas solidões da imensidão. Não há destino final – não há extinção de elementos de matéria ou espírito, pois eles são progressivos de eternidade a eternidade. Se as criações materiais de

universos se desorganizarem e caírem de volta no seu vórtice original de caos, ou condição caótica, a mente será levada a inquirir onde foi o espírito que outrora iluminou o mundo. Deve haver uma habitação para o espírito; e após passar pela sua transição material final, ele sofre uma disciplina angélica, pela qual toda a má impressão ou deformidade feita pelo ser físico sobre o eu espiritual é removida, e a beleza perfeita reina onde a deformidade outrora existia fisicamente.

Encontramos as leis de arranjos estruturais – de associação e gravitação – como as primeiras leis atuando sobre o ser. Depois vem a lei de progressão ou refinamento; e a lei de desenvolvimento segue em sequência, e exibe o seu poder em criações interiores. Todas as ciências indutivas e a filosofia remetem a mente para qual é a primeira causa, que causou esta Causa Poderosa. Estas interrogações surgem sempre dos profundos agitados da mente filosófica; mas julgo, a partir de causa e efeitos interiores, que não há mente, separada como indivíduo de Deus, que possa, a partir de indicações externas e internas, saber o que causou Deus. O homem pode, pela experiência, saber a causa do seu nascimento; mas não pode dar-vos os princípios dele. Este é um sujeito abstrato, e os espíritos nunca podem informar o homem mortal da causa de Deus. Assim, é apenas um pensamento momentâneo, quando o homem argumenta quem fez Deus. Pois ele retorna, no final do seu argumento, ao ponto de onde partiu. É igualmente inútil para os espíritos tentarem apreender este sujeito incompreensível como é para o homem esforçar-se por apreendê-lo, pois está tão longe do seu alcance espiritual como as estrelas estão remotas do alcance físico. Então, é essencial que o homem seja caritativo para com os espíritos, quando eles apresentam o que o homem pode chamar ideias infiéis; pois não foram os espíritos privilegiados para estudar e investigar pelas mesmas leis que privilegiam o homem mortal a saber por si mesmo?

Se espíritos pobres e não desenvolvidos, que estão mentalmente deformados pela grosseria, vierem a vós e usarem imprecações e assumirem nomes falsos, ou se vos disserem que vos farão mal, deixai que o anjo da caridade dobre as suas asas brancas sobre o vosso peito temeroso, e vos ensine as lições da disciplina angélica ou espiritual. Não repilais tais espíritos da vossa presença imediata, pois é tão pouco caritativo como amaldiçoar o bêbado ou desertar o sem amigos. Sede caritativos para com os imortais, e não esqueçais que o tempo em breve levará o vosso espírito para a terra de glória refrescante, quando podeis procurar os vossos amigos terrestres para vos assistirem na vossa melhoria espiritual. A caridade, quer pulsando em fria magnificência, ou acorrentada por laços materiais, nas celas da masmorra, ou aprisionada no coração escuro e egoísta do avarento, ou quer a sua influência seja sentida nas margens do mundo interior, onde, em paz, rola a maré do oceano, e anjos imortais se sentam na onda cedente, cantando canções ao homem mortal; a caridade é a mesma. É Deus – é Amor. É mansa e pacífica – terna e gentil. Lança a sua influência sobre o mundo, como o hálito fragrante do céu, enquanto eleva o seio da natureza com emoções e elementos fluindo através de um canal pacífico, das fontes da imortalidade. Deixai que a caridade encha

as vossas almas com uma confiança calma e uma alegria solene e serena. Olhai mais profundamente para os impulsos inerentes e segui-la nas suas meandros ilimitados. Não a deixeis encontrar uma receção fria. Deixai que o miasma que envolve o homem real em escuridão fatal, deixando-o um esqueleto do que deveria ser, seja removido pelo anjo da caridade, e batize a alma humana na fonte gotejante da imortalidade.

A caridade é uma lição a ser aprendida. O homem deve trazê-la para casa para iluminar a alma deserta, e dar-lhe esperança da sua vida para além do vale da mudança. Porque deveria Deus, o grande Pai Infinito, enviar espíritos imortais, cujos peitos ardem com ódio demoníaco, para a mente mortal iludida? Aqui deixai-me pausar e dizer-vos gentilmente, no meu tom desacostumado, aqui é onde a caridade tenta vir. Se a mente não pode analisar as partes componentes e as relações específicas de qualquer facto, quer espiritual quer físico, enquanto a influência e o poder majestosos e inabaláveis da mudança marcam os instrumentalidades obtidos para avançar e promover o interesse de toda a verdade, deixai-a pausar e tornar-se autoeducada, para que possa melhor apreciar as obras maravilhosas de Deus. Quando os mortais dizem, «é o diabo, é o diabo», proferem a mais vil aspersão contra, não só os seus alegres amigos imortais, mas contra Aquele a quem se ajoelham e oram por assistência na hora de angústia sem voz. Audaz na verdade é o domínio da influência espiritual. Não dorme; mas silenciosamente como as marés de uma eternidade rolam para além do mundo visível, do pico vulcânico ao vale baixo – da manhã oriental à hora do pôr do sol, atravessa e estende-se a profundezas imensuráveis.

A incerteza da vida humana e a incerteza de uma condição feliz no mundo superior é apenas a adaptação do espírito a princípios mais elevados. Os fluxos exteriores e influxos do homem marcam os expoentes distintivos do seu ser, e podem ser rastreados a causas proporcionais na plenitude dessas leis inabaláveis que projetam grandeza indizível do Pai Caritativo – Deus. A caridade é como o hálito da manhã, alado, como se fosse pelos gentis ecos de almas celestiais. As relações dos homens são para sempre duradouras. Um monumento de confiança e alegria eleva-se para o céu, alcançando longe, longe nas regiões mais distantes do mundo eterno, rolando sem cuidado através de todo o universo de matéria refinada, até aos atributos mais claros e próximos da Divindade.

Porque esforçar-se por sufocar o fogo que arde tão brilhantemente nas vossas lareiras nativas? O seu calor não é a influência de vapores surgindo das águas nebulosas do mundo material, mas é como um poder elevando-se ao céu distante, em beleza solene. Alguns há que o sentem, o ouvem e o recebem gentilmente. Está incorporado no céu e ilimitado pelo tempo, e abrange o mais amplo alcance do conhecimento humano no seu alcance. As melodias encantadoras de lábios mais doces que os mortais caem no ouvido da amizade e roubam docemente para as câmaras silenciosas da alma, enviando os seus choques elétricos longe nas regiões da natividade mortal.

Quando poderes escuros e poderosos ensombram o destino do homem, o céu cerúleo claro, o clarão do relâmpago e o rugido do trovão falam o seu genuíno reconhecimento de que a terra está impregnada com os elementos da natureza; e quando o homem olha para trás sobre os troféus adquiridos pelas leis da natureza, verá o Deus da natureza dentro de si mesmo. Nenhum homem está livre de receios que atuam inconsideradamente sobre a sua mente: daí que todos devamos ser caritativos uns para com os outros, e regozijar quando um irmão se regozija, entristecer quando ele está imerso no crime, e ser caritativos em todos os nossos atos para com a fraca humanidade. Esta é a nossa esperança para as mentes humanas. A caridade vem muitas vezes oculta sob o misticismo dos homens, e eleva-se muito acima das monstruosidades do passado. A caridade é de Deus. Então, que haja uma universalidade de sentimento, um peso ponderoso de sentimento celestial, que possa afundar o coração infiel mais robusto nas profundezas desconhecidas da sua própria existência. Recebei a caridade do céu; abraçai-a no templo vivo do vosso próprio ser, para que possais falar as suas impressões intuitivas do mundo da eternidade.

Vosso,
STEPHEN R. SMITH.

Palestra n.º 2, por Clara, a Vidente Espiritual

ESTOU A MORRER

Assim disse a folha, enquanto a sua beleza estival se tingia com os tons amarelos do outono, pintados pela mão da mudança. Estou a morrer, disse a flor, quando o sol se inclinou e beijou as gotas de orvalho da sua testa, começando a murchar sob o poder da mudança. Estou a morrer, disse o riacho cintilante, que dançava alegre enquanto o sol ardente absorvia as suas pérolas líquidas, quando o verão sereno estendia a sua influência tranquila sobre todo o cenário da natureza. Estou a morrer, queixou-se o pequeno riacho, à medida que as suas águas diminuíam; pois a atmosfera, obedecendo às leis da criação, tinha sede das gotas cristalinas, para sustentar a criação física segundo as leis da Divindade. E estou a morrer, foi o lamento do passarinho, quando a flecha envenenada lhe trespassou o peito inocente e o sangue do seu coração escorria, gota a gota.

Os seus gemidos foram ouvidos pelos companheiros no céu; e, ao ouvir os seus piados cheios de angústia, uma voz vibrou no ar silencioso, despertando o pássaro ferido do seu sono de dor. Ele ergueu-se, abriu as asas esplendorosas e voou para o dossel do céu, onde repousou sobre as nuvens de seda e pérola da morada da eternidade.

Estou a morrer, disse o pequeno inseto, quando o pé do homem esmagou a sua vida. Murmurou: «Não sou nada, e ai de mim! Por que fui colocado no mundo exterior, se não sou capaz de prestar algum bem às existências da

natureza?» Pequeno inseto, também tu estás ligado a um Deus vivo pelas afinidades que enchem a criação. Tens posições e funções específicas a ocupar e desempenhar nas criações do mundo exterior; e embora o homem te fira e esmague como se fosses um nada, ele falha em compreender o seu Deus. Enquanto te murchas, a divindade de Deus está dentro de ti; e quando os elementos da tua vida infinita escaparem da constituição finita, no céu poderás existir amado, porque compreendido.

Ai de mim! Também eu estou a morrer, disse o pobre, enquanto os ventos frios assobiavam pelas suas vestes rotas. O grito subiu ao céu, e anjos rodearam-no; ali, com a testa ardente apoiada no solo gelado, os braços abraçando a mãe-terra como se pedisse algo para amar, jazia a forma estendida de um homem, contorcendo-se em agonia, enquanto a tua mansão ressoava com ecos de alegria. Pobre mendigo! Há muito viajaste pelos caminhos desconhecidos do erro humano, enquanto a pobreza te ensinou a suportar o vício humano; e não ousaste escutar o arcanjo do teu próprio ser, com medo de que o mundo te chamasse enganador e avarento. Os ventos gelados do clima do erro torceram a tua alma em profunda dor, enquanto os elementos agrestes quase congelaram todas as tuas aspirações quentes. Mas há esperança para ti; e embora a pobreza tenha gasto o teu manto e adelgaçado a tua veste, são menos opressivos do que o púrpura cravejada de joias de um monarca.

És mais nobre do que o homem deitado nos seus aposentos principescos — mais luminoso do que o monarca cercado pelas diademas da realeza. Sim, espírito ascendente, uma luz consciente ergue-se da sepultura; e assim como a jovem águia quebra a casca e respira livre o ar da montanha, assim a tua pobreza rompeu as correntes da vida física, e a tua alma despertou do seu torpor, tornando-se uma estrela-guia da eternidade, ou verdadeiro polo magnético, para o qual toda a verdade aponta como agulhas trémulas. Sim, também tu, na tua infância imortal, respiras a fragrância eterna através das exalações espirituais e atmosféricas da morada eterna, enquanto a tua alma acolhe os raios nascentes da verdade, que se infiltram tão silenciosamente no teu ser interior, e abraças com ternura os anjos contra o teu coração; e, erguendo os olhos para o alto, exclamas: «Já não sou mendigo!»

Estou a morrer, disse o monarca, deitado no seu divã de veludo, rebolando e atirando-se na excitação alucinante da doença. A mudança não deixa a sua obra inacabada; e o monarca, tal como o mendigo, tem de partir das cenas da vida humana e subir sempre, pelo caminho em espiral da eternidade, onde, com êxtase, os pensamentos do lar e de Deus adoçam o presente e iluminam o futuro. Sim, os poderosos da terra vão para onde a ciência dança para sempre sobre os poderes da reflexão, desvendando cada departamento da mente às belezas harmoniosas do céu.

Estou a morrer, disse o coração humano, quando as suas pulsações e batimentos selvagens começaram a cessar. Os lábios rosados já não

imprimirão o beijo habitual; os olhos já não brilharão com luz e refletirão os raios afetivos da alma eterna; a forma perderá a leveza, e eu tenho de morrer. O medo gela a maré quente que corre no meu ser; enquanto a saúde, assustada, abre as asas cor-de-rosa e voa com a maré mutável do tempo. A esperança recua horrorizada, enquanto o orbe da vida humana tremeluz debilmente sobre os orvalhos cristalinos da harmonia; e, com os seus raios cada vez mais pálidos, governa os meus sentidos com poder ilimitado; e o meu coração entrega-se à ideia de que poderei viver de novo. Mas a minha alma vagueia pelos campos aéreos da fantasia; a aspiração lisonjeia; algo dentro de mim acena-me para avançar, e a minha alma parece adoecer, e deito-me para morrer. Um forte impulso vibra no meu coração e sussurra de amizades além dos céus. Ainda me lembro bem daquelas velhas paredes onde corações afins vaguearam, onde sorrisos fraternos eram meus, e onde a amizade se curvava diante do santuário da verdade; e oh! como posso morrer? E no entanto, talvez a lágrima mais terna seja derramada além dos céus, onde palavras mais belas serão ditas em tom prateado de afeição.

Sim, estou a morrer, palpitou o coração humano quase expirante. Mil canções em ecos melodiosos flutuam na brisa silenciosa, e sussurram, no seu canto moribundo: no céu, o beijo gentil de uma irmã pressionará a tua face — a testa de uma mãe será o teu travesseiro — o teu paraíso eterno? Ouço — acordo — dez mil vozes enchem o ar, enquanto todos os seres ecoam a mesma nota: «Desperta! Não estás morto; a tua mente abatida apenas atravessou a tempestade da mudança; e a beleza e o afeto são agora o teu céu.» Assim foi a experiência da alma humana: não morta, mas apenas passada do templo da natureza humana para o Éden da eternidade.

Também a Natureza, como os seus subordinados, se queixava de morrer. A sua beleza convulsionava-se em discórdia; as águas enegrecidas do esquecimento rolavam sobre o rosto corado da natureza; enquanto, nas celas do erro, a verdade não conhecia entrada. E estrelas, mundos e universos pareciam tremer nas suas poderosas revoluções mecânicas; enquanto, de cada departamento minúsculo no seio da natureza, subia o grito: «Estou a morrer.»

O abismo insondável do Hades parece enfrentar a mente na eternidade, quando cada impulso emocional anseia por um céu. As estrelas empalidecem, o mundo torna-se menos belo, e toda a natureza menos nobre nas suas demonstrações exteriores, porque a voz da existência humana diz: «Estou a morrer»? Será que isto apaga a tua imortalidade e esmaga aquele mundo interior de impulsos vibrantes, cuja superfície ostenta os rubores radiantes da esperança e da pureza — da paz e da clareza? O pensamento flutua suavemente pelo mundo da inteligência humana, e os seus cânticos de amor entrelaçam-se com o hino querubínico de alegria eterna.

Não morto, mas apenas separado, na eternidade, onde a mudança tem de elevar sempre a mente a algo mais alto. Ali, brilhantes correntes de verdade

varrem em festim ilimitado pelo universo de expansão infinita, até que a alma dolorida se embriague com as sublimidades da eternidade e cambaleie na vastidão da sua própria beleza individual. Rolai pelo universo aéreo da imortalidade, e deixai que os cintos luminosos da verdade eterna abarquem todos os céus, enquanto a atmosfera de ecos cede às suas radiações deslumbrantes, que iluminam o reino presente da progressão. E, à medida que a auréola das ruínas do paraíso irradia pela terra, aumentará os miríades de almas que sempre contemplam a imagem de Deus em si mesmas. Como uma noite etérea, o erro recua do coração, enquanto a alma olha para fora e vê muito do céu no mundo material.

A falsa ideia da morte pesou sobre o coração e sombreou a testa, acompanhando a mente desde a sua primeira encarnação na forma humana até ao seu presente apogeu. Paixões corrosivas atormentaram a mortalidade; e os acordes do passado varreram temerosamente o mundo mental. Vozes seráficas não foram ouvidas entre as ondas tempestuosas que rolam sobre o mundo; e embora tenham cavalgado cada onda de crista branca, não foram ouvidas, através do eclipse velado do erro, até ao presente século, exceto por algumas almas buscadoras.

A alma é transportada em asas incansáveis, onde a verdade a faz vibrar com pensamentos mais finos, e faz o sangue elétrico da vida eterna correr pelas artérias do eu interior. Os impérios da eternidade foram finalmente descobertos, e o espírito solitário da terra, ansiando como o cativo por escapar e voar para onde a beleza é reconhecida ao longe, exalando a sua fragrância nativa pelos céus externos, escrevendo os ensaios da criação no coração humano, onde o céu se transfigura na sua perfeição divina.

A mente pode deificar o exterior; mas a alma interior está povoada de pensamentos e inspirações que nunca foram traçados numa página homérica, nem proferidos pelo génio de Mozart ou Dante. Há algo mais na existência humana do que comprar a dor alheia a qualquer preço. Há um dever mais nobre a cumprir do que, por uma gratificação ociosa, destruir a verdadeira amizade; pois, à maneira de Prometeu, um anjo roubou do céu e pousou a sua fronte gentil no peito humano, ainda pedindo o amor mais puro do coração. No entanto, como um tesouro, abraçamos a cadeia da traição e da suspeita, e os seus tinidos afogam as notas inspiradas do céu. E deverão as notas selváticas e solitárias da alma dormir profundamente até que a forma se deite na sepultura, até que a alma navegue sobre as ondas da mudança, rumo ao amanhecer brilhante do dia da eternidade?

Os rebentos da escravidão humana — mental, moral e intelectual — entristecem os céus, enquanto a natureza cora diante das criminalidades do universo moral. Ainda assim, fortes êxtases de liberdade enchem a alma; e a breve era do erro escoa-se para o esquecimento, enquanto a época arco-íris da verdade desce da mente da Divindade, tornando a morte apenas um repouso do coração — uma alegria vibrante da eternidade.

O homem, na sua plenitude sensual, não cairá, pois um anjo existe no exterior, olhando com visão ansiosa para contemplar as glórias mesmo do império externo do ser, na sua plena apreciação de afeto e sabedoria. Ao longo do movimento ondulante do rio exterior do afeto, a melodia acordada do céu flutua em asas de cisne, até que os pulsos da vida batam em harmonia, e acendam a centelha do amor humano numa chama, como uma ilha vulcânica solitária que ardeu sozinha, suspirando por uma alma gémea que ame e acaricie cada sentimento e emoção verdadeira.

O passado está pavimentado com os destroços de pensamentos insondáveis da amizade, gravados na sua fronte, e a mente provada pela tempestade ansiou pelas atrações correspondentes de sabedoria e bondade. As hostes angélicas correram como o vento pelas suas vistas, e a verdade, como o canto do pássaro, cessou e reviveu. Como ventos de caverna, os acentos ocos do erro sobem do passado longínquo e buscam o seu semelhante no presente; e enquanto a miséria luta com a desgraça, o homem encontra, na esperança, um carinho renovado, e descobre que os mais poderosos têm de cair. E quando o crepúsculo de verão se dissolve em noite profunda, o homem sente o poder da natureza afundar-se na sua alma. Como o orvalho na flor, o pensamento sem voz chora-se em concordância simpática, enquanto a lágrima transparente treme na face da natureza; não porque a dor áspera tenha entrado no coração, mas porque a esperança eterna arqueia sobre o horizonte mental, sempre reunindo as belezas da imortalidade em unidade. A natureza sorri sempre em volta da alma, quando as suas canas de amor estão quebradas, e sussurra sempre: «Não morto, apenas mudado.»

O grito maníaco da mente cativa alcançou o céu; e dos seus Édens mais nobres vem o amor de Deus, ligando coração a coração em afetos queridos, transformando lágrimas em sorrisos; suspiros em diamantes; e dor nas alegrias vivas da Divindade. O coração tem de morrer mártir da verdade, enquanto a sua música mais doce busca o passado à medida que o tempo desdobra o seu destino em obediência às ordens das leis da natureza. A alma chora pela Imortalidade. Que a criação leia então os seus ensaios, para que a mente se torne sensível à beleza e pureza que glorificam o seu Deus — para que receba as Suas verdades legítimas, e para que respire para sempre, em silêncio expressivo, aquela eloquência que penetra fundo na natureza.

Palestra de Thomas Jefferson

ESPIRITUALISMO

Por todo o mundo moral e religioso, houve crueldades e perseguições de carácter indescritível. O pesado carro do preconceito rolou sobre o mundo moral, esmagando todo o impulso cristianizado. O espiritualismo moderno está rapidamente a fundir-se em preconceito sectário, e a mente em breve será lançada no oceano da imaginação, sem sabedoria que guie cada esperança. Navegará entre icebergs, rochedos e regiões estranhas, acabando encalhada na praia de uma filosofia sombria, e outra teologia falsa terá o seu nascimento — a menos que os homens sejam mais plenamente governados pelas tendências inatas das suas almas.

O espiritualismo, se não for regido por uma ordem e uniformidade naturais aos seus atributos específicos, tornar-se-á uma teoria cujas inclinações são materiais e falhará em demonstrar a verdade que pretende inculcar. O intelecto humano é expansivo e investigativo — refinado e exaltado — e requer verdade livre de materialismo, sobre a qual basear as suas conclusões legítimas, deduzidas de factos de investigação. Não se satisfaz com a representação minuciosa e geral da natureza, mas segue causa e efeito, não só na sua associação esférica, como nos mundos que povoam os céus e que miniaturizam a sabedoria de um Deus sempre amoroso.
Por isso, o espiritualismo tem de ser puro e livre de toda a iniquidade, ou não será melhor do que a antiga teologia.

As afeições do homem tornar-se-ão passionais enquanto o preconceito brandir o seu cetro, e o homem curvar-se-á submisso às suas lições sombrias. Os anjos nunca desceram à Terra para criar discórdia ou causar dor ao coração; mais depressa regressariam às suas moradas felizes além dos céus do que, conscientemente, fizessem correr uma lágrima ou suspirar um coração. O espiritualismo não incita os homens, pelas suas ideias falsas de Deus e das Suas leis, a perturbar a paz doutros homens.

O espiritualismo não é o que os homens dele fazem. Não é impetuoso nem gera constantemente infelicidade; é, isso sim, a base da harmonia, um filho não sofisticado da natureza, para o qual toda a individualidade deve gravitar, sugerido pela sua própria natureza e necessidades. Não vem esmagar as faculdades que desejam liberdade mental, nem destruir os poderes de tendência mecânica, matemática ou filosófica: pois a natureza, onde quer que instituída, prescreve para sempre liberdade e pensamento irrestrito.

O homem herda os atributos diversificados do seu ser do ventre da natureza, onde são impregnados pela sabedoria e amor de Deus. Esses atributos constituem a afinidade do homem com Deus e a relação que sustenta com a natureza. Não há modo de selar a relação recíproca da mente com a natureza, nem pode haver negação da absoluta afinidade desta com a Divindade. O

homem é, pois, filho da natureza, acarinhado e dirigido pelas suas leis e possessões inalteráveis. Assim, como a lei divina de associação une homem e natureza e estabelece atributos multipotentes e diversos na família humana, é sobre este fundamento indestrutível que repousa a lei da moralidade e felicidade consequentes. O homem tem necessidades peculiares; segue-se que a felicidade deve ser procurada e concedida na proporção da capacidade da alma para a apreciar. A lei de associação constitui os homens de modo diferente, tal como todas as coisas na natureza se adaptam a cada constituição peculiar, para que tudo seja congenial com cada refinamento físico.
A natureza está associada a Deus pela sua afinidade interior e inerente; e a mente, pelo mesmo influxo divino interior de atração, torna-se atraída para o seu correspondente atrativo do universo material. A generalização das mentes quanto à magnitude de cada uma conduz a uma maior conformação dos princípios estabelecidos de uniformidade e harmonia, por todos os reinos da mente e do espaço.

Há, em toda a criação, uma massa entretecida de pensamentos e sentimentos afinitizados que constituem a base que deveria ser da felicidade humana. A mente deve raciocinar indutivamente quando se esforça por analisar a atmosfera luminosa da ciência e da verdade; pois a existência evanescente de todos os princípios quiméricos e imaginários de religião ou ciência, com todas as suas hipóteses geradas pela mente, não satisfaz a mente indagadora com factos reais e valiosos demonstráveis na criação. As emanações atmosféricas do sol e a massa aglomerada de matéria ígnea projetada do sol por leis orgânicas e específicas, ao condensar-se em forma e existência, estabelecem plenamente o facto indestrutível de que toda a criação da mente e da natureza exterior foi assim constituída por uma lei de associação uniforme.

Convulsões e evaporações ocorrem constantemente no desenvolvimento do mundo planetário e mineral, impregnando-se continuamente de qualidades e constituições superiores — resultados naturais de elementos e princípios associados. Então, pela mesma lei ou ciência das correspondências, não poderá a mente, nas suas revoluções, convulsionar-se e cansar-se da sua existência presente, porque está a sofrer processos de sublimação que a ultimarão em maiores capacidades de conceção e compreensão? De todas as mónadas na existência animal, a sensação é um último de algo que existia antes da sua formação; e, durante a sua progressão imutável, são típicas daqueles elementos subordinados que no homem se representam pela sua natureza inferior. E, durante o seu desenvolvimento, a ciência da correspondência é plena e perfeitamente elucidada.

Fica incontestavelmente estabelecido que há uma ordem e uniformidade manifestadas, não só no mundo da matéria, como na mentalidade ou mente do homem; que, desde o primeiro corpo evoluído pelas leis orgânicas que governam o reino animal, no qual o espírito foi impregnado, até ao último, há uma ordem ascendente distintamente evidente em cada um.

Há uma indicação constante de transformação. A mente é um símbolo ou emblema de todas as formações materiais e inteligências; e, criada pelo mesmo poder imutável, tem de estar ligada a todos os universos subordinados da natureza, aos mundos superiores da imensidão e à Unidade Eterna. Tudo na criação dá à mente a verdadeira conceção dos seus usos, para o cumprimento de últimos mais perfeitos.

Assim, como os mundos, pela evolução de partículas, se tornam mundos maiores na infinitude, assim a mente, pelas leis orgânicas de condensação, ultima o seu ser em conceções e compreensões maiores da sua origem.
O espiritualismo foi, pois, desenhado por Deus apenas para modificar as ideias falsas da Sua criação, especulativamente absorvidas pela mente a partir de antigas investigações filosóficas — tão sujeitas a desorientação como as dos homens de ciência desta era de factos e realidades. A superstição da extrema antiguidade foi, pela progressão, modificada; e o filósofo de hoje, com audácia sem paralelo, ousa proferir à humanidade os cálculos das suas longas lutas pela verdade, provando, pela autoridade da natureza, que todas as coisas foram assim altamente desdobradas por uma progressão contínua.

O vosso mundo é um teatro de ação, um mundo de dor e prazer, de fanatismo e ignorância. É o berço de belezas e glórias exteriores que vêm à existência e se afundam em repouso diante do olhar do homem. Manifesta abertamente as leis imutáveis pelas quais todos os organismos são produzidos, e é um mundo onde a natureza lançou os seus esforços mais ternos para produzir harmonia por todas as suas avenidas e recantos diversificados. Que o homem siga distintamente as linhas e índices da criação até aos seus legítimos terminais, e descobrirá que o material ascende gradualmente a composições espirituais, por uma cadeia ininterrupta de desenvolvimento incessante.

Houve um lapso de tempo inconcebível na produção da conjugação de partículas de matéria de que o mundo exterior evoluiu, mas cuja consentaneidade foi tal que se condensaram prontamente pela ação de energias inerentes perpétuas; e, por esta condensação gradual e pelas leis orgânicas de construção, produziu-se a forma esferoidal oblata do vosso mundo exterior. E a mente, pelas leis de repulsão e atração dos átomos da matéria, foi assim ultimada na sua forma de ser, agora viajando no caminho em espiral da progressão rumo à eternidade.

Novamente: o espiritualismo foi desenhado por Deus para estabelecer o facto da Sua uniformidade e harmonia, que deveriam caracterizar toda a existência. E a mente deve observar o impulso da força que lhe foi dada, para que obedeça aos impulsos originais do seu refinamento, que é a progressão.
Pois, sendo o homem um embrião do seu Deus, através de modificações e assimilação sucessivas — bem como de todas as substâncias que geram formas e entidades —, ele é o ápice de toda a inteligência criacional; e essas entidades e substâncias são o ápice do mundo natural, do qual o homem pode

colher alguma ideia verdadeira da sua identidade na Terra e da sua individualidade continuada na eternidade.

Como pelas moradas subterrâneas da Terra rola um oceano inimaginável de lava derretida, assim há, sobre o mundo moral, um oceano de trevas ainda mais profundo e estupendo. Como o movimento oceânico do mundo avança, assim este fogo do mundo moral varre descontrolado a Terra; e o curso em espiral da progressão humana está ladeado de corações sangrentos e almas moralmente depravadas.

Então, o que fazer?
O cristianismo moderno e mesmo o antigo falhou em erradicar essas manchas escuras que quase passaram pelo disco dos céus mentais. O granito da velha teologia dissolve-se pelo oceano da verdade que o inunda; ondas transbordantes entraram nas terras e territórios belos do mundo, e as suas capacidades presentes desdobram agora belezas infinitamente adaptadas à mentalidade do homem.

A natureza realiza os seus trabalhos enérgicos e sublimes; e embora a natureza humana falhe em apreciar, ela lança silenciosamente os seus poderes para estabelecer uma verdadeira teoria de reforma moral e religiosa.
E essa teoria é reconhecida pelo nome de espiritualismo.

Quem arma argumentos contra o verdadeiro espiritualismo falha em conhecer-se a si mesmo. E se, pelos decretos dos homens, esta teoria cair ou for derrubada, então os princípios e leis de Deus serão aniquilados, e causa e efeito deixarão de ser os agentes que insuflam as grandiosas e sublimes manifestações que embelezam o seio de uma natureza terna e nobre.
Frases isoladas e destacadas não atingem a alma de nenhum facto; mas que o ataque seja na base de um facto, e então os homens poderão testar o seu poder e valor.

O mundo moral perdeu o seu verdadeiro equilíbrio; e sob a presente adoção de fés, é inadequado para o restaurar; e a imoralidade brota pelo mundo social, rugindo mais alto que o trovão mais forte e mais poderosa que o terramoto mais violento. Rompeu e treme até ao centro da pureza moral; e as mentes caem atordoadas pelo miasma que sobe desta natureza pervertida, cujos resultados são a imoralidade.

O espiritualismo uniria condignamente tudo em harmonia, beleza e grandeza, para que o homem pudesse ver algum bem em cada evento da sua vida, pelo qual aprenderia a sentir mais profundamente pelo seu irmão humano.
A depravação moral guerreou contra os impulsos da razão e circunscreveu o alcance do pensamento ao círculo limitado da crença sectária e hereditária. Cortou os laços afetivos que deveriam unir a humanidade como uma vasta unidade. As mentes, por esta influência mortificante, presumiram da divindade

de se protegerem com palavras, e guerrearam contra as lições e inculcações da natureza e do seu Autor.

O espiritualismo faria, como o primeiro luar da meia-noite, a sua luz nadar no oceano da mente, para que a alma, com olhares extasiados, erguesse o olhar ao céu e sentisse que seria uma alegria partir daqui; e, como a fronte de uma nuvem de verão, transparente com as emanações radiadas do sol, refletisse nele um céu.

Estaria no lar humilde ou no nobre salão — nos baluartes ou torres — em lares de miséria ou no altar nupcial, e traria a cada alma algo verdadeiro do céu. Anunciaria a verdade vindoura cuja beleza não se macula com o erro; mas, à medida que o erro se afasta pesadamente, a verdade ergue-se, resplandecendo de imortalidade, afastando o brilho solitário da dor, e ensina ao coração humano que, pulso a pulso, a vida é reassumida no céu, e palpito a palpito, o exterior apenas por um momento convulsionará, quando a maré transbordante da vida varrer adiante, longe e ampla, sobre as belezas recém-nascidas dos céus.

Com os melhores cumprimentos,
THOMAS JEFFERSON

Círculo Harmonial
Entregue por G. E.

Mais uma semana rolou para as vistas do passado, e os mesmos corações amigos voltaram a reunir-se para receber aquelas instruções divinas que caem, em infinita beleza, das mentes angélicas. Que Deus abençoe para sempre esses corações ternos, para que os botões da inocência e da beleza abram os seus departamentos interiores à receção das radiações luminosas refletidas da Terra dos Espíritos! Que amigos imortais se agrupem em torno das vossas esferas de existência humana, guiando cada pensamento e ação pelos caminhos da verdade! Que as vossas naturezas internas realizem a doçura e a beleza das esferas superiores, com a simpatia que nunca esquece de lançar a sua influência celestial sobre toda a alma desanimada.

A imortalidade já começa a brilhar através do véu escuro da mortalidade, onde o homem encontra a sua imagem revestida de todos os atributos da Divindade. O pensamento não pode ser controlado — a mente não pode ser acorrentada —, mas estende-se sempre em busca daquelas verdades simples e mais pesadas que flutuam no seio do oceano da imensidão. Dos recessos escurecidos da alma humana vêm melodias eternas que vibram pelo universo exterior, e os seus ecos perdem-se na eternidade.

A Natureza representa Deus. A Natureza representa o homem. Está impregnada de todo o poder específico e atributos da Divindade; e, das formações mais rudimentares ao mais alto desenvolvimento, as sabedorias do

Uno Supernal exibem-se em toda a sua uniformidade e perfeição. Cada desenvolvimento mutante, do homem rude ao refinado, mostra-se em toda a sua bondade interior, como uma ultimidade viva de tudo o que lhe está abaixo. **Então, avante!** Subi as encostas escarpadas da vossa existência até atingirdes o cume mais alto do conhecimento material; e o mundo seguinte do vosso ser espiritual resplandecerá com magnificência superior, e as vossas almas individualizadas olharão para cima, ainda agarrando algo além da sua mais nobre compreensão!

Sede bons; sede felizes — é o conselho do vosso amigo-anjo, **JOSEPHINE**
—— A inclinação e as tendências da mente são subir mais alto, ascender a formas maiores de desenvolvimento. A mente está conjugada à Natureza e aos princípios motivacionais que a elaboram em organizações espirituais e eternas distintas. O homem ainda não compreende uma parte componente de um único átomo que o ajuda a construir a sua natureza indestrutível; então por que desejaria entender todas as mudanças da imortalidade num só pensamento? Por que escrutinar a página da sabedoria clássica da Antiguidade, quando o Presente incha num universo ilimitado de verdade e inteligência divina? Por que meditar sobre os registros poeirentos onde se cronicam os factos e incertezas dos intelectos daquela geração?

Deixai o passado ser passado. Deixai o Futuro vir nos seus desdobramentos graduais, mas investigai o Presente. Se não compreendeis tudo o que enche a criação, analisai apenas uma parte; e nessa análise descobrireis um mundo de beleza e verdade quase incompreensível.

A Ciência, com toda a sua glória e poder supercelestial, move-se pelas habitações do homem, levando encantamento e sabedoria às suas conceções divinas. A Religião é um mundo de luz e pureza que rola em torno do universo eterno — todos os seus subordinados fundindo o finito com o infinito — e, como uma estrela poderosa, atrai a mente para os sistemas eternos do conhecimento sobre-humano, provando que nada se perde no processo vital de refinamento e progressão.

O finito identifica o infinito, e o infinito individualiza o finito; ciência e filosofia provam que as duas existências se fundem em perfeição plena das leis divinas. São índices da infinitude, e mostram ao homem aqueles capítulos e frases inscritos no grande volume da Natureza Universal. Provam a imortalidade do homem e elucidam, com raciocínio profundo, que há uma analogia estrita entre o pequeno inseto enterrado no seio do universo exterior e as mais altas qualificações da Divindade.

Regozijo-me por vos ver livres de todos os sentimentos erróneos esta noite. Saúdo-vos com alegria infinita, como sempre.

DAYTON

PALESTRA AFETUOSAMENTE DEDICADA A KATE, PELO SEU ANJO GUARDIÃO, NEOMA

Dos reinos infinitos da criação aos desdobramentos da existência finita revelam-se os poderes e princípios estupendos e mecânicos daquela fonte desconhecida e invisível. Como os mundos que existem quais diademas na fronte da noite rainha, quando, por mudanças orgânicas, o crepúsculo se dobra sobre a vasta extensão da Natureza, em cada departamento vemos um céu em miniatura da Divindade.

A flor corada aponta as pétalas para a morada da eternidade, como se ansiasse por aquele amor profundo e indefinível que liga todas as coisas em ordem e harmonia com as revelações mais divinas do céu. A folha treme quando o ar natural lhe toca levemente a superfície, como se representasse o seu papel na uniformidade das leis da Natureza, enquanto cada tecido e fibra da sua construção fala de um princípio deífico impregnado dentro dela.
A gota cristalina é, em todos os seus estágios de desenvolvimento, uma eternidade de si mesma, revelando a beneficência e as obras grandiosas ultimadas em formas específicas de ser pela mão do Arquiteto estupendo. É uma prisão através da qual se refletem as luzes e belezas do céu, exibindo, em cada novo desdobramento, a sabedoria dos céus.

O universo universal abre ao olhar eterno as virtudes e verdades da mente há muito ocultas, imersas nas fontes da sabedoria divina, mas escondidas sob as incrustações de entendimentos mal direcionados, longe da visão mais aguçada da alma. O granito e o recife de coral, em todas as suas transformações de beleza, falam distintamente do poder do princípio de movimento do grande Omniprevalente. Cada partícula atómica, no seu curso adiante e na sua esfera específica, revela a justiça dos céus superiores, onde tudo o que é vida eterna é belo por si mesmo.

O universo brilhante da existência finita, ainda rolando com força inata, invisível nas suas ascensões silenciosas, revela a harmonia respirante da imortalidade; e a música mental dos elementos da Natureza mistura-se com as melodias da morada espiritual, até que cada tom abençoado de harmonia suba em asas de eternidade, para exalar o amor dos anjos sob o céu. O eco profundo da imortalidade ouve-se no leito rochoso do velho oceano, no embate de cada onda na sua praia de areia; e o princípio todo-penetrante e de longo alcance do progresso entrelaça-se em miríades de formas de ser.

O rubor da terra, abraçando algo do céu, tingido de aspetos celestiais, radiado com as belezas do arco-da-velha da verdade que se curva sobre os seus céus arqueados, mostra por si mesmo a imortalidade. A Terra não é um vazio, um caos de solidão onde a natureza imortal da mente não conhece ascensão. O erro pode mergulhar fundo no oceano da verdade, mas, como onda que recua, será lançado de volta ao abismo insondável do passado.

O exterior pode perder o viço, e o estranho rubor febril na face, mas é como o outono quando planta a enxada na folha perecida — apenas índice do reaparecimento da alma nos reinos da eternidade. O espírito ilimitado não conhece limites. Tem de seguir a criação no seu curso e aprender a linguagem de outro mundo. A mente pode ser despida da mortalidade, mas a mudança apenas a torna ministra do Todo-Poderoso, cujo clima sem nuvens e céus de azul profundo trazem para sempre a doce impressão do amor e da sabedoria. Os monarcas-menestréis varrem as cordas trémulas da poderosa lira da Criação, enquanto cada tom vibra com os acordes do céu. O espírito que irrompe não treme à beira da eternidade, temendo saltar aquela esfera de mudança e agarrar-se ao elo finito do ser; mas a imortalidade é quase invisível e quase não descoberta, e a alma fica assustada com o seu próprio mecanismo misterioso, enquanto a selvagem e profunda melodia da alegria explode no coração pesado, cujos batimentos quentes, em silêncio insone, despertam no céu, onde as notas da alegria angélica pairam para sempre em torno da esfera intocada da infinitude.

O cipreste pode agitar a sua flor tenra, e a rosa desabrochar as folhas sobre a sepultura de algum coração amado, e a dor pode pisar levemente o torrão sem vida; contudo, o espírito desencarnado fixa-se na sua própria eternidade, move-se no seu próprio caminho celestial e rola de volta, na plenitude do pensamento, através do caos, até onde a vida finita teve o seu primeiro nascimento; e daí, por analogia, traça todos os nascimentos seguintes, até compreender a sua própria divindade.

A alma não é uma estrela melancólica cujos raios trémulos se refletem de algum mundo invisível; nem em raios noturnos de dor vigia os movimentos de outras almas; mas banhou-se no céu da beleza, até que cada sentimento se tornou terno e olha de cima dos céus como o bebé fita o rosto terno da mãe, resplandecente com a auréola que circunda toda a criação.

O erro pode habitar fundo nos corações humanos, envolto no seu próprio manto escuro; mas ainda assim voa aquele dardo elétrico, vívido de pensamento, que se entrelaça em torno da alma indefinida, pois em todas as suas formas de ser foi vestida de imortalidade, cujos traços brilhavam em beleza, enquanto, ofegante para fora, o pensamento banhava a sua forma sangrante nas águas brilhantes da verdade.

Redemoinhos de luta podem rodear-te com a atmosfera baixa do pensamento finito; mas isso terá de buscar a sua vista congenial no passado que parte, enquanto a verdade, intacta, circundará o Coração Central da vida animada. O humilde harmonista da terra tem afinidade com Deus, enquanto o génio audaz se ergue na ponte do tempo, contemplando as águas sublimes que rolam tão majestosas, proferindo em cada ondulação um acordo santo e simpatia gloriosa, que, respirando harmonia, traz do universo da sabedoria divina.

Há um encanto espiritual na Natureza que não pode morrer; e, quando o crepúsculo estival da juventude se dissolve em eternidade, não é a dor áspera que abre a fonte das lágrimas, mas a gota cristalina é uma gota de orvalho da alma caindo sobre o coração humano, como prova do seu amor existente além do mundo finito.

Os segmentos cintilantes da alma em círculo formam parte no todo maravilhoso, e a natureza, quer finita quer infinita, é apenas um coração palpitante no corpo estupendo da imensidão.

A grande obra em arco da Natureza, por movimento orgânico, apresenta-se à mente, marcada com a impressão da sua própria origem divina. Isso é observável em cada modificação de anatomia e forma na natureza, e demonstra também que os compostos mental e físico do homem ainda avançam nas suas tendências e resultados.

As formas e entidades existentes são meras produções da natureza, ou modificações dos elementos materiais que compõem o universo exterior. Todas as coisas têm definitivamente a sua atmosfera, o seu influxo e refluxo, a sua inspiração e exultação; e cada partícula no tecido inteiro da existência é governada pela mesma lei orgânica.

As revoluções e entrelaçamentos perpétuos, e a beleza e harmonia exibidas em cada parte e interstício da natureza, mostrando exatidão uniforme no caminho que percorrem, manifestam indícios de uma justiça universal e de um apego instintivo de Deus a todo o objeto de vida animada.

Por todo o vasto oceano da vida orgânica, todas as funções e forças desempenham os seus trabalhos específicos com a mais perfeita equidade, governando a natureza mental orgânica segundo a sua construção, sem impedimento intencional ou acidental, nem violação das leis fisiológicas da vida. A extensão numérica e os modos diversos de refinamento, que nenhum cálculo matemático alcançou, demonstram a harmonia do todo poderoso e falam decisiva e impressionantemente da sabedoria ilimitada de Deus, gerada a cada momento de vida, pelo canal da mente, do seio do mundo interior. Os ajustamentos inconcebíveis da natureza e a precisão matemática das suas leis provam que há movimento e ação constante e inalterável na matéria, que é a elaboração de todas as formas e construções existentes no mundo rudimentar.

A mente possui a essência e atributos da Divindade; e a sua voz interior é apenas o sussurro da Divindade na alma, cujas revoluções são um rebento da sabedoria interior, implantada na organização humana por leis instituídas na natureza. Matéria e espírito foram vistos como elementos e qualificações distintas de Deus; mas a ciência prova a sua ligação; e unir todas as operações e mutações das propriedades inerentes da natureza, através de todos os reinos intermédios do ser, à mente, à matéria e ao movimento eterno, tem de ser uma

unidade — uma qualidade distinta e independente da Unidade Eterna —, senão todas as coisas, nas mudanças próprias da existência, morrerão. Investigações metafísicas falharam em provar que a mente é um último dos partículas elementares e composições da matéria; pois toda a natureza é governada pelos mesmos impulsos e energias; e a mente não pode ter tido origem num acaso independente e indefinido.

Como o coração envia o seu sangue arterial por todas as partes e artérias indescritíveis da forma exterior, demonstra que a atividade criada tem de ser controlada por inteligência; e assim é com a criação. Como a atividade orgânica permeia cada interstício da natureza, demonstra plenamente um princípio inteligente, algures nos mundos da eternidade; e todos os que tentam refutar os factos legítimos deduzidos da economia da natureza não baseiam o seu raciocínio na verdade, e os seus pensamentos estão envoltos no mistério inextricável e impenetrável que é o resultado da ignorância.

Pela concentração e aplicação analógica, a mente pode, genérica e coletivamente, provar para si mesma os factos da mente e a sua relação com a matéria. A futura individualização dos poderes intelectuais da mente, além da identidade exterior da sua individualidade, pode ser fortemente realizada — não pelas induções legítimas de outras mentes, mas por si mesma —, se a mente se referir à natureza em busca de factos, e não à página clássica da antiguidade em busca de incertezas.

Em todos os casos, o primeiro é positivo, enquanto o seu último é negativo. Daí que a mente seja negativa para Deus e tenha o poder de aprender desse Deus, pelo sentido interior, através dos canais diversificados da natureza visível.
Há uma grande perversão das ações e elementos interiores que constituem a natureza espiritual; e chegou a era em que um sistema diferente de ética deve ser instituído no mundo moral.

A mente confiou demais nas inculcações educativas e não notou as belezas da sua própria individualidade. Negligenciou aquelas qualidades inerentes que são os sorrisos de um arcanjo dentro, cujas esperanças e sentimentos são referíveis a alguma causa além do seu alcance.

A reação e transmutação de cada emoção da alma indicam uma ordem e uniformidade além do controlo da mente. E essa causa é de algum princípio inteligente omnipotente, eterno e nobre; e cada mente deve investigar por si mesma, e a natureza acenderá nessa alma uma chama intelectual de reverência e adoração que arderá brilhantemente pela eternidade.
Embora as meditações sentidas pela alma sejam ilimitadas, não podem compreender a sabedoria alta e profunda que emana dos céus.
Assim como há leis físicas instituídas na natureza exterior, há também leis mentais instituídas na alma que, se desrespeitadas, produzirão um resultado correspondente.

A mente é um poder na natureza, por meio do qual podem ser desdobrados últimos mais sublimes, e a natureza ergue-se como mediadora entre a descrença e o facto absoluto. A mente tem capacidades de pensamento; e, como matéria e espírito são um, e como causa e efeito estão envolvidos num movimento universal e eterno, ondulando a sua própria imensidão, assim a alma, pela sua grandeza e poder internos, é um céu em miniatura da infinitude — um Deus embrião, movendo-se pelo oceano do movimento e da matéria, rumo aos desdobramentos últimos mais sublimes da grande causa positiva. A duração da eternidade produzirá belezas e perfeições ainda mais poderosas da organização mental do homem.

O erro é repelido do centro infinito da verdade e tem de ser lançado à extremidade do seu próprio círculo rudimentar, pois não pode harmonizar-se com a eternidade dos mundos que giram em uniformidade e arranjo em torno do sol central da criação. O erro é uma zona fria de desorientação, cercando a imensidão do espaço, mas não tem afinidade com a verdade imutável, e terá de recair no caos, pois não tem centro exceto no mundo material — nem movimentos circulares e em espiral —, e tem de ser aniquilado.

Mas a verdade, a grande progenitora de toda a formação, transcende as conceções mais extremas do pensamento, enquanto os seus dez mil órbitas ou centros rolam no oceano elétrico da imortalidade, evoluindo luz tão intensa que a alma humana busca refúgio das suas radiações brilhantes na sombra do materialismo. A sua magnitude indefinível é um índice do Grande Foco da eternidade, de onde emanam todos os raios divergentes e convergentes de sabedoria e amor.

Com uma espontaneidade eterna, a verdade exala mundos inumeráveis pela infinitude do espaço e desenvolve correspondências da sua própria natureza inerente, enquanto, coeva com o tempo, desenvolve as harmonias da mente e da matéria por todo o vasto mundo da natureza de pensamento individualizado. Afetuosamente,

NEOMA

PALESTRA DEDICADA A MARION, COM AFETO E TERNURA, PELA SUA AMIGA IMORTAL, WAHNENA MEDIUNIDADE DE MISS BROOKS

Da juventude à velhice colhemos flores, e elas desvanecem-se do nosso olhar. Arrancamo-las das margens do rio do afeto, analisamos as folhas e pétalas externas, julgando a alma por evidências exteriores. Colhemos flores da beira-mar, onde a onda de crista branca as refresca quando têm sede, enquanto contemplamos a sua beleza, esquecendo que são de Deus. Chamamos flores de sob a sombra da floresta, onde a cúpula azul do céu se arqueia sobre a extensão da natureza; e na primavera vemos flor após flor erguer a cabecinha do leito invernal, e esquecemos que, nessa simples mudança, há um mundo de pensamento e sabedoria suficiente para estabelecer a existência de uma causa positiva às indicações e finalidades negativas do império material do ser. Colhemos flores do jardim do coração; mas, ai!, também elas murcham quando o simum do erro humano varre terrivelmente o oásis luminoso da alma. Chamamos flores do campo orvalhado da simpatia; mas também elas secam e buscam a sua morada lá em cima; e tudo o que contemplamos e amamos parece primeiro perecer.

A beleza infantil lança suavemente a sua frescura matinal sobre o coração, enquanto, com movimento brando e pacífico, os seus batimentos anseiam misturar-se aos amados do céu. Assim as flores murcham. Decaem, mas no Éden do amor, onde vivem os anjos, existe cada flor espiritual em perfeição. A natureza exterior é como contemplar os jatos de Niágara, quando os ventos do Ontário os batizam nas belezas prismáticas fundidas do arco-íris — desaparecem para reascender em maior beleza. Se as flores da alma não voltarem a desabrochar, por que apontam as pétalas para os céus, com tão altas aspirações, parecendo saltar como jato prateado do templo do coração?

Por que o oceano da mente corre em torrentes de abril sobre a alma nascente, deixando mil ribeiros de verdade fluírem em harmonia para se misturarem às águas alegres da eternidade? Por que a alma é embalada no seio da natureza, enquanto os anjos se inclinam para beijar a lágrima da testa febril e, em melodia celeste, nos falam de Deus e de um destino mais alto que o da terra, se não houver algo além para satisfazer a alma que anseia?

Acentos baixos são levados pelo ar, cheios de pensamento profundo, enquanto uma estrela se ergue na distância dos céus mentais; e que são aquelas suaves melodias de alegria — que é aquela estrela fulgurante? É a estrela sublime e gloriosa da eternidade, cuja superfície é povoada pelas formas de beleza que há muito desvaneceram do olhar dos corações impuros; e aqueles tons perfeitos de amor são arrancados de almas angélicas que desejariam amar como nunca amaram antes.

Mil notas sem nome varrem a terra num único som grandioso e vivo, enquanto as tremendas vibrações da alma cortam a abóbada do céu, onde os mundos da criação giram na sublimidade da beleza, pelas rondas da eternidade, enquanto

a verdade, rolando em volume poderoso para o mar infantil da vida humana, embeleza e adorna a terra.

Os coros silvestres do canto eterno gorjeiam, sobre os estratos da mente, as suas melodias de coroação, enquanto, envoltos na inspiração poética, nos contam do néctar orvalhado que sorveram das fontes da vida eterna e dizem ao coração humano que há esperança além do monumento de mármore. Sim, atrás da névoa do Hades há revelações que iluminam o semblante da natureza exterior — há beleza nos céus superiores, e a maré da melodia incha e explode sobre o mundo da mente finita, enquanto, atónita, esta não nota o poder que, insondado, rola em glória pelas vistas da alma.

Liras celestiais são tangidas por mãos de anjos, enquanto a brisa inchada leva a música daí extraída à terra, e o coração humano escuta as alegres melodias como vozes ecoadas do afeto descendo do céu. E agora as flores que murcham erguem o olhar e oferecem o seu incenso mais doce aos céus, antes de subir para a morada eterna. E a alma já não se curva em medo; pois o véu que ocultava a imortalidade foi removido; e agora o coração humano olha para o céu, como se fosse uma alegria indizível partir daqui. Almas de cima abriram os seus pensamentos e expressões ao coração humano, enquanto a harmonia entoa louvores mais altos aos céus.

A alma humana é apenas uma flor. Externamente murcha, mas espiritualmente eleva-se mais alto e avança para as inculcações ensinadas por Deus, através das Suas formas definidas de criação. A mente é um todo unido, cujas faculdades e propriedades mais rudimentares são modificadas pelos poderes absorventes do refinamento. O homem é um microcosmo de todas as energias e criações unidas da natureza, e ergue-se no mundo material como representante indestrutível do seu Pai lá em cima. É uma perfeição da matéria em todas as suas formas e graus de sublimação, e a flor viva de onde todos os favores gravitam para e a partir de formas inferiores de vida.

E embora externamente murche, é apenas a exibição de ordem e harmonia nos movimentos da natureza, expressando a beleza e grandeza das grandes leis orgânicas da vida. A mente é uma construção perfeita de todas as formas atómicas do universo. O movimento flui para cada átomo de matéria primeva, por leis orgânicas, e gera novas qualidades e formas, até que, por atividade incessante, se tornam a alma viva do homem. O movimento, inerente à matéria, assume identidade no mundo material, enquanto a inteligência é a perfeição do movimento e da matéria. O movimento é o progenitor da alma; e desde a sua primeira incorporação numa forma humana, ascende constantemente a identidades mais altas de inteligência individualizada.

O corpo é apenas uma forma através da qual a alma, ou essência, se exibe em todas as suas formas ao mundo exterior; e enquanto o espírito se desdobra numa forma material, exerce o poder mais perfeito sobre o seu corpo externo, distribuindo perpetuamente, por lei divina, vida, sensação e movimento por

todos os seus recantos. E a alma é suscetível a movimento recíproco, buscando o seu correspondente de propriedades e essências em cada departamento minúsculo do universo. O espírito depende do corpo apenas para a sua identidade e existência material, enquanto a sua identidade contínua é determinada por lei eterna. Cada forma de ser é um recipiente para o influxo de partículas subordinadas de matéria, para a sua recombinação e efluxo em formas mais altas. E cada forma serve o propósito de receber, digerir e transferir átomos, para se tornarem constituintes de organizações mais altas identificadas.

Por giros incessantes, os graus da matéria orgânica prosseguem através e para formas mais altas de vida; e o homem é o último do universo material. Princípios e qualidades divinas existem na sua alma. Deus está espelhado no espírito humano; e a identidade do homem é determinada pela especificidade das suas próprias possessões interiores. E a posição da alma humana é determinada pelas suas qualidades específicas de mente e pela sua sublimação. Da alma brotam espontaneamente sons harmoniosos que, em todas as belezas indescritíveis que forram as câmaras abobadadas dos céus expandidos, rolam para longe nas regiões da terra dos espíritos, buscando aí o seu acorde com os anjos.

A alma veste-se com os trajes aéreos da contemplação e meditação, enquanto pairam em torno de cada um anjos atrativos que constantemente impartem a cada faculdade os pensamentos e expressões traçados no amplo seio do universo. A mente está perpetuamente ocupada nas evoluções do pensamento, cuja brilhância se estende pelas profundezas do espaço e avança pelos grandiosos e estupendos desenvolvimentos de Deus. A mente é apenas uma flor, cuja fragrância se espalha e permeia o universo expandido, enquanto as suas folhas são tingidas com as belezas do céu, e as suas pétalas são nutridas pelo sopro do céu; e ao mergulhar no repouso eterno, exibe um sorriso no semblante, que por si só é índice do brilho e da beleza resplandecente que permeia a terra dos espíritos.

O céu é imaculado pela artificialidade e imaculado por intrusões rudimentares; e as almas estão unidas inseparavelmente por afetos ascendentes e descendentes. A morada espiritual é de beleza e sublimidade incomparáveis; pois aí existem emanações contínuas de amor e sabedoria, exibindo um brilho de iluminação tão belo que todas as sociedades inferiores anseiam subir às suas esferas. Tudo no céu funde-se com afeto inerente; e como as águas rolam suavemente contra a margem, assim o afeto flui e desdobra-se, até se fundir no oceano da sabedoria, quando se torna um germe vivo, depositado no interior do universo celestial.

Os céus azuis refletem vividamente os belos pensamentos que proclamam a divindade da vida e do amor que fluem para dentro e animam a morada espiritual. Os sopros de pensamentos de uma alma para outra descem continuamente da Mente Divina; e a alma não desenvolvida é recebida no seio

dos anjos, como o bebê é embalado e acalmado pelos batimentos do coração de uma mãe. E esse afeto alegra todo espírito no céu. Toda a natureza está marcada com a progressão em espiral dos céus; e enquanto a alma inquieta da terra voa para as esferas superiores, esforçando-se por familiarizar-se com a criação e empregando toda a sua habilidade matemática em mapear o universo, o pensamento expande-se à máxima tensão, enquanto a alma retorna ao seu invólucro físico insatisfeita.

Suaves como a pomba não sofisticada, os anjos enviam uma saudação aos corações sob o céu; e com sorrisos convidativos convidam-nos a banhar-se na fonte da verdade nunca acabada, que ilumina continuamente o arco que leva à vida imortal. E da terra ao céu há uma cadeia unida de existências, que são os resultados e ultimações infinitas de causas interiores. A verdade é uma vasta montanha, e permanece imóvel perante as especulações ociosas do homem. A teologia antiga brandiu o seu cetro e esmagou milhares contra a terra, até que, por fim, a mente humana ousou olhar para o seu Deus e perguntar se viveria de novo.

E a mente ousou associar ciência à religião; e pelos processos analíticos do raciocínio, descobriu uma inclinação constante de todas as existências umas para as outras, e que toda a criação sustenta uma ação harmoniosa e unida, criando novas formas de vida e repelindo as substâncias estranhas, segundo as leis da matéria e do espírito. Descobriu também afinidades mútuas nas tendências específicas de todas as formações, para as suas ultimações definitivas. Novos desenvolvimentos brotam do grande vórtice do ser, e cada um está em imediata justaposição com cada parte e partícula da natureza; enquanto a natureza é um arco que tem de ser sustentado pela associação e acumulação de elementos, partes, átomos e propriedades, ascendendo em formas esféricas através dos miríades de processos de sublimação.
A criação é uma estrutura que não contém partes inúteis; mas cada parte é necessária à perfeição do todo poderoso.

E quem pode olhar para a pedra e dizer que é inútil nos departamentos do universo, enquanto contém estratos iguais à sua força primitiva, através de cada ultimação? Quem pode olhar para os mundos que adornam os céus com brilho não diminuído e dizer que são vazios na criação? A ignorância é a base de todo erro; e a mente que não vê uniformidade no estupendo mecanismo da natureza está sepultada na desorientação e não contempla beleza nos resultados combinados da Divindade. Todas as teorias de naturezas discrepantes surgiram da ignorância e falham em demonstrar ao entendimento digno do homem aquelas leis que atuam todas as coisas com novas ascensões e com harmonia existente. Cada ciência paleontológica, na sua aplicação geral, confirma a harmonia interior e exterior da natureza e de Deus, dos pontos mínimos do universo aos círculos unidos da eternidade.

A mente recebe todo pensamento verdadeiro da natureza e, através do telescópio da visão externa, contempla identidades e individualidades nas

regiões da imortalidade. A mente traz a impressão do seu Deus e deve, portanto, associar-se apenas à natureza. A natureza não pode perder a sua beleza intrínseca, mas permanecerá até que tempo e verdade sejam engolidos num vórtice caótico — o que nunca poderá nem será, se as leis de Deus forem imutáveis. Através das veias e avenidas da criação, a verdade nunca acabada emana constantemente; e os seus princípios internos levam, sinteticamente, à conclusão irresistível de que há uma eternidade para cada alma sedenta, algures nos reinos da infinitude. O homem ergue-se como emblema do Grande Atributo da Imortalidade; e embora a sua mente seja lançada sobre o oceano expandido da vida, material e eterna, preserva essa vida por lei orgânica; e nunca pode recuar no seu progresso, mas tem de rolar com cada onda até ao fim do tempo. A harmonia envia o seu poder vibrante pelo universo e imprime em cada flor material da natureza e da mente a mensagem divina de sabedoria e bondade infinitas. Portanto, assim como colheis flores da juventude à velhice, assim haveis de colher da eternidade à eternidade; e lembrai-vos: embora murchem, reaparecem, e que a vossa própria alma é apenas uma folha da bela flor da humanidade, que mais cedo ou mais tarde terá de cair do seu tronco materno, por lei orgânica.

A vossa Amiga Anjo, WAHNENA

PALESTRA SOBRE O EFEITO DAS CIRCUNSTÂNCIAS MATERIAIS NA MENTE E A NECESSIDADE DE PROTEGER A ALMA DAS SUAS INFLUÊNCIAS NOCIVAS

Quando olhamos através do mundo material, tudo parece ser uma entidade viva; algo inexplicável parece sussurrar daquela grande fonte de onde todas as coisas tiveram existência. A atividade e a energia que movem o universo inteiro parecem impregnadas na mais pequena partícula dentro dos limites da existência; e da juventude à velhice, todo objeto visto, seja pela visão externa ou interna, deixa a sua marca na mente. Cada palavra proferida, seja em bondade ou em cólera, imprime no espírito vivo o seu semelhante; e, consequentemente, há manchas claras e escuras na alma humana.

À medida que a visão se estende pelo universo do seu Deus, aí recebe as verdadeiras conceções da sabedoria dos céus e das esperanças que disparam em dardos elétricos do céu mais alto. Raios elementais de luz cortam o céu da alma, deixando traços de beleza divina na sua extensão ilimitada; e enquanto as orquestras solares avançam, parecendo cordas na lira da criação — umas exalando cadência líquida, outras a doçura de uma lira celeste tangida pelo vento, outras ainda sons discordantes —, assim são os orbes dos corações humanos no mundo mental, variando em beleza e refinamento. Alguns, como génios, penetram os céus; outros buscam o universo mineral; outros esforçam-se por penetrar o futuro; outros limitam-se às coisas da terra; e assim nenhum dois mundos individuais são iguais. Embora os átomos se acumulem por leis

de afinidade, os mundos evoluídos podem variar grandemente em estado de desenvolvimento refinado.

Os atributos da alma são atraídos pelo mesmo princípio infinito; e as identidades e individualidades do ser variam nas suas naturezas espiritual e física. Mas a mesma fonte originou estas identidades que povoam o universo. O mesmo poder que inscreveu na fronte da criação vulcões também marcou na mente a impressão da sua divindade e da sua vida contínua, além da estreita janela da sua existência finita. Deus criou o homem e insuflou no seu espírito o sopro do seu amor eterno, tornando-o assim um constituinte da Grande Constituição da Mente, ou Espírito. Este poder divino permite ao homem penetrar nas belezas mais profundas que a natureza desdobra ao entendimento humano. Enche a alma com as suas dez mil emoções quando circunstâncias incidentes à vida humana varrem em vibrações suaves o coração; ou rolam em elementos terríveis em torno do seu centro, despedaçando o templo do coração que outrora aspirava às inspirações mais santas, descendo em volumes poderosos da biblioteca interior da natureza universal, para sorver o néctar da fonte da criação e apanhar a gota de amor que escorre pelos caminhos em espiral do céu.

Todo pensamento é uma circunstância da mente, e pensamentos misturados em expressões verbais por vezes convulsionam e enviam o seu efeito terrível sobre a mente; contudo, essas misturas não congeladas de pensamentos podem ser detidas se o mestre da alma for chamado do coração em luta pelo poder simples, mas infinito, da bondade. Como o carvalho majestoso ergue a sua forma orgulhosa acima dos companheiros da floresta, também ele pode ser reduzido a átomos pela tempestade implacável ou pelos raios elétricos do relâmpago. Num instante, aquela forma orgulhosa pode ser despojada da sua graça e beleza naturais pelos efeitos de causas divinas. A florzinha que fala de Deus, nos seus débeis esforços para erguer-se em glória ao lado do orgulho da floresta, pode igualmente perecer pelos efeitos da lei natural ou física.
E assim como o coração humano que pulsa com as alegrias e prazeres de hoje pode estar sem pulso amanhã; ou o coração de prazer de hoje pode estar cheio de dor amanhã, e diz-se que procede de circunstâncias; mas a MUDANÇA é a grande circunstância da vida.

Como os mundos na natureza por vezes parecem recuar sobre a própria existência, nem progredindo nem retrocedendo, mas aparentemente suspensos, assim a mente, por este movimento constante de mudança, por vezes parece afundar-se em si mesma e lutar, suspirando nos seus próprios sofrimentos realizados no coração; contudo, esse coração acaba por erguer-se da sua posição parada e bater mais rapidamente, murmurando em cada pequeno palpito: «Sim, com toda a influência mortificante da dor, a minha alma emerge das suas nuvens escuras, brilhando mais intensamente na sua sabedoria adquirida», e toda mudança é reconhecida por circunstâncias. Interrupções externas ou físicas na harmonia da humanidade são apenas efeitos de uma causa infinita — a MUDANÇA.

Naturezas físicas, variando em refinamento de todos os elementos instituídos no ser, entram em contacto e produzem convulsões. Daí segue-se a discórdia; e isto é apenas o resultado da falta de compreensão mútua. Como elementos de luz e calor entram em contacto e produzem o seu efeito, assim é com a mente quando princípios antagónicos se encontram.

Há um anjo da alma — um guardião das afeições mais profundas do coração — que se ergue na fronteira do ser humano, agitando o seu manto branco nos orvalhos etéreos dos céus, tocando suavemente as cordas trémulas de cada coração, enquanto sussurra uma melodia suave e tranquila, cantada pelos anjos dos céus. Não vem criar discórdia, mas expressar, em demonstrações externas, a harmonia natural a mentes dessemelhantes — um elemento que se estende por todo o mundo. É o **anjo da bondade**, vestido na forma viva da harmonia.

O homem é o infinito retratado no ser finito. É uma forma viva — humana, dependente e adornada com os atributos de Deus. É um espelho onde se refletem as belezas do céu. E a mente, em todas as suas formas de ser, é governada pela lei da MUDANÇA.

Todas as alegrias e dores da vida humana são apenas os efeitos do material e rudimentar em contacto com o celestial e espiritual. O homem é uma forma de pó. Tem o físico e o espiritual, através dos quais fluem as verdades da sua existência. O físico identifica e individualiza o homem espiritual; enquanto a mente dá expressão, através da forma finita, às divindades dentro da alma. Faculdades refinadas e não refinadas da mente entram em contacto; e daí procede a discórdia. Por todos os departamentos diversificados do ser exibem-se uma uniformidade e harmonia que fundem as duas naturezas indefinidamente; enquanto leis harmónicas se desenrolam sobre o universo expandido da existência animada, respirando na sua própria alma amorosa a unidade da verdade e a harmonia de Deus e do céu.

A mente material deve, por lei divina, conceber e executar planos para a promoção do seu próprio eu individual; enquanto outras mentes constroem outros planos materiais de vida; e diferem em beleza e pureza, enquanto uma mente inveja a outra; e assim as flores orvalhadas da alma, plantadas aí pela mão de Deus, são esmagadas. Murcham externamente, enquanto o coração humano se afasta ao ver a sua aparência doentia, sem deixar cair os orvalhos refrescantes da simpatia sobre as suas pétalas quase fechadas.
Quão essencial é, pois, que, aconteça o que acontecer a outrem, física ou mentalmente, o homem não abandone tal coração, mas permaneça firme e inabalável, embora as sombras varridas pelo vento da dor se movam em luta terrível em torno da sua esfera de ser.

A flor envia os seus botões para manifestar a beneficência do seu criador; e quando tem sede, descem gotas de chuva; e o vento varre essas gotas quando está demasiado carregada pela água das nuvens. A harmonia irrompe de cada

botão e folha e representa a verdadeira forma da vida natural; mas quando chegamos ao último da vida e inteligência finitas, mais discórdia parece ferir as cordas vivas do ser, arrancando sons ásperos que mãos de anjos desejariam afinar às harmonias vivas dos céus.

À medida que a inteligência parece mais perfeita, a luta e a inveja parecem ser maiores, e o homem avança cegamente para agarrar as nuvens que flutuam nos reinos aéreos da imaginação. E quando a sua mão aperta o bem procurado, este dissolve-se no seu punho; e ele afunda-se em si mesmo, dizendo: «A vida é apenas um sonho febril.»

De vez em quando, nuvens douradas flutuam alegremente nos céus, e o coração do homem é leve e livre. Olha de novo, e aquelas belezas desapareceram, e todo o céu parece envolto num pálio escurecido — tudo parece caótico, e a vida um vazio sombrio. Mas ainda algo luta profundamente na mente, e o homem, na sua vida, descobre que apenas esteve a sonhar.
A alma não confinada arranca então a veste rudimentar e pinta as entidades vivas da mente na tela expandida da natureza; e enquanto a terra rola na sua beleza estupenda, cada estrela, flor e folha é uma realidade para o sonhador desperto. Já não agarra o rudimentar, mas pede a imortalidade, e então o céu exibe a sua infinitude em cada pensamento da alma; e a verdade, emblema da eternidade, circunda o coração com esperança radiante; e o homem começa a viver a sua verdadeira vida natural. Não se satisfaz com o passado, mas pede as demonstrações do Presente.

Então a Natureza desenrola-se sobre os céus celestiais, de onde fluem os riachos perenes de amor e pureza, da grande Fonte original.
A inspiração acende a sua eloquência ardente no altar solar da Verdade; enquanto Deus compõe a página imortal da natureza com tipos, santuários e volumes, da morada povoada de anjos. Ele é o criador, pois trabalha com mão de mestre.

Por que há de o homem amar beber os sedimentos da discórdia, em vez de sorver o doce néctar trazido por mãos de anjos, dos climas de alegria e harmonia? Por que há de o homem retirar-se atrás da nuvem da dor, como se lutasse por não ver a beleza âmbar do céu, que se arqueia sobre as mais altas esperanças da alma? A Natureza irradia com os sorrisos de Deus! E quantas vezes se inclina para beijar a lágrima e sussurra, na sua voz gentil, no teu coração: «Ó! o homem é algo do céu — um Deus embrião luta aí para encontrar o seu caminho do estreito cimento da existência exterior, para buscar aquelas melodias imortais que descem, em fragrância orvalhada, dos climas da Imortalidade.»

Um arcanjo vagueia selvaticamente na forma humana, como se procurasse a verdade mais profunda que povoa as margens da eternidade. Cada traço do rosto exprime a obra de algum Poder infinito que a visão humana nunca descobriu, exceto ao exibir-se nas mudanças da criação.

A vida humana não é eterna. Tem de regressar à sua fonte finita, enquanto a alma sobe ao céu.

Então por que privar o eu material, combinado com a alma, daquele verdadeiro gozo que procura encontrar e realizar, agarrando-se ao que é evanescente como as nuvens do éter que cavalgam na rajada varredora!
Deus impregnou formas físicas com o seu espírito; não para que o material rolasse na miséria, mas para que o coração humano plantasse o seu próprio Éden, pelas leis orgânicas da harmonia e unidade. Não deseja agravar o homem; antes derramaria sobre ele a beneficência do seu amor, que deveria ser infundida na mente humana.

Toda a miséria é apenas o efeito de uma alma mal direcionada. É a Divindade no homem, lutando por encontrar o seu semelhante; não nas expressões externas da vida, mas naquela meditação profunda e santa baseada no padrão da Natureza. O coração humano pode poupar-se a muito sofrimento; mas recusa acumular a riqueza dos céus e continua a agarrar-se aos sustentos físicos para a vida vindoura. Se um gozo se apresentar, não o rejeites levianamente, embora possa ser caro; pois quem pode dizer se o desejo por esse gozo, que pode ter sido posto de lado, não quebra os fios da vida humana, e o coração jaz morto e frio, pelo golpe da própria mão.
Se uma alegria dançar alegremente na corrente da existência externa, agarra-a e aperta-a ao coração, e não a rejeites como se fosse uma bolha lançada por Deus no oceano da tua existência para agravar o homem que Ele criou, infinita e fisicamente.

As faculdades da mente devem expandir-se e ampliar-se pelos princípios infundidos no curso adiante da progressão, e desabrochar em harmonia e verdade; e enquanto a natureza radiante paira sobre a terra, reflete em formas-imagem do Criador os seus trabalhos e belezas.
Enquanto traçamos da mente e da matéria até às suas ultimações definitivas, sempre contemplamos ordem e uniformidade universais em cada processo de ultimação.

A mente é governada por influxo e refluxo; por inspiração e exalação de pensamento, concentrado na alma pelos elementos de atração infinita.
Como o sol, na sua posição definida e específica nos céus solares, lança partículas da sua própria natureza iluminada, e esses átomos se congregam nas regiões da imensidão, atraindo outros átomos dos impérios circundantes do ser, e que eventualmente, por processo orgânico, desdobram um novo mundo; assim Deus, o Sol Central da Infinitude, na sua beleza e perfeição orgânicas, lança átomos de inteligência que se congregam nos reinos do universo mental, atraindo de cada mundo de vida física e de cada região da terra elísia as suas atrações semelhantes de partículas de inteligência, e desdobrando desses átomos divinos uma alma humana.

Enquanto os céus siderais rolam em majestade e glória, nenhuma discórdia ociosa varre como vento poderoso as suas moradas de imortalidade. Nenhuma mão pode desafinar as cordas vibrantes da harpa solar, mas cada elemento da natureza toca as suas cordas, e a harmonia ecoa daí.

Mas a natureza dupla da mente não harmoniza assim; e o homem exclama irrefletidamente: «É o resultado das circunstâncias.» Sim, e assim é; pois não importa o nome usado para determinar um facto.

Mas o que é circunstância? Os efeitos legítimos das ações do homem — os resultados da mudança — o princípio omniprevalente da natureza dupla do homem: uma confinada, a outra não confinada — ambas buscando o seu modo de gozo; e se o eu exterior for mais refinado do que o eu interior está desenvolvido, então o egoísmo, nos seus movimentos mais selvagens, controla o homem; mas se o verdadeiro anjo da alma estiver vestido na sua própria beleza magnética, embora estude o seu sustento e prazer externamente, busca-os com harmonia e segundo as leis da mente.

Então, quando circunstâncias inevitáveis chegarem, cuja tendência pareça deprimir os sentimentos, **deixai Deus falar dentro de vós**, e o seu poder infinito ensinar-vos-á a suportar cada evento incidente à vossa existência animada externa. Não é muito o que a vida artificial pode dar; pois tal tem de perecer. Como a areia do deserto, é varrida pelos simuns que passam pela sua superfície. Venham as circunstâncias como vierem; não recueis, temendo enfrentá-las com verdadeira coragem varonil; pois por que descem os anjos e encontram as discórdias da terra, se não for missão deles aliviar o coração? Em toda circunstância há uma causa, um campo de investigação e estudo para o verdadeiro estudioso da natureza.

As demonstrações das circunstâncias materiais não carecem de interesse; testam a amizade e a confiança de uma alma para com outra e revelam o verdadeiro desenvolvimento de cada coração humano. Circunstâncias externas formam novos laços de afeto; viajam fundo no coração e testam a pureza da mente. Desdobram as capacidades mentais e exibem a extensão da natureza sensória no homem.

Não, não carecem de força nem significado; e se a alma humana pudesse ler a página imortal da natureza exterior e interior, veria verdade em cada expressão do homem exterior, que sempre revela as verdadeiras características e desenvolvimentos da mente. Então cavalgai bravamente sobre a maré da vida, e a luz do céu refletirá as suas mudanças na forma arco-íris da beleza, enquanto a eternidade traça o seu caminho pelas regiões aéreas do universo, e o espaço torna-se um espelho vivo da pureza Divina, onde o homem, se olhar, encontrará a sua própria imagem miniaturizada em perfeição divina e glória infinita.

M. F.

Um Feliz Ano Novo! – Lovisa à sua Amiga

Das veias da natureza brotam fontes de vida, enquanto o santuário superior da terra resplandece com a beleza de mais um ano. Dos elementos mais baixos do tempo aos poderes radiantes mais altos da mente, a matéria, ano após ano, desdobra milhões de seres, enquanto a mudança arranca da terra o seu passado. A sabedoria penetra os segredos da terra e demonstra ao homem a Mente Infinita que inspira a alma humana, provando que há uma esfera infinita a circundar o eu mental. A criação entoa, por inspiração interior, através da orquestra do ser, a harmonia e as verdades sublimes da Divindade, enquanto a flor mais frágil é uma essência vasta no ser e eleva o seu louvor não dito a Deus.

Mais um ano — a tela onde foi pintada tanta beleza infinita — já partiu para a sua morada sombria no passado. E a natureza, mundo-imagem do ser, ou paisagem trabalhada por poder divino, continua a revelar a perfeição ilimitada de Deus e os acentos murmurados que roubam dos reinos lá do alto. As estrelas, as flores e os minerais unem-se num grande coro orquestral para despedir o ano que se esvai e saudar o que chega, carregado do sopro do amor e das sabedorias do céu. E a ciência, como pura beleza, exalando no próprio ar os poderes profundos da mente não confinada, enche-se de uma essência viva que faz de cada átomo uma nota musical no grande épico da natureza, desdobrando, sobre a vida humana, harmonia em tudo. Cada mente veste-se de matizes e tons diferentes de beleza e refinamento; contudo, a Divindade alegra-se em habitar no peito mais humilde; e da sua morada luminosa, a hoste angélica canta uma alegria a cada coração palpitante no ano que vem; e, enquanto os instantes se afundam na onda do esquecimento, que as veias cansadas da humanidade fluam com vida nova, e a imagem de Deus seja realizada tanto pelo mais humilde da terra como pela alma desenvolvida pelos anjos.

Que o grande coração da humanidade pulse em beleza com os querubins da verdade, enquanto a maré incandescente da inspiração flui do seu espírito angélico. Da meia-noite do erro à aurora perene da verdade, a idade de ouro da ciência e da religião enviou os seus raios vibrantes ao ano que chega; e agora a fronte alva e pura da natureza está cravejada dos diamantes da imortalidade. Os terrores escuros e fantasmagóricos dos mortos já não ferem como raios o coração trémulo. O ribombar da intolerância já não rola pelo mundo; a sua cadeia de ferro foi arrancada de cada membro agrilhoado, e bálsamos imortais são espalhados por mãos de anjos sobre o deserto longo e seco da dor humana.

Do ponto de vista harmónico da ciência, o espírito poderoso de Deus vivifica as faculdades mentais, enquanto o velho cemitério se veste de luz, e os entes queridos há muito acalentados não se erguem em formas fantasmagóricas do sepulcro frio; a sua beleza em crescente prateado é vista da morada do céu, onde a dissonância do erro nunca reina, mas tudo é harmonia e paz. Eles

também estão revestidos de imortalidade, revelando, através da natureza harmónica, a verdadeira identidade da alma, além do mármore esculpido que se ergue à cabeceira de um amigo amado, no velho e familiar campo-santo. Os fios da vida são espirais de luz sobre as quais a alma flutua para contemplar as verdades elevadas da terra à vida divina. Os mundos que nadam no éter azul ou no oceano atmosférico revelam o belo além, enquanto o espaço que a mente julgava vazio de vida está repleto dos espíritos imortais da humanidade outrora nobre. Nos reinos universais, anjos velam, pela meia-noite solitária, os amados da terra, enquanto as hostes estelares, em glória insone, derramam a sua beleza suave sobre cada canto — alegre ou solitário — do mundo rudimentar. O erro cambaleou, solitário e lamentoso, através das eras passadas; e o grito rasgou o ar: «Viverei de novo?»

A eternidade trouxe mais um ano; e os céus celestiais brilham pelo céu não toldado da mente. Como pomba moribunda, o tempo dobrou as asas sobre outro ano, enquanto cada coração humano pulsa no seu caminho para casa e, estremecendo, encontra os seus perdidos ao seu lado, na margem luminosa da eternidade. A eternidade deu à luz mais um ano; e raios de luz imortal brincam nas suas praias, enquanto música suave se rouba do cortejo imortal, que se move alegre em torno da extensão limitada da terra. Mais um ano, e da fonte eterna do céu a terra beberá o belo, e banhará a sua forma cansada no oceano de sabedoria e ciência que se estende de Deus à humanidade. Mais um ano — e quantas palavras duras o erro registrará no coração exterior? Quantas cordas do coração serão tocadas em vão, e quantas ficarão sangrando com a seta do erro trespassando a sua natureza sensível? Quantas lágrimas correrão, e quantos suspiros escaparão dos lábios? Quantos rostos, hoje radiantes de esperança e saúde, amanhã arderão com o rubor febril da dor? Quantos serão chamados a casa pelo sopro da dor e do cansaço, de corações hostis que murcham as flores do ser exterior? Ou quantas formas, presas à dor, retomarão a beleza natural pelo poder brando e consolador da simpatia? Quantos corações, cheios de vício e crime, voltarão a pulsar com pureza pelo simples dom da bondade?

Oh! Que o anjo da bondade escreva na tábua do coração o próprio sopro do amor por todos; e que artistas angélicos pintem na alma a verdadeira identidade da mente na forma humana. O crime e a iniquidade não devem ser amados pelo homem; e se os vir no seu irmão, odeie a iniquidade nele, mas ame a imagem de Deus dentro da alma, e desvie os golpes do erro pela beleza brilhante da bondade interior do coração. Que harmonias elementais vibrem na alma, e tome de cada rosto angélico a expressão da imortalidade; pois na alma reside toda a beleza da vida, finita ou infinita. Nas profundezas do coração está o céu; e a mente só o encontra pela lei que deve governá-la. É a lei divina da bondade. Todo peito que conhece e sente as doces melodias da sabedoria sabe que há um Éden de eternidade em cada alma, e que a vida criativa adorna a mente com faculdades divinas. A nobre natureza exterior pode ser prostrada no seu pó primal; mas a imagem de Deus, mesmo então, não se perde; pois a eternidade é dada à mente pelo grande e infinito Deus.

Mais um ano ecoa dos lábios angélicos; e os seus instantes revelarão esferas celestiais ao homem, enquanto a face pálida da humanidade cora com a beleza da verdade. E com música pulsando em cada coração, a dual unidade do amor e da pureza falará da alma e banirá da terra o seu fardo de males. Tome a dor de cada coração sangrante pela mão do amor, e acaricie-a ternamente, como se viesse de alguma terra tropical e morresse se os ventos de clima mais frio lhe tocassem a vida interior.

Há poucos anos, os anjos, com suaves pancadas, abriram o caminho à vida celestial. E, rolando o tempo, outros canais de beleza eterna foram destrancados, até que, no dia de hoje, os homens já não apoiam desesperados a cabeça no torrão, mas buscam os anjos por mediação terrena, para encontrar os amigos que partiram antes. E o ano presente é introduzido, carregado de riquezas dos céus, e vibra com o calor do céu.

Nos reinos do céu, a natureza, na sua glória circular, sussurra caridade, paz e esperança a todos, e refina brilhantemente a terra, onde, na primeira manhã da era, tempo e verdade se casaram. Um influxo constante desce dos céus, enchendo o filho do homem de inspiração e eloquência, que lhe abre as verdadeiras revelações da imortalidade.

A ciência desdobra a verdadeira religião e esforça-se por fixar na mente do homem uma conceção verdadeira e abrangente da Divindade, para que realize as manifestações constitucionais da natureza interior de Deus, quando a natureza ultima as suas formas de ser em miríades de formas de inteligência, para que a mente receba as provas da sua eternidade e do seu presente convívio com os anjos.

Mais um ano, e a verdade deixará as suas pegadas no deserto do coração, no Éden da alma e no universo da sabedoria. No grande departamento da natureza, emanam sóis brilhantes de verdade; e da criação fluem miríades de riachos de sabedoria que, no ano vindouro, transbordarão sobre muitas almas humanas com a bondade e o amor dos céus.

E, minha amiga, o tempo esmaeceu os teus cabelos escuros — o tempo toldou a tua visão externa, e a idade inscreve no teu rosto cada sinceridade e bondade da tua alma. Os anjos não esquecem a sua venerável amiga ao introduzir mais um ano, que poderá dar-lhe as boas-vindas ao feliz ano novo da sua imortalidade. Almas gentis pairam sobre ti nos teus labores pela verdade; e, enquanto a beleza externa se esvai, a glória interior move-se pela alma com poder celestial, enquanto a imagem de Deus na mente reflete a sua divindade, já agora, na fronte da eternidade. Nenhum sentido de cansaço, nenhum sopro de tristeza alcançará a tua alma imortal. O afeto, como flores que desabrocham do universo de Deus, desabrochará o teu espírito, até que a urna da alegria transborde do orvalho puro da esperança. O ser exterior é apenas um reflexo ténue da sabedoria profunda e interior da tua alma; e, para onde quer que vás, a Imagem Eterna arde dentro do coração, enquanto a verdade te inspira, como

o sol inspira a terra. Elevada entre os céus, onde hostes angélicas entoam os seus hinos à Divindade, está cada exalação pura do teu coração; e, enquanto este pulsa, cumprindo as suas revoluções no mundo da verdade, a mudança — o anjo alegre da eternidade — dobrará as asas sobre a tua forma finita, tomará o espírito sob as suas plumas e voará para a Terra dos Espíritos.
Então, trabalha, minha amiga idosa;

pois a imortalidade te fará jovem de novo. A tua alma florescerá outra vez na sua beleza juvenil. A corda da criação é tocada por uma faísca viva, e a alma humana rejuvenesce no pensamento. Há alegria, alegria, alegria para ti no céu. A maré inchada de sabedoria e felicidade eterna fluirá em ondas tranquilas sobre a tua alma, levando-te cada vez mais perto da tua futura morada.
Que a esperança reflita os seus raios no oceano dourado do amor,
e, como um arco-da-velha, se erga sobre o céu da tua alma, tornando a tua natureza espiritual um santuário onde os anjos possam depor as flores que colhem dos Édens da eternidade. Que a inspiração se acenda na tua alma e arda, brilhante, coroada dos seus encantos imortais.

Como mais um ano chegou, desejamos-te alegria e paz enquanto sobes para um mundo mais luminoso; e nós, anjos da eternidade, entoaremos coros à Divindade, enquanto a tua forma exterior se esvai e a tua alma desdobra as asas espirituais para voar às esferas superiores.

Muito afetuosamente,
LOVISA

Círculo Harmonial

Entregue por G. H. S.

«Lamento muito, meus amigos, a vossa conversa desta noite. Se só visitássemos os refinados do vosso mundo mental e físico, temo que muitos corações pobres afundariam sob as ondas frias de uma humanidade sem generosidade, sem cuidado. Um homem pode errar, mas o arcanjo está dentro do grosseiro material, e mesmo que se afunde na iniquidade, a divindade de Deus continua lá.

Portanto, como homens dotados de entendimento digno, deveis esforçar-vos por conquistar o sorriso do arcanjo, esquecendo a imperfeição do ser exterior. O coração pode bater tão quente no peito do homem errante como no do mais verdadeiramente refinado. Através das formas finitas reflete-se o Céu da Divindade, e da lira elétrica da Criação emanam muitas notas discordantes, enquanto a beleza harmónica dos céus vibra em cada departamento minúsculo da alma humana.

Deus não diz, na Sua manifestação de bondade, “repeli a alma pervertida”; pois, pelas leis imutáveis da atração, todas as almas — finitas ou infinitas — estão unidas inseparavelmente.

Se a perfeição fosse o padrão da bondade, temo que esta noite os anjos regressassem às suas moradas no céu e dissessem: «A humanidade é imperfeita; esperaremos que seja ultimada em perfeição antes de ensinar à alma humana o amor de Deus e dos anjos!»
Pensai nisto, meus amigos.

Não deixeis que o preconceito vos desvie, mas julgai apenas pelos factos absolutos das ações e motivos de um homem. Eliminai o preconceito, baseai o vosso raciocínio e juízo apenas em factos, e talvez o mundo possua mais beleza espiritual do que agora vedes.

Às vezes o conselho angélico é como gota de orvalho na flor — treme ali por momentos, depois é varrida pela brisa passageira.»
Um dos presentes perguntou se teria feito injustiça ao objeto das suas observações, que provocaram o acima. Respondeu-se:
«A única injustiça que qualquer de vós fez foi que, ao ver a discórdia brotar da conversa, não a interrompeu. Só vos fizestes injustiça a vós mesmos, pois provavelmente o alvo da conversa nunca ouvirá os comentários desta noite. Aprendei com a experiência.

Dei-vos o que desejava; o tema é OS VOSSOS PRECONCEITOS!
Há muito covardia nestes últimos dias. Os homens têm medo de dar voz plena e livre à verdade que sentem subir dentro deles — subindo do poço profundo da intuição.

Leitor, fala o grande pensamento da tua alma,
mesmo que o inferno se abra para te devorar. A verdade libertar-te-á, se apenas a deixares falar.
Seria muito melhor condenar os criminosos a prisão sem fixar prazo, libertando-os ou retendo-os conforme o comportamento; dando-lhes sempre o excedente dos seus ganhos com juros justos, dependendo da boa conduta.
O mais delicado, o mais sensível de todos os prazeres, consiste em promover o prazer dos outros.

PALESTRA

Os Anjos de Deus, da Mente e da Natureza Cada ser, como barca que costeia o seu próprio reino-insular, tem um anjo-piloto que lhe dirige o rumo para casa. Deus é a bússola que guia o homem ao porto da Imortalidade; Verdade, a estrela-guia do destino da alma, brilha vivamente dos céus azuis da eternidade. Como a flor desdobra as suas dez mil folhas a partir do botão central, assim o coração humano, sensível aos ventos cortantes que nascem dos elementos mentais, desenvolve, do germe do ser infinito, as folhas perfumadas da Sabedoria e da Verdade.

Vi um serafim da terra do Amor descer à terra, vestido da beleza elétrica dos céus, envolto nas glórias aromais do Céu, trazendo sob as asas dobradas um volume cujas páginas, em sentido divino, continham as leis da mente e da felicidade finita. O anjo sorriu ao caminhar sobre as ondas do oceano atmosférico; pensava que o homem leria as folhas douradas da sabedoria, impressas em tipos eternos pela mão do Todo-Poderoso. Procurou os amados e os discordantes; a Esperança, em beleza dourada, morava naquele coração angélico. Ao abrir o livro, o homem começou a ler a página-título — ele mesmo; e, julgando por essa página todo o volume, censurou o anjo e afastou-se mentalmente, dizendo: «Se isto é do Céu, não peço o teu dom.»
O anjo afastou-se; gotas prateadas caíram da sua fronte celestial sobre o coração do homem, e na mão trazia um pergaminho onde se lia:
«Sou o Anjo da Verdade.»

A Natureza abriu o seu grande departamento de Ciência, e uma forma viva, vestida dos atributos supernos da terra elísia, avançou pelos campos do mundo natural; na cabeça trazia uma coroa de flores; de cada flor radiava um sol interior; faíscas brilhantes saltavam do seu ser e, em voo, caíam sobre a alma humana. O homem contemplou aquele anjo com espanto e admiração; recuou, exclamando dentro de si: «Isto revela a Eternidade! Vivo de novo!»

Uma alegria indizível brincava, em emoção tranquila, naquele rosto infinito; abriu a sua vida interior ao homem, que, com pensamentos indizíveis, disse: «E eu existi no universo finito, enquanto as areias caíam, uma a uma, da ampulheta do Tempo, e nunca vi Deus — o doador de toda a vida e beleza — espelhado nas estrelas que seguem o seu caminho sublime pelos céus etéreos, nas flores, na majestade dos elementos do mundo exterior! Nunca vi a Divindade no homem!»

Esses pensamentos submergiram a mente; a consciência infinita provou que o homem era apenas a introdução ao grande volume da verdade — mas entidade viva e eterna. O serafim ergueu a veste; no peito de neve estavam gravadas as palavras:
«Sou o Anjo da Sabedoria.»
Uma nuvem dourada flutuou nos céus externos, brilhando intensamente; abriu-se, e dentro estava um anjo com uma harpa nas mãos. A voz angélica começou a entoar a Lírica da Terra Dourada. Quando a Humanidade ouviu as suas suaves e tranquilas melodias e olhou para cima, a brisa gentil moveu a veste angélica com graça de fada; ao escutar, tocou suavemente as cordas, e um oceano de melodia rolou, em beleza indizível, daquela alma angélica. Começou a cantar o verdadeiro Épico da Criação; o coração humano parou, sem fôlego, de espanto, e disse:

«Pode este ser belo ser um arcanjo da eternidade, que amou como os mortais amam, passou adiante e espera a vinda imortal dos amigos ainda finitos? Ou são os meus palpitos apenas acelerados por um sonho falso?»

O anjo varreu novamente as cordas; o ar ecoou e reecoou as suas vibrações suaves, cujas notas musicais eram os elementos mutáveis da natureza; o coração humano é uma barra de oitava na escala em espiral da música celestial. O coração humano palpitou mais calmo; o anjo tocou outra vez as cordas trémulas, cuja cadência supernal alcançou a alma humana; com o pincel da Imortalidade, traçou as palavras:
«Sou o Anjo da Harmonia.»

Uma flor desabrochou belamente no Universo Floral dos céus. Abriu as pétalas, e outro anjo, com asas de luz, voou à terra; a irradiação atravessou a alma humana como o sol atravessa a flor; a sabedoria imortal misturou-se com as suas glórias radiantes. Moveu-se sobre as ondas do Afeto, guiando o marinheiro perdido que deriva pela zona fria da Falta de Bondade até às praias brilhantes da Infinitude. Andou por aí, ligando cordas cardíacas partidas; trouxe do céu as belezas ametistinas que existem na margem do mundo infinito.
Este anjo navegou com esperança; o coração humano devolveu gratidão pela consolação trazida pelos anjos do céu. Esta bela criatura dos céus afugentou as lágrimas; o Afeto fez diamantes das gotas de pérola. Refreou o suspiro nascente e, em asas de luz nova, voou de volta à terra dos espíritos, trazendo um ramo de flores colhidas no jardim do coração humano.
Voltou carregado da riqueza floral da sua morada primal; no rosto angélico brilhava um sorriso universal que dizia, em beleza não dita:
«Sou o Anjo do Amor.»

Enquanto o trovão rolava em voz profunda pelo mundo elemental, os relâmpagos dardejavam com força elétrica pelo seio interior da Natureza, e o oceano rolava na sua majestade divina, desempenhando o seu papel na uniformidade das leis estupendas da Natureza, um anjo caminhava sobre as suas ondas. A sua visão penetrava o céu solar, revelando, em cada movimento planetário, uma sabedoria indefinível para o homem. A sua voz ecoava com grandeza por cada avenida da Natureza; da matéria evoluiu mundos vivos. O seu poder vibrava a atmosfera com os elementos da existência finita; a sua doçura sentia-se na queda da chuva, no descenso do orvalho, em cada princípio vivo corporizado numa forma finita. Revelava a imagem de Deus na mente e nos seus subordinados. Abria os labirintos luminosos que levam à terra dos espíritos; enterrava o Erro nas vistas profundas do passado.
O relâmpago vivo, através deste ser sublime, expressava em plenitude divina o poder do grande Princípio Omniprevalente do Movimento, pré-existente em toda a matéria; provava os dez mil elementos elétricos que povoam o mundo visível.

Este anjo elevou-se aos céus siderais e descobriu, para a mente, mundos desconhecidos que nadavam no oceano da Imensidão. Entrou no santuário dos mortos e ergueu os vivos na sua força e beleza. Provou que o mármore frio era mera zombaria; a alma banha-se no sol de um Deus eterno. Então, em asas cor-de-rosa, o anjo entrou no coração humano; as estrelas, flores, aves e até

minerais uniram-se num grande hino, cujo Épico é a Verdade e cuja Lírica é o Amor; cada coro respondia: «Sou o Anjo da Ciência.»

E ainda a Divindade deu à luz outro anjo. A tendência da sua natureza e a espontaneidade dos seus impulsos caracterizam-no pelos pobres e sofredores, pelos abandonados, desconsolados e errantes. A sua missão gloriosa é em atos de benevolência. O selo da Divindade está na sua fronte; enquanto caminha pelas avenidas santas da Sabedoria, desdobra-se como flores celestiais no jardim da alma. Ensina a alma a sentir a sua própria individualidade e a sua relação e atrações com Deus. Não confere bondade a poucos, mas a muitos. Trabalha nos mais profundos esgotos do Pecado, nas câmaras escuras da Corrupção; entra no palácio mais suntuoso; não teme contaminação; consciente da sua própria pureza e santidade inatas, não teme mancha, mesmo em cenas de crime e miséria. De quando em quando, uma lágrima escorre pelo rosto angélico. Não é lágrima de Dor, mas de Simpatia, vinda dos céus da alma para aliviar uma alma deprimida. Quer pulse em magnificência fria, quer na cela mais escura da prisão e no coração mal direcionado, a sua influência aquece e ilumina igualmente cada esfera escura. Vigia do santuário da alma e discursa em ações, não em palavras.

Respira benevolência e reforma no meio da poluição e do crime; permanece sempre uma miniatura e verdadeira representação do céu; e a Humanidade responde em tons de alegria: «Sou o Anjo da Caridade.» Suavemente, sobre as ondas em espiral do Amor, outro anjo desce em glória dourada à terra.

A sua missão é entrar nas cenas mais baixas de miséria e trazer à luz da Verdade a imagem de Deus na mente. Procura o mendigo cujas vestes rotas dançam como bolhas no oceano ao capricho do inverno implacável; ou através das quais o vento agudo assobia terrivelmente, como se revelasse na página aberta da Mãe Natureza o destino do pobre. Este espírito infantil toma o infeliz pela mão e mostra-lhe o novo mundo onde não há morte, mas onde a alma florescerá no ano eterno do céu e brilhará sem nunca se cansar.

Revela um mundo todo fragrância e flor; onde, sob sombras imortais, a alma respirará harmonias angélicas e, olhando para cima, verá sempre atrações mais nobres. Este anjo existe na mente humana; aí tem forma angélica, revelando o natural, o humano e o divino. Não vem em aparato custoso, mas em forma humilde. Como o humilde Nazareno, não teme procurar os injustiçados e oprimidos; ergue a voz no canto da liberdade mental e moral. Cada manhã, nas mais brilhantes esperanças do coração, este anjo mora — delicado, doce, mas filho vivo de Deus; enquanto canta nas árvores frondosas e no coração finito, salta com o trovão de nuvem em nuvem; e, quando a luz se acende do sol da manhã e brinca em radiância viva em torno da alma humana, sussurra suavemente:
«Sou o Anjo da Simpatia.»

O Céu abriu-se e deu nascimento espiritual a um anjo belo que desceu à terra em cânticos de alegria, vestido de imortalidade, revelando a harmonia através de anos eternos e brilhantes; dobrou os braços brancos em torno da alma humana; na imensidão do seu próprio amor profundo, sussurrou palavras de esperança aos cansados da terra. Como estrelas que se expandem em beleza e poder, os seus afetos desenrolaram-se no regaço da vida humana; do cortejo imortal, música doce, em ondas líquidas, fluiu suavemente para a mente finita. Um esplendor suavizado parecia brilhar em auréolas em torno desta forma angélica; a sua noiva dos céus — o Amor — uniu-se a ela nos desdobramentos mais altos da mente humana. O homem contemplou os anjos gémeos com êxtase. Apertou cada palavra ao coração e buscou cada sopro vivo das almas angélicas, como se fossem pérolas colhidas de algum oceano finito.
Bela como a lua crescente que navega silenciosamente dos céus do poente, este anjo move-se em torno do continente esférico da terra, em tempo natural, em torno de um centro-céu; a sua vida essencial exala-se para Deus. Esforça-se por realizar um céu na terra; cada veia está entrelaçada com pensamentos de Deus.

Às vezes encontra acesso à alma humana; mas a discórdia estridente afugenta-o, e procura morada mais solar, onde o canto do pássaro, o murmúrio do regato, o farfalhar da folha e o desabrochar da flor proclamam a sua beleza celestial; e cada processo mutável de desenvolvimento está marcado em cada folha, gota e elemento; enquanto exclamam: «Sou o Anjo da Bondade.»

Outros anjos vieram à terra, enlaçaram os braços em torno do coração humano e acolheram a fronte do cuidado nos seus seios; sentiram e provaram que a imortalidade está plantada em toda a parte por Deus. Estes anjos, com energias de afeto, expandem os seus pensamentos no silêncio sublime da Omnipotência; a grande variedade de movimentos que a natureza desdobra ao entendimento humano torna a mente capaz de penetrar os seus recessos mais escuros e de vencer tudo — no mundo moral, mental e físico — que retardaria a progressão da alma. Vêm respirar o Céu eterno e, inspirados com caridade celestial que nenhuma linguagem exterior pode expressar, revelam o que o coração mais sente: a Imortalidade. São o reflexo das moradas divinas; são as almas harmónicas mais altas do Céu, que se movem pela esfera terrena como um coração imortal, vibrando de vida, amor e esperança.
Beijam os lábios pálidos da agonia e alisam as rugas na fronte sulcada do cuidado.

Entram silenciosamente nas células secretas do peito, desdobram os afetos adormecidos e provam à mente que a Humanidade está reunida ao Céu.
Os seus passos angélicos caem docemente na velha lareira familiar, onde os queridos de outrora, vestidos de beleza, vivem na Eternidade; e, enquanto o poder nascido do Amor emanava daquelas almas angélicas, a Humanidade olhou maravilhada e exclamou jubilosa:
«São os Anjos dos nossos amigos partidos.»

Tua, M. F.

Palestra n.º 20, por E. C. Dayton
HARMONIA

A verdadeira harmonia, elemento ilimitado e indefinido que combina e liga todos os elementos e princípios em uniformidade e dual unidade, individualizou-se das outras qualidades inerentes à natureza e desempenha os seus trabalhos imutáveis, em beleza silenciosa, por toda a criação visível e nas esferas da eternidade. Universalizou-se com qualificações superiores da alma e, pela autoanálise, só pode o homem compreender um único Deus verdadeiro: todas as operações mecânicas e multifárias na natureza estão imutavelmente relacionadas com a Divindade e com o homem.

Passou o tempo em que o homem supunha, pela investigação direta e imediata da Divindade, que, em vários períodos, catástrofes ocorriam como castigo especial dos crimes então cometidos. O furacão furioso e a tempestade temível são agora reconhecidos como fenómenos essenciais na natureza. Todos os efeitos naturais existem e ocorrem para algum uso definido no estupendo universo do ser.

A mente, individualmente, desde a mais tenra infância, institui um sistema de pensamento tão discriminador que distingue os desdobramentos materiais dos espirituais com consistência filosófica e ordem sistemática.
O grande erro da maioria das mentes, hoje, é que foi traçada uma linha de demarcação entre as afirmações da verdadeira teologia e as demonstrações da ciência. Não lhes foi permitida harmonia. Consequentemente, foram conhecidas como duas qualificações distintas da mente e da natureza.
Mas a experiência, adquirida através das sensibilidades externas da natureza física, demonstra a expansão da alma e a sua progressão da infância aos anos mais maduros. Temas religiosos foram introduzidos quando a ciência os provou verdadeiros, enquanto a teologia os provou inconsistentes e falsos.

Essas manifestações rudimentares de princípios imutáveis, que expressam os processos constitucionais do Deus Infinito, permaneceram misteriosas; investigá-las teria sido sacrilégio à infinitude e beleza de Deus.
O grande sensorium tem de conter essencialmente coisas materiais e espirituais, sobre as quais se baseiam os factos constitucionais e as verdades poderosas do eu interior e exterior do homem; e quem ama o seu Deus mergulha sem medo no oceano da infinitude e da natureza externa e, nas suas investigações, encontra factos poderosos relativos à sua própria individualidade.

O que é verdadeiro nas estratificações gigantes e rudimentares da terra é igualmente verdadeiro noutros planetas e esferas do ser. E, pelas mesmas leis identificadas, o que é verdadeiro numa mente é igualmente verdadeiro noutra. Daí a Divindade não mostrar parcialidade.

Não diz, no Seu volume da natureza, a um que possa ser melhor do que outro: «Tu herdarás o reino do céu, enquanto o teu irmão será lançado na perdição eterna.» Toda a mente ou Espírito é de Deus. Todas as mentes originaram e originam-se da Divindade; e poderia Ele, na Sua beneficência, condenar uma parte do Seu próprio ser ao tormento eterno e salvar outra parte da Sua própria constituição infinita?

Isto é, de facto, profanação da bondade e beleza do Deus vivo, que concedeu a todas as almas a mesma igualdade de justiça e misericórdia. Não há lei na natureza animada que sancione tal pensamento por um momento.
E formou a Divindade um par de seres imaculados e rodeou-os de tentações irresistíveis, quando a sua harmonia e felicidade repousavam apenas na Sua beneficência e bondade; e, em vez de conceder alegria a esses seres, tentou-os colocando diante deles um poder em antagonismo consigo mesmo, e condenou toda a humanidade à miséria pela desobediência de duas criaturas humanas?

Se assim fosse, todo o crime e miséria na vida humana repousariam em Deus. Ele seria responsável por tudo; pois é o Criador de todas as coisas. Mas sabemos que é falso. É um erro fantasmagórico que se move pelo mundo com influência mortificante, enquanto os homens se assustam, temendo que a Divindade os lance num abismo de trevas eternas. São erros venerados do passado, vestidos de educação e potencializados pela antiguidade. Deus deu ao homem atributos definidos e infinitos, e um eu independente e individualizado, pelo qual pode controlar as suas inclinações interiores ou exteriores. Pode admirar a beleza da natureza ou adorar as pirâmides fantasmagóricas do erro. Pode viver na noite terrível da desorientação mental ou existir na bela manhã da verdade e harmonia.

E, se admira a natureza, verá as harmonias e verdades da natureza deslizando silenciosamente de flor em flor e de alma em alma, declarando a divindade de cada missão individual, obedecendo aos princípios da natureza e às leis da sua criação. Deus banhou a alma na luz da Sua natureza e santificou todas as coisas tornando-as parte de Si mesmo. É a grande Totalidade do ser e incapaz de Se mudar. Repudiamos a teologia dogmática imperativa ensinada pelos homens, porque ensina a alma a temer Deus —, ao passo que o amor nunca pode temer o objeto das suas afeições mais profundas e santas; e, se Deus é temido, não pode ser amado e adorado com confiança.

A majestosa Divindade que enche todos os reinos e firmamentos inumeráveis da natureza com vida e harmonia inexpressível também imergiu a alma na beleza da Sua natureza; e, para conhecer esta Divindade, o homem deve ser honesto consigo mesmo e comungar sozinho com os objetos do ser que o rodeiam. Não deve ser devoto idólatra de nenhum livro; nem observador sazonal; deve ser filho do seu Pai Eterno, aceitando a natureza — através da qual Deus manifesta a Sua sabedoria e pureza — como o padrão imutável de toda a razão.

As leis assim divinamente atuantes através da matéria nebulosa que existia no início de todos os mundos desenvolveram os mundos mapeados diante do olhar intelectual do homem, enquanto cada função do ser é perfeita e genuína em todas as suas reproduções. O homem é uma entidade composta das partículas, qualidades inerentes e substâncias contidas na Causação Primal da vida e do movimento. A sua natureza é, pois, inesgotável e refinada, gerando inteligências identificadas em correspondência com o seu desenvolvimento interior. A mente, ou alma, pode ser considerada um resultado negativo.

É, no entanto, inerentemente pura, pois só é negativa para a Grande Causa Positiva e é um efeito dessa causa. Daí a mente deve estar em harmonia com todas as suas essências e qualidades específicas; e, se é de Deus, tem de ser correspondentemente pura e divina. A ciência física, na anatomia do homem, demonstra que, no seu ser exterior, há substâncias intervertebrais entre cada parte específica da sua natureza, cujo objeto é dar elasticidade, leveza e beleza a toda a sua construção e adaptar uma porção à outra por leis físicas naturais. Isto é necessário na harmonia e unidade de ação; e, traçando analiticamente do sistema do homem, descobrimos mundos governados externamente pelas mesmas leis anatómicas. Há uma assimilação unida do inferior com as substâncias mais refinadas na natureza.

Daí toda a massa unida de espécies e seres vivos depender da troca de partículas para manter a vida natural verdadeira. E a reprodução do ser é determinada pelo influxo e refluxo da matéria animal. Há uma absorção e exalação universais constantes, bem como uma harmonia universal, no corpo do homem e da natureza, e na transmutação de partículas de uma economia animal para outra. E a ciência desdobra os mesmos caminhos que constituem o foco universal de todos os desenvolvimentos mundanos e infinitos.
A atmosfera possui estados correspondentes, cada um mantendo relação com a vida humana segundo a sua raridade específica.

Daí as criações geológicas, e mesmo todas as criações do ser, terem as mesmas leis imutáveis de assimilação e acumulação, e manterem relações com o mundo externo e espiritual segundo o seu refinamento específico.
Mas esta filosofia não harmoniza com os ensinamentos bíblicos; pois dizem que a terra foi completada em poucos dias e parece não ter progredido como as criações o fazem hoje. E aqui está uma discrepância — uma inconsistência — que fere profundamente a religião da alma, trazendo erros fantasmagóricos que já iludiram as entidades da mente nascidas para outra vida.

Originou contendas e lutas entre os homens. Desfigura o seio da natureza por discórdia e contestação, e refuta os poderes estabelecidos de Deus. E, se os homens virtualmente aprovam e sancionam isto, admitem uma teoria que falha em toda a influência para identificar as conceções imutáveis de Deus e do céu. E sobre esta teoria repousa a inarmonia e a discórdia da humanidade. E, em vez de uma humanidade desunida e desconectada, dependendo exclusivamente de circunstâncias externas para a harmonia individual, o

homem, se aceitasse a natureza, assumiria a forma verdadeira e exibiria aquelas qualidades elevadas que lhe pertencem essencial e inerentemente.

O que é a vida humana, senão um facto essencial e fenómeno nas obras de Deus, para individualizar e identificar a alma por organizações particulares e definidas? É evanescente e não duradoura. Quão essencial é, pois, que uma alma estude a felicidade de outra. E, se uma alma, pela sua própria má direção, errar, toda a outra alma com que entre em contacto por circunstâncias externas deve falar-lhe com bondade, e o arcanjo confinado dentro não poderá evitar responder a esses tons na sua própria doçura nativa.

A harmonia é vida interior renovada, despertando toda a vida para o êxtase. Nos seus pulsos, a vida terrena flui, e no coração trémulo desata cada artéria agrilhoada e deixa-a mover pensamento imortal pelo intelecto e pela mente. É um toque de sensação divina que a grande natureza do homem sente, declarando a divindade de si mesmo. Revela os segredos da vida; e, quando a alma está naufragada e sacudida pela tempestade no mar da dor, a harmonia fala da alma humana, e a natureza interior, como harpa varrida por mãos de anjos. E, em cenas invernais, quando a mãe pálida vagueia com o filho, desatendida, sozinha, a harmonia existe no seu coração quente; pois sabe, pela neve impelida, tão cortante e fria, que há um Deus que fez tudo isto para algum uso específico na existência; e o seu coração, como flor fresca, é refrescado por esses pensamentos.

Talvez uma criança vagueie por pão e, pela frieza dos corações, seja levada à infâmia, e a mãe ou o pai possam estar na eternidade; e pensas que não sentem a miséria do filho, do céu? Sim, Deus é bondoso, pois não estabeleceu lei pela qual os verdadeiros afetos sejam divididos. O fanático pode franzir o sobrolho e levar o cálice de fel aos lábios inocentes; mas mãos de anjos estarão lá para agarrar o trago amargo antes que esses lábios provem o seu conteúdo. O coração pode ser ferido pelo desprezo; mas alegra-te, pois o erro esvai-se, e a glória de um Deus eterno brilha com flor imortal do mundo superior. A sepultura não te pode reter, ó homem. Tens de erguer-te para um nascimento imortal, onde a inspiração, pura demais para a terra, se funde com a harmonia e te dá alegria para sempre.

Então esforça-te por unir os nervos cortados da fraternidade, e almas que descem do infinito além, em juventude imortal, dobrarão a harmonia dos céus. O Éden do coração na terra será harmonia, e o céu mais íntimo da alma não terá medo de procurar a humilde choupana ou a cúpula palaciana, quando aí estiver a dor; mas fluirá em beleza, revelando a sua própria harmonia interior.

Como sempre,
EDGAR C. DAYTON

Círculo Harmonial
Entregue por G. H. S.
De JOSEPHINE BONAPARTE

Da juventude à velhice, todos colhemos flores do mundo natural. Do nosso nascimento na forma física, colhemos flores-do-coração do mundo mental. Contemplamos a sua beleza externa, enquanto cada folha, uma a uma, cai do tronco materno, enquanto a vida e o movimento da parte interior voaram de volta à sua morada original — a imortalidade.

Também nos esforçamos, nos nossos caminhos em espiral para o céu, por evitar os espinhos que brotam no universo físico; mas, meus amigos, esforçamo-nos todos por evitar os espinhos que brotam do universo mental do nosso ser? Ai! Um anjo do coração retira-se atrás da nuvem da dor, enquanto responde: Não! As flores orvalhadas da alma murcham e desvanecem por falta de SIMPATIA.

E ao longo de toda a margem do ser humano jazem folhas de afeto, como folhas que o vento, na sua força, arrancou de alguma árvore ou flor nobre. No oceano expandido da inteligência humana flutuam ramos do amor mais puro do coração. Marinheiros perdidos apanham-nos, dizendo: «Há um mundo-coração de onde estes vêm.» Apertamo-los contra os peitos rudes, e dentro há uma luta que só uma alma bondosa pode apreciar. E no grande deserto da dor jazem cordas partidas da amizade. Algum passante apanha-as e esforça-se por ligar essas cordas partidas às cordas trémulas do próprio coração, enquanto a alma responde:

«Alguma mão rude arrancou isto da harpa elétrica do afeto, cujas cordas vibrantes falam, na sua própria doçura magnética, do amor que deveria caracterizar cada coração humano.» E da eternidade à eternidade colheremos flores. Podem murchar e procurar outra morada mais luminosa, onde o jorro do afeto brota sempre de cada alma angélica. Os vossos corações podem sofrer por essas flores acarinhadas, mas, como foram sopradas para a vida natural pelo Ser Supremo, assim são levadas de volta ao Seu próprio mundo infinito — a eternidade. Então, ao colherdes flores do mundo mental ou espiritual, evitai os espinhos da discórdia e da falta de bondade.

Deixai o coração não sofisticado vestir-se da sua própria beleza primal e falar, em cada palpito, o brilho vivo e eterno de um Pai amoroso.
Não deixeis que a veste dourada do sentimentalismo envolva as afeições e sabedorias mais profundas da alma, mas, cintilando na beleza dos céus, deixai-as ofuscar o rudimentar, e a grande orquestra dos corações humanos baterá alegremente, entoando as suas melodias interiores a Deus e aos anjos! Colhei cada flor do coração, mas fugi dos espinhos do mundo rudimentar.

Vossa, em verdade,
JOSEPHINE BONAPARTE

PALESTRA

Por todo o universo da Natureza, é fenómeno essencial que forças naturais, opostas em qualidades e tendências específicas, se encontrem por vezes e convulsem, resultando no cumprimento de leis superiores da Divindade. Sendo a mente uma dual unidade, elementos da mente, variando em refinamento, por vezes entram em contacto e, por um tempo, parecem produzir resultados inarmónicos; mas as leis da mente são imutáveis; e embora circunstâncias externas possam deixar impressões discordantes na natureza interior, as suas tendências são resultados harmónicos sobre a alma.
O Espiritualismo testa a confiança da humanidade. Traz naturezas para relações íntimas e revela as falhas dos homens. Enquanto alguns aceitam esses defeitos humanos como qualidades inatas da mente, baseando o carácter individual na natureza estrutural exterior, o seu objetivo é revelar a humanidade em cada traço da sua alegria e miséria; provando, por evidências identificadas, que a alma retém a sua individualidade para sempre.

E quando o Erro fantasmagórico cavalga o mar da vida, refletindo luzes falsas pelo verdadeiro brilho do Céu, os homens esquecem que ele desvanecerá no santuário da desilusão sombria, deixando-os às ondas de um oceano de crista tempestuosa. E quando a Verdade é mapeada diante da visão humana, os homens sentem investigar a habilidade infinita exibida em cada linha da sua beleza e em cada raio da sua glória. E embora Erro e Preconceito possam, como manto, lançar as suas dobras em torno do coração, serão desgastados pelo tempo e decairão antes que o homem desperte para o seu verdadeiro destino e missão na terra.

Então venha o que vier, mesmo o pior, nunca temais; pois o Céu reconhece todo o medo, e anjos agrupam-se em torno, como as estrelas adornam o céu distante. Deus, na Sua bondade ilimitada, não mostra parcialidade; a Sua justiça e misericórdia manifestam-se igualmente em beleza, proporcionada ao desenvolvimento e refinamento da alma. Tudo no universo cintila com a luz da Sua sabedoria; o mecanismo da natureza exibe uma majestade maravilhosa — além da compreensão da mente não confinada.

Não importa quais sejam as condições externas; se a vida se manifesta, Deus está lá; e embora as mentes variem em refinamento, todas ascendem a mesma escala do ser e existirão pelas mesmas leis na eternidade. Então deixai vir a Inveja e o Preconceito, pois refinam a alma; e qualquer que seja o sofrimento do coração, aprenderá a nunca manifestar as mesmas emoções falsas para com outros corações.

Produzem, em última análise, harmonia, e nada tendes a temer; pois o Espiritualismo não está morto, mas, na sua própria omnipotência silenciosa, move-se por cada artéria de cada coração humano, despertando o arcanjo dentro do seu sono de desorientação mental para a manhã luminosa da

verdade, introduzida na vida pelas melodias de um mundo melhor, cantadas em tons de alegria e beleza por almas imortais.

Espiritualmente,
M. F.

Para a Era do Progresso
Buffalo, 24 de Janeiro de 1856
Palestra por Stephen R. Smith

Há flores no mundo material que, embora tempestades temíveis as cerquem, continuam a desabrochar com força e beleza naturais, misturando as suas naturezas infinitas com o que é verdadeiro e belo. Há outras flores que murcham quando os raios quentes do sol refletem o seu brilho sobre a individualidade exterior. Essas por vezes desvanecem quando a gota de chuva cai; e por vezes quando a brisa passageira varre suavemente os seus peitos. Mas por que murchar interiormente quando o eu exterior não realiza as esperanças e aspirações que o coração pode acarinhar?

Deus fala em cada tecido e fibra da folha; e do elo mais baixo na cadeia do ser ao ponto mais alto de perfeição superlativa, há um brilho eterno a brilhar dentro e em torno de cada elo; revelando, em cada traço e forma do ser, que Deus existe aí de forma indelével. A cadeia pode, é verdade, ser manchada por inarmonias externas, e a discórdia pode morar no coração; mas deverá isso sufocar as expressões da alma, quando, na sua própria beleza e nobreza espirituais, se ergue para reconhecer a divindade do Grande Criador em tudo? Os homens tentaram longamente silenciar a voz eterna dos mortos — mas até do túmulo a alma fala. Lançou fora a sua cadeia de ferro do materialismo e ligou-se na cadeia brilhante e eterna da progressão além dos céus.
E que lei existe na natureza que possa dividir verdadeiros afetos?

Se Deus ama a humanidade, os anjos também hão de amar; e tão impossível seria ao homem arrancar as estrelas das suas moradas majestosas, destruir o oceano na sua calma ou fúria enlouquecida, ou ordenar às flores que não desabrochem, como silenciar as vozes que o sudário não consegue sufocar nas suas dobras; pois a Divindade, no Seu poder estupendo, pela bondade e perfeição, controla o universo da mente.

E embora naturezas não refinadas varram as cordas do coração humano com emoções rudes, ainda assim, fundo dentro e em torno da alma, rouba-se uma melodia que sobe ao céu para encontrar a sua resposta imortal.
E enquanto a terra rola adiante e acima, pelo futuro, as estrelas brilharão mais intensamente, as flores desabrocharão mais docemente, e o coração humano palpitará mais alegremente.

“Adiante, para sempre” são as palavras escritas na alma humana pelo Deus omnipresente. Essa voz dentro da alma não pode morrer; nem a natureza humana pode sepultá-la no frio sepulcro do erro; mas, no templo da verdade, a alma ajoelhará ao santuário da sabedoria e, em pensamentos não ditos,

devolverá as suas oblações a Deus. A infinitude da alma responde espontaneamente à voz interior da natureza e flui por progressões finitas até ao grande e eterno mundo da mente e da beleza natural, além das cenas mutáveis da vida humana. Um anjo do céu vos incita ao desdobramento de cada qualidade inata das vossas almas — vivo emblema de um Deus vivo que criou o homem, um eu identificado e individualizado, tornando-o um ser infinito e eterno.

STEPHEN R. SMITH

Palestra pelo Espírito de Harriet Newell

JESUS CHOROU

Chorou o amoroso Jesus quando jejuou no deserto? Chorou quando pregado na cruz e espinhos coroaram a Sua cabeça? Chorou porque foi crucificado entre dois ladrões? Ah, não! Jesus chorou porque um mundo iludido escarnecia das verdades do seu Criador; porque martirizavam os mestres e seguidores da verdade, moralidade e beleza. As lágrimas não brotaram daquela fonte pura de conhecimento porque o eu exterior foi ferido e torturado, mas porque os homens profanavam as verdades vivas d'Aquele que rege o mundo pela Sua beneficência e misericórdia.

Embora Jesus tivesse nascido na manjedoura humilde, embora fosse o manso e humilde Nazareno, deixou na história do mundo um nome que nenhum reformador posterior igualou. Os Seus exemplos de beleza e misericórdia eram tais que os corações mais duros se enterneceriam de piedade se pudessem voltar mil oitocentos e cinquenta anos e vê-Lo ensinar a mente inculta com tal paciência e profunda humildade sobre o destino eterno do Espírito e os desenvolvimentos últimos da essência e propriedades interiores, quando nascido no mundo da imortalidade.

Chamou os Seus onde a bandeira da liberdade os protegia dos ensinamentos mitológicos de credos e seitas. Ensinou-os a amar o próximo e a ajudá-lo na luta pela liberdade. E naquela era, anjos desceram do céu para insuflar nas mentes dos que tinham sede de conhecimento e sabedoria as verdades e elementos da verdadeira religião. Jesus chorou. Chorou ao túmulo de Lázaro porque amigos se agrupavam em torno do seu sepulcro frio onde jazia a forma inanimada? Não!

Jesus chorou porque aqueles corações humanos lamentavam o partente como morto. Chorou porque outras lágrimas deixavam marcas nas faces dos pobres e desamparados — dos orgulhosos e arrogantes — dos maus e dos sábios e nobres. Chorou pela condição deles, e da Sua alma pura brotaram as palavras e o poder da consolação, apontando à mente humana a existência da alma através das eras incessantes da eternidade.

Jesus chorou; e não só aquelas lágrimas inchadas despertaram os sentimentos interiores da alma transviada, mas apelaram com força sublime aos sentimentos religiosos da mente humana, chamando pensamentos que dormiam havia anos nas câmaras silenciosas dos corações; e aquelas faculdades imperecíveis que embelezam a alma começaram a desabrochar e fortalecer-se, brotando sob a luz da verdade e da liberdade.

Embora poucos amassem e admirassem o carácter do puro e belo Jesus, era incomparavelmente mais importante para Ele convencer uma alma das verdades da religião e de um Pai Celestial do que partir para outro mundo, deixando atrás de Si toda a fama mundana que o coração fraco possa desejar enquanto na existência material.

Jesus não ensinou aos errantes as angústias de uma eternidade se não buscassem o caminho da pureza e santidade; mas ensinou à mente humana que havia um inferno mais temível: a escuridão, a ignorância e a condição não desenvolvida do ser espiritual, quando nascido nos reinos da imortalidade, se não buscassem agora abrir essas qualidades eternas da mente à influência de ensinamentos mais altos e santos, que fluíam espontaneamente da grande Fonte invisível.

Jesus apontou à mente humana os elementos, princípios e glórias da natureza, ensinando que tudo era parte de Deus, e que, ao aprender os princípios da vida e o desenvolvimento constante das criações de mente e matéria, obedeciam e apreciavam a verdadeira palavra da Divindade. Ensinou-lhes, entre o desprezo e escárnio dos incultos e maus, o destino último de todas as almas e a necessidade de as faculdades da mente serem pura e altamente desenvolvidas para ocupar um posto de brilho, harmonia e sabedoria no mundo eterno.

Toda mente vagueia para casa, onde os êxtases dos menestréis incham em melodias de doçura e beleza, saudando o filho da terra à sua morada no Céu. É uma luta para a alma humana separar-se dos carinhos do lar terreno; pois não há lugar tão querido na vasta terra, para o coração humano, como o lar ou as cenas da infância. Não há atrações tão doces — recordações tão ternas — como os carinhos do lar. Mas no Céu, a alma encontrará um lar onde a sempre-viva se entrelaça tão belamente — onde as flores desabrocham tão docemente — onde os retiros da natureza são tão amorosos como o lar dos anos infantis.

Que o vosso Espírito contemple a verdade diante de vós, e quando a forma de um ente querido for contada entre os mortos, não choreis por eles, mas, como o amoroso Jesus, deixai as vossas lágrimas correrem pela condição iludida da frágil natureza humana. Tomai exemplo dos Seus ensinamentos e fazei aos outros o que desejaríeis que vos fizessem. Se os ignorantes vos escarnecem e abusam, voltai os pensamentos ao céu e, como o humilde Nazareno, dizei: «Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.»

Então subireis gloriosamente, onde nenhuma lágrima brotará do olho, nenhum suspiro virá do coração; mas a rutura do laço terreno chamará o Espírito para cima, para respirar o hálito fragrante de verdades mais puras, onde nunca se diz adeus. A fronte que espelha a força, a fonte de onde flui a lágrima, pode virar pó; mas outra forma vos será dada, que provará a perfeição e beleza da alma imortal. Avante; não temais crucificação pelas mãos dos ignorantes; embora matem o corpo, a alma não podem ferir. Buscai a verdade e a liberdade; pois, quer a verdade seja encontrada numa masmorra ou num palácio, nas belezas da natureza ou na Bíblia, é a palavra de Deus.

Muito afetuosamente,
HARRIET NEWELL

Palestra pelo Professor Dayton

Ao fim da palestra de S. R. Smith, publicada no nosso último número, e após o círculo ter cantado o hino que começa:

«OS SERAFINS BRILHANTES PAIRAM»

foi chamado o alfabeto, e o Professor DAYTON deu a seguinte palestra:
Sim, «os serafins brilhantes pairam» perto, enchendo a terra com dez mil movimentos vibratórios que estremecem a criação com a magnificência e poder de Deus. E quem e o que é Deus? Uma alma individualizada, condensada numa forma cuja semelhança é o homem, existente nos céus mais altos, para que corações humanos O amaldiçoem ou adorem, conforme o impulso dite? Possui natureza humana e espiritual, de que o homem é a imagem?
E o erro, em forma fantasmagórica, busca-Lhe o lado e leva-Lhe aos lábios o cálice da amargura, para que também Ele prove o seu conteúdo?

Ai! ai! para alguns corações que para sempre apagariam a imortalidade da alma, deixando-a num mundo sombrio e hostil onde só ocasionalmente encontra um lugar para pousar as asas cansadas. Ou é Deus a fonte primordial de toda a existência, por leis específicas que nem os anjos compreendem, evoluindo almas vivas da matéria inanimada, impregnando e difundindo pela natureza exterior os elementos e princípios inerentes à Sua própria constituição poderosa? Ele é a fonte indefinível e incompreensível
de onde emanaram vida e movimento, pré-existentes no Seu próprio mundo de mente e matéria.

O sol natural, por lei organizada e princípios fisiológicos, lança do seu corpo brilhante átomos de matéria que, por princípios específicos, se reúnem numa esfera atrativa no universo exterior; aí, atraídos infinitamente, existem como sol embrião, que, por processos indefiníveis, se torna um mundo vivo e em movimento, falando em cada evolução e progressão o poder indizível de Deus.

Deus, na Sua própria existência, por leis anatómicas, emite da Sua natureza brilhante faíscas de vida que, por leis naturais instituídas no universo natural, são atraídas a uma posição específica no mundo mental e fisiológico; enquanto essa faísca, impercetível à visão humana, elabora uma forma humana cujas essências interiores nascem — entidade viva e respirante que existirá até que o tempo deixe de existir.

Ainda com todos estes factos, traçados analiticamente de causas invisíveis, os homens destruiriam essa faísca ou átomo, congelariam as fontes fluentes de uma vida eterna e diriam: «Sou a ultimação mais alta e nobre de todos os subordinados no mundo externo. Se, por acaso, desejar, posso esmagar a vida do inseto, e nenhum poder superior me censura. Posso pisar a inocência e a beleza, e nenhum olho me vigia da morada da eternidade. Posso fazer o que quiser, e nada além pode tocar o coração interior, pois a consciência morre quando a forma decai.» Mas, pobre coração extraviado!

cada palpito teu cria uma emoção; e essa emoção, por leis específicas, rola no oceano da mente até outro mundo, arrancando de miríades de almas a simpatia e o afeto de uma existência animada imortal.

Então, amigos, com tudo o que o homem possa planear, o mundo avança; e, a cada decomposição externa, uma recomposição ocorre, por leis orgânicas e anatómicas, e existe num universo futuro. Se a natureza não pode ser manchada, a mente tem de erguer-se como entidade espiritual viva em esferas de desenvolvimento ainda por vir. Tem de cavalgar o mar da humanidade e chegar em segurança aos portais do dia eterno; quando multidões de anjos o saudarão na sua morada superior, onde, com leveza e beleza, se juntará aos anjos; e, em vez de buscar inspirações daguerreotipadas da Divindade em tipos e papel, mergulharão sem medo no oceano da infinitude e trarão brilhantes diamantes que ofuscam no universo expansivo da mente, na eternidade. Incite-vos adiante,
e estarei fielmente ao vosso lado, dizendo — «Não desanimeis: Sois imortais» — e estas palavras iluminarão os vossos corações, e poderei regressar aos meus deveres imortais, satisfeito por ter, mesmo eu, realizado algum bem humano.

E. C. DAYTON

Palestra pelo Espírito da Sr.ª A. F., falecida em Buffalo

Desde que o mundo começou a respirar, como se animado por algum poder individualizado de si mesmo, a mente, pela acumulação de partículas de inteligência, manifestou elementos que pareciam em oposição antagónica, e a mente, agindo em forma dual, converteu esses princípios em desorientações, baseando assim a evidência de duas qualificações individualizadas distintas — bem e mal — nos efeitos externos de causas interiores.

A mente, em séculos passados, não tão belamente desdobrada como na presente era, recusava admitir que a pequena estrela que brilha em beleza por trás da nuvem escura é uma criação trabalhada na natureza como manifestação vivificadora da bondade daquela fonte de onde a eternidade evoluiu.

Por fim, a mente, por perceção intuitiva e compreensão natural, traçou dos efeitos às causas; e os céus, que se curvam em magnificência arqueada sobre a terra, estão repletos de mundos povoados por inteligências que são os últimos de todas as criações subordinadas.

À medida que os elementos da natureza mudavam e o trovão rolava pela cúpula etérea em majestade temível, a mente ficava assustada, como se a Divindade, por instigação direta, tivesse feito a natureza convulsionar para punir os Seus próprios filhos por alguma demonstração imperfeita de existência exterior.

Todas as formas do ser têm o seu retrato exterior; e se a alma tem um canal imperfeito por onde os seus influxos devam fluir, esses pensamentos terão de ser descoloridos e tingidos com os tons da imperfeição; contudo, misturando-se em pureza com as qualidades inatas da alma.

O espírito é uma essência que permeia cada departamento minúsculo da vida; ainda movendo-se em atividade silenciosa rumo à atração central da eternidade.

Uma gota de orvalho caiu de uma nuvem dourada sobre uma flor — tremeu ali por um momento, depois foi absorvida pelos raios solares, e o observador pensou que aquela gota era nada na criação:

mas o que formou o oceano extenso e o pequeno regato que desce gorgolejando pela encosta da montanha, como se apressasse para misturar os seus débeis murmúrios com a voz grave e profunda ouvida, onda após onda, no poderoso oceano?

A resposta vem da natureza: pela comistura e associação de pequenas gotas de água, formaram-se os miríades de riachos que exibem o seu poder no universo externo; e estão esses riachos prometidos a Deus pelas leis difundidas por todas as constituições específicas; ou foram colocados na terra para uso definido do homem, sem atração a Deus?
Se assim fosse, por que rolam, ora tão quietos como o sono de um bebé; depois, pelos ventos convolventes, agitam-se como se enlouquecidos por alguma força impelente destinada a destruir tudo ao seu alcance?
Novamente, uma voz responde da natureza interior: «É o princípio pré-existente do movimento,

ou a essência do ser divino, impregnada nas gotas que formam o corpo da água, que a impele a uma expansão mais alta e nobre; então cada tom arrancado da onda rolante respira Divindade.»

Uma flor evoluiu da terra, radiante de belezas que a mente não podia analisar; e a mente reconheceu-a como desdobramento necessário da criação; mas nunca escutou em pensamento as grandes verdades escritas em cada folha e pétala; e não perguntou se a flor tinha afinidade com Deus; mas, em emoções egoístas, só se importou se tinha um lar eterno.
A flor continuou a desabrochar, reproduzindo por processos orgânicos a sua espécie; e esse mesmo poder definido, mas omnipresente, do movimento estava inerente àquela flor.

Ainda assim, a natureza humana passou-a ao lado como desenvolvimento insignificante da vida; quando, na sua fragrância mais doce, desdobrava um atributo específico da Unidade Infinita.

Uma estrela brilhou intensamente quando o crepúsculo se aprofundou em noite; e, uma a uma, aqueles miríades de orbes surgiram para iluminar a visão humana, encantando a alma com uma sublimidade de sentimento que a mente, nas suas mais altas atividades e aspirações, não conseguiu analisar.
Chamaram os pensamentos profundos da mente; quando ciência, combinada com religião, inconscientemente para a alma nascente, começou a ler o grande volume da natureza, cujas páginas douradas estão inscritas com as atualidades e realidades de uma vida imortal.

Do caos, a terra surgiu, cheia, em cada interstício do seu ser, de movimento associando-se intrínsecamente à matéria: e o que é movimento?
As leis de Deus, pelas quais a imensidão e cada desdobramento seu são atuados — os pensamentos de Deus, pelos quais a mente se tornou uma representação desdobrada do grande Originador — a ação e desenvolvimento da matéria, e o ímpeto poderoso da progressão.

Quem não contemplou algum objeto amado das mais santas afeições do coração, em torno de cujos zarcões se entrelaçavam as emoções suaves e incansáveis do amor, animadas e sustentadas por uma beleza de movimento que enviava o sangue vital de uma extremidade do ser à outra, por mudança, finalmente desvanecendo como flor de verão, cortejada ao repouso pelas mudanças outonais, de modo que o coração se tornou sem pulso e inconsciente da vida exterior, pelo movimento ou espírito escapando da sua estreita janela, sendo reproduzido e reanimado no mundo acima.
Assim é com as flores que murcham.

Decompõem-se exteriormente; mas novamente recompõem-se na próxima escala superior do ser, até se ultimarem na constituição da mente; e a alma, sendo a perfeição da natureza externa, tem necessariamente de deixar a terra para seguir, por leis progressivas, através de esferas mais altas e nobres de

ser intelectual e espiritual. Desorientação e incertezas inundaram o mundo com pensamentos irreais; e todas as superestruturas mais altas da mente caíram, como alguma vasta pirâmide nos desertos selvagens, quando destruída pelo sopro desolador do simum sobre a sua superfície. Há um vazio na alma que a humanidade não pode preencher — algo no coração humano pedindo aquele amor que, por anos, pareceu sepultado no túmulo.

A lápide de mármore pode marcar o desvanecimento da forma externa; mas a imortalidade marca o repouso da alma. O torrão fragrante pode, na mais verdadeira beleza da natureza, consagrar o lugar com o afeto de corações ainda palpitantes em forma humana; mas a natureza, além do túmulo, vestiu a alma com o amor mais puro da eternidade e com a sabedoria mais alta do céu. É verdade que, quando as fontes secretas da alma são destrancadas pela mão da mudança, a natureza tem de chorar quando a forma-imagem de algum amigo existe apenas na memória imatura.

Tem de rejubilar quando a natureza interior espontânea flui, em doçura alegre, pelo coração, expressando a beleza de um anjo dentro. Mas como a pedra foi rolada do túmulo de Lázaro, assim a escuridão foi afastada de cada sepultura por Deus; e o coração já não olha para a sepultura; mas o céu atrai daí a visão, enquanto, no brilho de uma luz pura e radiante, a alma sonda profundamente a natureza circundante, adquirindo de cada pensamento o volume; lendo em cada palavra um universo de sabedoria; em cada emoção de bondade, aprendendo algo ainda mais belo de um Pai eterno.

Mais uma vez desci, transportada nas asas do amor, à terra, aninhando-me, como passarinho, nos corações daqueles por quem ainda acarinho afeto, e, no conhecimento e sabedoria da minha mente imortal, dou a esses corações as flores que colhi entre os Édens de uma existência celestial. Quando a mortalidade reconhecer a sua verdadeira relação com a imortalidade, então a vida avançará em asas jubilosas, para insuflar o hálito dos anjos e inalar a fragrância do céu, cujo incenso aromal cai sobre a mente viva, quer confinada na vida finita, quer não confinada na eternidade.
Então palpita, ó coração humano!

Deixa a tua própria doçura sussurrar d'Aquele que te deu uma alma-angelical para cultivar e refinar. Deixa as harmonias da natureza misturarem-se com as tuas melodias elétricas, como se toda a criação entoasse a lírica do universo eterno; e, em efulgência dourada, coroando as tuas cordas com grinaldas formadas daquelas luzes peroladas que sempre brilham do seio invisível do futuro; palpita pelas cenas mutáveis da vida; e a orquestra dos anjos cantará a tua saudação ao Céu, e desdobrará os teus afetos, como Deus desdobra as folhas da flor no mundo natural.

Com Afeto, A. F.

Palestra por Mary
Recebida em Lewiston, N.Y.

Rola, ó orgulhoso Niágara, enquanto os anjos deslizam pelas tuas águas, trazendo flores frescas do alto. Flui em majestade pacífica, enquanto corações humanos admiram a tua beleza superior, que lhes ensina um princípio vivo de inteligência em cada movimento teu. Desliza sobre rochedos, e deixa a tua voz maravilhosa ser ouvida pelo pequeno inseto que habita as tuas margens; e que a mente — a flor da humanidade — ouça os teus ecos, que sobem com os arcanjos ao céu.

Que o teu poder implante profundamente em cada mente a infinitude e imutabilidade do Supremo Arquiteto, que moldou as tuas margens e te constituiu entidade viva na humanidade; pois, por todo o universo expandido, está impregnada uma sabedoria e habilidade que retratam divinamente na mente a grande fonte de onde a infinitude, em todas as suas tendências e mudanças elementais, originou-se infinitamente, e que, para sempre, adiante e acima, desdobra pelas esferas em espiral da eternidade as entidades da existência orgânica e animada.

Com harmonia cantando das nuvens, da natureza e da mente, o poderoso universo além envia as suas notas vibrantes para alegrar as harpas solitárias da terra, que há muito estão desafinadas e não emitem a melodia habitual desde que o tempo tocou as suas cordas com dedos de cuidado e desilusão. Com sabedoria arqueando na forma mais brilhante sobre o mundo exterior, que a natureza responda às aspirações da mente, enquanto os evangelhos da eternidade se sentam sobre as suas ondas brancas, cantando palavras extasiadas para alegrar o coração mortal amigo.

Vivo de novo!
Quão vasto o pensamento, e quão incompreensíveis são as relações e proximidades da mente com a imortalidade, e quantos corações humanos — embora reconheçam a guarda dos anjos e o amor de Deus — falham em saber por que acreditam no ministério angélico e por que Deus ama a humanidade. Talvez, nalguma masmorra solitária, o cativo viva, exilado dos prazeres da terra, e deva levar vida sombria porque a alma agiu imperfeitamente através de forma imperfeita, e nenhum raio de simpatia penetra aquelas paredes — nenhuma lágrima de afeto cai sobre aquele coração solitário.
Então, de facto, que Deus seria esse!

Se pode, instantaneamente e sem violar leis naturais, restaurar esse coração à alegria, quão inconsistente o pensamento de que pode controlar os atos materiais dos homens, tornando-os infinitamente felizes ou miseravelmente infelizes. Se assim fosse, o homem já não seria um eu independente — não seria capaz de se controlar, mas dependeria de um grande Criador capaz de insuflar miséria ou conceder alegria ao coração.

Tais são as qualidades atribuídas à Divindade.
Mas o único Deus verdadeiro é Aquele que não conhece atributos do mal, mas manifesta a Sua justiça distributiva e bondade infindável por toda a vida animada. A mãe foi ensinada que, quando o seu bebé, dormindo no seu seio, cujo rosto se incarnava com tons de vida e saúde, murchou, essa mudança foi trazida à sua vida por Deus como castigo especial, enquanto o seu coração sangrava por todos os poros.

E que Deus!
arrancar do coração de uma mãe aquilo que Ele mesmo ligou ao seu coração por laços que nem a eternidade pode dividir! Aquele que instituiu leis de afeto, para cortar cordas cardíacas e deixá-las à mercê das simpatias de um mundo egoísta! De facto, poderíamos dizer: a humanidade herdou justamente o seu egoísmo, se tal fosse o carácter do Grande Omnipresente! Quão falso o pensamento!

É apenas um Deus ideal que o homem vestiu com capacidades de bondade e mal. Ele é a bondade viva na natureza, na mente e na eternidade.
Cada mente tem o seu originador ideal, existente no mesmo refinamento que caracteriza a alma; e se essa alma deseja aniquilar parte da natureza humana e salvar outra porção, o seu Deus desejará o mesmo. Isto é facto, porque a mente falha em raciocinar por analogia filosófica e científica ao compreender o ideal de uma fonte primordial de onde todas as coisas tiveram existência.

A mente falha em aceitar apenas a natureza, relacionada consigo mesma, como facto definido na vida, e recusa reconhecer a verdade conhecida: há apenas um Deus, e nenhum poder antagónico a esse Deus. Ele é o Grande e Poderoso Regente do Universo;o poder desdobrador de todas as coisas, e a perfeição da bondade. Quantas vezes o coração, nas suas horas pacíficas, sente um chamamento para aquela vida além que desenvolve a alma, através de eras sucessivas, para verdades mais altas e ainda mais altas.

Por que há a humanidade de temer Deus, em qualquer forma que deseje demonstrar a Sua misericórdia — quer no relâmpago, quer na chuva, quer até no simples toque? Se inteligência está lá, Deus está lá também; e por que temer Aquele que derrama sobre todos a Sua beneficência e afeto, em atos visíveis à mente e tangíveis aos sentidos externos? Então avante,
vós que amais os anjos, em verdade e caridade. Que cada ato vosso demonstre, em bondade prática, a pureza da vossa religião, e não esmagueis uma flor porque parece menos bela que outra; ou se a desgraça, por acaso, a murchar no botão, por que desejar arrancá-la inteira do tronco materno; pois uma única gota à sua natureza sedenta pode refrescá-la e fazê-la desabrochar na sua beleza nativa. Provai ao mundo que há um Deus — não um de bem e mal combinados, mas um que infunde no ser a Sua bondade vivificadora, através da natureza, e que não terminou nem terminou a Sua obra para a humanidade em eras passadas, mas continua, no presente, a desdobrar almas gigantes em intelecto e poderosas em mente.

Que não condenou uma parte e salvou outra, mas todos são igualmente felizes em uniformidade e de acordo com as leis do desenvolvimento.
Então adiante para sempre; exalai os elementos da verdade, embora dez mil escárnios e franzidos de sobrolho encontrem o vosso olhar, e embora dez mil setas do erro sejam apontadas ao vosso coração; pois apenas ricochetearão e ferirão fundo os corações de quem as lançou.

Não temais reconhecer Deus em todas as formas de vida;
e os orvalhos do céu cairão sobre vós, alegrando-vos em cada hora de luto; e o ímpeto da verdade vos impelirá pelos caminhos da honra e retidão; enquanto amigos angélicos, do império do conhecimento supremo, trarão do céu factos e realidades destinadas a redimir um mundo iludido. Então, novamente, adiante e acima! nos mundos atrativos da progressão, marcados indelévelmente em cada alma animada por vida e inteligência. Adiante pelas encostas da vida, ousada e firmemente; e erguei-vos como verdadeiros representantes da Divindade na terra, para que, na eternidade, estejais preparados para estudar as suas verdades imortais e voar, com beleza intelectual e espiritual, pelos seus desenvolvimentos.

Em pressa,
MARY

O SR. BROOKS E FILHA

Acompanhada pelo seu pai muito estimado no momento de escrever este artigo nesta cidade, e tivemos a satisfação de testemunhar as verdadeiramente maravilhosas demonstrações de presença e poder espiritual dadas na presença desta médium. Dizemos demonstrações, porque a palavra “manifestações” é, neste caso, inteiramente inadequada. As atuações dos nossos amigos invisíveis na presença desta inestimável jovem são de tal carácter que banem de imediato e para sempre toda a dúvida da mente, fixando na consciência real a impressão distinta e inefável da verdade do Espiritualismo.

Duvidar mais seria impiedade desafiadora do céu — criticar seria zombarias desprezíveis da razão — permanecer indiferente ou inativo por mais um momento seria insulto e desgraça a Deus e à humanidade. Ninguém com bom senso pode permanecer num círculo onde estas demonstrações assombrosas são feitas por quinze minutos sem ser sobrecarregado com as provas palpáveis da presença de espíritos vivos, inteligentes e amorosos.

O véu que separa a eternidade do tempo é removido de imediato, e céu e terra, com os vivos de ambos os estados de existência, são instantaneamente ligados por um cordão triplo que não se quebra facilmente, preso pela cadeia interminável de uma relação carinhosa ao trono eterno de Deus! Fomos solicitados por numerosos amigos a escrever um relato completo destas demonstrações — esta é a terceira tentativa. Mas a nossa pena, não

inteiramente inexperiente em descrições, falha completamente em dar voz às nossas convicções.

Nem as línguas dos mortais podem começar a transmitir uma ideia da sublimidade, poder, divindade e transcendência destas revelações das esferas. Não faleis da visão do vidente ou patriarca que viu os anjos de Deus subindo e descendo numa escada do céu à terra — nem das orações proféticas de Isaías — nem dos trovões do Sinai — nem dos cânticos angélicos ouvidos pelos pastores nas planícies da Judeia — nem dos acompanhamentos seráficos da inauguração da melhor dispensação no memorável dia de Pentecostes — nem da visão de João na ilha de Patmos — nem de qualquer outra das evidências registadas de espiritualidade em que as débeis e perecíveis esperanças do mundo se penduraram por dois mil anos — essas coisas tornaram-se, em certa medida, obsoletas.

No nosso dia, as verdades eternamente vivas de Deus são reafirmadas com pathos mais divino e eloquência mais alta, lembrando-nos o familiar sentimento do poeta:
«O Deus da glória desce aos homens,
Remove a Sua nuvem abençoada;
Os homens, objetos queridos da Sua graça,
E Ele, o Deus amoroso!»

Sob solene sentido da nossa responsabilidade para com os nossos milhares de leitores, reafirmamos que nenhum homem ou mulher de capacidade comum pode testemunhar as demonstrações referidas sem ficar plenamente convencido da verdade do Espiritualismo. Quem disser o contrário, após assistir a um círculo em circunstâncias favoráveis, ganhará a distinção invejável de ser marcado como fanático ou simplório. A prova é absoluta e irresistivelmente conclusiva. É o fim da lei por amor da justiça.

Exactamente na proporção do interesse profundo sentido neste tema e da vasta quantidade de bem a ser realizado pela sua instrumentalidade, é a profundidade do nosso pesar por as circunstâncias terem sido tais que comparativamente poucos nesta localidade tiveram oportunidade de testemunhar as demonstrações na presença de Miss Brooks.

No momento, ela está seriamente indisposta, e teme-se que a sua condição seja, por algum tempo, tal que o repouso seja indispensável. E tais foram e têm sido os arranjos que nenhum grande bem público pode ser esperado da sua presente visita. Mas o futuro, com todas as suas esperanças, receios e desenvolvimentos, está diante de nós. O tempo revelará o que agora parece misterioso, e em breve saberemos a sabedoria ou a loucura de tudo o que pertence aos arranjos externos para o avanço da grande causa.

Vimos tanto dos planos traçados pelos amigos do Espiritualismo que se entregaram inteiramente à direção dos seus conselheiros invisíveis, e tanto mal

positivo resultando de alguns deles, que chegámos à conclusão de que a nossa razão, bom senso e juízo nunca podem ser abandonados com segurança. Nem podemos evitar a convicção de que a importância infinita desta grande causa exige imperativamente que a grande luz agora raiando sobre o mundo não seja de modo algum posta debaixo do alqueire.
Temos muito mais a dizer sobre estes e assuntos afins, mas nem tempo nem espaço para o fazer agora. Logo que os resultados sejam conhecidos, apresentá-los-emos ao público. Entretanto, regozijamo-nos na crença plena e inabalável de que nem a fraqueza, nem a sabedoria, nem a loucura da humanidade podem impedir os levantamentos efetivos da verdade imortal, e que dentro de poucos meses todas as barreiras ao seu progresso e triunfo serão demolidas e varridas.
Universo Espiritual

O que se segue foi recebido do espírito de uma jovem (M.) que, quando na forma, foi minha amiga e colega de escola muito querida.
Mediunidade de Miss Brooks.

MINHA QUERIDA M.

Que grande mudança desde que nos encontramos! O tempo, no seu avanço impetuoso, levou o meu espírito ao céu, enquanto o teu coração terno ainda pulsa dentro de uma forma finita. E, entre a alegria e beleza da minha morada, poderia eu esquecer o amor que outrora tão profundamente acalentava por ti? Não! Muitas vezes, quando o coração parecia afundar-se na sua cela silenciosa, ou quando, talvez, se deleitava em cenas de alegria, uma forma angélica estava lá, radiante com a luz da eternidade, movendo suavemente as cordas da tua alma às harmonias angélicas que ecoam silenciosamente pelos salões aéreos da natureza, encontrando resposta no teu ser interior.
E embora a minha amiga não o soubesse, uma estava sempre perto, como nos dias da juventude, quando o coração ainda não fora tocado pelo cuidado ou desilusão.

Mas a mudança, o mestre escultor da vida, cinzelou daquela forma exterior — que tantas vezes te apertou contra o seu coração com impulso afetivo — um anjo, que, embora viva nos reinos da sua própria imortalidade, não esqueceu aqueles laços que tão docemente entrelaçaram as nossas existências.
Deus, na Sua sabedoria infinita, deu à mente imortal leis pelas quais pode amar dos céus.

Não venho repreender, nem culpar; mas, minha querida M., para te incitar ao cultivo da natureza, que fala de cada estrela no céu, de cada flor da criação, de cada seixo que existe na praia ou repousa no seio profundo do oceano, para te convidar a aceitar o afeto de Deus dentro da forma humana; e embora corações menos gentis, por palavras duras, possam ferir o teu ser sensível, deixa que a forma embrionária de Deus responda a esses corações em palavras de verdade, caridade e afeto.

O mundo externo, amiga gentil, não é como o desejaríamos; e imperfeições, no teu coração, por vezes escrevem as suas próprias características no seio das circunstâncias, quando o arcanjo dentro, por influências bondosas, poderia apagar essas imperfeições e refletir Deus da alma, em tons e expressões da Sua majestade divina.

Então não penses que isto é repreensão,
mas apenas para provar a quem ainda amo que as emoções do coração, despertadas por evidências externas, devem ser tingidas com os tons e belezas da caridade e do afeto.

Move-te adiante na escala do ser.
Se és consciente da verdade, sustenta os teus sentimentos e ações; e Deus, na Sua supremacia, derramará sobre ti as exalações fragrantes da eternidade; enquanto anjos brilhantes colherão flores imortais para coroar a tua fronte, quando a alma estiver livre, para que, como o pássaro luminoso do ar, voe cada vez mais alto, para sempre e sempre.

OUTRA, DA MESMA
MINHA QUERIDA M.

Novamente desci da minha morada superior para te saudar com o afeto mais sincero e desinteressado. Talvez tenhas pensado que fui negligente por não cumprir o nosso encontro anterior; mas tudo se deve a uma causa definida, que explicarei, para que, se falhar de novo, saibas porquê. Há, nos seres, princípios vitais impregnados e economias que se estendem da criação mais baixa à mais alta; e, na tua mente, estão os mesmos elementos atrativos que atuam como absorventes sobre a bateria espiritual de que precisamos na comunicação. Quando esta se esgota, não podemos produzir aquelas concussões elétricas reconhecidas no pequeno toque. E muitos, não compreendendo as leis do diálogo espiritual, escarnecem-nos como espíritos não desenvolvidos — o que, lamento dizer, fere profundamente a raiz da confiança, infligindo feridas nas sensibilidades mais nobres do nosso ser.

Ainda assim, nunca censuramos,
pois a nossa missão é amar, instruir — não culpar.

Minha querida M.: disse isto para que, quando ouvires outros falar levianamente de nós, os corrijas gentilmente e digas que lei divina governa todas as coisas verdadeiramente espirituais. E agora, minha querida amiga, deixa-me incitar-te àquele universo brilhante que, embora oculto ao olhar externo, está ao teu alcance; e, enquanto sobes as encostas escarpadas da vida humana, com raios de sol e sombras dançando em torno do teu coração, olha para cima, pois uma estrela brilhante, coroando a fronte da eternidade, atrai-te ao êxtase do lar eterno, onde os anjos nunca se inclinam para beijar os lábios pálidos da agonia, mas onde alegria indizível reverbera pelos reinos da

infinitude, proclamando, em cada eco, a beneficência do Doador primal — Deus. O mundo, é verdade, pode sorrir e tecer esse sorriso em palavras que ferem o teu coração sensível, porque ousaste reconhecer a imagem de Deus em ti e pedir um dom dos céus que, dentro, prova a tua imortalidade.
Não te importes; os que hoje franzem o sobrolho podem sorrir amanhã; e, embora falem mal de ti, deixa o teu coração apenas devolver a resposta do afeto; e os anjos exclamarão, quando a vida externa se resolver nos seus elementos originais:

«Vem, minha querida M., à terra elísia onde flores coroam a fronte, cujo manto imaculado é a beleza de um Deus amoroso — cujo caminho são os campos sem trilhos da glória imortal.»
Tua em afeto e sabedoria,
OLIVIA